

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Quarto Ano – 1861

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Janeiro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [O Livro dos Médiuns](#)
- [A Bibliografia católica contra o Espiritismo](#)
- [Carta sobre a incredulidade, pelo Sr. Canu \(primeira parte\)](#)
- [O Espírito batedor do Aube](#)
- Ensino espontâneo dos Espíritos.
 - [Os três tipos \(Gérard de Nerval\)](#)
 - [Cazotte](#)
 - [A voz do anjo guardião \(Channing\)](#)
 - [O coquetismo \(Georges\)](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1861

(Extrato das atas.)

Sexta-feira, 16 de novembro de 1860. (Sessão particular.)

Admissão de dois novos membros.

Comunicações diversas. 1º Leitura de várias dissertações obtidas fora das sessões.

2º Carta do Sr. de Porry, de Marseille, que faz doação, à Sociedade, da segunda edição de seu poema intitulado: *Urânia*. A Sociedade agradece ao autor por lhe ter dado a oportunidade de apreciar o seu talento, que ela está feliz por vê-lo aplicado às idéias espíritas. Estas idéias, revestindo a forma graciosa da poesia, têm um encanto que as faz aceitar, mais facilmente, por aqueles que a severidade da forma dogmática poderia assustar.

3º Carta do Sr. L..., que dá novos detalhes sobre o Espírito batedor e obsessor, do qual já falou à Sociedade. (Ver relatório adiante.)

4º Carta das senhoras G..., do departamento do Indre, sobre as perturbações e as depredações das quais são vítimas há vários anos, e que elas atribuem a um Espírito malévolos. São seis irmãs, e, apesar de todas as precauções que tomam, as suas roupas são tiradas das gavetas dos móveis, embora fechadas a chave, e, freqüentemente, são cortadas em pedaços.

5º O Sr. Th... relata um caso de obsessão violenta exercida sobre um médium por um mau Espírito, que ele chegou a dominar e a expulsar. Esse Espírito, dirigindo-se ao Sr.Th..., escreveu: *Eu te odeio, tu que me dornas*. Desde então, ele não mais apareceu, e o médium não foi mais entravado no exercício de sua faculdade.

6º O Sr. Allan Kardec cita um fato pessoal, de indicação dada pelos Espíritos, e notável pela sua precisão; numa conversa que teve na véspera com o seu Espírito familiar, este último lhe disse: Encontrarás, em te *Siècle* de hoje, um longo artigo sobre este assunto, e que responde atua questão; fomos nós que inspiramos o autor e a criação da qual ele dá conta, porque ela se prende às grandes reformas humanitárias que se preparam. Este artigo, do qual nem o Sr. Kardec, nem o médium tinham conhecimento, se encontrava efetivamente no jornal indicado, sob o título designado, o que prova que os Espíritos podem estar ao corrente das publicações deste mundo.

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensinamento espontâneo.* Comunicação, assinada por Cazotte, pelo Sr. A. Didier. - Outra, contendo as lamentações de um Espírito sofredor e egoísta, pela senhora Costel.

Evocações. Segunda conversa com o Espírito gastronômico que tomou o nome de Balthazar, e que uma pessoa acreditou reconhecê-lo pelo do Sr. G... de la R..., o que é confirmado pelo Espírito.

Perguntas diversas. Perguntas dirigidas a São Luís sobre o Espírito batedor, do qual fala a carta do Sr. L..., e sobre o Espírito depredador das senhoras G... Ele disse, a respeito deste último, que será mais fácil chamá-lo à razão, tendo em vista que é mais traquinas do que mau.

Sexta-feira, 23 de novembro de 1860. (Sessão geral.)

Comunicações diversas. Leitura de várias dissertações obtidas fora da sessão: Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos, assinada por Novel, pela senhora Costel. - O castigo do egoísta, pela mesma; esta comunicação forma seqüência com a do mesmo Espírito, obtida na última sessão. - Outra sobre o livre arbítrio, assinada por Marcillac. - Reflexões do Espírito de Verdade sobre as comunicações relativas ao castigo do egoísta, pelo Sr. C...

TRABALHOS DA SESSÃO.

Ensino espontâneo. 1º O duende familiar, assinado por Charles Nodier, pela senhora Costel. - 2º A parábola de Lázaro, assinado por Lamennais, pelo Sr. A. Didier. - 3º O Espírito de Alfred de Musset se apresenta, pela senhorita Eugénie; oferece-se para tratar de um assunto escolhido pela assembléia; sendo essa escolha deixada à sua disposição, ele dá uma notável dissertação sobre as consolações do Espiritismo. Sobre o seu oferecimento de responder às perguntas que lhe serão dirigidas, ele trata dos assuntos seguintes: Qual é o interesse da poesia sobre o Espiritismo? - Haverá uma arte espírita, como houve a arte paga e a arte cristã? - Qual é a influência da mulher no XIXº século?

Evocação. Evocação de Cazotte, que se manifestou espontaneamente na última sessão; várias perguntas lhe são dirigidas sobre o dom de previsão, que ele parecia ter quando vivo.

Perguntas e problemas diversos. Sobre a ubiquidade dos Espíritos nas manifestações visuais. - Sobre os Espíritos das trevas, a propósito das manifestações do Sr. Squire, que não se produzem senão na obscuridade.

Nota. Trataremos desta questão em um artigo especial, falando do Sr. Squire.

O Sr. Jobard lê três encantadoras peças de poesia de sua composição: *A felicidade dos Mártires*, - *A Ave do Paraíso*, - *A Anexação*, fábula.

Sexta-feira, 30 de novembro de 1860. (Sessão particular.)

Assuntos administrativos. Carta coletiva, assinada por vários membros, a respeito da proposição do Sr. L... As conclusões admitidas pela comissão são adotadas pela Sociedade.

Carta do Sr. Sol..., que pede à Sociedade aceitar a sua demissão como membro da comissão, por motivo das viagens que o afastam de Paris a maior parte do ano. - A Sociedade exprime seus pesares pela determinação do Sr. Sol...; espera que será bastante feliz por conservá-lo no número de seus membros. O Sr. Presidente é rogado para responder-lhe neste sentido.

Será provida a sua substituição no comitê.

Comunicações diversas. 1º Ditado espontâneo contendo novas explicações sobre a ubiqüidade, assinado por São Luís. Discussão a propósito desta comunicação.

2º Outro, assinado por Charles Nodier, obtido por um médium estranho à Sociedade, e transmitida pelo Sr. Didier pai, a respeito do artigo do *Journal dès Débats* contra o Espiritismo.

3º O Sr. D..., do departamento de La Vienne, roga com instância para consentir em evocar o Sr. Jean-Baptiste D..., seu padraço. A Sociedade não se presta jamais a essas espécies de pedidos, quando eles não têm senão um interesse privado, sobretudo na ausência das pessoas interessadas, e quando não as conhece diretamente. Entretanto, em razão do caráter honrado e da posição oficial do correspondente, as circunstâncias particulares que o defunto apresenta, do ateísmo que este último professou toda a sua vida, ela pensa que esta evocação pode oferecer um útil objeto de estudos; em consequência, a coloca na ordem do dia.

4º Vários membros dão conta de um fenômeno interessante de manifestação física, do qual foram testemunhas. Consiste no erguimento de uma pessoa pela influência medianímica de duas jovens senhoritas, de 15 a 16 anos, que, colocando dois dedos sobre as barras da cadeira, a erguem à altura de mais de mais de um metro, qualquer que seja o peso, como o fariam com o corpo mais leve. Esse fenômeno foi repetido várias vezes, e sempre com a mesma facilidade. (Dele daremos explicações num artigo especial.)

5º O Sr. Jobard lê um artigo de sua composição, intitulado: *A Conversão de um camponês.*

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino espontâneo.* Dissertação sobre a ubiqüidade, assinada por Channing, pela senhorita Huet. - Outra, sobre o artigo do *Journal dès Debate*, assinada por André Chénier, pelo Sr. A. Didier. - Outra, assinada por Rachel, pela senhora Gostei.

Um fato digno de nota, lembrado a propósito das duas primeiras comunicações, é que, quando um assunto de certa importância está na ordem do dia, é muito comum vê-lo ser tratado por vários Espíritos, por médiuns e em lugares diferentes. Parece que, interessando-se pela questão, cada um quer concorrer ao ensino que pode dela resultar.

Evocações. 1º O Sr. Jean-Baptiste D..., de quem se falou acima, e de seu irmão, todos os dois materialistas e ateus. A situação do primeiro, que se suicidou, sobretudo, é deplorável.

2º Evocação do Sr. C... de B..., de Bruxelas, a pedido do Sr. Jobard, que o conheceu pessoalmente.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 1860 (Sessão particular.)

Admissão do Sr. C..., professor em Paris, como associado livre.

Comunicações diversas. Leitura de uma dissertação assinada pelo Espírito de Verdade, obtida em uma sessão particular, na casa do Sr. Allan Kardec, a propósito da definição de arte, e da distinção entre a arte paga, a arte cristã e a arte Espírita.

O Sr. Theub... completa essa definição, dizendo que se pode considerar a arte paga como sendo a expressão do sentimento material, a arte cristã a da expiação, e a arte Espírita a do triunfo.

TRABALHOS DA SESSÃO. *Ensino Espírita espontâneo*. Dissertação assinada por Lamennais, pelo Sr. A. Didier. - Outra, assinada por Charles Nodier, pela senhorita Huet. Continua o assunto começado em 24 de agosto de 1860, embora ninguém lhe tenha guardado a lembrança, e não pôde lembrá-lo. - Outra, assinada por Georges, pela senhora Costel.

Evocações. O doutor Kane, viajante americano ao pólo ártico, e que descobriu um mar livre além da cintura de gelos polares. Apreciação muito justa da parte do Espírito sobre os resultados dessa descoberta.

Questões diversas. Perguntas dirigidas a Charles Nodier sobre as causas que podem influir sobre a natureza das comunicações em certas sessões, e notadamente nas desse dia, onde os Espíritos não tiveram sua eloquência ordinária. Discussão a esse respeito.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1860. (Sessão geral.)

O Sr. Indermuhle, de Berna, faz doação, à Sociedade, de uma brochura alemã publicada em Glaris, 1855, intitulada: *A Eternidade não é mais um segredo ou Revelações mais evidentes sobre o mundo dos Espíritos*.

Comunicações diversas. 1⁸ Leitura de uma evocação muito interessante e de várias dissertações espíritas obtidas fora das sessões.

2^o Fato de manifestação visual narrado pelo Sr. Indermuhle, na sua carta dirigida à Sociedade.

3^o Fato pessoal ao Sr. Allan Kardec e que pode ser considerado uma prova de identidade do Espírito de um personagem antigo. A Senhorita J... teve várias comunicações de João Evangelista, e cada vez com uma escrita muito caracterizada e muito diferente da sua escrita normal. A seu pedido, o Sr. Allan Kardec, tendo evocado esse Espírito, pela senhora Gostei, achou que a escrita tinha exatamente o mesmo caráter da senhorita J..., embora o novo médium dela não tivesse nenhum conhecimento; além do mais o movimento da mão tinha uma doçura desacostumada, o que era ainda uma semelhança; enfim, as respostas concordavam em todos os pontos com aquelas feitas pela senhorita J... e nada na linguagem que não estivesse à altura do Espírito evocado.

4^o Notícia remetida pelo Sr. D... sobre um caso notável de visão e de revelação, ocorrido a um agricultor poucos dias antes de sua morte.

TRABALHOS DA SESSÃO. - *Comunicações espíritas espontâneas*. Os três tipos: Hamlet, Tartufo e Don Juan, assinado por Gérard de Nerval, pelo Sr. A. Didier. - Fantasia, assinada por Leão X, pela senhorita Eugénie.

Evocação do agricultor, do qual se falou mais acima. Ele dá algumas explicações sobre as suas visões. Uma particularidade notável é a ausência de toda ortografia, e uma linguagem completamente semelhante às das pessoas do campo.

Perguntas diversas dirigidas a São Luís, sobre os fatos relativos à evocação acima.

O Livro dos Médiuns

Revista Espírita, janeiro de 1861

Esta obra, anunciada há muito tempo, mas cuja publicação foi retardada pela sua importância, aparecerá de 5 a 10 de janeiro, na casa dos Srs. Didier & Cia., livreiros editores, cais dos Augustins, nº 35 (1-1) Encontra-se igualmente no escritório da *Revista Espírita*, rua Sainte-Anne nº 59, passagem Sainte-Anne. Um volume grande in-18 de 500 páginas, Paris, 3 fr.50, franco para o correio. 4 fr.). Ela forma o complemento de *O Livro dos Espíritos* e encerra a parte experimental do Espiritismo, como o primeiro contém a sua parte filosófica.

Procuramos, nesse trabalho, fruto de uma longa experiência e de laboriosos estudos, esclarecer todas as questões que se prendem à prática das manifestações; ele contém, segundo os Espíritos, a explicação teórica dos diversos fenômenos e das condições nas quais podem se produzir; mas a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade foi, sobretudo, de nossa parte, o objeto de uma atenção toda especial.

O Espiritismo experimental está cercado de muito mais dificuldades do que se crê geralmente, e os escolhos que aí se encontram são numerosos; é o que causa tantas decepções entre aqueles que dele se ocupam sem terem a experiência e os conhecimentos necessários. Nosso objetivo foi de premunir contra esses escolhos, que não são sempre sem inconvenientes para quem se aventure com imprudência sobre este terreno novo. Não poderíamos negligenciar um ponto tão capital, e o tratamos com um cuidado igual à sua importância.

Os inconvenientes nascem, quase sempre, da leviandade com que se trata uma questão tão séria. Os Espíritos, quaisquer que sejam, são as almas daqueles que viveram, e no meio dos quais estaremos, infalivelmente, de um instante para outro; todas as manifestações Espíritas, inteligentes ou outras, têm, pois, por objeto nos colocar em relação com essas mesmas almas; se respeitamos os seus restos mortais, com mais forte razão devemos respeitar o ser inteligente que sobreviveu, e que lhe é a verdadeira individualidade; se fazer um jogo das manifestações é faltar com esse respeito que reclamaremos, talvez, para nós mesmos amanhã, e que jamais se viola impunemente.

O primeiro momento da curiosidade causada por esses fenômenos estranhos passou; hoje que se lhe conhece a fonte, guardemo-nos de profaná-la com divertimentos inoportunos, e esforcemo-nos para neles haurir o ensinamento próprio para assegurar a nossa felicidade futura; o campo é bastante vasto, e o objetivo bastante importante, para cativar toda a nossa atenção. E para fazer o Espiritismo entrar neste caminho sério que todos os nossos esforços tenderam até este dia; se esta nova obra, em fazendo-o melhor compreendido ainda, pode contribuir para impedir de desviá-lo de sua destinação providencial, estaremos largamente pagos pelos nossos cuidados e nossas vigílias.

Este trabalho, não o dissimulamos, levantará mais de uma crítica de parte daqueles a quem constrange a severidade dos princípios, e daqueles que, vendo a coisa de um outro ponto de vista, já nos acusam de querer fazer escola no Espiritismo. Se fazer escola é procurar nesta ciência um objetivo útil e aproveitável para a Humanidade, teremos motivo para nos lisonjearmos com essa censura; mas uma tal escola não tem necessidade de outro chefe senão do bom senso das massas e da sabedoria dos bons Espíritos, que a criariam sem nós;

por isso, declinamos a honra de tê-lo fundado, felizes, nós mesmos, em nos alinhar sob a sua bandeira, e não aspirando senão um a modesto título de propagador; se lhe fosse necessário um nome, escreveríamos em seu frontispício: *Escola do Espiritismo moral e filosófico*, e para ela convidaríamos todos aqueles que têm necessidade de esperanças e de consolações.

ALLAN KARDEC.

A Bibliografia católica contra o Espiritismo

Revista Espírita, janeiro de 1861

Até o presente o Espiritismo não tinha sido atacado seriamente; quando certos escritores da imprensa periódica, em seus momentos de lazer, se dignaram dele se ocupar, não foi senão para torná-lo em ridículo. Trata-se de encher um folhetim, de fornecer um artigo a tanto por linha, não importa sobre o quê, contanto que lhe tenha a conta. Que assunto tratar? Eu falarei, se diz o escritor encarregado da parte recreativa do jornal, de tal coisa? Não, é muito séria; de tal outra? Está gasta. Inventarei alguma aventura autêntica do grande ou de pequeno mundo? Nada me vem ao espírito no quarto de hora, e a crônica escandalosa da semana está muda. Mas penso nisso! Eis o meu assunto encontrado! Vi em alguma parte o *título* de um livro que fala dos Espíritos, e há pelo mundo pessoas bastante tolas para tomarem isso a sério. O que são os Espíritos? Deles nada sei e com isso pouco me importo; mas o que importa? Isto deve ser agradável. Primeiro, *eu* neles não creio de todo, porque jamais os vi, e vendo-os neles não creia mais, porque é impossível; portanto, nenhum homem de bom senso pode neles crer; está aí a lógica, ou não me conheço. Falemos, pois, dos Espíritos, uma vez que estão na ordem do dia; tanto este assunto do que um outro, isso divertirá os caros leitores. O tema é muito simples: Não há Espíritos, não pode, não deve havê-los; portanto, todos aqueles que neles crêem são loucos. Agora à obra, e bordemos em cima. *Oh! meu bom gênio, eu te agradeço por esta inspiração!* tu me tiras de um grande embaraço, porque não há nada a dizer, e preciso de meu artigo para amanhã, e dele não tinha a primeira palavra.

Mas eis um homem sério que se diz: Está errado se divertir com estas coisas; isto é mais sério do que se pensa; não creio que ela aqui esteja de modo passageiro: essa crença é inerente à fraqueza humana que, de todos os tempos, acreditou no maravilhoso, no sobrenatural, no fantástico. Quem suspeitaria que em pleno XIX^o século, num século de luzes e de progresso, depois de Voltaire que tão bem demonstrou que só o nada nos espera, depois de tantos sábios que procuraram a alma e não a encontraram, se possa ainda crer nos Espíritos, nas mesas girantes, nos feiticeiros, nos mágicos, no poder de Merlin o encantador, na varinha adivinhatória, na Srta. Lenormand? - Humanidade! Humanidade! Para onde vais se não' venho em tua ajuda para tirar-te do lamaçal da superstição? Quiseram matar os Espíritos pelo ridículo, e não conseguiram; longe disso, o mal contagioso faz progressos incessantes; a zombaria parece dar-lhe uma recrudescência, e, se não se lhe meter ordem, a Humanidade inteira logo dele estará

infestada. Uma vez que esse meio, tão eficaz comumente, foi impotente, é tempo que os sábios a ele se misturem, a fim de lhe pôr fim de uma vez por todas; os gracejos não são razões; falemos em nome da ciência; demonstremos que em todos os tempos os homens foram imbecis crendo que havia uma força superior a eles; que não tinham, eles mesmos, todo o poder sobre a Natureza; provemos-lhes que tudo o que eles atribuem às forças sobrenaturais se explica pelas simples leis da fisiologia; que a alma, sobrevivendo ao corpo e podendo se comunicar com os vivos, é uma quimera, e que é loucura contar com o futuro. Se depois de terem digerido quatro volumes de boas razões, não estiverem convencidos, não nos restará senão sofrer sobre a sorte da Humanidade que, em lugar de progredir, retrograda, a grandes passos, para a barbárie da Idade Média, e perto de sua ruína.

Que o Sr. Figuiet se cubra a face, porque seu livro, tão pomposamente anunciado, tão elogiado pelos campeões do materialismo, produziu um resultado todo contrário ao que dele esperavam.

Mas eis que chega um novo campeão que pretende esmagar o Espiritismo por um outro meio: é o Sr. *Georges Gandy*, redator da *Bibliografia católica*, que o toma corpo a corpo em nome da religião ameaçada. O quê! A religião ameaçada pelo que chamais uma utopia! Tendes, pois, bem pouca fé em sua força; portanto, a credes, bem vulnerável, para temer que as idéias de alguns sonhadores não venha sacudir as suas bases; achais, pois, esse inimigo bem temível para atacá-lo com tanta raiva e furor; conseguireis mais do que os outros? Disso não duvidamos, porque a cólera é má conselheira. Se chegardes a assustar algumas almas tímidas, não receais excitar a curiosidade em maior número? Julgai-o pelo fato seguinte. Numa cidade que conta um certo número de Espíritas e alguns círculos íntimos onde se ocupa de manifestações, um pregador fez um dia um sermão virulento contra o que chamava a obra do diabo, pretendendo que só ele vinha falar nas reuniões satânicas, da qual todos os membros estavam notoriamente votados à danação eterna. Que ocorreu? Desde o dia seguinte, bom número de ouvintes procuraram as reuniões espíritas, e pediram para ouvirem os diabos falarem, curiosos para ver o que eles lhes diriam; porque dele se tem tanto falado que se está familiarizado com esse nome, que não mete mais medo; ora, eles viram nessas reuniões pessoas sérias, instruídas, orando a Deus, o que não fizeram desde a sua primeira comunhão, crendo em sua alma, em sua imortalidade, nas penas e nas recompensas futuras, trabalhando para se tornarem melhores, se esforçando por praticarem a moral do Cristo, não falando mal de ninguém, nem mesmo daqueles que os anatematizam; eles dizem a si mesmos, então, que se o diabo ensina semelhantes coisas, é preciso que tenha se convertido; quando os viram conversar respeitosamente e piedosamente com seus pais e seus amigos defuntos, que lhes davam consolações e sábios conselhos, não puderam crer que essas reuniões fossem sucursais do sabá, porque ali não viram nem caldeiras, nem vassouras, nem corujas, nem gatos pretos, nem crocodilos, nem livros de mágica, nem tripé, nem varinha mágica, nem nenhum dos acessórios da feitiçaria, nem mesmo a velha mulher de nariz e queixo recurvados; quiseram, eles também, conversar um com a sua mãe, o outro com um filho querido, e lhes parecia difícil, em os reconhecendo, admitir que essa mãe e esse filho fossem demônios. Felizes por terem a prova de sua existência, e a certeza de uma reunião num mundo melhor, se perguntaram com qual objetivo lhe quiseram meter medo, e isso levou-os a reflexões com as quais não tinham ainda sonhado; disso resultou que eles gostaram mais de ir lá onde encontraram consolações, do que lá onde os apavoravam.

Esse pregador, como se vê, tomou caminho falso, e é o caso de dizer: Melhor vale um inimigo do que um amigo inábil. O Sr. *Georges Gandy* espera ser mais feliz? Nós o citamos textualmente para a edificação de nossos leitores:

"Em todas as épocas das grandes provas da Igreja e de seus próximos triunfes, houve contra ela conspirações infernais, onde a ação dos demônios era visível e tangível. Jamais a teurgia e a magia estiveram mais em voga no seio do paganismo e da filosofia, do que no momento em que o cristianismo se espalhou no mundo para subjugá-lo. No décimo-sexto século, Lutero teve colóquios com Satã, e um redobramento de feitiçarias, de comunicações diabólicas se fez notar na Europa, então que se operava, pela Igreja, a grande reforma católica, que iria triplicar as suas forças, e que um novo mundo lhe abria, sobre um espaço imenso, desígnios gloriosos. No décimo-oitavo século, na véspera do dia em que o machado dos carrascos deveria retemperar a Igreja no sangue de novos mártires, a demoniolatria florescia no cemitério de Saint-Medard, ao redor dos banquetes de Mesmer e dos espelhos de Cagliostro. Hoje, na grande luta do catolicismo contra todos os poderes do inferno, a conspiração de Satã veio visivelmente em ajuda do filosofismo; o inferno quis dar, em nome

do naturalismo, uma consagração à obra de violência e de astúcia que continua há quatro séculos, e que se prepara para coroar de uma suprema impostura. Aí está todo o segredo dessa suposta doutrina *Espírita*, acervo de absurdos, de contradições, de hipocrisia e de blasfêmias, - como iremos ver, - a qual ensaia, como a última das perfídias, glorificar o cristianismo para aviltá-lo, de difundi-lo para suprimi-lo, afetando o respeito para o divino Salvador, a fim de arrancar de sobre a terra, tudo o que fecundou com o seu sangue, e de substituir, ao seu reino imortal, o despotismo dos sonhos ímpios.

"Abordando o exame dessas pretensões estranhas, que não se tem ainda, cremos, suficientemente desvendadas e flageladas, pedimos aos nossos leitores consentirem em seguir o curso um pouco longo desse dédalo diabólico, de onde a seita espera sair triunfante, depois de abolir para sempre o nome divino diante do qual é vista a dobrar os joelhos. O Espiritismo, a despeito de seus ridículos, de suas profanações revoltantes, de suas contradições sem fim, nos é um preciso ensino. Jamais as loucuras do inferno tinham dado, à nossa religião santa, mais estrondosa homenagem. Jamais Deus havia condenado com um poder mais soberano ao confirmar, por esses testemunhos, a palavra do divino Mestre: *Vos ex paire diabolus estis.*"

Este início faz julgar a amenidade do resto; aqueles dos nossos leitores que quiserem se edificar nessa fonte de caridade evangélica, poderão dar-se o prazer lendo a *Bibliografia*, n.º 3 de setembro 1860, rue de Sèvres, n.º 34. Ainda uma vez, porque, pois, tanta cólera, tanto fôlego, contra uma doutrina que, se ela é, como dizeis, a obra de Satã, não pode prevalecer contra a de Deus, a menos que suponhais que Deus seja menos poderoso do que Satã, o que seria um pouco ímpio? Duvidamos muito de que esse desencadeamento de injúrias, essa febre, essa profusão de epítetos dos quais o Cristo jamais se serviu contra os seus maiores inimigos, sobre os quais pedia a misericórdia de Deus, e não a sua vingança, em dizendo: "Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem;" duvidamos, dizemos, que uma tal linguagem seja muito persuasiva. A verdade é calma e não tem necessidade de desatinos, e, por essa raiva, fareis crer em vossa própria fraqueza. Confessamos não compreender muito essa singular política de Satã que *glorifica o cristianismo para aviltá-lo, que o difunde para suprimi-lo*; em nossa opinião, isso seria possivelmente inábil e se pareceria muito com um jardineiro que, não querendo mais ter batata-inglesa, para destruir-lhe a espécie, as semearia em profusão em seu jardim. Quando se acusa os outros de pecarem por falta de raciocínio, é necessário começar a ser lógico pessoalmente.

O Sr. Georges Gandy briga mortalmente com o Espiritismo por se apoiar sobre o Evangelho e o cristianismo, não sabemos verdadeiramente porquê; que diria, pois, se se apoiasse sobre Maomé? Muito menos, seguramente, porque é um fato digno de nota que o islamismo, o judaísmo, o budismo mesmo, são objeto de ataques menos virulentos do que as seitas dissidentes do cristianismo; com certas pessoas, é preciso ser tudo ou nada. Há um ponto sobretudo que o Sr. Gandy não perdoa ao Espiritismo, que é o de não ter proclamado esta máxima absoluta: "Fora da Igreja não há salvação," e admitir que aquele que faz o bem possa ser salvo das chamas eternas, quaisquer que sejam as suas crenças; uma tal doutrina, evidentemente, não pode sair senão do inferno. O seu verdadeiro objetivo se descobre sobretudo nesta passagem:

"Que nos quer o Espiritismo? É uma importação americana, protestante antes de qualquer outro, e que tinha já triunfado, -digna-nos dize-lo, - sobre todas as pragas da idolatria e da heresia; tais são os seus títulos a respeito do mundo. Seria, pois, de terras clássicas da superstição e de loucuras religiosas, que nos viriam a verdade e a sabedoria!" Eis certamente um grande perigo; se tivesse nascido em Roma, seria a voz de Deus; nasceu num país protestante, é a voz do diabo. Mas que direis quando tivermos provado, o que faremos um dia, que foi na Roma cristã bem antes de ser na América protestante? Que respondeis a este

fato, constante hoje, de que há mais Espíritas católicos do que Espíritas protestantes?

O número das pessoas que não crêem em nada, que duvidam de tudo, do futuro, de Deus mesmo, é considerável e cresce numa proporção assustadora; é pelas vossas violências, vossos anátemas, vossas ameaças de inferno, vossas declamações iradas que as conduzis? Não, porque são as vossas próprias violências que as afastam. São culpáveis por terem tomado a sério a caridade e a mansuetude do Cristo, a bondade infinita de Deus? Ora, quando eles ouvem aqueles que pretendem falar em seu nome, vomitar a ameaça e a injúria, põem-se a duvidar do Cristo, de Deus, de tudo enfim. O Espiritismo lhes faz ouvir palavras de paz e de esperança, e, como a dúvida lhes pesa, e que têm necessidade de consolações, lançam-se nos braços do Espiritismo, porque a gente gosta mais daquele que sorri do que daquele que faz medo; então crêem em Deus, na missão do Cristo, em sua divina moral; em uma palavra, de incrédulos e indiferentes, tornam-se crentes; foi o que, recentemente, fez um respeitável cura dizer, quando um dos seus penitentes consultava sobre o Espiritismo: "Nada chega sem a permissão de Deus; ora, Deus permite essas coisas para reavivar a fé que se extingue." Se tivesse usado outra linguagem, talvez a teria afastado para sempre. Quereis a toda força que o Espiritismo seja uma seita, então que ele não aspira senão ao título de ciência moral e filosófica, respeitando todas as crenças sinceras; por que, pois, dar a idéia de uma separação àqueles que não pensam nisso? Se rejeitais aqueles que ele conduz à crença em Deus, se não lhes dais senão o inferno por perspectiva, não tereis que tomar senão a vós por uma cisão que tereis provocado.

São Luís nos dizia um dia: "Zombam das mesas girantes, não se zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias." Ele se enganou, porque contou sem o Sr. Georges Gandy. Escritores, freqüentemente, se alegraram com os Espíritos e as suas manifestações, sem sonharem que um dia eles mesmo poderiam servir de alvo das brincadeiras de seus sucessores; mas sempre respeitaram a parte moral da ciência; estava reservado a um escritor católico, nós o lamentamos sinceramente, ridicularizar as máximas admitidas pelo mais vulgar bom senso. Ele cita um número muito grande de passagens de *O Livro dos Espíritos*; não nos reportaremos senão a algumas que darão uma idéia de sua apreciação: - "Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração àqueles que o adoram exteriormente." O texto de *O Livro dos Espíritos* traz: Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que crêem honrá-lo por cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes." O Sr. Gandy admite o inverso-, mas um homem de boa fé deveria citar a passagem textualmente, e não mutilá-la de maneira a lhe desnaturar o sentido.

- "Toda destruição de animal, que ultrapassa os limites das necessidades, é uma violação às leis de Deus;" o que quer dizer que o princípio moral que regula as alegrias se aplica igualmente ao exercício da caça e do açougue.

Precisamente; mas parece que o Sr. Gandy é caçador e pensa que Deus fez a caça não para a alimentação do homem, mas para lhe proporcionar o prazer de fazer, sem necessidade, matanças de animais inofensivos.

" Os gozos têm os seus limites traçados pela Natureza: aí está o limite do necessário; pelo excesso chega-se à saciedade." É a moral do virtuoso Horácio, um dos pais do Espiritismo.

Uma vez que o autor critica essa máxima, parece que não admite limites aos gozos, o que não é nada religioso.

- "A propriedade, para ser legítima, deve ser adquirida sem prejuízo da lei *do amor* e da justiça;" assim quem possui, sem cumprir os deveres de *caridade* que ordena a *consciência* ou a *razão individual*, é um usurpador do bem de outrem; nós estamos espiriticamente em pleno socialismo.

O texto traz: "Não há propriedade legítima senão aquela que é adquirida sem prejuízo para outrem. A lei de amor e de justiça proibindo fazer a outrem o que não quereríamos que nos fizessem, condena por isso mesmo todo meio de aquisição que seja contrário a essa lei." Não há: *que ordena a razão individual*; é uma adição perversa. Não pensávamos que se pudesse possuir com toda a segurança de consciência às custas da justiça; o Sr. Gandy deveria nos dizer em qual caso a espoliação é legítima. Felizmente, os tribunais não são de sua opinião.

- "A indulgência espera, fora desta vida, o suicida que luta com a necessidade, que quis impedir a vergonha de recair sobre os seus filhos, ou a sua família. Aliás, São Luís, sobre cujas funções espíritas, diremos daqui a pouco, se digna revelar-nos que há excusa para os suicidas amorosos. Quanto às penas do suicídio, elas não são *fixadas*; o que é seguro, é que ele não escapa ao desapontamento: em outros termos, ele é *apanhado*, como se diz vulgarmente nesse baixo mundo."

Esta passagem está inteiramente desnaturada pelas necessidades da crítica do Sr. Gandy; ser-nos-ia necessário citar sete páginas para restabelecê-la em seu texto. Com um semelhante sistema, seria fácil tornar ridículas as mais belas páginas de nossos melhores escritores. Parece que o Sr. Gandy não admite gradação nem nas faltas e nem na penalidade de além-túmulo. Cremos Deus mais justo, e desejamos que o Sr. Gandy jamais tenha a reclamar, junto dele, o benefício das circunstâncias atenuantes.

- "A pena de morte e a escravidão foram, são e serão contrárias à lei da Natureza. O homem e a mulher, sendo iguais diante de Deus, devem ser iguais diante dos homens." Foi a alma errante de algum santo-simonista *espantado*, à procura da mulher livre, que fez dom ao Espiritismo dessa picante revelação?"

Assim a pena de morte, a escravidão e a subjugação da mulher, que a civilização tende a abolir, são instituições que o Espiritismo erra em condenar. - feliz tempo da Idade Média, por que passaste sem retorno! Onde estais, fogueiras, que nos teriam livrado dos Espíritas!

Citemos uma das últimas passagens, das mais benignas:

"O Espiritismo não pode negar uma tal miscelânea de contradições, de absurdos e de loucuras, que não pertencem a nenhuma filosofia, nem a nenhuma língua. Se Deus permite essas manifestações ímpias é porque deixa aos demônios, como a Igreja nos ensina, o poder de enganar aqueles que a chamam violando a sua lei."

Então o demônio é feito para o mesmo, uma vez que, sem o querer, nos faz amar a Deus.

- "Quanto à verdade, a Igreja no-la faz conhecer; ela nos diz com os santos livros que o anjo das trevas se transforma em anjo de luz, e que seria preciso recusar o testemunho mesmo de um arcanjo, se fosse contrário à doutrina do Cristo, de cuja infalível autoridade tem o depósito. Aliás, ela tem meios seguros e evidentes para distinguir o sortilégio diabólico das manifestações divinas."

É uma grande verdade que seria preciso recusar o testemunho de um arcanjo se fosse

contrário à doutrina do Cristo. Ora, que diz essa doutrina que o Cristo pregou com a palavra e o exemplo?

"Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos, porque eles mesmos obterão misericórdia.

"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

"Quem se puser em cólera contra o seu irmão, será condenado pelo julgamento; aquele que disser ao seu irmão *Raça*, merecerá ser condenado pelo conselho; aquele que lhe disser: Sois louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno.

"Amai os vossos inimigos, fazei bem àqueles que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e que vos caluniam, a fim de que sejais os filhos de vosso Pai que está nos céus, que faz levantar o Sol sobre os bons e sobre os maus, e chover sobre os justos e os injustos; porque se não amais senão aqueles que vos amam, que recompensa disso tereis? Os publicanos não o fazem também?

"Sede, pois, vós outros perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito."

"Não façais a outrem o que não gostaríeis que se vos fizessem a vós mesmos."

A caridade é, pois, o princípio fundamental da doutrina do Cristo. De onde concluímos que toda palavra e toda ação contrárias à caridade não podem ser, como o dissestes com uma perfeita verdade, inspiradas senão por Satã, então mesmo que ele revestisse a forma de um arcanjo; é por esta razão que o Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação*.

Remetemos, para o mesmo assunto, as nossas respostas ao *L'Univers*, número de maio e de julho de 1859, e à *Gazette de Lyon*, outubro de 1860. Recomendamos igualmente aos nossos leitores, como refutação ao Sr. Gandy, a *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo doutor Grand. Se o autor desta brochura (1-(1) Gf ande in-18, preço! tr.; pelo correio, 1 fr. 15 c. - No escritório da flev/sfaEsp/r/fa, e na Casa Ledoyen, livraria no Palais-Royal) está votado ao inferno, ali haverá muitos outros, e ali se verá, coisa estranha, aqueles que pregam a caridade para todos, ao passo que o céu estaria reservado àqueles que lançam o anátema e a maldição. Estar-se-ia singularmente equivocado sobre o sentido das palavras do Cristo.

A falta de espaço nos obriga a remeter, para o nosso próximo número, algumas palavras de resposta ao Sr. Deschanel, do *Journal dès Debats*.

Carta sobre a incredulidade

Revista Espírita, janeiro de 1861

(Primeira parte.)

Um dos nossos colegas, o Sr. Canu, outrora fortemente imbuído dos princípios materialistas, e que o Espiritismo levou a uma sadia apreciação das coisas, se censurava pelo fato de ser propagador de doutrinas que considera agora como subversivas da ordem social; na intenção de reparar isso que ele considera com razão como uma falta, e de esclarecer aqueles que ele desviou, escreveu, a um de seus amigos, uma carta sobre a qual quis pedir a nossa opinião. Ela nos pareceu tão bem responder ao objetivo que se propunha, que rogamos nos permitir publicá-la, do que os nossos leitores, sem dúvida, estarão agradecidos. Em lugar de abordar decididamente a questão do Espiritismo, que seria repelida por pessoas não admitindo a alma que lhe é a base; em lugar, sobretudo, de exhibir aos seus olhos fenômenos estranhos que tivessem negado, ou atribuído a causas vulgares, ele remonta à sua fonte. Procura, com razão, torná-los espiritualistas antes de torná-los Espíritas; por um encadeamento de idéias perfeitamente lógico, chega à idéia espírita como consequência. Este caminho, evidentemente, é o mais racional. A extensão dessa carta nos obriga a dividir-lhe a publicação.

Paris, 10 de novembro de 1860.

Meu caro amigo.

Desejas uma longa carta sobre o *Espiritismo*, vou tratar de satisfazer-te com o meu melhor, esperando o envio de uma obra importante sobre a matéria, a qual deverá aparecer no fim do ano.

Serei obrigado a começar por algumas considerações gerais, e nos seria preciso remontar à origem do homem; isto alongará um pouco a minha carta, mas é indispensável para a inteligência da coisa.

Tudo passa! diz-se geralmente.

Sim, tudo passa; mas geralmente também dá-se a esta expressão um significado bem distante daquele que lhe pertence.

Tudo passa, mas nada se acaba, senão a forma.

Tudo passa, nesse sentido de que tudo caminha e segue o seu curso, mas não um curso cego e sem objetivo, se bem que não deva jamais acabar.

O movimento é a grande lei do Universo, na ordem moral como na ordem física, e o objetivo do movimento é o progresso para o melhor; é um trabalho ativo, incessante e universal; é o que chamamos *o progresso*.

Tudo está submetido a essa lei, com exceção de Deus. Deus é o autor; a criatura é um instrumento e o objeto.

A criação se compõe de duas naturezas distintas: a natureza material e a natureza intelectual; esta é o instrumento ativo; a outra é o instrumento passivo.

Estes dois instrumentos são o complemento um do outro, quer dizer, um sem o outro seria de uso completamente nulo.

Sem a natureza intelectual, ou o espírito inteligente e ativo, a natureza material, quer dizer, a matéria ininteligente e inerte, seria perfeitamente inútil, não podendo nada por si mesma. Sem a matéria inerte, o Espírito inteligente não teria poder maior.

Mesmo o mais perfeito instrumento seria como se não existisse, se não houvesse alguém para dele se servir.

O obreiro mais hábil, o sábio da ordem mais elevada, seriam também impotentes quanto o mais completo idiota, se não tivessem instrumentos para desenvolver a sua ciência e manifestá-la.

É agora aqui o lugar de fazer notar que o instrumento material não consiste somente na plaina do marceneiro, na tesoura do escultor, na paleta do pintor, no escalpelo do cirurgião, no compasso ou na luneta do astrônomo; consiste também na mão, na língua, nos olhos, no cérebro, em uma palavra, na reunião de todos os órgãos materiais necessários à manifestação do pensamento, o que implica, naturalmente, na denominação *de instrumento passivo*, a matéria, ela mesma, sobre a qual a inteligência opera por meio do instrumento propriamente dito. Assim é que uma mesa, uma casa, um quadro, considerados nos elementos que os compõem, não são menos instrumentos do que a serra, a plaina, o esquadro, a colher de pedreiro, o pincel que os produziu, do que a mão e os olhos que dirigiram estes últimos, do que o cérebro, enfim, que presidiu a essa direção. Ora, tudo isso o cumpriu o cérebro, foi o instrumento complexo do qual se serviu a inteligência para manifestar o seu pensamento, a sua vontade, que era a de produzir uma forma, e essa forma era ou uma mesa, ou uma casa, ou um quadro, etc.

A matéria, inerte pela sua natureza, informe em sua essência, não adquire propriedades úteis senão pela forma que se lhe imprime; o que fez um célebre fisiologista dizer que a forma era mais necessária do que a matéria; proposição um pouco paradoxal talvez, mas que prova a superioridade do papel que a forma desempenha nas modificações da matéria. É segundo esta lei que o próprio Deus, se assim posso me exprimir, dispôs e modifica sem cessar os mundos e as criaturas que os habitam, segundo as formas que melhor convém aos seus objetivos para a harmonização do Universo; e é sempre segundo essa lei que as criaturas inteligentes agem incessantemente sobre a matéria, como o próprio Deus, mas secundariamente concorrem para a sua transformação contínua, transformação da qual cada grau, cada escalão é um passo no progresso, ao mesmo tempo que é a manifestação da inteligência que lhos mandou fazer.

Assim é que tudo, na criação, está em movimento e sempre em progresso; que a missão da criatura inteligente é a de ativar esse movimento no sentido do progresso, o que ela cumpre, freqüentemente mesmo, sem o saber; que o papel da criatura material é o de obedecer a esse movimento e o de manifestar o progresso da criatura inteligente; que a criação, enfim, considerada em seu conjunto ou em suas partes, cumpre incessantemente os objetivos de

Deus.

Quantas criaturas ditas inteligentes (sem sair do nosso planeta), cumprem uma missão da qual estão longe de desconfiar! E confesso que, de minha parte, não faz muito tempo ainda, eu era desse número. Eu não seria mesmo inoportuno, a esse respeito, em colocar aqui algumas palavras de minha própria história; tu me perdoarás esta pequena digressão que pode ter o seu lado útil.

Aluno da escola do dogma católico, e a reflexão e o exame não tendo se desenvolvido em mim senão bastante tarde, fui por muito tempo fervoroso e cego crente; sem dúvida, não o esqueceste.

Mas sabes também que, mais tarde, caí num excesso contrário; da negação de certos princípios que a minha razão não podia admitir, conclui pela negação absoluta. O dogma da eternidade das penas sobretudo me revoltava; eu não podia conciliar a idéia de um Deus que se dizia infinitamente misericordioso com a de um castigo perpétuo por uma falta passageira; o quadro do inferno, com as suas fornalhas, as suas torturas materiais, me parecia ridículo e uma paródia do Tártaro dos Pagãos. Recapitulava as minhas impressões de infância, e as minhas lembranças que, quando da minha primeira comunhão, se nos dizia que não era preciso orar pelos condenados, porque isso não lhes serviria de nada; quem não tivesse a fé era votado às chamas, e que bastava a alguém duvidar da infalibilidade da Igreja para ser condenado; que mesmo o bem que se fizesse neste mundo não poderia salvar, tendo em vista que Deus colocava a fé acima das melhores ações humanas. Esta doutrina me tornara impiedoso e havia endurecido o meu coração; eu olhava os homens com desconfiança, e, ao menor pecadilho acreditava ter ao meu lado um condenado de quem tinha que fugir como da peste, e ao qual, na minha indignação, teria recusado um copo de água, dizendo-me que Deus lhe recusaria um dia bem mais. Se existissem ainda fogueiras, teria de bom grado nela empurrado todos aqueles que não tinham a fé ortodoxa, fosse mesmo o meu pai. Nesta situação de espírito, eu não podia amar a Deus: dele tinha medo.

Mais tarde, uma multidão de circunstâncias, muito longas para enumerar, vieram me abrir os olhos, e rejeitei os dogmas que não concordavam com a minha razão, porque nada me ensinara a colocar a moral acima da forma; do fanatismo religioso, caí no fanatismo da incredulidade, a exemplo de tantos dos meus companheiros de infância.

Não entrarei nos detalhes que nos levariam muito longe; acrescentarei somente que, depois de ter perdido, durante quinze anos, a doce ilusão da existência de um Deus infinitamente bom, poderoso e sábio, da existência e da imortalidade da alma, eu reencontrei, enfim, hoje, não mais a minha ilusão, mas uma certeza tão completa quanto a de minha existência atual, que é a que te escreve neste momento.

Eis, meu amigo, o grande acontecimento de nossa época, o grande acontecimento que nos é dado ver se cumprir em nossos dias: a prova material da existência e da imortalidade da alma.

Retornemos ao fato; mas para te fazer compreender melhor o Espiritismo, vamos remontar à origem do homem, e aí estaremos por muito tempo.

É evidente que os globos que povoam a imensidade não são feitos tendo em vista unicamente a sua ornamentação; eles têm também um objetivo útil ao lado do agradável: o de produzir e de alimentar seres materiais vivos que sejam instrumentos apropriados e

dóceis a essa multidão de criaturas inteligentes que povoam o espaço, e que são, em definitivo, a obra-prima, ou melhor, o objetivo da criação, uma vez que só elas têm a faculdade de conhecê-lo, admirá-lo e de adorar o seu autor.

Cada um dos globos espalhados no espaço teve o seu começo, quanto à sua forma, num tempo mais ou menos recuado. Quanto à idade da matéria que o compõe, é um segredo que não nos importa aqui conhecer, sendo a forma tudo para o objeto que nos ocupa. Com efeito, pouco nos importa que a matéria seja eterna, ou unicamente criação anterior à formação do astro, ou enfim contemporânea a essa formação; o que é preciso saber é que o astro foi formado para ser habitado. Não é talvez fora de propósito acrescentar que essas formações não se fazem em um dia, como dizem as Escrituras; que um globo não sai de repente do nada coberto de florestas, de campinas e de habitantes, como Minerva saiu armada dos pés à cabeça de Júpiter. Não, Deus procede seguramente, mas lentamente; tudo segue uma lei lenta e progressiva, não que Deus hesite ou tenha necessidade da lentidão, mas porque as suas leis são tais e que são imutáveis. Aliás, o que chamamos *lentidão*, nós, seres efêmeros, não o é para Deus para quem o tempo nada é.

Eis, pois, um globo em formação, ou se quiseres todo formado; devem se passar ainda muitos séculos, ou milhares de séculos antes que seja habitável, mas enfim esse momento chega. Depois de modificações numerosas e sucessivas em sua superfície, ele começa a se cobrir pouco a pouco de vegetação; (falo da Terra, não pretendendo fazer, a menos que por analogia, a história dos outros astros, cujo objetivo é evidentemente o mesmo, mas cujas modificações físicas podem variar). Ao lado da vegetação aparece a vida animal, uma e outra em sua maior simplicidade, esses dois ramos do reino orgânico sendo necessários um ao outro, se fecundam mutuamente alimentando-se reciprocamente, elaborando, de acordo, a matéria inorgânica, para torná-la cada vez mais própria para a formação de seres cada vez mais perfeitos, até que ela tenha chegado ao ponto de produzir e alimentar o corpo que deve servir de habitação e de instrumento ao *ser* por excelência, quer dizer, ao ser intelectual que deve dele se servir, que o espera, por assim dizer, para se manifestar, e que não poderia se manifestar sem ele.

Eis-nos chegados ao homem! Como é formado? Aí não está ainda a questão; está formado segundo a grande lei da formação dos seres, eis tudo. Por não ser conhecida, essa lei não existe menos. Como se formaram os indivíduos de cada espécie de plantas? Os primeiros indivíduos de cada espécie de animais? Formaram-se cada um à sua maneira, segundo a mesma lei. Tudo o que há de certo é que Deus não teve necessidade de se transformar em fabricante de louça, nem de sujar as mãos na lama para formar o homem, nem de lhe arrancar um pedaço para fazer a mulher. Essa fábula, em aparência absurda e ridícula, pode bem ser uma figura engenhosa escondendo um sentido penetrável a espíritos mais perspicazes do que o meu; mas como disso não compreendo nada, me detenho aqui.

Eis, pois, o homem material habitando a Terra, e habitado ele mesmo por um ser imaterial do qual não é senão o instrumento. Incapaz de nada por si mesmo, como a matéria em geral, não se torna próprio para alguma coisa senão pela inteligência que o move; mas essa inteligência, ela mesma, criatura imperfeita como tudo o que é criatura, quer dizer, como tudo o que não é Deus, tem necessidade de se aperfeiçoar, é precisamente em vista desse aperfeiçoamento que o corpo lhe foi dado, uma vez que sem a matéria o Espírito não poderia se manifestar, nem conseqüentemente se melhorar, se esclarecer, progredir enfim.

A Humanidade, considerada coletivamente é comparada ao indivíduo; ignorante na infância, ela se esclarece à medida que avança em idade; o que se explica naturalmente pelo próprio estado de imperfeição em que estão os Espíritos para o adiantamento dos quais essa

Humanidade foi feita; mas quanto ao Espírito considerado individualmente, não é numa só existência que ele pode adquirir a soma de progresso que está chamado a cumprir; é porque um maior ou menor número de existências corpóreas lhe são necessárias, segundo o uso que fará de cada uma delas. Mais ele terá trabalhado para o seu adiantamento em cada existência, menos terá que sofrê-las. E como cada existência corpórea é uma prova, uma expiação, um verdadeiro purgatório, tem interesse em progredir o mais prontamente possível, para ter a sofrer menos provas, porque o Espírito não retrograda; cada progresso cumprido por ele é uma conquista assegurada que nada poderia lhe tirar. Segundo este princípio, hoje averiguado, é evidente que quanto mais ele caminhar depressa, mais cedo chegará ao objetivo.

Resulta do que precede que cada um de nós, hoje, não está em sua primeira existência corpórea, muito longe disso, está mais distante ainda de sua última, porque as nossas existências primitivas deveram se passar em mundos bem inferiores à Terra, sobre a qual não chegamos senão quando o nosso Espírito chegou a um estado de perfeição em relação com este astro; do mesmo modo que, à medida que progredirmos, passaremos para mundos mais bem avançados do que a Terra sob todos os aspectos, e isso, de degrau em degrau, avançando sempre para o melhor. Mas, antes de deixar um globo, parece que se deve sofrer nele geralmente várias existências, cujo número, todavia, não é limitado, mas muito subordinado à soma do progresso que se terá adquirido.

Prevejo uma objeção que vejo sobre os teus lábios. Tudo isso, dir-me-ás, pode ser verdadeiro, mas como não me lembro de nada, e que ocorre o mesmo com cada um de nós, tudo o que se passou em nossas existências precedentes é para nós como nulo; e se ocorre o mesmo em cada existência, pouco importa ao meu Espírito ser imortal ou morrer com o corpo, se, conservando a sua individualidade, não tem consciência de sua identidade. Com efeito, isso seria para nós a mesma coisa, mas não ocorre assim; não perdemos a lembrança do passado senão durante a vida corpórea, para reencontrá-la na morte, quer dizer, no despertar do Espírito, cuja verdadeira existência é a do Espírito livre, e para a qual as existências corpóreas podem ser comparadas ao sono para o corpo.

Em que se tornam as almas dos mortos, esperando uma nova encarnação?

As que não deixam a Terra, permanecem errantes em sua superfície, vão onde lhes apraz, sem dúvida, ou pelo menos onde podem, segundo o seu grau de adiantamento, mas, em geral, pouco se distanciam dos vivos, e sobretudo daqueles a quem se afeiçoam, quando se afeiçoam com alguém, a menos que não lhe sejam impostos deveres a serem cumpridos alhures. Somos, pois, a cada instante, cercados de uma multidão de Espíritos conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos, que nos vêem, nos observam, nos ouvem; dos quais uns tomam parte em nossas penas como em nossas alegrias, enquanto outros sofrem com os nossos gozos, ou gozam com as nossas dores, e enquanto outros, enfim, são indiferentes a tudo, exatamente como isso se passa sobre a Terra entre os mortais, dos quais conservam, no outro mundo, as afeições, as antipatias, os vícios e as virtudes. A diferença é que os bons gozam na outra vida de uma felicidade desconhecida sobre a Terra, e isso se concebe: não tendo mais necessidades materiais a satisfazer, nem obstáculos do mesmo gênero a superar; se bem viveram, quer dizer, se não têm nada ou senão pouca coisa a se censurar em sua última existência corpórea, gozam em paz do testemunho de sua consciência e do bem que fizeram. Se viveram mal, se foram maus, como estão lá a descoberto, não podem mais se dissimular sob o seu envoltório material, sofrem da vergonha de se verem conhecidos, apreciados; sofrem da presença daqueles que ofenderam, desprezaram, oprimiram, e da impossibilidade em que estão de se furtar aos olhares de todos. Eles sofrem, enfim, do remorso que os rói, até que o arrependimento venha aliviá-los, o que ocorre cedo ou tarde, ou até que uma nova encarnação os subtraia, não da visão dos outros Espíritos, mas de sua

própria visão, em lhes tirando, momentaneamente, a consciência de sua identidade, e, perdendo, então, a lembrança do seu passado, são aliviados. Mas é então também que começa para eles uma nova prova; se têm a felicidade de dela saírem melhorados, gozam do progresso que fizeram; se não se melhoraram, reencontram os mesmos tormentos, até que, enfim, se arrependam ou aproveitem uma nova existência.

Há um outro gênero de sofrimento: daquele que experimentam os maus Espíritos, os mais perversos. Aqueles, inacessíveis à vergonha e ao remorso, não lhe sofrem o tormento; mas os seus sofrimentos são mais vivos ainda, porque, sempre levados ao mal e impotentes em fazê-lo, sofrem da inveja de ver os outros mais felizes ou melhores do que eles, e da raiva, ao mesmo tempo, de não poderem saciar os seus ódios e se entregarem a todos os seus maus pendores. Oh! Aqueles sofrem muito; mas, como te disse, eles não sofrerão senão o tempo que não se melhorem, ou, em outras palavras, até o dia em que se melhorem. Freqüentemente, eles não prevêem esse fim; se são maus, se cegos pelo mal, que não supõem a existência ou a possibilidade da existência de um estado de coisas melhor, e não desconfiando, por conseqüência, de que os seus sofrimentos devem acabar um dia, é o que lhes endurece no mal e agrava os seus tormentos; mas, como não podem fugir sempre da sorte comum que Deus reserva a todas as suas criaturas, sem exceção, vem um momento em que lhe é necessário seguir, enfim, o caminho comum, e esse dia está, algumas vezes, mais próximo que não se seria tentado em crê-lo observando-se a sua perversidade. Viu-se os que se converteram de repente, e de repente os seus sofrimentos cessaram; entretanto, resta-lhes ainda rudes provas a sofrerem sobre a Terra em sua próxima encarnação; é necessário que se depurem expiando as suas faltas, e isso, em definitivo, não é senão justo; mas ao menos não têm mais medo de perderem o progresso adquirido, não podem retrogradar.

Eis, meu amigo, o mais sucintamente, e o mais claramente, que me foi possível fazê-lo, a exposição da filosofia do Espiritismo, tal, ao menos, como me foi possível fazê-lo em uma carta; dele encontrarás os desenvolvimentos mais completos, até este dia, e os mais satisfatórios em *O Livro dos Espíritos*, fonte onde eu mesmo hauri o que me fez o que sou.

Passemos agora à prática.

(O final no próximo número.)

O Espírito batedor do Aube

Revista Espírita, janeiro de 1861

Um dos nossos assinantes nos transmite detalhes muito interessantes sobre as manifestações que se passaram, e se passam ainda neste momento, numa localidade do departamento do Aube, do qual calaremos o nome, tendo em vista que a pessoa, em cuja casa esses fenômenos ocorrem, não se preocupa de nenhum modo de ser assaltada pela visita de numerosos curiosos, que não faltariam para ir à sua casa: essas manifestações barulhentas já lhe atraíram mais de um desagrado; de resto, o nosso correspondente nos reporta os fatos como testemunha ocular, e nós o conhecemos bastante para saber que ele merece toda a confiança. Extraímos as passagens mais interessantes de sua narração:

"Há quatro anos (em 1856), passou-se na casa do Sr. R..., da cidade em que moro, fatos de manifestações que lembram, até um certo ponto, os de Bergzabern; eu não conhecia então esse senhor, e não foi senão mais tarde que fiz relações com ele, de sorte que foi por ouvir dizer que eu soube o que se passou nessa época. Tendo as manifestações cessado há muito tempo, o Sr. R... delas acreditava estar desembaraçado, mas, há pouco, elas recomeçaram como outrora, e pude ser delas testemunha, durante vários dias seguidos; contarei, pois, o que vi com os meus próprios olhos.

A pessoa que é o objeto dessas manifestações é o filho do Sr. R..., com dezesseis anos de idade, e que não tinha, por conseguinte, senão doze quando se produziram pela primeira vez. É um jovem de uma inteligência excessivamente limitada, que não sabe nem ler e nem escrever, e sai muito raramente da casa. Quanto às manifestações, que ocorreram em minha presença, com exceção do balanço da cama e da suspensão magnética, o Espírito imitou em quase tudo o de Bergzabern; os golpes, as arranhaduras foram os mesmos; assobiava, imitava o ruído da lima e da serra, e lançava, através do quarto, pedaços de carvão, que vinham não se sabe de onde, porque não os havia na peça onde estávamos. Os fenômenos se produzem geralmente desde que a criança está deitada e começa a dormir. Durante o sono, ela fala ao Espírito com autoridade, e toma o tom de comando de um oficial superior ao ponto de enganar-se, embora não haja assistido a nenhum exercício militar; simula um combate, comanda a manobra, obtém a vitória e se crê como general sobre o campo de batalha. Quando ele ordena ao Espírito para bater um certo número de golpes, chega algumas vezes que este os bate mais do que pediu; a criança lhe diz então: Como vais fazer para tirar aqueles que bateste a mais? Então o Espírito começa a raspar, como se apagasse. Quando o menino ordena, fica numa grande agitação, e grita, às vezes, tão forte que a sua voz se apaga numa espécie de estertor. Ao comando, o Espírito bate todas as marchas francesas e estrangeiras, mesmo a dos Chineses; não pude verificar-lhes a exatidão, nem as conheço; mas ocorre freqüentemente à criança dizer: Não é essa, recomeçai; e o Espírito obedece. Devo dizer, de passagem, que, durante o seu sono, a criança é muito áspera, comandando.

"Uma noite em que assistia a uma dessas cenas, havia já cinco horas que o filho R... estava numa grande agitação; tentei acalmá-lo com alguns passes magnéticos, mas logo se tornou furioso e transtornou o seu leito. No dia seguinte, ele se deitou quando cheguei, e, como de hábito, dormiu ao cabo de alguns minutos; então os golpes e as arranhaduras começaram; de repente, ele disse ao Espírito: Meta-te ali, eu vou dormir; e, para a nossa surpresa, ele o magnetizou, e isso apesar da resistência do Espírito que parecia se recusar, o que acreditei

compreender segundo a conversação que tinham juntos; depois ele o despertou libertando-o como o faria um magnetizador experimentado. Percebi, então, que parecia recolher seu fluido em um monte que me lançou, repreendendo-me e me injuriando. Quando despertou, não tinha nenhuma lembrança do que se passara.

"Os fatos, longe de se acalmarem, se agravavam a cada dia de maneira desoladora pela exasperação do Espírito, que temia, sem dúvida, perder o império que tomara sobre o menino; eu quis perguntar o seu nome e os seus antecedentes, mas não obtive senão mentiras e blasfêmias. Devo dizer aqui que, quando ele fala, é pela boca do menino, que lhe serve de médium falante. Verdadeiramente, procurei conduzi-lo a melhores sentimentos pelas boas palavras; respondeu-me que a prece nada pode sobre ele; que tentou subir para Deus, mas que não encontrou senão gelo e nevoeiro; então me trata de beatão, e quando peço mentalmente, noto sempre que se torna furioso e bate pancadas redobradas. Todos os dias ele traz objetos bastante volumosos, de ferro, de cobre, etc. Quando pergunto onde vai procurá-los, responde que os toma de pessoas que não são honestas. Se lhe falo da moral, põe-se furioso. Uma noite disse que, tanto que eu chegasse, ele quebraria tudo, que não se iria antes da Páscoa, depois me escarrou no rosto. Tendo lhe perguntado por que se ligava assim ao filho R..., respondeu: Se não fosse ele, seria um outro. O próprio pai não está isento dos insultos desse Espírito malfazejo; freqüentemente, ele é detido em seu trabalho, porque é atingido, puxado pelas roupas, e mesmo beliscado até sangrar.

Fiz o que pude, mas estou sem mais recursos; acrescento que é tanto mais difícil obter bons resultados quanto o Sr. e a Sra. R..., apesar do seu desejo de estarem livres dele, porque lhes causou um verdadeiro prejuízo, estando obrigados a trabalharem para viver, não me secundam, não tendo a sua fé em Deus uma grande consistência."

Omitimos uma multidão de detalhes que não fariam senão corroborar aqueles que narramos; todavia, dissemos o bastante para mostrar que se pode dizer, deste Espírito, como de certos malfeitos, que são da pior espécie.

Na sessão da Sociedade, do dia 9 de novembro último, as seguintes perguntas foram dirigidas a São Luís, a esse respeito:

1. Teríeis a bondade de nos dizer alguma coisa sobre o Espírito que obsidia o jovem R...? A inteligência desse jovem é das mais fracas, e, quando o Espírito se apodera dele, há então uma alucinação completa, tanto mais quando seu corpo está mergulhado no sono. A razão, pois, nada pode em seu cérebro, e então está entregue à obsessão desse Espírito turbulento.
2. Um Espírito rotativamente superior pode exercer, sobre um outro Espírito, uma ação magnética e paralisar as suas faculdades? - R. Um bom Espírito não pode alguma coisa sobre um outro senão moralmente, mas não fisicamente. Para paralisar pelo fluido magnético, é necessário agir sobre a matéria, e o Espírito não é matéria semelhante a um corpo humano.
3. Como ocorre, então, que o jovem R... pretende magnetizar o Espírito e adormecê-lo? - R. Ele o crê, e o Espírito se presta à ilusão.
4. O pai deseja saber se não teria meio um de se desembaraçar desse hóspede inoportuno, e se seu filho será por muito tempo ainda submetido a essa prova? - R. Quando esse jovem estiver desperto, será necessário, com ele, evocar bons Espíritos, afim de pô-lo em relação com eles e, por esse meio, afastar os maus que o obsidiam durante o seu sono.

5. Poderíamos agir aqui evocando, por exemplo, esse Espírito para moralizá-lo, ou talvez o próprio Espírito do jovem? - R. Isso não é quase possível no presente: ambos são muito materiais; é necessário agir diretamente sobre o corpo do ser vivo, pela presença de bons Espíritos que virão até ele.

6. Não compreendemos bem essa resposta. - R. Eu digo que é necessário apelar pelo concurso dos bons Espíritos, que poderão tornar o jovem menos acessível às impressões do mau Espírito.

7. Que podemos fazer por ele? - R. O mau Espírito que o obsidia dali não se irá facilmente, não sendo fortemente repelido por ninguém. As vossas preces, as vossas evocações, são uma arma fraca contra ele; seria necessário agir direta e materialmente sobre o sujeito que ele atormenta. Podeis orar, porque a prece é sempre boa; mas não chegareis por vós mesmos, se não fordes secundados por aqueles que nisso são mais interessados, quer dizer, o pai e a mãe; infelizmente, não têm essa fé em Deus que centuplica as forças, e Deus não escuta aqueles que não se dirigem a ele com confiança. Eles não podem, pois, se lamentar de um mal que nada fazem para evitar.

8. Como conciliar a sujeição desse jovem sob o império desse Espírito, com a autoridade que exerce sobre ele, uma vez que manda e o Espírito obedece? - R. O Espírito desse jovem é pouco avançado moralmente, mas, o é mais do que se não o crê em inteligência. Em outras existências, abusou de sua inteligência, que não era dirigida para um objetivo moral, mas, ao contrário, para vistas ambiciosas; agora está em punição, num corpo que não lhe permite dar livre curso à sua inteligência, e o mau Espírito aproveita de sua fraqueza; deixa-se comandar para coisas sem consequência, porque o sabe incapaz de ordenar-lhe coisas sérias: ele o diverte. A Terra formiga de Espíritos que estão em punição em corpos humanos, é por isso que há tantos males de todas as espécies.

Nota. A observação vem em apoio desta explicação. Durante o seu sono, a criança mostra uma inteligência inconstavelmente superior à do estado normal, o que prova um desenvolvimento anterior, mas reduzido ao estado latente sob esse envoltório grosseiro; não é senão nos momentos de emancipação da alma, naqueles em que ela não sofre mais tanta influência da matéria, que a sua inteligência se desdobra, e é também o momento em que exerce uma espécie de autoridade sobre o ser que o subjuga; mas tornado ao estado de vigília, as suas faculdades se aniquilam sob o envoltório material que as comprime. Não está aí um ensinamento moral prático?

Manifestou-se o desejo de evocar esse Espírito, mas nenhum dos médiuns presentes preocupou-se em lhe servir de intérprete. A Srta. Eugénie, que também tinha mostrado repugnância, tomou de repente o lápis por um movimento involuntário, e escreveu:

1. Tu não me queres? Pois bem! tu escreverás. Oh! tu crês que não te domarei; claro. Eis-me; mas tu não me assustas mais; eu te farei ver minhas forças.

Nota. Aqui o Espírito faz o médium dar um grande soco na mesa, e quebra vários lápis.

2. Uma vez que estais aqui, dizei-nos por que razão estais ligado ao filho do Sr. R...? - R. Seria necessário, eu creio, vos fazer confidências! Primeiro sabeis que tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém.

Um médium que fosse razoável me repeliria; ligo-me a um idiota que não me opõe nenhuma

resistência.

3. *Nota.* Alguém reflexiona que, malgrado esse ato de covardia, a esse Espírito não falta inteligência. Ele responde sem que lhe seja dirigida a pergunta direta:

Um pouco; não sou tão besta como credes.

4. Que éreis quando vivo? - R. Não grande coisa; um homem que fez mais mal do que bem, e que está tanto mais punido.

5. Uma vez que sois punido por ter feito o mal, deveríeis compreender a necessidade de fazer o bem. É que não quereis procurar vos melhorar? - R. Se quisésseis me ajudar, eu perderia menos tempo.

6. Não pedimos melhor, mas é preciso que tenhais a vontade disso; orai conosco, isso vos ajudará. - R. (Aqui o Espírito dá uma resposta blasfematória).

7. Basta! Não queremos mais ouvi-lo; esperávamos despertar em vós alguns bons sentimentos, foi com este objetivo que vos chamamos; mas, uma vez que não respondeis à nossa benevolência senão por palavras vis, podeis vos retirar. - R. Ah! aí se detém a vossa caridade! Porque pude resistir um pouco, vejo que essa caridade se detém logo: é que não vaiseis mais. Sim, poderíeis me moralizar mais do que não pensais se soubésseis a isso se ligar; primeiro no interesse do idiota que me sofre, do pai que com isso não se assusta senão mais depois do meu, se isso vos apraz.

8. Dizei-nos o vosso nome, a fim de que possamos designá-lo. - R. Oh! meu nome pouco vos importa; se quiserdes, chamai-me o Espírito do jovem idiota.

9. Se quisemos vos fazer parar, foi porque dissestes uma palavra sacrílega. - R. Ah! Ah! O senhor ficou chocado! Para saber-se o que há na lama, é necessário revolvê-la.

10. Alguém disse: Esta figura é digna do Espírito: ela é ignóbil. - R. Quereis poesia, jovem? Ei-la: Para se conhecer o odor da rosa é necessário cheirá-la.

11. Uma vez que dissestes que poderíamos vos ajudar a se melhorar, um destes senhores se oferece para vos instruir; quereis ir a ele quando vos evocar? - R. É necessário primeiro que eu veja se isso me convém. (Depois de alguns instantes de reflexão, ele acrescentou:) Sim, eu irei.

12. Por que o filho do Sr. R... se punha furioso quando o Sr. L... queria magnetizá-lo? - R. Não era ele que estava colérico, era eu.

13. Por que isso? - R. Eu não tinha nenhum poder sobre esse homem que me é superior, por isso não pude senti-lo. Ele quer me arrancar aquele que tenho sob a minha dependência, e é o que eu não quero.

14. Deveis ver, ao vosso redor, Espíritos que são mais felizes do que vós; sabeis por que? - R. Sim, eu o sei; eles são melhores do que eu.

15. Compreendeis então que, se em lugar de fazer o mal, fizésseis o bem, serieis felizes como eles? - R. Não me perguntaria melhor; mas é difícil fazer o bem.

16. Talvez seja difícil para vós, mas isso não é impossível. Compreendeis que a prece pode ter uma grande influência para a vossa melhoria? - R. Eu não digo não; refletirei sobre isso. Chamai-me algumas vezes.

Nota. Este Espírito, como se vê, não desmente o seu caráter; entretanto, se mostrou menos recalcitrante sobre o fim, o que prova que não é inteiramente inacessível ao raciocínio. Ele tem, pois, nele o recurso, mas seria necessário, para dominá-lo inteiramente, um concurso de vontades que não existe. Isto deve ser um ensinamento para as pessoas que poderiam se encontrar num caso análogo.

Este Espírito, sem dúvida, é muito mau, e pertence à escória do mundo Espírita; mas se pode dizer que ele é brutalmente mau, e entre semelhantes seres há mais recursos do que entre aqueles que são hipócritas; são seguramente menos perigosos do que os Espíritos fascinadores que, com a ajuda de uma certa dose de inteligência e de uma falsa aparência de virtude, sabem inspirar, a certas pessoas, uma cega confiança em suas palavras; confiança da qual cedo ou tarde serão vítimas, porque esses Espíritos nunca agem tendo em vista o bem: Eles têm sempre um pensamento dissimulado. O *Livro dos Médiuns* terá por resultado, nós o esperamos, pôr-se em guarda contra tais sugestões, do que, seguramente, não nos serão agradecidos; mas, como se pensa bem, pouco nos inquietamos com a sua má vontade, quanto com a dos *Espíritos encarnados* que excitarão contra nós. Os maus Espíritos, não mais que os homens, não vêem com prazer aqueles que, desmascarando as suas torpezas, lhes tiram os meios de causar dano.

Ensinarmento espontâneo dos Espíritos

Revista Espírita, janeiro de 1861

Ditados obtidos ou lidos na Sociedade por diversos Médiuns.

Os três tipos

(Médium Sr. Alfred Didier)

Há no mundo três tipos que serão eternos; esses três tipos, grandes homens os pintaram tais quais foram em seu tempo, e adivinharam que existiriam sempre. Esses três tipos são primeiro *Hamlet*, que ele mesmo disse: *To be or not be, that is the question*; depois *Tartufo*, que resmungava preces, e que além do mais, medita o mal; depois *Don Juan*, que disse a todos: Eu não creio em nada. Molière encontrou, só ele, dois desses tipos; ele enfraqueceu *Tartufo* e fulminou *Don Juan*. O homem, sem a verdade, está na dúvida como *Hamlet*, sem consciência como *Tartufo*, sem coração como *Don Juan*. *Hamlet* está na dúvida, é verdade, mas procura, é infeliz, a incredulidade acabrunha, suas mais suaves ilusões se afastam dia-a-dia, e esse ideal, essa verdade que ele persegue, cai no abismo como *Ofélia* e não está jamais perdida para ele; então se torna louco, e morre em desespero; mas Deus lhe perdoará, porque teve coração, amou, e foi o mundo que lhe arrebatou aquilo que ele queria conservar.

Os dois outros tipos são atrozes, porque são egoístas e hipócritas, cada um em seu gênero. *Tartufo* toma a mascarada virtude, o que o torna odioso; *Don Juan* não crê em nada, nem mesmo em Deus; não crê senão nele. Jamais vos pareceu ver nesse emblema famoso de *Don Juan* e da estátua do Comendador não vos pareceu nunca, digo eu, ver o ceticismo em face das mesas girantes? O Espírito humano corrompido diante da mais brutal manifestação? O mundo nisso não viu, até o presente, senão uma figura inteiramente humana; credes que não falta nisso ver e penetrar mais? Quanto o gênio inimitável de Molière não teve nesta obra o sentimento do bom senso sobre os fatos espirituais, como sempre para os defeitos deste mundo!

Gérard de Nerval

Cazotte

(Médium Sr. Alfred Didier)

É curioso ver surgir, no meio do materialismo, uma reunião de homens de boa fé para propagar o Espiritismo. Sim, é no meio das mais profundas trevas que Deus lança a luz, e é no momento em que ele mais se esquece, que se mostra o melhor; semelhante ao ladrão sublime, do qual fala o Evangelho, quem virá julgar o mundo no momento em que nisso menos se pensará. Mas Deus não vem a vós para vos surpreender; ele vem, ao contrário, vos

prevenir que essa grande surpresa, que deve se apoderar dos homens na morte, deve ser, para eles, funesta ou feliz. Foi para o meio de uma sociedade corrompida que Deus me enviou. Graças à clarividência, algumas dessas revelações, que pareciam tão maravilhosas no meu tempo, parecem hoje todas naturais. Todas essas lembranças não são mais do que sonhos para mim, e, Deus seja louvado! O despertar não foi penoso. O Espiritismo nasceu, ou antes, ressuscitou em vossa época; o magnetismo era de meu tempo. Crede que as grandes luzes precedem de grandes clarões.

O autor do *Diabo amoroso* vos lembra que já teve a honra de conversar conosco, e será feliz em continuar as suas relações amigáveis.

CAZOTTE

Na sessão seguinte, as perguntas adiante foram dirigidas ao Espírito de Cazotte: Tivestes a cortesia, vindo espontaneamente na última vez, de nos dizer que retornaríeis de boa vontade. Aproveitamos esse oferecimento para vos dirigir algumas perguntas, se o consentis.

1º A história da famosa ceia em que predissestes a sorte que

esperava cada convidado é inteiramente verdadeira? - R. Ela é verdadeira nesse sentido de que essa predição não foi feita numa única noite, mas em muitos repastos, no fim dos quais eu me alegrava metendo medo em meus amáveis convidados com sinistras revelações.

2º Conhecemos os efeitos da segunda vista, e compreendemos que, dotado desta faculdade, poderíeis ver coisas afastadas, mas passado esse momento, como pudestes ver coisas futuras, que não existiam ainda, e vê-las com precisão? Quereis nos dizer, ao mesmo tempo, como essa previsão vos foi dada? Falastes simplesmente como inspirado, sem nada a ver, ou bem o quadro dos acontecimentos anunciados por vós estava presente como uma imagem? Sede bastante bom para nos descrever isso o melhor possível para a nossa instrução. - R. Há na razão do homem um instinto moral que o leva a predizer certos acontecimentos. Eu era dotado, é verdade, de uma clarividência bastante grande, mas sempre humana, sobre os acontecimentos que se efetuavam; mas crede que o bom senso, ou julgamento sadio das coisas deste mundo, possa vos detalhar, muitos anos antes, tal ou tal circunstância? Não; à minha sagacidade natural juntava-se uma qualidade sobrenatural: A segunda vista. Quando eu revelava, às pessoas que me cercavam, os abalos terríveis que teriam lugar, eu falava evidentemente como um homem de senso e de lógica; mas quando, dessas circunstâncias vagas e gerais, eu via os pequenos detalhes, quando via visivelmente tal ou tal vítima, era então que não falava mais unicamente como um homem dotado, mas como um homem inspirado.

3º Independentemente desse fato, tivestes, durante a vossa vida, outros exemplos de previsões? - Sim; elas eram todas mais ou menos sobre esse assunto; mas, por passatempo, eu estudava as ciências ocultas, e me ocupei muito com o magnetismo.

4º Essa faculdade de previsão vos seguiu no mundo dos Espíritos? Quer dizer, depois de vossa morte, prevíeis ainda certos acontecimentos? - R. Sim, esse dom me ficou muito mais puro.

Nota. Poder-se-ia ver aqui uma contradição com o princípio que se opõe à revelação do futuro. O futuro, com efeito, nos está oculto por uma lei muito sábia da Providência, porque esse conhecimento prejudicaria nosso livre arbítrio, e nos levaria a negligenciar o presente

pelo futuro; além do mais, pela nossa oposição, poderíamos entrar certos acontecimentos necessários à ordem geral; mas quando essa comunicação pode nos excitar a facilitar o cumprimento de uma coisa, Deus pode permitir a revelação nos limites assinados pela sua sabedoria.

A voz do anjo guardião

(Médium, senhorita Huet)

Todos os homens são médiuns; todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Agora que alguns comunicam diretamente com ele por uma mediunidade particular, que outros não ouvem senão pela voz do coração e da inteligência, pouco importa, não deixa de ser o seu Espírito familiar que os aconselha. Chama-o Espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à vossa alma e vos diz boas palavras; somente não as compreendeis sempre. Nem todos sabem agir segundo os conselhos dessa razão, mas não essa razão que se arrasta e rasteja antes que não caminhe, essa razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas essa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta para regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrebatava os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não pode compreender, mas que aproxima o homem da divindade, mais do que nenhuma outra criatura; entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido, e fá-lo executar as coisas mais sublimes. Escutai, pois, essa voz do interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo guardião que vos estende as mãos do alto do céu.

CHANNING

O coquetismo

(Médium, senhora Costel)

Hoje nos ocuparemos do coquetismo. feminino, que é o inimigo do amor: ele o mata ou o diminui, o que é pior. A mulher coquete se parece a um pássaro na gaiola que, pelos seus cantos, atrai outros pássaros para junto de si. Ela atrai os homens que batem seus corações contra as barras que a prendem. Lastimemo-la mais do que a eles; tornada cativa pela estreiteza de suas idéias e pela secura de seu coração, ela espezinha na obscuridade de sua consciência, não podendo jamais ver brilhar o sol do amor que não irradia senão para as almas generosas e devotadas. É mais difícil de sentir o amor do que de inspirá-lo, e todos, entretanto, se inquietam e remexem o coração desejoso sem examinar, primeiro, se o seu possui o tesouro cobiçado. Não, o amor que é a sensualidade do amor próprio, não é amor mais do que coquetismo não é a sedução para uma alma elevada. Tem-se razão em censurar e cercar de dificuldades essas frágeis ligações, vergonhosa permuta de vaidade, de misérias de toda sorte; o amor permanece estranho a essas coisas; não mais que o raio ele não é enlameado pelo estrume que clareia. Insensatas são as mulheres que não compreendem que sua beleza, sua virtude, é o amor em seu abandono, em seu esquecimento dos interesses pessoais, e transmigração da alma que se entrega inteiramente ao ser amado. Deus bendiz a mulher que carregou o jugo do amor, e repele aquela que faz, desse precioso sentimento, um troféu para a sua vaidade, uma distração para a sua ociosidade, ou chama carnal que consome o corpo deixando o coração vazio.

GEORGES

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Fevereiro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Senhor Squire, médium](#)
- [Penúria dos médiuns](#)
- [Carta sobre a incredulidade, pelo Sr. Canu \(continuação e fim\)](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [O suicídio de um ateu](#)
- [Perguntas e problemas diversos](#)
- Ensino dos Espíritos
 - [O ano de 1860](#)
 - [O ano de 1861](#)
 - [Comentário sobre o ditado publicado sob o título de: *O Despertar do Espírito*](#)
 - [Os três tipos, por Gérard de Nerval \(continuação\)](#)
 - [A harmonia](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, fevereiro de 1861

(Extrato das Atas.)

Sexta-feira, 21 dezembro de 1860. (Sessão particular.)

Admissão de dois novos sócios.

Relatórios diversos. 1º. Leitura de várias comunicações obtidas fora das sessões.

2º O Sr. Allan Kardec leu uma carta de Bordeaux, na qual se propõe a evocação de uma senhorita M. H..., falecida recentemente. A Sociedade, consultada, pensa que não deve se ocupar com essa evocação.

Trabalhos da sessão. 1º Ditado espontâneo, assinado por Lázaro, obtido pela senhora Gostei. - Outro, assinado Gérard de Nerval, obtido pelo Sr. A. Didier. O Espírito desenvolve a proposição na qual se baseou na comunicação dos *Três tipos*. Hamlet, Don Juan e Tartufo, de 14 de dezembro. Desenvolve o tipo Hamlet. A pedido que lhe foi feito, dá a sua apreciação sobre Lafontaine. - Outra, assinada por Torquato Tasso, pela senhorita H... O Espírito dá igualmente a sua apreciação sobre Lafontaine.

2º Evocação de lady Esther Stanhope, que passou a maior parte de sua vida nas colinas do Líbano, no meio das populações árabes, que lhe deram o título de rainha de Palmyre.

Sexta-feira, 28 de dezembro de 1860. (Sessão geral.)

Relatório diversos. 1º Leitura de várias comunicações obtidas fora das sessões, entre outras um conto fantástico assinado por Hoffmann, pela senhora Gostei, e a evocação de um negro, feita em Nova Orleans, pela senhora de B... Ela é notável pela simplicidade das idéias, e a reprodução da linguagem usada entre os negros.

2º Carta da senhora T. D..., de Cracóvia, que constata os pró-

gressos do Espiritismo na Polônia, na Podólia e na Ucrânia. Essa senhora é Médiun desde os sete anos; ela junta à sua carta quatro comunicações que atestam a bondade e a superioridade do Espírito que as fez, e pede, em outra, para fazer parte da Sociedade.

3º O Sr. Allan Kardec dirige aos Espíritos a locução seguinte, para agradecer-lhes o seu concurso durante o ano que vem de se escoar:

"Não queremos terminar o ano sem dirigir os nossos agradecimentos aos bons Espíritos, que consentiram em nos instruir. Sobretudo, agradecemos a São Luís, o nosso presidente

espírita, cuja proteção foi tão evidente, sobre a Sociedade, que ele tomou sob o seu patrocínio, e que, nós o esperamos, consentirá em não-la continuar, pedindo-lhe nos inspirar, a todos, os sentimentos que possam disso nos tornar dignos. Agradecemos, igualmente, a todos aqueles que vieram espontaneamente nos dar os seus conselhos e as suas instruções, seja em nossas sessões, seja nas comunicações que dão, em particular, aos nossos Médiuns, e que nos foram transmitidas. Dentre eles, não poderíamos esquecer Lamennais, que ditou ao Sr. Didier páginas tão eloqüentes; Channing, Georges, cujas belas comunicações foram admiradas por todos os leitores da Revista; senhora Delphine de Girardin, Charles Nodier, Gérard de Nerval, Lázaro, Lê Tasse, Alfred de Musset, Rousseau, etc. O ano de 1860 foi eminentemente próspero para as idéias espíritas; esperamos que, com o concurso dos bons Espíritos, o ano que vai se abrir não seja menos favorável. Quanto aos Espíritos sofredores que vieram, seja espontaneamente, seja a nosso chamado, continuaremos, pelas nossas preces, a chamar sobre eles a misericórdia de Deus, pedindo-lhe para sustentar aqueles que estão no caminho do arrependimento, e esclarecer aqueles que ainda estão no caminho tenebroso do mal."

Trabalhos da sessão. 1^o Ditado espontâneo sobre o ano de 1860, assinado por J.J. Rousseau, pela senhora Gostei. - Outro, assinado por Necker, pela senhorita H... - Outro, sobre o ano de 1861, assinado por São Luís.

2^o Evocação de lady Stanhope, Hoffmann, o negro de Nova Orleans.

3^o Questões diversas: Sobre a lembrança das existências anteriores em Júpiter; - Sobre diversas aparições que teve a sogra do Sr. Pr..., presente à sessão.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 1861. (Sessão particular.)

Admissão do Sr. W..., artista pintor.

Relatórios diversos. 1⁸ Carta do Sr. Kond..., médico (Vaucluse), que exprime o pesar de que, tudo o que é mencionado nas atas da Sociedade, não seja publicado integralmente na Revista.

"Os partidários do Espiritismo, disse ele, que não podem assistir às sessões, desconhecem as questões que são estudadas e resolvidas nessa assembléia científica. Todos os meses esperamos com impaciência febril a chegada da Revista; quando a temos, não perdemos um minuto, a fim de lê-la; nós a lemos e relemos, depois estudamos com tristeza uma multidão de perguntas das quais jamais tivemos a solução." Ele pergunta se não haveria meio de se remediar este inconveniente.

A senhora Costel disse ter recebido cartas no mesmo sentido.

Isto prova, disse o Sr. Allan Kardec, uma coisa da qual devemos estar satisfeitos, que é o valor que se dá aos trabalhos da Sociedade, e o crédito que ela goza entre os verdadeiros Espíritas. A publicação do extrato das atas mostra aos estranhos que ela não se ocupa senão de coisas graves e de estudos sérios; a consideração que ela adquiriu fora prende-se à sua moderação e ao seu caminhar prudente sobre um terreno novo, à ordem e à gravidade que presidem às suas reuniões, e ao caráter essencialmente moral e científico de seus trabalhos; é, pois, para ela um encorajamento para não se afastar de um caminho que lhe merece a estima, uma vez que do estrangeiro, mesmo da Polônia, escreveram para pedir dela fazer parte.

À reclamação especial, e muito lisonjeira para nós, do doutor K..., responderei primeiro que, para publicar integralmente tudo o que se faz e se discute na Sociedade, seriam necessários muitos volumes. Entre as evocações que nela são feitas, há muitas que, ou não respondem ao esperado, ou não oferecem um interesse bastante geral para serem publicadas; são conservadas nos arquivos para serem consultadas quando necessário, e o boletim se contenta em mencioná-las. Ocorre o mesmo com as comunicações espontâneas: não se publicam senão as mais instrutivas. Quanto às questões diversas e problemas morais, que têm freqüentemente um grande interesse, o doutor K... está em erro se pensa que os Espíritas de fora delas estejam privados. O que lhe dá essa opinião é que a grande quantidade de matérias, e a necessidade de coordená-las, permitem muito raramente publicar todas essas questões no número da Revista onde elas são mencionadas no boletim; mas, cedo ou tarde, nela encontram o seu lugar. Aliás, elas constituem um dos elementos essenciais das obras sobre o Espiritismo; foram aproveitadas em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* onde estão classificadas segundo o seu objeto, e nenhuma daquelas que são essenciais foi omitida. Que o Sr. K., e os outros Espíritas se tranqüilizem pois; se não podem, pela leitura da Revista, assistir de longe às sessões da Sociedade, e delas não perder uma palavra, tudo o que ali é obtido de importante jamais é colocado sob o alqueire. Todavia, a Revista se esforçará por corresponder, tanto quanto possível, ao desejo expresso pelo honroso correspondente.

2º O Sr. Allan Kardec assinala, segundo o relato de um negociante de Nova York, presente à sessão, o progresso que fez, nos Estados Unidos do Norte, os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*. Esse livro foi ali traduzido para o inglês em fragmentos, e a doutrina da reencarnação lá conta agora com numerosos partidários.

3º Leitura de uma graciosa e encantadora comunicação, no velho estilo da Idade Média, obtida pela senhorita S... - Outra, sobre a imaterialidade dos Espíritos, pela senhora Gostei.

Trabalhos da sessão. - 1º Observação crítica sobre o ditado feito, na última sessão, pelo Espírito de Necker. O Espírito da senhora de Stael se manifesta espontaneamente e justifica, explicando-lhes o sentido, as palavras de seu pai.

2º Evocação de Leão X, que se manifestou espontaneamente no dia 14 de dezembro. Respondendo a várias perguntas que lhe foram feitas, explica e desenvolve as suas idéias sobre o caráter comparado dos Americanos, dos Franceses e dos Ingleses; a maneira de ver desses povos com respeito ao Espiritismo; os progressos inevitáveis desta doutrina, etc.

3º Diálogo espontâneo entre o Monsenhor Sibour e o seu assassino.

4º Perguntas dirigidas a São Luís sobre o negro evocado em 28 de dezembro, seu caráter e a sua origem.

5º Evocação da senhorita J.B., por sua mãe presente à sessão. Esta comunicação, de um interesse todo privado, oferece uma pintura tocante da afeição que certos Espíritos conservam por aqueles que amaram sobre a Terra.

Senhor Squire, médium

Revista Espírita, fevereiro de 1861

Vários jornais falaram, com mais ou menos zombaria, segundo o seu hábito, desse novo médium, compatriota do Sr. Home, sob cuja influência se produzem tantos fenômenos de uma ordem, de alguma sorte excepcional. Eles têm isto de particular, que os efeitos não ocorrem senão na mais profunda obscuridade, circunstância que os incrédulos não deixam de alegar. O Sr. Home, como se sabe, produzia fenômenos muito variados, dos quais o mais notável era, sem contradita, o das aparições tangíveis; deles demos conta detalhada na *Revista Espírita* do mês de fevereiro, março e abril de 1858. O Sr. Squire delas não produziu senão duas, ou, melhor dizendo, senão uma com certas variantes, mas que não as faz menos dignas de atenção. Sendo a obscuridade uma condição essencial para a obtenção do fenômeno, vale, não é preciso dizer, que se tome todas as precauções necessárias para se assegurar da realidade. Eis em que consiste:

O Sr. Squire se coloca diante de uma mesa, pesando 35 a 40 quilogramas, semelhante a uma forte mesa de cozinha; amarram-lhe solidamente as duas pernas juntas, a fim de que não possa delas se servir, e, nessa mesma posição, a sua força muscular, se para isso tivesse recurso, seria consideravelmente paralisada. Uma outra pessoa, qualquer uma, a mais incrédula que se queira, toma-lhe a mão, de maneira a não lhe deixar livre senão uma delas. Ele coloca, então, esta sobre a borda da mesa; assim estando, apagam-se as luzes, e no mesmo instante a mesa se ergue. Passa por cima de sua cabeça e vai cair atrás de si, com os pés para o ar, sobre um diva ou almofadas dispostas para recebê-la, a fim de que ela não se quebre na sua queda; produzido o efeito, retorna-se imediatamente a luz: é um negócio de alguns segundos. Ele pode repetir a experiência tantas vezes quanto queira na mesma sessão.

Uma variedade desse fenômeno é esta: uma pessoa se coloca ao lado do Sr. Squire; estando a mesa levantada, e derrubada como se acaba de dizer, em lugar de cair para trás, se coloca com o tampo, e em equilíbrio, sobre a cabeça da pessoa, que não sente senão uma ligeira pressão; mas, apenas a luz venha a atingir a mesa, esta pesa com todo o seu peso e cairia se duas outras pessoas não estivessem ali prontas para recebê-la e sustentá-la pelas duas extremidades.

Tal é em substância e em sua maior simplicidade, sem ênfases e sem reticências, o relato desses fatos singulares que nós tomamos à *La Patrie*, de 23 de dezembro de 1860, e que temos igualmente um grande número de testemunhas, porque confessamos não tê-las visto mais; mas a honradez daqueles que no-los narraram não nos deixam nenhuma dúvida sobre a sua exatidão. Temos um outro motivo, mais poderoso talvez, para lhe acrescentar fé, e é que a teoria disso nos demonstrou a possibilidade: ora, nada é próprio para assentar uma convicção como dela se dar conta; nada provoca dúvida como de dizer: eu vi, mas não compreendi. Tentemos, pois, fazer compreender.

Comecemos primeiro por levantar algumas objeções prejudiciais. A primeira, que vem bastante naturalmente ao pensamento, é que o Sr. Squire emprega algum meio secreto, de outro modo dito, que ele é um hábil prestidigitador; ou bem, como dizem cruamente as pessoas que não se prendem a passar por polidas, que é um charlatão. Uma única palavra responde a essa suposição, é que o Sr. Squire veio a Paris como simples turista, não tira nenhum proveito de sua estranha faculdade; ora, como não há charlatães desinteressados, é

para nós a melhor garantia de sinceridade. Se o Sr. Squire desse sessões a tanto por lugar, se estivesse movido por um interesse qualquer, acharíamos todas as suspeitas perfeitamente legítimas; não temos a honra de conhecê-lo, mas temos de pessoas dignas de toda a nossa confiança, que o conhecem particularmente há vários anos, que é um homem dos mais honrados, de um caráter brando e benevolente, um distinto literato, que escreve em vários jornais da América. A crítica raramente leva em conta o caráter das pessoas e o móvel que as faz agir; injustamente, porque é seguramente uma base essencial de apreciação; e é caso onde a acusação de fraude é não somente uma ofensa, mas uma falta de lógica.

Isto posto, e descartada toda suposição de meios fraudulentos, resta saber se o fenômeno poderia se produzir com a ajuda da força muscular. Essa tentativa foi feita por homens dotados de uma força excepcional, e todos reconheceram a impossibilidade absoluta de levantar essa mesa com uma mão, e ainda menos de fazê-la piruetar no ar; acrescentamos que a compleição física do Sr. Squire não saberia se aliar com uma força hercúlea. Uma vez que o emprego da força física é impossível, que um exame escrupuloso garante contra o uso de qualquer meio mecânico, é necessário bem admitir a ação de uma força sobre-humana. Todo efeito tem uma causa; se a causa não está na humanidade, é preciso, necessariamente, que esteja fora da humanidade, de outro modo dito, na intervenção dos seres invisíveis que nos cercam, quer dizer, dos Espíritos.

Para os Espíritos, o fenômeno produzido pelo Sr. Squire nada tem de novo, senão a forma segundo a qual ele se produz, mas quanto ao fundo, entra na categoria de todos os outros fenômenos conhecidos de levantamento e de deslocamento de objetos, com ou sem contato, de suspensão de corpos pesados no espaço; tem o seu princípio no fenômeno elementar das mesas girantes, cuja teoria completa se encontra em nossa nova obra: *O Livro dos Médiuns*. Quem quer que tenha bem meditado nessa teoria, poderá facilmente se explicar o efeito produzido pelo Sr. Squire; porque, certamente, o fato de uma mesa que, sem o contato de nenhuma pessoa, se destaca do solo, se ergue e se mantém no espaço sem ponto de apoio, é mais extraordinário ainda; podendo-se disso dar-se conta, explicar-se-á muito mais facilmente o outro fenômeno.

Em tudo isso, dir-se-á, o que prova a intervenção dos Espíritos? Se os efeitos fossem puramente mecânicos, nada, é verdade, provaria essa intenção, e bastaria recorrer à hipótese de um fluido elétrico ou outro; mas, do momento em que um efeito é inteligente, deve ter uma causa inteligente: ora, é pelos sinais de inteligência desses efeitos que se reconheceu que sua causa não é exclusivamente material. Falamos de efeitos espíritos em geral, porque há aqueles cujo caráter inteligente é quase nulo, e é o caso do Sr. Squire. Poder-se-ia, pois, supô-lo dotado, à maneira de certas pessoas, de uma força elétrica natural; mas não sabíamos que a luz haja sido um obstáculo à ação da eletricidade ou do fluido magnético. De um outro lado, o exame atento das circunstâncias do fenômeno exclui essa suposição, ao passo que a sua analogia com aqueles que não podem ser produzidos senão pela intervenção de inteligências ocultas é manifesto; é, pois, mais racional alinhá-lo entre estes últimos. Resta a saber como o Espírito, ou o ser invisível, nele se prende para agir sobre a matéria inerte.

Quando uma mesa se move, não é o Espírito que a prende com as mãos e a ergue com a força do braço, pela razão muito simples que, embora tenha um corpo como nós, esse é corpo fluídico e não pode exercer uma ação muscular propriamente dita. Ele satura a mesa com o seu próprio fluido, combinado com o fluido *animalizado* do médium; por esse meio, a mesa é momentaneamente animada de uma vida factícia; ela obedece então à vontade, como o faria um ser vivo; exprime, pelos seus movimentos, a alegria, a cólera e os diversos sentimentos do Espírito que dela se serve; não é ela que pensa, ela não é alegre nem colérica; não é o Espírito que se incorpora nela, porque ele não se metamorfoseia em mesa;

ela não é para ele senão um instrumento dócil, obedecendo à sua vontade, como o bastão que um homem agita e com o qual exprime a ameaça ou diversos sinais. O bastão, nesse caso, é sustentado pelos músculos; mas a mesa, não podendo ser posta em movimento pelos músculos do Espírito, este a agita com o seu próprio fluido que lhe tem o lugar da força muscular. Tal é o princípio fundamental de todos os movimentos em semelhante caso.

Uma questão, mais difícil à primeira vista, é esta: como um corpo pesado pode se destacar do solo e se manter no espaço, contrariando a lei da gravidade? Para disso nos darmos conta, basta nos reportarmos ao que se passa diariamente sob os nossos olhos. Sabe-se que é necessário distinguir, num corpo sólido, o peso da gravidade; o peso é sempre o mesmo, depende da soma das moléculas; a gravidade varia em razão da densidade do meio; por isso, um corpo pesa menos na água do que no ar, e ainda menos no mercúrio. Suponhamos que um quarto, sobre o solo do qual repousa uma mesa pesada, seja de repente cheio de água, a mesa erguerá por si mesma, ou pelo menos, um homem, mesmo uma criança, a erguerá sem esforço. Outra comparação: Que se faça o vácuo sob a campânula pneumática, e num instante o ar de debaixo não fazendo mais equilíbrio com a coluna atmosférica, a campânula adquire um peso tal que o homem mais forte não pode levantá-la; e, todavia, se bem que nem a mesa e nem a campânula ganharam ou perderam um átomo de sua substância, seu peso relativo aumentou ou diminuiu em razão do meio, quer esse meio seja um líquido ou um fluido.

Conhecemos todos os fluidos da Natureza, ou mesmo todas as propriedades daqueles que conhecemos? Seria necessário ser bem presunçoso para crê-lo. Os exemplos que acabamos de citar são comparações: não dizemos semelhanças; é unicamente para mostrar que os fenômenos espíritos, que nos parecem tão estranhos, não o são mais do que aqueles que acabamos de citar, e que podem se explicar, se não pelas mesmas causas, pelo menos por causas análogas. Com efeito, eis uma mesa que perde evidentemente de seu peso aparente em um momento dado, e que, em outra circunstância, adquire um aumento de peso, e esse fato não pode se explicar pelas leis conhecidas; mas como ele se renova, isso prova que está submetido a uma lei que, por ser desconhecida, não existe menos. Qual é essa lei? Os Espíritos a dão; mas na falta da explicação dada por eles, pode-se deduzi-la por analogia, sem recorrer a causas miraculosas ou sobrenaturais.

O fluido universal, assim como o chamam os Espíritos, é o veículo e o agente de todos os fenômenos espíritos; sabe-se que os Espíritos podem modificar-lhe as propriedades segundo as circunstâncias; que é o elemento constitutivo do perispírito, ou envoltório semi-material do Espírito; que, neste último estado, ele pode adquirir a visibilidade e mesmo a tangibilidade; é, pois, irracional admitir que um Espírito, num momento dado, possa envolver um corpo sólido numa atmosfera fluídica, cujas propriedades modificadas em consequência, produzissem, sobre esse corpo, o efeito de um meio mais denso ou mais raro? Nesta hipótese, o levantamento tão fácil de uma pesada mesa pelo Sr. Squire se explica muito naturalmente, assim como todos os fenômenos análogos.

A necessidade da obscuridade é mais embaraçosa. Por que o efeito cessa ao menor contato da luz? O fluido luminoso exerce aqui uma ação mecânica qualquer? Isso não é provável porque fatos do mesmo gênero se produzem perfeitamente à luz do dia. Não se pode atribuir essas singularidades senão à natureza toda especial dos Espíritos que se manifestam por esse médium. Por que por esse médium antes que por outros? Está ainda aí um desses mistérios que só podem penetrar aqueles que estão identificados com os fenômenos tão numerosos e, freqüentemente, tão bizarros do mundo dos invisíveis; só eles podem compreender as simpatias e as antipatias que existem entre os mortos e os vivos.

A que ordem pertencem esses Espíritos? São bons ou maus? Sabemos que machucamos certos amores-próprios terrestres, depreciando o valor dos Espíritos que produzem manifestações físicas; criticaram-nos fortemente por tê-los qualificado de saltimbancos do mundo invisível; para a nossa desculpa, diremos que a palavra não é nossa, mas dos próprios Espíritos; nós lhes pediremos bem perdão, mas não poderá jamais entrar em nosso pensamento que Espíritos elevados venham se divertir fazendo exhibições ou outras coisas desse gênero, não mais do que não venha a nos fazer crer que os palhaços, os hérules, os dançarinos de corda e os balladins da praça pública sejam os membros do Instituto. Quem quer que conheça a hierarquia dos Espíritos e sabe que os há de todos os graus de inteligência e de moralidade, e que nelas se encontram tanto mais variedades de aptidão e de caráter do que entre os homens, o que não é de se admirar, uma vez que os Espíritos não são outras coisas que as almas daqueles que viveram; ora, até que provem o contrário, nos permitimos duvidar que Espíritos tais como de Pascal, de Bossuet ou outros, mesmo menos elevados, se coloque às nossas ordens para fazer torneios ou voltear mesas e divertir um círculo de curiosos; pedimos àqueles que pensam de outro modo, se crêem que, depois de sua morte, se resignariam de boa vontade para esse papel de exhibição. Há mesmo, entre aqueles que estão às ordens do Sr. Squire, uma servilidade incompatível com a menor superioridade intelectual, de onde concluímos que devem pertencem às classes inferiores, o que não quer dizer que sejam maus; pode-se ser muito bom e muito honesto sem saber ler e nem escrever. Os maus Espíritos são geralmente indóceis, coléricos, e se alegram em fazer o mal; ora, não lembramos que aqueles do Sr. Squire lhe tenham pregado uma peça; eles lhe obedecem com uma docilidade pacífica que exclui toda suposição de malevolência; mas não estão, por isso, aptos a darem dissertações filosóficas. Cremos o Sr. Squire homem de muito bom senso para se formalizar dessa apreciação. Essa sujeição dos Espíritos que o assistem fez com que um dos nossos colegas dissesse que, provavelmente, tinham se conhecido em uma outra existência, onde o Sr. Squire teria exercido sobre eles uma grande autoridade, e que conservam para com ele, na sua existência presente, uma obediência passiva. De resto, não é preciso confundir os Espíritos que se ocupam de efeitos físicos, propriamente ditos, e que se designam mais especialmente sob o nome de Espíritos batedores com aqueles que se comunicam por pancadas; sendo este último meio uma linguagem, talvez empregada pelos Espíritos de todas as ordens como a escrita.

Como dissemos, vimos muitas pessoas que assistiram às experiências do Sr. Squire; mas, entre aquelas que não estavam já iniciadas na ciência espírita, muitas delas saíram muito pouco convencidas, tanto é verdade que só a visão dos efeitos mais extraordinários não basta para levar à convicção; depois de terem ouvido as explicações que lhes demos, sua maneira de ver foi toda diferente. Seguramente, não damos essa teoria como a última palavra, a solução definitiva; mas na falta de poder explicar esses fatos pelas leis conhecidas, se convirá que o sistema que emitimos não está privado do verossímil; admitamo-lo, querendo-se, a título de simples hipótese, e, quando se der uma solução melhor, seremos um dos primeiros a aceitá-la.

Penúria dos médiuns

Revista Espírita, fevereiro de 1861

Embora aparecido há pouco tempo, *O Livro dos Médiuns* já provoca, em várias localidades, o desejo de formar reuniões espíritas íntimas como aconselhamos fazê-lo; mas nos escrevem que estão detidos pela penúria de médiuns; por isso cremos dever dar alguns conselhos sobre os meios de supri-la.

Um médium, e sobretudo um bom médium, sem contradita, é um dos elementos essenciais de toda assembléia que se ocupa de Espiritismo, mas estar-se-ia em erro crendo-se que, na sua falta, não há nada a fazer senão cruzar os braços ou suspender a sessão. Não partilhamos de nenhum modo a opinião de uma pessoa que comparou uma sessão espírita sem médium a um concerto sem músicos. Há, em nossa opinião, uma comparação muito mais justa, é a do Instituto, de todas as sociedades sábias, que sabem utilizar o seu tempo sem terem constantemente, diante deles, os meios de experimentação. Vai-se ao concerto para ouvir a música; é, pois, evidente que, se os músicos estão ausentes, faltou o objetivo; mas numa reunião se vai, ou pelo menos deve-se ir, para se instruir; a questão é saber se se pode fazê-lo sem médium. Seguramente, para aqueles que vão a essas espécies de reuniões com o único objetivo de ver os efeitos, o médium é tão indispensável quanto o músico no concerto; mas para aqueles que procuram, antes de tudo, a instrução, que querem aprofundar as diversas partes da ciência, na falta do instrumento experimentador, têm mais de um meio para supri-lo, é o que vamos tentar explicar.

Diremos primeiro que se os médiuns são comuns, os bons médiuns, na verdadeira acepção da palavra, são raros. A experiência prova, cada dia, que não basta possuir a faculdade mediúnica para ter boas comunicações; vale mais, pois, abster-se de um instrumento do que tê-lo defeituoso. Certamente para aqueles que, nas comunicações, procuram mais o fato do que a qualidade, e que o assistem mais para se distraírem do que para se esclarecerem, a escolha do médium é bastante indiferente, e aquele que produzir o mais será o mais interessante; mas nós falamos daqueles que têm um objetivo mais sério e vêem mais longe; é a estes que nos dirigimos, porque estamos certos de sermos por eles compreendidos.

Por outro lado, os melhores médiuns estão sujeitos a intermitências mais ou menos longas, durante as quais há suspensão, total ou parcial, da faculdade medianímica, sem falar das numerosas causas acidentais que podem, momentaneamente, privar de seu concurso. Acrescentamos igualmente que os médiuns completamente flexíveis, aqueles que se prestam a todos os gêneros de comunicações, são mais raros ainda; têm geralmente aptidões especiais das quais importa não desviá-los. Vê-se, pois, que, a menos que possam ser substituídos, isso pode ocorrer, no momento em que menos se espera, e seria deplorável que, em semelhante caso, se estivesse obrigado a interromper os trabalhos.

O ensino fundamental que se vem procurar nas reuniões espíritas sérias, sem dúvida, é dado pelos Espíritos; mas que fruto um aluno retiraria das lições do mais hábil professor se, de sua parte, não trabalhasse, se não meditasse sobre o que ouviu? Que progressos faria a sua inteligência se tivesse constantemente o mestre ao seu lado para lhe preparar o seu trabalho, e poupar-lhe a pena de pensar? Nas assembléias espíritas os Espíritos preenchem dois papéis: uns são os professores que desenvolvem os princípios da ciência, elucidam os pontos duvidosos, ensinam sobretudo as leis da verdadeira moral; os outros são os sujeitos de

observação e de estudo, que servem de aplicação; dada a lição, sua tarefa termina e a nossa começa: é a de trabalhar sobre o que nos foi ensinado, a fim de melhor apreender, de melhor agarrar-lhe o sentido e a importância. É a fim de nos deixar o ócio de fazer o nosso dever (que se nos perdoe esta comparação clássica) que os Espíritos suspendem, algumas vezes, as comunicações. Eles querem bem nos instruir, mas com uma condição, que os secundemos pelos nossos esforços; deixam de repetir, sem cessar, a mesma coisa inutilmente; se não são escutados, eles se retiram para dar o tempo de reflexão.

Na ausência de médiuns, uma reunião que se propõe outra coisa além de ver manobrar um lápis, tem mil meios de utilizar o seu tempo de maneira proveitosa. Limitamo-nos a indicar, sumariamente, alguns:

1º Rer e comentar as antigas comunicações, das quais um estudo mais aprofundado fará melhor apreciar o valor.

Objetando-se que isso seria uma ocupação fastidiosa e monótona, diríamos que não se deixe de ouvir um belo trecho de música e poesia; que depois de ter escutado um eloquente sermão, gostar-se-ia de poder lê-lo maduramente e com reflexão; que há certas obras que são relidas vinte vezes, porque cada vez nela se descobre alguma coisa de novo. Aquele que não é tocado senão pelas palavras, se aborrece de ouvir somente duas vezes a mesma coisa, fosse ela sublime; necessita de algo novo para interessá-lo, ou melhor, para diverti-lo; aquele que pensa num sentido maior: está tocado pelas idéias mais do que pelas palavras; é porque gosta de ouvir ainda o que vai até o seu Espírito, sem se deter no ouvido.

2º Contar os fatos dos quais tem conhecimento, discuti-los, comentá-los, explicá-los pelas leis da ciência espírita; examinando-lhe a possibilidade ou a impossibilidade; ver o que têm de provável ou de exagero; ter em conta a imaginação e a superstição, etc.

3º Ler, comentar e desenvolver cada artigo de *O Livro dos Espíritos*, e de *O Livro dos Médiuns*, assim como todas as obras sobre o Espiritismo.

Pensamos que nos desculpem aqui citar as nossas próprias obras, o que é bastante natural uma vez que estão escritas para isso; de resto, não é de nossa parte senão uma indicação e não uma recomendação expressa; aqueles a quem não conviria, estão perfeitamente livres para deixá-las de lado. Longe de nós a pretensão de crer que não se possa fazer melhor e nem tão bem, cremos apenas que a ciência ali está, até este dia encarada de maneira mais completa do que em muitas outras, e que respondem a um maior número de perguntas e objeções; é a esse título que a recomendamos; quanto ao seu mérito intrínseco, só o futuro lhe será o grande juiz.

Daremos, um dia, um catálogo *lógico* das obras que trataram, direta ou indiretamente, da ciência espírita, na antigüidade e nos tempos modernos, na França ou no exterior, entre os autores sacros ou profanos, quando tivermos reunidos os elementos necessários. Esse trabalho é naturalmente muito longo, e estaríamos muito reconhecidos às pessoas que quisessem no-lo facilitar, fornecendo documentos e indicações.

4º Discutir os diferentes sistemas sobre a interpretação dos fenômenos espíritas. Recomendamos a esse respeito a obra do *Sr. de Mirville* e a do *Sr. Louis Figuier*, que são as mais importantes. O primeiro é rico em fatos do mais alto interesse e hauridos em fontes autênticas. Só a conclusão do autor é contestável, porque ele não vê por toda a parte senão demônios. É Verdade que o acaso o serviu segundo os seus gostos, colocando-lhe sobre os

olhos aqueles que poderiam melhor servi-lo, ao passo que lhes escondeu os inumeráveis fatos que a própria religião olha como a obra dos anjos e dos santos.

A história do maravilhoso nos tempos modernos, pelo Sr. Figuier, é interessante sob outro ponto de vista. Há também fatos longamente e minuciosamente narrados que aí se encontram, não se sabe bem porquê, mas que é bom conhecer. Quanto aos fenômenos espíritas, propriamente ditos, ocupa a parte menos considerável de seus quatro volumes. Ao passo que o Sr. de Mirville explica tudo pelo diabo, que outros explicam tudo pelos anjos, o Sr. Figuier, que não crê nem nos diabos, nem nos anjos, nem nos Espíritos bons ou maus, explica tudo, ou crê tudo explicar, pelo organismo humano. O Sr. Figuier é um sábio; ele escreve seriamente, e se apoia sobre o testemunho de *alguns* sábios; pode-se, pois, olhar-se o livro como a última palavra da ciência oficial sobre o Espiritismo, e essa palavra é: *A negação de todo princípio inteligente fora da matéria*. Estamos tristes de que a ciência seja posta a serviço de uma causa tão triste, ela, porém, não é disso responsável, ela que desvenda sem cessar as maravilhas da criação, e que escreve o nome de Deus sobre cada folha, sobre a asa de cada inseto; os culpados são aqueles que se esforçam em persuadir em seu nome de que, depois da morte, não há mais esperança.

Os Espíritas verão, pois, por esse livro, em que se reduzem os raios terríveis que devem aniquilar as suas crenças; aqueles que o medo de um fracasso poderia abalar, serão fortalecidos vendo a pobreza dos argumentos que lhe são opostos, as contradições sem número que resultam da ignorância e da falta de observação dos fatos. Sob esse aspecto, essa leitura pode lhe ser útil, não fosse senão para poder dele falar com mais conhecimento de causa, o que não o faz o autor a respeito do Espiritismo, que ele nega sem tê-lo estudado, pelo único motivo que ele nega toda força extra-humana. Não é de se temer o contágio de semelhantes idéias; elas carregam consigo o seu antídoto: a repulsa instintiva do homem pelo nada. Proibir um livro é provar que se o teme; nós convidamos a ler o do Sr. Figuier.

Se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios onde a raiva impotente se trai pela grosseria, Pela injúria e pela calúnia. Seria dar muita honra a semelhantes escritos, lê-los em reuniões sérias; nada têm a refutar, nem a discutir, por consequência, nada para aprender: não há senão que desprezá-los.

Vê-se, pois, que fora das instruções dadas pelos Espíritos, há ampla matéria para um trabalho útil; acrescentaremos mesmo que serão hauridas nesse trabalho numerosos elementos de estudo para submeter aos Espíritos, pelas perguntas às quais, inevitavelmente, darão lugar. Mas, se for preciso, pode-se suprir a ausência momentânea de médiuns, e seria errado disso induzir que se pode passar indefinidamente sem eles; não é preciso, pois, nada negligenciar para se proporcionar isso; o melhor, para uma reunião é tomá-los em seu próprio seio, e querendo-se bem reportar-se ao que dissemos, a esse respeito, em nossa última obra, páginas 306 e 307, ver-se-á que o meio é mais fácil do que se crê.

Carta sobre a incredulidade

Revista Espírita, fevereiro de 1861

(Continuação e fim. [Vede número de janeiro de 1861](#), página 15.)

Desde que o homem existe sobre a Terra, existem os Espíritos; e, desde então também, os Espíritos se manifestaram aos homens. A história e a tradição formigam de provas a esse respeito; mas, seja porque uns não compreendessem os fenômenos dessas manifestações, seja porque outros não ousassem divulgá-las, de medo da prisão ou da fogueira, seja que esses fatos fossem levados à conta da superstição ou do charlatanismo pelas pessoas muito prevenidas, ou que tinham interesse em que não se fizesse a luz; seja, enfim, porque fossem levadas à conta do demônio por uma outra classe de interesses, é certo que, até estes últimos tempos, esses fenômenos, embora bem constatados, não tinham ainda sido explicados de modo satisfatório, ou que, pelo menos, a verdadeira teoria não tinha ainda penetrado no domínio público, provavelmente porque a Humanidade ainda não estava madura para isso, como para muitas outras coisas maravilhosas que se cumprem em nossos dias. Estava reservado à nossa época ver eclodir, no mesmo meio século, o vapor, a eletricidade, o magnetismo animal, eu entendo, pelo menos, como ciências aplicadas, e, enfim, o Espiritismo, o mais maravilhoso de todos, quer dizer, não só a constatação material da nossa existência imaterial e da nossa imortalidade, mas ainda o estabelecimento de relações materiais, por assim dizer, e constantes entre o mundo invisível e nós. Quantas conseqüências incalculáveis não devem nascer de um acontecimento tão prodigioso! Mas, para não falar senão daquilo que, atualmente, mais impressiona a generalidade dos homens, da morte, por exemplo, não a vemos reduzida ao seu verdadeiro papel de acidente natural, necessário, eu diria mesmo feliz, e perdendo assim todo o seu caráter de acontecimento doloroso e terrível, uma vez que, para aquele que a suporta, ela é um momento do despertar; uma vez que, desde o dia seguinte da morte de um ser querido, nós outros que ficamos, podemos continuar as nossas relações íntimas no passado! Não há de mudança senão as nossas relações materiais; não o vemos mais, não o tocamos mais, não ouvimos mais a sua voz; mas nós continuamos a trocar com ele os nossos pensamentos, como quando vivo, e, freqüentemente, muito mais frutuosamente para nós. Que resta, depois disso, de tão doloroso! E, acrescentando-se, ao que precede, essa certeza de que não estamos mais separados dele senão por alguns anos, alguns meses, alguns dias talvez, tudo isso não é feito para transformar em um simples acontecimento útil aquele que, até hoje, com quase poucas exceções, os mais decididos não podiam encarar sem medo, e que, certamente, faz o tormento incessante de toda a existência de muitos homens? Mas eu me afastei do assunto.

Antes de te explicar a prática muito simples das comunicações, eu gostaria de tentar te dar uma idéia da teoria fisiológica que me foi dado fazer. Eu não tá dou por certa, porque não a vi ainda explicada pela ciência; mas me parece, pelo menos, que deve ser alguma coisa próxima disso.

O Espírito age sobre a matéria tanto mais facilmente quanto ela esteja disposta de um modo mais próprio para receber a sua ação, é por isso que não age diretamente sobre toda a espécie de matéria, mas poderia agir indiretamente, se se encontrasse, entre essa matéria e ele, certas substâncias de uma organização graduada que colocam os dois extremos em relação, quer dizer, a matéria mais bruta em relação com o Espírito. Assim é que o Espírito

de um homem vivo desloca blocos de pedras muito pesados, os configura, os coordena com outros e deles forma um todo que chama uma casa, uma coluna, uma igreja, um palácio, etc. Foi o homem-corpo que fez tudo isso? Quem ousaria dizê-lo?... Sim, foi ele que fez isso, como é uma pena que escreve esta carta; mas eu volto, porque me sinto ainda indo à deriva.

Como o Espírito se põe em relação com o pesado bloco que ele quer deslocar? Por meio da matéria escalonada entre ele e o bloco; a alavanca põe o bloco em relação com a mão; a mão põe a alavanca em relação com os músculos; os músculos colocam a mão em relação com os nervos; os nervos metem os músculos em relação com o cérebro, e o cérebro coloca os nervos em relação com o Espírito, a menos que não haja ainda uma matéria mais delicada, um fluido que coloca o cérebro em relação com o Espírito. Qualquer que seja, um intermediário de mais ou de menos, não infirma a teoria; que o Espírito agisse de primeira ou de segunda mão sobre o cérebro, trata-se sempre de muito perto; de sorte que, retomando a coloque em relação com o reverso, ou antes, em sua ordem natural, eis o Espírito agindo sobre uma matéria extremamente delicada, organizada pela sabedoria do Criador de maneira própria a receber diretamente, ou quase diretamente, a ação de sua vontade; essa matéria, que é o cérebro, age, por meio de suas ramificações que chamamos os nervos, sobre uma outra matéria menos delicada, mas que ainda bastante para receber a ação desta, e que são os músculos; os músculos imprimindo movimento à parte sólida que são os ossos do braço e da mão, enquanto que as outras partes do vigaento ósseo, recebendo a mesma ação servem de ponto de apoio ou escora. A parte óssea, quando não é ainda bastante forte por si mesma, ou bastante extensa para agir diretamente, multiplica a sua força com a ajuda da alavanca, e, eis o pesado bloco inerte, obedecendo docilmente à vontade do Espírito que, sem essa hierarquia intermediária, não teria nenhuma ação sobre ele.

Procedendo do mais para o menos, eis os menores fatos do Espírito explicados, do mesmo modo que procedendo no sentido contrário, vê-se como o Espírito pode chegar a transpor as montanhas, secar os lagos etc., e em tudo isso, o corpo desaparece quase no meio da multidão de instrumentos necessários, e entre os quais não faz senão desempenhar o primeiro papel.

Eu quero escrever uma carta; o que me é necessário fazer? Colocar uma folha de papel em relação com o meu Espírito, como ainda há pouco o colocava como bloco de pedra; substituo a alavanca pela pena e a coisa está feita. Eis a folha de papel repetindo o pensamento do meu Espírito, como ainda há pouco o movimento impresso ao bloco manifestava a sua vontade.

Se meu Espírito quer transmitir mais diretamente, mais instantaneamente, seu pensamento ao teu, e que nada a isso se oponha, tais como a distância ou a interposição de um corpo sólido, sempre por meio do cérebro e dos nervos, ele põe em movimento o órgão da voz que, ferindo o ar de diversas maneiras, produz certos sons variados e convencionados representando o pensamento, os quais vão repercutir em teu órgão auditivo que o transmite ao teu Espírito, por meio de teus nervos e de teu cérebro; é sempre o pensamento manifestado e transmitido por uma série de agentes materiais, graduados e interpostos entre seu princípio e seu objeto.

Se a teoria que precede é verdadeira, parece-me que nada é mais fácil agora senão explicar o fenômeno das manifestações espíritas, e particularmente da escrita mediúnica, a única que nos ocupa neste momento.

Sendo a substância física idêntica entre todos os Espíritos, seu modo de ação sobre a matéria deve ser o mesmo para todos; só o seu poder pode variar de graus. A matéria dos nervos

estando organizada de modo a poder receber a ação de um Espírito, não há razão para que ela não possa receber a ação de um outro Espírito, cuja natureza não difere da do primeiro; e uma vez que a substância de todos os Espíritos é da mesma natureza, todos os Espíritos devem estar aptos a exercer, não diria a mesma ação, mas o mesmo modo de ação sobre a mesma substância, todas as vezes que eles se colocam na medida de poder fazê-lo; ora, é o que acontece na evocação.

O que é a evocação?

É o ato pelo qual um Espírito, titular de um corpo, pede um outro Espírito, ou, muito simplesmente, lhe permite servir-se de seu próprio órgão, de seu próprio instrumento, para manifestar o seu pensamento ou a sua vontade.

O Espírito titular não abandona por isso o seu corpo, mas pode bem neutralizar, momentaneamente, sua própria ação sobre o órgão da transmissão, e deixá-la assim à disposição do outro que não pode, todavia, dele se servir senão quanto apraza ao primeiro permiti-lo, em virtude deste axioma do direito natural de que cada um deve ser senhor de si mesmo. Entretanto, é necessário dizer-lo bem, ocorre no Espiritismo, como nas sociedades humanas, que esse direito de propriedade não é sempre escrupulosamente respeitado pelos senhores Espíritos, e que mais de um médium se encontrou, mais de uma vez, muito surpreso por ter dado hospitalidade a hóspedes que não convidara e ainda menos desejara; mas está aí um dos mil pequenos desagradados da vida, que é necessário suportar, tanto mais que, na espécie, tem sempre um lado útil, não fosse senão com o fim de nos provar, ao mesmo tempo que são a prova mais manifesta da ação de um Espírito estranho sobre o nosso órgão, nos fazendo escrever coisas que estávamos longe de prever, ou que não estamos de nenhum modo ciosos de ouvir. Contudo, isso não ocorre aos médiuns senão em seu início; quando estão formados, isso não ocorre mais, ou, pelo menos, não se deixam mais prender nisso.

Cada um está apto para ser médium? Naturalmente isso deveria ser, em graus diferentes todavia, como com aptidões diversas; está aí a opinião do Sr. Kardec. Há médiuns escreventes, médiuns videntes, médiuns audientes, médiuns intuitivos, quer dizer, os Médiuns que escrevem, que são os mais numerosos e mais úteis; os médiuns que vêem os Espíritos; outros que os ouvem e conversam com eles como com os vivos: estes são raros; outros que recebem os pensamentos do Espírito evocado em seu cérebro, e os transmitem pela palavra. Um Médium possui raramente várias dessas faculdades ao mesmo tempo. Há ainda médiuns de um outro gênero, quer dizer, cuja presença somente em um lugar qualquer permite aos Espíritos aí se manifestarem, seja por um ruído, tais como as pancadas, seja pelo movimento dos corpos, tal qual o deslocamento de uma mesinha, o erguimento de uma cadeira, de uma mesa ou de qualquer outro objeto. Foi por esse meio que os Espíritos começaram a se manifestar e a revelar a sua existência. Ouviste falar das mesas girantes e da dança das mesas, disso riste e eu também; pois bem! Foram os primeiros meios que os Espíritos empregaram para atrair a atenção; foi assim que se reconheceu a sua presença; depois do que, com a ajuda da observação e do estudo, chegou-se a descobrir, nos homens, faculdades até então ignoradas, por meio das quais se pode entrar em comunicação direta com os Espíritos. Tudo isso não é maravilhoso? E, todavia, isso não é senão natural; somente, eu o repito, estava reservado à nossa época de fazer a descoberta e a aplicação dessa ciência, como de muitos outros segredos maravilhosos da Natureza.

Agora, para se pôr em relação com os Espíritos, ou pelo menos para ver se se está apto para fazê-lo pela escrita, toma-se uma folha de papel branco e um lápis que marque bem, colocando-se em posição de escrever. É sempre bom começar dirigindo uma prece a Deus,

depois evoca-se um Espírito, quer dizer, roga-se-lhe consentir em se comunicar conosco e nos fazer escrever; depois espera-se, sempre na mesma posição.

Há pessoas que têm a faculdade medianímica de tal modo desenvolvida, que escrevem tudo do início; outras, ao contrário, não vêem essa faculdade se desenvolver nelas senão com o tempo e a perseverança. Neste último caso, renova-se a sessão cada dia, e para isso um quarto de hora basta; é inútil nisso passar mais tempo; mas, tanto quanto possível, é necessário renová-la todos os dias, sendo a perseverança uma das primeiras condições de sucesso.

É necessário também fazer a prece e a evocação com fervor; repeti-la mesmo algumas vezes durante o exercício; ter uma vontade firme, um grande desejo de vencer e sobretudo, nenhuma distração. Quando uma vez se conseguiu escrever, estas últimas preocupações tornam-se inúteis.

Quando se deve logo escrever, sente-se ordinariamente um ligeiro estremecimento na mão, precedido algumas vezes de um ligeiro adormecimento da mão e do braço, algumas vezes mesmo de uma leve dor nos músculos do braço e da mão; esses são sinais precursores e quase sempre certos de que o momento do sucesso não está longe; é algumas vezes imediato, de outras vezes, se faz ainda esperar de um ou vários dias, mas jamais tarda muito; somente, para ali chegar, é necessário mais ou menos tempo, o que pode variar de um instante a seis meses, mas eu to repito, um quarto de hora de exercício por dia basta.

Quanto aos Espíritos que podem ser evocados, para essas espécies de exercícios preparatórios, é preferível dirigir-se ao seu

Espírito familiar que está sempre ali e não nos deixa nunca, ao passo que os outros Espíritos podem ali não estar senão momentaneamente, e não mais se encontrar no momento em que os evocamos, e estar então, por uma causa qualquer, na impossibilidade de atender ao nosso chamado, o que ocorre algumas vezes.

O Espírito familiar, que confirma, até certo ponto, a teoria católica do anjo guardião, não é, entretanto, inteiramente tal como no-lo representa o dogma católico. É muito simplesmente o Espírito de um mortal que viveu como nós, mas que está sempre mais avançado que nós e nos é, por consequência, infinitamente superior em bondade e em inteligência; que cumpre aí uma missão meritória para ele, proveitosa para nós, e nos acompanha assim neste mundo e no outro, até que seja chamado para uma nova encarnação, ou até que nós mesmos, chegados a um certo grau de superioridade, sejamos chamados a cumprir, na outra vida, uma missão semelhante junto de um mortal menos avançado do que nós.

Tudo isto, meu caro amigo, entra maravilhosamente, como o vês, nas nossas idéias de solidariedade universal. Tudo isto, em nos mostrando esta solidariedade estabelecida de todos os tempos e funcionando constantemente entre o mundo invisível e nós, nos prova, certamente, que não é uma utopia de concepção humana, mas bem uma das leis da Natureza; que os primeiros pensadores que a pregaram não a inventaram, mas somente a descobriram; e que, enfim, estando nas leis da Natureza, ela está chamada fatalmente a se desenvolver nas sociedades humanas, apesar das resistências e dos obstáculos que poderão ainda lhe opor os seus cegos adversários (1-(1) Por pouco que os fatos mais naturais, mas ainda não explicados, se prestem a maravilhoso, cada um sabe com que agilidade a zombaria deles se apodera e com que audácia os explora; está aí, talvez, ainda um dos maiores obstáculos à descoberta e sobretudo à vulgarização da verdade).

Não me resta mais senão te falar da maneira de evocar. É a coisa mais simples. Não há para isso nenhuma forma cabalística, nenhuma fórmula obrigatória; tu te diriges ao Espírito nos termos que te convém; eis tudo.

Para te fazer melhor compreender, todavia, a simplicidade da coisa, vou dizer-te a fórmula que eu mesmo emprego:

"Deus Todo-poderoso! Permitti ao bom anjo (ou ao Espírito de um tal, preferindo-se evocar um outro Espírito) de se comunicar comigo e de me fazer escrever." Ou bem ainda:

"Em nome de Deus Todo-Poderoso, peço ao meu bom anjo (ou ao Espírito de...) se comunicar comigo."

Agora, queres saber o resultado da minha própria experiência; ei-lo:

Depois de mais ou menos seis semanas de exercícios infrutíferos, um dia, senti minha mão tremer, se agitar e traçar de repente, com o lápis, caracteres informes. Nos exercícios seguintes, esses caracteres, embora sempre ininteligíveis, se tomaram mais regulares; eu escrevia linhas e páginas com a rapidez de minha escrita comum, mas sempre ilegíveis. De outras vezes, eu traçava rubricas de todas as espécies, pequenas, grandes, algumas vezes de todo o papel. Algumas vezes eram linhas direitas, ora de alto a abaixo, ora atravessadas. De outras vezes, eram círculos, ora grandes, ora pequenos, e algumas vezes tão repetidos uns sobre os outros, que a folha de papel ficava toda enegrecida pelo lápis.

Enfim, depois de um mês de exercício mais variado, mas também o mais insignificante, comecei a me aborrecer, e pedia ao meu Espírito familiar para me fazer traçar letras, ao menos se não pudesse me fazer escrever palavras; eu obtinha, então, todas as letras do alfabeto, mas não pude obter mais.

Nesses intervalos, minha mulher, que sempre teve o pressentimento de não possuir a faculdade medianímica, se decidiu entretanto tentá-la e, ao cabo de quinze dias de espera, se pôs a escrever correntemente e com uma grande facilidade; mas, mais feliz do que eu, ela o fazia muito corretamente e muito legivelmente.

Um dos nossos amigos conseguiu, desde o segundo exercício, a rabiscar como eu, mas isso foi tudo. Não nos desencorajamos por isso; estamos convencidos de que é uma prova e que, cedo ou tarde, nós escreveremos; não é preciso senão a paciência, é fácil.

Numa outra carta, eu te entreterei com as comunicações que recebemos por minha mulher, e que, bastante singulares por si mesmas, são sobretudo muito concludentes pela existência dos Espíritos. Temos bastante por hoje; tinha a te fazer uma exposição que, se bem que muito sumária, entretanto, pode abarcar o conjunto da teoria espírita. Isto bastará, eu o espero, para excitar a tua curiosidade, e sobretudo despertar o teu interesse; a leitura das obras especiais, às quais isto vai te dispor, fará o resto.

Esperando a obra prática da qual te falei, enviarei muito proximamente a obra filosófica intitulada: *O Livro dos Espíritos*.

Estuda, lê, relê, experimenta, trabalha, e sobretudo não desanimes nunca: a coisa vale a pena.

E, além disso, não preste atenção aos risos; já há muitos que não riem mais, se bem que estejam ainda na posse de todos os órgãos que lhes serviam há algum tempo.

A ti e até breve, CANU.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, fevereiro de 1861

O suicídio de um ateu

O Sr. J. B. D..., evocado a pedido de um de seus pais, era um homem instruído, mas imbuído ao último grau de idéias materialistas, não crendo nem em sua alma nem em Deus. Afogou-se voluntariamente há dois anos.

1. *Evocação.* - R... Eu sofro! Sou condenado.

2. Fomos rogados a vos chamar, da parte de um de vossos parentes, que deseja conhecer a vossa sorte; quereis nos dizer se a nossa evocação vos é agradável ou penosa? - R. Penosa.

3. A vossa morte foi voluntária? - R. Sim.

Nota. O Espírito escreveu com extrema dificuldade; a escrita era muito grande, irregular, convulsiva e quase ilegível. No seu início, mostra cólera, quebra um lápis e rasga o papel.

4. Tende mais calma; todos nós rogamos a Deus por vós. - R. Eu sou forçado em acreditar em Deus.

5. Que motivo pôde vos levar a vos destruir? -R. Aborrecimento da vida sem *esperança*.

Nota. Concebe-se o suicídio quando a vida é sem *esperança*; quer-se escapar da infelicidade a todo preço; com o Espiritismo, o futuro se abre e a esperança se legitima; o suicida não tem, pois, mais objetivo: bem mais, reconhece-se que, por esse meio, não se escapa de um mal senão para cair em um outro que é cem vezes pior. Eis porque o Espiritismo já arrancou tantas vítimas à morte involuntária. Estão, pois, errados, e são sonhadores aqueles que procuram, antes de tudo, o fim moral e filosófico? São culpáveis aqueles que se esforçam em acreditar *por sofismas científicos, e supostamente em nome da razão*, essa idéia desesperadora, fonte de tantos males e de crimes, que tudo acaba com a vida! Serão responsáveis, não só pelos seus próprios erros, mas de todos os males dos quais tiverem sido a causa.

6. Quisestes escapar às vicissitudes da vida; com isso ganhastes alguma coisa? Sois mais feliz agora? - R. Por que o nada não existe?

7. Quereis ser bastante bom para nos descrever a vossa situação, o melhor que puderdes. - R. Eu sofro por estar obrigado a crer em tudo o que negava. A minha alma está como num braseiro; ela está horrivelmente atormentada.

8. De onde vos vieram as idéias materialistas que tínheis quando vivo? - R. Numa outra existência, eu fui mau, e o meu Espírito estava condenado a sofrer os tormentos da dúvida durante a minha vida; também me matei.

Nota. Há aqui toda uma ordem de idéias. Pergunta-se, freqüentemente, como pode haver materialista, uma vez que tendo já passado pelo mundo espírita dever-se-ia ter dele a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada, como castigo a certos Espíritos que conservaram o seu orgulho, e não se arrependeram de suas faltas. A Terra, é preciso que não se esqueça, é um lugar de expiação; eis porque ela encerra tantos maus Espíritos encarnados.

9. Quando vos afogastes, que pensáveis que vos adviria? Que reflexões fizestes naquele momento? - R. Nenhuma; era o nada para mim. Vi depois que não tendo cumprido a minha pena, sofri toda a minha condenação, e a irei ainda muito sofrer.

10. Agora estais bem convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura? - R. Ai de mim! Não sou senão muito atormentado por isso!

11. Tornastes a ver a vossa mulher e o vosso irmão? - R. Oh! Não.

12. Por que isso? - R. Por que reunir os nossos tormentos? Exila-se na infelicidade, não se reúne senão na felicidade; ai de mim!

13. Ficaríeis satisfeito em rever o vosso irmão, que poderíamos chamar aqui, ao vosso lado? - R. Não, não; eu estou muito baixo.

14. Por que não quereis que o chamemos? - R. É que ele não é feliz, ele não mais do eu.

15. Temeis a sua visão; entretanto, isso poderia vos fazer bem? - R. Não; mais tarde.

16. Vosso parente me pede para vos perguntar se assististes ao vosso enterro, e se ficastes satisfeito com o que ele fez nessa ocasião? - R. Sim.

17. Desejais lhe dizer alguma coisa? - R. Que se ore um pouco por mim.

18. Parece que na sociedade que freqüentáveis, algumas pessoas partilham as opiniões que tínheis quando vivo; teríeis alguma coisa a lhes dizer a esse respeito? - R. Ah! Os infelizes! Possam crer em uma outra vida! É o que posso desejar-lhes de mais feliz; poderiam compreender a minha triste posição, isso os faria refletir muito.

Evocação do irmão do precedente, professando as mesmas idéias, mas que não se suicidou. Embora infeliz, é mais calmo; sua escrita é limpa e legível.

19. Evocação. - R. Possa o quadro de nossos sofrimentos vos ser uma lição útil, e vos persuadir de que existe uma outra vida, onde se expiam as suas faltas, a sua incredulidade!

20. Vós e o vosso irmão que acabamos de chamar vos vedes reciprocamente? - R. Não, ele me foge.

21. Estais mais calmo do que ele; poderíeis nos dar uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos? - R. Sobre a Terra não sofreis em vosso amor-próprio, em vosso orgulho, quando sois obrigado a convir com os vossos erros? O vosso Espírito não se revolta ao pensamento de vos humilhar diante daquele que vos demonstrou que estais no erro? Pois bem! O que credes que sofre o Espírito que, durante toda uma existência, persuadiu-se de que nada existe depois dele, que ele tem razão contra todos? Quando de repente se encontra em face da estrondosa verdade, ele é aniquilado, humilhado. A isso vem se juntar o remorso por ter podido, por tanto tempo, esquecer a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Seu estado é insuportável; não encontra nem calma, nem repouso; não reencontrará um pouco de tranqüilidade senão no momento em que a graça santa, quer dizer, o amor de Deus, o tocar, porque o orgulho se apodera de tal modo do nosso Espírito, que o envolve inteiramente, e é preciso ainda muito tempo para se desfazer dessa vestimenta fatal; o que não é senão as preces de nossos irmãos que pode nos ajudar a dele nos desembaraçarmos.

22. Quereis falar dos vossos irmãos vivos ou em Espírito? - R. De uns e de outros.

23. Enquanto conversávamos com o vosso irmão, uma pessoa aqui presente orou por ele; essa prece lhe foi útil? - R. Ela não estará perdida. Se ele recusa a graça agora, isso lhe virá, quando estiver em estado de recorrer a esta divina *panacéia*.

O resultado dessas duas evocações, sendo transmitido à pessoa que nos pedira para fazê-las, recebemos dela a resposta seguinte:

"Não podeis crer, senhor, o grande bem produzido pela evocação de meu sogro e de meu tio. Reconhecemo-los perfeitamente; sobretudo a escrita do primeiro tem uma analogia marcante com aquela que tinha quando vivo, tanto melhor que, durante os últimos meses que passou conosco, ela era brusca e indecifrável; nela se encontra a mesma forma das pernas das letras do parágrafo e de certas letras, principalmente os d, f, o, p, q, t. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais surpreendente; para nós a analogia é perfeita, senão que está mais esclarecido sobre Deus, a alma e a eternidade que negava tão formalmente outrora. Estamos perfeitamente convencidos de sua identidade; Deus nisso será glorificado pela vossa crença mais firme no Espiritismo e nossos irmãos, Espíritos ou viventes, com isso se tornarão melhores. A identidade de seu irmão não é menos evidente; com a diferença imensa do ateu ao crente, reconhecemos o seu caráter, o seu estilo, as suas formas de frases; uma palavra sobretudo nos surpreendeu, é a de *panacéia*; era a sua palavra habitual; Ele a dizia e repetia a todos e a cada instante.

"Comuniquei essas duas evocações a várias pessoas que se surpreenderam com a sua veracidade; mas os incrédulos, aqueles que partilham as opiniões de meus dois parentes, gostariam de respostas ainda mais categóricas; que o Sr. D..., por exemplo, precisasse o lugar onde foi enterrado, aquele onde se afogou, de qual maneira fez isso, etc. Para satisfazê-los e convencê-los, não poderíeis evocá-lo de novo, e, nesse caso, poderíeis dirigir-lhe as perguntas seguintes: Onde e quando se cumpriu o seu suicídio? Quanto tempo ele permaneceu soba água? - Em que lugar seu corpo foi encontrado? - Em que lugar foi enterrado? - De que maneira, civil e religiosa, foi procedida a sua inumação? etc.

"Consenti, eu vos peço, senhor, fazer responder categoricamente a estas perguntas que são essenciais para aqueles que ainda duvidam; estou persuadido do bem imenso que isso produzirá. Espero que a minha carta vos chegue amanhã, sexta-feira, a fim de que possais fazer essa evocação na sessão da Sociedade que deve ocorrer nesse dia... etc."

Reproduzimos esta carta, por causa de um fato de identidade que ela constata; a ela

juntamos a resposta que demos, para a instrução de pessoas que não estão familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

"... As perguntas que pedis para serem dirigidas de novo ao Espírito de vosso sogro, são, sem dúvida, ditadas por uma louvável intenção, a de convencer incrédulos; porque, em vós não se mistura nenhum sentimento de dúvida e de curiosidade; mas um mais perfeito conhecimento da ciência espírita vos faria compreender que elas são supérfluas. - Primeiro, pedindo-me para responder categoricamente ao senhor vosso padraço, ignorais sem dúvida que não se governa os Espíritos à vontade; eles respondem quando querem, como querem, e, freqüentemente, como podem; a sua liberdade de ação é ainda maior do que quando vivos, e têm mais meios para escaparem ao constrangimento moral do que se poderia exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são aquelas que eles dão espontaneamente, por sua própria vontade, ou que nascem de circunstâncias, e é, na maioria do tempo, em vão que se procure provocá-los. Vosso parente provou a sua identidade de maneira irrecusável, segundo vós; é, pois, mais que provável que recusaria responder a perguntas que, com razão, pode olhar como supérfluas e tendo em vista satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como freqüentemente fazem outros Espíritos em semelhante caso: "Por que me perguntar coisas que sabeis?" Acrescentarei mesmo que o estado de perturbação e de sofrimento, em que se encontra, deve lhe tornar mais penosas as procuras desse gênero; é absolutamente como se se quisesse constranger um enfermo que pode com dificuldade pensar e falar, a contar detalhes de sua vida; isso seria, seguramente, faltar à consideração que se deve em sua posição.

"Quanto ao resultado que esperais, seria nulo, estejais disto persuadido. As provas de identidade que foram fornecidas têm um valor bem maior, por isso mesmo que são espontâneas e que nada podia colocar sobre o caminho; se os incrédulos com elas não estão satisfeitos, não o estariam mais, talvez menos ainda, por perguntas previstas e que poderiam suspeitar de conivência. Há pessoas a quem nada pode convencer; elas veriam com seus olhos o Sr. vosso sogro em pessoa, e se diriam um joguete de alucinação. O que há de melhor a fazer com eles é deixá-los tranquilos e não perder seu tempo com discursos supérfluos; não há senão que lamentá-los, porque não aprenderão senão muito depressa, às suas custas, o que custa por ter recusado a luz que Deus lhes enviava; é contra estes, sobretudo, que Deus faz manifestar-se a severidade."

"Duas palavras ainda, senhor, sobre o pedido que me fazeis de fazer essa evocação, no mesmo dia em que recebesse a vossa carta. As evocações não se fazem assim com uma varinha; os Espíritos não respondem sempre ao nosso chamado; é necessário, para isso, que possam ou que queiram; é necessário, além do mais, um médium que lhes convenha e que tenha aptidão especial necessária; que esse médium esteja disponível no momento dado; que o meio seja simpático ao Espírito, etc. Todas as circunstâncias pelas quais não se pode nunca responder, e que importa de conhecer quando se quer fazer a coisa seriamente.

Perguntas e problemas diversos

Revista Espírita, fevereiro de 1861

1. Num mundo superior, como Júpiter ou outro, o Espírito encarnado tem a lembrança de suas existências passadas, como no estado errante? - R. Não; do momento em que o Espírito reveste um envoltório material, ele perde a lembrança de suas existências anteriores.

- Entretanto, o envoltório corpóreo em Júpiter é muito pouco material, e, por essa razão, o Espírito não é mais livre? - R. Sim, mas ele é o bastante para apagar, no Espírito, a lembrança do passado.

- Então os Espíritos que habitam Júpiter e que se comunicaram conosco se encontravam, naqueles momentos, num estado de sono? - R. Certamente. Naquele mundo, o Espírito sendo muito mais elevado compreende bem melhor Deus e o Universo; mas o seu passado é apagado no mesmo instante, porque tudo isso obscureceria a sua inteligência; ele não se compreenderia mais assim mesmo. Seria o homem da África, o da Europa o da América; o da Terra, de Marte ou de Vênus? Não se lembraria mais, e é ele mesmo o homem de Júpiter, inteligente, superior, compreendendo Deus, eis tudo.

Nota. Se o esquecimento do passado é necessário num mundo avançado, como o é Júpiter, com mais forte razão deve sê-lo no nosso mundo material. É evidente que a lembrança das nossas existências precedentes traria uma deplorável confusão nas nossas idéias, sem falar de todos os outros inconvenientes que foram assinalados a esse respeito. Tudo o que Deus faz traz a marca da sua sabedoria e da sua bondade; não nos cabe criticá-lo, quando mesmo não lhes compreendêssemos o objetivo.

2. A senhorita Eugénie, um dos médiuns da Sociedade, oferece uma particularidade notável e de certo modo excepcional, é a prodigiosa volubilidade com a qual escreve, e a prontidão incrível com que os Espíritos, os mais diversos, se comunicam por seu intermédio. Há poucos médiuns com uma tão grande flexibilidade; a que se prende isto? - R. Essa causa se prende antes ao médium do que ao Espírito; este escreveria por um outro médium que iria menos depressa, pela razão de que a natureza de um instrumento não seria mais a mesma. Assim, há médiuns desenhistas, outros que são mais aptos à medicina, etc.; segundo a mediunidade, o Espírito age; é, pois, uma causa física antes do que uma causa moral. Os Espíritos se comunicam tanto mais facilmente por um médium, que tenha neste último uma combinação mais rápida de seu próprio fluido com o do Espírito; presta-se, mais do que outros, à rapidez do pensamento, e o Espírito disso se aproveita como aproveitais de uma viatura rápida quando estais apressados; esta vivacidade de um médium, é toda física: seu próprio Espírito nisto não está por nada.

- As qualidades morais de um médium não têm influência? - R. Elas o têm uma grande sobre as simpatias dos Espíritos, porque é necessário que saibais que alguns têm uma tal antipatia por certos médiuns, que não é senão com a maior repugnância que se comunicam por eles.

São Luís.

Ensinarmento dos Espíritos

Revista Espírita, fevereiro de 1861

Ditados espontâneos obtidos ou lidos na Sociedade por diversos Médiuns.

O ano de 1860

(Médium, senhora Costel.)

Falarei da necessidade filosófica em que se encontram os Espíritos de, freqüentemente, refletir sobre a sua conduta, levar, enfim, ao estado de seus cérebros o mesmo cuidado que cada um toma com o seu corpo. Eis um ano terminado; que progresso trouxe no mundo intelectual? De muito grande, de muito sérios resultados, sobretudo na ordem científica. A literatura, menos feliz, não teve senão fragmentos, detalhes encantadores; mas como uma estátua mutilada que se encontra enterrada, e que se admira, lamentando o conjunto de sua beleza, a literatura não oferece nenhuma obra séria. Na França, ordinariamente, ela caminha à frente das outras artes; este ano foi ultrapassada pela pintura que floresce, gloriosa, acima das escolas rivais. Por que esse tempo de parada entre os nossos jovens escritores? A explicação é fácil. Falta-lhes o sopro generoso que inspira as lutas; a indiferença pesa sobre eles; folheiam-nos, são criticados, não são discutidos apaixonadamente como no meu tempo em que a luta literária dominava quase todas as preocupações. Depois, não se improvisa um escritor, e é pouco o que cada um faz. Para escrever são necessários longos e profundos estudos, eles faltam absolutamente à vossa geração, impaciente com o dia e preocupada, antes de tudo, com o sucesso fácil. Eu termino admirando a marcha ascensional da ciência e das artes, e lamentando a ausência do generoso impulso nos espíritos e nos corações.

J. J. ROUSSEAU.

Nota. Esta comunicação, obtida espontaneamente, prova que os Espíritos, que deixaram a Terra, se ocupam ainda com o que aqui se passa, que se interessam e seguem o movimento do progresso intelectual e moral. Não é das profundezas infinitas do espaço que poderiam fazê-lo; é necessário, para isso, que estejam entre nós, no nosso meio, e testemunhas invisíveis do que se passa. Esta comunicação, e a seguinte, foram dadas na sessão da Sociedade do dia 28 de dezembro, onde havia a questão do ano que se findava e aquele que ia começar; por conseguinte, estava muito a propósito.

O ano de 1861

O ano que se extingue viu progredir sensivelmente as crenças espíritas. Foi uma grande felicidade para os homens, porque isso os retém um pouco na borda do abismo que ameaça engolir o espírito humano. O ano novo será melhor ainda, porque verá sérias mudanças materiais, uma revolução nas idéias, e o Espiritismo não será esquecido, crede-o bem: ao contrário, a ele se agarrará como a uma pedra de salvação. Eu pedirei a Deus para bendizer a vossa obra e fazê-la progredir.

Nota. Numa sessão íntima, um outro médium teve, espontaneamente, sobre o mesmo assunto, a comunicação seguinte:

O ano que vai se abrir contém em suas dobras as maiores coisas. A reação vai moderar na armadilha que lhe estendeu. Por que pensais que a Terra se cobre de vias férreas, e de que o mar se entreabre à eletricidade se não for para difundir a boa nova? O verdadeiro, o bom, o belo serão, enfim, compreendidos por todos. Não vos canseis, pois, os verdadeiros espíritas, porque a vossa tarefa está marcada na obra da regeneração; felizes aqueles que a souberem cumprir!

LÉON J... (*irmão do médium*).

Sobre o mesmo assunto (por um outro médium)

A mudança é de toda necessidade; o progresso é a lei divina; parece que foi lançado, nestes últimos anos, mais que outros. Relativamente a 1860, 1861 será magnífico, e pálido olhando-se 1862, porque quereis partir, caros irmãos, e quando uma vez o sopro divino faz ir a locomotiva, não há mais descarrilhamento possível.

LÉON X

Comentário sobre o ditado publicado sob o título de: O Despertar do Espírito

Numa comunicação que o Espírito Georges ditou à senhora Gostei, e que foi publicada na *Revista* de 1860, página 332, sob o título de *o Despertar do Espírito*, foi dito *que não há relações amigáveis entre os Espíritos errantes; que aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento*. Essa teoria causou, sobre muitas pessoas, uma impressão tanto mais penosa, porque os leitores da *Revista* consideram esse Espírito como elevado, e admiraram a maioria de suas comunicações. Se essa teoria fosse absoluta, estaria em contradição com o que foi dito, tão freqüentemente, que no momento da morte, os Espíritos amigos vêm receber o novo que chega, ajudam-no a se livrar dos seus laços terrestres, e o iniciam, de algum modo, na sua nova vida. De um outro lado, se os Espíritos inferiores não se comunicam com os Espíritos mais avançados, eles não poderiam se melhorar.

Tentamos refutar essas objeções num artigo da *Revista* de 1860, página 342, sob o título de *Relações afetivas dos Espíritos*, mas eis o comentário que, a nosso pedido, o próprio Georges deu à sua comunicação:

"Quando um homem, surpreendido pela morte, nos seus hábitos materialistas de uma vida que nunca lhe deixou tempo para se ocupar de Deus; quando, tudo palpitando ainda das angústias e dos medos terrestres, ele chega ao mundo dos Espíritos, parece um viajante que ignora a língua e os costumes do país que visita. Mergulhado na perturbação, é incapaz de se comunicar e compreender nem as suas próprias sensações, nem as dos outros; erra

envolvido de silêncio; então sente germinar, eclodir e se desenvolver lentamente, pensamentos desconhecidos, e uma nova alma floresce na sua. Chegado a este ponto, a alma cativa sente caírem seus laços, e, como um pássaro entregue à liberdade, ela se lança para Deus, lançando um grito de alegria e de amor; então pressente, ao seu redor, os Espíritos dos parentes, dos amigos purificados que, silenciosamente, acolheram, a sua chegada entre eles. São em pequeno número aqueles que podem, logo depois da libertação do corpo, comunicar-se com os seus amigos reencontrados; é necessário *ter o mérito*, e não são senão aqueles que cumpriram gloriosamente as suas últimas migrações que estão, desde o primeiro momento, bastante desmaterializados para gozarem desse favor que Deus concede como recompensa.

"Apresentei uma das fases da vida espírita; não entendi generalizar, e, como se vê, não falei senão do estado dos primeiros instantes que se seguem à morte, e esse estado pode durar mais ou menos muito tempo, segundo a natureza do Espírito; depende de cada um abreviá-lo em se desligando dos laços terrestres da vida corpórea, porque não é senão o agarramento às coisas materiais que impede de gozar da felicidade da vida espírita."

GEORGES

Nota. Nada é mais moral do que essa doutrina, porque ela mostra que nenhum dos gozos que a vida futura nos promete pode ser obtido sem merecê-lo; que a própria felicidade de rever os seres que nos são caros, e de conversar com eles, pode ser adiada; em uma palavra, que a situação na vida espírita, em todas as coisas, é o que a fazemos pela nossa conduta na vida corpórea.

Os três tipos

(continuação.)

Nota. Nos três ditados seguintes, o Espírito desenvolve cada um dos três tipos que ele esboçou no primeiro. (Vede o nº de janeiro de 1861, página 29.)

I

No vosso mundo, aqui embaixo, o interesse, o egoísmo e o orgulho abafam a generosidade, a caridade e a simplicidade. O interesse e o egoísmo são os dois maus gênios do financeiro e do bem sucedido; o orgulho é o vício daquele que sabe, e sobretudo daquele que pode. Quando um coração verdadeiramente pensador examina esses três vícios horrendos, ele sofre; porque, estejais bem seguros disso, o homem que medita sobre o nada e a maldade desse mundo, é ordinariamente um homem cujos sentimentos e instintos são delicados e caridosos; e, vós o sabeis, os delicados são infelizes, disse Lafontaine, que me esqueci de pôr ao lado de Molière; só os delicados são infelizes, porque eles sentem.

Hamlet é a personificação dessa parte infeliz da Humanidade, que chora e que sofre sempre, e que se vinga vingando Deus e a moral. Hamlet teve vícios vergonhosos para punir em sua família: o orgulho e a luxúria, quer dizer, o egoísmo. Essa alma terna e melancólica, aspirando à verdade, se deslustra ao sopro do mundo, como um espelho que não pode mais refletir o que é bom e o que é justo; e essa alma tão pura verteu o sangue de sua mãe e vingou a sua honra. Hamlet é a inteligência impotente, o pensamento profundo lutando contra o orgulho estúpido e contra a impudicícia materna. O homem que pensa e vinga um

vício da Terra, qualquer que seja, é culpado aos olhos dos homens, e, freqüentemente, não o é diante de Deus. Não credes que quero idealizar o desespero: já fui bastante punido! Mas há tais nevoeiros diante dos olhos do mundo!

Nota. O Espírito, pedindo-lhe para dar a sua apreciação sobre Lafontaine, do qual vem de falar, acrescentou:

Lafontaine não é conhecido que não são conhecidos Corneille e Racine. Conheceis apenas os vossos literatos, e os Alemães, entretanto, conhecem Shakespeare, como Goethe. Lafontaine, para retornar ao meu assunto, é o Francês por excelência, escondendo a sua originalidade e a sua sensibilidade sob os nomes de Eso-po e de alegre pensador; mas, estejais seguros disso, Lafontaine era um delicado, como vo-lo disse há pouco; vendo que não era compreendido afetou essa bonomia que chamais falsa; em vos sós dias teria sido alistado no regimento dos falsos homens. A verdadeira inteligência não é falsa, mas, freqüentemente, é preciso uivar com os lobos, e foi o que perdeu Lafontaine, na opinião de muita gente. Não vos falo de seu gênio: ele é igual, se não for superior ao de Molière.



Don Juan, para retornarmos ao nosso pequeno curso de literatura muito familiar, é como já tive a honra de vos dizer, o tipo mais perfeitamente pintado do nobre corrompido e blasfemador. Molière elevou-o até o drama, porque efetivamente a punição de don Juan não deveria ser humana, mas divina; é pelos golpes inesperados da vingança celeste que caem essas cabeças orgulhosas; o efeito é tanto mais dramático e mais imprevisto.

Eu disse que don Juan era um tipo; mas, verdadeiramente dizendo, é um tipo raro; porque, em realidade, vêem-se poucos homens dessa tempera, porque quase sempre são todos frouxos; entendo a classe dos embotados e dos corrompidos.

Muitos blasfemam; poucos, eu vos asseguro, ousam blasfemar sem medo. A consciência é um eco que lhes rejeita a sua blasfêmia, e escutam-na tiritantes de medo, mas riem diante do mundo; é o que se chamam hoje os fanfarrões do vício. Essa espécie de libertinos é numerosa em vossa época, mas estão longe de serem os filhos de Voltaire.

Molière, para voltar ao nosso assunto, sendo o mais sábio autor, e observador mais profundo, não somente castigou os vícios que atacam a Humanidade, mas castigou também aqueles que ousam dirigir-se a Deus.



Até o presente vimos dois tipos: um, generoso e infeliz; o outro, feliz segundo o mundo, mas bem miserável diante de Deus. Resta-nos ver o mais feio, o mais ignóbil, o mais repelente; quero dizer Tartufo.

Na antigüidade, a máscara da virtude era já horrenda, porque, sem estar depurada pela moral cristã, o paganismo tinha também virtudes e sábios; mas diante do altar do Cristo, essa máscara é mais hedionda ainda, porque é a do egoísmo e da hipocrisia. O Paganismo talvez teve menos Tartufos do que a religião cristã; explorar o coração do homem sábio e bom, gabá-lo em todas as suas ações, enganar as pessoas confiantes por uma aparente

piedade, impelir a profanação até receber a Eucaristia com o orgulho e a blasfêmia no coração, eis o que faz Tartufo, o que fez e o fará sempre.

Ó vós! Homens imperfeitos e mundanos, que condenais um princípio divino e uma moral sobre-humana, porque quereis abusar deles, sois cegos quando confundis os homens e esse princípio, quer dizer, Deus e a Humanidade. É porque esconde as suas torpezas sob um manto sagrado que Tartufo é hediondo e repelente. Maldição sobre ele, porque ele maldizia então quem se fizesse perdoar; ele meditava a traição quando pregava a caridade.

Gérard DE NERVAL.

A harmonia

(Médium, Sr. Alfred Didier.)

Freqüentemente vistas, em certas regiões, particularmente na Provence, as ruínas dos grandes castelos; um torreão fortificado se levanta, algumas vezes, no meio de uma imensa solidão, e seus restos tristes e melancólicos, nos reportam a uma idade onde a fé era talvez ignorante, mas a arte e a poesia se elevaram com essa mesma fé tão ingênua e tão pura. Estamos, como vedes, em plena Idade Média. Freqüentemente tendes pensado que o autor dessas muralhas desmanteladas, o elegante capricho de uma castelã fizera correr cordas harmoniosas que se chamavam a harpa de Eole? Ah! Quão depressa que o vento os faz tremer desapareceram o torreão, castelã, harmonia! Essa harpa de Eole embalava o pensamento dos trovadores e das senhoras; era com um religioso recolhimento que era escutado.

Tudo acaba sobre a vossa Terra; a poesia aí raramente desce do céu, e passa logo; nos outros mundos, ao contrário, a harmonia é eterna, e o que a imaginação humana pode inventar, não se iguala com essa constante poesia que, não só está nos corações dos Espíritos puros, mas também em toda a Natureza.

Réné DE PROVENCE.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Março

- O homenzinho ainda vive; a propósito do artigo do *Journal dès Débats*, pelo Sr. Deschanel
- A cabeça de Garibaldi
- Assassinato do Sr. Poinot
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - Senhora Bertrand
 - Senhorita Pauline M
 - Henry Murger
 - O Espírito e as rosas
- Dissertações espíritas.
 - A lei de Moisés e a lei do Cristo
 - Lições familiares de moral (traduzido do polonês)
 - Os missionários (Adolfo, bispo de Alger)
 - A França (Charlemagne)
 - A ingratidão (Sócrates)

O homenzinho ainda vive

Revista Espírita, março de 1861

A propósito do artigo do jornal dês Débats, pelo Sr. Deschanel.

O Sr. Émile Deschanel, cujo nome ainda não nos chegara, consentiu em nos consagrar vinte e quatro colunas do folhetim dês *Débats*, nos números de 15 e 29 de novembro último; nós lhe agradecemos o fato, senão a intenção. Com efeito, depois do artigo da *Bibliografia católica* e o da *Gazette de Lyon*, que vomitaram o anátema e a injúria a boca cheia, de modo a fazer crer num retorno ao décimo-quinto século, não conhecemos nada de mais malévolo, de menos científico, de mais longo sobretudo, do que o do Sr. Deschanel. Uma tão vigorosa saída deveu fazer-lhe crer que o Espiritismo, atingido por ele de espada a fio, estaria para sempre bem e devidamente morto e enterrado; como nós não lhe respondemos, não lhe fizemos nenhuma intimação, que não entabulamos com ele nenhuma polêmica com todo exagero, ele pôde se enganar sobre as causas do nosso silêncio: devemos expor-lhe os motivos. O Primeiro é que, na nossa opinião, não havia nada de urgente, e que estávamos comodamente para esperar, a fim de julgar o efeito desse ataque, para regular a nossa resposta; hoje; que estamos completamente edificados a esse respeito, nos lhe diremos algumas palavras.

O segundo motivo é a consequência do precedente. Para refutar esse artigo com detalhes, seria preciso reproduzi-lo por inteiro, a fim de pôr à vista o ataque e a defesa, o que teria absorvido um número da nossa Revista; a refutação teria pelo menos absorvido duas; isso faria, pois, três números empregados para refutar o quê? Razões? Não, mas os gracejos do Sr. Deschanel: francamente isso não valeria a pena, e os nossos leitores gostam mais de outra coisa. Aqueles que desejarem conhecer a sua lógica poderão se contentar lendo os números citados. Além disso, a nossa resposta, em definitivo não seria outra senão a repetição daquilo que escrevemos, do que respondemos a *L'Univers*, ao Sr. *Oscar Comettant*, à *Gazette de Lyon*, ao Sr. *Louis Figuier*, à *Bibliografia católica* (1-(1) A *L'Univers*. maio e julho de 1859; ao Sr. *Oscar Comettant* dezembro de 1859; à *Gazette de Lyon*: outubro de 1860; ao Sr. *Louis Figuier*: setembro e dezembro de 1860; à *Bibliografia católica*: janeiro de 1861.), porque todos esses ataques não são senão variantes de um mesmo tema. Seria, pois, necessário redigir a mesma coisa em outros termos para não ser monótono, e para isso não temos tempo. O que poderíamos dizer seria inútil para os adeptos, e não seria bastante completo para convencer os incrédulos; isso seria, pois, trabalho perdido; preferimos enviar às nossas obras, aqueles que quiserem seriamente se esclarecer; poderão colocar em paralelo os argumentos pró e contra: seu próprio julgamento fará o resto.

Por que, aliás, responderíamos ao Sr. Deschanel? Seria para convencê-lo? Mas nisso não temos interesse de modo nenhum. Seria, diz-se, um adepto a mais. Mas o que nos faz, a pessoa do Sr. Deschanel, de mais ou de menos? Que peso pode pesar na balança, quando as adesões chegam aos milhares, desde as sumidades da escala social? - Mas é um publicista, e se, em lugar de fazer uma diatribe, ele fizesse um elogio, isso não teria feito muito mais à doutrina? Esta é uma questão mais séria, examinemo-la.

Primeiro, é muito certo que o Sr. Deschanel, novo convertido, publicaria 24 colunas em favor do Espiritismo, como ele publicou contra? Não pensamos assim, por duas razões: a primeira que teria medo de cair em ridículo junto aos seus confrades; a segunda, que o diretor do

jornal, provavelmente, não o teria aceito, de medo de assustar certos leitores, menos temerosos do diabo que dos Espíritos. Conhecemos bom número de literatos e de publicistas que estão nesse caso, e, por isso, não são menos bons e sinceros Espíritos. Sabe-se que a senhora Émile de Girardin, que, geralmente, passa por ter tido alguma inteligência durante a sua vida, e não somente muito crente, mas além disso muito bom médium, e que obteve inumeráveis comunicações; mas as reservava para o círculo íntimo de seus amigos que partilhavam suas convicções; aos outros, delas não falava. Portanto, para nós, um publicista que ousa muito bem falar contra, mas que não ousaria falar pró, se fosse convencido, não seria para nós senão um simples indivíduo, e quando vemos uma mãe desolada com a perda de um filho querido encontrar inefáveis consolações na doutrina, a sua adesão aos nossos princípios tem para nós cem vezes mais de valor do que a conversão de uma ilustração qualquer, se essa ilustração nada ousa dizer. Aliás, os homens de boa vontade não faltam; são abundantes de tal modo, e vêm tanto a nós que, com dificuldade, podemos bastar para responder-lhes; não vemos, pois, porque perdermos o nosso tempo com os indiferentes, e correr atrás daqueles que não nos procuram.

Uma só palavra fará conhecer se o Sr. Deschanel é um homem sério; eis o começo do seu segundo artigo do dia 29 de novembro:

"A doutrina espírita se refuta por si mesmo, basta expô-la. Antes de tudo, ela não está errada em se chamar Espírita, sem mais nada, porque não é nem espiritual nem espiritualista. Ao contrário, ela está fundada sobre o materialismo mais grosseiro, não é divertida senão porque é ridícula."

Dizer que o Espiritismo está fundado sobre o materialismo grosseiro, então que o combate a todo transe, que não seria nada sem a alma, a sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras, das quais é a demonstração patente, é o cúmulo da ignorância da coisa que se trata; se não for ignorância, é má fé e calúnia. Vendo essa acusação e ao ouvi-lo citar os textos bíblicos, os profetas, a lei de Moisés que proíbe de interrogar os mortos, - prova que se pode interrogá-los, porque não se proíbe uma coisa impossível, - crer-se-ia numa ortodoxia iracúndia; mas lendo-se a engraçada passagem seguinte de seu artigo, os nossos leitores ficarão muito embaraçados para se pronunciarem sobre as suas opiniões:

"Como os Espíritos podem cair sob os sentidos? Como podem ser vistos, ser ouvidos, ser apalpadados? E como podem escrever, eles mesmos, e nos deixar autógrafos do outro mundo? - "Oh! Mas é que os Espíritos não são Espíritos como poderíeis crer; Espíritos puramente Espíritos. O Espírito - entendei bem isto -, não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, num certo caso, é apreciável pelo sentido da visão, do ouvido e do toque."

- "Mas esses Espíritos têm corpo?"

- "Não precisamente."

- "Mas, enfim?..."

- "Há no homem três coisas:

1º O corpo, ou ser material, análogo aos animais, movido pelo mesmo princípio vital;

2º A alma, ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo;

3º O laço que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o corpo."

- "Intermediário? Que diabo quereis dizer? É matéria ou não é nada.

- "Isso depende.

- "Como? Isso depende?

- "Eis a coisa: "O laço, ou *perispírito*, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semi-material..."

- "Semi! Semi!

- "A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro; o Espírito conserva o segundo, que constitui, para ele, um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode se tornar acidentalmente visível, e mesmo tangível, como ocorre nos fenômenos de aparições."

- "*Etéreo* tanto quanto quereis: um corpo é um corpo. Isso não faz dele dois. E a matéria é a matéria. Sutilizai-a tanto quanto vos apraza, não há *semi* no interior. A própria eletricidade não é senão matéria, e não semi-matéria. E quanto à vossa... Como chamais isso?

- "O perispírito?

- "Sim, o vosso perispírito...acho que ele não explica nada, e que ele mesmo tem grande necessidade de explicação.

- "O perispírito serve de primeiro envoltório ao Espírito, e une a alma e o corpo. Tais são, num fruto, o germe, o perisperma e a casca... O perispírito é haurido no meio ambiente, no fluido universal; prende-se, ao mesmo tempo, à eletricidade, ao fluido magnético, e, até um certo ponto, à matéria inerte..."Compreendei-nos?

- "Não muito.

- "Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria."

- "Tendes bem quintessenciado, não tirareis dela do espírito, nem do semi-espírito, é pura matéria como vosso perispírito.

- "É o princípio da vida orgânica, mas não é o da vida intelectual."

- "Enfim, é o que quiserdes; mas o vosso perispírito é tantas coisas, que não sei mais o que ele é, e que poderia bem não ser nada."

A palavra *perispírito* vos ofusca, pelo que parece? Se tivésseis vivido ao tempo em que foi criada a palavra *perisperma*, provavelmente teríeis achado também ridícula; quanto criticais aqueles que a inventam cada dia para exprimir as idéias novas? Não é a palavra que critico,

direis, é a coisa. Seja, mas nunca a vistes; mas negais a alma que jamais vistes? Negais a Deus que também não vistes mais? Pois bem! Se se pode ver a alma ou o Espírito, o que é a mesma coisa, pode se ver o seu envoltório fluídico ou *perispírito*, quando ela está livre, como se vê o seu envoltório carnal quando está encarnada.

O Sr. Deschanel se esforça por provar que o perispírito deve ser da matéria; mas é o que dizemos com todas as letras. Seria isso, por acaso, que o faz dizer que o Espiritismo é uma doutrina materialista? Mas a própria citação que ele faz o condena, uma vez que dizemos, em seus próprios termos, menos os seus espirituosos gracejos, que não é senão um envoltório independente do Espírito. Onde ele viu que tenhamos dito que é o perispírito que pensa? Ele não quer o perispírito, seja; mas que nos diga como pode explicar a ação do Espírito sobre a matéria sem intermediário? Não falaremos das aparições contemporâneas nas quais, sem dúvida, não crê; mas, uma vez que se aferra tanto sobre a Bíblia, da qual toma tão calorosamente a defesa, é que crê na Bíblia e no que ela diz; que ele queira, pois, nos explicar as aparições de anjos dos quais, a cada instante, faz menção? Os anjos, segundo a doutrina teológica, são puros Espíritos; mas quando se tornam visíveis, dirá que é o Espírito que se faz ver? Então, isso seria, desta vez, materializar o próprio Espírito, porque não há senão a matéria que possa cair sob os sentidos. Nós dizemos que o Espírito reveste um envoltório que pode torná-lo visível, e mesmo tangível, à vontade; só o envoltório é material, embora muito etéreo, o que não rouba nada às qualidades próprias do Espírito. Explicamos assim um fato até então inexplicado e, certamente, somos menos materialistas do que aqueles que pretendem que é o próprio Espírito que se transforma em matéria para se fazer ver e agir. Aqueles que não crêem na aparição dos anjos da Bíblia, podem, pois, nisso crerem agora, se crêem na existência dos anjos, sem que isso repugne à sua razão; podem, por isso mesmo, compreender a possibilidade das manifestações atuais, visíveis, tangíveis, ou outras, desde o momento em que a alma ou Espírito possui um envoltório fluídico, se tanto é que creiam na existência da alma.

De resto, o Sr. Deschanel se esqueceu de uma coisa, de dar a sua teoria da alma, ou do Espírito; um homem judicioso, teria dito: Estais errado por tal ou tal razão; as coisas não são tais como o dissestes: *eis o que é*. Então, somente, teríamos alguma coisa sobre o que discutir. Mas há que se notar, que é o que não fez ainda nenhum dos contraditores do Espiritismo: eles negam, zombam ou dizem injúrias: não os conhecemos com outra lógica, o que é por demais inquietante; também com isso não nos inquietamos de tudo; porque eles não propõem nada, é que aparentemente não têm nada de melhor a propor. Só os francamente materialistas têm um sistema parado: o nada depois da morte; nós lhes desejamos muito prazer se isso os satisfaz. Aqueles que admitem a alma, infelizmente estão na impossibilidade de resolver as questões mais vitais segundo a sua única teoria, é por isso que eles não têm outro recurso senão a fé cega, razão pouco concludente para aqueles que gostam das razões, e o número deles é grande para este tempo de luzes; ora, os espiritualistas não explicam nada de maneira satisfatória para os pensadores, estes concluem que não há nada, e que os materialistas talvez tenham razão: é o que conduz tanta gente à incredulidade, ao passo que essas mesmas dificuldades encontram uma solução muito simples e muito natural pela teoria espírita. O materialismo diz: Nada há fora da matéria; o espiritualismo diz: Há alguma coisa, mas não a encontra; o Espiritismo diz: Há alguma coisa e a prova, e com ajuda de sua alavanca explica o que até agora era inexplicado; é o que faz com que o Espiritismo conduza tantos incrédulos ao espiritualismo. Não perguntamos ao Sr. Deschanel senão uma coisa, é de dar decididamente a sua teoria, e de responder, não menos decididamente, às diversas perguntas que endereçamos ao Sr. Figuier.

Em suma, as objeções do Sr. Deschanel são pueris; se fora um homem sério, se tivesse criticado com conhecimento de causa, e a não se expor a cometer um tão pesado equívoco de taxar o Espiritismo de doutrina materialista, teria procurado aprofundar; teria vindo nos

procurar, como tantos outros, nos pedir os esclarecimentos que teríamos prazer em lhe dar; mas preferiu falar segundo as suas próprias idéias que, sem dúvida, ele considera o regulador supremo, como a unidade métrica da razão humana; ora, como a sua opinião pessoal nos é indiferente, de nenhum modo queremos fazê-lo mudá-la, por isso não demos nenhum passo para isso, não o convidamos para nenhuma reunião, para nenhuma demonstração; ele tivesse a saber, teria vindo; ele não veio, é, pois, que não tinha nada a saber, e nós não temos mais que ele.

Um outro ponto a examinar é este: Uma crítica tão virulenta e tão longa, fundada ou não, num jornal tão importante como os *Débats*, não pode prejudicar a propagação das idéias novas? Vejamos.

É necessário primeiro notar que não ocorre com uma doutrina filosófica como com uma mercadoria. Se um jornal afirma, com provas em seu apoio, que tal comerciante vende mercadoria avariada ou adulterada, ninguém estaria tentado em experimentar se isso é verdadeiro; mas toda teoria metafísica é uma opinião que, fosse ela de Deus mesmo, encontraria contraditores. Não foram vistas as melhores coisas, as verdades mais incontestáveis, hoje, tornadas em ridículo, quando de sua aparição, pelos homens mais capazes? Isso as impediu de serem verdades e de se propagarem? Todo o mundo sabe isso; é por isso que a opinião de um jornalista, sobre as questões desse gênero, não é sempre senão uma opinião pessoal, e se se diz que tantos sábios se enganaram sobre coisas positivas, o Sr. Deschanel pode bem se enganar sobre uma coisa abstrata; e por pouco que se tenha uma idéia, mesmo vaga, do Espiritismo, a sua acusação de materialismo é a sua própria condenação. Disso resulta que se quer ver e julgar por si mesmo: é tudo o que pedimos. Sob esse aspecto o Sr. Deschanel tem, pois, prestado, sem o saber, um verdadeiro serviço à nossa causa, e por isso lhe agradecemos, porque nos poupa de gastos de publicidade, não sendo bastante ricos para pagar um folhetim de 24 colunas. Por difundido que esteja, o Espiritismo não penetrou ainda por toda parte; há muitas pessoas que dele nunca ouviram falar; um artigo dessa importância atrai a atenção, e faz penetrar mesmo no campo inimigo onde causa deserções, porque se diz naturalmente que não se bate assim numa coisa sem valor; com efeito, não se diverte em dirigir baterias formidáveis contra um local que se pode tomar a golpes de fuzil. Julga-se a resistência pelo deslocamento das forças de ataque, e é o que desperta a atenção sobre coisas que, talvez, passariam despercebidas.

Isto não é senão raciocínio; vejamos se os fatos vêm contradizê-lo. Julga-se o crédito de um jornal, as simpatias que ele encontra na opinião pública, pelo número de seus leitores. Deve ser o mesmo com o Espiritismo, representado por algumas obras especiais; não falaremos senão das nossas, porque delas sabemos as cifras exatas; pois bem! *O Livro dos Espíritos*, que passa por conter a exposição mais completa da doutrina, foi publicado em 1857; a 2ª edição em abril de 1860, a 3ª em agosto de 1860, quer dizer, quatro meses mais tarde, e em fevereiro de 1861 a 4ª estava em venda; assim, três edições em menos de um ano provam que todo o mundo não é da opinião do Sr. Deschanel. A nossa nova obra, *O Livro dos Médiuns*, apareceu dia 15 de janeiro de 1861 e já é necessário pensar em preparar uma nova edição; foi pedida na Rússia, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, nos Estados Unidos, no México, no Brasil, etc.

Os artigos do *Journal des Débats* apareceram em novembro último; se houvesse exercido a menor influência sobre a opinião, seguramente, seria sobre a *Revista Espírita*, que publicamos, que se faria sentir; ora, em 1º de janeiro de 1861, época das renovações anuais, havia um terço de assinantes inscritos a mais do que na mesma época do ano precedente, e, cada dia, ela recebe novos que, coisa digna de nota, pedem todos as coleções dos anos anteriores, se bem que foi necessário reimprimi-las; portanto, isso prova que ela não lhes

parece muito ridícula. De todos os lados, em Paris, na província, no estrangeiro, se formam reuniões Espíritas; nós as conhecemos mais de cem nos departamentos, e estamos longe de conhecê-las todas, sem contar as pessoas que delas se ocupam isoladamente ou dentro de suas famílias. Que dirão a isso os Srs. Deschanel, Figuiier e participantes? Que o número de loucos aumenta. Sim, ele aumenta de tal modo que, dentro em pouco, os loucos serão mais numerosos do que as pessoas sensatas; mas o que esses Senhores, tão cheios de solicitude pelo bom senso humano, devem deplorar, é ver que tudo o que fizeram para deter o movimento produziu um resultado todo contrário. Querem conhecer-lhe a causa? Ela é muito simples. Eles pretendem falar em nome da razão e não oferecem nada de melhor; uns dão por perspectiva o nada, os outros as chamas eternas, duas alternativas que agradam a bem poucas pessoas; entre os dois escolhe-se o que é mais confortador. Admirai-vos, pois, depois disso, por ver se lançarem aos braços do Espiritismo! Esses Senhores acreditaram matá-lo, tivemos que lhe provar que o Homenzinho vive ainda, e viverá por muito tempo.

A experiência tendo nos demonstrado, pois, que os artigos do Sr. Deschanel, longe de prejudicarem à causa do Espiritismo, serviram-lhe, excitando naqueles que nunca dele ouviram falar o desejo de conhecê-lo, julgamos supérfluo discutir uma a uma as suas afirmações. Empregaram todas as armas contra essa doutrina: atacaram-na em nome da religião, que ela serve em lugar de prejudicar, em nome da ciência, em nome do materialismo; prodigalizaram-lhe alternativamente a injúria, a ameaça, a calúnia, e ela resistiu a tudo, mesmo ao ridículo; sob a nuvem de flechas que lhe lançam, ela faz pacificamente a volta ao mundo e se implanta por toda parte, nas barbas de seus inimigos mais ferozes; não há aí matéria para reflexão séria, e não é a prova de que ela encontra o eco no coração do homem, ao mesmo tempo que está sob a salvaguarda de um poder contra o qual vêm se quebrar os esforços humanos?

É notável que na época em que apareceram os artigos do *Journal des Débats*, comunicações espontâneas ocorreram em diferentes partes em Paris e nos departamentos; todos exprimem o mesmo pensamento. A seguinte foi dada na Sociedade no dia 30 de novembro último:

"Não vos inquieteis com aquilo que o mundo possa escrever contra o Espiritismo; não é a vós que os incrédulos atacam, é ao próprio Deus, mas Deus é mais poderoso do que eles. É uma era nova, entendei-o bem, que se abre diante de vós, e aqueles que procuram se opor aos desígnios da Providência serão logo tombados. Como se vos disse perfeitamente, longe de prejudicar o Espiritismo, o ceticismo se fere com a sua própria mão, e ele mesmo se matará. Uma vez que o mundo quer representar a morte onipotente pelo nada, deixai-os dizer, não opõe senão a indiferença ao seu amargo pedantismo. Para vós a morte não será mais esse decesso atroz que os poetas sonharam: a morte se apresentará a vós como a aurora aos dedos de rosa de Homero.

André CHÉNIER.

São Luís, precedentemente, dissera sobre o mesmo assunto:

"Semelhantes artigos não fazem mal senão àqueles que os escrevem, e não fazem nenhum mal ao Espiritismo, que contribuem difundindo mesmo entre os seus inimigos."

Um outro Espírito respondeu a um médico Espírita de Nimes, que lhe perguntou o que ele pensava desses artigos:

"Deveis estar com isso satisfeitos; se os vossos inimigos se ocupam tanto convosco, é que

reconhecem em vós algum valor, e vos temem. Deixai-os, pois, dizer e fazer o que quiserem; quanto mais falarem, mais vos clarão a conhecer, e o tempo não está longe em que serão forçados a se calarem. Sua cólera prova a sua fraqueza; só a verdadeira força sabe dominar-se: ela tem a calma da confiança; a fraqueza procura atordoar-se fazendo muito barulho."

Querem agora uma amostra do uso que certos sábios fazem da ciência em proveito da Sociedade? Citemos um exemplo.

Um de nossos colegas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Sr. Indermuhle, de Berna, nos escreve o que segue:

O Sr. *Schiff*, professor de anatomia (não sei se é o mesmo que tão engenhosamente descobriu o músculo estalante, do qual o Sr. Jobert de Lamballe se fez o editor responsável) (1-(1) Ver a *Revista Espírita*, junho de 1859.), fez aqui, há algumas semanas, um curso público sobre a digestão. O curso, certamente, não era sem interesse; mas depois de ter por muito tempo falado de cozinha e de química, a propósito dos alimentos, e provar que nenhuma matéria se aniquila; que ela pode se dividir e se transformar, mas que ela é encontrada na composição do ar, da água e dos tecidos orgânicos, chegou à solução seguinte: "Assim, pois, disse, a *alma*, tal como o vulgo a entende, é justa no sentido que o que se chamar alma, depois da morte do corpo, se *dissolve*, como o corpo material; ela se decompõe para juntar os materiais contidos, seja no ar, seja em outros corpos, é somente nesse sentido que a palavra imortalidade é justificada, de outro modo, não."

"Assim é que, em 1861, os sábios, encarregados de instruir e de esclarecer os homens, lhes oferecem pedras em lugar de pau. É necessário dizer, em louvor da humanidade, que os ouvintes estavam, na maioria, muito pouco edificados e satisfeitos com essa conclusão trazida tão bruscamente; que muitos com isso se escandalizaram; eu, tive piedade desse homem. Se atacasse o Governo, lhe teriam interditado, punido mesmo por isso; como pode se tolerar o ensinamento público do materialismo, esse dissolvente da sociedade?"

A essas judiciosas reflexões de nosso colega, acrescentamos que uma sociedade materialista, tal qual certos homens se esforçam em tornar a sociedade atual, não tendo nenhum freio moral, é a mais perigosa para toda espécie de governo; jamais talvez o materialismo foi professado com tanto cinismo; aqueles que um pouco de pudor retém disso se compensam arrastando na lama o que pode destruí-lo; mas eles agirão inutilmente, isso serão as convulsões de sua agonia; e, o que quer que dele diga o Sr. Deschanel, será o Espiritismo que lhe dará o golpe de misericórdia.

Limitamo-nos a dirigir ao Sr. Deschanel a carta seguinte:

Senhor,

Publicastes dois artigos no *Journal des Débats*, de 15 e 29 de novembro último, nos quais apreciáis o Espiritismo sob o vosso ponto de vista. O ridículo que lançais sobre essa doutrina, sobre mim por repercussão, e sobre todos aqueles que a professam, me autoriza a vos dirigir uma refutação que vos rogaria inserir; eu não o fiz, porque, por extensa que a tivesse dado, seria sempre insuficiente para as pessoas estranhas a essa ciência, e seria inútil para aquelas que não a conhecem. A convicção não se pode adquirir senão por um estudo sério, feito sem prevenção, sem idéias preconcebidas e por observações numerosas, feitas com *a paciência e a perseverança de quem quer realmente saber e compreender*. Ser-me-ia, pois, necessário fazer aos vossos leitores um verdadeiro curso que ultrapassaria os limites de um artigo; mas,

como vos creio homem muito honrado para querer atacar sem admitir a defesa, eu me limitarei a dizer-me, por esta simples carta que vos peço consentir publicar no mesmo jornal, que eles encontrarão, seja em *O Livro dos Espíritos*, seja em *O Livro dos Médiuns*, que vem de publicar a casa dos Srs. Didier e Cia., uma resposta suficiente, na minha opinião; deixo ao vosso julgamento o cuidado de colocar em paralelo os vossos argumentos e os meus. Aqueles que quiserem, primeiramente, dele ter uma idéia sucinta sem grande despesa, poderão ler a pequena brochura intitulada: *O que é o Espiritismo?* e que não custa senão 60 centavos, assim como a *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo Sr. doutor Grand, antigo vice-cônsul da França. Encontrarão ainda algumas reflexões sobre o vosso artigo num n⁸ do mês de março da *Revista Espírita*, que eu publico.

Todavia, há um ponto eu não deveria passar em silêncio; é a passagem de vosso artigo onde dissestes que *o Espiritismo está fundado sobre o mais grosseiro materialismo*. Coloco de lado as expressões ofensivas e pouco parlamentares às quais tenho o hábito de não prestar nenhuma atenção, e me limito a dizer que essa passagem contém um erro, eu não diria grosseiro, a palavra seria descortês, mas capital, e que me importa revelar para a edificação de vossos leitores. Com efeito, o Espiritismo tem por base essencial, e sem a qual não teria razão de ser, a existência de Deus, da *alma, a sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras*; ora, esses pontos são a negação mais absoluta do materialismo, que não admite nenhum deles. A Doutrina Espírita não se limita a afirmá-los, não os admite *a priori*, deles é a demonstração patente; por isso, ela já conduziu um tão grande número de incrédulos que abjuraram todo sentimento religioso.

Ela não pode ser mais espiritual, mas certamente é essencialmente espiritualista, quer dizer, contrária ao materialismo, porque não se conceberia uma doutrina da alma imortal, fundada sobre a não existência da alma. O que conduz tanta gente à incredulidade absoluta é a maneira pela qual a alma e seu futuro são apresentadas; todos os dias vejo pessoas me dizerem: "Se desde a minha infância me ensinassem essas coisas como o fazeis, jamais teria sido incrédulo, porque no presente compreendo, o que antes não compreendia;" assim, todos os dias, tenho a prova que basta expor essa doutrina para lhe conquistar numerosos partidários.

Aceitai, etc.

A cabeça de Garibaldi

Revista Espírita, março de 1861

O *Siècle*, de 4 de fevereiro contém uma carta do doutor Riboli que foi a Caprera examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico. Não entra no nosso quadro apreciar o julgamento do doutor, e ainda menos o personagem político; mas a leitura dessa carta nos forneceu algumas reflexões que, naturalmente, aqui encontram seu lugar.

O doutor Riboli acha que a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes faculdades morais e intelectuais que o distinguem, e acrescenta:

"Podereis sorrir de meu fanatismo, mas eu posso vos assegurar que neste momento passei a examinar essa cabeça notável e é o mais feliz da minha vida; vi, meu caro amigo, vi esse grande homem se prestar como uma criança, a tudo o que lhe pedia; essa cabeça que carrega todo um mundo, tive-a entre as minhas mãos durante mais de vinte minutos, sentindo a todo instante sobressair, sob os meus dedos, as desigualdades e os contrastes de seu gênio...

"Garibaldi tem 1 metro e 64 centímetros de altura. Medi todas as proporções, a largura das espáduas, o comprimento dos braços e das pernas, a espessura do talhe; em uma palavra, é um homem bem proporcionado, forte e de um temperamento nervoso sanguíneo.

"O volume da cabeça é notável; a fenomenalidade principal é a altura do crânio medida do ouvido ao alto da cabeça, que é de 20 centímetros. Essa predominância particular de toda parte superior da cabeça denota, à primeira vista, e sem exame prévio, uma organização excepcional; o desenvolvimento do crânio em sua parte superior, sede dos sentimentos, indica a preponderância de todas as faculdades nobres sobre os instintos. Breve, a craniologia da cabeça de Garibaldi depois do exame, apresenta uma fenomenalidade original das mais raras, pode-se dizer, sem precedente: a harmonia de todos os órgãos perfeita; é a resultante matemática de seu conjunto, apresenta, antes de qualquer outro: a abnegação antes de tudo e por toda parte; - a prudência e o sangue frio; - a austeridade natural dos costumes; - a lealdade dominante; - sua deferência incrível com seus amigos ao ponto de sofrer por eles; - sua perceptibilidade a respeito dos homens que o cercam é, sobretudo, dominante.

"Em uma palavra, meu caro, sem vos entediar com todas as comparações, com

todos os contrastes de casualidade, de habitabilidade, de construtividade, de destrutividade (1 - Eis aqui os neologismos, que, todavia, não são mais barbarismos do que o *espiritismo* e o *perispírito*), é uma cabeça maravilhosa, orgânica, sem fraquezas, que a ciência estudará e tomará por modelo, etc."

Toda a carta está escrita com um entusiasmo que denota a mais profunda e a mais sincera admiração pelo herói italiano. Entretanto, queremos muito crer que as observações do autor não foram influenciadas por nenhuma idéia preconcebida; mas isso não é do que se trata: aceitamos seus dados frenológicos como exatos, e não o fossem, Garibaldi com isso não seria nem mais nem menos do que é. Sabe-se que os discípulos de Gall formam duas escolas: a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos;

para ele os órgãos são a causa, as faculdades são o produto; de onde se segue que fora dos órgãos não há mais faculdades, dito de outro modo, que quando o homem está morto, tudo está morto. Os segundos admitem a independência das faculdades; as faculdades são a causa, o desenvolvimento dos órgãos é um efeito; de onde se segue que a destruição dos órgãos não leva ao aniquilamento das faculdades. Não sabemos a qual dessas duas escolas pertence o autor da carta, porque a sua opinião não se revela por nenhuma palavra; mas supusemos um instante que as observações acima foram feitas por frenólogo materialista, e nos perguntamos que impressão deveria sentir à idéia de que essa *cabeça, que carrega todo um mundo*, não deve seu gênio senão ao acaso ou ao capricho da Natureza que lhe teria dado a maior massa cerebral em lugar antes que num outro; ora, como o acaso é cego, e não tem plano premeditado, poderia muito bem aumentar o volume de uma outra circunvolução do cérebro, e dar assim, sem o querer, um outro curso às suas inclinações. Esse raciocínio se aplica, necessariamente, a todos os homens transcendentais, a qualquer título que isso seja. Onde estaria seu mérito se não devesse senão ao deslocamento de um pequeno pedaço de substância cerebral? Se um simples capricho da Natureza pode, em lugar de um grande homem, fazer um homem vulgar, em lugar de um homem de bem fazer um celerado?

Isso não é tudo. Considerando essa cabeça poderosa, hoje, não há alguma coisa de terrível em pensar que, amanhã, talvez, desse gênio nada restaria, absolutamente nada senão a matéria inerte que será a pastagem dos vermes? Sem falar das funestas conseqüências de um semelhante sistema, se fora acreditado diremos que ele formiga de contradições inexplicadas, e que os fatos as demonstram a cada passo. Tudo se explica, ao contrário, pelo sistema espiritualista: as faculdades não são o produto dos órgãos, mas os atributos da alma, cujos órgãos não são senão os instrumentos servindo para a sua manifestação. Sendo a faculdade independente, a sua atividade leva o desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo aumenta-lhe o volume. O ser pensante é o ser principal, cujo corpo não é senão um acessório destrutível. O talento, então, é um mérito real, porque ele é o fruto do trabalho, e não o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho com a ajuda do qual se adquire o talento, está inteiramente perdido na morte, que freqüentemente não deixa o tempo de desfrutá-lo; com a alma, o trabalho tem a sua razão de ser, porque tudo o que a alma adquire serve para o seu desenvolvimento; trabalha-se por um ser imortal, e não por um corpo que, talvez, não tenha senão algumas horas para viver.

Mas, dir-se-á, o gênio não se adquire; ele é inato; é verdade; mas, também, porque dois homens nascidos nas mesmas condições são tão discordantes do ponto de vista intelectual? Por que Deus favoreceria um mais do que o outro? Por que daria a um os meios de progredir que recusaria ao outro? Qual é o sistema filosófico que resolveu esse problema? Só a doutrina da preexistência da alma pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência, e a esse título tem mais direitos a nosso respeito que se tivesse a superioridade por um favor não justificado da Providência, ou do capricho da Natureza. Gostamos de crer que o doutor Riboli viu na cabeça daquele que não tocava, por assim dizer, senão com um temor respeitoso, qualquer coisa mais digna de sua veneração que uma massa de carne, e que não a rebaixou ao papel de uma mecânica desorganizada. Lembra-se desse trapeiro filósofo que, vendo um cão morto no canto da rua, dizer-se à parte: *o que é senão nós!* Pois bem! Todos vós que negais a existência futura, eis a que reduzis os maiores gênios.

Remetemos, para mais detalhes, sobre a questão da frenologia e da fisiognomonia, ao artigo publicado na *Revista Espírita* do mês de julho de 1860, página 198.

Assassinato do Sr. Poinso

Revista Espírita, março de 1861

O mistério que cerca ainda o deplorável acontecimento fez nascer, em muitas pessoas, o pensamento de que evocando o Espírito da vítima poderia se chegar a conhecer a verdade. Numerosas cartas nos foram escritas a esse respeito, e como a questão repousa sobre um princípio de uma certa gravidade, cremos útil fazer conhecer a resposta a todos os nossos leitores.

Não fazendo nunca do Espiritismo um objeto de curiosidade, não pensamos em evocar o Sr. Poinso; entretanto, ao pedido insistente de um de nossos correspondentes, que tivera uma comunicação dele, supostamente, que desejava saber por nós se era autêntica, pensamos fazê-la há alguns dias. Segundo o nosso hábito, perguntamos ao nosso guia espiritual se essa evocação era possível e se era bem ele que se manifestou ao nosso correspondente. Eis as respostas que obtivemos:

"O Sr. Poinso não pode responder ao vosso chamado; ele não se comunicou ainda com ninguém: Deus o proíbe no momento."

1. Pode-se saber o motivo disso? - R. Sim: porque revelações desse gênero influenciariam a consciência dos juizes, que devem agir com toda a liberdade.

2. Entretanto essas revelações, esclarecendo os juizes, poderiam algumas vezes poupar-lhes erros lamentáveis, e mesmo irreparáveis. - R. Não é por esse meio que devem ser esclarecidos; Deus quer deixar-lhes a inteira responsabilidade pelos seus julgamentos, como deixa a cada homem a responsabilidade de seus atos; não quer mais lhes poupar o trabalho das pesquisas, quanto não quer lhes tirar o mérito de tê-las feito.

3. Mas, na falta de informações suficientes, um culpado pode escapar à justiça? - R. Credes que ele escapa à justiça de Deus? Se deve ser atingido pela justiça dos homens, Deus saberá bem fazê-lo cair em suas mãos.

4. Seja, para o culpado; mas se um inocente for condenado, não seria um grande mal? - R. "Deus julga em última instância, e o inocente condenado injustamente pelos homens terá a sua reabilitação. Essa condenação, aliás, pode ser para ele uma prova útil para o seu adiantamento; mas algumas vezes também ela pode ser a justa punição de um crime ao qual escapara numa outra existência.

"Lembra-vos de que os Espíritos têm por missão vos instruir no caminho do bem, e não vos aplainar o caminho terrestre deixado para a atividade de vossa inteligência; é em vos afastando do fim providencial do Espiritismo que vos expondes a serem enganados Pela turba de Espíritos mentirosos, que se agitam sem cessar ao vosso redor."

Depois da primeira resposta, os assistentes discutiam sobre os motivos dessa interdição, e, como para justificar o princípio, um Espírito fez escrever ao Médium: *vou conduzi-lo... ei-lo*; um pouco depois: "Que vos seja agradável em querer conversar comigo; isso me é tanto mais agradável quanto tenho muitas coisas em vos dizer." Essa linguagem parece suspeita da

parte de um homem tal como o Sr. Poinot, e em razão sobretudo da resposta que acabara de ser dada; por isso se lhe roga em consentir de afirmar a sua identidade em nome de Deus. Então o Espírito escreveu: "Meu Deus, eu não posso mentir; entretanto, muito desejei conversar em uma sociedade tão amável, mas não me quereis: adeus." Foi então que o nosso guia espiritual acrescentou: "Eu vos disse que esse Espírito não pode responder esta noite; Deus o proíbe de manifestar-se; se insistirdes sereis enganados."

Nota. É evidente que se os Espíritos pudessem poupar as pesquisas aos homens, estes se dariam menos trabalho para descobrir a verdade, uma vez que ela lhe chegaria sozinha. A esse título, o mais preguiçoso poderia dela saber tanto quanto o mais laborioso, o que não seria justo. Isto é um princípio geral. Aplicado ao assunto do Sr. Poinot, não é menos evidente que se o Espírito declarasse um indivíduo inocente ou culpado, e que os juizes não encontrassem provas suficientes de uma ou de outra afirmação, a sua consciência com isso seria perturbada; que a opinião pública poderia se perder por prevenções injustas. Não sendo o homem perfeito, devemos disso concluir que Deus sabe melhor do que ele o que deve lhe ser revelado ou ocultado. Se uma revelação deve ser feita por meios extra-humanos, Deus sabe dar-lhe uma marca de autenticidade capaz de levantar todas as dúvidas, como testemunha o fato seguinte: nas vizinhanças das minas, no México, uma fazenda foi incendiada. Em uma reunião onde se ocupavam de manifestações espíritas (há várias nessa região, onde provavelmente ainda não chegaram os artigos do Sr. Deschanel, é por isso que ali se está tão atrasado); nessa reunião, dizemos, um Espírito se comunicou por pancadas; ele diz que o culpado está entre os assistentes; primeiro duvidou-se disso, e acreditou-se em uma mistificação; o Espírito insiste e designa um dos indivíduos presentes; admira-se; este porta-se bem, mas o Espírito parece se obstinar junto dele, e faz tão bem que se detêm o homem que, pressionado por perguntas, acaba por confessar o seu crime. Os culpados, como se vê, não devem se fiar na discrição dos Espíritos que, freqüentemente, são os instrumentos pelos quais Deus se serve para castigá-los. Como o Sr. Figuier explicaria esse fato? Isso é intuição, o hipnotismo, a biologia, a super-excitação do cérebro, a concentração do pensamento, a alucinação, que admite sem crer na independência do Espírito e da matéria? Arranjai, tudo isso, se o podeis; a própria solução é um problema, e deveria bem dar a sua solução de sua solução. Mas por que um Espírito não daria a conhecer o assassino do Sr. Poinot, como fez com esse incendiário? Pedi, pois, a Deus conta de suas ações; perguntaio ao Sr. Figuier, que crê disso saber mais do que ele.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, março de 1861

Senhora Bertrand (Haute-Saône.)

Falecida a 7 de fevereiro de 1861, evocada na Sociedade Espírita de Paris, no dia 15 do mesmo mês.

Nota. A senhora Bertrand fizera um estudo sério do Espiritismo, cuja doutrina ela professava, e da qual compreendia toda a importância filosófica.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. A vossa correspondência nos ensinou a vos apreciar, e conhecendo a vossa simpatia pela Sociedade, pensamos que não saberíeis ter má vontade de vos ver chamada tão cedo. - R. Vedes que estou aqui.

3. Um outro motivo me determina pessoalmente fazê-lo: conto escrever à senhorita vossa filha a respeito do acontecimento que 'vem de atingi-la, estou seguro que ela ficará feliz em conhecer o resultado de nossa palestra. - R. Certamente; ela o espera, porque eu lhe prometera de me revelar tão logo uma evocação me fosse dirigida.

4. Esclarecida como estáveis sobre o Espiritismo, e penetrada dos princípios desta doutrina, as vossas respostas serão para nós duplamente instrutivas.

Quereis, primeiro, nos dizer se tardastes muito a vos reconhecer, e se já recobrastes o pleno gozo das vossas faculdades? - R. O pleno gozo das minhas antigas faculdades, sim; o pleno gozo das minhas novas faculdades, não.

5. O uso é perguntar aos vivos como eles estão; mas aos Espíritos se lhes pergunta se são felizes; é com um profundo sentimento de simpatia que vos dirigimos esta última pergunta.

- R. Obrigada, meus amigos. Eu não sou ainda feliz no sentido espiritualista da palavra; mas sou feliz pela renovação do meu ser arrebatado em êxtase; pela visão das coisas que nos são reveladas, mas que compreendemos ainda imperfeitamente, por bom médium ou Espírita que sejamos.

6. Quando viva fizestes uma idéia do mundo Espírita pelo estudo da doutrina; quereis nos dizer se encontrastes as coisas tais como vos representastes? - R. Mais ou menos, como vemos os objetos na incerteza da semi-escuridão; mas como são diferentes quando a luz brilhante as revela!

7. Assim, o quadro que nos é dado da vida Espírita, nada tem de exagerado, nada tem de ilusório! - R. Ele é reduzido pelo vosso Espírito que não pode compreender as coisas divinas senão atenuadas e veladas; agimos convosco como o fazeis com as crianças, às quais não mostrais senão uma parte das coisas dispostas para o seu entendimento.

8. Postes testemunha do instante da morte do vosso corpo? - R. Meu corpo, esgotado por longo sofrimento, não teve que suportar uma grande luta; *minha alma se destacou dele como o fruto maduro cai da árvore*. O aniquilamento completo de meu ser impediu-me de sentir a última angústia da agonia.

9. Poderíeis nos descrever as vossas sensações no momento do despertar? - R. Não há despertar, ou antes me pareceu que havia continuação; como depois de uma curta ausência se re-entra em si, me pareceu que apenas alguns minutos me separavam daquilo que acabava de deixar. Errante ao redor de meu leito, me vi desdobrada, transfigurada, e não podia afastar-me, retida que estava ao menos ao que me parecia, por um último laço a esse envoltório corpóreo que tanto me fizera sofrer.

10. Vistes imediatamente outros Espíritos vos cercarem? - R. Logo vieram me receber. Então, afastei o meu pensamento do meu *eu* terrestre, e o eu espiritual transportado submergiu no delicioso gozo das coisas novas e conhecidas que eu reencontrava.

11. Estáveis entre os membros de vossa família durante a cerimônia fúnebre? - R. Vi carregar o meu corpo, mas me afastei logo; o Espiritismo desmaterializa, por antecipação, e torna mais súbita a passagem do mundo terrestre para o mundo espiritual. Eu não trouxe, de minha migração sobre a Terra, nem vãos lamentos e nem curiosidades pueris.

12. Tendes alguma coisa de particular a dizer à senhorita vossa filha que partilha vossas crenças, e me escreveu várias vezes em vosso nome? - R. Eu lhe recomendo dar aos seus estudos um caráter mais sério; eu lhe recomendo transformar a dor estéril em lembrança piedosa e fecunda; que ela não esqueça que a vida prossegue sem interrupção, e que os frívolos interesses do mundo se enfraquecem diante da grande palavra: *Eternidade!* Aliás, a minha lembrança pessoal, terna e íntima, logo lhe será transmitida.

13. No mês de janeiro, eu vos dirigi um cartão de visita com retrato; como jamais me vistes, quereis nos dizer se me reconheceis. - R. Mas eu não vos conhecia; eu vos vejo.

Não recebestes o meu cartão? - R. Eu não me lembro dele.

14. Eu teria várias perguntas importantes a vos dirigir sobre os fatos extraordinários que se passaram em vossa residência, e que nos fornecestes, penso que poderíeis nos dar, a esse respeito, interessantes explicações; mas a hora avançada e a fadiga do médium me convidam a adiá-las; limito-me a algumas perguntas para terminar.

Embora a vossa morte seja recente, já deixastes a Terra? Percorrestes os espaços e visitastes outros mundos? - R. A palavra visitar não corresponde ao movimento tão rápido que é a palavra que nos faz, tão rápida quanto o pensamento, descobrir panoramas novos. A distância não é senão uma palavra, como o tempo não é senão uma mesma hora para nós.

15. Preparando as perguntas que se propõe dirigir a um Espírito, é geralmente uma evocação antecipada; quereis nos dizer se, por isso, estáveis prevenida quanto às nossas intenções, e estáveis perto de mim, ontem, quando preparava as perguntas? - R. Sim, eu sabia tudo o

que me dirias hoje, e respondo com desenvolvimento às perguntas que reservastes.

16. Quando viva teríamos sido muito felizes em vos ver entre nós, mas uma vez que isso não ocorreu, somos igualmente felizes em vos ver em Espírito, e vos agradecemos pela vossa solicitude em responder ao nosso chamado. - R. Meus amigos, eu seguia os vossos estudos com interesse, e agora que posso habitar entre vós em Espírito, vos dou o conselho de vos prender ao Espírito mais do que à letra.

Adeus.

A carta seguinte nos foi dirigida com respeito a esta evocação:

Senhor,

É com um sentimento de profundo reconhecimento que venho vos agradecer, em nome de meu pai e no meu, de ter precedido o nosso desejo de receber, por vós, as novidades daquela que choramos.

As numerosas provas morais e físicas que minha cara e boa mãe teve para suportar durante a sua existência, sua paciência em suportá-las, seu devotamento, sua completa abnegação de si mesma, me faziam esperar que ela estava feliz; mas a segurança que vindes disso nos dar, Senhor, é uma grande consolação para nós que a amávamos tanto, e queremos a sua felicidade antes da nossa.

Minha mãe era a alma da casa, Senhor; não tenho necessidade de vos dizer que vazio a sua ausência aí deixou; sofremos por não mais vê-la, mais do que não saberíeis exprimi-lo, e todavia, sentimos uma certa inquietude de não mais senti-la nas dores atrozes que ela experimentou. Minha pobre mãe era uma mártir; deve ter uma bela recompensa pela paciência e a doçura com as quais ela suportou todas as suas angústias; a sua vida não foi senão uma longa tortura de espírito e de corpo. Seus sentimentos elevados, a sua fé em uma outra existência a sustentaram; tinha como um pressentimento, e uma lembrança velada, do mundo dos Espíritos; freqüentemente a via, olhando com piedade as coisas do nosso planeta, me dizer: *Nada neste mundo pode me bastar; tenho a SAUDADE de um outro mundo.*

Nas respostas que a minha querida e adorada mãe vos deu, Senhor, reconhecemos perfeitamente a sua maneira de pensar e de se exprimir; ela gostava de se servir de figuras. Somente estou admirada de que ela não tenha se lembrado do vosso envio do cartão de visita com retrato que lhe fizestes com um tão grande e tão vivo prazer; devo vos agradecer por isso de sua parte; minhas numerosas ocupações, durante os últimos tempos da enfermidade de minha venerada mãe, não me permitiram fazê-lo; creio que, mais tarde, ela se lembrará melhor; no momento ela está embriagada com os esplendores de sua nova vida; a existência que ela acaba de terminar não lhe aparece senão como um sonho penoso já bem longe dela. Esperamos, também, meu pai e eu, que ela virá nos dizer algumas palavras de afeto das quais temos muita necessidade. Seria uma indiscrição, Senhor, vos pedir, quando minha boa mãe vos falar de nós, de disso nos dar ciência? Fizestes-nos tanto bem vindo nos falar dela, vindo nos dizer de sua parte que ela não sofre mais! Ah! Obrigada ainda, Senhor! Peço a Deus, de coração e de alma, que vos recompense por isso. Em me deixando, minha mãe querida priva-me da melhor das mães, da mais terna das amigas; me é necessária a certeza de sabê-la feliz, e a minha crença no Espiritismo para me dar um pouco de força. Deus me sustentou; a minha coragem foi maior do que não o esperava.

Recebei, etc.

Nota. Que os incrédulos riam tanto quanto queiram do Espiritismo; que seus adversários, mais ou menos interessados, o tornem em ridículo, que o anatematizem mesmo, isso não lhe tirará essa força consoladora que faz a alegria do infeliz, e que o faz triunfar da má vontade dos indiferentes, a despeito dos seus esforços para abatê-lo. Os homens têm sede de felicidade; quando não a encontrarem sobre a Terra não será um grande alívio ter a certeza de encontrá-la numa outra vida, tendo-se feito o necessário para merecê-la. Quem, pois, lhe oferece mais alívio para os males da Terra? É o materialismo, com a horrível expectativa do nada? É a expectativa das chamas eternas, das quais não escapa um sobre milhões? Não vos enganeis com isso, essa perspectiva é ainda mais horrível do que a do nada, e eis porque aqueles cuja razão se recusa admiti-la são levados ao materialismo; quando se apresentar aos homens o futuro de maneira racional, não haverá mais materialistas. Que não se admire, pois, em ver as idéias espíritas acolhidas com tanta solícitude pelas massas, porque elas levantam a coragem em lugar de abatê-la. O exemplo da felicidade é contagioso; quando todos os homens verem ao seu redor pessoas felizes pelo Espiritismo, se lançarão nos braços do Espiritismo como sobre uma tábua de salvação, porque preferirão sempre uma doutrina que sorri e fala à razão àquelas que apavoram. O exemplo que acabamos de citar não é o único desse gênero, é por milhares que se nos oferecem, e a maior alegria que Deus nos reservou neste mundo é a de sermos testemunhas dos benefícios e dos progressos de uma crença que os nossos esforços tendem a difundir. As pessoas de boa vontade, aquelas que vêm nele haurir consolações são tão numerosas, que não saberíamos furtar o nosso tempo, em nos ocupando com indiferentes que não têm nenhum desejo de se convencerem. Aqueles que vêm a nós bastam para absorvê-lo, é por isso que não vamos ao encontro de ninguém; por isso também não o perdemos respigando nos campos estéreis; a vez dos outros virá, mais cedo do que pensam, para a glória de uns, e para a vergonha de outros.

Senhorita Pauline M...

(Remessa do Sr. Pichon, médium de Sens.)

1. Evocação. - R. Estou aqui, meus bons amigos.
2. Vossos pais nos pediram vos perguntar se sois mais feliz ao que durante a vossa existência terrestre; teríeis a bondade de no-lo dizer? - R. Oh! Sim; sou mais feliz do que eles.
3. Assistis freqüentemente a vossa mãe? - R. Eu quase não a deixo; ela, porém não pode compreender todos os encorajamentos que lhe dou, sem isso ela não estaria tão mal. Ela me chora e eu sou feliz! Deus me chamou a ele: é um favor; se todas as mães estivessem bem compenetradas do Espiritismo, que consolações para elas! Dizei bem à minha pobre mãe que ela se resigne, porque sem isso ela se afastará de sua filha querida. Toda pessoa que não é dócil às provas que o seu Criador lhe envia falta com o objetivo de suas provas. Que ela compreenda bem isso, porque ela não me reveria tão cedo. Ela perdeu-me materialmente, mas me reencontrará espiritualmente. Que ela se apresse, pois, em se restabelecer para assistir às vossas sessões; será então que poderei melhor consolá-la; eu mesma estarei mais feliz.
4. Poderíeis vos manifestar a ela de maneira mais particular? Ela poderia vos servir de médium? Receberia assim mais consolações do que pelo nosso intermédio? - R. Que ela tome um lápis, como o fazeis, e eu tentarei dizer-lhe alguma coisa. Isso nos é bem difícil quando não encontramos as disposições desejadas para isso.

5. Poderíeis nos dizer por que Deus vos retirou tão jovem do seio de vossa família, da qual fazíeis a alegria e a consolação? - R. Relede.

6. Poderíeis nos dizer o que sentistes no instante de vossa morte? - R. Uma perturbação; eu não acreditava estar morta. Isso me deu tanta pena de deixar minha boa mãe! Eu não me reconhecia; mas quando compreendi, não foi mais a mesma coisa.

7. Estais agora completamente desmaterializada? - R. Sim.

8. Poderíeis nos dizer quanto tempo permaneceste na perturbação? - R. Fiquei seis das vossas semanas.

9. Em que lugar estáveis quando vos reconhecestes? - R. Perto de meu corpo; vi o cemitério e compreendi.

Mãe! Estou sempre ao teu lado; eu te vejo, te compreendo muito melhor do que quando estava no meu corpo. Cessa, pois, de te entristecer, uma vez que não perdeste senão o pobre corpo que me deste. Tua filha está sempre ali; não chores mais; ao contrário, regozija-te, é o único meio de te fazer o bem e a mim também. Nós nos compreendemos melhor; eu te direi muitas coisas doces; Deus no-lo permitirá; nós lhe rogaremos juntas. Virás entre esses homens que trabalham pelo bem da Humanidade; tomaras parte em seus trabalhos; eu te ajudarei: i servirá ao nosso adiantamento, a nós ambas. Tua filha que te ama,

PAULINE

P.S. Dareis isto à minha mãe; por isso, vos serei reconhecida.

10. Pensais que a convalescença de vossa mãe seja ainda longa? - R. Isso dependerá das consolações que ela receba e de sua resignação.

11. Lembrais de todas as vossas encarnações? - R. Não, não todas.

12. A penúltima ocorreu sobre a Terra? - R. Sim; eu estava numa grande casa de comércio.

13. Em que época foi isso? - R. Sob o reinado de Luís XIV; no começo.

14. Lembrai-vos de alguns personagens daquele tempo? - R. Conheci o duque d'Orléans, porque ele se abastecia conosco. Conheci também Mazarin e uma parte de sua família.

15. Vossa última existência lhe serviu muito para o vosso adiantamento como Espírito? - R. Ela não pôde me servir muito, uma vez que nela não sofri nenhuma prova; ela foi para os meus pais, antes que para mim, um motivo de provas.

16. E vossa penúltima existência, vos foi mais proveitosa? - R. Sim, porque nela fui bem provada. Reveses de fortuna; a morte de todas as pessoas que me eram queridas; permaneci só; mas, confiante em meu Criador, suportei tudo isso com resignação. Dizei à minha mãe que ela faça como eu fiz. Que aquele que lhe levará as minhas consolações aperte a mão por mim a todos os meus bons parentes! Adeus.

Henry Murger

Nota. Numa sessão espírita íntima, que ocorreu na casa de um de nossos colegas da Sociedade, no dia 6 de fevereiro de 1861, o médium escreveu espontaneamente o que segue:

Maior é o espaço dos céus, maior é a atmosfera, mais belas são as flores, mais doces são os frutos, e as aspirações são preenchidas mesmo acima da ilusão. Salve, nova pátria! Salve, nova morada! Salve, felicidade, amor! Quanto a nossa curta estada sobre a Terra é pálida, e quanto aquele que deu o suspiro de alívio deve se encontrar feliz por ter deixado o Tártaro pelo céu! Salve, verdadeira boêmia! Salve, verdadeira negligência! Salve, sonhos realizados! Eu dormi alegre, porque sabia despertar feliz. Ah! Obrigado aos meus amigos, pelas suas doces lembranças!

H.MURGER.

As perguntas e as respostas seguintes foram feitas na Sociedade, a 8 de fevereiro:

1. Quarta-feira, viestes espontaneamente vos comunicar com um dos nossos colegas e ali ditastes uma encantadora página; entretanto, não se encontrava ali ninguém que vos conhecesse particularmente; quereis nos dizer, eu vos peço, o que nos proporcionou a honra de vossa visita? - R. Vim fazer um *ato de vida* para ser evocado hoje.
2. Postes levado às idéias espíritas? - R. Entre os dois; eu pressentia, pois eu me deixava facilmente ir às minhas inspirações.
3. Parece que a perturbação durou pouco tempo em vós, uma vez que vos exprimis tão prontamente, com tanta facilidade e clareza? - R. Eu morri com o perfeito conhecimento de mim mesmo, e, por conseguinte, não tive senão que abrir os olhos do Espírito logo que os olhos da carne se fecharam.
4. Este ditado pode ser considerado como um relato de vossas primeiras impressões no mundo onde estais agora; gostaríeis de nos descrever, com mais precisão, o que se passou em vós desde o instante em que a vossa alma deixou o vosso corpo? - R. A alegria me inundou; reví rostos queridos que eu acreditava perdidos para sempre. Apenas desmaterializados, ainda não tive senão sensações quase terrestres.
5. Gostaríeis de nos dar uma apreciação, sob o vosso ponto de vista atual, de vossa principal obra: *La Viede Bohème*? - R. Como quereis que, deslumbrado como eu estou, com os esplendores desconhecidos da ressurreição, faça um retorno sobre essa pobre obra, pálido reflexo de uma juventude sofredora?
6. Um de vossos amigos, o Sr. Théodore Pelloquet, publicou no *Siècle*, de 6 deste mês, um artigo bibliográfico sobre vós. Gostaríeis de lhe dirigir algumas palavras, assim como aos vossos outros amigos e confrades em literatura, e entre os quais se deve encontrar bastante que pouco crêem quanto à vida futura? - R. Eu lhes diria que o sucesso presente é semelhante ao ouro transformado em folhas secas; o que cremos, o que esperamos, nós outros respingadores afamados do campo parisiense, é o sucesso, sempre o sucesso, e jamais os nossos olhos não se elevam para o céu para pensar naquele que julga em última estância as nossas obras. Minhas palavras os mudarão? Não; arrastados pela vida ardente

que consome crença e juventude, eles escutarão distraídos e passarão esquecidos.

7. Vedes aqui Gérard de Nerval que vem de nos falar de vós? -R. Eu o vejo, e Musset, e a amável, a grande Delphine; vejo-os todos; eles me ajudam, me encorajam; me ensinam a falar.

Nota. Esta pergunta foi motivada pela comunicação seguinte, que um dos médiuns da Sociedade escrevera espontaneamente, no começo da sessão.

Um irmão chegou entre nós, feliz e disposto; ele agradece o céu, como ouvistes ainda há pouco, pela sua libertação um pouco tardia. Distante! agora a tristeza, as lágrimas e o riso amargo, porque nós o vemos bem no presente, o rir não é jamais verdadeiro entre vós; o que há de lamentável e de verdadeiramente penoso sobre a Terra, é que é preciso rir; é preciso rir forçosamente e de um nada, sobretudo de um nada na França, quando se estaria disposto a sonhar solitariamente. O que há de horrível para o coração que muito esperou é a desilusão, esse esqueleto hediondo do qual se quer apalpar em vão os contornos: a mão inquieta e tremente não encontra senão os ossos. Ó horror! Para aquele que acreditou no amor, na religião, na família, na amizade; aqueles que podem olhar em face impunemente essa máscara horrível que petrifica, ah! aqueles vivem, embora petrificados; mas aqueles que cantam em boêmia, ah! aqueles morrem bem depressa: eles viram a cabeça de Medusa; meu irmão Murger era destes últimos.

Vós o vedes, amigos, doravante não vivemos mais sozinhos nas nossas obras, e estaremos logo do vosso chamado junto a vós. Longe de sermos fiéis a esse ar de felicidade que nos cerca, viremos a vós como se estivéssemos ainda sobre a Terra, e Murger cantará ainda.

Gérard DE NERVAL.

O Espírito e as rosas

(Remessa da Senhora de B..., de Nova Orléans.)

Emma D..., jovem e linda menina, morta com a idade de 7 anos, depois de 6 meses de sofrimento, não comendo há mais de seis semanas antes de sua morte.

1. Evocação. - R. Estou aqui, senhora, que quereis?

2. Saber onde estais; se estais feliz, e por que Deus infligiu à vossa encantadora mãe e às vossas irmãs em grande desgosto quanto aquele de vos perder? - R. Estou no meio de bons Espíritos, que me amam e me instruem, sou feliz, bem feliz; a minha passagem entre vós não era senão um resto de prova física; eu sofri, mas esse sofrimento não era nada; ele depurava a minha alma 61 ao mesmo tempo, punha em desordem o meu próprio corpo. Agora, aprendo a vida da alma; estou reencarnada, mas em Espírito conservador; estou num mundo onde nenhum de nós mora senão durante a duração dos ensinamentos que nos são dados pelos *Grandes Espíritos*. Fora disso, eu viajo prevenindo os infelizes, afastando as tentações; freqüentemente, estou por aqui: há tantos pobres negros; sempre os lamentei, mas agora eu os amo. Sim, eu os amo, pobres almas! Entre eles há muitos bons, melhores do que seus senhores; e mesmo aqueles que são preguiçosos, é preciso lamentá-los.

Minha querida mãe, vou freqüentemente junto dela; e quando ela sente o seu coração revigorar, sou eu quem lhe aplicou o bálsamo divino; mas é preciso que ela sofra, aí de mim! mas, mais tarde, tudo será esquecido; e Lucie, minha bem amada Lucie, estará comigo antes de tudo; mas os outros virão; não é senão morrer para estar assim; nada: muda-se o corpo, é tudo. Eu, eu não tenho mais esse mal que me tornava um objeto de horror para cada um; estou mais feliz, e à noite eu me inclino para minha mãe e a abraço; ela não sente nada, mas então ela sonha comigo, e me vê como era antes da minha horrível doença. Compreendi, senhora, que eu sou feliz. Eu gostava de rosas no canto do jardim, onde ia dormir outrora; sugeri à Lucie a idéia de nele as pôr. Eu amava tanto as rosas, e vou tão freqüentemente lá! Eu tinha rosas nesse mundo; mas Lucie dorme cada dia no meu antigo canto e cada dia venho também para junto dela; eu a amo tanto!

3. Minha cara criança, é que eu não poderia vos ver? - R. Não, ainda. Não podeis me ver; mas olhai o raio do Sol, lá, sobre a vossa mesa, eu vou atravessá-lo. Obrigada por me ter evocado; sede indulgente para com minhas irmãs. Adeus.

O Espírito desapareceu fazendo sombra um instante sobre o raio de Sol que continuava. Tendo se colocado as rosas no querido pequeno canto, três dias depois, o médium escrevendo uma carta, a palavra *obrigada* veio sob a pena assim como a assinatura da criança, que lhe fez escrever: "Recomece a tua carta; tanto pior! Mas eu sou tão feliz por ter um médium! Eu voltarei. Obrigada pelas rosas. Adeus!

Dissertações espíritas

Revista Espírita, março de 1861

A lei de Moisés e a lei do Cristo

(Comunicação obtida pela Sra. R... da Mulhouse.)

Um de nossos assinantes de Mulhouse nos dirige a carta e a comunicação seguintes:

..."Aproveito da ocasião que se apresenta para vos escrever, para vos fazer parte de uma comunicação que recebi, como médium, de meu Espírito protetor, e que me parece interessante e instrutiva a justo título; se a julgais tal, vos autorizo a fazer dela o uso que julgar mais útil. Eis qual lhe foi o princípio. Devo primeiro vos dizer que professo o culto israelita, e que sou naturalmente levado às idéias religiosas, nas quais fui educado. Eu tinha notado que em todas as comunicações feitas pelos Espíritos, não era sempre questão senão da moral cristã pregada pelo Cristo, e que jamais falara da lei de Moisés. Eu me dizia, entretanto, que os mandamentos de Deus, revelados por Moisés, me pareciam ser o fundamento da moral cristã; que o Cristo pôde dela alargar o quadro, desenvolvendo-lhe as conseqüências, mas que o germe estava na lei ditada no Sinai. Perguntei-me, então, se a menção, tão freqüentemente repetida da moral do Cristo, se bem que a de Moisés não lhe fosse estranha, não provinha do fato de que a maioria das comunicações recebidas emanava de Espíritos que pertenceram à religião dominante, e se elas não seriam uma lembrança das idéias terrestres. Sob o império desses pensamentos, evoquei o meu Espírito protetor, que foi um de meus parentes próximos e se chamava Mardoché R... Eis as perguntas lhe dirigi e as respostas que me deu, etc...

1. Em todas as comunicações que são dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cita-se Jesus como sendo aquele que ensinou a mais bela moral; o que devo disso pensar? - R. Sim, foi o Cristo o iniciador da moral mais pura, a mais sublime; a moral evangélica cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los todos irmãos; a moral que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade, o amor ao próximo; que deve criar entre todos os homens uma solidariedade comum; uma moral, enfim, que deve transformar a Terra e dela fazer uma morada para Espíritos superiores àqueles que hoje a habitam. É a lei do progresso à qual a natureza está submetida que se cumpre, e o Espiritismo é uma das forças vivas, das quais Deus se serve para fazer a Humanidade avançar no caminho do progresso moral. Os tempos são chegados em que as idéias morais devem se desenvolver para cumprir os progressos que estão nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo caminho que as idéias da liberdade percorreram, e das quais elas eram precursoras. Mas não é preciso crer que esse desenvolvimento se fará sem lutas; não; elas têm necessidade, para chegarem à maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas; mas uma vez fixada a atenção, a beleza e a santidade da moral atingirão os Espíritos, e eles se ligarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna.

Deus é só e único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou, em missão, para se fazer conhecer, não só aos Hebreus, mas ainda aos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento do qual Deus se serviu para fazer a sua revelação por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes desse

povo tão notável eram feitas para atingir os olhos e fazer cair o véu que escondia, aos homens, a Divindade.

2. Em que, pois, a moral de Moisés é inferior à do Cristo? - R. Naquilo em que a de Moisés não era apropriada senão ao estado de adiantamento no qual se encontravam os povos, que fora chamado a regenerar, e que esses povos, semi-selvagens quanto ao aperfeiçoamento de sua alma, não teriam compreendido que se pode adorar a Deus de outro modo que pelos holocaustos, nem que fosse necessário perdoara um inimigo. Sua inteligência, notável do ponto de vista da matéria, e mesmo sob o das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade, e não se converteria sob o império de uma religião inteiramente espiritual; era-lhe necessária uma representação semi-material, tal como a oferecia então a religião hebraica. Assim é que os holocaustos falavam aos seus sentidos, enquanto que a idéia de Deus falava ao seu espírito.

Os mandamentos de Deus, dados por Moisés, trazem o germe da moral cristã a mais extensa, mas os comentários da Bíblia restringiram-lhe o sentido, porque empregados em toda a sua pureza, não seriam compreendidos então. Mas os dez mandamentos de Deus com isso não ficaram menos o frontispício brilhante, como o farol que deveria esclarecer a Humanidade no caminho que tinha a percorrer. Foi Moisés que abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a terminará.

3. O sábado é um dia consagrado? - R. Sim, o sábado é um dia consagrado ao repouso, à prece; é o emblema da felicidade eterna junto à qual aspiram todos os Espíritos, e à qual não chegarão senão depois de estarem aperfeiçoados pelo trabalho, e de estarem despojados, pelas encarnações, de todas as impurezas do coração humano.

4. Como ocorre, então, que cada seita haja consagrado um dia diferente? - R. Cada seita, é verdade, consagrou um dia diferente, mas isso não é um motivo para não se conformar. Deus aceita as preces e as formas de cada religião, contanto que os atos respondam ao ensinamento. Sob qualquer forma que se evoque Deus, a prece lhe é agradável, se a intenção é pura.

5. Pode-se se esperar o estabelecimento de uma religião universal? - R. Não, não em nosso planeta, ou, pelo menos, não antes que haja feito progressos que vários milhares de gerações não verão mesmo. MARDOCHÉ R....

Lições familiares de moral

(Remessa da senhora condessa F..., de Varsóvia, médium. Traduzido do polonês.)

Meus caros filhos, a vossa maneira de compreender a vontade de Deus é errônea, naquilo em que tomais tudo o que acontece pela expressão dessa vontade. Certamente, Deus conhece tudo o que é, tudo o que foi e tudo o que deve ser; a sua santa vontade, sendo sempre a expressão de seu amor divino, traz em se realizando a graça e a bênção, ao passo que afastando desse caminho único, o homem atrai para si penas que não são senão advertências. Infelizmente o homem hoje, cego pelo orgulho de seu Espírito, afogado na lama de suas paixões, não quer compreendê-las; ora, sabeí, meus filhos, o tempo se aproxima em que o reino da vontade de Deus começará sobre a Terra; então, infeliz daquele que ousar ainda a isso se opor, será quebrado como a cana, ao passo que aqueles que se emendarem verão se abrir para eles os tesouros da misericórdia infinita. Vede por aí que se a vontade de

Deus é a expressão de seu amor, e por isso mesmo imutável e eterna, todo ato de rebeldia contra essa vontade, embora soprado pela incompreensível sabedoria, não é senão temporário e passageiro, e antes uma prova da paciente misericórdia de Deus, do que a expressão da sua vontade.

II

Vejo com prazer, meus filhos, que a vossa fé não enfraqueceu, apesar dos ataques dos incrédulos. Se todos os homens acolheram com o mesmo zelo, a mesma perseverança e sobretudo com a mesma pureza de intenção, essa manifestação extraordinária da bondade divina, nova porta aberta ao vosso adiantamento, isso foi uma prova evidente de que o mundo não é nem tão mau, nem tão endurecido quanto parece, e que, o que é inadmissível, a mão de Deus injustamente pesou sobre os humanos. Não estejais, pois, admirados da oposição que o Espiritismo encontra no mundo; destinado a combater vitoriosamente o egoísmo e a trazer o triunfo da caridade, ele é muito naturalmente o alvo para as perseguições do egoísmo e do fanatismo que, freqüentemente, dele deriva. Lembrai-vos o que foi dito há muitos séculos: "Haverá muitos chamados e poucos escolhidos." Entretanto, o bem que vem de Deus acabará sempre por triunfar do mal que vem dos homens.

III

Deus fez descer sobre a Terra a fé e a caridade, para ajudarem os homens a sacudir a dupla tirania do pecado e da arbitrariedade, e não poderia se duvidar que, com esses dois divinos motores, eles teriam, há muito tempo, alcançado uma felicidade tão perfeita quanto o comporta a natureza humana e o estado físico do vosso globo, se os homens não tivessem deixado a fé definhar e seus corações secarem. Acreditaram mesmo, um momento, poder passarem sem ela e se salvarem unicamente pela caridade. Foi então que se viu nascer essa multidão de sistemas sociais, bons na intenção que os ditou, mas defeituosos e impraticáveis na forma. E por que são impraticáveis, direis? Não são fundados sobre o desinteresse de cada um? Sim, sem dúvida; mas para fundar sobre o desinteresse é necessário primeiro que o desinteresse exista, ora, não basta decretá-lo, é necessário inspirá-lo. Sem a fé que dá a certeza das compensações da vida futura, o desinteresse é uma tolice aos olhos do egoísta; eis porque os sistemas que não repousam sobre os interesses materiais são instáveis, tanto é verdade que o homem não saberia nada construir de harmonioso e de durável, sem a fé que, não só mente o dota de uma força moral superior a todas as forças físicas, mas lhe abre a assistência do mundo espiritual, e lhe permite haurir na fonte do poder divino.

IV

"Quando mesmo cumprirdes tudo o que vos foi ordenado, considerai-vos como servidores inúteis." Estas palavras do Cristo vos ensinam a humildade como a primeira base da fé e uma das primeiras condições da caridade. Aquele que tem a fé não esquece que Deus conhece todas as imperfeições; conseqüentemente, ele não se acha jamais em querer parecer, aos olhos de seu próximo, melhor do que é. Aquele que tem humildade acolhe sempre com doçura as censuras que lhe são dirigidas, por injustas que sejam; porque, sabeis-o bem, a injustiça não irrita jamais o justo, mas é colocando o dedo sob qualquer ferida envenenada de vossa alma que se faz subir sobre o vosso rosto o rubor da vergonha, indício certo de um orgulho mal ocultado. O orgulho, meus filhos, é o maior obstáculo ao vosso aperfeiçoamento, porque não vos deixa aproveitar as lições que se vos dão; portanto, é combatendo-o sem paz nem trégua que trabalhareis melhor para o vosso adiantamento.

V

Se lançais os olhos sobre o mundo que vos cerca, vê reis que tudo nele é harmonia: a harmonia do mundo material é o belo. Entretanto, isso não é ainda senão a parte menos nobre da criação; a harmonia do mundo espiritual é o amor, emanção divina que preenche os espaços e conduz a criatura ao seu criador. Tratai, meus filhos, de com ele encher os vossos corações; tudo o que poderíeis fazer de grande, fora desta lei, não poderia vos ser contado; soo amor, quando vos tiver assegurado o triunfo sobre a Terra, fará vir a vós o reino de Deus, prometido pelos apóstolos.

Os Missionários

(Remessa do Sr. Sabò, de Bordeaux.)

Vou dizer-vos algumas palavras para vos fazer compreender o objetivo que se propõem os Missionários deixando a pátria e a família para irem evangelizar as populações ignorantes ou ferozes, posto que irmãos, mas inclinados ao mal e não conhecendo o bem; ou para irem pregar a mortificação, a confiança em Deus, a prece, a fé, a resignação nas dores, na caridade, a esperança de uma vida melhor depois do arrependimento; dizeis, não está aí o Espiritismo? Sim, almas de elite que sempre servistes a Deus ou observastes fielmente as suas leis; que amais e socorreis o vosso próximo, vós sois Espíritas. Mas não conheceis essa palavra de criação nova, e aí vedes um perigo. Pois bem! Uma vez que a palavra vos assusta, não a pronunciamos mais diante de vós, até que vós mesmos venhais pedir esse nome, que resume a existência de Espíritos e suas manifestações: o Espiritismo.

Irmãos amados, que são os Missionários junto das nações na infância? Espíritos em missão que são enviados por Deus, nosso pai, para esclarecerem pobres Espíritos mais ignorantes: para lhes ensinar a esperar nele, a conhecê-lo, a amá-lo, a ser bons esposos, bons pais, bons para seus semelhantes; para lhes dar, tanto quanto comporte sua a natureza inculta, a idéia do bem e do belo. Ora, vós, que sois tão fiéis pela vossa inteligência, sabeis que partistes de tão baixo, e que tendes ainda muito a fazer para chegar ao mais alto grau. Eu vos pergunto, meus amigos, sem as missões e os Missionários, em que se tornariam essas pobres pessoas abandonadas às suas paixões e à sua natureza selvagem? Mas dizeis: Sois vós que, a exemplo desses homens devotados, ireis pregar o Evangelho a esses irmãos rudes? Não, não sois vós: tendes uma família, amigos, uma posição que não podeis abandonar; não, não sois vós que amais as doçuras da lareira doméstica; não, não sois vós, que tendes a fortuna, honras, todas as felicidades, enfim, que satisfazem a vossa vaidade e o vosso egoísmo; não, não sois vós. São necessários homens que deixem o teto paterno a pátria com alegria; homens que façam pouco caso da vida, porque freqüentemente ela é cortada pelo ferro e o fogo; são necessários homens bem convencidos de que, se vão trabalharem na vinha do Senhor e irrigarem com o seu sangue, encontrarão no Mais Alto a recompensa de tantos sacrifícios; dizei, são esses materialistas que seriam capazes de um tal devotamento, aqueles que não esperam mais nada depois desta vida? Crede-me, são Espíritos enviados por Deus. Não riais, pois, daquilo que chamais sua tolice, porque são instruídos, e, expondo sua vida para esclarecer seus irmãos ignorantes, têm direito ao vosso respeito e à vossa simpatia. Sim, são Espíritos encarnados que têm a missão perigosa de irem esclarecer essas inteligências incultas, como outros Espíritos mais elevados têm por missão vos fazer progredir, vós mesmos.

O que acabamos de fazer, meus amigos, é do Espiritismo; não vos assusteis, pois, com esta

palavra; não riais mais dela, sobretudo, porque é o símbolo da lei universal que rege os seres vivos da criação.

ADOLFO, bispo de Alger.

A França

(Comunicação enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux.)

Tu também, terra dos Franceses, estais mergulhada na barbárie, e tuas coortes selvagens levam o pavor e a desolação até o seio das nações civilizadas. Oferecias a Teutatès montanhas de sacrifícios humanos, e tremias à voz dos Druidas que escolhiam as suas vítimas; e os dolmens que te serviam de altares jazem no meio de charnecas estéreis! E o pastor que para ali conduz seus magros rebanhos olha com espanto esses blocos de granito, e se pergunta para que serviram essas lembranças de uma outra época!

Entretanto, teus filhos, cheios de bravura, domaram as nações, e reentraram sobre o solo natal, a frente triunfante, tendo em suas mãos os troféus de suas vitórias, e arrastando os vencidos numa vergonhosa escravidão! Mas Deus queria que tomasses teu lugar entre elas, e te enviou os seus bons Espíritos, apóstolos de uma religião nova, que vinham pregar, aos teus selvagens filhos, o amor, o perdão, a caridade, e quando Clóvis, à frente de suas armadas, chamou em seu socorro esse Deus poderoso, ele acorreu à sua voz, deu-lhe a vitória, e em filiar reconhecimento o vencedor abraçou o cristianismo! O apóstolo do Cristo, em lhe derramando a unção santa, inspirado pelo Espírito de Deus, lhe ordenou adorar aquilo que queimara, e de queimar aquilo que adorara.

Então começou para ti uma longa luta entre os teus filhos, que não podiam se decidir a desafiar a cólera de seus deuses e de seus sacerdotes, e não foi senão depois que o sangue dos mártires regou teu solo, para nele fazer germinar as suas pregações, que sacudistes, pouco a pouco, de teu coração o culto de teus pais, para seguir o de teus reis. Eles eram bravos e valorosos; iam por sua vez combater as hordas selvagens dos bárbaros do Norte; e entrados na calma de seus palácios, se aplicaram ao progresso e à civilização de seus povos; durante uma longa seqüência de séculos, viu-se que cumpriram esse progresso, lentamente é verdade, mas te colocaram no primeiro plano.

Todavia, tão freqüentemente fostes culpável que o braço de Deus se levantou, e estava prestes a te exterminar; mas se o solo francês é um lar de incredulidade e de ateísmo, é também o foco dos impulsos generosos, da caridade e dos sublimes devotamentos; ao lado da impiedade florescem as virtudes pregadas pelo Evangelho; também elas desarmaram o seu braço prestes a atingir tantas vezes, e lançando sobre esse povo que ele ama um olhar de clemência, o escolheu para ser o órgão de sua vontade, e será de seu seio que deverão sair o germes da doutrina Espírita, que faz ensinar pelos bons Espíritos, a fim de que seus raios benfazejos, pouco a pouco vão penetrar os corações de todas as nações, e que os povos, consolados por preceitos de amor, de caridade, de perdão e de justiça, marchem a passo de gigante para a grande reforma moral que deve regenerar a Humanidade. França! Tens a tua sorte entre as tuas mãos; se desprezas a voz celeste que te chama a esses gloriosos destinos se a tua indiferença te faz repelir a luz que debes difundir, Deus te repudiará, como repudiou outrora o povo hebreu, porque ele estará com aquele que cumprirá os seus desígnios. Apressa-te, pois, porque o momento chegou! Que os povos aprendam de ti o caminho da verdadeira felicidade; que o teu exemplo lhes mostre os frutos consoladores que devem dela retirar, e repetirão com o coro dos bons Espíritos: Deus protege e bendiz a

França!

CHARLEMAGNE.

A ingratiidãõ

(Remessa do Sr. Pichon, médium de Sens.)

É necessário sempre ajudar os fracos e àqueles que têm o desejo de fazer o bem, embora sabendo de antemão que não será recompensado por aqueles a quem se o faz, porque aquele que vos recusa agradecer por tê-lo assistido não é sempre tão ingrato como o imaginais: bem freqüentemente ele age segundo os objetivos que Deus se propôs, mas seus objetivos não são, e muito freqüentemente não podem ser, apreciados por vós. Que vos baste saber que é necessário fazer o bem por dever e por amor a Deus, porque Jesus disse: "Aquele que não faz o bem senão por interesse já recebeu a sua recompensa." Sabei que se aquele a quem prestais serviço esquece o benefício, Deus vo-lo terá mais em conta do que se estivesses já recompensado pela gratidão de vosso protegido.

SÓCRATES.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Abril

- [Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschanel](#)
- [Senhor Louis Jourdan e O Livro dos Espíritos](#)
- [Apreciação da História do maravilhoso, do Sr. Louis Figuier, pelo Sr. Escande, redator da ModeNouvelle](#)
- [O Mar, pelo Sr. Michelet](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Alfred Leroy, suicida](#)
 - [Jules Michel](#)
- [Correspondência. - Carta de Roma](#)
- Dissertações Espíritas.
 - [A verdade vai nascer \(Massillon\)](#)
 - [Progresso de um Espírito perverso](#)
 - [Sobre o ciúme entre os médiuns](#)

Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschanel

Revista Espírita, abril de 1861

Do Journal dês Débats.

No precedente número da *Revista Espírita*, nossos leitores puderam ver, ao lado de nossas reflexões sobre o artigo do Sr. Deschanel, a carta pessoal que lhe dirigimos. Essa carta, muito curta, da qual lhe pedimos a inserção, tinha por objeto retificar um erro grave que ele cometera em sua apreciação. Apresentando a Doutrina Espírita como estando fundada sobre o mais grosseiro materialismo, era desnaturar-lhe completamente o espírito, Tia vez que ela, ao contrário, tende a destruir as idéias materialistas. Havia em seu artigo muitos outros erros que pudéramos relevar, mas aquele era muito capital para permanecer sem resposta; tinha uma gravidade real em que ele tendia a lançar um verdadeiro desfavor sobre os numerosos adeptos do Espiritismo. O Sr. Deschanel não acreditou dever submeter-se ao nosso pedido, e eis a resposta que nos dirigiu:

"Senhor,

"Recebi a carta que fizestes a honra de escrever, em data 5 de fevereiro. O vosso editor, Sr. Didier, consentiu em me encarregar de vos explicar que foi sob o seu reiterado pedido que consenti dar conta, nos *Débats*, de vosso livro *O Livro dos espíritos*, sob a condição de criticar tanto quanto eu quisesse; nossa convenção. Eu vos agradeço de ter compreendido que, nessas circunstâncias, usar de vosso direito de contra-exposição fora estritamente legal, mas menos delicada, seguramente, do que a abstenção à qual acedestes, assim como o Sr. Didier me informou esta manhã.

"Quereis aceitar, etc.

E. Deschanel

Esta carta falta com a exatidão sobre vários pontos. É verdade que o Sr. Didier remeteu ao Sr. Deschanel um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, como isso se pratica de editora a jornalista; mas o que não é exato, é que o Sr. Didier se tenha encarregado de nada nos explicar sobre as suas pretensas instâncias reiteradas para que disso fosse dado conta, e se o Sr. Deschanel acreditou dever-lhe consagrar vinte e quatro colunas de zombarias, nos permitirá crer que isso não foi nem condescendência nem por deferência para com o Sr. Didier. De resto, nós o dissemos, não é disso de que nos lamentamos: a crítica estava em seu direito; e do momento que ele não partilha a nossa maneira de ver, estava livre para apreciar a obra sob o seu ponto de vista, assim como ocorre todos os dias; uma coisa é levada às nuvens por uns, depreciada pelos outros, mas nem um nem o outro desses julgamentos é sem apelação; o único juiz em última instância é o público, e sobretudo o público futuro, que é estranho às paixões e às intrigas do momento. Os elogios obsequiosos de grupos não o impedem de enterrar, para sempre, o que é realmente mau, e o que é verdadeiramente bom sobrevive a despeito das diatribes da inveja e do ciúme.

Desta verdade duas fábulas dão fé,

Tão abundantes as provas da coisa, teria dito La Fontaine; não citaremos duas fábulas, mas dois fatos. Ao seu aparecimento, a *Phèdre* de Racine teve contra ela a corte e a cidade, e foi achincalhada; o autor ficou cheio de tantos desgostos que, com a idade de trinta e oito anos, renunciou a escrever para o teatro; a *Phèdre* de Pradon, ao contrário, foi enaltecida com outra medida; qual é hoje a sorte dessas duas obras? Um outro livro mais modesto, *Paul et Virginie*, foi declarado nati-morto pelo ilustre Buffon que o achou insosso e insípido, e todavia, sabe-se que nunca um livro foi tão popular. Por esses dois exemplos, nosso objetivo é simplesmente provar que a opinião de um crítico, qualquer que seja o seu mérito, é sempre uma opinião pessoal e que nem sempre é ratificada pela posteridade pública. Mas voltemos de Buffon a Deschanel, sem comparação, porque Buffon está grosseiramente enganado, ao passo que o Sr. Deschanel crê, sem dúvida, que não se dirá tanto dele.

O Sr. Deschanel, na carta, reconhece que o nosso direito de contra-exposição foi estritamente legal, mas acha mais delicadeza, de nossa parte, não o exercitar; ele se engana ainda completamente quando diz que *acedemos a* uma abstenção, o que daria a entender que *acedemos a* uma solicitação, e mesmo que o Sr. Didier teria sido encarregado de informá-lo; ora, nada é menos exato. Não acreditamos dever exigir a inserção de uma exposição contraditória; é-lhe permitido achar a nossa doutrina má, detestável, absurda, e de gritá-lo sobre os telhados, mas esperávamos de sua *lealdade a* publicação de nossa carta para retificar uma alegação falsa, e podendo insultar a nossa consideração, naquilo que nos acusa de professar e de propagar as próprias doutrinas que combatemos, como subversivas da ordem social e da moral pública. Não lhe pedimos uma retratação, à qual o seu amor-próprio talvez se recusasse, mas simplesmente para inserir o nosso protesto; certamente, não abusamos do direito de resposta, uma vez que em troca de vinte e quatro colunas nós lhe não pedíamos senão trinta a quarenta linhas. Nossos leitores saberão apreciar a sua recusa; se ele consentiu ver delicadeza no nosso proceder, não saberíamos julgar o seu do mesmo modo.

Quando o Sr. abade Chesnel publicou no *Univers*, de 1858, seu artigo sobre o Espiritismo, ele deu, da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* uma idéia igualmente falsa apresentando-a como uma seita religiosa, tendo o seu culto e seus sacerdotes; esta alegação desnaturava completamente o seu objetivo e suas tendências, e podia enganar a opinião pública; ela era tanto mais errônea quanto o regulamento da Sociedade lhe proíbe se ocupar de matérias religiosas; não se conceberia, com efeito, uma Sociedade religiosa que não pudesse se ocupar de religião. Protestamos contra essa assertiva, não com algumas linhas, mas por um artigo inteiro e longamente motivado que, ao nosso simples pedido, o *Univers* fez a si o dever de inseri-lo. Lamentamos que, em semelhante circunstância, o Sr. Deschanel, do jornal *dês Débats*, se creia menos moralmente obrigado de restabelecer a verdade do que os Senhores do *Univers*; se isso não fosse uma questão de direito, seria sempre uma questão de lealdade; reservar-se o direito de atacar sem admitir a defesa, é um meio fácil, para ele, de fazer com que os seus leitores creiam que ele tem razão.

Senhor Louis Jourdan e *O Livro dos Espíritos*

Revista Espírita, abril de 1861

Uma vez que estamos ocupados falando de publicistas a propósito do Espiritismo, não nos detenhamos em caminho; esses Senhores, em geral, não nos perturbam, e como não fazemos mistério de suas críticas, hão de se nos permitir apresentar-lhe a contrapartida, e opor à opinião do Sr. Deschanel e outros, a de um escritor do qual ninguém contesta o valor e a influência sem que nos possam taxar de amor-próprio. Os elogios, aliás, não se dirigem à nossa pessoa ou pelo menos não os tomamos para nós, e reportamo-lhes as honras aos guias espirituais que consentem em nos dirigir. Não saberíamos, pois, nos prevalecer do mérito que se pode encontrar em nossos trabalhos; aceitamos os elogios, não como indício do nosso valor pessoal, mas como consagração da obra que empreendemos, obra que, com a ajuda de Deus, esperamos levar a bom fim, porque não estamos no fim, e o mais difícil não foi feito. Sob esse aspecto a opinião do Sr. Louis Jourdan é de um certo peso, porque se sabe que ele não fala levemente e por falar, ou enche colunas com palavras; certamente, ele pode se enganar como um outro, mas, em todos os casos, sua opinião é sempre conscienciosa.

Seria prematuro dizer que o Sr. Jourdan é um adepto confesso do Espiritismo; ele mesmo declarará que nada viu, não estar em relação com nenhum médium; julga a coisa segundo o seu sentimento íntimo, e como ele não toma seu ponto de partida na negação da alma e de toda a força extra-humana, vê na Doutrina Espírita uma nova fase do mundo moral e um meio de explicar o que até então era inexplicado; ora, admitindo a base, sua razão não se recusa de nenhum modo em admitir as conseqüências, ao passo que o Sr. Figuiier não pode admitir essas conseqüências, desde que ele rejeita o princípio fundamental. Não tendo tudo estudado, tudo aprofundado nesta vasta ciência, não se admira de que as suas idéias não estejam fixadas sobre todos os pontos, e, por isso mesmo certas questões devem lhe parecer ainda hipotéticas; mas um homem de senso não diz: Eu não compreendo, portanto, isso não é; diz ao contrário: Eu não sei, porque não aprendi, mas eu não nego. Por causa disso, o homem sério não se satisfaz sobre uma questão que toca os mais graves interesses da Humanidade, e o homem prudente se cala sobre o que ignora, de medo que os fatos venham, como em tantos outros, dar um desmentido às suas negações, e que se não lhe oponham este irresistível argumento: Falais daquilo que não sabeis. Passando, pois, sobre as questões de detalhes para as quais confessa a sua incompetência, ele se limita à apreciação do princípio, e esse princípio, apenas raciocinando-o, fá-lo admitir-lhe a possibilidade, assim como isso ocorre diariamente.

O Sr. Jourdan primeiro publicou um artigo sobre *O Livro dos Espíritos*, em o *Causer* (nº 8, abril de 1860); eis disso um ano e dele não falamos ainda nesta Revista, prova de que não estamos muito empenhados em nos prevalecer dos elogios, ao passo que citamos textualmente, ou indicamos, as mais amargas críticas, prova também de que não tememos a sua influência. Esse artigo está reproduzido em sua nova obra: *Um Filósofo ao canto da lareira* (1-(1) 1. vol. in-12; preço 3 francos. Casa Dentu.), da qual forma um capítulo. Dela extraímos as passagens seguintes:

"Prometi formalmente retornar sobre um assunto do qual disse apenas algumas palavras, e que merece uma atenção toda particular, é *O Livro dos Espíritos*, contendo os princípios da doutrina e da filosofia *espírita*. A palavra pode vos parecer bárbara, mas, que fazer? Às coisas novas são necessárias palavras novas. As mesas girantes conduziram ao Espiritismo, e estamos hoje de posse de uma doutrina completa, inteiramente revelada pelos Espíritos, porque *O Livro dos Espíritos* não foi feito pela mão do homem; o Sr. Allan Kardec se limitou a colecionar e pôr em ordem as respostas dadas pelos Espíritos às inumeráveis perguntas que lhes foram colocadas, respostas breves, que nem sempre satisfazem a curiosidade do perguntador, mas que, consideradas em seu conjunto, constituem com efeito uma doutrina, uma moral, e quem sabe? talvez uma religião.

"Julgai-o vós mesmos. Os Espíritos se explicaram claramente sobre as causas primeiras, sobre Deus e o Infinito, sobre os atributos da Divindade. Eles nos deram os elementos gerais do Universo, o conhecimento do princípio das coisas, as propriedades da matéria. Disseram os mistérios da criação, a formação dos mundos e dos seres vivos, as causas e as diversidades das raças humanas. Daí ao princípio vital não havia senão um passo, e nos disseram o que era o princípio vital, o que eram a vida e a morte, a inteligência e o instinto.

"Depois, levantaram o véu que esconde o mundo espírita, quer dizer, o mundo dos Espíritos, e nos disseram qual era a sua origem e qual era a sua natureza; como se encarnam e qual era o objetivo dessa encarnação; como se efetuava o retorno da vida corporal para a vida espiritual. Espíritos errantes, mundos transitórios, percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos, relações de além-túmulo, relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos, retomo à vida corporal, emancipação da alma, intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, ocupação e missão dos Espíritos, nada nos foi ocultado.

"Eu disse que os Espíritos estavam ocupados em fundar não só uma doutrina e uma filosofia, mas também uma religião. Com efeito, eles elaboraram um código de moral onde se encontram formuladas leis cuja sabedoria me parece muito grande, e, para que nada lhe falte, disseram quais seriam as penas e os gozos futuros, o que seria necessário entender por estas palavras: Paraíso, purgatório e inferno. É, como se vê, um sistema completo, e não experimento nenhum embaraço para reconhecer que se esse sistema não tem a coesão poderosa de uma obra filosófica, se contradições se manifestam aqui e ali, é pelo menos muito notável pela sua originalidade, pela sua alta importância moral, pelas soluções inesperadas que dá às delicadas questões que, em todos os tempos, inquietaram ou preocuparam o espírito humano.

"Sou completamente estranho à escola espírita; não conheço nem os seus chefes, nem os seus adeptos; nunca vi funcionar a menor mesa girante; não tive nenhuma relação com nenhum médium; não fui testemunha de nenhum desses fatos sobrenaturais ou miraculosos, dos quais encontro os relatos incríveis nessas coletâneas espíritas que me foram enviadas. Não afirmo e nem recuso absolutamente a comunicação dos Espíritos; eu creio *a priori* que essas comunicações são possíveis e a minha razão, com isso, não está de nenhum modo alarmada. Não tenho necessidade, para nisso crer, da explicação que me deu recentemente o meu sábio amigo, Sr. Louis Figuier, sobre esses fatos que ele atribui à influência magnética dos médiuns.

"Não vejo nada de impossível em que relações se estabeleçam entre o mundo invisível e nós. Não me pergunteis o como e o porquê, disso nada sei; isto é assunto de sentimento e não de

demonstração matemática. É, pois, um sentimento que exprimo, mas um sentimento que nada tem de vago e toma em meu espírito, e em meu coração, formas bastante precisas.

Se pelo funcionamento dos nossos pulmões, hauríamos no espaço infinito que nos cerca os fluidos, os princípios vitais necessários à nossa existência, é bem evidente que estamos em relação constante e necessária com o mundo invisível. Esse mundo está povoado de Espíritos errantes, como almas em pena e sempre prontas a responder aos nossos chamados? Aí está o que é mais difícil de admitir, mas também o que seria mais temerário negar absolutamente.

"Sem dúvida, não temos dificuldade em crer que todas as criaturas de Deus não se parecem aos tristes habitantes de nosso planeta. Somos bastante imperfeitos, estamos submetidos a necessidades bastante grosseiras para que não seja difícil imaginar que existem seres superiores que não sofram nenhuma pena corpórea; seres radiantes e luminosos, espírito e matéria como nós, mas espírito mais sutil e mais puro, matéria menos densa e menos pesada; mensageiros fluídicos que unem entre eles os universos, sustentam, encorajam os astros e as raças diversas que os povoam no cumprimento de sua tarefa.

"Pela aspiração e a respiração estamos em relação com toda a hierarquia dessas criaturas, desses seres dos quais não podemos compreender mais a existência que não podemos nos representar a sua forma. Não é, pois, absolutamente impossível que alguns desses seres entrem acidentalmente em relação com os homens, mas o que nos parece pueril, é que lhe falta o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer, para que essas relações se estabeleçam.

"De duas coisas uma: ou essas comunicações são úteis, ou elas são ociosas. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de serem chamados de modo misterioso, de serem evocados e interrogados para ensinarem aos homens o que lhe importa saber; se são ociosas, por que a elas recorrer?

"Não tenho nenhuma repugnância em admitir essas influências, essas inspirações, essas revelações, se quereis. O que rejeito absolutamente, é que, sob o pretexto de revelação, venham me dizer: Deus falou, portanto ide vos submeter. Deus falou pela boca de Moisés, do Cristo, de Maomé, pois sereis judeus, cristãos ou muçulmanos, senão incorrereis nos castigos eternos e, esperando isso, iremos vos maldizer ou vos torturar nesse mundo.

"Não! Não! semelhantes revelações não as quero por nenhum preço; acima de todas as revelações, de todas as inspirações, de todos os profetas presentes, passados ou futuros, há uma lei suprema: é a lei da liberdade. Tendo essa lei por base, eu admitirei, salvo discussão, tudo o que vos agradar. Suprimi essa lei, e não haverá senão trevas e violência. Eu quero ter a liberdade de crer ou de não crer, e de dizê-lo bem alto; é meu direito, quero usá-lo; é a minha liberdade e a ela me apego. Dizei-me que, não crendo no que me ensinai, perco a minha alma; é possível. Eu quero a minha liberdade até esse limite; quero perder a minha alma se isso me aprovar. E quem, pois, neste mundo, será juiz de minha salvação ou de minha perda? Quem, pois, pode dizer: Aquele está salvo, este está perdido sem retomo? Então a misericórdia de Deus não será infinita? Será que quem esteja no mundo pode sondar a profundidade de uma consciência?

"É porque esta doutrina se encontra também no livro do Sr. Allan Kardec, que me reconcilio com os Espíritos que ele interrogou. O laconismo de suas respostas prova que os Espíritos não têm tempo a perder, e se me espanto com alguma coisa, é que eles tenham ainda bastante para responder complacientemente ao chamado de tantas pessoas que perdem o seu para evocá-los.

"Tudo o que dizem, de um modo mais ou menos claro, mais ou menos sumário, os Espíritos dos quais o Sr. Allan Kardec coligiu as respostas, foi exposto e desenvolvido com uma notável limpidez por Michel que me parece ser, longe disso, o mais avançado e o mais completo de todos os místicos contemporâneos. Sua revelação é, ao mesmo tempo, uma doutrina e um poema, doutrina santa e fortificante, poema brilhante. A única vantagem que encontro nas perguntas e respostas que o Sr. Allan Kardec publicou, é que elas se apresentam sob uma forma mais acessível para a grande massa dos leitores, e das leitoras sobretudo, as principais idéias sobre as quais importa chamar a sua atenção. Os livros de Michel não são de leitura fácil; exigem uma tensão de espírito muito sustentada. O livro do qual falamos, ao contrário, pode ser uma espécie de *vade mecum*; é tomado, deixado e aberto não importa onde, e súbito a curiosidade é despertada. As perguntas dirigidas aos Espíritos são aquelas que nos preocupam a todos; as respostas são, algumas vezes, muito fracas, outras vezes elas condensam em poucas palavras a solução dos problemas mais difíceis, e sempre oferecem um vivo interesse ou salutares indicações. Eu não sei de curso de moral mais atraente, mais consolador, mais encantador do que aquele. Todos os grandes princípios sobre os quais se fundam as civilizações modernas ali estão confirmados, e notadamente o princípio dos princípios: a liberdade! O espírito e o coração dali saem serenos e fortificados.

"São sobretudo os capítulos relativos à pluralidade dos sistemas, à lei do progresso coletivo e individual, que têm uma atração e um encanto poderosos. Para mim, os Espíritos do Sr. Allan Kardec nada me ensinaram sob este aspecto. Há muito tempo que creio firmemente no desenvolvimento progressivo da vida através dos mundos; que a morte é o limiar de uma existência nova, cujas provas são proporcionais aos méritos da existência anterior. De resto, a velha fé gaulesa, era a doutrina druida, e os Espíritos nada inventaram nisso; mas o que eles acrescentaram foi uma série de deduções e de regras práticas, excelentes na conduta da vida. Sob esse aspecto, como sob muitos outros, a leitura desse livro, independentemente do interesse e da curiosidade que a sua origem excita, pode ter um alto caráter de utilidade para os caracteres indecisos, para as almas mal consolidadas que flutuam nos limites da dúvida. A dúvida! É o pior dos males! É a mais horrível das prisões, é preciso sair dela a todo preço. Esse livro estranho nisso ajudará mais de um e mais de uma consolidar a sua vida, a romper os ferrolhos de sua prisão, precisamente porque ele é apresentado sob uma forma mais simples e elementar, sob a forma de um catecismo popular que todo o mundo pode ler e compreender."

Depois de citar algumas questões sobre o casamento e o divórcio, que acha um pouco pueris e não estão tratadas a seu gosto, o Sr. Jourdan termina assim:

"Eu me apresso em dizer, entretanto, que todas as respostas dos Espíritos não são tão superficiais como aquelas de que acabo de falar. É o conjunto desse livro que é notável, é o

dado geral que está marcado com uma certa grandeza e uma originalidade muito viva. Que ela emane ou não de uma fonte extra-natural, a obra é impressionante a mais de um título, e foi só por isso que me interessou vivamente, e estou fundado a crer que ela pode interessar a muitas pessoas."

Resposta.

O Sr. Jourdan faz uma pergunta, ou antes, uma objeção necessariamente motivada pela insuficiência de seus conhecimentos sobre a matéria.

"Não é, pois, absolutamente impossível, disse ele, que alguns desses seres entrem acidentalmente em relação com os homens, mas o que nos parece pueril é que falte o concurso material de uma mesa, de uma prancheta ou de um médium qualquer para que essas relações se estabeleçam. De duas coisas uma: ou essas comunicações são úteis, ou elas são ociosas. Se são úteis, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de modo misterioso, de ser evocados para ensinarem aos homens o que lhes importa saber; se elas são ociosas, por que a elas recorrer?" Em seu *Philosophe au coin du feu*, acrescenta a esse respeito: "Eis um dilema do qual a escola *Espírita* terá dificuldade para sair."

Não, certamente, não tem dificuldade para disso sair, porque há muito tempo o colocou e, há muito tempo também o resolveu, e se não o foi para o Sr. Jourdan, é porque ele não sabe tudo; ora, cremos que se tivesse lido *O Livro dos Médiuns*, que trata da parte prática e experimental do Espiritismo, teria sabido a que se ater sobre esse ponto.

Sim, sem dúvida, seria pueril, e essa palavra empregada por conveniência pelo Sr. Jourdan seria muito fraca, dizemos que seria ridículo, absurdo e inadmissível senão pelas relações tão graves como aquelas do mundo visível e do mundo invisível, se os Espíritos tivessem necessidade, para nos transmitir os seus ensinamentos, de um utensílio tão vulgar quanto uma mesa, uma cesta ou uma prancheta, porque se seguiria que aquele que estivesse privado desses acessórios estaria também privado de suas lições. Não, isso não é assim; não sendo os Espíritos senão as almas dos homens despojadas do envoltório grosseiro do corpo, há Espíritos desde que há homens no Universo (não dizemos sobre a Terra); esses Espíritos compõem o mundo invisível que povoa os espaços, que nos cerca, no meio do qual vivemos sem disso desconfiar, como vivemos, sem disso desconfiar igualmente, no meio do mundo microscópico. De todos os tempos, esses Espíritos exerceram a sua influência sobre o mundo visível; de todos os tempos, aqueles que são bons ou sábios, ajudaram o gênio pela inspiração, ao passo que outros se limitam a nos guiar nos atos ordinários da vida; mas essas inspirações, que ocorrem pela transmissão do pensamento, são ocultas e não podem deixar nenhum traço material; se o Espírito quer se manifestar de maneira ostensiva, é necessário que ele atue sobre a matéria; se quer que o seu ensino, em lugar de ter o vago e a incerteza do pensamento, tenha a precisão e a estabilidade, lhe são necessários sinais materiais e, para isso, que nos permitam a expressão, ele se serve de tudo o que lhe cai sob a mão, contanto que esteja em condições apropriadas à sua natureza. Ele se serve de uma pena, ou de um lápis, se crer escrever, de um objeto qualquer, mesa ou panela se quer bater, sem que, com isso, seja humilhado. Há algo mais vulgar do que uma pena de pato? Não é com isso que os grandes gênios legam as suas obras-primas à posteridade? Tirai-lhes todo o meio de escrever; que farão? Eles pensam; mas os seus pensamentos se perdem se ninguém os recolhe. Suponde um literato maneta, como resolve isso? Tem um secretário que escreve sob o seu ditado. Ora, como os Espíritos não podem ter a pena sem intermediário, fazem-na ter por aquele que se chama *um médium*, que inspiram e dirigem. Esse médium, às vezes, age com conhecimento de causa: é o médium propriamente dito; de outras vezes atua de

maneira inconsciente da causa que o solicita: é o caso de todos os homens inspirados que, assim, são médiuns sem o saberem. Vê-se, pois, que a questão das mesas e pranchetas é inteiramente acessória em lugar de ser a coisa principal, como crêem aqueles que disso não sabem mais; elas foram o prelúdio dos grandes e poderosos meios de comunicação, como o alfabeto foi o prelúdio da leitura corrente.

A segunda parte do dilema não é menos fácil de se resolver. "Se essas comunicações são úteis, disse o Sr. Jourdan, os Espíritos não devem ter necessidade de ser chamados de modo misterioso, de ser evocados."

Digamos primeiro que não nos compete regular o que se passa no mundo dos Espíritos; que não nos cabe dizer: As coisas devem ou não devem ser de tal ou de tal modo, porque isso seria querer reger a obra de Deus. Os Espíritos consentem em nos iniciar *em parte* quanto ao seu mundo, porque esse mundo será o nosso, talvez amanhã; cabe a nós tomá-lo como ele é, e, se não nos convém, isso não será nem mais nem menos, porque Deus não o mudará por nós.

Isto posto, apressemo-nos em dizer que nunca houve evocações misteriosas e cabalísticas; tudo se faz simplesmente, à luz e sem fórmula obrigatória. Aqueles que crêem essas coisas necessárias, ignoram os primeiros elementos da ciência espírita.

Em segundo lugar, e se as comunicações espíritas não pudessem existir senão em consequência de uma evocação, seguir-se-ia que elas seriam o privilégio daqueles que sabem evocar, e que a imensa maioria daqueles que dela jamais ouviram falar estaria privada de fazê-lo; ora, isso estaria em contradição com o que dissemos ainda há pouco das comunicações ocultas e espontâneas. Essas comunicações são para todo o mundo, para o pequeno como para o grande, o rico como para o pobre, o ignorante como o sábio. Os Espíritos que nos protegem, os parentes e os amigos que perdemos, não têm necessidade de ser chamados; eles estão junto de nós, e, embora invisíveis, nos cercam com a sua solicitude; só o nosso pensamento basta para atraí-los, provando-lhes a nossa afeição, porque, se não pensamos neles, é bastante natural que eles não pensem em nós.

Então, direis, por que evocar? Ei-lo. Suponde que estais na rua, cercado de multidão compacta que conversa e sussurra aos vossos ouvidos; mas, entre ela, percebeis ao longe alguém conhecido com quem quereis falar em particular; que fazeis se não podeis ir a ele? Chamais, e ele vem a vós. Ocorre o mesmo com os Espíritos. Ao lado daqueles que gostam de nós, e que talvez não estejam sempre ali, há a multidão inumerável dos indiferentes; se quereis falar a um Espírito determinado, como não podeis ir a ele, retido que estais pelo vosso grilhão corpóreo, vós o chamais, e aí está todo o mistério da evocação, que não tem outro objetivo senão de vos dirigir àquele que quereis, em lugar de escutar o primeiro que chegue. Nas comunicações ocultas e espontâneas, das quais falamos há pouco, os Espíritos que nos assistem nos são desconhecidos; e o fazem com o nosso desconhecimento; pelo fato das manifestações materiais, escritas ou outras, eles revelam a sua presença de maneira patente, e podem se fazer conhecer se o querem: é um meio de se saber com quem se trata, e se se tem ao redor amigos ou inimigos; ora, os inimigos não faltam mais no mundo dos Espíritos do que entre os homens; ali, como entre nós, os mais perigosos são aqueles que não se conhece; o Espiritismo prático dá os meios de conhecê-los.

Em resumo, aquele que não conhece o Espiritismo senão pelas mesas girantes dele faz uma idéia tão mesquinha e tão pueril quanto aquele que não conhecesse a física senão por certos jogos infantis; mas, quanto mais se avança, mais o horizonte se alarga, e é somente então que se lhe compreende a verdadeira importância, porque ele nos revela uma das forças mais

poderosas da Natureza, força que atua, ao mesmo tempo, sobre o mundo moral e sobre o mundo físico. Ninguém contesta a reação que exerce, sobre nós, o meio material, visível ou invisível, no qual estamos mergulhados; se estamos numa multidão, essa multidão de seres reage também sobre nós, moral e fisicamente. À nossa morte, as nossas almas vão para alguma parte; para onde vão elas? Como não há para elas nenhum lugar fechado e circunscrito, o Espiritismo diz, e prova pelos fatos, que essa alguma parte é o espaço; elas formam ao nosso redor uma população inumerável. Ora, como admitir que esse meio inteligente tenha menos ação do que o meio ininteligente? Aí está a chave de um grande número de fatos incompreendidos que o homem interpretou segundo os seus preconceitos, e que explora ao capricho de suas paixões. Quando essas coisas forem compreendidas por todo o mundo, os preconceitos desaparecerão, e o progresso poderá seguir a sua marcha sem entraves. O Espiritismo é uma luz que clareia os recônditos mais tenebrosos da sociedade; é, pois, muito natural que aqueles que temem a luz procurem aniquilá-la; mas, quando a luz tiver penetrado por toda a parte, será necessário que aqueles que procuram a obscuridade se decidam a viver na luz; será, então, que se verão muitas máscaras caírem. Todo homem que quer verdadeiramente o progresso não pode, pois, permanecer indiferente a uma das causas que mais devem para isso contribuir, e que prepara uma das maiores revoluções morais que a Humanidade tenha sofrido ainda. Estamos longe, como se vê, das mesas girantes: é que há também distância desse modesto início às suas conseqüências quanto da maçã de Newton à gravidade universal.

Apreciação da *História do maravilhoso*

Revista Espírita, abril de 1861

do Sr. Louis Figuier, pelo Sr. Escande, redator da Mode Nouvelle.

Nos artigos que publicamos sobre esta obra, nos preocupamos principalmente em procurar o ponto de partida do autor, e não nos foi difícil, citando as suas próprias palavras, provar que se baseia sobre as idéias materialistas. Sendo falsa a base, do ponto de vista pelo menos da imensa maioria dos homens, as conseqüências que ele tira delas contra os fatos que qualifica de maravilhoso, são, por isso mesmo, maculadas de erro. Isso não impediu, a alguns de seus confrades da imprensa, de exaltar o mérito, a profundidade e a sagacidade da obra. Entretanto, nem todos são dessa opinião. Encontramos, sobre esse assunto, na *Mode Nouvelle* (1- (1) Escritório, rua Saint-Anne, 63, n° de 22 d« fevereiro de 1861. Preço, por no., 1 fr.), jornal mais sério que o seu título, um artigo tão notável pelo estilo quanto pela justeza das apreciações. Sua extensão não nos permite citá-lo inteiramente, e, aliás, seu autor promete outros, porque neste se ocupa quase que do primeiro volume. Nossos leitores nos agradecerão por dar-lhes alguns fragmentos dele.



"Este livro tem grandes pretensões, e não justifica nenhuma. Ele gostaria de passar por erudito, afeta a ciência, ostenta um luxo aparente de pesquisas, e a sua erudição é superficial, sua ciência incompleta, suas pesquisas apressadas, mal digeridas. O Sr. Louis Figuier deu-se à especialidade de recolher, um a um, os milhares de pequenos fatos que se produzem, no dia de hoje, ao redor das academias, como essas longas fileiras de cogumelos que nascem ao sol da manhã sob as camadas criptoga-míferas, e deles se compõem, em seguida, livros que fazem concorrência à *Cuisinière bourgeoise* e aos tratados do *Bonhomme Richard*. Hábil nesse trabalho de composições fáceis, - inferior ao trabalho de compilação desse bom abade Trublet do qual Voltaire espirituosamente zombou, - e que lhe deixa forçosamente lazeres, ele se disse que não lhes seria mais difícil explorar a paixão do sobrenatural que excita, mais do que nunca, as imaginações, que não lhe era difícil utilizar os falatórios quase sempre ociosos da segunda classe do Instituto. Habitado a redigir revistas científicas com as repetições de outrem, com as abreviações de atas que ele abrevia a seu turno, com teses e memórias que analisa; hábil em fazer mais tarde, em volumes, essas reduções de reduções, ele, pois, se pôs à obra; e fiel ao seu passado, compulsou, às pressas, todos os tratados sobre a matéria que lhe caíram às mão, esmigalhou-os, depois reconstituiu essas migalhas ao seu modo, e com elas compôs um livro, depois do que não temos dúvida que ele não tenha exclamado, como Horácio: *Exegi monumentum*; "eu também, eu elevei o meu monumento e será mais durável do que o bronze!"

"E haveria razão de estar confiante de seu amarrotamento, se a qualidade se medisse pela

quantidade! Com efeito, ela não forma menos do que quatro grandes volumes, essa história do maravilhoso, e não contém senão a história do maravilhoso nos tempos modernos, desde 1630 aos nossos dias, apenas dois séculos, o que lhe suporia, ao menos, um pouco mais do dobro do que as mais volumosas enciclopédias, se contivesse a história do maravilhoso em todos os tempos e entre todos os povos! Também, quando se pensa que esse fragmento de monografia, de tão vasta extensão, não lhe custou senão alguns meses de trabalho, é-se primeiro tentado em crer que essa criação, ao mesmo tempo tão grossa e tão apressada, é mais maravilhosa do que as maravilhas que contém. Mas essa fecundidade deixa de ser um prodígio, quando se estuda de perto o procedimento de composição do qual se fez uso, e, é verdadeiro dizer, lhe é tão familiar que não se podia esperar que lhe empregasse um outro. Em lugar de condensar os fatos, de expô-los sumariamente, de negligenciar os detalhes inúteis, de se apegar sobretudo em colocar em relevo as circunstâncias características, e de discuti-las em seguida, ele estudou unicamente para escrever um folhetim mais longo do que aquele que ele escreve semanalmente na *Presse*. Armado de um par de tesouras, recortou, nas obras anteriores à sua, o que favorecia as idéias preconcebidas que ele desejava fazer triunfar, descartando o que poderia contrariar a opinião que se formou, *a priori*, sobre essa importante questão, o que sobretudo poderia contrariar a explicação natural que se propunha dar das manifestações, qualificadas de sobrenaturais, pelo que os livres pensadores são unânimes em chamar a credulidade pública. Porque é ainda uma das pretensões de seu livro, - e essa pretensão não está melhor justificada do que as outras, - aquela de lhe dar uma solução física ou médica nova, encontrada por ele, solução triunfante, inatacável, doravante ao abrigo das objeções dos homens bastante simples para crerem que Deus é mais poderoso que os nossos sábios. Ele o repete, em cem lugares de sua obra, a fim de que ninguém o ignore, e com a esperança que se acabará por crê-lo, embora se limite a repetir o que se disse a esse respeito, antes dele, todos aqueles, físicos ou médicos, filósofos ou químicos, que têm mais horror ao sobrenatural do que Pascal não tinha horror ao vazio.

"Resulta disso que a essa história do maravilhoso falta, ao mesmo tempo, autoridade e proporções. Do ponto de vista dogmático, ela não ultrapassa as negações dos negadores anteriores, não acrescenta nenhum argumento que já desenvolveram, e nessa questão, como em todas outras, não compreendemos a utilidade dos ecos. Há mais: atormentado pelo desejo de parecer fazer melhor do que Calmeil, Esquiros, Montègre, Hecquet e tantos outros que o precederam, e serão sempre os seus mestres, o Sr. Louis Figuier se perde freqüentemente no labirinto confuso de demonstrações que lhes toma emprestado, querendo apropriá-las, e acaba, às vezes, por rivalizar de lógica com o Sr. Babinet. Quanto aos fatos, ele os acumulou em imensa quantidade, embora um pouco ao acaso, mutilando uns, afastando outros, se interessando em reproduzir de preferência aqueles que pudessem oferecer um certo atrativo à leitura; o que prova que ele visou principalmente um sucesso fácil, a lutar com interesse com os romancistas atuais, e nos perguntamos como não convidou o editor para compreender a sua obra na divertida *Bibliothèque des chemins de fer*, a fim de que fosse mais direto em direção dessa multidão de leitores que lêem para se distrair e de nenhum modo para instruir-se.

"E seu livro é divertido, não o contestamos, se basta a um livro, para possuir esse mérito parecer-se a uma *coleção de anedotas* composta de historietas acumuladas em face do pitoresco, sem muito cuidado com a verdade; o que não impede de vangloriar-se com isso, a propósito e fora de propósito, de sua imparcialidade, de veracidade: - uma pretensão a mais a acrescentar a todas aquelas que revelamos, e na qual ele se impertiga com tanto mais afetação, que não dissimula o quanto ela lhe faz falta. - Tal como é, não saberíamos melhor compará-lo senão com esses restaurantes-ônibus, prodígios de comestíveis, que quase nada têm de sedução senão a aparência, que servem aos consumidores um pouco ao acaso do garfo. Mais superficial do que profundo, o importante é sacrificado ao fútil, o principal ao acessório, o lado dogmático ao lado episódico; as lacunas aí são abundantes, aliás tanto

quanto as coisas inúteis, e a fim de que nada lhe falte, está cheio de contradições, afirmando aqui o que nega adiante, se bem que se seria tentado em crer que, diferentemente nisso do célebre Pico de Miran-dola, - capaz de dissertar de *omnire scibili*, - O Sr. Louis Figuier empreendeu ensinar aos outros o que ele mesmo não sabia.



Não poderíamos limitar aí o exame dessa história do maravilhoso, se não tivéssemos que justificar estas severas mas justas apreciações. E, primeiro, temos necessidade de acrescentar que aquele que a escreveu, não crê na possibilidade do sobrenatural? Não pensamos assim. Em sua qualidade de acadêmico supernumerário, - um supernumerariato que, provavelmente, não terminará com a sua vida; - em virtude dos poderes que conferem o seu título de folhetinista científico, não poderia sustentar outra tese, sem se expor a ser colocado no index pelo exército dos incrédulos, do qual se presume suscetível de fazer parte. Ele não crê mais, e, a esse respeito a sua incredulidade está acima da suposição. É do número "desses espíritos sábios que, testemunhas do transbordamento imprevisto do maravilhoso contemporâneo, não podem compreender um tal desvio em pleno século dezenove, com uma filosofia avançada, e no meio desse magnífico movimento científico que dirige tudo, hoje, para o positivo e o útil." - Reconhecemos que deve ser penoso para "esses espíritos sábios" ver que o espírito público se recusa assim a despojar-se de seus velhos preconceitos, e persiste em ter crenças outras do que aquelas do positivismo filosófico, que são, entretanto, as de todos os animais. Esse mau gosto, de resto, não data somente de nossos dias. O Sr. Louis Figuier confessa-o, não sem despeito, quando se lhe pergunta, em termos admirados, como ocorreu que o maravilhoso resistisse ao século dezoito, "no século de Voltaire e da Encyclopédie, ao passo que os olhos se abriram às luzes do bom senso e da razão." Que fazer aí? Essa crença no maravilhoso é tão vivaz, consagrada por todas as religiões, que foi a de todos os tempos, de todos os povos, sob todas as latitudes e sobre todos os continentes, que os livres pensadores, satisfeitos por tê-la sacudido por si mesmo e para si mesmos, demonstrariam sabedoria abstendo-se, doravante, de um proselitismo cujo insucesso sabem inevitável.

"Mas o Sr. Louis Figuier não é desses corações pusilânimes que se assustam com o avanço da inutilidade de seus esforços. Cheio de confiança e de suficiência em sua força, ele se gaba de realizar o que Voltaire, Diderot, Lamétrie, Dupuis, Volney, Dulaure, Pigault-Lebrun, o que Dulaurens com o seu *Compare Mathieu*, o que os químicos com os seus alambiques, os físicos com as suas pilhas elétricas, os astrônomos com os seus compassos, os panteístas com os seus sofismas e os gracejadores com o seu ceticismo de mau quilate, foram impotentes para realizar. Ele se propôs demonstrar, nova e triunfalmente, esta lei de que "o sobrenatural não existe, que jamais existiu," e por conseqüência que "os prodígios antigos e contemporâneos podem ser todos atribuídos a uma causa natural. "A empreitada é árdua, os mais intrépidos, até aqui, apenas sucumbiram; mas "semelhante conclusão, que necessariamente afastaria todo agente sobrenatural, seria uma vitória obtida pela ciência sobre o espírito de superstição, em grande benefício da razão e da dignidade humanas," e essa vitória favoreceu a sua ambição; - vitória facilitada, apesar de tudo, mais fácil do que o suporíamos, se o Sr. Louis Figuier não se tiver enganado. Quando disse, em sua introdução, que "nosso século se inquieta muito pouco com matérias teológicas e disputas religiosas." Então, por que se armar em guerra contra uma crença que não existe? Por que atacar opiniões teológicas com as quais não temos nenhuma inquietação? Por que prender-se a superstições religiosas que não nos preocupam mais? "Vencendo-se sem perigo, triunfa-se sem glória," disse o poeta, e não convém fazer soar tão alto a trombeta guerreira, se não se combate senão os moinhos de vento. Que quereis? O Sr. Louis Figuier esqueceu, escrevendo isso, o que escrevera mais acima, quando confessara, com a vergonha no rosto, que o nosso século, surdo às lições da

Encyclopédie, e aos ensinamentos da imprensa irreligiosa, subitamente se apaixonara do maravilhoso e acreditava mais do que seus predecessores no sobrenatural, aberração incompreensível da qual ambicionava curá-lo. Mas essa contradição é tão mínima que talvez não valia a pena ser realçada: veremos muitas outras, e ainda seremos obrigados a negligenciar muitas!

Portanto, o Sr. Louis Figuier nega que se produzissem em nossos dias e que tenham se produzido em algum tempo as manifestações sobrenaturais. Em fato de milagre, não há senão a ciência que tenha o poder de fazê-lo: o poder de Deus jamais foi até ali. Ainda quando dizemos que Deus não tem esse poder, temos uma espécie de escrúpulo em traduzir o seu pensamento. Reconhece-se um outro deus que o deus natureza, tão admirável em sua inteligência cega, e que realiza maravilhas sem disso desconfiar, deus querido dos sábios, porque é muito indulgente para deixá-los crer que usurpam, diariamente, um fragmento de sua soberania? É uma questão que não nos permitimos aprofundar.

"Mediocrementemente maravilhosa, essa história do maravilhoso começa por uma introdução que o Sr. Louis Figuier chama um golpe de vista lançado sobre o sobrenatural na antiguidade e na Idade Média, da qual não diremos nada porque não teríamos muito a dizer. As mais importantes manifestações ali estão desfiguradas, sob pretexto de resumo, e compreende-se que nos seriam necessários muito tempo e espaço para restituir a sua verdadeira fisionomia no meio dos fatos que nela não figuram senão no estado de resumo.

"O edifício é digno do peristilo; essa história do maravilhoso, durante esses dois últimos séculos, se abre pela narração do caso de Urbain Grandier e dos religiosos de Loudun; vem em seguida a varinha adivinhatória, os Tremedores das Cévennes, os Convulsionários jansenistas, Cagliostro, o magnetismo e as mesas girantes. Mas da possessão de Louviers nenhuma palavra, e nenhuma palavra, não mais, dos iluminados, dos Martinistas do swedenborgismo, dos estigmatizados do Tirol, da notável manifestação das crianças na Suécia, não faz cinquenta anos; apenas ali foi dita uma palavra dos exorcismos do padre Gassner, e menos de uma página insignificante ali foi consagrada à vidente de Prevorst. O Sr. Louis Figuier melhor faria se intitulasse seu livro: Episódios da história do maravilhoso nos tempos modernos; ainda os episódios que ele escolheu podem dar lugar a sérias objeções. Ninguém nunca atribuiu aos passes de mágica de Cagliostro uma significação sobrenatural. Era um hábil intrigante, que possuía alguns segredos curiosos, dos quais soube habilmente se servir para ofuscar aqueles que queria explorar, e que possuía sobretudo numerosos cúmplices. Cagliostro merecia antes achar lugar na galeria dos precursores revolucionários do que no pandemônio dos feiticeiros. Não vemos igualmente o que o magnetismo tenha a fazer nessa história do maravilhoso, sobretudo do ponto de vista em que o Sr. Louis Figuier se colocou. O magnetismo ressalta da Academia de medicina e da Academia de ciências, que o desdenharam muito; mas ele não pode interessar o supernaturalismo senão por ocasião de algumas de suas manifestações, aquelas que o Sr. Louis Figuier, de resto, negligenciou, a fim de reservar o espaço que consagrou à narração da vida de Mesmer, das experiências do marquês de Puységur e do incidente relativo ao famoso relatório do Sr. Husson. Tratamos, há dois anos, dessa importante questão, e não retornaremos a ela, porque não poderíamos repetir. Deixaremos assim de lado a das mesas girantes, que examinamos na mesma época. Haveria, entretanto, muito a dizer sobre a explicação natural e física que o Sr. Louis Figuier pretende fornecer dessa dança das mesas e das manifestações que lhe são a consequência; mas é necessário saber limitar-se. Deixemo-lo, pois, debater-se com a *Revue spiritualiste* e com a *Revue spirite*, duas revistas publicadas em Paris pelos adeptos da crença na manifestação dos Espíritos, que o acusam de haver escrito o seu requisitório sem ter, antes, ouvido as testemunhas e consultado as peças do processo. Uma e outra pretendem que nunca assistiu senão a uma única sessão espiritualista, e que em sua chegada, teve o cuidado de declarar que a sua opinião era decreto, e que nada faria mudá-la.

"Isso é verdade? Não sabemos. Tudo o que podemos afirmar é que, depois de ter repellido, com justa razão, a solução do Sr. Babinet, pelos *movimentos nascentes e inconscientes*, e acabado por adotar, por sua própria conta, tanto é inconsciente ele mesmo do que pensa e do que escreve, e eis a prova. "Nessas reuniões de pessoas fixamente ligadas, disse ele, durante vinte minutos ou meia hora, para formar a cadeia, as mãos postas abertas sobre uma mesa, sem ter a liberdade de distrair um instante a sua atenção da operação da qual tomavam parte, o maior número não sentia nenhum efeito particular. Mas é bem difícil que uma delas, uma só querendo-se, não caia, por um momento, presa do estado hipnótico ou biológico. (O hipnotismo fornece-lhe uma resposta para tudo, como veremos mais tarde.) Não é necessário, talvez, senão um segundo de duração desse estado para que o fenômeno esperado se realize. O membro da cadeia cai nesse meio-sono nervoso, *não tendo mais consciência de seus atos*, e não tendo outro pensamento senão a idéia fixa da rotação da mesa, imprime *com o seu desconhecimento* o movimento ao móvel." Que não começa, então, por zombar de si mesmo, uma vez que lhe agradava zombar do Sr. Babinet? Aqui fora lógico, sobretudo depois de ter anunciado que vinha esclarecer o mistério e do momento que não colocava em sua lanterna senão um coto de vela tão ridículo quanto aquele que alumiará precedentemente o sábio acadêmico. Mas a lógica e o Sr. Louis Figuier se divorciaram nessa história do maravilhoso. Ai de mim! Os ecos bem pretenderam que vão falar, seus esforços não vão chegar a repetir o que ouvem.

"Quanto aos longos capítulos que consagra à varinha adivinhatória, e em particular a Jacques Aymar, permitimo-nos primeiro fazer-lhe observar que se engana se pensa que esse problema foi suficientemente estudado pelo Sr. Chevreul. É uma ilusão que ele pode deixar, se bem lhe parece, a esse sábio; mas fora da Academia de ciências, não encontrará ninguém que admita que a teoria do pêndulo explorador responde a todas as objeções. A palavra emprestada a Galileu: "E entretanto ela gira!" Não é sem uma aplicação possível à varinha adivinhatória. Ela girou e gira, a despeito dos cétricos que negam o movimento, porque se recusam a vê-lo; e os milhares de exemplos que poderíamos citar, -e que o próprio Sr. Louis Figuier cita, - atestam a realidade do fenômeno. Gire ela por um impulso diabólico ou espírita, como se diria hoje, ou bem sob a impressão que ela receba alguns fluidos desconhecidos? De boa vontade rejeitamos toda influência sobrenatural, embora possa ser admitida em certos casos. O que não nos parece provado é a não existência de fluidos desconhecidos. O fluido magnético conta, entre outros, com numerosos partidários, cujas afirmações merecem tanta autoridade quanto as negações de seus adversários. Qualquer que seja, a baqueia adivinhatória cumpriu maravilhas que podem nada ter de sobrenatural, mas que a ciência é incapaz de explicar, ela que os explica muito pouco, aliás, de todas aquela que vemos se produzirem a cada dia ao nosso redor, na vida do menor talo de erva. A modéstia é uma virtude que lhe falta, e que fará adquirir sabiamente.

"Entre outras maravilhas, aquelas que realizou Jacques Aymar, das quais falaremos daqui a pouco, mereciam ser reportadas longamente. Um dia, entre outros, foi chamado a Lyon, no dia seguinte ao de um grande crime cometido nessa cidade. Armado de sua varinha, ele explorou a adega que fora o teatro, declarou que os assassinos eram em número de três; depois se pôs a seguir os seus traços, que o conduziram à casa de um jardineiro, cuja casa estava situada na margem do Rhône, e afirmou que ali eles entraram, que ali beberam mesmo uma garrafa de vinho. O jardineiro protestou ao contrário; mas seus jovens filhos interrogados confessaram que vieram três indivíduos, na ausência de seu pai, e que lhes venderam vinho. Então Aymar se pôs em caminho, - sempre conduzido pela sua varinha, - descobriu o lugar onde embarcaram sobre o Rhône, colocou-se ele mesmo num bote, desceu para todos os lugares onde eles desceram, chegando ao campo de Sablon, entre Viena e Saint Vallier, constatou que ali ficaram alguns dias, pondo-se em sua perseguição, e chegando, de etapa em etapa, até Beaucaire, em plena feira, da qual percorreu as ruas

atravancadas de povo, detendo-se diante da porta da prisão onde entrou e designou um pequeno corcunda como sendo um dos assassinos. Suas investigações lhe fizeram achar em seguida que os outros tinham se dirigido do lado de Nîmes; mas os agentes de autoridade não quiseram levar mais longe as suas pesquisas. O corcunda, conduzido a Lyon, confessou o seu crime, e foi esfolado vivo.

"Eis a exploração de Jacques Aymar, e as explorações tão surpreendentes como aquela são numerosas em sua vida. O Sr. Louis Figuier a admite em todas as suas circunstâncias. Aliás, não poderia fazer de outro modo, uma vez que está atestado por centenas de testemunhas, das quais não é permitido suspeitar a veracidade, "por três narrações e várias cartas concordantes escritas pelas testemunhas e pelos magistrados, homens igualmente honrados e desinteressados, e que ninguém, no público contemporâneo, não supôs um acordo verdadeiramente impossível entre eles." Mas como aqui uma explicação física não podia mesmo ser tentada, eles se viam obrigados a renunciar o seu procedimento ordinário, e lançar-se num labirinto de suposições mais engenhosas do que verossímeis. Ele transforma Jacques Aymar em um agente de polícia, de uma perspicácia a distanciar à do Sr. de Sartines, por célebre que ela seja. Junto dele os nossos chefes da polícia de segurança, os mais inteligentes, não seriam senão escolares. Supõe, pois, que esse girar da varinha, durante três ou quatro horas que passou em Lyon, antes de começar as suas experiências, teve tempo de tomar as informações e descobrir o que as próprias autoridades judiciárias ignoravam. Ele segue para a casa do jardineiro, porque era presumível que os assassinos tinham embarcado sobre o Rhône, a fim de distanciarem mais depressa; adivinhou que tinham bebido vinho, porque deveriam ter sede; abordou a margem desse rio por toda parte por onde se soube mais tarde que haviam realmente abordado, porque os lugares habituais de abordagem lhe eram conhecidos; deteve-se no campo de Sablon, porque era evidente que eles quiseram se dar o espetáculo dessa reunião de quadrilhas; foi a Beaucaire, porque era certo que o desejo de dar ali algum bom golpe, de sua profissão, para lá os conduzira; deteve-se, enfim, diante da porta da prisão, porque era provável que algum dentre eles tivera a imperícia de se fazer deter. "Eis porque a vossa filha é muda!" Disse Sganarelle; e o Sr. Louis Figuier não disse melhor e nem de outro modo. Ele crê, sobretudo, triunfar, porque Jacques Aymar, tendo sido chamado mais tarde a Paris, pelo ruído de seu renome, viu a sua perspicácia sofrer fracassos reais, ao lado de alguns sucessos também reais. Mas esses eclipses, que lhe valeram um certo desfavor, o Sr. Louis Figuier deveria, menos do que qualquer outro, fazer-lhe uma censura; menos do que qualquer outro, poderia disso se autorizar para declará-lo um impostor, e ele que sabe, melhor do que ninguém, ele que reconhece, a propósito do magnetismo, que essas espécies de experiências são caprichosas, e dão certo um dia para fracassar no outro. A essa inconseqüência, enfim, ele lhe acrescenta uma segunda, menos desculpável. Não contente de acusar Jacques Aymar de charlatanismo, pronuncia a mesma condenação contra quase todos os giradores de varinha, do qual narra os fatos e gestos e na discussão entretanto, ele disse: "Entre os numerosos adeptos práticos, só um pequeno número era de má fé; ainda não o eram sempre; o maior número operava com uma inteira sinceridade. A varinha girava positivamente entre suas mãos, independente de todo artifício, e o fenômeno, enquanto fato, era bem real." Bem, muito bem, não se pode melhor, a verdade aí está. Mas como e por quê girá-la? Impossível escapar a esta interrogação indiscreta. Ora, o Sr. Figuier assim a responde: "Esse movimento do bastão se operava em virtude de um ato de seu pensamento e sem que tivesse nenhuma consciência dessa ação secreta de sua vontade." Sempre esta inconsciência, mais maravilhosa do que o maravilhoso que se recusa! Nisso acreditará quem quiser."

ESCANDE.

O Mar, pelo Sr. Michelet

Revista Espírita, abril de 1861

O Sr. Michelet não tem senão que se manter em guarda, porque eis todos os deuses marinhos da antigüidade que se preparam para lhe pregar uma peça; isso é o que nos ensina o Sr. Taxile Delord, em um espirituoso artigo publicado pelo *Siède* de 4 de fevereiro último. Sua linguagem é digna do *Orphée aux enfers* dos Bufos-Parisienses, testemunha esta amostra: Ne-tuno aparecendo de repente à porta da morada de Anfitrite, onde estavam reunidos os descontentes, exclama: Eis o Netuno pedido. Não me atenderíeis neste momento, cara Anfitrite; é a hora da minha sesta; mas não há meio de fechar o olho, desde a aparição desse diabo de livro intitulado *O Mar*. Quis percorrê-lo, mas é cheio de banalidades; não sei de quais mares o Sr. Michelet quer vos falar; para mim, me é impossível nele reconhecer-me. Todo o mundo sabe muito bem que o mar termina nas colunas de Hércules; o que poderia haver além?... etc."

Vai sem dizer que o Sr. Michelet triunfa em toda a linha; ora, depois da dispersão de seus inimigos, o Sr. Taxile Delord disse-lhe: "Ser-vos-á bem fácil saber em que se tornaram os deuses marinhos depois que o mar os expulsou de seu império. Netuno faz da piscicultura em larga escala; Glaucus é professor de natação nos banhos Ouarnier; Anfitrite é atendente nos banhos do Mediterrâneo em Marselha; Nereu aceitou um lugar de cozinheiro nos transatlânticos, vários tritões estão mortos, outros se mostram nas feiras."

Não garantimos a exatidão das informações fornecidas pelo Sr. Delord sobre as condições atuais dos heróis olímpicos, mas, como princípio, ele disse, sem o querer, alguma coisa de mais sério do que tivera intenção fazê-lo.

A palavra *deus* entre os Antigos tinha uma aceção muito elástica; era uma qualificação genérica aplicada a todo ser que lhe parecia elevar-se acima do nível da Humanidade; eis porque divinizaram os seus grandes homens; não os encontraríamos tão ridículos, se não tivéssemos nos servido da mesma palavra para designar o ser único, soberano senhor do Universo. Os Espíritos, que existiam então como hoje, aí se manifestavam igualmente, e esses seres misteriosos também deveriam, segundo as idéias do tempo, e a um título bem melhor ainda, pertencer à classe dos deuses. Os povos ignorantes, olhavam-nos como seres superiores, rendendo-lhes um culto; os poetas os cantaram e semearam a sua história de profundas verdades filosóficas, escondidas sob o véu de engenhosas alegorias, das quais o conjunto forma a mitologia paga. O vulgo que, geralmente, não vê senão a superfície das coisas, toma a figura à letra, sem procurar o fundo do pensamento, absolutamente como aquele que, em nossos dias não visse nas fábulas de Lafontaine senão a conversação dos animais.

Tal é, em substância, o princípio da mitologia; os deuses não eram, pois, senão os Espíritos ou as almas de simples mortais, como os de nossos dias; mas as paixões que a religião paga lhes emprestavam não dão uma brilhante idéia de sua elevação na hierarquia espírita, a começar pelo seu chefe Júpiter, o que não os impedia de saborear o incenso que se queimava em seus altares. O cristianismo despojou-os de seu prestígio, e o Espiritismo, hoje, reduziu-os ao seu justo valor. Sua própria inferioridade pôde lhes sujeitar as diversas reencarnações sobre a Terra; poder-se-ia, pois, entre os nossos contemporâneos, encontrar alguns dos Espíritos que outrora receberam as honras divinas, e que não seriam mais avançados por

isso. O Sr. Taxile Delord, que, sem dúvida, crê nisso, certamente não quis fazer senão um gracejo, mas, com o seu desconhecimento, não disse menos talvez de uma coisa mais verdadeira do que se pensa, ou, pelo menos, que não é materialmente impossível, como princípio. Assim é que à imitação do Sr. Jourdain, muitas pessoas fazem Espiritismo sem o saber."

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, abril de 1861

Alfred Leroy, suicida

(Sociedade Espírita de Paris, B de março de 1861.)

O *Siècle* de 2 de março de 1861 narra o fato seguinte:

Num terreno vago, na esquina do caminho dito de Arcade, que conduz de Conflans a Charenton, operários se entregando ao seu trabalho, ontem pela manhã, encontraram dependurado em um abeto muito elevado um indivíduo que cessara de viver.

Advertido desse fato, o comissário de polícia de Charenton foi para os lugares acompanhado do doutor Josias, e procedeu às constatações.

O suicida era, disse o *Droit*, um homem de uns cinqüenta anos, de uma figura cheia de distinção e colocada de maneira conveniente. De um de seus bolsos retirou um bilhete a lápis, assim concebido:

"Onze horas e três quartos da noite; eu subo ao suplício. Deus me perdoará os meus erros."

Esse bolso encerrava ainda uma carta, sem endereço e sem assinatura, cujo conteúdo eis aqui:

"Sim, eu lutei até o último extremo! Promessas, garantias, tudo me... Eu podia chegar; tinha tudo para crer, tudo a esperar; uma falta de palavra me mata; não posso mais lutar. Abandono essa existência, há algum tempo tão dolorosa. Cheio de força e de energia, sou obrigado a recorrer ao suicídio. Isso atesto em Deus, eu tinha o maior desejo de me desobrigar para com aqueles que me ajudaram no infortúnio; a fatalidade me derrota: tudo se coloca contra mim. Abandonado subitamente por aqueles que eu representei, sofri a minha sorte; morro sem fel, eu o confesso; mas será bom dizer, a calúnia não impedirá que em meus últimos momentos não tenha por mim nobres simpatias. Insultar o homem que se reduziu à última das resoluções, seria uma infâmia. Foi bastante tê-lo reduzido a isso. A vergonha não será toda para mim; o egoísmo ter-me-á matado."

Segundo outros papéis, esse suicida era um senhor Alfred Leroy, com a idade de cinqüenta anos, originário de Vimoutiers (Orne). A profissão e o domicílio ficaram desconhecidos, e, em consequência das formalidades ordinárias, o corpo, que ninguém reclamou, foi transportado a um necrotério.

1. - *Evocação*. - R. Eu não venho em suplício; eu estou salvo! Alfred.

Nota. - Estas palavras: eu estou salvo! espantaram a maioria dos assistentes; a sua explicação foi pedida na seqüência da conversa.

2. - Soubemos pelos jornais do ato de desespero pelo qual sucumbistes, e, embora não os conheçamos, de vós compadecemos, porque a religião nos faz um dever compartilhar da sorte de todos os nossos irmãos infelizes, e é para vos dar um testemunho de simpatia que vos chamamos. - R. Devo calar os motivos que me levaram a esse ato desesperado. Eu vos agradeço por aquilo que fizestes por mim; é uma alegria, uma esperança a mais, obrigado!

3. Quereis nos dizer primeiro se tendes bem a consciência de vossa situação atual? - R. Perfeita; sou relativamente feliz; não me suicidei por causas puramente materiais; crede que havia mais, minhas últimas palavras o fazem bem ver; foi uma mão de ferro que me tomou quando encarnei sobre a Terra, vi no futuro o meu suicídio; era a prova contra a qual tinha lutado; quis ser mais forte do que a fatalidade, eu sucumbi.

Nota. Ver-se-á dentro em pouco que esse Espírito não escapa da sorte dos suicidas, apesar do que acaba de dizer. Quanto à palavra *fatalidade*, é evidente que é nele uma lembrança das idéias terrestres; levam-se à conta da fatalidade todas as infelicidades que não podem ser evitadas. O suicídio era para ele a prova contra a qual tinha que lutar; ele cedeu ao arrastamento, em lugar de resistir, em virtude de seu livre arbítrio, e acreditou que estava em seu destino.

4. Quisestes escapar a uma posição deplorável pelo suicídio; com isso ganhastes alguma coisa? - R. Está aí o meu castigo: a confusão de meu orgulho e a consciência de minha fraqueza.

5. Segundo a carta encontrada sobre vós, pareceu que a dureza dos homens e uma falta de palavra vos conduziram a vos destruir; que sentimento sentis agora por aqueles que foram a causa dessa resolução funesta? - R. Oh! não me tenteis, não me tenteis, eu vos peço!

Nota. Esta resposta é admirável; ela pinta a situação do Espírito lutando contra o desejo de odiar aqueles que lhe fizeram mal, e o sentimento do bem que o convida a perdoar. Ele teme que esta pergunta não provoque uma resposta que a sua consciência reprova.

6. Lamentai-vos do que fizestes? - R. Eu vos disse, o meu orgulho e a minha fraqueza foram a sua causa.

7. Quando vivo acreditáveis em Deus e na vida futura? - R. Minhas últimas palavras o provam; eu caminho para o suplício.

Nota. Ele começa a compreender a sua posição, sobre a qual pôde se iludir à primeira vista, porque não poderia ser salvo e caminhar para o suplício.

8. Tomando essa resolução, que pensáveis que vos adviria? - R. Eu tinha bastante consciência da justiça para compreender o que me faz sofrer agora. Tive um momento a idéia do nada; mas a repeli bem depressa. Não me teria matado se tivesse essa idéia em mim, teria me vingado primeiro.

Nota. Esta resposta está, ao mesmo tempo, muito lógica e muito profunda. Se cresse no nada depois da morte, em lugar de se matar, ele teria se vingado, ou pelo menos teria

começado por se vingar; a idéia do futuro impediu-o de cometer um duplo crime; com a do nada, que teria a temer se quisesse tirar a própria vida? Não temia mais a justiça dos homens, e tinha o prazer da vingança. Tal é a consequência da doutrinas materialistas, que certos sábios se esforçam em propagar.

9. Se estivésseis bem convencido de que as mais cruéis vicissitudes da vida são provas bem curtas em presença da eternidade, teríeis sucumbido? - R. Bem curtas, eu o sabia, mas o desespero não pode raciocinar.

10. Suplicamos a Deus que vos perdoe e lhe dirigimos por vós essa prece à qual todos nos associamos:

"Deus Todo-Poderoso, sabemos a sorte que está reservada àqueles que abreviam os seus dias, e não podemos entrar a vossa justiça; mas sabemos também que a vossa misericórdia é infinita; possa ela se estender sobre a alma de Alfred Leroy! Possam também as nossas preces, mostrando-lhe que há sobre a Terra seres que se interessam pela sua sorte, aliviar os sofrimentos que ele suporta por não ter tido a coragem de suportar as vicissitudes da vida!

"Bons Espíritos, cuja missão é a de aliviar os infelizes, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o remorso daquilo que fez, e o desejo de progredir por novas provas, que saberá melhor suportar."

R. Essa prece me fez chorar, e uma vez que eu choro, eu sou feliz.

11. Dissestes, começando: agora estou salvo; como conciliar estas palavras com o que dissestes mais tarde: Eu caminho para o suplício? - R. E porque contaís com a bondade divina? Eu não podia viver; era impossível; credes que Deus não vê o impossível neste caso?

Nota. No meio de algumas respostas notavelmente sensatas, há outras, e esta é deste número, que denotam neste Espírito uma idéia imperfeita de sua situação. Isso nada tem de admirar, se se pensar que morreu há poucos dias.

12 (A São Luís). Quereis nos dizer qual é a sorte do infeliz que acabamos de evocar? - R. A expiação e o sofrimento. Não, não há contradição entre as primeiras palavras desse infortunado e as suas dores. Ele é feliz, disse ele; feliz pela cessação da vida, e como ainda está encaixado nos laços terrestres, ele não sente ainda senão a ausência do mal terrestre; mas quando o seu Espírito se elevar, os horizontes da dor, da expiação lenta e terrível, se desenrolarão diante dele, e a consciência do infinito, ainda velado aos seus olhos, ser-lhe-á o suplício que ele entreviu.

13. Qual diferença estabeleceis entre esse suicida e aquele da Samaritana? Ambos, se mataram de desespero, e todavia, a sua situação é bem diferente: este se reconhece perfeitamente; fala com lucidez, e não sofre ainda; ao passo que o outro não crê estar morto, e desde os primeiros instantes sofria um suplício cruel, o de sentir a impressão de seu corpo em decomposição. - R Uma imensa diferença; o suplício de cada um desses dois homens reveste o caráter próprio de seu adiantamento moral. O último, alma fraca e ferida, suportou tanto quanto acreditou; duvidou de sua força, da bondade de Deus, mas não blasfemou nem maldisse; o seu suplício interior, lento e profundo, terá a mesma intensidade de dor daquela do primeiro suicida; somente a lei de expiação não é uniforme.

Nota. A narração do suicida da Samaritana foi dada no nº de junho de 1858, página 166.

14. Qual é o mais culpável aos olhos de Deus, e qual é aquele que sofrerá o grande castigo, o desse homem que sucumbiu pela sua fraqueza, ou daquele que, pela sua dureza, foi conduzido ao desespero? - R. Seguramente aquele que sucumbiu pela tentação.

15. A prece que dirigimos a Deus por ele ser-lhe-á útil? - R. Sim, a prece é um orvalho benfazejo.

Jules Michel

Morto aos 14 anos, amigo do filho do médium, senhora Gostel,

evocado oito dias depois de sua morte.

1. Evocação. - R. Eu vos agradeço por me evocar. Lembro-me de vós e dos passeios que nos fizestes fazer no parque Monceau.

2. E o vosso amigo Charles, que dizeis dele? - R. Charles lamenta muito a minha morte. Mas estou morto? Eu vejo, eu vivo, eu penso como antes, somente não posso me tocar, e não reconheço nada do que me cerca.

3. Que vedes? - R. Vejo uma grande claridade; meus pés não tocam o solo, eu deslizo; sinto-me arrastado. Vejo figuras brilhantes, e outras que estão envolvidas de branco; me comprimem, me cercam; umas me sorriem; as outras me fazem medo com os seus olhares negros.

4. Vedes a vossa mãe? - R. Ah! Sim; vejo minha mãe, e a minha irmã, e o meu irmão; ei-los todos! Minha mãe chora muito. Eu gostaria de falar-lhe como a vós; ela veria que eu não estou morto. Como, pois, fazer para consolá-la? Isso vos peço, falai-lhe por mim. Eu gostaria muito também que dissésseis a Charles que vou muito me divertir vendo-o trabalhar.

5. Vedes o vosso corpo? - R. Mas sim, eu vejo o meu corpo deitado ali, todo rijo. Não estou, portanto, nessa cova, uma vez que eis-me aqui.

6. Onde estais, pois? - R. Estou ali, junto de vossa mesa, à direita. Acho engraçado que não me vejais; eu vos vejo tão bem, eu.

7. Que sentistes quando deixastes o vosso corpo? - R. Eu não me lembro muito do que senti então; tinha a cabeça muito mal, e via toda a espécie de coisa ao meu redor. Eu estava todo entorpecido; queria movimentar-me, e não podia; minhas mãos estavam todas molhadas de suor, e eu sentia um grande trabalho no meu corpo; depois nada mais senti, e despertei muito aliviado; não sofria mais e estava leve como uma pluma. Então me vi sobre o leito, e, todavia, não estava ali; vi todo o grande movimento que se fazia, e dali fui para outra parte.

8. Como soubestes que eu vos chamava? - R. Eu não me dou bem conta de tudo isso, entendi bem que me chamáveis há pouco, e vim em seguida, porque, como disse a Charles, não estáveis aborrecido. Adeus, senhora, até breve. Eu voltarei a falar, não é?

Correspondência

Revista Espírita, abril de 1861

Roma, 2 de março de 1861.

Senhor,

Há quatro anos, mais ou menos, eu me ocupo aqui das manifestações espíritas, e tenho a felicidade de ter em minha família um médium muito bom, que nos dá comunicações de ordem superior. Lemos e releemos o vosso *O Livro dos Espíritos*, que faz a nossa alegria e a nossa consolação, dando-nos as mais sublimes noções e as mais admissíveis da vida futura. Se disso pudesse duvidar, as provas que tenho agora são mais do que suficientes para firmar a minha fé. Perdi pessoas que me eram muito queridas, e tenho a felicidade inapreciável de saber que elas estão felizes, e de poder corresponder-me com elas. Dizer-vos da alegria que disso senti é inexprimível. A primeira vez que elas me deram sinais manifestos de sua presença, eu exclamei: É, pois, verdade que tudo não morre com o corpo! Eu vos devo, senhor, por ter me dado essa confiança; crede em minha eterna gratidão pelo bem que me fizestes, porque apesar de mim o futuro me atormentava. A idéia do nada era horrível, e fora do nada, eu não encontrava senão uma incerteza acabrunhadora; no presente não mais de dúvida; parece-me que renasci para a vida: todas as minhas apreensões se dissiparam, e a minha confiança em Deus, retornou mais forte do que nunca. Espero muito que, graças a vós, os meus filhos não terão os mesmos tormentos, porque eles são nutridos com essas verdades que a razão crescente não pode senão fortificar neles. Entretanto, falta-nos um guia seguro para a prática; se não tivesse temor de vos importunar, teria há muito pedido os conselhos de vossa experiência; felizmente o vosso livro dos médiuns veio preencher essa lacuna, e agora caminhamos com passo mais firme, uma vez que estamos prevenidos contra os escolhos que se podem encontrar.

Eu vos envio, senhor, algumas amostras das comunicações que obtivemos há pouco; elas foram escritas em italiano, e, sem dúvida, perderam com a tradução; apesar disso, eu vos seria fortemente reconhecido por me dizer o que pensais dela, se quereis me favorecer com uma resposta; será para nós um encorajamento.

Desculpai, eu vos peço, senhor, esta longa carta, e crede no testemunho de simpatia, do vosso todo devotado,

Comte X...

Nota. A abundância das matérias nos força adiar as publicações das comunicações que nos transmite o senhor comte X..., no número das quais se encontram algumas muito notáveis; delas extraímos somente as respostas seguintes, dadas por um dos Espíritos que se lhe manifestaram.

Pergunta. Conheceis *O Livro dos Espíritos*? - *Resposta.* Como os Espíritos não conheceriam a sua obra? Todos a conhecem.

P. É muito natural para aqueles que nele trabalharam; mas e os outros? - R. Há entre os

Espíritos uma comunidade de pensamentos e uma solidariedade que não podeis compreender, homens que sois alimentados no egoísmo e não vedes senão pelas estreitas janelas de vossa prisão.

P. Nele trabalhastes? - R. Não, não pessoalmente, mas eu sabia o que deveria ser feito, e que outros Espíritos, muito acima de mim, estavam encarregados dessa missão.

P. Que resultados produzirá ele? - R. É uma árvore que já lançou sementes fecundas por toda a Terra; essas sementes germinam, logo elas amadurecerão, e dentro em pouco se lhe recolherão os frutos.

P. Não há a temer a oposição de seus detratores? - R. Quando as nuvens que obscurecem o Sol são dissipadas, ele brilha com mais viva luz.

P. Essas nuvens, serão, pois, dissipadas? - R. Um sopro de Deus basta.

P. Assim, segundo vós, o Espiritismo se tornará uma crença geral? - R. Dizei universal.

P. Há, todavia, homens que parecem bem difíceis de convencer? - R. Não há os que não o serão jamais em sua vida, mas cada dia a morte os ceifa.

P. É que virão outros em seu lugar e serão incrédulos como eles? - R. Deus quero triunfo do bem sobre o mal, da verdade sobre o erro, assim como anunciou; é necessário que o seu reino chegue; seus objetivos são impenetráveis; mas crede bem que o que ele quer o pode.

P. O Espiritismo não será jamais aceito aqui? - R. Ele será aceito e aqui florirá. (No mesmo instante o Espírito leva com vivacidade o lápis sobre a penúltima resposta, e a sublinha com força.)

P. Qual pode ser a utilidade do Espiritismo para o triunfo do bem sobre o mal; não basta a lei do Cristo para isso? - R. Essa lei bastaria certamente se fosse praticada; mas quantos o fazem? Quantos não têm senão as aparências da fé? Deus vendo, pois, que a sua lei era desconhecida e incompreendida, e que, apesar dessa lei, o homem vai se precipitando de mais em mais no abismo da incredulidade, quis dar-lhe uma nova marca de sua bondade infinita, multiplicando-lhe sob seus olhos as provas do futuro pelas manifestações magníficas das quais é testemunha, advertido-o, de todos os lados, por aqueles mesmos que deixaram a Terra e que vêm dizer-lhe: Nós vivemos. Em presença desses testemunhos, aqueles que resistirem estarão sem desculpas; expiarão a sua cegueira e o seu orgulho por novas existências mais penosas em mundos inferiores, até que, enfim, abram os olhos à luz. Crede bem que, entre aqueles que sofrem na Terra, há muitos que expiam as suas existências passadas.

P. O Espiritismo pode ser considerado como uma lei nova? - R. Não, não é uma lei nova. As interpretações que os homens deram da lei do Cristo engendraram lutas que são contrárias ao seu espírito; Deus não quer mais que uma lei de amor seja um pretexto de desordem e de lutas fratricidas. O Espiritismo, exprimindo-se sem ambigüidades e sem alegorias, está destinado a conduzir à unidade de crença; é, pois, a confirmação e o esclarecimento do cristianismo, que é e que será sempre a lei divina, aquela que deve reinar sobre a toda a Terra, e a qual vai se tornar mais fácil por esse auxiliar poderoso.

Dissertações Espíritas

A Verdade vai nascer

Revista Espírita, abril de 1861

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

Quais são os dolorosos gemidos que vêm ressoar até o meu coração e fazem-no vibrar todas as fibras? É a Humanidade que se debate sob os esforços de um rude e penoso trabalho, porque ela vai dar nascimento à Verdade. Acorrei, pois, Espíritas, alinhai-vos em tomo de seu leito de sofrimento; que os mais fortes dentre vós tenham seus membros rijos sob as convulsões da dor: que outros esperem o nascimento dessa criança e a recebam em seus braços na sua entrada na vida. O momento supremo chega; ela se escapa, por um último esforço, do seio que a concebeu, deixando sua mãe algum tempo abatida sob a atonia da fraqueza. Entretanto, ela nasceu sã e robusta, e de seu largo peito aspira a vida a plenos pulmões. Vós, que assistis ao seu nascimento, é necessário que a seguís passo a passo em sua vida. Vede! A alegria de ter dado o nascimento dá à sua mãe uma recrudescência de força e de coragem, e de seus acentos fraternais ela chama todos os homens para se agruparem em torno dessa criança de bênção, porque pressente que de sua voz retumbante vai, em alguns anos, fazer cair a base do Espírito de mentira, e, verdade imutável como o próprio Deus, chamar para o Espiritismo todos os homens sob a sua bandeira. Mas não comprará o triunfo senão ao preço da luta, porque há inimigos obstinados que conspiram a sua perda, e esses inimigos são o orgulho, o egoísmo, a cupidez, a hipocrisia e o fanatismo, inimigos todo-poderosos que até então reinaram com império e não se deixarão destronar sem resistência. Alguns riem de sua fraqueza, mas outros temem a sua chegada e pressentem a sua ruína; por isso eles procuram fazê-la perecer, como outrora Herodes procurou fazer Jesus perecer no massacre dos Inocentes. Essa criança não tem pátria; ela erra sobre toda a Terra, procurando o povo que, o primeiro, que erguerá a sua bandeira, e esse povo será o mais poderoso entre os povos, porque tal é a vontade de Deus.

MASSILLON.

Progresso de um Espírito perverso

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun senhora Gostei.)

Sob o título de *Castigo do egoísta*, publicamos, no número de dezembro de 1860, várias comunicações, assinadas por *Claire*, onde esse Espírito revela os seus maus pendores e a situação deplorável em que se encontra. Nosso colega senhora Gostei, que conheceu essa pessoa Quando viva, e lhe serve de médium, empreendeu a sua educação moral; seus esforços foram coroados de sucesso; pode ser julgado pelo ditado espontâneo seguinte que ela deu na Sociedade, no dia 1^o de março último.

"Eu vos falarei da diferença importante que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste a mulher adúltera em seu abandono, e diz aos pecadores: Arrependei-vos, e

o reino dos céus vos será aberto." A moral divina, enfim, aceita todos os arrependidos e todas as faltas confessadas, ao passo que a moral humana repele estas, e admite, sorrindo, os pecados escondidos que, diz ela, são perdoados pela metade. A uma a graça do perdão, à outra a hipocrisia; escolhei, espíritos ávidos de verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento, e a tolerância que admite o mau que não altera o seu egoísmo e os seus falsos arranjos, mas que repele a paixão e os soluços de faltas confessadas abertamente. Arrependei-vos, todos vós que pecais; renunciái ao mal, mas sobretudo renunciái à hipocrisia que vela a deformidade do mal sob a máscara risonha e enganadora das conveniências mútuas.

CLAIRE.

Eis um outro exemplo de conversão obtido num caso quase semelhante. Na mesma sessão se encontrava uma senhora estrangeira, médium, que escrevia na Sociedade pela primeira vez. Ela conhecera uma mulher, morta há nove anos, e que, quando viva, merecia pouco estima. Depois de sua morte, seu Espírito se mostrou ao mesmo tempo perverso e mau, não procurando senão fazer o mal. Entretanto, bons conselhos acabaram por conduzi-la a melhores sentimentos. Nessa sessão ela ditou espontaneamente o que se segue:

"Eu peço que se ore por mim; é necessário que eu seja boa; eu persegui e obsidiei muito tempo um ser chamado a fazer o bem, e Deus não quer mais que eu o persiga; mas tenho medo de me faltar coragem; ajudai-me; eu fiz tanto mal! Oh! Quanto sofro! Quanto sofro! Eu me alegrei com a chegada do mal; para ele contribuí com todas as minhas forças, mas eu não quero mais fazer o mal. Oh! Orái por mim!

"ADÈLE."

Sobre o ciúme entre os médiuns

(Envio do Sr. Ky..., correspondente da Sociedade em Carlsruhe.)

O homem vão, de si mesmo e de sua própria inteligência, é tão desprezível quanto lamentável. Ele expulsa a verdade de diante de si, para substituí-la por seus argumentos e suas convicções pessoais, que crê infalíveis e irrevogáveis, porque lhe pertencem. O homem vão é sempre egoísta, e o egoísmo é o flagelo da Humanidade; mas desprezando o resto do mundo, ele não mostra senão muito a sua pequenez; repelindo as verdades que para ele são novas, mostra também o espaço limitado de sua própria inteligência pervertida pela sua obstinação, que aumenta ainda a sua vaidade e o seu egoísmo.

Infeliz do homem que se deixa dominar por esses dois inimigos de si mesmo! Quando ete despertar neste estado onde a verdade e a luz fun-dir-se-ão sobre ele de todas as partes, então não verá em si senão um ser miserável que está loucamente exaltado acima da Humanidade, durante a sua vida terrestre, e que estará bem abaixo de certos seres mais modestos e mais simples aos quais pensava se impor neste mundo.

Sede humildes de coração, vós a quem Deus fez parte de seus dons espirituais. Não atribuais nenhum mérito a vós mesmos, não mais do que se atribui a obra, não às ferramentas, mas ao obreiro. Lembrai-vos bem que não sois senão os instrumentos dos quais Deus se serve para manifestar ao mundo o seu Espírito todo-poderoso, e que não tendes nenhum motivo para vos glorificar por vós mesmos. Há tantos médiuns, ah! que se tomam vãos, em lugar de

se tornarem humildes à medida que os seus dons crescem. Isto é um atraso no progresso, porque em lugar de ser humilde e passivo, o médium, freqüentemente, pela sua vaidade e pelo seu orgulho, repele comunicações importantes que vêm então à luz por pessoas mais merecedoras. Deus não olha a posição material de uma pessoa para lhe comunicar o seu espírito de santidade; bem longe disso, porque, freqüentemente, ele eleva os humildes entre os humildes, para dotá-los de maiores faculdades, a fim de que o mundo veja bem que não é o homem, mas o Espírito de Deus pelo homem, que faz milagres. O médium é, como eu o disse, o simples instrumento do grande Criador de todas as coisas, e é a este último que é necessário render glória, é a ele que é necessário agradecer pela sua inesgotável bondade.

Eu gostaria de dizer também uma palavra sobre a inveja e o ciúme que, muito freqüentemente, reina entre os médiuns, e que, como a erva má, é necessário arrancar desde que ela comece a aparecer, de medo que ela não abafe os bons germes vizinhos.

No médium o ciúme é tanto a temer como o orgulho; ele prova a mesma necessidade de humildade; direi mesmo que ele denota uma falta de senso comum. Não será vos mostrando ciumentos dos dons do vosso vizinho que os receberéis semelhantes, porque se Deus dá muito a uns e pouco aos outros, estejais certos de que agindo assim ele tem um motivo bem fundado! O ciúme azeda o coração; abafa mesmo os melhores sentimentos; é, pois, um inimigo que não se saberia evitar com muito cuidado, porque não deixa nenhum descanso, uma vez que se apodera de nós; isto se aplica a todos os casos da vida neste mundo; mas eu quis sobretudo falar do ciúme entre médiuns, tão ridículo quanto desprezível e mal fundado, e que prova o quanto o homem é fraco e o quanto se torna escravo de suas paixões.

LUOS.

Nota. Quando da leitura desta última comunicação diante da Sociedade, uma discussão se estabeleceu sobre o ciúme dos médiuns comparado ao dos sonâmbulos. Um dos membros, o Sr. D..., disse que na sua opinião o ciúme é o mesmo nos dois casos, e que se parece tão freqüente nos sonâmbulos, é que, nesse estado, eles, não sabem dissimulá-lo.

O Sr. Allan Kardec refutou esta opinião: "O ciúme, disse ele, parece inerente ao estado sonambúlico, e isso por uma causa da qual é difícil dar-se conta, e que os próprios sonâmbulos não podem explicar. Este sentimento existe entre sonâmbulos que, no estado de vigília, não têm um pelo outro senão da benevolência. Entre os médiuns, é longe de ser habitual, e se prende evidentemente à natureza moral do indivíduo. Um médium não é ciumento de um outro médium, senão porque está em sua natureza ser ciumento; essa falta, conseqüente do orgulho e do egoísmo, é essencialmente nociva à bondade das comunicações, ao passo que o sonâmbulo mais ciumento pode ser muito lúcido, e isto se concebe facilmente. O sonâmbulo vê por si mesmo; é o seu próprio Espírito que se liberta e age: ele não tem necessidade de ninguém; o médium, ao contrário, não é senão um intermediário: ele recebe tudo de Espíritos estranhos, e a sua personalidade está bem menos em jogo do que no sonâmbulo. Os Espíritos simpatizam com ele em razão de suas qualidades ou de seus defeitos: ora, os defeitos que são os mais antipáticos aos bons Espíritos são o orgulho, o egoísmo e o ciúme. A experiência nos ensina que a faculdade mediúnica, enquanto faculdade, é independente das qualidades morais; ela pode, do mesmo modo que a faculdade sonambúlica, existir no mais alto grau nos homens mais perversos. É completamente diferente com respeito às simpatias dos bons Espíritos, que se comunicam naturalmente tanto mais de boa vontade, quanto o intermediário encarregado de transmitir o seu pensamento seja mais puro, mais sincero, e se afaste mais da natureza dos maus Espíritos; eles fazem a esse respeito o que fazemos nós mesmos quando tomamos alguém por confidente. No que concerne especialmente ao ciúme, como esse defeito existe entre quase

todos os sonâmbulos, e que é muito raro entre os médiuns, parece que nos primeiros é a regra, e nos segundos a exceção, de onde se seguiria que não deve haver a mesma causa nos dois casos.'

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Maio

- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas - Discurso do Sr. Allan Kardec por ocasião da renovação do ano social](#)
- [O Anjo do cólera](#)
- [Fenômeno de transportes](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [O doutor Glas](#)
- [Questões e problemas diversos](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Senhora de Girardin](#)
 - [A pintura e a música \(Lamennais\)](#)
 - [Festas dos bons Espíritos](#)
 - [Vinde a nós](#)
 - [O progresso intelectual e moral](#)
 - [A inundação](#)

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, maio de 1861

Discurso do Sr. Allan Kardec.

**por ocasião da renovação do ano social,
pronunciado na sessão de 5 de abril de 1861.**

Senhores e caros colegas,

No momento em que a nossa Sociedade começa o seu quarto ano, creio que devemos um agradecimento especial aos bons Espíritos que consentiram em nos assistir, e, em particular, ao nosso Presidente espiritual, cujos sábios conselhos souberam nos preservar de mais de um escolho, e cuja proteção nos fez superar as dificuldades que semearam em nosso caminho, sem dúvida para porem em prova o nosso devotamento e a nossa perspicácia. Devemos reconhecê-lo, a sua benevolência jamais nos faltou, e, graças ao bom espírito do qual a Sociedade está agora animada, ela triunfou da má vontade dos seus inimigos. Permiti-me, a esse respeito, algumas observações retrospectivas.

A experiência nos demonstrou lacunas lamentáveis na constituição da Sociedade, lacunas que abriram a porta para certos abusos; a Sociedade as preencheu, e desde então ela não teve senão que se aplaudir por isso. Realiza ela o ideal da perfeição? Não seríamos Espíritas se tivéssemos o orgulho de o crer; mas quando a base é boa e que o resto não depende senão da vontade, é necessário esperar que, os bons Espíritos ajudando, não pararemos no caminho.

Entre as reformas mais úteis, é necessário colocar em primeira linha a instituição dos *Associados livres*, que dá um acesso mais fácil aos candidatos, lhes permitindo se fazerem conhecer e apreciar antes de sua admissão como membros titulares; participando dos trabalhos e dos estudos da Sociedade, aproveitam de tudo o que nela se faz; mas, como não têm voz na parte administrativa, não podem, em nenhum caso, empenhar a responsabilidade da Sociedade. Vem em seguida a medida que teve por objeto restringir o número dos ouvintes, e de cercar com mais dificuldades, por uma escolha mais severa, a sua admissão nas sessões; depois, a que interditou a leitura de toda comunicação obtida fora da Sociedade, antes que, previamente, dela não tenha tomado conhecimento, e que essa leitura não esteja autorizada; enfim, as que armam a Sociedade contra quem poderia trazer-lhe a perturbação, ou tentar impor-lhe a sua vontade.

Outras há que seria supérfluo lembrar, cuja utilidade não é menor, e das quais estamos, a cada dia, no estado de apreciar os felizes resultados. Mas se esse estado de coisas é compreendido no seio da Sociedade, não ocorre o mesmo fora, onde, não é necessário

dissimulá-lo, não temos senão amigos. Somos criticados sobre vários pontos, e embora não tenhamos que com isso nos preocupar, uma vez que a ordem da Sociedade não interessa senão a nós, talvez não seja inútil lançar uma vista de olhos sobre o que se nos censura, porque, em definitivo, se essas censuras forem fundadas, deveremos aproveitá-las.

Certas pessoas reprovam a severa restrição imposta na admissão dos ouvintes; elas dizem que, se queremos fazer prosélitos, é necessário esclarecer o público, e, para isso, abrir-lhes as portas de nossas sessões, autorizar todas as perguntas e todas as interpelações; que se não admitirmos senão pessoas crentes, não temos grande mérito em convencê-las. Este raciocínio é especioso, e se, abrindo as portas ao primeiro que chegue, o resultado suposto for alcançado, certamente estaremos errados em não fazê-lo; mas como é ao contrário o que ocorre, não o fazemos.

De resto, seria bem deplorável que a propagação da doutrina fosse subordinada à publicidade de nossas sessões; por numeroso que pudesse ser o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos, por experiência, que a verdadeira convicção não se adquire senão pelo estudo, a reflexão e uma observação continuada, e não assistindo a uma ou duas sessões, por interessantes que sejam; e isso é tão verdadeiro, que o número daqueles que crêem sem nada terem visto, mas porque estudaram e compreenderam, é imenso. Sem dúvida, o desejo de ver é muito natural, e estamos longe de censurá-lo, mas queremos que se veja em condições proveitosas; eis porque dizemos: Estudai primeiro e vereis em seguida, porque compreenderéis melhor.

Se os incrédulos refletissem nessa condição, veriam a melhor garantia primeiro na nossa boa-fé, em seguida no poder da doutrina. O que o charlatanismo mais teme é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é bastante tolo para se dirigir à inteligência, que descobriria facilmente a intriga. O Espiritismo, ao contrário, não admite a confiança cega; ele quer ser claro em tudo; quer ser compreendido inteiramente, que se lhe dê conta de tudo; portanto, quando prescrevemos estudar e meditar, é chamar o concurso da razão, e provar que a ciência espírita não teme o exame, uma vez que, antes de crer, nos fazemos uma obrigação de compreender.

As nossas sessões não sendo sessões de demonstração, sua publicidade não alcançaria, pois, o objetivo, e teria graves inconvenientes; com um público sem seleção, trazendo mais curiosidade do que desejo verdadeiro de se instruir, e ainda mais desejoso de criticar e escarnecer, seria impossível ter o recolhimento indispensável para toda manifestação séria; uma controvérsia mais ou menos malévola, e baseada, na maioria das vezes, sobre a ignorância dos princípios mais elementares da ciência, traria perpétuos conflitos onde a dignidade poderia ser comprometida. Ora, o que nós queremos, é que, saindo de nossa casa, os ouvintes não levem a convicção, levem da Sociedade uma idéia de uma assembléia grave, séria, que se respeita e sabe se fazer respeitar, que discute com calma e moderação, examina com cuidado, aprofunda tudo com o olho do observador consciencioso que procura se esclarecer, e não com a leviandade de um simples curioso. E crede-o bem, senhores, essa opinião faz mais pela propaganda do que se saíssem com o único pensamento de terem satisfeito a sua curiosidade, porque a impressão que disso resulta os leva a refletir, ao passo que, em caso contrário, estariam mais dispostos a rir do que a crer.

Eu disse que as nossas sessões, não são sessões de demonstração, mas se nunca a fizemos desse gênero, para o uso de aprendizes que se trataria de instruir e de convencer, tudo aí se passaria com tanta gravidade e recolhimento como em nossas sessões comuns; a controvérsia se estabeleceria com ordem, de maneira a ser instrutiva e não tumultuosa, e quem ali se permitisse uma palavra inoportuna seria dela excluída; então a atenção seria

firme, e a própria discussão seria proveitosa para todo o mundo; é provavelmente o que faremos um dia. Perguntar-nos-ão, sem dúvida, por que não o fizemos mais cedo no interesse da vulgarização da ciência; a razão disso é simples: é que quisemos proceder com prudência, e não como estouvados, mais impacientes do que refletidos; antes de instruir os outros, quisemos nos instruir a nós mesmos. Queremos apoiar o nosso ensinamento sobre uma imponente massa de fatos e observações, e não sobre algumas experiências desordenadas, observadas com leviandade e superficialmente. Toda ciência, em seu início, forçosamente encontra fatos que, à primeira vista, parecem contraditórios, e dos quais só um estudo completo, minucioso, pode demonstrar a conexão; é a lei comum desses fatos que quisemos procurar, a fim de apresentar um conjunto tão completo, tão satisfatório, quanto possível, e dando menos possível lugar à contradição. Com este objetivo, recolhemos os fatos, examinamo-los, escrutamo-los naquilo que têm de mais íntimo, nós o comentamos, discutimo-los friamente, sem entusiasmo, e foi assim que chegamos a descobrir o admirável encadeamento que existe em todas as partes dessa vasta ciência que toca os mais graves interesses da Humanidade. Tal foi, até o presente, senhores, o objeto de nossos trabalhos, objeto perfeitamente caracterizado pelo simples título de *Sociedade de Estudos Espíritas* que adotamos. Nós nos reunimos com o objetivo de nos esclarecer e não de nos distrair; não procuramos, de nenhum modo, nos divertir, não queremos divertir os outros; eis porque não devemos ter senão ouvintes sérios, e não curiosos que cressem encontrar aqui um espetáculo. O Espiritismo é uma ciência, e, não mais do que outra ciência, não se pode aprender brincando; bem mais, tomar as almas daqueles que não são mais como objetos de distração, seria faltar ao respeito que se lhes deve; especular sobre a sua presença e a sua intervenção, seria uma impiedade e uma profanação. Estas reflexões respondem à censura que algumas pessoas nos dirigiram, de retornar sobre fatos conhecidos, e de não procurar constantemente o novo. No ponto onde estamos, é difícil que à medida que avançamos, os fatos que se produzem não rolem pouco a pouco no mesmo círculo; mas se esquece que pontos tão importantes quanto aqueles que tocam ao futuro do homem não podem chegar ao estado de verdade absoluta senão depois de um grande número de observações; haveria leviandade em formular uma lei sobre alguns exemplos; o homem sério e prudente é mais circunspecto; não somente ele quer tudo ver, mas ver sempre e freqüentemente; é por isso que não recuamos diante da monotonia das repetições, porque delas ressaltam confirmações e, freqüentemente, nuances instrutivas, e que se nela descobrimos fatos contraditórios, procuraremos a sua causa. Não estamos, de nenhum modo, apressados em sentenciar sobre os primeiros dados, necessariamente incompletos; antes de colher esperamos a maturidade. Se fomos menos adiante do que alguns o desejaram, ao capricho de sua impaciência, caminhamos com mais segurança, sem nos perder nos labirintos dos sistemas; talvez saibamos menos coisas, mas sabemos melhor, o que é preferível, e podemos afirmar o que sabemos sobre a fé na experiência.

Não creiais, de resto, senhores, que a opinião daqueles que criticam a organização da Sociedade seja a dos verdadeiros amigos do Espiritismo; não, é a de seus inimigos, que estão vexados por verem a Sociedade prosseguir a sua rota com calma e dignidade através das armadilhas que lhe estenderam e estendem ainda; lamentam que o acesso lhes seja difícil, porque estariam encantados indo ali semear a perturbação. É com esse objetivo que a censuram ainda por limitar o círculo de seus trabalhos, e pretendem que ela não se ocupe senão de coisas insignificantes e sem importância, porque ela se abstém de tratar de questões políticas e religiosas; gostariam de vê-la entrar na controvérsia dogmática; ora, é aí precisamente que se manifesta o seu verdadeiro caráter. A Sociedade está sabiamente encerrada num círculo inatacável à malevolência; gostar-se-ia, irritando o seu amor-próprio, de arrastá-la para um caminho perigoso, mas ela não se deixa nisso prender; ocupando-se exclusivamente das questões que interessam à ciência, e que não podem levar sombra a ninguém, colocou-se ao abrigo dos ataques, e ela tende a aí permanecer; pela sua prudência, sua moderação, sua sabedoria, ela conquistou a estima dos verdadeiros Espíritas, e a sua influência se estende até aos países distantes, onde aspiram à honra de fazer parte dela ;

ora, essa homenagem que lhe é prestada por pessoas que não a conhecem senão de nome, pelos seus trabalhos, e pela consideração que adquiriu, lhe é cem vezes mais preciosa do que o sufrágio dos imprudentes muito apressados, ou dos malévolos que gostariam de arrastá-la para a sua perda, e estariam encantados em vê-la comprometer-se. Enquanto eu tiver a honra de dirigi-la, todos os meus esforços tenderão em mantê-la neste caminho; se jamais ela devesse dele sair, eu a deixaria imediatamente, porque, por nenhum preço, eu gostaria de assumir essa responsabilidade.

De resto, senhores, sabeis por quais vicissitudes a Sociedade passou; tudo o que chegou antes e depois foi anunciado, e tudo se cumpriu assim como isso estava previsto; os seus inimigos querem a sua ruína; os Espíritos, que sabem o quanto ela é útil, querem a sua conservação, e ela está mantida, e ela se manterá enquanto seja necessária aos seus objetivos; se tivésseis mesmo observado, como pude fazê-lo, as coisas nos detalhes íntimos, não poderíeis desconhecer a intervenção de uma força superior, porque para mim ela é manifesta, e compreenderíeis que tudo foi para o melhor e no interesse da sua própria conservação; mas virá um tempo em que, tal como atualmente, ela não será mais indispensável; veremos então o que teremos a fazer, porque a marcha está traçada, tendo em vista todas as eventualidades.

Os inimigos mais perigosos da Sociedade não são aqueles de fora; podemos lhes fechar as nossas portas e os nossos ouvidos; os mais a temer são os inimigos invisíveis que poderiam aqui se introduzir, apesar de nós. Cabe a nós provar-lhes, como já o fizemos, que eles perdem o seu tempo tentando se impor a nós. A sua tática, nós o sabemos, é procurar semear a desunião, lançar agitações de discórdia, inspirar o ciúme, a desconfiança e as pueris suscetibilidades que engendram o desafeto; oponhamo-lhes a proteção da caridade, da benevolência mútua, e seremos invulneráveis tão bem contra as suas malignas influências ocultas quanto contra as diatribes dos nossos adversários encarnados, que se ocupam mais de nós do que nos ocupamos deles; porque podemos, sem amor-próprio, nos proporcionar essa justiça que jamais aqui seu nome foi pronunciado, seja por um sentimento de conveniência, seja porque temos que nos ocupar com coisas mais úteis. Não forçamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e solicitude as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de se esclarecerem, e as encontramos bastante para não perdermos o nosso tempo correndo atrás daqueles que nos voltam as costas por motivos fúteis de amor-próprio ou de ciúme. Aqueles não podem ser considerados como verdadeiros Espíritas, apesar das aparências; talvez sejam Espíritas que crêem nos fatos, mas infalivelmente não são Espíritas crentes na conseqüência moral dos fatos, de outro modo mostrariam mais de abnegação, de indulgência, de moderação, e menos de presunção em sua infalibilidade. Procurá-los seria mesmo prestar-lhes um mau serviço, porque isso faria crer em sua importância e que não se pode deles abster-se. Quanto àqueles que nos denigrem, não devemos com isso nos preocupar mais; homens que valem cem vezes mais do que nós foram denegridos e achincalhados: não poderíamos ter o privilégio a esse respeito; cabe-nos provarmos, pelos nossos atos, que as suas diatribes não têm razão, e as armas de que se servem voltam-se contra eles.

Depois de ter, ao começar, agradecido aos Espíritos que nos assistem, não devemos esquecer os seus intérpretes, dos quais alguns nos dão o seu concurso com um zelo, uma complacência que não são jamais desmentidas; não podemos, em troca, lhes oferecer senão um estéril testemunho da nossa satisfação; mas o mundo dos Espíritos os espera, e lá todos os devotamentos são contados ao peso do desinteresse, da humildade e da abnegação.

Em resumo, senhores, os nossos trabalhos caminharam, durante o ano que vem de se escoar, com uma perfeita regularidade, e nada os interrompeu; uma multidão de fatos, do

mais alto interesse, foram narrados, explicados e comentados; questões muito importantes foram resolvidas; todos os exemplos que passaram sob os nossos olhos pelas evocações, todas as investigações às quais nos entregamos vieram confirmar os princípios da ciência e nos fortificar em nossas crenças; numerosas comunicações, de uma incontestável superioridade, foram obtidas por diversos médiuns; a província e o estrangeiro no-las dirigiram excessivamente notáveis, e que provam, não somente como o Espiritismo se propaga, mas também sob qual ponto de vista, grave e sério, ele agora é por toda a parte encarado. Este, sem dúvida, é um resultado do qual devemos estar felizes, mas há um não menos satisfatório e que, de resto, é uma consequência do que foi predito desde a origem: é a unidade que se estabelece na teoria da doutrina, à medida que é estudada e que é compreendida melhor. Em todas as comunicações que nos vêm de fora, encontramos a confirmação dos princípios que nos são ensinados pelos Espíritos, e como as pessoas que os obtêm nos são, em sua maioria, desconhecidas, não se pode dizer que elas sofrem a nossa influência.

O próprio princípio da reencarnação que tinha, no primeiro momento, encontrado mais contraditores, porque não era compreendido, hoje é aceito pela força da evidência, e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível dos maiores problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação, para-se a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional; se ela encontra ainda alguns adversários, mais sistemáticos do que lógicos, o número deles é muito restrito; ora, quem a inventou? Não foi, seguramente, nem vós e nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos, eis tudo o que fizemos. De todos os sistemas que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, sobretudo, entre as pessoas que julgam sob um primeiro aspecto, e, freqüentemente, segundo idéias preconcebidas ou preconceitos; mas é evidente agora que, quem se dá ao trabalho de aprofundar todas as questões e julga friamente, sem prevenção, sem hostilidade sistemática, sobretudo, é invencivelmente conduzido, pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que prevalece hoje, pode-se dizer, em todos os países do mundo.

Certamente, senhores, a Sociedade não fez tudo para esse resultado; mas creio que, sem vaidade, ela pode reivindicar-lhe uma pequena parte; sua influência moral é maior do que se crê, e isso precisamente porque ela jamais se desviou da linha de moderação que se traçou; sabe-se que ela se ocupa exclusivamente de seus estudos, sem se deixar desviar pelas mesquinhas paixões que se agitam ao seu redor; que ela o faz seriamente, como deve fazê-lo toda assembléia científica; que persegue o seu objetivo sem se misturar com nenhuma intriga, sem lançar pedra em ninguém, sem mesmo acolher aquelas que lhe são lançadas; eis, sem nenhuma dúvida, a principal causa do crédito e da consideração dos quais goza, e dos quais pode justamente estar orgulhosa, e que dão um certo peso à sua opinião. Continuemos, senhores, pelos nossos esforços, pela nossa prudência e o exemplo de união que deve existir entre os verdadeiros Espíritos, a mostrar que os princípios que professamos não são, para nós, uma letra morta, e que pregamos pelo exemplo tanto quanto pela teoria. Se as nossas doutrinas encontram tão numerosos ecos, é que, aparentemente, encontram-nas mais racional do que outras; duvido que isso assim seria se professássemos a doutrina da intervenção exclusiva do diabo e dos demônios nas manifestações espíritas, doutrina hoje completamente ridícula, que excita mais de curiosidade do que ela não causa de pavor, se isso não o é senão sobre algumas pessoas timoratas, que logo elas mesmas lhe reconhecerão a futilidade.

A Doutrina Espírita, tal como ela é hoje professada, tem uma amplitude que lhe permite abraçar todas as questões de ordem moral; satisfaz a todas as aspirações, e se o pode dizer à razão mais exigente para quem se dá ao trabalho de estudá-la e não está dominado pelos preconceitos; ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; alarga até o infinito o

círculo das idéias, e nada é capaz de elevar mais alto o pensamento e de tirar o homem da estreita esfera do egoísmo, na qual se procurou confiná-lo; ela se apoia, enfim, sobre os imutáveis princípios da religião, da qual é a demonstração patente; eis, sem nenhuma dúvida, o que lhe conquistou tão numerosos partidários entre as pessoas esclarecidas de todos os países, e o que a fará prevalecer, num tempo mais ou menos próximo, e isso apesar dos seus adversários, na maioria mais opostos por interesse do que por convicção. Sua caminhada progressiva tão rápida, desde que ela entrou no caminho filosófico sério, nos é uma garantia segura do futuro que lhe está reservado, e que, como o sabeis, é anunciado por todas as partes. Deixemos, pois, os seus inimigos falarem e fazerem, eles nada podem contra a vontade de Deus, porque nada chega sem a sua permissão, e como dizia recentemente um eclesiástico esclarecido: Se essas coisas ocorrem, é que Deus o permite para conduzir à fé que se extingue nas trevas do materialismo.

O Anjo do cólera

Revista Espírita, maio de 1861

Um dos nossos correspondentes de Varsóvia nos escreveu o que se segue.

"...Ouso chamar a vossa atenção para um fato de tal modo extraordinário, que seria necessário classificá-lo na categoria do absurdo, se o caráter da pessoa que mo narrou não fosse uma garantia de sua realidade. Nós todos que conhecemos do Espiritismo tudo o que, por vós, foi tão judiciosamente tratado, o que quer dizer que cremos bem compreendê-lo, não encontramos explicação para esse fato, e o entrego à vossa apreciação, rogando-vos me perdoar o tempo que vos faço perder em lê-lo, se não o julgardes digno de um exame mais sério. Eis do que se trata:

"A pessoa da qual falei mais acima se encontrava, em 1852, em Wilna, cidade da Lituânia que, nesse momento, era assolada pelo cólera. A sua filha, encantadora menina de doze anos, era dotada de todas as qualidades que constituem as naturezas superiores. Desde sua tenra idade, ela se fez notar por uma inteligência excepcional, uma bondade de coração e uma candura verdadeiramente angélicas. Ela foi uma das primeiras, em nosso país, a gozar da faculdade medianímica, e sempre assistida pelos Espíritos de uma ordem muito elevada. Freqüentemente, e sem ser sonâmbula, tinha o pressentimento do que ia acontecer, e o predizia sempre com justeza. Essas informações não me parecem inúteis para julgar de sua sinceridade. Uma noite, no momento em que as velas vinham de ser apagadas, a jovem, ainda completamente desperta, viu se levantar diante de seu leito a figura lívida e sanguinolenta de uma velha mulher, cuja única visão a fez estremecer. Essa mulher se aproximou do leito da menina e lhe disse: "Eu sou o cólera, e venho te pedir um beijo; se tu me abraçares, retornarei para os lugares que deixei, e a cidade estará livre da minha presença." A jovem não recuou diante do sacrifício: ela aplicou os seus lábios sobre o rosto gelado e humilde da velha; e a visão, se era uma visão, desapareceu. A criança, apavorada, não se acalmou senão no seio de seu pai que, nada compreendendo da coisa, estava, no entanto, convencido de que sua filha disse a verdade; mas disso não falou a ninguém. Pelo meio-dia, recebeu a visita de um médico, amigo da família: "Trago-vos uma boa nova, disse ele; esta noite nenhum doente chegou ao hospital dos coléricos, que venho de visitar." E desde esse dia, com efeito, deixou de maltratar. Mais ou menos três anos mais tarde, essa pessoa e a sua família fizeram uma outra viagem para a mesma cidade. Durante a sua permanência, o cólera por ali reapareceu, e já se lhe contavam as vítimas por centenas, quando, uma noite, a mesma velha apareceu junto ao leito da jovem, sempre perfeitamente desperta, e lhe fez a mesma pergunta, acrescentando que, se a sua prece fosse atendida, esta vez ela deixaria a cidade para ali não mais retornar. A jovem não recuou, não mais do que na primeira vez; logo ela viu um sepulcro se abrir e se fechar sobre a mulher. O cólera se acalmou como por milagre, e não é do meu conhecimento que haja reaparecido depois em Wilna. Isso era uma alucinação ou uma visão real? Eu o ignoro; tudo o que posso certificar é que não posso duvidar da sinceridade da jovem e de seus pais."

Esse fato é, com efeito, muito singular; os incrédulos não faltarão para dizerem que é uma alucinação; mas lhes seria, provavelmente, mais difícil explicar essa coincidência com um fato material que nada podia fazer prever. Uma primeira vez, isso poderia ser colocado por conta do acaso, essa maneira tão cômoda de se passar sobre o que não se compreende; mas as duas repetições diferentes, e em condições idênticas, era mais extraordinária. Em admitindo

o fato da aparição, resta saber o que era essa mulher; era realmente o anjo exterminador do cólera? Os flagelos estariam personificados em certos Espíritos encarregados de provocá-los ou de acalmá-los? Poder-se-ia crê-lo vendo aquele desaparecer pela vontade dessa mulher; mas, então, por que dirigir-se a essa criança, estranha à cidade, e como um beijo de sua parte poderia ter essa influência? Embora o Espiritismo já nos haja dado a chave de muitas coisas, ainda não nos disse a sua última palavra, e, no caso que se trata, a última hipótese nada tinha de positivamente absurda; confessamos que, à primeira vista, pendemos bastante desse lado, não vendo no fato o caráter de uma verdadeira alucinação; mas com uma palavra os Espíritos vieram derrubar a nossa suposição. Eis a explicação, muito simples e muito lógica, que dele deu São Luís na sessão da Sociedade de 19 de abril de 1861. *P.* O fato que acaba de ser narrado parece muito autêntico; desejaríamos ter, a esse respeito, algumas explicações. Poderíeis, de início, nos dizer quem era essa mulher que apareceu à jovem e disse ser o cólera?

R. Não era o cólera; um flagelo material não reveste aparência humana; era o Espírito familiar da jovem que experimentava a sua fé, e fazia coincidir essa prova com o fim do flagelo. Essa prova era salutar para a criança que a suportava; ela fortalecia, idealizando-as, as virtudes em germe nesse ser protegido e bendito. As naturezas de elite, as que trazem, vindo para o mundo, a lembrança dos bens adquiridos, freqüentemente, sofrem essas advertências, que seriam perigosas para uma alma não depurada, e não preparada pelas migrações anteriores aos grandes devotamentos do amor e da fé.

P. O Espírito familiar dessa jovem tinha bastante poder para prever o futuro e o fim do flagelo?

R. Os Espíritos são os instrumentos da vontade divina e, freqüentemente, eles são elevados à altura de mensageiros celestes.

P. Os Espíritos não têm nenhuma ação sobre os flagelos como agentes produtores?

R. Neles não estão absolutamente para nada, não mais do que as árvores não atuam sobre o vento, nem os efeitos sobre as causas.

Na previsão de respostas conformes com o nosso pensamento primeiro, preparamos uma série de perguntas que, conseqüentemente, se tornaram inúteis; isso prova, uma vez mais, que os médiuns não são o reflexo do pensamento do interrogador. De resto, devemos dizer que não tínhamos sobre esse assunto nenhuma idéia fixa; na falta de melhor, pendemos para aquela que emitimos, porque ela não nos pareceu impossível; mas a explicação dada pelo Espírito, sendo mais simples e mais racional, consideramo-la infinitamente preferível.

Pode-se, de resto, tirar desse fato uma outra instrução. O que ocorreu com essa jovem deve ter-se produzido, em outras circunstâncias, e mesmo na antigüidade, uma vez que os fenômenos espíritas são de todos os tempos. Não seria essa uma das causas que levaram os Antigos a tudo personificar e a ver, em cada coisa, um gênio particular? Não pensamos que falhe em procurar a fonte somente no gênio poético, porque se vê essas idéias nos povos menos avançados.

Suponhamos que um fato análogo àquele que narramos tivesse se produzido entre um povo supersticioso e bárbaro, e mais não seria necessário para acreditar a idéia de uma divindade malfazeja que não se poderia acalmar senão sacrificando vítimas. Já o dissemos, todos os deuses do paganismo não têm outra origem senão as manifestações espíritas; o cristianismo

veio derrubar os seus altares, mas estava reservado ao Espiritismo fazer conhecer a sua verdadeira natureza, e lançar luz sobre esses fenômenos desnaturados pela superstição, ou explorados pela cupidez.

Fenômeno de transportes

Revista Espírita, maio de 1861

Este fenômeno é, sem contradita, um dos mais extraordinários entre aqueles que as manifestações espíritas apresentam, e é também um dos mais raros. Ele consiste no transporte espontâneo de um objeto que não existe no lugar onde se está. Nós o conhecemos há muito tempo por ouvir dizer, mas como nos foi dado há pouco ser dele testemunha, podemos agora falar a seu respeito com conhecimento de causa. Dizemos primeiro que é um daqueles que mais se prestam à imitação e que, conseqüentemente, é necessário se pôr em guarda contra a fraude. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação em fatos de experiências desse gênero; mas, sem ter relações com um homem do ofício, poder-se-ia, facilmente, ser vítima de uma manobra hábil. A melhor de todas as garantias está *no caráter, na honradez notória, no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém semelhantes efeitos; em segundo lugar no exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem; enfim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, o único que pode fazer descobrir o que seria suspeito.

Dissemos que esse fenômeno é um dos mais raros, e menos que os outros, talvez, não se produz à vontade e sobretudo a propósito; ele pode algumas vezes, embora raramente, ser provocado, mas, o mais freqüentemente, é espontâneo; de onde resulta que, quem se gabasse de obtê-lo à vontade, e num instante dado, pode ser temerariamente taxado de ignorância e suspeito de fraude, com mais forte razão se lhe misturar o menor motivo de interesse material. Um médium que tire um proveito qualquer de sua faculdade pode ser realmente médium; mas como essa faculdade está sujeita a intermitências, que os fenômenos dependem exclusivamente da vontade dos Espíritos, que não se submetem aos nossos caprichos, disso resulta que o médium interessado, para não parar ou para produzir mais efeito segundo as circunstâncias, chama a astúcia em sua ajuda, porque, para ele, é necessário que o Espírito pelo menos aja, senão é substituído, e a astúcia se esconde, algumas vezes, sob as aparências mais simples.

Tendo essas observações preliminares objetivo de colocar os observadores em guarda, voltemos ao nosso assunto; mas, antes de falar do que nos concerne, cremos dever reportar à carta seguinte, que nos foi escrita de Orléans, em 14 de fevereiro último.

"Senhor,

"É um Espírita convicto que vos escreve esta carta; os fatos que ela relata são raros; devem servir ao bem de todos, e já levaram à convicção muitas pessoas que nos cercam e que deles foram testemunhas.

"O primeiro fato se passou em 1º de janeiro de 1861. Uma de minhas parentas, que possui em grau supremo a faculdade mediúnica, e que o ignorava completamente antes que eu lhe falasse do Espiritismo, algumas vezes, via a sua mãe, mas tomava isso por alucinações, que tratava de evitá-las. Em 1* de janeiro último, pelas três horas da tarde, ela a viu de novo; a emoção que ela sentiu, assim como seu marido, embora este não visse nada, impediu-a de se dar conta de seus movimentos. Alguns minutos depois, seu marido, entrando nesse aposento, viu sobre a mesa um anel que a sua mulher reconheceu perfeitamente o anel de sua mãe, que ela mesma lhe colocara no dedo quando de sua morte. Alguns dias depois,

como essa senhora sofria de uma sufocação a que estava sujeita, aconselhei seu marido a magnetizá-la, o que fez, e ao cabo de três minutos ela dormia profundamente, e a lucidez era perfeita. Ela disse então ao seu marido que a sua mãe lhe trouxera o seu anel para provar-lhe que está com eles e que vela sobre eles. Seu marido perguntou-lhe se via a sua filha, morta há 8 anos, com a idade de 2 anos, e se ela podia mandar-lhe uma lembrança? A sonâmbula respondeu que ela estava lá, assim como a mãe de seu marido; que ela lhe trará no dia seguinte uma rosa que encontrará sobre a escrivaninha. O fato se cumpriu; a rosa murcha estava acompanhada de um papel sobre o qual estavam escritas estas palavras: AO MEU PAPAÍ QUERIDO. *Laura*. No segundo dia depois, sono magnético; o marido pergunta se poderia ter dois cabelos de sua mãe para ele? Seu desejo foi satisfeito imediatamente: os cabelos estão sobre a lareira. Depois, duas cartas foram escritas espontaneamente pelas duas mães.

"Chego a fatos que se passaram em minha casa. Depois de um estudo sério de vossas obras sobre o Espiritismo, a fé me viera sem eu haja visto um único fato. *O Livro dos Médiuns* me convidara a tentar escrever sem nenhum resultado; persuadido de que nada obteria sem a presença da pessoa de que falei acima, eu roguei-lhe para que viesse a Orléans, assim como o seu marido. Na segunda-feira, às 10 horas da noite, sono magnético e êxtase; ela vê, junto dela e de nós, os Espíritos que a acompanham e que lhe prometeram vir com ela. Eu lhe pergunto se serei médium escrevente; ela responde: Sim, em 15 dias; ela acrescenta que, no dia seguinte, escreverá por intermédio de sua mãe para convencer um de seus amigos, que ela me roga fazê-lo vir. No dia seguinte 12, às 8 horas da manhã, sono; nós lhe perguntamos se devemos dar-lhe um lápis: Não, disse-me ela; a minha mãe está junto de ti e escreve; a sua carta está sobre a lareira. Vou para lá e encontro um papel dobrado contendo estas palavras: *Crede e orai, estou convosco; isto é para vos convencer*. Ela me disse ainda que, nessa noite, poderia tentar escrever com a sua mão pousada sobre a minha. Eu não ousava esperar semelhante resultado e, todavia, escrevi estas palavras: *Crede; eu vou voltar; não esqueçais o magnetismo; não demoreis muito tempo*. A minha parenta deveria partir no dia seguinte. À noite escrevemos isto: *A ciência espírita não é um divertimento; é verdade; o magnetismo pode a ela conduzir. Orai, e invocai aqueles que o vosso coração vos disser. Não fiquéis mais muito tempo. Catherine*. É o nome de sua mãe.

"Ela me ordenou várias vezes para vos escrever estes fatos; eu mesmo censurei-me por não fazê-lo mais cedo; de resto, ela disse-me que poderíeis ter a prova do que vos disse, e que a sua mãe, ela mesma, iria confirmar esses fatos se a chamásseis: Aceitai, etc." Esta carta relata dois fenômenos notáveis, o do transporte e o da escrita direta. Faremos a este respeito uma observação essencial, é que, quando o marido e a mulher obtiveram os primeiros efeitos, estavam sozinhos, muito preocupados com o que lhes ocorria, e que não tinham nenhum interesse em se enganar mutuamente. Em segundo lugar, o transporte do anel que fora enterrado com a mãe, era um fato positivo que não podia ser o resultado de uma fraude, porque não se brinca com essas coisas.

Vários fatos da mesma natureza nos foram narrados por pessoas nas quais temos toda a confiança, e que se passaram em circunstâncias também muito autênticas, mas eis aquele do qual fomos duas vezes testemunha ocular, assim como vários membros da Sociedade.

A senhorita V.B.... jovem de 16 a 17anos, é muito bom médium escrevente, e, ao mesmo tempo, sonâmbula muito clarividente. Durante o seu sono, ela vê sobretudo o Espírito de um de seus primos que já, várias vezes, lhe trouxera diferentes objetos, entre outros, anéis, bombons em grande quantidade de flores. É necessário sempre que ela esteja dormindo em torno de duas horas, antes da produção do fenômeno. A primeira vez que assistimos a uma manifestação desse gênero, houve transporte de um anel que lhe foi entregue na mão. Para nós, que conhecemos a jovem e seus pais por pessoas muito honradas, não tínhamos

nenhum motivo para duvidar; entretanto, confessamos que, para estranhos, a maneira pela qual isso se passou era pouco concludente. Foi tudo diferente numa outra sessão. Depois de duas horas de sono prévio, durante as quais a jovem sonâmbula ocupou-se de coisas muito interessantes, mas estranhas ao que nos ocupa, o Espírito lhe apareceu tendo um buquê, visível somente para ela. Não foi senão depois de ter por muito tempo aguilhoado a sua cobiça e provocado incessantes súplicas, que o Espírito fez cair, aos seus pés, um buquê de açafraão. A jovem não estava satisfeita; o Espírito tinha ainda alguma coisa que ela queria ter; novas súplicas durante quase meia hora, depois da qual um grande buquê de violeta, cercado de musgo, apareceu sobre o assoalho; depois de algum tempo um bombom grande, do tamanho de mão fechada, caiu ao seu lado; pelo sabor se reconheceu que era de abacaxi, que parecia ter sido amassado nas mãos.

Tudo isso durou em torno de uma hora e, durante esse tempo, a sonâmbula foi constantemente isolada de todos os assistentes; seu magnetizador, ele mesmo, se colocou a uma grande distância; estávamos colocados de maneira a não perder de vista um único movimento, e declaramos sinceramente que não houve a menor coisa de suspeita. Nessa sessão, o Espírito, que se chama Léon, prometeu vir à Sociedade dar as explicações que lhe pedissem.

Evocamos, na sessão da Sociedade de 1º de março, conjuntamente com o Espírito da senhora Catherine, que se manifestara em Orléans, e eis a conversa que se seguiu:

1. Evocação da senhora Catherine. - R. Estou presente, e pronta para vos responder.
2. Dissestes, à vossa filha e ao vosso parente de Orléans, que viríeis confirmar aqui os fenômenos dos quais foram testemunhas; ficaremos encantados em recebermos de vós as explicações que consentísseis em nos dar a esse respeito. Eu vos perguntaria primeiro com qual objetivo tanto insististes para que se me escrevesse a narração desses fatos? - R. O que eu disse, estou pronta a fazê-lo, porque é a vós que se deve mais instruir; disse aos meus filhos para vos fazer parte dessas provas tendo em vista Propagar o Espiritismo.
3. Fui testemunha, há alguns dias, de fatos análogos, e vou Pedir ao Espírito que os produziu para consentir em vir. Tendo podido observar todas as fases do fenômeno, conto dirigir-lhe diferentes questões. Quereis, eu vos peço, vos juntar a ele para completar as respostas se isso for necessário?- R. O que me pedis eu o farei, e por nós dois a claridade será mais limpa e precisa.
4. Evocação de Léon. - R. Eis-me todo pronto para cumprir a promessa que vos fiz, senhor.

Nota. Os Espíritos se dispensam, bastante geralmente, de nossas fórmulas de polidez; este oferece esta particularidade que cada vez que o evocamos sempre se serviu da palavra senhor.

5. Quereis, eu vos peço, nos dizer por que esses fenômenos não se produziram no sono magnético do médium? - R. Isso se prende à natureza do médium; os fatos que produzo quando o meu dorme, poderia igualmente produzi-los no estado de vigília.
6. Por que fazeis esperar tanto tempo o transporte de objetos, e por que excitais a cobiça do médium irritando o seu desejo de obter o objeto prometido? -R. Esse tempo é necessário, a fim de preparar os fluidos que servem ao transporte; quanto à excitação, freqüentemente, não é senão para distrair as pessoas presentes e a sonâmbula.

7. Pensei que essa excitação poderia produzir uma emissão mais abundante de fluidos da parte do médium, e facilitar a combinação necessária. - R. Estáveis enganado, senhor; os fluidos que nos são necessários não pertencem ao médium, mas ao Espírito, e se pode mesmo, em certas circunstâncias, abster-se dele, e o transporte ter lugar imediatamente.
8. A produção do fenômeno prende-se à natureza especial do médium, e poderia se produzir por outros médiuns com mais facilidade e prontidão? - R. A produção prende-se à natureza do médium e não pode se produzir senão com naturezas correspondentes; para a prontidão, o hábito que tomamos, correspondendo com frequência com o mesmo médium, nos é de um grande socorro.
9. A natureza do médium deve corresponder à natureza do fato ou à natureza do Espírito? - R. É necessário que corresponda à natureza do fato e não do Espírito.
10. A influência das pessoas presentes serve para alguma coisa? - R. Quando há a incredulidade, a oposição, pode muito nos dificultar; gostamos bem mais de fazer as nossas provas com crentes e pessoas versadas no Espiritismo; mas não entendo com isso dizer que a má vontade poderia nos paralisar completamente.
11. Não há aqui senão crentes e pessoas muito simpáticas; há um impedimento para que o fato ocorra? - R. Há o de que não estou preparado, nem disposto.
12. Estareis num outro dia? - R. Sim.
13. Poderíeis fixá-lo? - R. Um dia em que não me pedirdes nada, virei de improviso vos surpreender com um lindo buquê.
14. Talvez haja pessoas que gostariam mais dos bombons. - R. Se houver gulosos, poder-se-á igualmente contentá-lo; creio que as senhoras, que não desdenham as flores, gostarão ainda mais dos bombons.
15. A senhorita V.B... teria necessidade de estar em sonambulismo? - R. Eu farei o transporte com ela desperta.
16. Onde pegastes as flores e os bombons que trouxestes? -R. As flores, as tomei nos jardins, onde elas me agradam.
17. Mas os bombons; o comerciante deverá perceber que lhe faltam? - R. Eu os tomo onde isso me apraz; o comerciante disso não se apercebeu de todo, porque coloquei outros no lugar.
18. Mas os anéis têm algum valor; onde os tomastes? É que isso nada fez de errado para aquele de quem os tirastes? - R. Eu os tomei em lugares desconhecidos para vós, e de maneira que ninguém possa nisso sentir nenhum erro.
19. É possível transportar flores de um planeta para outro? - R. Não, a mim não é possível.
20. É que outros Espíritos o podem? - R. Sim, há Espíritos mais elevados do que não o sou,

que podem fazê-lo; quanto a mim, não posso me encarregar disso; contentai-vos com o que vos transportarei.

21. Poderíeis transportar flores de um outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo? - R. Do momento que seja sobre a Terra, eu o posso.

22. Como introduzistes esses objetos outro dia, uma vez que o quarto estava fechado? - R. Fi-los entrar comigo, envolvidos por assim dizer, em minha substância; quanto a vos dizer mais longamente, isto não é explicável.

23. (À senhora Catherine.) Uma vez que o anel que transportastes para a vossa filha fora enterrado convosco, como o obtivestes? - R. Eu o retirei da terra e transportei para a minha filha.

24. (A Léon.) Como fizestes para tornar visíveis esses objetos que estavam invisíveis um instante antes? - R. Tirei a matéria que os envolvia.

25. Esses objetos que transportastes, poderíeis fazê-los desaparecer e tornar a levar? - R. Tão bem quanto fi-los vir, posso tornar a levá-los, à minha vontade.

26. Ontem... (o Espírito retificou escrevendo: *quarta-feira*). É justo; quarta-feira, o médium vos viu pegar as tesouras e cortar as flores do buquê que estava no quarto; tivestes, realmente, necessidade de um instrumento cortante para cortar isso? - R. Eu não tinha a tesoura de todo, fiz-me ver assim, a fim de que se estivesse bem seguro de que era eu mesmo que os tirava.

27. Mas o buquê estava sob um globo de vidro? - R. Oh! eu bem podia tirar o globo.

28. Vós o tirastes? - R. Não.

29. Não podemos compreender como isso pode se fazer; credes que um dia chegaremos a nos explicar esse fenômeno? - R. Em pouco tempo mesmo; não fazemos mais do que crê-lo, disso estamos seguros.

30. Quem acaba de responder? Foi Léonon a senhora Catherine? - R. Fomos nós dois.

31. A produção do fenômeno de transporte vos causa alguma dificuldade, um embaraço qualquer? - R. Não nos causa nenhuma dificuldade quando para isso temos a permissão; poderia nos causar muito e grandes dificuldades se quiséssemos produzir os efeitos sem para isso estarmos autorizados.

32. Quais são as dificuldades que encontrais? - R. Nenhuma outra senão más disposições fluídicas que podem nos ser contrárias.

33. Como transportais o objeto; tende-o com as mãos? - R. Não, nós o envolvemos em nós.

34. Transportaríeis, com a mesma facilidade, um objeto de um peso considerável; de 50 quilos por exemplo? - R. O peso nada é para nós; transportamos flores porque isso é mais agradável do que um peso volumoso.

35. Há, algumas vezes, o desaparecimento de objetos cuja causa é ignorada, e que seriam o fato dos Espíritos? - R. Isso ocorre muito freqüentemente, mais freqüentemente do que o pensais, e isso poderia ser remediado pedindo ao Espírito para trazer o objeto desaparecido.

36. Há efeitos que se consideram como fenômenos naturais e que são devidos à ação de certos Espíritos? - R. Vossos dias estão cheios desses fatos que não compreendeis, porque nisso não pensastes, e que um pouco de reflexão vos faria ver claramente.

37. Entre os objetos transportados, não há os que podem ser fabricados pelos Espíritos; quer dizer, produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos podem fazer sofrer o fluido ou o elemento universal? - R. Não por mim, porque para isso não tenho a permissão; só o Espírito elevado o pode.

38. Um objeto feito dessa maneira poderia ter estabilidade, e se tornar um objeto usual? Se um Espírito me fizesse uma tabaqueira, por exemplo, poderia dela me servir? - R. Poderia tê-la se o Espírito o quisesse, mas poderia também não ser senão para a visão e se desvanecer ao cabo de algumas horas.

Nota. Podem-se classificar na categoria dos fenômenos de transportes os fatos da natureza daqueles que se passaram na rua dos Noyers e que narramos na Revista do mês de agosto de 1860; há esta diferença que, no último caso, foram produzidos por um Espírito malevolente, que não tinha em vista senão causar perturbação, ao passo que naqueles dos quais se trata aqui, são Espíritos benevolentes que procuram ser agradáveis e testemunhar a sua simpatia.

Nota. Ver, para a teoria da formação espontânea dos objetos, *O Livro dos Médiuns. cap. intitulado: Laboratório do mundo invisível.*

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1861

O doutor Glas

Nascido em Lyon, morto em 21 de fevereiro de 1861, com a idade de 35 anos e meio.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1861.)

O Sr. Glas era um fervoroso Espírita; sucumbiu a uma longa e dolorosa enfermidade cujos sofrimentos não foram abrandados senão pela esperança que o Espiritismo dá. Sua vida laboriosa e acidentada de amargas inquietações, e um acidente desconhecido de início, abreviaram a sua existência. Foi evocado a pedido de seu pai.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Ficaremos encantados em conversar convosco, primeiro por condescender ao desejo do Sr. vosso pai e de sua mulher, e em seguida porque, tendo em vista o estado dos nossos conhecimentos, esperamos disso aproveitar para nós mesmos. - R. Eu desejo que esta comunicação seja, para aqueles que me lamentam, uma consolação, e para vós, que me evocastes, um objeto de estudos instrutivos.

3. Parece que sucumbistes a uma cruel enfermidade; poderíeis nos dar algumas explicações sobre a sua natureza e a sua causa? - R. Minha enfermidade, eu o vejo bem claramente hoje, era toda moral e acabou por me fazer o corpo morrer dolorosamente e aos poucos. Quanto a me estender longamente sobre os meus sofrimentos, eu os tenho ainda bastante presentes para não lembrar-me deles. Um trabalho renitente, unido a uma agitação contínua no cérebro, foi a verdadeira fonte de meu mal.

Nota. Esta resposta está confirmada pela passagem seguinte da carta de seu pai: "Sua vida laboriosa e acidentada de amargas inquietações, e um acidente desconhecido de início, abreviaram a sua existência." Esta carta, de nenhum modo, fora lida antes da evocação, e nem o médium, nem os assistentes, não tinham conhecimento desse fato.

4. Parece também que as vossas crenças vos ajudaram a suportar os sofrimentos com coragem, e por isso vos felicitamos. -R. Eu tinha em mim a consciência de uma vida melhor; é dizer bastante.

5. Essas crenças contribuíram para apressar o vosso desligamento? -R. Infinitamente, porque as idéias espiritualistas que se pode ter sobre a vida são, por assim dizer, indulgências plenárias que afastam de vós, depois da morte, toda influência terrestre.

6. Quereis, eu vos peço, nos descrever, o mais exatamente possível, a natureza da

perturbação que experimentastes, a sua duração e vossas sensações quando vos reconhecestes. - R. Eu tinha em mim, quando morri, o perfeito conhecimento de mim mesmo, e entrevia com calma o que tantos temem com tanto pavor. Minha morte foi curta e a consciência de mim mesmo não mudou; ignoro quanto tempo durou a perturbação; mas quando despertei, realmente, eu estava morto.

7. No momento em que vos reconhecestes, vos encontrastes isolado? - R. Sim, de resto, estava ainda, pelo coração, todo para a Terra; não vi Espíritos ao meu redor imediatamente; pouco a pouco somente.

8. Que pensais de vossos confrades que procuram, pela ciência, provar aos homens que neles não há senão matéria, e que só o nada os espera? - R. Orgulho! Quando estiverem perto da morte, talvez o farão calar, eu lhes desejo. Ah! como dizia Lamennais há pouco, há duas ciências, a do bem e a do mal; eles têm a ciência que vem do homem: é a do mal.

Nota. -- O Espírito faz alusão a uma comunicação que Lamennais acabara de dar um instante antes, o que prova que ele não esperara a evocação para vir à sessão.

9. Estais, freqüentemente, junto de vossa mulher, de vosso filho e de vosso pai? - R. Quase constantemente;

10. O sentimento que experimentastes, vendo-os, é diferente daquele que sentíeis quando vivo e quando estáveis junto deles? - R. A morte dá aos sentimentos, como às idéias, uma visão ampla, mas cheia de esperança que o homem não pode compreender sobre a Terra. Eu os amo, mas os quereria junto de mim; é sobretudo tendo em vista as esperanças futuras que o Espírito deve ter coragem e sangue-frio.

11. Estando aqui, podeis vê-los em sua casa sem deixar o vosso lugar? - R. Oh! Perfeitamente.

Nota. Um Espírito inferior não o poderia; só aqueles que têm uma certa elevação podem ver simultaneamente dois pontos diferentes: os outros estão ainda muito terra-a-terra.

Certas pessoas, lendo esta resposta, sem dúvida, dirão que era uma boa ocasião de controle; que fora preciso perguntar ao Espírito o que faziam os seus parentes nesse momento, e se assegurar se era exato. Com que objetivo o faríamos? Para nos assegurar de que era verdadeiramente um Espírito que nos falava? Mas, então, se não fosse um Espírito, seria porque o médium nos enganava; ora, há vários anos que esse médium dá o seu concurso à Sociedade, jamais tivemos motivos para suspeitar de sua boa-fé.

Se assim fora, como prova de identidade, isso não nos teria servido para grande coisa, porque um Espírito enganador poderia sabê-lo tão bem quanto um Espírito verdadeiro. Essa questão, pois, entraria na categoria de perguntas de curiosidade e de prova que desagradam os Espíritos sérios, e às quais jamais respondem. Como fato, sabemos por experiência que isso é possível; mas sabemos também que, quando um Espírito quer entrar em certos detalhes, o faz espontaneamente, se julga útil, e não para satisfazer um capricho.

12. Fazeis uma distinção entre o vosso Espírito e o vosso perispírito, e qual diferença estabeleceis entre essas duas coisas? - R. Eu penso, portanto, sinto e tenho uma alma, como disse o filósofo; não sei mais do que ele sobre esse ponto. Quanto ao perispírito, é uma forma, como o sabeis, fluídica e natural; mas procurar a alma é querer procurar o absoluto

espiritual.

13. Credes que a faculdade de pensar reside no perispírito; em uma palavra, que a alma e o perispírito sejam uma só e a mesma coisa? - R. É absolutamente como se perguntásseis se o pensamento reside em vosso corpo; um se vê, o outro se sente e se concebe.

14. Sois assim não um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito? - R. Limitado, sim; mas rápido como o pensamento.

15. Quereis precisar o lugar em que estais aqui? - R. À vossa esquerda e à direita do médium.

Nota. O Sr. Allan Kardec se coloca no mesmo lugar indicado pelo Espírito.

16. Postes obrigado a deixar o vosso lugar para mo ceder? - R. De modo nenhum; nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós; é o corpo espiritual.

17. Estou, pois, mergulhado em vós? - R. Sim.

18. Por que é que não vos sinto? - R. Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não bastante material para vós; mas pela prece, pela vontade, pela fé, em uma palavra, os fluidos podem se tornar mais ponderáveis, mais materiais, e afetar mesmo o toque, o que ocorre nas manifestações físicas e que é a conclusão desse mistério.

Nota. Suponhamos um raio luminoso penetrando num lugar escuro; pode-se atravessá-lo, mergulhar nele, sem alterar-lhe a forma nem a natureza; embora esse raio seja uma espécie de matéria, ela é tão sutil, que não faz nenhum obstáculo à passagem da matéria mais compacta. Ocorre o mesmo com uma coluna de fumaça de vapor que se pode igualmente atravessar sem dificuldade; somente o vapor, tendo mais densidade, fará sobre o corpo uma impressão que a luz não faz.

19. Suponhamos que, neste momento, poderíeis vos tornar visível aos olhos da assembléia, que efeito produziria os nossos dois corpos assim um no outro? - R. O efeito que vós mesmos vos figurais naturalmente; todo o vosso lado esquerdo seria menos visível do que o vosso lado direito; ele estaria no nevoeiro, no vapor do perispírito; seria o mesmo do lado direito do médium.

20. Suponhamos agora que pudésseis vos tornar não apenas visível, mas tangível, como isso ocorre algumas vezes, poder-se-ia isso conservando a situação em que estamos? - R. Forçosamente eu mudaria pouco a pouco de lugar, me construiria ao vosso lado.

21. Há pouco, quando vos falei só da visibilidade, dissestes que estáveis entre o médium e eu, o que indica que mudastes de lugar; agora, para a tangibilidade, parece que vos afastaríeis ainda mais; é que não é possível que tomásseis essas duas aparências conservando a nossa primeira posição, eu ficando mergulhado em vós? - R. Não, de nenhum modo, uma vez que respondo a essa pergunta. Eu me reconstruiria ao lado; não posso me solidificar nessa posição; aí não posso estar senão se permaneço fluídico.

Nota. - Dessa explicação ressalta um ensinamento sério; no estado normal, quer dizer, fluídico e invisível, o perispírito está parcialmente penetrado da matéria sólida; no estado de visibilidade, já há um começo de condensação que o torna menos penetráveis; no estado de

tangibilidade, a condensação é completa, e a penetrabilidade não pode mais ocorrer.

22. Credes que, um dia, a ciência chegue a submeter o perispírito à apreciação dos instrumentos, como ela o faz com os outros fluidos? - R. Perfeitamente; não conheceis ainda senão a superfície da matéria; mas a sutileza, a essência da matéria, não a conhecereis senão pouco a pouco; a eletricidade e o magnetismo são caminhos certos.

23. Com qual outro fluido conhecido o perispírito tem mais analogia? - R. A luz, a eletricidade e o oxigênio.

24. Há aqui uma pessoa que crê ter sido vosso companheiro de colégio; vós a reconheceis? - R. Não a vejo, não me lembro mais.

25. É o Sr. Lucien B..., de Montbrison, que esteve convosco no colégio de Lyon. - R. Jamais acreditei vos reencontrar assim. Fiz muitos estudos sobre a Terra; mas vos asseguro que meus estudos, como Espírito, são mais sérios ainda. Obrigado, mil vezes, pela vossa lembrança.

Questões e problemas diversos

Revista Espírita, maio de 1861

O Sr. Jobard, de Bruxelas, nos dirige a carta seguinte, assim

como as respostas que ele obteve a diversas perguntas.

Meu caro Presidente,

Estando Bruxelas tão longe de Paris como a Lua do Sol, os raios do Espiritismo não a fizeram ainda aquecer; todavia, Nicolas B... tendo me consagrado dois dias, nos inoculou um médium intuitivo escrevente de primeira qualidade, que nos espanta cada dia, tanto que ele mesmo se espanta com os magníficos ditados que lhe são feitos pelo Espírito de Tertuliano, o qual quer que ele escreva um livro explicativo do quadro da criação dos mundos, a partir do caos até Deus. Eu o li ontem ao grande pintor Wiertz que o compreendeu e quer lhe consagrar uma página de 100 pés. Não ousou vos enviar esses sublimes ditados antes que não estejais assegurado da identidade do personagem. Deles junto somente duas ou três migalhas que venho de extrair dos rascunhos mediúnicos que conservo preciosamente.

Chamamos *Cabanis* o materialista que é tão infeliz quanto o vosso ateu, e todos os outros quebradores de lápis. Chamais, pois, Henri *Mondeux* para saber a longa fileira de matemáticos que ele deve ter habitado. Todo o mundo quer que se descubra Jud, o assassino do Sr. Poinot. A reedição de Gaète nos foi anunciada oito dias antes. Tenho também a ordem de escrever um livro, mas não sei por onde começar, não sendo e não podendo tornar-me médium escrevente, sob o pretexto de que não tenho necessidade de torná-lo mais. O vosso discurso de Lyon está admirável; eu o fiz ler aos humanimais mais avançados de nossa lua; quase não os há ali, ai de mim! Quando poderei ir me aquecer ao vosso Sol? Adeus, caro mestre.

JOBARD.

P. Os magos, os sábios, os grandes filósofos e os profetas antigos, não eram médiuns? - R. Evidentemente, sim; o laço que os unia às inteligências superiores agia sobre eles, e lhes inspirava nobres pensamentos, sem falar de sua superioridade própria, que lhes permitia emitir apreciações mais exatas; eles comunicavam aos Espíritos encarnados idéias que pareciam profecias, porque as profecias não são senão comunicações vindas de grandes Espíritos; e, como aqueles possuem uma parte dos atributos divinos, as idéias anunciadas tinham um caráter de adivinhação, e forçosamente se realizaram nos tempos e nas épocas indicadas. P. A mediunidade é, pois, um favor para aqueles que a possuem? - R. O verdadeiro médium, que não faz *ofício* desse dom sublime, deve, evidentemente, se tornar melhor. De outro modo, como isso seria, quando a cada instante pode receber impressões tão favoráveis ao seu progresso no caminho do bem? As idéias filosóficas que ele emite, não só pelo seu próprio Espírito, mas ainda, e sobretudo, por nós, são retificadas naquilo em que a sua inteligência, muito fraca, mal poderia compreender e mal enunciar. *Nota do Sr. J.* Segue-se dessas respostas cheias de justiça, que os bons médiuns, se multiplicando, a raça humana se melhorando por eles, acabará por levar, num tempo dado, ao reino de Deus sobre a Terra.

P. Nas estatísticas do crime, nota-se que os operários que trabalham o ferro ali raramente figuram; é que o ferro teria alguma influência sobre eles? - R. Sim, porque nesse trabalho manual de transformação da matéria, há alguma coisa que deve elevar o espírito menos bem dotado; uma influência magnética age sobre ele. O ferro é o pai de todos os minerais; é o mais útil ao homem, e representa para ele a vida de todos os dias, ao passo que os metais que chamais *ricos* representam, para todos os espíritos de baixo estágio, a fonte da satisfação de todas as paixões humanas; esses são os instrumentos do Espírito do mal.

P. Todos os metais podem, pois, se mudar uns nos outros, como certos sábios o pretendem? - R. Sim, mas essa transformação não se faz senão com o tempo.

P. E o diamante? - R. Foi do carbono, desligado da fonte que o produziu ao estado gasoso, e que foi cristalizado sob pressões que não podeis apreciar. Mas, dessas perguntas, não as posso responder.

TERTULLIANO.

Nota ao Sr. J. Geralmente, os Espíritos se recusam a responder às perguntas que poderiam fazer a fortuna de um homem sem o trabalho; cabe a ele procurá-la, porque as suas pesquisas fazem parte das provas que deve suportar na *penitenciária* que temos de atravessar. É provável que os Espíritos não saibam mais do que nós sobre as descobertas a serem feitas; podem bem pressentir como nós; podem nos guiar em nossas pesquisas, mas não podem nos evitar o prazer ou as dificuldades de procurar. Isso não é menos agradável, quando cremos ter uma solução, obter a sua aprovação que podemos olhar como uma confirmação?

Nota. Vede, sobre o objeto da nota acima, *O Livro dos Espíritos*, nº 532 e seguintes; *O Livro dos Médiuns*, capítulo das Evocações; *Perguntas que se podem dirigir aos Espíritos*, nº 73 e seguintes.

Nota do Sr. Allan Kardec. A carta do honorável confrade é anterior à publicação do número do mês de março da Revista, onde inserimos o artigo do Sr. Poinot. Quanto a Henri Mondeux, diversas explicações foram dadas, a seu respeito, na Sociedade, mas as circunstâncias, não tendo permitido ainda completar a sua evocação, é o motivo pelo qual com ele não falamos. O pedido que nos fez o Sr. Jobard, de nos assegurar da identidade do Espírito que se comunicou sob o nome de Tertuliano, nós lhe respondemos, em tempo, o que dissemos a esse respeito em nosso livro *O Livro dos Médiuns*. Não se poderia aí ter provas materiais da identidade do Espírito de personagens antigas; quando se trata, sobretudo, de um ensinamento superior, o nome não é, o mais freqüentemente, senão um meio de fixar as idéias, tendo em vista que, entre os Espíritos que vêm nos instruir, o número daqueles que são desconhecidos sobre a Terra, incontestavelmente, é o maior; o nome é, antes, um sinal de analogia do que um sinal de identidade; não é necessário, a ele, ligar senão uma importância secundária. O que é preciso considerar, antes de tudo, é a bondade e a racionalidade do ensinamento; se não desmente em nada o caráter do Espírito do qual leva o nome, se está à sua altura, isso é o essencial; se for inferior, a origem deve ser suspeita, porque um Espírito pode fazer melhor, mas não pior do que em sua vida, tendo em vista que ele pode ganhar, mas não perder o que adquirira. As respostas seguintes, consideradas sob tal ponto de vista, nos parecem confessáveis por Tertuliano, de onde concluímos que pode ser ele, sem poder afirmá-lo, ou um Espírito de sua categoria que tomou o seu nome para indicar a classe que ocupa.

As perguntas e as respostas seguintes nos foram endereçadas por um dos nossos confrades de São Petersburgo.

1. Eu gostaria de me dar conta de qual pode ser a destinação da *beleza* no Universo; não é senão um escolho que serve às provas? - R. Cre-se em tudo o que se espera, espera-se tudo o que se ama, ama-se tudo o que é belo, portanto, a beleza contribui para fortificar a fé. Se, freqüentemente, ela se torna uma tentação, não é por causa da beleza em si mesma, que é um atributo das obras de Deus, mas por causa das paixões que, semelhantes às Harpias, fenecem tudo o que elas tocam.

2. E que dirás do amor? - R. É um benefício de Deus quando germina e se desenvolve num coração não corrompido, casto e puro; é uma calamidade quando as paixões a ele se misturam. Tanto ele eleva e depura no primeiro caso, quanto perturba e agita no segundo. É sempre a mesma lei admirável do Eterno: beleza, amor, lembrança de uma outra existência, talentos que trazeis ao nascer; todos os dons do Criador podem se tornar venenos ao sopro envenenado das paixões que o livre arbítrio pode conter ou desenvolver.

3. Peço a um bom Espírito para consentir me esclarecer sobre as perguntas que vou lhe submeter a propósito dos fatos relatados nas páginas 223 e seguintes de *O Livro dos Médiuns*, sobre a transfiguração. - R. Pergunte.

4. Se no aumento do volume do peso da jovem das cercanias de Saint-Etienne o fenômeno se produzisse pelo espessamento de seu perispírito, combinado com o de seu irmão, como os seus olhos, os dela, que deviam ficar no mesmo lugar, podiam ver através da camada espessa de um novo corpo que se formava diante deles? - R. Como vêem os sonâmbulos, que tem as pálpebras fechadas: pelos olhos da alma.

5. No fenômeno citado, o corpo aumentou; no fim do capítulo VIII, está dito que é provável que, se a transfiguração ocorresse sob o aspecto de uma criança, o peso teria diminuído em proporção. Não posso me dar conta, segundo a teoria da irradiação e da transfiguração do perispírito, que possa tornar menor um corpo sólido; parece-me que este deveria extravasar os dois perispíritos combinados. - R. Como o corpo pode se tornar invisível pela vontade de um Espírito superior, o da jovem torna-se pela força de um poder independente de sua vontade; ao mesmo tempo, o seu perispírito, combinando-se com o da criança pode formar, e forma, com efeito, a imagem dessa criança. A teoria da mudança do peso específico te é conhecida.

6. O Espiritismo, depois de ter dissipado as minhas dúvidas, uma a uma, e consolidado a minha fé em sua base, deixa-me uma questão não resolvida, que eis:

Como os Espíritos novos que Deus cria, e que estão destinados a se tornarem, um dia, puros Espíritos, depois de terem passados pelo burel de uma multidão de existências e de provas, saem tão imperfeitos das mãos do Criador, que é a fonte de toda a perfeição, e não se melhoram gradualmente senão afastando-se de sua origem? - R. Esse mistério é um daqueles que o Eterno não nos permite, de nenhum modo, penetrar, antes que nós outros, Espíritos errantes ou encarnados, atinjamos a perfeição que nos acontece por direito, graças à bondade divina, perfeição que nos aproximará de novo de nossa origem e fechará o círculo da eternidade.

Nota. Nosso correspondente não nos disse qual foi o Espírito que lhe respondeu, mas a sabedoria de suas respostas prova que não é um Espírito vulgar, é o essencial; porque, sabe-

se, o nome importa pouco. Nada temos a dizer sobre as primeiras respostas, que concordam, em todos os pontos, com o que nos foi ensinado, o que prova que a teoria que demos dos fenômenos espíritas não é um produto da nossa imaginação, uma vez que é dada por outros Espíritos, em tempos e lugares diferentes, e fora de nossa influência pessoal. Só a última resposta não resolve a questão proposta; vamos tratar de completá-la. Dizemos, de início, que a solução pode ser facilmente deduzida do que está dito, com alguns desenvolvimentos, em *O Livro dos Espíritos*, sobre a *progressão dos Espíritos*, nº 114 e seguintes. Pouca coisa teremos para a isso acrescentar. Os Espíritos saem das mãos do Criador simples e ignorantes, mas não são nem bons nem maus, de outro modo Deus teria, desde sua origem, votado uns ao bem e à felicidade, os outros ao mal e à infelicidade, o que não concordaria nem com a sua bondade, nem com a sua justiça. Os Espíritos, no momento de sua criação, não são imperfeitos senão do ponto de vista do desenvolvimento intelectual e moral, como a criança em seu nascimento, como o germe contido na semente da árvore; mas não são maus pela sua natureza. Ao mesmo tempo que a razão neles se desenvolve, o livre arbítrio em virtude do qual escolhem, uns o bom caminho e outros o mau, faz com que uns cheguem ao objetivo mais cedo do que os outros; mas todos, sem exceção, devem passar pelas vicissitudes da vida corpórea, para adquirir a experiência e ter o mérito da luta; ora, nessa luta uns triunfam, os outros sucumbem, os vencidos podem sempre se levantar de novo e resgatar a sua derrota.

Essa pergunta levanta outra mais grave que, freqüentemente, nos fizeram; é esta: Deus, que sabe tudo, o passado, o presente e o futuro, deve saber que tal Espírito seguirá o mau caminho, que sucumbirá e será infeliz; nesse caso, por que o criou?

Sim, certamente, Deus sabe perfeitamente a linha que um Espírito seguirá, de outro modo não teria a soberana ciência; se o mau caminho no qual o Espírito se empenha devesse, fatalmente, conduzi-lo a uma *eternidade absoluta* de penas e de sofrimentos; se, porque falira, fora para sempre proibido de se reabilitar, a objeção acima teria uma força de lógica incontestável, e está aí, talvez, o mais poderoso argumento contra o dogma dos suplícios eternos; porque, nesse caso, é impossível sair desse dilema: ou Deus não conhece a sorte reservada à sua criatura, e então, não tem a soberana ciência; se a conhece, portanto, criou-a para ser eternamente infeliz e, então, não tem a soberana bondade. Com a Doutrina Espírita, tudo concorda perfeitamente, e não há mais contradição: Deus sabe que um Espírito se empenha no mau caminho; conhece todos os perigos dos quais está semeado, mas sabe também que dele sairá, e que não há, para ele, senão um retardamento; e em sua bondade, e para facilita-lo, multiplica no seu caminho as advertências salutares, das quais, infelizmente para ele, nem sempre aproveita. É a história dos dois viajantes que querem chegar a um belo país onde viverão felizes; um sabe evitar os obstáculos, as tentações que o deteriam no caminho; o outro, por sua imprudência, se choca com esses mesmos obstáculos, tem quedas que o retardam, mas ele chegará por sua vez. Se, caminhando, pessoas caridosas o previnem dos perigos que corre, e se, por presunção, não os escuta, disso não será senão mais repreensível.

O dogma da eternidade absoluta das penas é atacado vivamente de todos os lados, não somente pelo ensino dos Espíritos, mas pela simples lógica do bom senso; sustentá-lo é desconhecer os atributos mais essenciais da Divindade; é contradizer-se a si mesmo, afirmando de um lado o que nega de outro; ele cai, e as fileiras de seus partidários se esclarecem cada dia, de tal sorte que, se precisasse nisso crer absolutamente para ser católico, não haveria logo mais verdadeiros católicos, não mais do que haveria hoje se a Igreja tivesse persistido em fazer um artigo de fé do movimento do Sol e dos seis dias da criação. Persistir numa tese que a razão repele é levar um golpe fatal à religião, e dar armas ao materialismo; o Espiritismo vem, ao contrário, despertar o sentimento religioso que verga sob os golpes que lhe dá a incredulidade, dando, sobre as questões do futuro, uma solução

que a razão mais severa pode admitir; rejeitá-lo é recusar a âncora de salvação.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, maio de 1861

Senhora de Girardin

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun Sra. Costel.)

Nota. Tendo sido feitas algumas observações críticas sobre a comunicação ditada, numa precedente sessão, pela senhora de Girardin, esta respondeu-as espontaneamente. Ela faz alusão às circunstâncias que acompanharam essa comunicação.

Venho agradecer o membro que consentiu apresentar a minha defesa e a minha reabilitação moral diante de vós. Com efeito, quando viva, eu amava e respeitava as leis do bom gosto que são as da delicadeza, direi mais, do coração, para o sexo ao qual eu pertencia; e, depois de minha morte, Deus permitiu que eu fosse bastante elevada para praticar, fácil e simplesmente, os deveres da caridade que nos ligam todos, Espíritos e homens. Dada esta explicação, não insistirei sobre a comunicação assinada com o meu nome, a crítica e a censura não convém nem ao meu médium, nem a mim; crede, pois, que virei quando for evocada, mas que jamais me interporei em incidentes fúteis. Falei-vos de crianças. Deixai-me retomar esse assunto que foi a ferida dolorosa de minha vida. Uma mulher necessita da dupla coroa, do amor e da maternidade, para cumprir o mandato de abnegação que Deus lhe confiou lançando-a sobre a Terra. Ai de mim! Jamais conheci esse doce e terno cuidado que imprimem na alma esses frágeis depósitos. Quantas vezes segui com o olhar marejado de lágrimas amargas, as crianças que vinham, brincando, roçar a minha roupa; e eu sentia a angústia e a humilhação de minha decadência. Eu tremia, esperava, escutava, e a minha vida, cheia de sucessos do mundo, frutos cheios de cinza, não me deixou senão um gosto amargo e decepcionante.

Delphine de GIRARDIN.

Nota. Há neste trecho uma lição que não deve passar despercebida. A senhora de Girardin, fazendo alusão a certas passagens de sua comunicação precedente, que levantara algumas objeções, disse que, quando viva, amava e respeitava as leis do bom gosto, que são as da delicadeza, e que ela conservou esse sentimento depois da sua morte; por conseguinte, repudia tudo o que, nas comunicações levando o seu nome se afaste do bom gosto. A alma, depois da morte, reflete as qualidades e os defeitos que tinha durante a sua vida corpórea, salvo os progressos que pôde ter feito, porque pode ter se melhorado, mas não se mostra jamais inferior àquilo que era. Na apreciação das comunicações de um Espírito, há, pois, freqüentemente, nuances de uma extrema delicadeza a se observar, para distinguir o que é verdadeiramente dele, ou que poderia ser o fato de uma substituição. Os Espíritos verdadeiramente elevados não se contradizem jamais, e se pode audaciosamente rejeitar tudo o que desmentisse o seu caráter. Essa apreciação, freqüentemente, é tanto mais difícil quanto, a uma comunicação perfeitamente autêntica, pode se misturar um reflexo, seja do Espírito próprio do médium que não dá exatamente o pensamento, seja de um Espírito estranho que se interpõe, insinuando o seu próprio pensamento no do médium. Deve-se, pois, considerar como apócrifas as comunicações que, de todos os pontos, e mesmo pelo fundo das idéias, desmentisse o caráter do Espírito, do qual levam o nome; mas seria injusto

condenar, por isso, o conjunto sobre algumas manchas parciais, que podem ter a causa que acabamos de assinalar.

A pintura e a música

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun Sr. Alfred Didier.)

A arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da arte, está inteiramente no domínio da sensação. Entendamo-nos e tratemos de não ser obscuros. A sensação é produzida no homem quando ele compreende a de dois modos distintos, mas que se ligam estreitamente; a sensação do pensamento que tem por conclusão a melancolia ou a filosofia, e depois a sensação que pertence inteiramente ao coração. A música, segundo eu, é a arte que vai mais direta ao coração. A sensação, vós me compreendeis, está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem bem mais a sensação cerebral; em uma palavra, a música vai do coração ao espírito, a pintura do pensamento ao coração. A exaltação religiosa criou o órgão: quando a poesia, sobre a Terra, toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem; assim a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos: a música leviana faz vibrar os nervos, nada mais. Eu gostaria de interpretar algumas personalidades, mas não tenho direito disso: eu não estou mais sobre a Terra. Amai o *Requiem* de Mozart que o matou. Eu não desejo mais do que os Espíritos vossa morte pela música, mas a morte vivente entretanto, aí está o esquecimento de tudo o que é terrestre, pela elevação moral.

LAMENNAIS.

Festas dos bons Espíritos

A chegada de um Irmão entre eles.

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux.)

Também temos as nossas festas, e isso nos ocorre freqüentemente, porque os bons Espíritos da Terra, nossos irmãos bem-amados, em se despojando de seu envoltório material, nos estendem os braços, e nós vamos, em grupo inumerável, recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco; e nessas festas não se agitam, como nas vossas, as paixões humanas que, sob os rostos graciosos, e as frentes coroadas de flores, escondem a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de preponderar sobre os seus rivais nesses prazeres factícios que não o são mais. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a classe que lhe foi assinalada e feliz com a felicidade de seus irmãos. Pois bem! Meus amigos, com esse acordo perfeito que reina entre nós, nossas festas têm um encanto indescritível; milhões de músicos cantam, sobre líras harmoniosas, as maravilhas de Deus e da criação, com os acentos mais encantadores do que as vossas mais suaves melodias; longas procissões aéreas de Espíritos volitam como zéfiros, lançando sobre os recém-chegados nuvens de flores, das quais não podeis compreender o perfume e as nuances variadas; depois o banquete fraterno, onde são convidados aqueles que terminaram com felicidade a sua prova, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! Meu amigo, tu gostarias disso saber mais, mas a vossa língua não tem possibilidade de descrever essas magnificências; eu já vos disse bastante, a vós que sois meus bem-amados, para vos dar o desejo de isso aspirar, e então, cara Emile, livre da missão que cumpri junto de ti sobre a Terra, continuá-la-ei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas essas

felicidades.

FÉLICIA.

Mulher do evocador Emile, e depois de um ano seu guia protetor.

Vinde a nós

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux.)

O Espiritismo é a aplicação da moral evangélica, pregada pelo Cristo em toda a sua pureza, e os homens que o condenam, sem conhecê-lo, são pouco sábios. Com efeito, por que qualificar de superstição, de fraudes, de sortilégios, de demonomania coisas que o vulgar bom senso faria aceitar se quisesse estudá-las? A alma é imortal: é o Espírito. A matéria inerte é o corpo perecível, despojando-se de suas formas, para não se tornar, quando o Espírito o deixou, senão um montão de podridão sem nome. E encontrais lógica, vós que não credes no Espiritismo, que esta vida que, para a maioria dentre vós, é uma vida de amargura, de dores, de decepções, um verdadeiro purgatório, que não haja outro objetivo senão o túmulo! Desenganai-vos; vinde a nós, pobres deserdados dos bens, das grandezas e dos gozos terrestres, vinde a nós e sereis consolados vendo que as vossas dores, as vossas privações, os vossos sofrimentos, devem vos abrir as portas dos mundos felizes, e que Deus, justo e bom para todas as suas criaturas, não nos experimenta senão para o nosso bem, segundo esta palavra do Cristo. Bem-aventurados aqueles que choram, porque serão consolados. - Vinde, pois, incrédulos e materialistas; alinhai-vos sob a bandeira onde estão escritas, em letras de ouro, estas palavras: Amor e caridade para os homens que são teus irmãos; bondade, justiça, indulgência de um pai grande e generoso para os Espíritos que criou, e que ele eleva para si por caminhos seguros, embora vos sejam desconhecidos; a caridade, o aperfeiçoamento moral, o desenvolvimento intelectual, vos conduzirão para o autor e o senhor de todas as coisas.

Não vos instruímos senão para que trabalheis, ao vosso turno, em divulgar essa instrução; mas, sobretudo, fazei-o sem azedume; sede pacientes e esperai. Lançai a semente; a reflexão e a ajuda de Deus a farão frutificar, primeiro por um pequeno número que fará como vós, e pouco a pouco, o número dos obreiros aumentando, os fará esperar depois das sementes uma boa e abundante colheita.

FERDINAND,

Filho do médium.

O progresso intelectual e moral

(Envio do Sr. Sabó, de Bordeaux.)

Eu venho vos dizer que o progresso moral é o mais útil a adquirir, porque nos corrige de nossas más tendências, e nos torna bons, caridosos e devotados para com os nossos irmãos. Entretanto, o progresso intelectual também é útil para o nosso, adiantamento, porque eleva a alma, nos faz julgar mais sadiamente às nossas ações, e por aí facilita o progresso moral;

inicia-nos nos ensinamento que Deus nos fez dar há séculos por tantos homens de méritos diversos, que vieram sob todas as formas e em todas as línguas, para nos fazer conhecer a verdade, e que não eram outros senão os Espíritos já avançados, enviados por Deus para o desenvolvimento do entendimento humano. Mas, no tempo em que viveis, a luz que não clareava senão um pequeno número, vai luzir para todos. Trabalhai, pois, para compreender a grandeza, o poder, a majestade, a justiça de Deus; para compreender a sublime beleza de suas obras; para compreender as magníficas recompensas concedidas aos bons, e os castigos infligidos aos maus; para compreender, enfim, que o único objetivo ao qual deveis aspirar, é o de vos aproximar dele.

GEORGES,

Bispo de Périgueux e de Sarlat, que está feliz por ser um dos guias do médium.

A inundação

(Envio do Sr. Casimir H., de Inspruck; traduzido do alemão.)

Num país outrora estéril, surgiu um dia uma fonte; não era primeiro senão um medíocre fio d'água que escorria na planície, e não se lhe deu senão um pouco de atenção. Pouco a pouco esse fraco riacho aumentou e se tornou rio; em se alargando invadiu as terras vizinhas, mas aquelas que permaneceram a descoberto, foram fertilizadas e produziram o cêntuplo. Entretanto, um proprietário ribeirinho descontente por ver o seu terreno recuar, empreendeu-lhe de ter o curso para retornar a porção coberta pelas águas, crendo assim aumentar a sua riqueza; ora, ocorreu que o rio transbordando submergiu tudo, terreno e proprietário.

Tal é a imagem do progresso; como um rio impetuoso rompe os diques que se lhe opõe e arrasta consigo os imprudentes que, em lugar de se lhe seguir o curso, procuram entravá-lo. Ocorrerá o mesmo com o Espiritismo; Deus o enviou para fertilizar o terreno moral da Humanidade, bem-aventurados aqueles que saberão aproveitá-lo, infelizes aqueles que tentarem se opor aos desígnios de Deus! Não vedes que ele avança a passos de gigantes nos quatro pontos cardeais? Por toda parte a sua voz já se faz ouvir, e logo cobrirá de tal modo a de seus inimigos, que estes serão forçados ao silêncio e estrangidos a se curvarem diante de evidência. Homens! Aqueles que ensaiam entrar a marcha irresistível do progresso, vos preparam rudes provas; Deus permita que seja assim, para o castigo de uns e para a glorificação de outros; mas vos dá, no Espiritismo, o piloto que deve vos conduzir ao porto, levando em suas mãos a bandeira da esperança.

WILHELM,

Avô do médium.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Junho

- [Channing - discurso sobre a vida futura](#)
- [Correspondência](#)
- [A prece \(poesia\)](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Sr. marquês de Saint-Paul](#)
 - [Henri Mondeux](#)
 - [Senhora Gourdon](#)
- [Efeitos do desespero. - Sr. Laferrière. - Sr. Léon L - A viúva e o medico](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Muitos chamados e poucos escolhidos \(Erasto\)](#)
 - [Ocupações dos Espíritos](#)
 - [O deboche](#)
 - [Sobre o perispírito \(Lamennais\)](#)
 - [O Anjo Gabriel](#)
 - [Desperta! \(Helvétius\)](#)
 - [O gênio e a miséria \(Gérard de Nerval\)](#)
 - [Transformação \(Georges\)](#)
 - [A separação do Espírito](#)

Channing - discurso sobre a vida futura

Revista Espírita, junho de 1861

Pregado por Channing, no domingo de Páscoa de 1834,

depois da morte de um dos seus amigos.

Várias vezes reproduzimos, nesta *Revista*, os ditados espontâneos do Espírito de Channing, que não desmente, de nenhum modo, a superioridade de seu caráter e de sua inteligência. Nossos leitores ficarão contentes em lhes dar uma idéia das opiniões que professava, quando vivo, pelo fragmento adiante de um dos seus discursos, do qual devemos a tradução à cortesia de um dos nossos assinantes. O seu nome sendo pouco conhecido na França, precedê-lo-emos de uma curta notícia biográfica.

William Ellery Channing nasceu em 1780, em Newport, Rhode-Island, Estado de Nova York. Seu avô, William Ellery, assinou a famosa declaração da independência. Channing foi aluno do colégio de Harward, destinado à profissão médica; mas os seus gostos e as suas aptidões levaram-no à carreira religiosa, e, em 1803, tornou-se ministro da capela *unitária* de Boston. Depois, morou sempre nessa cidade, professando a doutrina dos *Unitários* seita protestante que conta numerosos adeptos na Inglaterra e na América, no mundo mais elevado. Fez-se notar pelas suas visões amplas e liberais; pela sua eloquência notável, suas obras que são numerosas e a profundidade de seus objetivos filosóficos, conta no número dos homens mais marcantes dos Estados Unidos. Partidário declarado da paz e do progresso, pregou sem descanso contra a escravidão, e travou com essa instituição uma guerra tão obstinada que, a muitos dos liberais, esse excesso de zelo que prejudicava a sua popularidade, parecia, às vezes, inoportuno. Seu nome foi autoridade entre os anti-escravagistas. Morreu em Boston, em 1822, com a idade de 62 anos. Gannet sucedeu-o como chefe da seita dos Unitários.

"Para a massa dos homens, o céu é, quase sempre, um mundo de fantasia; falta-lhe substância; a idéia de um mundo no qual existem seres sem corpos grosseiros, Espíritos puros ou revestidos de corpos espirituais ou etéreos, parece-lhes uma pura ficção; o que não se pode ver, nem tocar, não lhes parece de nenhum modo real. Isso é triste, mas não espantoso, porque como se poderia que, homens mergulhados na matéria e seus interesses, não cultivando de nenhum modo o conhecimento de sua alma e de suas capacidades espirituais, possam compreender uma vida espiritual mais elevada? A multidão considera como sonhador visionário aquele que fala claramente e com alegria de sua vida futura e do triunfo do Espírito sobre a decomposição corpórea. Esse ceticismo sobre as coisas espirituais e celestes é tão irracional e pouco filosófico quanto aviltante.

E quanto é pouco racional imaginar que não há outros mundos senão este, outro modo de existência mais elevada do que a nossa! Quem é aquele que, percorrendo com o olhar esta

criação imensa, pode duvidar de que não haja seres superiores a nós ou ver alguma coisa de insensata em conceber o Espírito num estado menos circunscrito, menos entravado do que sobre a Terra, em outras palavras, que há um mundo espiritual?

"Aqueles que nos deixaram por um outro mundo, devem ter ainda o mais profundo interesse neste; seus laços com aqueles que deixaram estão depurados, mas não dissolvidos. Se o estado futuro é uma melhoria sobre o estado presente, se a inteligência deve estar fortificada e o amor desenvolvido, a memória, força fundamental da inteligência, deve agir sobre o passado com maior energia, e todas as afeições benevolentes que se manteve devem dela receber uma atividade nova. Supor a vida terrestre apagada do Espírito, isso seria destruir-lhe a utilidade, seria romper a relação entre os dois mundos e subverter a responsabilidade, porque como a recompensa ou o castigo alcançariam uma existência esquecida? Não; é necessário que levemos o presente conosco, qualquer que seja o nosso futuro, feliz ou infeliz. Os bons formarão, é verdade, laços novos mais sadios, mais fortes; mas, sob a influência expansiva desse mundo melhor, o coração terá uma capacidade bastante grande para reter os laços antigos, tudo deles formando novos; lembrar-se-á com ternura de seu lugar de nascimento, gozando em tudo de uma existência mais madura e mais feliz. Se eu pudesse supor que aqueles que partiram morrem para aqueles que ficam, eu os honraria e os amaria menos. O homem que, deixando o esquecimento dos seus, parece desprovido dos melhores sentimentos de nossa natureza; e se, em sua nova pátria, os justos deveriam esquecer seus pais sobre a Terra, se devessem, em se aproximando de Deus, cessar de interceder por eles, poderíamos achar que a mudança lhes proveitosa?

"Poder-se-ia perguntar se aqueles que são levados para o céu, não só se lembram com interesse daqueles que deixaram sobre a Terra, mas, ainda, se disso têm um conhecimento presente e imediato. Eu não sei nenhuma razão para crer que esse conhecimento não exista. Estamos habituados a olhar o céu como longe de nós, mas nada no-lo prova. O céu é a união, a sociedade dos seres espirituais superiores; esses seres não podem encher o universo, tornando assim o céu por toda a parte? É provável que tais seres estejam circunscritos como nós por limitações materiais? Disse Milton:

Millions of spiritual beings walk the earth

Both when we wake and when we sleep.

"Milhões de seres espirituais percorrem a Terra, tão bem quando velamos, quanto quando dormimos."

Um sentido novo, um novo olho poderia nos mostrar que o mundo espiritual nos cerca de todos os lados. Mas, supõe mesmo que o céu esteja longe, seus habitantes não podem menos estar presentes nele, e nós visíveis para eles; porque, que entendemos pela presença? Não sou presente para aqueles, dentre vós, que meu braço não pode alcançar, mas que vejo distintamente? Não está plenamente de acordo com o nosso conhecimento da Natureza supor que aqueles que estão no céu, qualquer que seja o lugar de sua residência, possam possuir sentidos e órgãos espirituais por meio dos quais possam ver, o que está distante, tão facilmente quanto distinguimos o que está próximo? Nosso olho percebe, sem dificuldade, os planetas a milhões de léguas de distância, e com a ajuda da ciência podemos mesmo reconhecer as desigualdades de sua superfície. Podemos mesmo supor um órgão visual bastante sensível, ou um instrumento bastante possante, para permitir distinguir, de nosso

globo, os habitantes dos mundos distantes; por que, pois, aqueles que entraram na sua fase de existência mais elevada, que estão revestidos de corpos espiritualizados, não poderiam contemplar nossa Terra, tão facilmente quanto quando era a sua morada?

"Isso pode ser verdade; mas se o aceitamos assim, disso não abusamos: poder-se-ia disso abusar. Não pensamos nos mortos como se eles nos contemplassem com um amor parcial terrestre; eles nos amam mais do que nunca, mas com uma afeição espiritual depurada. Não têm, quanto a nós, senão um único desejo, o de que nos tornemos dignos de nos juntarmos a eles em sua morada de beneficência e de piedade. Sua visão espiritual penetra as nossas almas; se pudéssemos ouvir a sua voz, isso não seria, de nenhum modo, uma declaração de afeição pessoal, mas um apelo vivo a esforços maiores, a uma abnegação mais firme, a uma caridade mais ampla, a uma paciência mais humilde, a uma obediência mais filial à vontade de Deus. Eles respiram a atmosfera da beneficência divina, sua missão é agora mais elevada do que não o era aqui.

"Dir-me-eis que, se os nossos mortos conhecem os males que nos afligem, o sofrimento deve existir nessa vida bendita? Eu respondo que não posso considerar o céu senão como um mundo de simpatias. Nada pode, parece-me, melhor atrair os olhares de seus habitantes benfazejos, como a visão da miséria de seus irmãos; mas essa simpatia, se ela faz nascer a tristeza, está longe de tomar infelizes aqueles que a sentem. No mundo aqui embaixo, a compaixão desinteressada, unida ao poder de abrandar o sofrimento, é uma garantia de paz proporcionando as mais puras alegrias. Livres de nossas enfermidades presentes, e esclarecidos pelas visões mais extensas sobre a perfeição do governo divino, essa simpatia acrescentará mais encanto às virtudes dos seres benditos, e, como toda outra fonte de perfeição, não fará senão aumentar a sua felicidade.

"Nossos amigos que nos deixam por esse outro mundo, não se encontram, de nenhum modo, no meio de desconhecidos; eles não têm esse sentimento desolado de ter mudado a sua pátria para uma terra estranha. As mais ternas palavras da amizade humana não se aproximam dos acentos de felicitação que os esperam à sua chegada nessa morada. Lá o Espírito tem meios mais seguros de se revelar do que aqui; o recém-chegado se sente e se vê cercado de virtudes e de bondade, e por essa visão íntima dos Espíritos simpáticos que o cercam, laços mais fortes do que aqueles que são cimentados pelos anos sobre a Terra, podem se criar em um momento. As afeições mais íntimas sobre a Terra são frias comparadas às dos Espíritos. De que maneira eles se comunicam? Em que língua e por meio de quais órgãos? Nós o ignoramos, mas sabemos que o Espírito, progredindo, deve adquirir maior facilidade para transmitir o seu pensamento.

Seria erro crer que os habitantes do céu se apoiam na comunicação recíproca de suas idéias; aqueles que atingem esse mundo entram, ao contrário, em um estado novo de atividade, de vida e de esforços. Somos levados a olhar o estado futuro como de tal modo feliz para que ali ninguém tenha necessidade de ajuda, que o esforço cessa, que os bons não têm outra coisa a fazer do que gozar. A verdade, no entanto, é que toda ação sobre a Terra, mesmo a mais intensa, não é senão um jogo infantil, comparada à atividade, à energia desdobradas nessa vida mais elevada. Ali deve ser assim, porque não há princípio mais ativo do que a inteligência, a beneficência, o amor do verdadeiro, a sede de perfeição, a simpatia pelos sofrimentos e o devotamento à obra divina, que são os princípios expansivos da vida de além-túmulo. É então que a alma tem consciência de suas capacidades, que a verdade infinita se desdobra diante de nós, que se sente que o Universo é uma esfera sem limite para a descoberta, para a ciência, para a beneficência e a adoração. Esses novos objetos da vida,

que reduzem a nada os interesses atuais, se desdobram constantemente. Não é preciso, pois, de nenhum modo, supor que o céu é composto de uma comunidade estacionária. Eu o suponho como um mundo de planos e de esforços prodigiosos para o seu próprio adiantamento. Eu o considero como uma sociedade atravessando fases sucessivas de desenvolvimento, de virtudes, de conhecimentos, de poder, pela energia de seus próprios membros.

O gênio celeste é sempre ativo em explorar as grandes leis da criação e os princípios eternos do espírito, a revelar o belo na ordem do Universo e a descobrir os meios de adiantamento para cada alma; lá, como aqui, há inteligências de diversos graus, e os Espíritos, os mais elevados, encontram a felicidade e o progresso em elevar os mais atrasados; lá, o trabalho de educação, começado neste mundo, prossegue sempre, e uma filosofia mais divina do que a ensinada entre nós, revela ao Espírito a sua essência própria, excita-o a esforços alegres para a sua própria perfeição.

"O céu está em relação com outros mundos; seus habitantes são os mensageiros de Deus em toda a criação; eles têm grandes missões a cumprir, e para o progresso de sua existência sem fim, pode a eles ser confiado o cuidado de outros mundos."

Este discurso foi pronunciado em 1834; nessa época não havia ainda, de nenhum modo, questão na América das manifestações dos Espíritos; Channing, pois, delas não tinha conhecimento, de outro modo teria afirmado o que, em outros pontos, colocou como hipótese; mas não é notável ver esse homem pressentir, com tanta justeza, o que deveria ser revelado alguns anos mais tarde; porque com poucas exceções, a sua descrição da vida futura com ela concorda perfeitamente; não lhe falta senão a reencarnação, e ainda, examinando-o de perto, vê-se que ele a costeia, como costeia as manifestações sobre as quais se cala, porque não as conhecia. Com efeito, admite o mundo invisível ao redor de nós, no meio de nós, cheio de solicitude por nós, nos ajudando a progredir; daí às comunicações diretas não há senão um passo; admite, no mundo celeste, não a contemplação perpétua, mas a atividade e o progresso; admite a pluralidade dos mundos corpóreos, mas mais ou menos avançados; se tivesse dito que os Espíritos podem cumprir seu progresso passando por esses diferentes mundos, era a reencarnação. A idéia desses mundos progressivos é mesmo inconciliável, sem isso, com a da criação das almas no momento do nascimento do corpo, a menos de se admitir almas criadas mais ou menos perfeitas, e então seria preciso justificar essa preferência. Não é mais lógico dizer que se as almas de um mundo são mais avançadas que num outro, é que elas já viveram em mundos inferiores? Isso pode-se dizer tanto dos habitantes da Terra comparados entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado. Qualquer que ela seja, perguntamos se uma tal pintura da vida de além-túmulo, por suas deduções lógicas, acessível às inteligências mais vulgares, aceitáveis pela razão mais severa, não é cem vezes mais própria para produzir a convicção e a confiança no futuro do que o horrendo e inadmissível quadro das torturas sem fim emprestadas ao Tártaro do paganismo? Aqueles que pregam essas crenças não desconfiam do número de incrédulos que fazem e recrutas que proporcionam à falange dos materialistas.

Notemos que Milton, citado nesse discurso, emitiu sobre o mundo invisível ambiente uma opinião conforme com a de Channing, que é também a dos Espíritos modernos. É que Milton, como Channing, como tantos outros homens eminentes, eram Espíritos por intuição; por isso não cessamos de dizer que o Espiritismo não é uma invenção moderna; é de todos os tempos, porque houve almas em todos os tempos, e que em todos os tempos a massa dos homens acreditou na alma; também encontram-se traços dessas idéias numa multidão de

escritores antigos e modernos, sagrado e profanos. Essa intuição das idéias espíritas é de tal modo geral que vemos, todos os dias, uma multidão de pessoas que, ouvindo falar pela primeira vez dele não se espantam: não falta senão uma fórmula para a sua crença.

Correspondência

Revista Espírita, junho de 1861

A carta seguinte nos foi dirigida pelo Sr. *Roustaing*, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados. Os princípios que ali estão altamente expressos da parte de um homem que a sua posição coloca-o na classe dos mais esclarecidos, darão talvez a refletir a alguns daqueles que, crendo ter o privilégio da razão, alinham, sem cerimônia, todos os adeptos do Espiritismo entre os imbecis.

Meu caro senhor e muito honrado chefe Espírita,

Recebi a doce influência e recolhi o benefício destas palavras do Cristo a Tome: *Felizes aqueles que creram e que nada viram*; profundas, verdadeiras e divinas palavras que mostram o caminho mais seguro, o mais racional que conduz à fé, segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo cumpre e realiza: *Rationabile sit obsequium vestrum*.

Quando vos escrevi, no mês de março último, pela primeira vez, eu vos dizia: *Eu nada vi, mas li e compreendi, e acreditei*. Deus me recompensou muito por crer sem ter visto; depois, eu vi e vi bem; vi condições proveitosas, e a parte experimental veio animar, se assim posso me exprimir, a fé que a parte doutrinária me dera, e, fortificando-a, imprimiu-lhe a vida.

Depois de ter estudado e compreendido, conheço o mundo invisível como conheço Paris, naquilo que a estudei sobre o mapa. Pela experiência, o trabalho e a observação continuados, conheci o mundo invisível e seus habitantes como conhecia Paris naquilo que a percorri, mas sem ter ainda penetrado em todos os cantos dessa vasta capital. Contudo, desde o começo do mês de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes do excelente Sr. Sabo e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros Espíritos, pude trabalhar, e trabalhei constantemente, cada dia, com eles em minha casa, em presença e com o concurso dos adeptos de nossa cidade, que estão convencidos da verdade do Espiritismo, se bem que nem todos sejam ainda, de fato e praticamente, Espíritos.

O Sr. Sabo vos enviou exatamente o produto de nossos trabalhos obtidos a título de ensinamento, por evocações ou por Manifestações espontâneas dos Espíritos superiores. Sentimos tanto de alegria e de surpresa quanto de confusão e humildade, quando recebemos esses ensinamentos tão preciosos e verdadeiramente sublimes, de tantos Espíritos elevados que vieram nos visitar, ou nos enviaram mensageiros para falarem em seu nome.

Oh! caro senhor, quanto sou feliz por não mais pertencer, pelo culto material, à Terra que sei agora não ser, para os nossos Espíritos, senão um lugar de exílio, a título de provas ou expiações! Quanto sou feliz por conhecer, e ter compreendido, a re-*encarnação*, com toda a sua importância, e todas as suas conseqüências, como realidade e não como alegoria. A reencarnação, essa sublime e eqüitativa justiça de Deus, assim como o dizia, ontem ainda, um guia protetor, tão bela, tão consoladora, uma vez que deixa a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não fizemos na véspera; que faz a criatura progredir para o criador; "essa justa e eqüitativa lei," segundo a expressão de Joseph de Maistre, na evocação que fizemos de seu Espírito, e que recebestes; a reencarnação é, segundo a divina palavra do Cristo, "o longo e difícil caminho a percorrer para chegar à morada de Deus."

Eu compreendo agora o sentido destas palavras do Cristo a Nicodemus: *Sois doutor da lei e não sabeis isso!* Hoje, que Deus me permitiu compreender, de maneira completa, toda a verdade da lei evangélica, eu me pergunto como a ignorância dos homens, *doutores da lei*, pôde resistir, a esse ponto, à interpretação dos textos; produzir, assim, o erro e a mentira que mantiveram o materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a covardia? Eu me pergunto como essa ignorância, esse erro, puderam se produzir, quando o Cristo tivera o cuidado de proclamar a necessidade de reviver, dizendo: **É PRECISO QUE NASÇAIS DE NOVO**, e pela reencarnação, como o seu único meio de ver o reino de Deus, o que já era conhecido e ensinado sobre a Terra, e que Nicodemus deveria saber: *Sois doutor da lei e não sabeis isso!* É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo: *Que aqueles que têm ouvidos, ouçam; e também: Eles têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem nada; têm ouvidos e não ouvem e nem compreendem nada;*" o que pode se aplicar àqueles que vieram depois dele, tão bem quanto àqueles de seu tempo.

Deus, em sua bondade, eu o disse, recompensou-me pelos nossos trabalhos até este dia, e os ensinamentos que nos fez dar, pelos seus divinos mensageiros, "missionários devotados e inteligentes junto de seus irmãos, - segundo a expressão do Espírito de Fénelon, - para lhe inspirar o amor e a caridade ao próximo, o esquecimento das injúrias e o culto da adoração devida a Deus." Eu compreendo agora a admirável importância dessas palavras do Espírito de Fénelon, quando fala desses divinos mensageiros: "Viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres."

Agradeço com alegria e humildade esses divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que o Cristo está em missão sobre a Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo, essa terceira explosão da bondade divina, para cumprir esta palavra final do Evangelho: *"Unum ovile et unus pastor?"* por terem vindo nos dizer: "Não temais nada! O Cristo (chamado por eles Espírito de Verdade), a Verdade é o primeiro e o mais santo missionário das idéias espíritas. "Estas palavras me tocaram vivamente, e me perguntava: Mas onde está, pois, o Cristo em missão sobre a Terra?" A Verdade comanda, segundo a expressão do Espírito de Marius, bispo das primeiras idades da Igreja, essa falange de Espíritos enviados por Deus em missão sobre a Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo."

Que doces e puros gozos dão esses trabalhos espíritas pela caridade feita com a ajuda da evocação dos Espíritos sofredores! Que se consolação encontra-se em comunicar com aqueles que foram, sobre a Terra, nossos parentes ou nossos amigos; a ensinar que são felizes ou a aliviá-los se sofrem! Que viva e brilhante luz lançam em nossas almas esses ensinamentos espíritas que, nos ensinando a verdade completa da lei do Cristo, nos dão a fé pela nossa própria razão, e nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinita, colocando-nos, assim, na deliciosa necessidade de praticar essa lei divina de amor e de caridade! Que sublime revelação nos dão, em nos ensinando que esses divinos mensageiros, nos fazendo progredir, progridem eles mesmos para irem aumentar a falange sagrada dos Espíritos perfeitos! Admirável e divina harmonia que nos mostra, ao mesmo tempo, a unidade em Deus e a solidariedade entre todas as criaturas; que nos mostra estas, sob a influência e o impulso dessa solidariedade, dessa simpatia, dessa reciprocidade, chamadas a escalar, e escalando, mas não sem hipocrisia e sem quedas, aos seus primeiros ensaios, essa longa e alta escala espírita, para, depois de ter percorrido todos os degraus, chegar ao estado de simplicidade e de ignorância originais, à perfeição intelectual e moral, e, por essa perfeição, a Deus. Admirável e divina harmonia, que nos mostra essa grande divisão de inferioridade e de superioridade, pela distinção dos mundos que são os lugares de exílio, onde tudo não é senão prova e expiação, e mundos superiores, moradas dos bons Espíritos, onde não têm mais senão que progredir para o bem.

A reencarnação, bem compreendida, ensina aos homens que eles não estão neste mundo senão num lugar de passagem, onde estão livres para não mais voltarem, se fazem o que é necessário para isso; que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência não lhes são dados senão a título de provas, e como meio de progredir para o bem; que não são, em suas mãos, senão um depósito e um instrumento para a prática da lei de amor e de caridade; que o mendigo que passa ao lado de um grande senhor é seu irmão diante de Deus, e talvez o foi diante dos homens; que talvez foi rico e poderoso; se está agora numa condição obscura e miserável, é por ter falido em suas terríveis provas, lembrando assim esta palavra célebre do ponto de vista das condições sociais: Não há senão um passo do Capitole à rocha Tarpéienne, mas com esta diferença de que, pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda, e pode, depois de ter remontado ao Capitole, lançar-se de seu topo nas regiões celestes, morada esplêndida dos bons Espíritos.

A reencarnação, ensinando aos homens, segundo a admirável expressão de Platão, que não há rei que não descenda de um pastor, e de pastor que não descenda de um rei, apaga todas as vaidades terrestres, desliga do culto material, nivela *moralmente todas* as condições sociais; constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não é senão mentira e utopia, assim como nos disse recentemente o Espírito de Washington. Em seu conjunto, o Espiritismo vem dar aos homens a unidade e a verdade em todo progresso intelectual e moral, grande e sublime empreendimento do qual não somos senão os muito humildes apóstolos.

Adeus, meu caro senhor; depois de três meses de silêncio, sobrecarrego-vos com uma carta muito longa; responder-me-eis quando puderdes, e quando quiserdes. Proponho-me a fazer a viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde a isso se opõe até o presente.

Podereis fazer desta carta o uso que julgardes conveniente; honro-me de ser, alta e publicamente, Espírita.

Vosso muito devotado.

Roustaing, advogado.

Cada um apreciará como nós a justeza dos pensamentos expressos nessa carta; vê-se que, embora recentemente iniciado, o Sr. Roustaing passou a mestre no fato da apreciação; é que tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apanhar rapidamente todas as conseqüências dessa grave questão do Espiritismo, e que, ao contrário de muita gente, não se deteve na superfície. Nada tinha visto, disse ele, e estava convencido, porque lera e compreendera. Tem isso de comum com muitas pessoas, e sempre notamos que aquelas, longe de serem superficiais, são ao contrário as que refletem mais; ligando-se mais ao fundo do que à forma, para elas a parte filosófica é a principal, os fenômenos propriamente ditos são o acessório, e dizem que, então, mesmo que esses fenômenos não existissem, disso não restaria menos uma filosofia que sozinha resolve problemas insolúveis até este dia; a única que dá, do passado e do futuro do homem, a teoria mais racional; ora, eles preferem uma doutrina que explica àquela que nada explica, ou que explica mal. Quem reflete, compreende muito bem que se poderia fazer abstração das manifestações, e que a doutrina, com isso, não subsistiria menos; as manifestações vêm corroborá-la, confirmá-la, mas não lhe são a base essencial; o discurso de Channing, que acabamos de citar, disso é a prova, uma vez que, quase vinte anos antes do grande desdobramento das manifestações na América, unicamente o raciocínio o conduziu às mesmas conseqüências.

Há um outro ponto pelo qual se reconhece também o Espírita sério; pelas citações que o autor dessa carta faz dos pensamentos contidos nas comunicações que recebe, prova que não está limitado a admirá-las como belos trechos literários, bons para se conservar num álbum, mas que os estuda, medita-os e deles tira proveito. Infelizmente, há tantos para quem esse alto ensinamento permanece uma letra morta; que colecionam belas comunicações, como certas pessoas colecionam belos livros, mas sem lê-los.

Por outro lado, do que devemos felicitar o Sr. Roustaing, é da declaração pela qual termina a sua carta; infelizmente, nem todos têm como ele, a coragem de sua opinião, é o que encoraja os adversários. Entretanto, é preciso reconhecer que as coisas, há algum tempo, mudaram muito a esse respeito; há dois anos apenas que muitas pessoas não falavam do Espiritismo senão entre quatro olhos; não compravam os livros senão em segredo, e tinham um grande cuidado para não os deixar em evidência. Hoje, é muito diferente; já se está familiarizado com os epítetos *descorteses* dos zombadores, e ri-se disso ao invés de melindrar-se; não se teme mais confessar-se Espírita altamente, como não se teme dizer-se partidário de tal ou tal outra filosofia, do magnetismo, do sonambulismo, etc.; discute-se livremente com o primeiro que chega sobre essa matéria, como se discutiria sobre os clássicos e os românticos, e sem se crer humilhado por ser por uns ou pelos outros. É progresso imenso que prova duas coisas: o progresso das idéias Espíritas em geral, e a pouca consistência dos argumentos dos adversários; terá Por conseqüência impor silêncio a esses últimos, que se crêem fortes porque se crêem os mais numerosos; mas quando, por toda a Parte, encontrarem aquém falar, não dizemos que serão convertidos, mas se manterão em reserva. Conhecemos uma pequena cidade da província onde, há um ano, o Espiritismo não contava senão um único adepto que, apontado ao dedo como um animal curioso, se fora conhecido como tal; quem sabe mesmo? talvez deserdado pela sua família ou destituído de seu lugar; hoje, os adeptos ali são numerosos; reúnem-se abertamente sem se importarem do que se dirá, e quando foram vistos entre as autoridades municipais, funcionários, oficiais, engenheiros, advogados, notários, etc., que não escondiam a sua simpatia pela coisa, os zombadores deixaram de zombar, e o jornal da localidade, redigido por um espírito muito forte, que já dera algumas pontadas e se preparava para pulverizar a nova doutrina, temendo ter por detrás parte mais forte que a dele, prudentemente guardou silêncio. É a história de muitas outras localidades, e se generalizará à medida que os partidários do Espiritismo, cujo número aumenta todos os dias, elevarem a cabeça e a voz. Pode-se bem querer abater uma cabeça que se mostre, mas quando há vinte, quarenta, cem delas que não temem falar alto e firme, olhada duas vezes, e isso dá coragem àqueles que têm falta dela.

A prece (poesia)

Revista Espírita, junho de 1861

Um dos nossos correspondentes de Lyon nos dirige o trecho seguinte de poesia; ele entra muito no espírito da Doutrina Espírita, pelo que nos é um prazer dar-lhe um lugar em nossa Revista.

Que não posso eu, mortais, pelos meus fracos acentos

Penetrar vosso coração com os mais sublimes incensos!

Vos ensinar nestes versos, durante esta corrida,

O que é orar e o que é a prece.

É um impulso de amor, de fluido e de fogo

Que se escapa da alma e se eleva para Deus.

Sublime extravasamento da humilde criatura

Que retorna à sua fonte para enobrecer sua natureza!

Orar não muda em nada a lei do Eterno,

Imutável sempre; mas seu coração paternal

Derrama seu fluido divino sobre aquele que o implora

E redobra o ardor do fogo que o devora.

É então que sente-se elevar e crescer;

Pelo amor do próximo, sente seu coração pular.

Mais ele derrama amor, mais a augusta sabedoria

Enche seu coração amante com os dons de sua generosidade.

Desde então, um santo desejo de orar pelos mortos,

Sob o peso da pena e dos cruciantes remorsos,

Nos mostra a necessidade que seu estado reclama,

Para dirigir sobre eles esse doce fluido da alma

Cuja eficácia, bálsamo consolador,

Penetra todo o seu ser em verdadeiro libertador.

Tudo se reanima neles; um raio de esperança

Secunda os seus esforços, apressa sua libertação.

Semelhantes aos mortais oprimidos pelo mal

Que um bálsamo soberano restitui ao estado normal,

São regeneradas pela influência oculta

Da augusta prece e de seu divino culto.

Redobremos de fervor; nada se perde enfim;

A prece sempre, centelha divina,

Torna-se foco de amor, depois no fim domina.

Sim, oremos pelos mortos, e logo, ao seu turno,

Eles derramarão sobre nós um doce raio *de* amor.

JOLY.

Nestes versos, evidentemente inspirados por um Espírito elevado, o objetivo e os efeitos da prece estão definidos com uma perfeita exatidão. Certamente, Deus não derroga, de nenhum modo, as suas leis ao nosso pedido, de outro modo isso seria a negação de um de seus atributos, que é a imutabilidade; mas age sobretudo sobre aquele que lhe é objeto; é primeiro um testemunho de simpatia e de comiseração que se lhe dá, e que, por isso mesmo, lhe faz parecer a sua pena menos pesada; em segundo lugar, ela tem por efeito ativar e exercitar o Espírito no arrependimento de suas faltas, de lhe inspirar o desejo de repará-las pela prática do bem. Deus disse: A cada um segundo as suas obras; lei eminentemente justa, que coloca a nossa sorte em nossas próprias mãos, e que tem por consequência subordinar a duração da pena à duração da impenitência; de onde se segue que a pena seria eterna se a impenitência fosse eterna; portanto, se, pela ação moral da prece, provocamos o arrependimento e a reparação voluntária, abreviamos, por isso mesmo, o tempo da expiação. Tudo isso está perfeitamente expresso nos versos acima. Esta doutrina pode não parecer muito ortodoxa aos olhos daqueles que crêem num Deus impiedoso, surdo à voz que o implora, e condenando às torturas sem fim suas próprias criaturas pelas faltas de uma vida passageira; mas convir-se-á que ela é mais lógica, está mais conforme com a verdadeira justiça e a bondade de Deus. Tudo nos diz, a religião como a razão, que Deus é infinitamente

bom; com o dogma do fogo eterno, seria preciso acrescentar que ele é, ao mesmo tempo, infinitamente impiedoso, dois atributos que se destróem um pelo outro, porque são a negação um do outro. De resto, o número dos partidários da eternidade das penas diminui todos os dias; é um fato positivo, incontestável; logo, será tão restrito que se poderá contá-los, e se mesmo, desde hoje, a Igreja taxasse de heresia e rejeitasse, conseqüentemente, de seu seio todos aqueles que não cressem nas penas eternas, haveria, entre os católicos mesmo, mais heréticos do que verdadeiros crentes, e seria necessário condenar, ao mesmo tempo, todos os eclesiásticos e todos os teólogos que, como nós, interpretam essa palavra no sentido relativo e não no sentido absoluto.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, junho de 1861

É um erro crer que não há nada a ganhar nas conversas com os Espíritos de homens vulgares, e que só de homens ilustres pode sair um ensinamento proveitoso; entre eles os há, seguramente, muitos insignificantes, mas freqüentemente também, daqueles sobre os quais menos se espera, algumas vezes, saem revelações de uma grande importância para o observador sério. Aliás, há um ponto que nos interessa em grau supremo, porque nos toca mais de perto: é o da passagem, da transição da vida atual à vida futura, passagem tanto temida, que só o Espiritismo pode nos fazer encarar sem medo, e que não podemos conhecer senão estudando-a sobre as atualidades, quer dizer, sobre aqueles que acabam de transpô-la, sejam ilustres ou não.

Senhor marquês de Saint-Paul

Morto em 1860, evocado a pedido de sua irmã,

membro da Sociedade, em 16 de maio de 1861.

1. Evocação. - R. Eis-me.

2. A senhora vossa irmã pediu-me para vos evocar, embora ela seja médium, mas não está ainda bastante formada para estar bem segura de si mesma. - R. Tratarei de responder o melhor possível.

3. Ela deseja primeiro saber se sois felizes. - R. Estou errante, e esse estado transitório não nunca traz nem a felicidade, nem o castigo absolutos.

4. Demorastes muito tempo para vos reconhecer? - R. Permaneci muito tempo na perturbação, e dela não saí senão para bendizer a piedade daqueles que não me esqueceram e oraram por mim.

5. Podeis apreciar a duração dessa perturbação? - R. Não.

6. Quais foram aqueles de vossos parentes que reconhecestes primeiramente? - R. Reconheci minha mãe e meu pai, que ambos me receberam ao despertar; iniciaram-me na vida nova.

7. De onde vem que, no fim de vossa doença, parecíeis conversar com aqueles que havíeis amado sobre a Terra? - R. Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo que iria habitar. Fui vidente antes de morrer, e meus olhos foram velados na passagem da separação definitiva do corpo, porque os laços carnis estavam ainda muito vigorosos.

Nota. Esse fenômeno do desligamento antecipado da alma é muito freqüente; antes de morrer muitas pessoas entrevêem o mundo dos Espíritos; sem dúvida, é para abrandar, pela esperança, os pesares por deixar a vida. Mas o Espírito acrescenta que seus olhos foram velados durante a separação; com efeito, é o que sempre ocorre; nesse momento, o Espírito, perdendo a consciência de si mesmo, jamais é testemunha do último suspiro de seu corpo, e a separação se opera sem que ele disso desconfie. As próprias convulsões da agonia são um efeito puramente físico, do qual o Espírito não sente quase nunca a sensação; dizemos *quase*, porque pode ocorrer que essas últimas dores lhe sejam infligidas como castigo.

8. Como ocorre que as vossas lembranças de infância parecem vos retornar de preferência? - R. Porque o começo está mais próximo do fim do que não o é do meio da vida.

9. Como o entendeis? - R. Quer dizer que os agonizantes se lembram e vêem, *como numa miragem de consolação*, os jovens e puros anos.

Nota. Provavelmente, é por um motivo providencial semelhante que os velhos, à medida que se aproximam do termo da vida, algumas vezes, têm uma lembrança tão precisa dos menores detalhes de seus primeiros anos.

10. Por que, falando de vosso corpo, faláveis sempre na terceira pessoa? - R. Porque eu era vidente, eu vos disse, e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral; essas diferenças, ligadas entre si pelo fluido da vida, se tomam muito marcantes aos olhos dos agonizantes clarividentes.

Nota. Está aí uma particularidade que a morte desse senhor apresentou. Nos últimos momentos, ele dizia sempre: Ele tem sede, é necessário dar-lhe de beber; ele tem frio, é necessário aquecê-lo; ele sofre em tal lugar, etc. E quando se lhe dizia: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. Aqui se desenham perfeitamente as duas existências; o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, já em parte desligado, considera o seu corpo como uma individualidade que não era *ele*, propriamente falando; era, pois, ao seu corpo que era necessário dar de beber, e não a ele Espírito.

11. O que dissestes de vosso estado errante, e a duração de vossa perturbação, levariam a crer que não sois muito feliz, e, entretanto as vossas qualidades deveriam fazer supor o contrário. Há, aliás, Espíritos errantes que são muito felizes, como os há muito infelizes. - R. Estou num estado transitório; as virtudes humanas adquirem aqui o seu verdadeiro valor. Sem dúvida, meu estado é mil vezes preferível ao da encarnação terrestre, mas sempre levei em mim as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma não estará satisfeita senão quando voar aos pés de seu criador.

Henri Mondeux

Sociedade Espírita Parisiense; 26 de abril de 1661.

Os jornais anunciaram, em fevereiro último, a morte súbita do pastor Henri Mondeux, o célebre calculador, que sucumbiu, nos primeiros dias de fevereiro de 1861, num ataque de apoplexia na diligência de Condom (Gers), com idade em tomo de 34 anos. Nascera em Touraine, e desde a idade de 10 anos fez-se notar pela prodigiosa facilidade com a qual resolvia, de cabeça, as questões mais complicadas de aritmética, embora completamente iletrado e não tendo feito nenhum estudo especial. Atraiu logo a atenção e numerosas

peças iam vê-lo enquanto guardava seus animais; os visitantes distraíam colocando-lhe problemas, o que lhe proporcionava alguns pequenos proveitos. Lembra-se ainda o pastor napolitano, Vito Mangiamele, que, poucos anos antes, apresentara um fenômeno semelhante. Um professor de matemáticas, do colégio de Tours, pensou que um dom natural tão notável deveria dar resultados surpreendentes se fosse secundado; em consequência, ligou-se no objetivo de lhe dar educação; mas não tardou a perceber que tinha pela frente uma natureza das mais refratárias; com efeito, com a idade de 16 anos, sabia apenas ler e escrever correntemente, e, coisa extraordinária, jamais o seu professor pudera chegar a fazê-lo reter os nomes das figuras elementares de geometria; de sorte que a sua faculdade estava inteiramente circunscrita nas combinações numéricas; era, pois, um calculador, mas, de nenhum modo, um matemático.

Uma outra singularidade é que jamais pôde se sujeitar às nossas fórmulas de cálculo; nem mesmo as compreendia; ele tinha a sua própria maneira, da qual jamais pôde dar conta de maneira clara, que, provavelmente, não se explicava bem ele mesmo, e que tinha, sobretudo, uma memória prodigiosa de números. Dizemos de números e não de cifras, porque a visão das cifras o confundia mais do que o ajudava; preferia que os problemas fossem colocados verbalmente, antes que por escrito.

Tal é, em resumo, o resultado das observações que nós mesmos fizemos sobre o jovem Mondeux, e que nos forneceram no tempo o assunto de uma Memória lida na Sociedade Frenológica de Paris.

Uma faculdade tão exclusiva, embora levada ao seu último limite, não podia lhe abrir nenhuma carreira; porque não teria mesmo podido ser um contador numa casa de comércio, e seu professor, a justo título, com isso, se assustaria por ele; censurava-se quase por tê-lo tirado de suas vacas, e se perguntava o que se tornaria quando os anos o tivessem privado do interesse que se ligava a ele, sobretudo em razão de sua idade. Perdemos-lo de vista há dezoito anos; parece que encontrara alguns meios de existência indo de cidade em cidade dar sessões.

1. Evocação. - R. 4 e 3 fazem 7, nos outros mundos, como aqui.

2. Quisemos vos evocar pouco tempo depois de vossa morte, mas nos foi dito que não estáveis em estado de nos responder; parece que o estais agora? - R. Eu vos esperava.

3. Provavelmente não lembrais mais de mim, embora tivesse ocasião de vos conhecer, bastante particularmente, na Prússia, e mesmo de vos assistir em vossas sessões. Quanto a mim, parece-me ainda vos ver, como ao professor de matemáticas que vos acompanhava, e que me deu sobre vós e a vossa faculdade preciosas notícias. - R. Tudo isso é para que vos diga que me lembro de vós, mas somente hoje quando minhas idéias estão lúcidas.

4. De onde vinha a estranha faculdade da qual estáveis dotado? - R. Ah! Eis a pergunta que eu sabia que iríeis me dirigir. Começa-se por dizer: Eu vos conheci, eu vos vi, sois notável, e, enfim, vosso negócio.

Pois bem! Eu tinha a faculdade de poder ler no meu espírito os cálculos imediatos de um problema; poder-se-ia dizer que um Espírito desenrolava diante de mim a solução: não tinha senão que lê-la; era médium vidente e calculador; e com tudo isso, é necessário dizê-lo, uma pequena tabela sempre.

5. Quanto posso me lembrar, quando vivo, não Unheis esse espírito zombador, cáustico; éreis mesmo um pouco pesado? - R. Tenha! Porque a faculdade foi toda empregada nisso, dela nada restava mais para outra coisa.
6. Como se deu que essa faculdade, tão desenvolvida para o cálculo, era tão incompleta para outras partes mais elementares das matemáticas? - R. Enfim, fui estúpido, não é? Dizei a palavra, eu o compreendo; mas não tenho mais a desenvolver a minha faculdade para as cifras, e ela se desenvolve depressa para outra coisa.
7. Não tende mais que desenvolvê-la para as cifras.....(O Espírito escreveu sem esperar o fim da pergunta.) - R. Quer dizer, Deus nos deu a todos uma missão: Tu, disse-me ele, vais espantar os sábios matemáticos, eu te farei parecer ininteligente para que eles sejam mais penhorados; desenvolve todos os cálculos, e faz que eles se digam: Mas o que há em ti acima de nós? O que há mais forte que o estudo? Queria levá-los a procurar além do corpo, porque o que há de mais material do que uma cifra?
8. Que foste em outras existências? - R. Fui enviado para mostrar outra coisa.
9. Era sempre relativa às matemáticas? - R. Sem dúvida, uma vez que era a minha especialidade.
10. Formulei alguns problemas para saber se tivestes sempre a mesma faculdade; mas segundo o que dissestes, penso que isso não é mais necessário. - R. Mas eu não tenho mais soluções a dar; eu não posso mais; a ferramenta está má, porque não é mais matemática.
11. É que não poderíeis vencer a dificuldade? - R. Ah! Nada é invencível; Sebastopol foi muito tomada; mas que diferença!
12. Do que vos ocupais agora? - R. Quereis saber a que me entrego? Eu passei e espero um pouco antes de recomeçar a minha carreira como médium que deve continuar.
13. Em que gênero pensais exercer essa faculdade mediúnica? - R. Sempre o mesmo, mas mais desenvolvido, mais admirável.
14. (Um membro faz a reflexão seguinte:) Resulta das respostas do Espírito, que ele agiu como médium sobre a Terra, o que suporia que ele foi ajudado por um outro Espírito e explicaria porque não goza mais dessa faculdade hoje. - R. Foi meu Espírito que armou de propósito para ver as cifras que um outro Espírito me passava; agarrava melhor do que não o faríeis; tinha a bossa do cálculo, uma vez que era nesse gênero que eu exercia. Procuram-se todos os meios para convencer; são todos bons, pequenos e grandes, e os Espíritos os tomam todos.
15. Fizestes fortuna com a vossa faculdade, correndo o mundo para dar sessões? - R. Oh! Perguntar se um médium fez fortuna! Vós vos enganastes quanto ao *rumo*; mas não.
16. Mas não vos consideráveis como médium; não sabíeis mesmo o que era? - R. Não; também, estava admirado que isso me servisse tão pouco pecuniariamente; isso me serviu moralmente, e prefiro meu ativo escrito sobre o grande livro de Deus às rendas que tivesse sobre o Estado.

17. Nós vos agradecemos em consentir responder ao nosso chamado. - R. Retornastes por minha conta.

18. Não tive nada para retornar; sempre tive por vós muita estima. - R. Felizmente que resolvi as perguntas, sem isso não teríeis olhado.

Nota. A identidade dos Espíritos é, como se sabe, o que há de mais difícil para constatar; ela se revela, em geral, por circunstâncias e detalhes imprevistos, por nuances delicadas que só uma observação autêntica pode aprender e provam, freqüentemente, mais do que sinais materiais, sempre fácil de imitar pelos Espíritos enganadores, ao passo que não podem simular as capacidades intelectuais ou as qualidades morais que lhes faltam. Poder-se-ia, pois, duvidar da identidade nessa circunstância sem a explicação muito lógica que o Espírito dá da diferença que existe entre o seu caráter atual e aquele que mostrou quando vivo; porque a resposta numérica que deu à evocação não pode ser olhada como uma prova autêntica. Qualquer que seja a opinião que possa se formar a esse respeito quanto ao sujeito da evocação acima, não se pode deixar de convir que, ao lado de pensamentos engraçados, ela os encerra muito profundos; as respostas às perguntas 7 e 16 são sobretudo notáveis sob esse aspecto. Disso ressalta, igualmente, assim como das respostas dadas por outros Espíritos, que o Espírito de Mondeux tem uma predisposição para as matemáticas; que exerceu essa faculdade em outras existências, o que é provável, mas que não pertenceu a nenhuma das celebridades da ciência. Conceber-se-ia dificilmente que um verdadeiro sábio nisso fosse reduzido a fazer exhibições de cálculo para divertir o público, sem importância e sem utilidades científicas. Haveria sempre mais motivos para se duvidar de sua identidade se ele se desse por ter sido um Newton ou um Laplace.

Senhora Anais Gourdon

Muito jovem senhora, notável pela doçura de seu caráter e pelas qualidades morais mais eminentes, morta em novembro de 1860; evocada a pedido de seu pai e de seu marido. Pertencia a uma família de trabalhadores nas minas de carvão dos arredores de Saint-Etienne, circunstância importante para apreciar a sua evocação.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Vosso marido e vosso pai nos pediram para vos chamar, e ficarão muito felizes tendo de vós uma comunicação. - R. Estou muito feliz também por dá-la.

3. Por que fostes levada tão jovem da afeição de vossa família? - R. Porque terminei minhas provas terrestres.

4. Ides vê-los algumas vezes? - R. Oh! Estou sem cessar junto deles.

5. Sois feliz como Espírito? - R. Sou feliz, eu espero, eu espero, eu amo; os céus nada têm de terror para mim, e espero com confiança e amor que as asas brancas me empurrem.

6. Que entendeis por essas asas? - R. Entendo tornar-me puro Espírito e resplandecer como os mensageiros celestes que me deslumbram.

Nota. As asas dos anjos, arcanjos, serafins, que são puros Espíritos, evidentemente, não são

senão um atributo imaginado pelos homens para pintar a rapidez com a qual se transportam, como sua natureza etérea dispensa-os de qualquer sustentáculo para percorrer os espaços. Podem, entretanto, aparecer aos homens com esse acessório para responder ao seu pensamento, como outros Espíritos tomam a aparência que tinham sobre a Terra para se fazerem reconhecer.

7. Vedes vosso cunhado, morto há algum tempo, e que evocamos no ano passado? - R. Eu o vi quando cheguei entre os Espíritos; não o vejo mais agora.

8. Por que não o vedes mais? - R. Disso não sei nada.

9. Vossos parentes podem fazer alguma coisa que vos seja agradável? - R. Eles podem, esses seres queridos, não mais me entristecer pela visão de seus pesares, uma vez que sabem que não estou perdida para eles; que meu pensamento lhes seja doce, leve e perfumado com a sua lembrança. Passei como uma flor, e nada de triste deve subsistir de minha rápida passagem.

10. De onde vem que a vossa linguagem é tão poética e está tão pouco em relação com a posição que tínheis sobre a Terra? - R. É que é minha alma que fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e freqüentemente Deus permite que Espíritos delicados se encarnem entre os homens mais rudes para fazê-los pressentir as delicadezas que alcançarão e compreenderão mais tarde.

Nota. Sem essa explicação tão lógica, e tão conforme com a solicitude de Deus pelas suas criaturas, ter-se-ia dificilmente dado conta do que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Com efeito, que de mais gracioso e de mais poético do que a linguagem do Espírito dessa jovem mulher levada ao meio dos mais rudes trabalhos? A contrapartida se vê freqüentemente; são Espíritos inferiores encarnados entre os homens mais avançados, mas com um objetivo oposto; é tendo em vista o seu próprio adiantamento que Deus os coloca em contato com um mundo esclarecido, e, algumas vezes também, para servir de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

11. Evocação do Sr. Gourdon, filho mais velho, já evocado em 1860. - R. Estou aqui.

12. Lembrai-vos de ter sido já chamado por mim? - R. Sim, perfeitamente.

13. Como ocorre que vossa cunhada não vos veja mais? - R. Ela se elevou.

Nota. A essa pergunta ela respondera: disso não sei nada; sem dúvida por modéstia. Agora isso se explica; de uma natureza superior, ela pertencia a uma ordem mais avançada, ao passo que ele está ainda retido sobre a Terra. Seguem caminhos diferentes.

14. Quais foram as vossas ocupações desde essa época? - R. Avancei no caminho dos conhecimentos, escutando as instruções de nossos guias.

15. Quereis, eu vos peço, me dar uma comunicação para vosso pai que, com isso, estará muito feliz. - R. Caro pai, não creias teus filhos perdidos, e não sofras olhando nossos lugares vazios. Eu também espero, e não tenho nenhuma impaciência, uma vez que sei que os dias

que se escoam são tantos degraus vencidos que nos aproximam um do outro. Sé grave e recolhido, mas não sejas triste, porque a tristeza é uma censura muda dirigida a Deus, que quer ser louvado em suas obras. Aliás, por que sofrer nessa triste vida, onde tudo se apaga, salvo o bem ou o mal que cumprimos. Caro pai, coragem e confiança!

Nota. A primeira evocação desse jovem estava marcada pelos mesmos sentimentos de piedade filial e de elevação. Foi uma imensa consolação para os seus parentes, que não podiam suportar a sua perda. Compreende-se que deve ter ocorrido o mesmo com a jovem mulher.

Efeitos do desespero

Revista Espírita, junho de 1861

Morte do Sr. Laferrière, membro do Instituto. - Suicídio do Sr. Léon L...

- A viúva e o médico.

Para registrar todos os acidentes funestos causados pelo desespero, somente aqueles que chegam ao conhecimento do público, seriam necessários muitos volumes. Quanto de suicídios, de enfermos, de mortes voluntárias, de casos de loucura, de atos de vingança, de crimes mesmo não se produzem todos os dias! Uma estatística bem instrutiva seria aquela das causas primeiras que conduziram ao desarranjo do cérebro, e ver-se-ia que o desespero ali entra pelo menos pelos quatro quintos; mas não é disso que nos queremos ocupar hoje. Eis dois fatos salientados nos jornais, não a título de novidade, mas como assunto de observação.

Leu-se, no *Siècle* de 17 de fevereiro último, no relato dos funerais do Sr. Laferrière:

"Terça-feira última, conduzíamos à sua última morada, com alguns amigos tristes, uma jovem de vinte anos, levada por uma enfermidade de alguns dias. O pai dessa jovem, filha única, era o Sr. Laferrière, membro do Instituto, inspetor geral das faculdades de direito. O excesso da dor fulminou esse infeliz pai, e a resignação da fé do cristão não foi suficiente para a sua consolação.

"A trinta e seis horas de distância, a morte aplicou um segundo golpe, e a mesma semana que separara a filha do pai os reuniu. Uma multidão numerosa e consternada seguia hoje o caixão do Sr. Laferrière."

O Sr. Laferrière tinha sentimentos religiosos, disse o jornal, e gostamos de o admitir, porque não é preciso crer que todos os sábios sejam materialistas; e, entretanto, esses sentimentos não o impediram de sucumbir ao seu desespero. Estamos convencidos de que se tivesse idéias menos vagas sobre o futuro, mais positivas, tais como as dá o Espiritismo; se cresse na presença de sua filha junto dele, se tivesse a consolação de comunicar-se com ela, teria compreendido que dela não estava separado senão materialmente, e por um tempo dado, e adquiriria paciência, remetendo à vontade de Deus quanto ao momento de sua reunião; acalmar-se-ia pela idéia de que mesmo o seu desespero era uma causa de perturbação para a felicidade do objeto de sua afeição.

Essas reflexões se aplicam, ainda com mais razão, ao fato seguinte, que se leu no *Siècle* do dia 1º de março último.

"O senhor Léon L..., com a idade de 25 anos, empresário de viaturas ônibus, de Villemonble à Paris, esposara, há mais ou menos dois anos, uma jovem mulher que amava com paixão. O nascimento de um filho, hoje com a idade de um ano, veio fortalecer ainda a afeição dos esposos, e como seus negócios prosperavam, tudo parecia lhes pressagiar um longo futuro de felicidade.

"Há alguns meses, a senhora L... foi subitamente atingida por uma febre tifóide e, e apesar dos cuidados mais assíduos, apesar de todos os recursos da ciência, ela sucumbiu em pouco tempo. A partir desse momento, o senhor L... caiu numa melancolia da qual nada podia distraí-lo. Freqüentemente, se lhe ouvia dizer que a vida era odiosa e que iria juntar-se com aquela que levara toda a sua felicidade.

"Ontem, retornando de Paris em seu cabriolé, pelas sete horas da noite, o senhor L... entregou a sua viatura nas mãos de um palafrenero, (cavalariço), e, sem dizer uma palavra a ninguém, entrou numa peça situada ao nível do solo e vizinha da sala de jantar. Uma hora mais tarde, uma criada veio adverti-lo de que o jantar estava servido; ele respondeu que não tinha mais necessidade de nada; estava semi deitado sobre uma mesa, a cabeça apoiada em suas duas mãos, e parecia atingido por uma prostração completa.

"A criada advertiu os parentes que foram junto de seus filhos. Ele perdera o conhecimento. Correu à procura do doutor Dubois. À sua chegada, o médico constatou que Léon não existia mais. Envenenara-se com a ajuda de uma forte dose de láudano, que dava aos seus cavalos.

A morte desse jovem causou uma viva impressão na região, onde gozava da estima geral."

O Sr. L... acreditava, sem dúvida, na vida futura, uma vez que se matou para ir juntar-se à sua mulher. Se tivesse conhecido pelo Espiritismo a sorte dos suicidas, saberia que, longe de apressar o momento de sua reunião, era um meio infalível de distanciá-lo.

A esses dois fatos se opõe o seguinte, que mostra o império que podem ter as crenças Espíritas sobre as resoluções daqueles que as possuem.

Um de nossos correspondentes nos transmite o que se segue: Uma senhora de meu conhecimento perdera seu marido, cuja morte foi geralmente atribuída à falta do médico. A viúva concebeu contra esse último um tal ressentimento, que ela o perseguia, sem cessar, com suas invectivas e suas ameaças, dizendo-lhe, por toda a parte onde o encontrava: "Carrasco, não morrerás senão pela minha mão!" Essa senhora era muito piedosa e muito boa católica; mas foi em vão que se empregaram, para acalmá-la, os recursos da religião; chegou ao ponto do médico crer dever dirigir-se à autoridade para a sua própria segurança.

O Espiritismo conta com numerosos adeptos na cidade habitada por essa senhora; um de seus amigos, muito bom Espírita, disse-lhe um dia: - Que pensaríeis se se vos colocasse no estado de conversar com o vosso marido? - Oh! disse ela, se eu soubesse que isso fosse possível! Estaria segura de não tê-lo perdido para sempre, consolar-me-ia e esperaria. Logo se lhe deu a prova; seu marido veio, ele mesmo, dar-lhe conselhos e consolações, e, pela sua linguagem, não pôde ter qualquer dúvida quanto à sua presença junto dela. Desde então, uma revolução completa se operou em seu Espírito; a calma sucedeu ao desespero e suas idéias de vingança deram lugar à resignação. Oito dias depois, foi à casa do médico, muito pouco confortável com a sua visita; mas, em lugar de ameaçá-lo, estendeu-lhe a mão dizendo-lhe: "Não temas, nada, senhor; venho vos pedir me perdoar o mal que vos fiz, involuntariamente. Foi meu marido, ele mesmo, quem me aconselhou a iniciativa que tomo neste momento; disse-me que não fostes, em nada, a causa de sua morte, e, aliás, tenho agora a certeza de que ele está junto de mim, que me vê e vela sobre mim, e que estaremos um dia reunidos. Assim, senhor, não me odiais mais, como, de minha parte, não vos odeio mais." Inútil dizer que o médico aceitou com solicitude a reconciliação, e que se apressou em indagar a causa misteriosa à qual devia, doravante, a sua tranqüilidade. Assim, sem o Espiritismo, essa senhora provavelmente cometeria um crime, tão religiosa que era. Isso

prova a inutilidade da religião? Não, de modo algum, somente a insuficiência das idéias que ela nos dá do futuro, que nos apresenta de tal modo vago, que deixa em muitos uma espécie de incerteza, ao passo que o Espiritismo, fazendo por assim dizer tocar o dedo, faz nascer na alma uma confiança e uma segurança mais completas.

Ao pai que perdeu seu filho, ao filho que perdeu seu pai, ao marido que perdeu uma esposa adorada, que consolação dá o materialista? Ele diz: Tudo acabou; do ser que vos era tão caro, nada resta, absolutamente nada senão esse corpo que dentro em pouco será dissolvido; mas de sua inteligência, de suas qualidades morais, da instrução que adquiriu, nada, tudo isso é o nada; vós o perdestes para sempre. O Espírita diz: De tudo isso nada está perdido; tudo existe; não há de menos senão o envoltório perecível, mas o Espírito liberto de sua prisão está radiante; ele está ali, junto de vós, que vos vê, vos escuta e vos espera. Oh! Quanto os materialistas fazem de mal inoculando, com seus sofismas, o veneno da incredulidade! Jamais amaram, de outro modo poderiam ver com sangue frio os objetos de sua afeição reduzidos a um montão de pó? Também é para eles que Deus parece reservar seus maiores rigores, porque os vemos todos reduzidos à mais deplorável posição no mundo dos Espíritos, e Deus é tanto menos indulgente para aqueles que estiveram mais na posição de se esclarecerem.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, junho de 1861

Muitos chamados e poucos escolhidos

(Obtido pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade.)

Esta máxima evangélica deve se aplicar, com muito mais razão, aos tempos atuais do que aos primeiros tempos do cristianismo.

Com efeito, não ouvis já fermentar a tempestade que deve levar o velho mundo e tragar no nada a soma das iniquidades terrestres? Ah! Bendizei o Senhor, vós que pusestes a vossa fé em sua soberana justiça, e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, ide pregar o dogma novo da *reencarnação e da elevação dos Espíritos*, segundo tenham bem ou mal cumprido as suas missões, e suportado suas provas terrestres.

Não tremais! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó adeptos do Espiritismo, sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. A hora é chegada em que deveis sacrificar, à sua propagação, vossos hábitos, vossos trabalhos, vossas ocupações fúteis. Ide e pregai; os Espíritos do alto estão convosco. Certamente, falareis a pessoas que não quererão em nada ouvir a voz de Deus, porque essa voz lembra-lhes, sem cessar, a abnegação; pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos debochados, a mansuetude aos tiranos domésticos como aos déspotas; palavras perdidas, eu o sei; mas que importa! É necessário regar com os vossos suores o terreno em que deveis semear, porque não fortificará, e não produzirá, senão sob os esforços reiterados da pá e do arado evangélicos. Ide e pregai!

Sim, todos vós, homens de boa fé, que credes em vossa inferioridade olhando os mundos espaçados no infinito, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e derrubai esse culto do bezerro de ouro, cada dia mais e mais invasor. Ide, Deus vos conduz! Homens simples e ignorantes, vossas línguas serão desatadas, e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, e as populações atentas recolherão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as armadilhas que lançarão em vosso caminho! Só os lobos se prendem nas armadilhas de lobos, porque o pastor saberá defender suas ovelhas contra as bocas sacrificadoras.

Ide, homens grandes diante de Deus, que, mais felizes do que São Tome, credes sem pedir para ver, e aceitai os fatos da mediunidade quando mesmo não triunfastes em obtê-los vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, em frente, falange imponente pela tua fé e pelo teu pequeno número! Marcha! E os grossos batalhões dos incrédulos se desvanecerão diante de ti como os nevoeiros da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

A fé é a virtude que erguerá as montanhas, disse-vos Jesus; contudo, mais pesadas que as mais pesadas montanhas, jaz no coração dos homens a impureza e todos os vícios da impureza. Parti, pois, com coragem para levantar essa montanha de iniquidades que as gerações futuras não devem conhecer senão no estado de lenda, como vós mesmos não conheceis senão muito imperfeitamente o período dos tempos anteriores à civilização paga.

Sim, os transtornos morais e filosóficos vão se manifestar sobre todos os pontos do globo; a hora se aproxima em que a luz divina aparecerá sobre os dois mundos.

Ide, pois, levai a palavra divina: aos grandes que a desdenharão, aos sábios que dela pedirão prova, aos pequenos e aos simples que a aceitarão, porque é sobretudo entre os mártires do trabalho, essa expiação terrestre, que encontrareis o fervor e a fé. Ide; estes receberão com cânticos de ação de graça, e cantando os louvores a Deus, a consolação santa que lhes levais, e se inclinarão em agradecimento pelo quinhão de suas misérias terrestres.

Que vossa falange se arme, pois, de resolução e de coragem! À obra! O arado está pronto; a terra espera, é preciso lavrar.

Ide, e agradecei a Deus pela tarefa gloriosa que vos confiou; mas pensai que entre os chamados ao Espiritismo muitos se extraviaram; olhai, pois, o vosso caminho e segui o caminho da verdade.

P. Se muitos dos chamados ao Espiritismo se extraviaram, por que sinal se reconhece aqueles que estão no bom caminho? - R. Reconhecê-los-eis pelos princípios de verdadeira caridade que professarão e praticarão; reconhecê-los-eis pelo número de aflitos aos quais levaram consolações; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao seu próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, enfim, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de sua lei; aqueles que seguem a sua lei são seus eleitos, e ele lhes dará a vitória, mas esmagará aqueles que falseiam o Espírito dessa lei e dela fazem um degrau para satisfazer a sua vaidade e a sua ambição.

ERASTO, Anjo guardião do médium.

Ocupações dos Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

As ocupações dos Espíritos da segunda ordem consistem em se preparar para as provas que terão que sofrer, por meditações sobre suas vidas passadas, e observações sobre os destinos dos humanos, seus vícios, suas virtudes, o que pode aperfeiçoá-los ou fazê-los falir. Aqueles que têm, como eu, a felicidade de ter uma missão, dela se ocupando com tanto mais zelo e amor que o adiantamento das almas que lhes são confiadas lhe é contado como um mérito; eles se esforçam, pois, em lhes sugerir bons pensamentos, em ajudar seus bons movimentos, em afastá-lo dos Espíritos maus, opondo-lhe doce influência às influências nocivas. Essa ocupação interessante, sobretudo quando se é bastante feliz para dirigir um médium e ter comunicações diretas, não afasta do cuidado e do dever de se aperfeiçoar.

Não creias que o tédio possa atingir um ser que não vive senão pelo Espírito e cujas faculdades tendem para um objetivo, que sabe distante mas certo. O tédio não resulta senão do vazio da alma e da esterilidade do pensamento; o tempo, tão pesado para vós que o

medis pelos vossos medos pueris ou vossas frívolas esperanças, não faz sentir sua marcha àqueles que não estão sujeitos nem às agitações da alma, nem às necessidades do corpo. Passa ainda mais depressa para os Espíritos puros e superiores, que Deus encarrega da execução de suas ordens, e que percorrem as esferas num vôo rápido.

Quanto aos Espíritos inferiores, sobretudo aqueles que têm pesadas faltas para expiar, o tempo se mede pelos seus desgostos, seus remorsos e seus sofrimentos. Os mais perversos dentre eles procuram disso escapar fazendo o mal, quer dizer, sugerindo-o. Eles sentem então essa acre e fugidia satisfação do enfermo que raspa a sua ferida e não faz senão aumentar a sua dor. Seus sofrimentos também aumentam de tal modo que acabam, fatalmente, em procurar o remédio, e que não é outro senão o retorno ao bem.

Os pobres Espíritos, que foram culpados por fraqueza ou ignorância, sofrem pela sua inutilidade, seu isolamento. Lamentam seu envoltório terrestre, por mais dor que lhes haja dado; revoltam-se e se desesperam até o momento em que percebem que só a resignação e uma firme vontade de retornar ao bem podem aliviá-los; conformam-se e compreendem que Deus não abandona nenhuma de suas criaturas.

MARCILLAC.

Espírito familiar.

O deboche

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

A escolha de bons autores é muito útil, e aqueles que exercem seu domínio sobre vós, excitando a vossa imaginação pelas loucas paixões humanas, não fazem senão corromper o coração e o espírito. Com efeito, não é entre os apologistas da orgia, do deboche, da volúpia, entre aqueles que preconizam os gozos materiais, que se podem haurir lições de melhoramento moral. Pensai, pois, meus amigos, que se Deus vos deu paixões, foi com o objetivo de vos fazer concorrer aos seus desígnios, e não para satisfazê-las como o animal. Sabei que se despenderdes a vossa vida em loucos gozos que não deixam senão remorsos e o vazio no coração, não agis segundo os objetivos de Deus. Se vos é dado reproduzir a espécie humana, é porque milhares de Espírito errantes esperam no espaço a formação de corpos, dos quais têm necessidade para recomeçar sua prova, e que usando as vossas forcas nas ignóbeis volúpias, ides ao contrário dos objetivos de Deus, e vosso castigo será grande. Bani, pois, essas leituras, das quais não tirais nenhum fruto nem para a vossa inteligência, nem para o vosso aperfeiçoamento moral. Que os escritores sérios de todos os tempos e todos os países vos façam conhecer e o belo e o bem; que elevem a vossa alma pelo encanto da poesia e vos ensinem o útil emprego das faculdades com que vos dotou o Criador.

FÉLICIA,

Filha do médium.

Nota. Não há alguma coisa de profundo e de sublime nessa idéia que dá, à reprodução do corpo, um objetivo tão elevado? Os Espíritos errantes esperam esses corpos, dos quais têm necessidade para o seu próprio adiantamento, e que os Espíritos encarnados estão encarregados de reproduzir, como o homem espera o produto da fabricação de certos

animais para se vestir e alimentar-se.

Disso ressalta um outro ensinamento de uma alta gravidade. Não se admitindo que a alma já viveu, é necessário, de toda a necessidade, que ela seja criada no momento da formação e para uso de cada corpo; de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem, e, na maior parte do tempo, o resultado do deboche. Como! Todas as leis religiosas e morais condenam a depravação dos costumes, e Deus disso aproveitaria para criar almas! Perguntamos a todo homem de bom senso se é admissível que Deus se contradiga nesse ponto? Isso não seria glorificar o vício uma vez que serviria ao cumprimento dos objetivos mais elevados do Todo-Poderoso: a criação das almas? Que se nos diga se tal não seria a consequência da formação simultânea das almas e dos corpos; e isso seria bem pior ainda admitindo-se a opinião daqueles que pretendem que o homem procria a alma ao mesmo tempo que o corpo. Admiti, ao contrário, a preexistência da alma, e toda contradição cessa. O homem não procria senão a matéria do corpo, e a obra de Deus, a criação da alma imortal que deve um dia se aproximar dele, não está mais submetida ao capricho do homem. Assim é que, fora da reencarnação, dificuldades insolúveis surgem a cada passo, e que se cai na contradição e o absurdo quando se quer explicá-las; também o princípio da unicidade de existência corpórea, para decidir sem retorno os destinos futuros do homem, perde cada dia terreno e partidários; podemos, pois, dizer com segurança que dentro em pouco o princípio contrário será universalmente admitido, como o único lógico, o único conforme a justiça de Deus, e proclamado pelo próprio Cristo, quando disse: *Eu vos digo que é necessário que nasçais várias vezes antes de entrar no reino dos céus.*

Sobre o Perispírito

Ditado espontâneo a propósito de uma discussão que ocorrera, na Sociedade,
sobre a natureza do Espírito e do Perispírito. Médiun Sr. A. Didier.

Segui com interesse a discussão que se desenvolveu há pouco e vos colocou num tão grande embaraço. Sim, faltam cor e forma às palavras para exprimir o perispírito e a sua verdadeira natureza; mas há uma coisa certa, é que o que uns chamam *perispírito* não é outra coisa senão o que outros chamam de envoltório fluídico, material. Quando se discutem semelhantes questões, não são as frases que é preciso procurar, são as palavras. Eu diria, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos e a extensão da visão e das idéias; falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; portanto, como vedes, é matéria; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem suportar os Espíritos superiores, tendo em vista que os fluidos terrestres estão depurados ao redor do pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para o seu progresso, tem sempre necessidade de um agente; a alma sem agente nada é para vós, ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente pela vossa alma; daí as infinitas nuanças de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito; isto é um outro assunto. Compreendi, primeiro, moralmente; não resta mais que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a ciência não conhece bastante, mas a isso se chegará se a ciência quiser caminhar com o Espiritismo.

LAMENNAIS.

O Anjo Gabriel

Evocação de um bom Espírito, pela senhora de X..., em Souttz, Haut-Rhin.

Eu sou Gabriel, o anjo do Senhor, que me encarrega de vos bendizer, não por vossos méritos, mas pelos esforços que fazeis para adquiri-los.

A vida deve ser um combate; não é necessário jamais deter-se, jamais oscilar entre o bem e o mal; a hesitação já vem de Satã, quer dizer, dos maus Espíritos. Coragem, pois! E quanto mais encontrardes de espinhos em vosso caminho, mais esforços vos serão necessários para prosseguir. Se ele fora semeado com rosas, que mérito teríeis diante de Deus? Cada um tem o seu calvário sobre a Terra, mas nem todos o percorrem com essa doce resignação de que Jesus nos deu o exemplo. Ela foi tão grande que os anjos se emocionaram! E os homens! Apenas vertem uma lágrima a tantas dores! Ó dureza do coração humano! Mereceis a semelhante sacrifício? Lançai vossa frente na poeira, e gritai misericórdia ao Deus mil vezes bom, mil vezes doce, mil vezes misericordioso! Um olhar, ó meu Deus! sobre a vossa obra, sem isso ela perecerá! Seu coração não está à altura do vosso; não pode compreender esse excesso de amor de vossa parte. Tende piedade; tende mil vezes piedade de vossa fraqueza. Levantai a sua coragem por pensamentos que não podem vir senão de vós. Bendizei-os, sobretudo, afim de que carreguem frutos dignos de vossa imensa grandeza!

Hosana ao mais alto dos céus! E paz aos homens de boa vontade!

Assim é que terminarei as palavras que Deus me ordenou vos transmitir.

Sede benditos no Senhor, afim de que desperteis, um dia, em seu seio.

Despertai

(Sociedade Espirita de Paris. Médiun senhora Costel.)

Falar-te-ei dos sintomas e das predições que, por toda a parte, anunciam a chegada de grandes acontecimentos que o nosso século encerra. Por uma tocante bondade, os Espíritos, mensageiros de Deus, advertem o Espírito dos homens, como as dores advertem a mãe de seu parto próximo. Esses sinais, freqüentemente menosprezados, e todavia sempre justificados, se multiplicam ao infinito, neste momento. Por que sentis todos o Espírito profético agitar os vossos corações e sacudir as vossas consciências? Por que as incertezas? Por que as fraquezas que perturbam os corações? Por que o despertar do espírito público que, por toda parte, arvora a sua orgulhosa bandeira? Por quê? É que os tempos estão chegados; É que o reino do materialismo abala-se, e vai desmoronar-se; é que os gozos do corpo, logo menosprezados, vão dar lugar ao reino da idéia; é que o edifício social está carcomido, e vai dar lugar à jovem e triunfante legião das idéias Espíritas, que fecundarão as consciências estéreis e os costumes mudos. Que essas palavras, incessantemente repetidas, não vos encontrem distraídos e indiferentes; recolhei, depois que o lavrador semeou, as preciosas espigas que nascerem; não digais: a vida segue o seu curso e uma marcha normal; os nossos pais nada viram do que se anuncia hoje: não veremos mais do que eles. Adoraremos o que eles adoraram, ou antes substituímos a adoração por fórmulas vãs, e tudo estará bem. Assim falando, dormis; despertai, porque não é a trombeta do julgamento final que estourará em vossos ouvidos, mas a voz da verdade; não se trata da morte vencida e

humilhada, trata-se da vida presente, ou antes, da vida eterna; não a esqueçais e despertai.

HELVÉTIUS.

O gênio e a miséria

(Sociedade Espírita de Paris. Méd. Sr. Alfred Didier.)

Há uma prova muito grande sobre a Terra, e sobre a qual a moral do Espiritismo deve sobretudo se apoiar, é essa prova horrível do homem de gênio, sobretudo daquele que está dotado de faculdades superiores, presa às exigências da miséria. Ah! sim; essa prova moral, essa miséria da inteligência, bem mais que a do corpo, será um mérito maior para o homem que houver cumprido a sua missão. Compreendi essa luta incessante do talento contra a miséria, essa harpia que se lança sobre vós, durante o festim da vida, semelhante ao monstro de Virgílio, e que diz a todas as suas vítimas: Sois poderosos, mas eu que vos mato, sou eu que devolve ao nada os dons de vossa inteligência, porque eu sou a morte do gênio. Eu o sei, só alguns são vencidos; mas outros, quantos são? Há um pintor da escola moderna que assim concebeu esse assunto. Um ser, o gênio, do qual as asas se desdobram, e cujos olhares estão do lado do sol; ele quase se levanta, e cai sobre o rochedo, onde estão fixadas as cadeias de ferro que o reterão, talvez, para sempre. O homem que viu esse sonho e que talvez esteve acorrentado, ele também, e talvez depois de sua libertação, se lembrou daqueles que deixara para sempre sobre o rochedo.

Gérard DE NERVAL.

Transformação

(Sociedade Espírita de Paris. Médiun senhora Costel.)

Venho falar-te, da coisa que mais importa, nesta época de crise e de transformação; no momento em que as nações vestem a roupa viril, no momento em que o céu descoberto vos mostra, flutuando nos espaços infinitos, os Espíritos daqueles que acreditáveis dispersos como moléculas ou servindo de pasto aos verdes; neste momento solene, é necessário que, se armando da fé, o homem não caminhe mais às cegas nas trevas do personalismo e do materialismo. Como outrora os pastores, guiados por uma estrela, vieram adorar o Menino-Deus, é necessário que o homem, guiado pela brilhante aurora do Espiritismo, caminhe, enfim, para a Terra prometida da liberdade e do amor; é necessário que, compreendendo o grande mistério, saiba que o objetivo harmonioso da Natureza, seu ritmo admirável, são os modelos da Humanidade. Nessa espantosa diversidade que confunde os Espíritos, distingui a perfeita semelhança das relações entre as coisas criadas e os seres criados, e que essa poderosa harmonia vos inicie a todos, homens de ação, poetas, artistas, trabalhadores, à união na qual devem fundir-se os esforços comuns durante a peregrinação da vida. Caravanas assaltadas pelas tempestades e pelas adversidades, estendei-vos mãos amigas, e caminhai com os olhos fixos no Deus justo que recompensa, ao cêntuplo, aquele que tiver aliviado o fraco e o oprimido.

GEORGES.

A separação do Espírito

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

Corpos de lama, foco de corrupção, onde fermenta o levedo das paixões impuras; são esses órgãos que, freqüentemente, levam o Espírito a tomar parte nas sensações brutais que são da alçada da matéria. Quando o princípio da vida orgânica se extingue, por um dos mil acidentes aos quais o corpo está sujeito, o Espírito se desliga dos laços que o retinham em sua prisão fétida, e ei-lo livre no espaço.

Entretanto, ocorre que, quando ele é ignorante, e sobretudo quando é bem culpável, um véu espesso lhe esconde as belezas da morada que os bons Espíritos habitam, e ele se encontra só, ou na companhia de Espíritos maus e inferiores, num círculo que não lhe permite nem de ver onde chega, nem de se lembrar de onde vem; então, está inquieto, sofrendo constrangido, até que, num tempo mais ou menos longo, seus irmãos os Espíritos vêm esclarecê-lo sobre a sua posição, e lhe abrem os olhos para que se lembre do mundo dos Espíritos que habitou, e os diferentes planetas onde suportará as suas diversas encarnações; se a última foi bem conduzida, ela lhe abre as portas dos mundos superiores, e se ela foi inútil e cheia de iniquidades, ele é punido pelo remorso, e depois que o Espírito se submeteu à cólera de Deus, pelo seu arrependimento e a prece de seus irmãos, recomeça a viver, o que não é uma felicidade, mas um castigo ou uma prova.

FERDINAND.

Espírito familiar.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Julho

- [Ensaio sobre a teoria da alucinação](#)
- [Uma aparição providencial](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Os amigos não nos esquecem no outro mundo](#)
- Correspondência.
 - [Carta do presidente da Sociedade Espírita do México](#)
 - [Carta do circulo espírita de Constantinopla](#)
- [Os desenhos misteriosos](#)
- [Exploração do Espiritismo](#)
- Variedades.
 - [As visões do Sr. O.](#)
 - [Os Espíritos e a gramática](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Papel dos médiuns nas comunicações \(Erasto\)](#)
 - [O Hospital Central \(Gérard de Nerval. A. Musset\)](#)
 - [A prece \(Fénelon\)](#)

Ensaio sobre a teoria da alucinação

Revista Espírita, julho de 1861

Aqueles que não admitem o mundo incorpóreo e invisível crêem tudo explicar pela palavra *alucinação*. A definição desta palavra é conhecida; é: Um erro, uma ilusão de uma pessoa que crê ter percepções que ela realmente não tem (Academia. Do latim *hallucinari*, erro; feito de *ad lucem*); mas os sábios dela não deram ainda, que saibamos, a razão fisiológica. A ótica e a fisiologia não parecem ter mais segredos para eles; como ocorre que não hajam ainda, de nenhum modo, explicado a fonte das imagens que se oferecem ao espírito em certas circunstâncias? Que seja real ou não, o alucinado vê alguma coisa; dir-se-á que ele crê ver, mas que não vê nada? Isto não é provável. Dizei, se quiserdes, que é uma imagem fantástica, seja; mas qual é a fonte dessa imagem, como se forma, como se reflete em seu cérebro? Eis o que não nos dizem. Seguramente, quando ele crê ver o diabo com seus cornos e suas garras, as chamas do inferno, animais fabulosos que não existem, a Lua e o Sol que se batem, é evidente que aí não há nenhuma realidade; mas se é um jogo de sua imaginação, como ocorre que descreve essas coisas como se estivessem presentes? Há, pois, diante dele um quadro, uma fantasmagoria qualquer; qual é, então, o espelho sobre o qual se pinta essa imagem? Qual é a causa que dá, a essa imagem, a forma, a cor e o movimento? É do que, em vão procuramos a solução na ciência. Uma vez que os sábios querem tudo explicar pelas leis da matéria, que dêem, pois, por essas mesmas leis, uma teoria da alucinação; boa ou má, isso será sempre uma explicação.

Os fatos provam que há verdadeiras aparições das quais a teoria espírita dá perfeitamente conta, e que só podem negar aqueles que não admitem nada fora do mundo visível; mas, ao lado dessas visões reais, há alucinações no sentido ligado a essa palavra? Isso não é duvidoso; o essencial é determinar os caracteres que podem fazê-las distinguir das aparições reais. Qual é a fonte dessas? São os Espíritos que vão nos colocar no caminho, porque a explicação nos parece inteiramente na resposta dada à pergunta seguinte:

Podem considerar-se, como aparições, as figuras e outras imagens que se apresentam, freqüentemente, no primeiro sono ou simplesmente quando se fecham os olhos?

"Desde que os sentidos se atordoam, o Espírito se desliga, e pode ver, ao longe ou perto, aquilo que não poderia ver com os seus olhos. Essas imagens são, algumas vezes, visões, mas podem ser também um efeito de impressões da visão de certos objetos deixadas no cérebro que delas conservam os traços, como conserva os dos sons. O Espírito desligado vê, então, em seu próprio cérebro essas impressões, que ali se fixaram como sobre uma placa de daguerreótipo. Sua variedade e sua mistura formam conjuntos bizarros e fugidios, que se apagam quase logo, apesar dos esforços que se faz para retê-los. É a uma causa semelhante que é necessário atribuir certas aparições fantásticas, que nada têm de real, e que se produzem, freqüentemente, no estado de enfermidade."

Está reconhecido que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro. Por que singular fenômeno essas impressões, tão variadas, se multiplicam e não se confundem nunca? Está aí um mistério impenetrável, mas que não é mais estranho do que aquele das ondulações sonoras que se cruzam no ar e não se tornam, por isso, menos distintas. Num

cérebro sadio e bem organizado, essas impressões são limpas e precisas; em condições menos favoráveis, elas se apagam ou se confundem, como fazem as impressões de um carimbo sobre uma substância muito sólida ou muito fluida; daí a perda da memória ou a confusão das idéias. Isso parece menos extraordinário, se se admite, como em frenologia, uma destinação especial para cada parte, e mesmo para cada fibra do cérebro.

Essas imagens chegadas ao cérebro pelos olhos, aí deixam, pois, uma impressão que faz que se lembre de um quadro como se o tivesse diante de si; ocorre o mesmo com a impressão dos sons, dos odores, dos sabores, das palavras, dos nomes, etc. Como as fibras, órgãos destinados à recepção e à transmissão dessas impressões, estão aptas a conservá-las, têm-se a memória das formas, das cores, da música, dos números, das línguas, etc. Quando se representa uma cena que se viu, isso não é senão um assunto de memória, porque, em realidade, não se vê; mas, num certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e aí reencontra essas imagens, sobretudo aquelas que a feriu mais segundo a natureza das preocupações ou das disposições do espírito; ela aí reencontra a impressão das cenas religiosas, diabólicas, dramáticas ou outras que viu em uma outra época em pintura, em ação, em leituras ou relatos, porque as narrações deixam também impressões. Assim, a alma vê realmente alguma coisa; é a imagem de alguma sorte daguerreotipada no cérebro. No estado normal, essas imagens são fugidias e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; mas no estado de enfermidade, o cérebro está sempre mais ou menos enfraquecido; o equilíbrio não existe mais entre todos os órgãos; alguns somente conservam a sua atividade, ao passo que outros estão de algum modo paralisados; daí a permanência de certas imagens que não estão mais apagadas, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior; daí a verdadeira alucinação, a fonte primeira das idéias fixas. A idéia fixa é a lembrança exclusiva de uma impressão, a alucinação é a visão retrospectiva, pela alma, de uma imagem impressa no cérebro.

Como se vê, nos demos conta dessa anomalia aparente por uma lei toda fisiológica bem conhecida, a das impressões cerebrais; mas para nós sempre foi preciso intervir a alma, com as suas faculdades distintas da matéria; ora, se os materialistas não puderam ainda dar uma solução racional a esse fenômeno, é porque não querem admitir a alma, e que com o materialismo puro ele é inexplicável; também dirão que nossa explicação é má, porque fazemos intervir um agente contestado; contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria desde que há homens sobre a Terra, e a negação de alguns não pode fazer lei.

Nossa explicação é boa? Damo-la por aquilo que ela pode valer, e querendo-se, a título de hipótese, na espera de melhor; ela tem pelo menos a vantagem de dar, à alucinação, uma base, um corpo, uma razão de ser; ao passo que, quando os fisiologistas pronunciaram suas palavras sacramentais de superexcitação, de exaltação, de efeitos da imaginação, nada disseram, ou não disseram tudo, porque observaram todas as fases do fenômeno.

A imaginação desempenha também um papel que é necessário distinguir da alucinação propriamente dita, embora essas duas causas estejam freqüentemente reunidas; ela empresta a certos objetos formas que eles não têm, como faz ver uma figura na Lua ou animais nas nuvens. Sabe-se que, na obscuridade, os objetos revestem aparências bizarras, na falta de poder distinguir-lhes todas as partes, e porque os contornos aí não estão nitidamente acusados; quantas vezes, à noite, num quarto, uma veste dependurada, um vago reflexo luminoso, não pareceram ter uma forma humana aos olhos de pessoas que estão de sangue frio? Se o medo a isso se junta, ou uma credulidade exagerada, a imaginação faz o resto. Compreende-se, segundo isso, que a imaginação possa alterar a realidade das imagens percebidas durante a alucinação e lhes dar formas fantásticas.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, para um observador experimentado, não permite confundi-las com os efeitos que acabamos de citar. Como podem ocorrer em pleno dia, deve-se desconfiar daquelas que se crê ver à noite, com medo de ser vítima de uma ilusão ótica. Aliás, nas aparições como em todos os outros fenômenos espíritas, o caráter inteligente é a melhor prova de sua realidade. Toda aparição que não dá nenhum sinal inteligente pode ser temerariamente colocada na classe das ilusões. Os Senhores materialistas devem ver que lhes concedemos larga margem.

Tal qual é, a nossa explicação dá a razão de todos os casos de visão? Certamente que não, e colocamos a todos os fisiologistas o desafio de dar uma só, de seu ponto de vista exclusivo, que as resolve todas; portanto, se todas as teorias da alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é que há outra coisa a mais do que a alucinação propriamente dita, e essa alguma coisa não tem a sua solução senão na teoria Espírita, que as encerra todas. Com efeito, examinando-se com cuidado certos casos de visões muito freqüentes, ver-se-á que é impossível atribuir-lhes a mesma origem da alucinação. Procurando dar desta uma explicação provável, quisemos mostrar em que ela difere da aparição. Num e noutro caso, é sempre a alma que vê e não os olhos; no primeiro ela vê uma imagem interior, e no segundo uma coisa exterior, podendo-se assim exprimir. Quando uma pessoa ausente, da qual não se pensa de nenhum modo, que se a crê em muito boa saúde, se apresenta espontaneamente, então quando se está perfeitamente desperto, e vem revelar as particularidades de sua morte, que ocorreu nesse momento mesmo, e da qual, conseqüentemente, não se podia ter conhecimento, não se pode atribuir o fato nem a uma lembrança, nem a uma preocupação do espírito. Supondo que se tenham tido apreensões sobre a vida dessa pessoa, restaria ainda para explicar a coincidência do momento da morte com a aparição, e sobretudo as circunstâncias da morte, coisas que não se pode nem conhecer nem prever. Podem, pois, classificar-se entre as alucinações as visões fantásticas que nada têm de real, mas não ocorre o mesmo com aquelas que revelam atualidades positivas, confirmadas pelos acontecimentos; explicá-las pelas mesmas causas seria absurdo, e seria mais absurdo ainda atribuí-las ao acaso, essa razão suprema daqueles que nada têm a dizer. Só o Espiritismo pode dar-lhes uma razão pela dupla teoria do perispírito e da emancipação da alma; mas como crer na ação da alma, quando não se admite a alma?

Não tendo nenhuma conta do elemento espiritual, a ciência se encontra na impossibilidade de resolver uma multidão de fenômenos, e cai no absurdo querendo tudo relacionar ao elemento material. É na medicina, sobretudo, que o elemento espiritual desempenha um papel importante; quando os médicos derem conta dele, se enganarão menos freqüentemente do que não o fazem; aí haurirão uma luz que os guiará, mais seguramente, no diagnóstico e no tratamento das enfermidades. É o que se pode constatar, desde o presente, na prática dos médicos *espíritas*, cujo número aumenta todos os dias. Tendo a alucinação uma causa fisiológica, encontrará, disso estamos certos, um meio de combatê-la. Conhecemos um deles que, graças ao Espiritismo, está no caminho de descobertas da mais alta importância, porque o fez conhecer a verdadeira causa de certas afecções rebeldes à medicina materialista.

O fenômeno da aparição pode se produzir de duas maneiras: ou é o Espírito que vem encontrar a pessoa que vê; ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar o outro. Os dois exemplos seguintes nos parecem caracterizar perfeitamente os dois casos.

Um dos nossos colegas nos contou recentemente que um oficial, de seus amigos, estando na África, teve diante de si o quadro de um cortejo fúnebre: era o de um de seus tios, que morava na França, e que não via há muito tempo. Viu distintamente toda a cerimônia, desde a saída da casa mortuária, à igreja, e o transporte ao cemitério; notou mesmo diversas particularidades das quais não podia ter idéia. Nesse momento estava desperto, e, todavia,

num certo estado de absorção do qual não saiu senão quando tudo desapareceu. Tocado por esta circunstância, escreveu para a França para ter notícias de seu tio, e soube que este, morrendo subitamente, fora enterrado no dia e hora em que a aparição ocorreu, e com as particularidades que ele vira. É evidente que, nesse caso não foi o enterro que veio procurá-lo, mas ele que foi procurar o enterro, do qual teve a percepção por um efeito de segunda vista.

Um médico de nosso conhecimento, o Sr. Félix Mallo, havia cuidado de uma jovem; mas, achando que o ar de Paris lhe era contrário, aconselhou-a a ir passar algum tempo com sua família, na província, o que ela fez. Há seis meses dela não ouvira falar e nem pensava nela mais, quando uma noite, pelas dez horas, estando em seu quarto de dormir, ouviu bater à porta de seu gabinete de consulta. Crendo que vinha ser chamado por um enfermo, disse-lhe para entrar; mas ficou muito surpreso em ver, diante de si, a jovem mulher em questão, pálida, com a roupa que a conhecera, e que lhe disse com um muito grande sangue frio: "Senhor Mallo, vim dizer-lhe que morri;" depois ela desapareceu. O médico, tendo se assegurado de que estava bem desperto, e que ninguém entrara, fez tomar informações, e soube que esta jovem mulher morrera na mesma noite que lhe aparecera. Aqui, foi bem o Espírito da mulher que veio procurá-lo. Os incrédulos não faltarão de dizer que o médico poderia estar preocupado com a saúde da sua antiga enferma, e que não há nada de espantoso naquilo que previu a sua morte; seja; mas, que expliquem o fato da coincidência de sua aparição com o momento de sua morte, então que há vários meses o médico dela não ouvira falar. Supondo mesmo que haja acreditado na impossibilidade de uma cura, poderia prever que ela morreria em tal dia e a tal hora? Devemos acrescentar que ele não é um homem a se ferir a imaginação.

Eis um outro fato não menos característico e que não se poderia atribuir a uma previsão qualquer. Um dos nossos sócios, oficial de marinha, estava no mar, quando viu seu pai e seu irmão lançados debaixo de uma viatura; o pai morto e o irmão sem nenhum mal. Quinze dias depois, tendo desembarcado na França, seus amigos procuraram prepará-lo para receber uma triste novidade. - Não tomeis tantas precauções, disse-lhes, eu sei o que quereis me dizer: Meu pai está morto; há quinze dias que o sei. Com efeito, seu pai e seu irmão, estando em Paris, desciam os Campos Elíseos numa viatura, o cavalo se enfureceu, a viatura foi quebrada, o pai morto e o irmão dali foi tirado com algumas contusões. Estes fatos são positivos, atuais, e não dirão que são lendas da Idade Média. Que cada um recolha as suas lembranças, e ver-se-á que são mais freqüentes do que não se crê. Perguntamos se têm algum dos caracteres da alucinação. Pedimos igualmente aos materialistas para dar uma explicação do fato relatado no artigo seguinte.

Uma aparição providencial

Revista Espírita, julho de 1861

Leu-se no *Oxford Chronicle* de 1º de junho de 1861:

"Em 1828, um navio que fazia as viagens de Liverpool a New Brunswick tinha por imediato um Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos de Newfoundland, o capitão e o imediato calcularam em um dia sua rota, o primeiro em sua cabine e o segundo no quarto ao lado; as duas peças estavam dispostas de maneira que se podia ver e se falar de uma para a outra. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão subiu para a ponte; sem olhar, disse-lhe: Eu encontro tal longitude; como é a vossa? Não recebendo resposta, repetiu sua pergunta, mas inutilmente. Ele avança então para a cabine e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo sobre a sua ardósia. O indivíduo se voltou, olhou Bruce fixamente, e este, terrificado, se lançou para a ponte. -Capitão, disse ele quando encontrou este último, quem pois está na vossa escrivaninha neste momento em vossa cabine? -Mas ninguém, eu presumo. - Eu vos certifico que há um estranho. - Um estranho! Sonhais, senhor Bruce; quem ousaria se meter em meu gabinete sem minhas ordens? Talvez vistes o contra-mestre ou o intendente. -Senhor, é um homem sentado em vossa poltrona e que escreve sobre a vossa ardósia. Ele me olhou na face, e o vi distintamente ou jamais vi ninguém neste mundo. - Ele! Quem? - Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, não vi em outra parte. - Tornastes-vos louco, senhor Bruce; um estranho! E eis seis semanas que estamos no mar. - Eu o sei, e, entretanto, eu o vi. - Pois bem! Ide ver quem é. - Capitão, sabeis que não sou poltrão; não creio em fantasmas; entretanto, confesso que não desejo vê-lo sozinho em frente; gostaria que para ali fôssemos os dois. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. - Vedes bem, disse ele, que sonhastes. - Não sei como isso ocorreu, mas vos juro que estava ali há pouco e que escrevia sobre a vossa ardósia. - Nesse caso ali deve haver alguma coisa escrita. Ele tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi ao nordeste*. Tendo feito escrever essa mesmas palavras por Bruce, e por todos os homens da tripulação que sabiam escrever, constatou que a escrita não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não se descobriu nenhum estranho. O capitão, tendo consultado para saber se deveria seguir esse aviso misterioso, decidiu-se a mudar a direção e navegou para o nordeste, depois de colocar na vigia um homem seguro. Pelas três horas um pedaço de gelo foi assinalado, depois um navio desmastrado sobre o qual se viam vários homens. Chegando mais perto, soube-se que o navio havia rompido, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram embarcações para recolhê-los; mas, no momento em que chegavam a bordo, os Sr. Bruce, com grande estupefação, reconheceu entre os náufragos o homem que vira na cabine do capitão. Logo que a confusão se acalmou e que o navio retomou a sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: - Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia sobre a vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar; ei-lo; eu o jurarei diante da justiça.

"O capitão indo até esse homem, convidou-o a descer em sua cabine e pediu-lhe para escrever sobre a ardósia, do lado oposto àquele onde se encontrava a escrita misteriosa: *Dirigi ao nordeste*. O passageiro, intrigado com esta pergunta, não se conformou de nenhum modo com isso. O capitão, tendo pegado a ardósia, virou-a sem disfarçar, e mostrando ao passageiro as palavras escritas precedentemente, disse-lhe: - Está bem aí a vossa escrita? - Sem dúvida, uma vez que acabo de escrever diante de vós. - E esta? acrescentou ele mostrando-lhe o outro lado. - Também esta é minha escrita; mas não sei como ela se fez, porque não escrevi senão de um lado. - Meu imediato, que aqui está, pretende vos ter visto

hoje, ao meio-dia, sentado diante desta escrivaninha e escrevendo estas palavras. - É impossível, uma vez que não me conduziram sobre este navio senão há um instante.

"O capitão do navio naufragado, perguntado sobre esse homem, e sobre o que poderia ter se passado de extraordinário nele na manhã, respondeu: - Eu não o conheço senão como um de meus passageiros; mas um pouco antes do meio-dia, ele caiu num sono profundo do qual não saiu senão depois de uma hora. Durante seu sono, ele expressou a confiança de que seríamos logo libertados, dizendo que se via a bordo de um navio do qual ele descreveu a espécie e os petrechos, em tudo conforme com aquilo que vimos alguns instantes depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava nem deter sonhado, nem de ter escrito o que quer que seja, mas somente que tinha conservado do sonho um pressentimento do qual não se dava conta, de que um navio vinha em seu socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo que está sobre este navio me parece familiar, e, todavia, estou muito seguro de nunca aqui ter vindo. Lá em cima o senhor Bruce contou-lhe as circunstâncias da aparição que tivera, e concluíram que esse fato fora providencial.

Esta história é perfeitamente autêntica; o senhor Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que a narrou igualmente em sua obra, cercou-se de todos os documentos que podem constatar-lhe a veracidade. Perguntamos se ela tem algum caráter da alucinação? Que a esperança, que não abandona jamais os infelizes, haja seguido o passageiro em seu sono, e fê-lo sonhar que seriam socorridos, isto se concebe; a coincidência do sonho com o socorro poderia ainda ser um efeito do acaso; mas como explicar a descrição do navio? Quanto ao Sr. Bruce, está certo que ele não sonhava; se a aparição fora uma ilusão, como explicar essa semelhança com o passageiro? Se foi ainda o acaso, a escrita sobre a ardósia é fato material. De onde viera o conselho, dado por esse meio, de navegar na direção dos naufragos, contrariamente à rota seguida pelo navio? Que os Srs. alucionacionistas consentam em nos dizer como, com seu sistema exclusivo, poderão dar razão a rodas essas circunstâncias. Nos fenômenos espíritas provocados, eles têm o recurso de dizer que há fraude; mas aqui é quase provável que o passageiro haja desempenhado uma comédia. É nisso que os fenômenos espontâneos, quando são apoiados sobre testemunhos irrecusáveis, são de muito grande importância, porque não se pode suspeitar de nenhuma conivência.

Esse fato, para os Espíritas, nada tem de extraordinário, porque disso eles se dão conta; aos olhos dos ignorantes parecerá sobrenatural, maravilhoso; para quem conhece a teoria do perispírito, da emancipação da alma entre os vivos, ele não sai das leis da Natureza. Um crítico se divertiu muito com a história do Homem da tabaqueira, que narramos na *Revista* do mês de março de 1859, dizendo que era efeito da imaginação da senhora enferma; que tem ela de mais impossível do que esta? Os dois fatos se explicam exatamente pela mesma lei que rege as relações do Espírito e da matéria. Perguntamos, além disso, a todos os Espíritas que estudaram a teoria dos fenômenos, se, lendo o fato que acabamos de narrar, sua atenção não é imediatamente levada sobre a maneira pela qual ele deve ter-se produzido; se não o são explicados; se, dessa explicação, não concluíram na possibilidade, e se, em consequência dessa possibilidade, não lhe interessaram mais do que se tivessem que aceitá-lo unicamente com os olhos da fé, sem a isso juntar o assentimento de sua inteligência? Aqueles que o censuram por ter dado essa teoria, esquecem que ela é o resultado de longos e pacientes estudos, que poderiam ter feito como nós, trabalhando tanto quanto o fizemos e o fazemos todos os dias; que dando os meios de se dar conta desses fenômenos, a eles demos uma base, uma razão de ser que deteve mais de um crítico, e contribuiu, por uma grande parte, para propagação do Espiritismo, tendo em vista que se aceita, com mais boa vontade, o que se compreende do que o que não se compreende.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, julho de 1861

Os amigos não nos esquecem no outro mundo.

Um dos nossos assinantes nos transmite a conversa seguinte que teve com um de seus amigos, cuja perda lhe fora muito sensível, por intermédio de um médium estranho, não sendo ele mesmo médium. Além da elevação notável dos pensamentos, ver-se-á a prova de que os laços formados sobre a Terra, quando são sinceros, não são rompidos pela morte.

Primeira conversa, em 28 de dezembro de 1860.

1. Evocação. Prece ao Espírito de Jules P..., que me foi tão querido, para consentir comunicar-se comigo. - R. Caro amigo, venho a teu chamado; venho com tanto mais solicitude quanto não podia esperar comunicar-me contigo senão num tempo ainda recebido pela vontade de Deus. Quanto me é doce ver esse tempo abreviado pela tua vontade, e poder te dizer quanto a prova que sofri sobre a Terra serviu para o meu adiantamento! Embora errante ainda, me sinto muito feliz, sem outro pensamento senão o entusiasmo pelas obras de Deus, que me permite gozar de todos os prodígios que ele tenha a bondade de deixar à minha disposição, deixando-me esperar uma reencamação num mundo superior, onde seguirei a gradação afortunada que me elevará à suprema felicidade. Possas, caro amigo, ouvindo-me, ver em minhas palavras um presságio do que te espera! Eu virei, no último dia, tomar-te pela mão para te mostrar o caminho que já percorri, desde algum tempo, com tanta alegria. Encontrar-me-ás como guia, como na vida terrestre me encontrastes como amigo fiel.

2. Que eu possa contar com o teu concurso, caro amigo, para chegar ao objetivo feliz que me deixastes entrever?"- R. Ficai tranqüilo; eu farei o meu possível para te fazer avançar nesse caminho onde ambos nos reencontraremos, com tanta emoção e prazer; eu virei, como outrora, dar-te todas as provas de bondade de coração, às quais fostes sempre tão sensível.

3. Devo concluir de tua linguagem que és mais feliz do que não o eras quando de tua última existência? - R. Sem contradita, meu amigo, muito feliz, não poderia bastante repeti-lo. Que diferença! Não mais tédio, não mais tristeza, não mais sofrimentos corpóreos e morais; e, com isso a visão de tudo o que nos foi caro! Frequentemente estive contigo, ao teu lado; quantas vezes eu te segui em tua liça! Eu te via quando tu não me supunhas tão perto de ti, tu que me acreditavas perdido para sempre. Meu querido amigo, a vida é preciosa para o Espírito; tanto mais preciosa quanto ela é doce e pode fazê-la servir, como sobre a Terra, para o seu adiantamento celeste. Fica bem persuadido de que tudo concorda nos decretos divinos para tornar as criaturas de Deus mais felizes, e que basta, de sua parte, ter um coração para amar, e curvar a cabeça para ser humilde; eleva-se então mais alto do que se

poderia esperar.

4. Que desejos de mim que possa te dar prazer? - R. Teu pensamento revestido de uma flor.

Nota. Uma discussão tendo se estabelecido sobre o sentido desta resposta, o Espírito acrescentou:

Quando eu digo que o pensamento revestido de uma flor, digo que colhendo flores, deves pensar algumas vezes em mim. Compreendes que quero, tanto quanto possível, me reproduzir sob um de teus sentidos, atingindo-te agradavelmente.

5. Adeus, caro amigo; aproveitarei com prazer a próxima ocasião que tiver para te evocar. - R. Eu te esperarei com impaciência. Até breve, caro amigo.

Segunda conversa, em 31 de dezembro.

6. Evocação. Novo pedido ao meu amigo para que consinta dar-me uma comunicação, no interesse de minha instrução. - R. Eis-me aqui de novo, caro amigo; eu não peço mais do que vir dizer-te, ainda uma vez, o quanto me foste caro. Disso quero te dar uma prova me elevando às mais altas considerações. Sim, meu amigo, a matéria não é nada; tratai-a duramente; não temas nada, o Espírito é tudo; só ele se perpetua e não deve jamais cessar de viver, nem de percorrer os caminhos que Deus lhe traça. Ele se detém, por vezes, nas bordas escarpadas para retomar alento; mas quando volta os olhos para o Criador, ele retoma coragem e supera rapidamente as dificuldades que encontra, se eleva, e admira a bondade de seu senhor que lhe distribui na medida as forças das quais tem necessidade. Então avança; o céu se apresenta aos seus olhos, ao seu coração; ele caminha, e logo torna-se digno do destino celeste que entrevê. Caro amigo, não temas mais nada; sinto em mim a coragem dobrada, as forças decuplicadas, desde que deixei a vossa Terra; não duvido mais da felicidade predita que, comparada àquilo que desfruto, será tão superior quanto a mais brilhante das pedras preciosas o é ao mais simples anel. Assim, vê quanto há de grandeza nas vontades celestes, e que será bem difícil para os humanos apreciá-las, pesar-lhes os resultados! A vossa linguagem também nos serve dificilmente, quando queremos exprimir o que deve vos parecer incompreensível.

7. Nada tens a acrescentar ao belos pensamentos que acabas de exprimir? - R. Sem dúvida não terminei; mas quis te dar uma prova de minha identidade. Quando quiseres, dar-te-ei novas.

Nota. Essas provas de identidade são aqui todas morais e não ressaltam de nenhum sinal material, nem de nenhuma dessas perguntas pueris que algumas pessoas fazem freqüentemente com esse objetivo. As provas morais são as melhores e as mais seguras, tendo em vista que os sinais materiais podem sempre serem imitados por Espíritos enganadores; aqui, o Espírito se fez reconhecer pelos seus pensamentos, seu caráter, a elevação e a nobreza do estilo. Um Espírito enganador poderia certamente tentar imitá-las sob esse aspecto, mas isso não seria jamais senão uma imitação grosseira, e como o fundo faltaria nela, não poderia imitar senão a forma, e, aliás, não poderia sustentar por muito tempo o seu papel. 8. Uma vez que estás nessa disposição benevolente, ficaria feliz em aproveitá-la agora, e pedir-te para consentir em continuar. -R. Eu te direi: abre o livro de teus destinos; o Evangelho, meu amigo, te dará a compreender muitas coisas que eu não saberia exprimir. Deixa a letra; toma o espírito desse livro sagrado, e nele encontrarás todas

as consolações que são necessárias ao teu coração. Não te inquietes com termos obscuros; procura o pensamento, e o teu coração interpretará como deve interpretá-lo. Estou agora mais a par, e confesso o erro que nós, Espíritos, fizemos em considerá-lo tão friamente quando vivos. Reconheço, hoje, que felizmente servi para meu coração, entendendo mais os ensinamentos preciosos que o Divino Mestre nos deixou, teria podido nele haurir mais recursos que me escaparam.

9. Obrigado e adeus, caro amigo; aproveitarei com prazer a primeira ocasião de te evocar. -
R. Virei então como vim, hoje, não duvides disso; farei com o meu melhor.

Correspondência

Revista Espírita, julho de 1861

Carta do Presidente da Sociedade Espírita do México.

México, 16 de abril de 1861.

Ao senhor Allan Kardec, em Paris.

Senhor,

Meu amigo, Sr. Viseur, na sua penúltima carta, manifestou-me o desejo de que experimentásseis conhecer o objetivo e as tendências da Sociedade Espírita que eu presido no México. É com o maior prazer, e a mais viva simpatia pelas vossas profundas luzes com respeito a essa matéria, que vos dirijo esta curta exposição do histórico do Espiritismo neste país, rogando-vos considerar a nossa fraca experiência, mas também de nos contar entre vós como fervorosos adeptos.

Muito tempo depois de vós, senhor, tivemos a felicidade de conhecer esta doce verdade, que os Espíritos ou almas de pessoas mortas podem comunicar-se com os vivos. Apesar de umas publicações vindas do Norte, nossa atenção e nossa curiosidade não estando despertas, e não nos demos a pena de procurar o que se entendia pelas manifestações espirituais; não foi senão vosso *O Livro dos Espíritos*, chegado felizmente entre nós, que nos fez abrir os olhos e nos convenceu da realidade dos fatos que se propagam com tanta rapidez sobre todos os pontos do globo, fazendo-nos compreendê-lo. Começamos, então, a fazer pesquisas e experiências, tomando a tarefa de nos formar, por um trabalho constante, para receber as manifestações. Os conselhos que haurimos no vosso excelente livro nos fizeram conhecer esta grande verdade, que, depois da morte, a alma existe, e que podemos nos comunicar com aquelas que nos foram queridas sobre a Terra.

Eu não renderia homenagem à verdade, se vos dissesse que fomos os primeiros aqui a ter conhecimento das manifestações; várias pessoas de nossa cidade delas já se ocupavam, o que não soubemos senão mais tarde. O princípio da reencarnação foi aquele que mais nos admirou à primeira vista, mas as nossas comunicações com os Espíritos de uma ordem que reconhecemos, pela sua linguagem, por seres superiores, não nos permitiram duvidar de uma crença que tudo prova estar na ordem das coisas e conforme a onipotente justiça de Deus. Um fato que prova a bondade e a superioridade dos Espíritos que nos assistem é que restituem a saúde àqueles que sofrem corporalmente, e a calma e a resignação às aflições espirituais. A simples lógica nos diz que o bem não pode vir senão de uma boa fonte; mas seríamos muito presunçosos colocando-nos como campeões capazes dessa sublime doutrina; a vós, senhor, pertence o direito de nos esclarecer, como o provam os trabalhos saídos do seio de vossa Sociedade.

Formamos uma sociedade composta de membros experimentados na crença espírita, e recebemos em nosso seio todo indivíduo que quer ser esclarecido. As leis fundamentais que nos regem são a unidade de princípios, a fraternidade entre os membros, e a caridade para todo aquele que sofre. Eis, senhor, como as idéias espíritas se difundiram neste país, e,

podemos dizê-lo com satisfação, se propagaram além de nossas esperanças. Se julgais a propósito consentir nos guiar pelos vossos bons conselhos, recebê-los-emos sempre; com um vivo reconhecimento e como um testemunho de simpatia de vossa parte. Aceitai, etc.

CH. GOURGERS.

No mesmo dia em que nos chegou esta carta do México, recebemos a seguinte de Constantinopla.

Constantinopla, 28 de maio de 1861.

Ao senhor Allan Kardec, diretor da Revista Espírita.

Senhor,

Permiti-me vir, tanto em meu nome pessoal quanto em nome de meus amigos e irmãos Espiritualistas desta cidade, vos oferecer dois pequenos presentes, como lembrança, não de pessoas que não conheceis ainda, e que não têm a honra de vos conhecer senão pelas vossas obras, mas aceitai-os em testemunho dos sentimentos de confraternização que devem unir os Espiritualistas de todos os países. Aceitá-los-eis, também, porque são uma prova de fenômenos tão sublimes quanto extraordinários do Espiritismo. Aceitá-los-eis, e fareis as honras de um quadro à nossa boa Sofia, porque é em seu nome e em nome de sua irmã Angélica, que o Espiritismo se desenvolve e se propaga em Constantinopla, esta capital do Oriente, tão comovente pelas suas lembranças históricas. Verdadeira torre de Babel, é a cidade que reúne todas as seitas religiosas, todas as nações, e na qual se falam todas as línguas. Figurai-vos o Espiritismo se propagando de repente no meio de tudo isso... que imenso ponto de partida! Somos ainda em pequeno número, mas esse número aumenta todos os dias e faz a bola de neve; espero que dentro em pouco nos contaremos às centenas.

As manifestações obtidas por nós, até este dia, são o erguimento de mesas, das quais uma, de mais de cem quilos, se elevou, leve como uma pluma, acima das nossas cabeças; as pancadas dadas pelos Espíritos; os raptos, etc. Estamos nas aparições de Espíritos, visíveis para todos; conseguiremos isso? Eles nos prometeram: nós esperamos. Temos já um grande número de médiuns escreventes; outros fazem desenhos; outros compõem trechos de música, então mesmo quando ignoram essas diferentes artes. Vimos, seguimos e estudamos diferentes Espíritos de todos os gêneros e de todas as qualidades. Alguns de nossos médiuns têm visões, êxtases; outros executam mediunicamente ao piano músicas inspiradas pelos Espíritos. Duas jovens senhoritas, que nunca nada viram nem leram do magnetismo, magnetizam todas as espécies de males, pela ação dos Espíritos, que as fazem agir da maneira mais científica.

Eis, Senhor, um resumo do que fizemos em Espiritismo até este dia. Para melhor vos fazer julgar de nossos trabalhos em revelações espirituais, eis o resultado de algumas sessões por meio da mesa.

(Seguem-se em diversas comunicações morais de uma ordem muito elevada, das quais a Sociedade ouviu a leitura com o mais vivo interesse.)

Se achardes que essas revelações podem interessar à propagação da nova ciência Espiritualista ou Espírita, porque, para mim como para meus amigos, o título não faz absolutamente nada à coisa, da qual não muda nem a forma nem o fundo, eu terei prazer de

enviar-vos algumas sessões instrutivas, ao mesmo tempo que concludentes, do ponto de vista da prova das manifestações espirituais.

Logo, todos os Espiritualistas não deverão formar senão um único feixe, uma só e mesma família. Não somos todos irmãos e filhos do mesmo pai, que é Deus? Eis os primeiros princípios que os Espiritualistas devem pregar ao gênero humano, sem distinção de classe, de país, de língua, de seita nem de fortuna.

Aceitai, etc.

REPOS, advogado.

Esta carta estava acompanhada de um desenho representando uma cabeça de tamanho natural muito corretamente executada, embora o médium não saiba desenhar, e de um trecho de música, palavras, canto e acompanhamento de piano, intitulado: *O Es-piritualismo*; e tudo com essa dedicatória: "Oferta em nome dos Espiritualistas de Constantinopla ao Sr. Allan Kardec, diretor da *Revista Espírita*, em Paris."

No trecho de música, só o canto e as palavras foram obtidos por via mediúnica; o acompanhamento foi feito por um artista.

Se publicássemos todas as cartas de adesão que recebemos, ser-nos-ia necessário a isso consagrar volumes. Ver-se-iam milhares de vezes repetidas a expressão de um tocante reconhecimento para com a Doutrina Espírita. Muitas dessas cartas, aliás, são muito íntimas para serem comunicadas. As duas que reproduzimos acima têm um interesse geral, como prova a extensão que, de todos os lados, toma o Espiritismo, e do ponto de vista sério sob o qual ele é agora encarado, muito longe, como se vê, do divertimento das mesas girantes; por toda parte compreendem-lhe as conseqüências morais, e o consideram como uma base providencial das reformas prometidas à Humanidade. Estamos felizes em dar por ali um testemunho de simpatia e um encorajamento aos nossos confrades distantes. Esse laço, que já existe entre os Espíritos dos diferentes pontos do globo, e que se não conhece senão pela conformidade da crença, não é um sintoma daquilo que será mais tarde? Esse laço é uma conseqüência natural dos princípios que decorrem do Espiritismo; não pode ser rompido senão por aqueles que lhe desconhecem a lei fundamental: a caridade para com todos.

Os desenhos misteriosos

Revista Espírita, julho de 1861

Novo gênero de mediunidade.

Sob este título, o *Herald of progress*, de Nova Iorque, jornal consagrado às matérias espiritualistas, sob a direção de Andrew Jackson Davis, contém o relato seguinte:

"No dia 22 de novembro último, o doutor Hallock foi convidado, com outras pessoas, para a casa da senhora French, nº 8, 4ª avenida, para ser testemunha de diferentes manifestações espíritas, e ver as evoluções de um lápis. Pelas oito horas, a Sra. French deixou o quarto onde a companhia estava reunida e sentou-se sobre um canapé num quarto ao lado; ela não deixou seu assento durante toda a noite. Pouco depois que ela se sentou parece ter estado numa espécie de êxtase, seus olhos fixos e desvairados. Ela pediu ao doutor Hallock e ao professor Britton para examinarem o quarto. Encontram sobre a cama em frente ao lugar onde ela estava sentada uma pasta para papéis fechada com uma fita de seda e uma garrafa contendo vinho para servir na experiência; o papel que deveria servir para fazer os desenhos estava na pasta. Fomos convidados, disse o doutor Hallock, a não tocar na pasta nem na garrafa. Vários lápis e dois pedaços de borracha elástica estavam igualmente sobre o leito, mas no resto do quarto não se encontravam nem desenho nem papel. Depois dessa procura, o Sr. Cuberton foi rogado, pela Sra. French, a tomar a pasta, levá-la ao quarto ocupado pelos convidados, abri-la e tirar-lhe o conteúdo. Havia papel comum, dos quais seis folhas de diferentes tamanhos foram tomadas das mãos do Sr. Cuberton pela Sra. French e colocadas sobre uma mesa, que estava diante dela. Esta pediu alfinetes, e pegando uma faixa de papel de cinco ou seis polegadas de comprimento que colocou sobre a borda inferior do papel, prendeu as duas bordas do papel à faixa. Feito isso, uma pessoa foi rogada a pegar o papel e de fazê-lo examinar pela sociedade, a reter a faixa e os alfinetes e lhe devolver a folha. A mesma coisa foi feita para as outras folhas, e cada vez os alfinetes eram colocados em número e em lugares diferentes, e cada folha remetida a uma outra pessoa, com o objetivo de reconhecer o papel por meio dos traços que deveria corresponder aos das faixas. Sendo examinadas todas as folhas e devolvidas à Sra. French, o Sr. Cuberton pediu o vinho e lhe deu. Ela posou as folhas sobre a mesa, derramou sobre cada uma quantidade de vinho suficiente para molhá-la inteiramente, estendendo-a com a palma da mão. Em seguida ela se ocupou em secá-las, espremendo as folhas uma por uma, rolando-as, soprando em cima e agitando-as no ar. Isso durou alguns minutos; depois ela fez abaixar a mecha da lâmpada e aproximar os convidados. É necessário dizer que, durante a operação da molhadura, uma das folhas de papel se tornou muito seca, e que foi necessário recomeçar a operação. (O vinho era uma simples mistura de suco de uva e de açúcar, autorizado pelo Estado, e produção da Nova Inglaterra.) A Sra. French fez então reintegrar a luz e pediu às pessoas para virem sentar-se junto da porta onde ela estava: o Sr. Gurney, o professor Britton, o doutor Warner e o doutor Hallock estavam a seis pés dela, e os outros em plena vista.

"Colocando uma das folhas de papel sobre a mesa diante dela, dispôs vários lápis entre seus dedos; o doutor Hallock não a perdia de vista, assim como prometera fazê-lo. Estando tudo pronto, a Sra. French, para advertir que a experiência iria começar, gritou: *Time* (Tempo); então viu-se um movimento rápido da mão, e durante um momento duas mãos; ouviu-se um ruído vivamente repetido sobre o papel; os lápis e o papel foram lançados a alguma distância sobre o soalho, como por um movimento nervoso; isso durou vinte e um segundos. O

desenho representa um buquê de flores, consistindo em jacintos, lírios, tulipas, etc.

"Operaram-se sucessivamente sobre as outras folhas. O nº 2 é também um número de flores. O nº 3 é um muito bonito cacho de uvas com seu talo, suas folhas, etc.; foi feito em vinte e um segundos. O nº 4 é um caule e folhas com cinco grupos de frutas semelhantes aos damascos; as folhas são uma espécie de feto. Quando se preparava para esta folha, a Sra. French perguntou quanto tempo se lhe dava para a execução; uns disseram dez segundos, outros menos. Bem, disse a Sra. French, quando eu disser: *um*, olhai em vossos relógios; na palavra *quatro*, o desenho estará acabado. Atenção! Um, dois, três, quatro, e o desenho foi feito, quer dizer, em quatro segundos. O nº 5 representa um ramo de groselheira, do qual partem doze cachos de groselhas verdes com folhas e flores, cercado de folhas de uma outra espécie. Este desenho foi apresentado pela senhora French, estando em êxtase, ao Sr. Bruckmaster, de Pittsburg, como vindo do Espírito de sua irmã, em execução da promessa que esse Espírito lhe fizera. O tempo empregado foi de dois segundos. O nº 6 que, talvez, pode ser considerado como uma obra-prima da série, é um desenho de 9 polegadas por 4; consiste de flores e folhas em branco sobre fundo sombreado; quer dizer, que o desenho é da cor natural do papel, os contornos marcados e os interiores coloridos pelo lápis. Salvo outros dois desenhos produzidos da mesma maneira em uma outra ocasião, eles são sempre com lápis sobre o fundo branco. No centro desse grupo de flores, e ao pé da página, está uma mão tendo um livro aberto de 1 polegada e um quarto por três quartos; os cantos não estão exatamente em ângulos direitos; mas o que é muito curioso, os furos dos alfinetes feitos primitivamente para reconhecer o papel, marcam os quatro cantos do livro. Sobre o alto esquerdo da página está escrito: *Galatians vi*, e em seguida os seis primeiros versículos e uma parte do décimo sexto desse capítulo que cobrem quase as duas páginas inteiras em caracteres muito legíveis com uma boa luz, a olho nu, ou com uma lupa. Contam-se mais de cem palavras bem escritas. O tempo empregado foi treze segundos. Quando se constatou a coincidência dos furos do papel com os da faixa, a senhora French, ainda em êxtase, pediu às pessoas presentes que certificassem por escrito o que elas acabavam de ver. Então escreveu-se na margem do desenho o que se segue: "Executado em treze segundos, em nossa presença, pela senhora French; certificado pelos abaixo-assinados, 22 de novembro de 1860, nº 8, 4ª avenida. Seguem-se dezenove assinaturas."

Não temos nenhum motivo para duvidar da autenticidade do fato, nem para suspeitar da boa fé da Sra. French, que não conhecemos; mas convir-se-á que essa maneira de proceder teria alguma coisa de pouco convincente para os nossos incrédulos, aos quais não faltariam objeções a fazer, e que diriam que todos esses preparativos têm muito um ar de família com os da prestidigitação que faz as mesmas coisas sem tantos embaraços aparentes; confessamos estar um pouco com a sua opinião. Que os desenhos foram produzidos, é incontestável; só a origem não nos parece provada de maneira autêntica. Qualquer que ela seja, admitindo-se que não houve nenhuma fraude, é sem contradita um fato dos mais curiosos *de escrita e de desenhos diretos*, dos quais a teoria nos explica a possibilidade. Sem essa teoria, semelhantes fatos seriam à primeira vista relegados entre as fábulas ou os torneios de escamoteação; mas por isso mesmo que ela nos fez conhecer as condições nas quais os fenômenos podem produzir-se, ela deve nos tomar tanto mais circunspectos para não aceitá-los senão conscientemente.

Os médiuns americanos têm, decididamente, uma especialidade para a produção de fenômenos extraordinários, porque os jornais do país estão cheios de uma multidão de fatos desse gênero, dos quais os nossos médiuns europeus estão longe de se aproximarem; também diz-se, do outro lado do Atlântico, que nós estamos ainda muito atrasados em *Espiritismo*. Quando perguntamos aos Espíritos a razão dessa diferença, eles nos responderam: "A cada um seu papel; o vosso não é o mesmo, e Deus não vos deu a menor

parte na obra regeneradora." A considerar o mérito dos médiuns, do ponto de vista da rapidez da execução, da energia e do poder dos efeitos, os nossos são pálidos ao lado daqueles, e, todavia, conhecemos muitos deles que não mudariam, as simples e consoladoras comunicações que obtêm, contra os prodígios de médiuns americanos; elas bastam para lhes dar a fé, e preferem o que toca a alma ao que fere os olhos; a moral que consola e torna melhor aos fenômenos que todos admiram. Por um instante na Europa preocuparam-se com fatos materiais; mas logo foram negligenciados pela filosofia que abre um campo mais vasto ao pensamento, e tende ao objetivo final e providencial do Espiritismo: a regeneração social. Cada povo tem seu gênio particular e suas tendências especiais, e que cada um, nos limites que lhes são assinalados, concorre aos objetivos da Providência. O mais avançado será aquele que caminhar mais depressa na via do progresso moral, porque é este que mais se aproximará dos desígnios de Deus.

Exploração do Espiritismo

Revista Espírita, julho de 1861

A América do Norte reivindica, a justo título, a honra de ser a primeira, nestes últimos tempos, a revelar as manifestações de além-túmulo; por que é necessário que ela seja também a primeira a dar o exemplo do tráfico, e que nesse povo, tão avançado em tantos aspectos, e tão digno de nossas simpatias, o instinto mercantil não seja detido no limiar da vida eterna? Que se leiam seus jornais, e ver-se-ão, em cada página, anúncios como este:

"Mistress S.E. Royers, sonâmbula, médium-médica, cura psicologicamente por simpatia. Tratamento comum, se necessário. -Descrição da aparência, da moralidade e do Espírito das pessoas.

Das dez horas ao meio-dia; das duas às cinco; das sete às dez da noite; às quartas-feiras, sábados e exceto domingos, se não for por, assinatura. Preço 1 dólar por hora (5 fr. 42 c.)."

Pensamos que a simpatia desse médium, pelos seus doentes, deve estar em razão direta do número de dólares que se lhe são pagos. Cremos supérfluo dar os endereços.

"Mistress E.C. Morris, médium escrevente: das dez horas ao meio-dia; das duas às quatro; das sete às nove da noite."

"J.B. Conklin, médium; recebe os visitantes todos os dias e todas as noites nos seus salões. Atende-se a domicilio."

"A.C. Styles, médium lúcido, garante o diagnóstico exato da enfermidade da pessoa presente, sob perda dos honorários. Regras que são estritamente observadas: Para um exame lúcido e as prescrições, quando a pessoa está presente, 2 dol. para descrições psicométricas dos caracteres, 3 dol. Não esquecer que as consultas são pagas adiantadamente."

"Aos amantes do Espiritualismo. Mistress Beck, médium crisíaca, falante, soletradora, por pancadas e raspaduras. Os verdadeiros observadores podem consultá-la das nove horas da manhã às dez horas da noite, em sua casa. Um médium batedor muito poderoso está associado à mistress Beck."

Crê-se que esse comércio não seja o fato senão de obscuros e ignorantes especuladores? Eis o que prova o contrário:

"O doutor G.A. Redman, médium experimentado, está de volta à cidade de Nova Iorque; é encontrado em seu domicílio onde recebe como outrora."

O tráfico do Espiritualismo estendeu-se até aos objetos usuais; assim é que lemos no *Spiritual Telegraph*, de Nova Iorque, o anúncio de "*fósforos espirituais*; nova invenção sem esfregões e sem odor."

O que é mais honroso para o país do que esses anúncios, é o artigo adiante que encontramos

no *Weekly American*, de Baltimore, de 5 de fevereiro de 1859.

"*Estatística do Espiritualismo*. O *Spiritual Register*, de 1859, estima o número de Espiritualistas dos Estados Unidos em 1.284.000. Em Maryland há 8.000 deles. O número total no mundo está avaliado em 1.900.000. O *Register* conta 1.000 oradores espiritualistas, 40.000 médiuns, tanto públicos como privados; 500 livros e brochuras, 6 jornais hebdomadários, 4 mensais e 3 semi-mensais consagrados a essa causa."

Os médiuns especuladores ganharam a Inglaterra; contam-se em Londres vários que não tomam menos de um guinéu por sessão. Esperamos que, se tentarem se introduzir na França, o bom senso dos verdadeiros Espíritos lhes fará justiça.

A produção de efeitos materiais excita mais a curiosidade do que toca o coração; daí, nos médiuns que têm uma aptidão especial para obter esses efeitos, uma propensão a explorar essa curiosidade; aqueles que não têm senão comunicações morais, de uma ordem elevada, têm uma repugnância instintiva por tudo o que cheira a especulação nesse gênero. Há por isso, entre os primeiros, um duplo motivo: é primeiro que a exploração da curiosidade é mais lucrativa, porque os curiosos são muitos em todos os países; em segundo lugar, porque os fenômenos físicos agem menos sobre o moral, há neles menos escrúpulo; sua faculdade é, aos seus olhos, um dom que deve fazê-los viver, como uma bela voz para o cantor; a questão moral é secundária ou nula. Também, uma vez entrados nesse caminho, a atração do ganho desenvolve o gênio da astúcia; como é necessário ganhar seu dinheiro, não se quer falhar na sua reputação de habilidade ficando para trás. Aliás, quem sabe se o cliente que vem hoje virá amanhã? É necessário, pois, satisfazê-lo a todo preço, e se o Espírito não dá nada, vem-se em sua ajuda, o que é muito de outro modo fácil para os fatos materiais do que para as comunicações inteligentes de uma alta importância moral e filosófica; a prestidigitação tem para os primeiros recursos que fazem absolutamente falta para os outros. Eis porque dizemos que, antes de tudo, é necessário considerar a moralidade do médium; que a melhor garantia contra a fraude está no seu caráter, sua honradez, seu desinteresse absoluto; por toda parte onde desliza a sombra do interesse, por mínimo que seja, se está em direito de suspeição. A fraude é sempre culpável, mas quando se prende às coisas da ordem moral, ela é sacrilégio. Aquele que, não conhecendo o Espiritismo senão de nome, procura imitar-lhe os efeitos, não é mais repreensível do que o saltimbanco que imita as experiências do sábio físico; melhor valeria, sem dúvida, que isso não ocorresse, mas em realidade ele não engana ninguém, porque não faz mistério de sua qualidade: não esconde senão os seus meios. De outro modo há aquele que conhece a santidade daquilo que arremeda no ignóbil objetivo de especulação; é mais do que da fraude, é a hipocrisia, porque dá-se por aquilo que não é; é ainda mais culpável se, possuindo em realidade algumas faculdades, delas se servem para melhor abusar da confiança que lhe são concedidas; mas Deus sabe o que lhe reserva talvez desde este mundo. Se os falsos médiuns não fizessem mal senão a si mesmos, não haveria senão semimal; o mais deplorável são as armas que fornecem aos incrédulos, e o descrédito que lançam sobre a coisa no espírito dos indecisos, desde que a fraude é reconhecida. Não contestamos as faculdades, mesmo poderosas, de certos médiuns mercenários, mas dizemos que a atração do ganho é uma tentação de fraude que deve inspirar uma desconfiança tanto mais legítima quanto não se pode ver, nessa exploração, o efeito de um excesso de zelo pelo único bem da coisa. Nisso não haveria mesmo fraude, a sua censura não deveria atingir menos aquele que especula sobre uma coisa tão sagrada quanto as almas dos mortos.

Variedades

Revista Espírita, julho de 1861

As visões do Sr. O.

Extraímos o relato seguinte do *Spiritual Magazine*, publicado em Londres, número de abril de 1861.

"O Sr. O..., gentil-homem de Gloucestershire, jamais tinha tido visões até o momento que veio morar em P..., em 3 de outubro de 1859. Em torno de quinze dias depois de sua chegada, começou a ver à noite; no início eram raios luminosos que vinham clarear seu quarto, passando pela janela; deu-lhes pouca atenção, atribuindo isso à lanterna de um vigilante ou a um longo relâmpago. Entretanto, uma noite em que fixava seus olhos sobre a parede de seu quarto, viu se formar uma rosa e em seguida estrelas de diversas formas. Uma outra noite viu, na misteriosa luz, dois anjos magníficos tendo uma trombeta. Naquela noite o Sr. O... se retirara mais cedo que de costume por causa de uma ligeira indisposição que sentira. A presença desses dois anjos, que durou um ou dois segundos, fê-lo sentir uma doce sensação, que durou mesmo depois de sua partida.

Na semana seguinte a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança abraçando um pequeno gato. Várias outras figuras apareceram do mesmo modo, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março, o perfil de uma senhora cercada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe, e gritou todo feliz: Minha mãe! Minha mãe! Mas essa visão desvaneceu-se logo. Na mesma noite, viu uma bela senhora, em roupa de cidade, com um chapéu na cabeça.

Uma ou duas noites depois ele viu um lindo e pequeno cão e um pequeno rapaz. Uma luz apareceu-lhe em seguida, semelhante àquela de uma janela cujo contorno não estava nitidamente marcado, o que se renovou quatro vezes, e as três primeiras vezes durante cerca de meio minuto. O Sr. O... se recolheu e procurou adivinhar o sentido dessa visão, e acreditou que ela significava que não tinha mais que três anos ou três meses para viver. A luz retornou ainda uma vez; o Sr. O... se levantou sobre seu assento e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

"Em 3 de abril ele viu uma luz fazendo o efeito de uma fonte luminosa, e no interior do quarto uma parte de figura de homem: só a frente, os olhos e o nariz eram visíveis; os olhos muito grandes e salientes olhavam-no fixamente. Isso desapareceu logo. Nas datas abaixo teve ainda as visões seguintes:

"4 de abril. - Rosto e busto de uma senhora sorrindo para duas crianças que se abraçavam uma na outra. Um pouco depois era o alto da cabeça de um homem, que o Sr. O... reconheceu pelos cabelos e a frente como um de seus amigos morto recentemente. - 27 de julho. - Uma mão dirigida para baixo. Isso apareceu primeiro sobre a parede como uma luz fosforescente e tomou gradualmente a forma de mão. Então viu uma cabeça de homem idoso pertencente a essa mão, e um pequeno pássaro cinzento de penas claras. Essa figura olhava-o com ar solene, mas desapareceu; nisso sentiu um certo medo e julgou tremer, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação de calor agradável. Viu também um rolo de papel sobre

o qual havia hieróglifos. - 12 de dezembro. Um pássaro em seu ninho dando bicadas em seus pequenos. - 13 de dezembro. - Duas cabeças de leopardos. - 15 de dº. - Um forte golpe que foi ouvido pela senhorita S... em seu quarto, e que despertou o Sr. O..., que dormia profundamente. - 16 de dº. - Um barulho de sinos ouvido também pela senhorita S... - Um anjo com uma pequena criança brilhante, que se transformaram em flores. - Uma cabeça de servo com grandes cornos. - 18 de dº. - Alguns rostos e duas pombas. - 1º de janeiro. - Um grande barco atrás do qual se eleva uma cabeça de criança gradualmente e acaba por voar para frente. - 3 de janeiro. - Um querubim e uma criança.

"Uma noite viu uma pintura representando uma soberba paisagem; era como uma abertura na obscuridade; via praias, árvores, etc., um homem e uma vaca. A mais bela claridade do sol iluminava essa paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que freqüentemente a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis, como em pleno dia; quando ela desaparece, tudo entra na obscuridade.

O Sr. O... teve muitas outras visões das quais negligenciou tomar nota."

Parece-nos que as há suficientes para nos permitir apreciá-las, e não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida sobre a causa e a natureza dos fenômenos espíritas possa considerá-las como verdadeiras aparições. Querendo se reportar ao primeiro artigo deste número, onde tentamos determinar o caráter da alucinação, compreender-se-á a analogia que elas têm com as figuras que se apresentam, freqüentemente, na sonolência, e que devem ter as mesmas causas. Disso estaríamos convencidos unicamente pela multidão de animais que ele viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseqüentemente, não pode haver aparições de animais, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal. O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las por toda a parte, e de tomar por tais os jogos de certas imaginações fáceis de exaltarem, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro; a minúcia mesmo com a qual o Sr. O... revela certas particularidades insignificantes é o indício da natureza das preocupações de seu Espírito.

Em resumo, não encontramos nada nas visões do Sr. O... que tenham o caráter de aparições propriamente ditas, e cremos que há muito inconveniente em dar semelhantes fatos sem comentários, e sem fazer prudentes reservas, porque se fornecem, sem o querer, armas à crítica.

Os Espíritos e a gramática.

Um grande erro gramatical foi descoberto em *O Livro dos Espíritos* por um profundo crítico, que nos dirigiu a nota seguinte:

"Li, na página 384, parágrafo 911, linha 23, do vosso *O Livro dos Espíritos*: "Há muitas pessoas que dizem: *Eu quero*; mas a vontade não está nos lábios; querem e estão bem satisfeitos que isso não seja." Se tivésseis colocado: "Elas querem e estão bem satisfeitas que isso não seja," não credes que o francês nisso ganharia? Estive tentado em crer que o vosso Espírito escritor protetor é um farsante que vos faz cometer faltas de linguagem. Apressai-vos em puni-lo e sobretudo corrigi-lo."

Lamentamos não poder dirigir os nossos agradecimentos ao autor dessa nota; mas foi sem

dúvida por modéstia, e para se subtrair aos testemunhos de nosso reconhecimento, que esqueceu de colocar seu nome e seu endereço, e que se limitou a assinar: *Um Espírito protetor da língua francesa*. Uma vez que parece que esse senhor, ou esse Espírito, se dá ao trabalho de ler as nossas obras, rogamos aos bons Espíritos consentirem em colocar nossa resposta sob seus olhos.

Fica evidente que esse senhor sabe que o substantivo *pessoa* é do feminino, e que os adjetivos e os pronomes concordam em gênero e em número com o substantivo ao qual se relacionam. Infelizmente, não se aprende tudo nas escolas, sobretudo com respeito à língua francesa; se esse senhor se declara o protetor da nossa língua, havia ultrapassado os limites da gramática de Lhomond, saberia que se encontra em flegnar da frase seguinte: *Embora essas três pessoas tivessem interesses bem diferentes ELES estavam todos, entretanto, ATORMENTADOS pela mesma paixão; e esta outra em Vaugelas: as pessoas consumidas na virtude têm, em todas as coisas, uma justiça de Espírito e uma atenção judiciosa que as impede de serem MALDIZENTES*; daí esta regra que se encontra na *Gramática normaldos Exames*, pelos Srs. Lévi Alvares e Rivailhade Boniface, etc.

"Emprega-se algumas vezes, *por silepse*, o pronome *il* para substituir o substantivo *personne*, embora esta última palavra seja feminina. Esse acordo não pode ocorrer senão quando, no pensamento, a palavra *personne* não represente exclusivamente as mulheres, e além disso quando a palavra *il* está bastante afastada dela para que o ouvido não seja chocado com isso."

A respeito do pronome *personne*, que é masculino, encontra-se a nota seguinte: "Entretanto, quando o pronome *personne* designa especialmente uma mulher, o adjetivo que a ele se relaciona pode se colocar no feminino; pode-se dizer: *Personne n'est plus JOLIE que Rosine* (Boniface).

Os Espíritos que ditaram a frase em questão não são, pois, completamente tão ignorantes quanto o pretende esse senhor; estamos mesmo tentados em crer que disso sabem um pouco mais que ele, embora, em geral, se irrite muito pouco com a exatidão gramatical, à maneira de mais de um de nossos sábios que não são todos a primeira força sobre a ortografia. *Moralidade*: É bom saber antes de criticar.

Qualquer que seja, para acalmar os escrúpulos daqueles que disso não sabem mais, e crêem a doutrina em perigo por uma falta de linguagem real ou suposta, mudamos essa concordância na quinta edição de *O Livro dos Espíritos* que vem de aparecer, uma vez que:

.... *Sem pena, aos rimadores temerários*

O uso ainda, eu creio, deixa a escolha dos dois.

É verdadeiro prazer ver o trabalho que se dão os adversários do Espiritismo para atacá-lo com todas as armas que lhes caíam à mão; mas o que há de singular é que, apesar da multidão de setas que lhe atiram, apesar das pedras que se semeiam em seu caminho, *apesar das armadilhas que se lhe estendem para fazê-lo desviar de seu objetivo*, ninguém ainda encontrou o meio de detê-lo em sua marcha, e que ganha um terreno desesperador para aqueles que crêem abatê-lo dando-lhe piparotes. Depois dos piparotes, os atletas do folhetim tentaram o imprevisto e desolador: com isso nem mesmo foi abalado, e não correu senão mais depressa.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, julho de 1861

Papel dos médiuns nas comunicações.

(Obtidas pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade.)

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer sejam mecânicos, semi-mecânicos, ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação com eles não variam essencialmente. Com efeito, nos comunicamos com os próprios Espíritos encarnados, como com os Espíritos propriamente ditos, unicamente pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não têm necessidade da vestimenta da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos lhes comunicar, unicamente pelo fato de dirigirmos esse pensamento a eles, e isso em razão de suas faculdades intelectuais; quer dizer, que tal pensamento pode ser compreendido por tais e tais, segundo o seu adiantamento, ao passo que em tais outros, esse pensamento não desperta nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo do seu coração ou do seu cérebro, não é perceptível para eles. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais próprio para dar nosso pensamento para outros encarnados, se bem que não o compreenda, que um Espírito desencarnado, e pouco avançado, não poderia fazê-lo, se fôssemos forçados a recorrer à sua intermediação; porque o ser terrestre coloca o seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer. Assim, quando encontramos num médium o cérebro equipado de conhecimentos adquiridos em sua vida atual, e o Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, próprios para facilitarem as nossas comunicações, dele nos servimos com preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil, do que com um médium cuja inteligência seria limitada, e cujos conhecimentos anteriores teriam ficado insuficientes. Vamos nos fazer compreender por algumas explicações claras e precisas.

Comum médium cuja inteligência atual, ou anterior, se encontre desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade própria da essência do próprio Espírito. Nesse caso encontramos no cérebro do médium os elementos próprios para revestir o nosso pensamento da roupa da palavra que corresponde a esse pensamento, e isso, mesmo que o médium seja intuitivo, semi-mecânico ou mecânico puro. E porque, qualquer seja a diversidade dos Espíritos que se comunicam a um médium, os ditados obtidos por ele, mesmo procedendo de Espíritos diversos, trazem uma marca de forma e de cor pessoal a esse médium. Sim, se bem que o pensamento lhe seja inteiramente estranho, se bem que o assunto saia do quadro no qual ele mesmo se move habitualmente, se bem que o que queremos dizer não provenha de nenhum modo dele, por isso não influencia menos a forma, pelas qualidades, as propriedades que são adequadas à sua individualidade. É absolutamente como quando olhais diferentes pontos de vista com lunetas coloridas, verdes, brancas ou azuis; se bem que os pontos de vista, ou objetos olhados, sejam inteiramente opostos, e inteiramente independentes uns dos outros, isso não afeta menos, sempre, um colorido que provém da cor das lunetas. Ou melhor, comparemos os médiuns a esses vidros de boca larga, cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se vêem na vitrina dos laboratórios farmacêuticos; pois bem! somos como luzes que clareamos certos

pontos de vista morais, filosóficos e internos, através de médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, forçados a passarem através dos vidros, mais ou menos bem talhados, mais ou menos transparentes, quer dizer por médiuns mais ou menos inteligentes, não chegam sobre os objetos, que queremos clarear, senão carregando o colorido, ou melhor, a forma própria e particular a esses médiuns. Enfim, para terminar por uma última comparação, nós, Espíritos, somos como compositores de música que compusemos ou queremos improvisar uma música e não temos sob a mão senão um piano, senão um violino, senão uma flauta, senão um fagote ou senão um apito de dois sons. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino executaremos nosso trecho de maneira mais compreensível aos ouvintes; se bem que os sons provindos do piano, do fagote ou da clarineta, sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição não será por isso menos identicamente a mesma, salvo as nuances do som. Mas se não temos à nossa disposição senão um apito de dois sons, um funil de encanador, aí para nós jaz a dificuldade.

Com efeito, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco avançados, o nosso trabalho se torna bem mais longo, bem mais penoso, porque somos obrigados a ter recursos de formas incompletas, o que é uma complicação para nós; porque então somos forçados a decompor o nosso pensamento e a proceder, palavras por palavras, letras por letras, o que é um aborrecimento e uma fadiga para nós, e um entrave real à prontidão e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

É porque estamos felizes por encontrar médiuns bem apropriados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos para funcionarem, bons instrumentos, em uma palavra, porque então o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que *mediunizamos*, não há mais do que dar o impulso à mão que nos serve de porta-lápis; ao passo que com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho análogo àquele que fazemos quando nos comunicamos por pancadas, quer dizer, designando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queremos comunicar.

É por estas razões que nos dirigimos de preferências às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento das faculdades mediúnicas da escrita, se bem que seja entre essas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, os mais rebeldes e os mais imorais. É que, do mesmo modo que deixamos hoje aos Espíritos brincalhões e pouco avançados, o exercício das comunicações tangíveis de golpes e de transportes, do mesmo modo os homens pouco sérios entre vós preferem a visão dos fenômenos que ferem seus olhos e seus ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos proceder por ditados espontâneos, nós agimos sobre o cérebro, sobre os compartimentos do médium, e reunimos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece, e isso com o seu inteiro desconhecimento; é como se tomássemos em sua bolsa as somas que ali pode ter, e organizássemos as diferentes moedas segundo a ordem que nos parece mais útil.

Mas quando o próprio médium quer nos interrogar de tal ou tal modo, seria bom se nisso refletisse seriamente, a fim de nos perguntar de maneira metódica, facilitando assim nosso trabalho de resposta. Porque, como disse Erasto, em uma precedente instrução, freqüentemente, o vosso cérebro está numa desordem inextricável, e nos é bastante penoso, senão difícil, nos movermos na complicação dos vossos pensamentos. Quando as perguntas devem ser postas por terceiros, é bom, é útil que a série das perguntas seja comunicada, adiantadamente, ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador, e dele se impregne por assim dizer; porque nós mesmos, então, teremos maior facilidade para

responder, pela afinidade que existe entre o nosso Espírito e do médium que nos serve de intérprete.

Certamente, podemos falar de matemáticas por meio de um médium que a ele pareça inteiramente estranho; mas, freqüentemente, o Espírito desse médium possui esse conhecimento em estado latente, quer dizer, pessoal ao ser fluídico e não ao ser encarnado, porque o seu corpo atual é um instrumento rebelde, ao contrário, a esse conhecimento. Ocorre o mesmo na astronomia, na poesia, na medicina e nas línguas diversas, assim como em todos os outros conhecimentos particulares à espécie humana. Enfim, temos ainda o meio da elaboração penosa em uso com os médiuns completamente estranhos ao assunto tratado, reunindo as letras e as palavras como em tipografia.

Como dissemos, os Espíritos não têm necessidade de revestir o seu pensamento; percebem e comunicam o pensamento pelo único fato de que ele existe neles. Os seres corpóreos, ao contrário, não podem perceber o pensamento senão revestido. Ao passo que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em uma palavra, vos são necessárias para perceber mesmo mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.

ERASTO E TIMÓTEO,

Espíritos protetores dos médiuns.

O Hospital Central.

(Obtido pelo Sr. A. Didier, médium da Sociedade.)

Numa noite de inverno, eu seguia os cais que se avizinham de Notre-Dame; é o quarteirão do desespero e da morte; um poeta compreendeu-o bem; esse quarteirão sempre foi, desde Cour dês Miracles até o Necrotério, o receptáculo de todas as misérias humanas. Hoje que tudo cai, esses imensos monumentos da agonia que o homem chama refúgio do Hospital, talvez vão cair também. Eu olhava essas luzes baças que atravessam essas paredes sombrias, e me dizia: Quantos mortos desesperados! Que fossa comum do pensamento que engole cada dia tantos corações mudados, tantas inocências gangrenadas! É, pois, aí, dizia-me, que estão mortos tantos sonhadores, poetas, artistas ou sábios! Há um pequeno corredor em ponte acima do riacho que marulha pesadamente; é aí que passam aqueles que não vivem mais. Os mortos entram, então, num outro edifício, sobre a fachada do qual deveriam escrever, como na porta do Inferno: Aqui não mais de esperança. Com efeito, é ali que se corta o corpo para servir à ciência; mas é lá também que a ciência furta à fé o menor resto de esperança. Atormentado por esses pensamentos, dera alguns passos, mas o pensamento vai mais depressa do que nós. Fui alegrado por um jovem amarelo e tiritante que me perguntou, sem cerimônia, do fogo para o seu cachimbo; era um estudante de medicina, como se disse. Assim que disse, assim fez; fumei também e entrei em conversação com o desconhecido; pálido, emagrecido e fraco pelas vigílias, fronte vasta e olhar triste, tal era, à primeira vista, o aspecto desse homem. Parecia pensador, eu lhe fiz parte de meus pensamentos. - Venho de dissecar, disse ele, mas não encontrei senão a matéria. Ah! Meu Deus, acrescentou ele com um sangue frio glacial, se quereis vos desembaraçar dessa estranha enfermidade que se chama crença na imortalidade da alma, ide ver cada dia, como eu, desfazer-se, com tanta uniformidade, essa matéria que se chama o corpo; ide ver como se aniquilam esses cérebros entusiastas, esses corações generosos ou degradados; ide ver se o nada que os agarra não é o mesmo em todos. Que loucura de crer! Perguntei-lhe a sua idade. - Tenho 24 anos, disse-me ele; e com isso vos deixo, porque faz muito frio.

Está, pois, aí, perguntei-me vendo-o se afastar, o resultado da ciência?

GÉRARD DE NERVAL.

Eu continuarei.

Nota. Alguns dias depois, a senhora Costel obteve, em particular, a comunicação seguinte, cuja analogia com a precedente oferece uma particularidade notável.

"Eu seguia numa noite os cais desertos; era agradável e quente; as estrelas de ouro se destacaram sobre o céu sombrio; a lua arredondava seu círculo elegante, e seu raio branco clareava como um sorriso a água profunda. Os choupos, mudos guardiães da margem, lançavam suas formas esbeltas, eu passei lentamente olhando alternadamente o reflexo dos astros na água, e o reflexo de Deus na abóbada azulada. Diante de mim caminhava uma mulher, e, com uma curiosidade pueril, eu seguia seus passos que pareciam regular os meus. Por muito tempo caminhamos assim; chegados diante da fachada do Hospital Central, furada aqui e ali de pontos luminosos, ela se deteve, e se voltou para mim, dirigiu-me subitamente a palavra, como se eu tivesse sido seu companheiro. -Amigo, disse ela, crês que aqueles que sofrem aqui sofrem mais da alma do que do corpo? Ou crês que a dor física extingue a luz divina? - Eu creio, respondi, profundamente surpreso, que, para a maioria dos infelizes que nesta hora, sofrem e agonizam, a dor física é o repouso e o esquecimento de suas misérias habituais. - Tu te enganas, amigo, respondeu ela sorrindo gravemente; a doença é uma suprema angústia para os deserdados da Terra, para os pobres, os ignorantes e os abandonados; ela não entrega o esquecimento senão àqueles que, semelhantes a ti, não sofrem senão a saudade dos bens sonhados e não conhecem senão as dores ideais coroadas de violetas. Quero vos falar; ela me fez sinal para me calar, e levantando sua branca mão para o hospital: Aqui, disse ela, se agitam infelizes que calculam o número de horas roubadas pela enfermidade ao seu salário; aqui as mulheres nas angústias sonham com o cabaré que entorpece o desgosto e fará seus maridos esquecerem o pão dos filhos; aqui, lá, por toda parte, as preocupações terrestres apertam e abafam o pálido clarão da esperança que não pode se insinuar nessas almas desoladas. Deus está ainda mais esquecido desses infelizes, vencidos pelo sofrimento, do que não o está no seu paciente labor; é que Deus está bem alto, bem longe, ao passo que a miséria está próxima; portanto, que fazer para dar a esses homens, a essas mulheres, o impulso moral necessário para que se despojem de seu envoltório carnal, não como insetos rastejantes, mas como criaturas inteligentes, ou para que entrem menos sombrias e menos desesperadas na batalha da vida? Tu, sonhador; tu, poeta que rima sonetos à lua, jamais pensastes nesse formidável problema que só duas palavras podem resolver: caridade e amor?

A mulher parecia aumentar, e o calafrio das coisas divinas corria em mim. Escuta ainda, retomou ela, e sua grande voz parecia encher a cidade com a sua harmonia: Ide todos, vós os poderosos, os ricos, os inteligentes; ide divulgar uma maravilhosa notícia; dizei àqueles que sofrem e que estão abandonados, que Deus, seu pai, não está mais refugiado no céu inacessível, e que lhes envia, para consolá-los e assisti-los, os Espíritos daqueles que perderam; que seus pais, suas mães, seus filhos, inclinados à sua cabeceira e falando-lhes a língua conhecida, lhes ensinarão que além-túmulo brilha uma jovem aurora que dissipa, como uma nuvem, os males terrestres. Ó anjo abriu os olhos de Tobias; que o anjo do amor abra, a seu turno, as almas fechadas daqueles que sofrem sem esperança; e dizendo isso, a mulher tocou ligeiramente as minhas pálpebras, e eu vi através dos muros do hospital os Espíritos, puras chamas, que faziam resplandecer as enfermarias desoladas. Sua união com a Humanidade se consumava, e as feridas da alma e do corpo estavam pensadas e abrandadas

pelo bálsamo da esperança. Legiões de Espíritos, mais inumeráveis e mais brilhantes do que as estrelas, expulsavam de diante deles, como a impuros vapores, o desespero, a dúvida; e do ar, da terra, do rio se escapava uma única palavra: amor.

Fiquei muito tempo imóvel e transportado para fora de mim mesmo; depois as trevas invadiram de novo a Terra; o espaço se tomou deserto. Eu olhava ao meu redor, a mulher não estava mais ali; um grande tremor me agitava, e permaneci estranho ao que me cercava. Desde essa noite me chamam de sonhador e louco. Oh! Que doce e sublime loucura quanto aquela de crer no despertar do túmulo; mas quanto é dolorosa e estúpida a loucura que mostra o nada como a única compensação de nossas misérias, como a única recompensa das virtudes obscuras e modestas! Qual é aqui o verdadeiro louco: aquele que espera, ou aquele que desespera?

ALFRED DE MUSSET.

Após a leitura desta comunicação, Gérard de Nerval ditou espontaneamente o que segue, por um outro médium, Sr. Didier: "

"Meu nobre amigo Musset terminou por mim; nós nos ouvimos; somente faltava, uma vez que a seqüência era inteiramente a resposta à primeira parte que ditei, faltava, disse eu, um estilo diferente e imagens mais consoladoras."

A prece.

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux.)

Tempestade das paixões humanas, abafador dos bons sentimentos, dos quais todos os Espíritos encarnados têm, no fundo da consciência, uma vaga intuição, quem acalma a vossa fúria? É a prece que deve proteger os homens contra o fluxo desse oceano cujo seio esconde os monstros horrendos do orgulho, da inveja, do ódio, da mentira, da impureza, do materialismo e das blasfêmias. O dique que lhes opondes pela prece está construído pela pedra e o cimento mais duro, e em sua impossibilidade de transpô-lo, vêm se consumir, em vão esforços contra ele e retornam sanguinolentos e contundidos para o fundo do abismo. Ó prece de coração, invocação incessante da criatura ao Criador, se se conhecesse a tua força, quantos corações afastados pela fraqueza teriam recorrido a ti no momento de cair! Tu és o precioso antídoto que cura as feridas, quase sempre mortais, que a matéria faz ao Espírito fazendo correr em suas veias o veneno de suas sensações brutais. Mas quanto é restrito o número daqueles que oram bem! Credes que depois de terdes consagrado uma grande parte de vosso tempo recitando as fórmulas que aprendestes, ou a lê-las em vossos livros, tendes muito mérito de Deus? Desenganai-vos; a boa prece é aquela que parte do coração; não é difusa; somente, de tempos em tempos, ela deixa escapar, em aspirações para Deus, seu grito, ou de aflição ou de perdão, como para implorar-lhe virem em nosso socorro, e os bons Espíritos a levam aos pés do Pai justo e eterno, e esse incenso é para ele de agradável odor. Então, ele os envia em multidões numerosas para fortificar aqueles que pedem muito contra o Espírito do mal; tomam-se fortes como os rochedos inabaláveis; vêm se quebrar contra eles as vagas das paixões humanas, e como se alegram nesta luta que deve lhes encher de mérito, constróem, como a alcione, seu ninho no meio das tempestades.

FÉNELON.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Agosto

- [Aviso](#)
- [Fenômenos psicofisiológicos - Das pessoas que falam de si mesmas na terceira pessoa](#)
- [Manifestações americanas](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Don Peyra, prior de Amilly](#)
- Correspondência.
 - [Carta do Sr. Mathieu sobre os médiuns enganadores](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Da influência moral dos médiuns nas comunicações \(Erasto\)](#)
 - [Dos transportes e de outros fenômenos tangíveis \(Erasto\)](#)
 - [Os animais médiuns](#)
 - [Povos, fazei silêncio! \(Byron\)](#)
 - [Jean-Jacques Rousseau](#)
 - [A controvérsia \(Bossuet\)](#)
 - [O pauperismo](#)
 - [A concórdia \(Mardoqueu\)](#)
 - [A aurora dos novos dias \(Stâel\)](#)

Aviso

Revista Espírita, agosto de 1861

A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* decidiu, em sua sessão de 19 de julho, que teria suas férias este ano de 15 de agosto ao dia 1º de outubro. Em consequência, durante este intervalo, as sessões serão suspensas.

Fenômenos psicofisiológicos

Revista Espírita, agosto de 1861

Das pessoas que falam delas mesmas na terceira pessoa.

O jornal o *Siècle*, de 4 de julho de 1861, cita o fato seguinte, segundo o jornal do Havre:

"Vem de morrer no hospício um homem que era vítima de uma aberração mental das mais singulares. Era um soldado, chamado Pierre Valin, que havia sido ferido na cabeça na batalha de Solferino. A ferida estava completamente cicatrizada, mas, desde esse momento, se acreditava morto.

"Quando se lhe perguntava das notícias de sua saúde, ele respondia: Quereis saber como vai Pierre Valin? Ó pobre jovem! Ele foi morto por um tiro na cabeça em Solferino. O que vedes não é Valin, é uma máquina que se fez à sua semelhança, mas está bem mal feita; deveríeis rogar-lhes para fazer uma outra."

"Nunca, falando de si mesmo, não dizia *eu* ou *mim* mas *isto*. Frequentemente ele caía num estado de completa imobilidade e de insensibilidade, que durava vários dias. Aplicados contra essa afecção, o sinapismo, os vesicatórios jamais determinaram o menor sinal de dor. Explorou-se frequentemente a sensibilidade da pele desse homem, beliscando-lhes os braços e as pernas, sem que manifestasse o menor sofrimento.

"Para estar mais certo de que ele não dissimulava, o médico picava-o vivamente por detrás, enquanto se lhe falava; o doente não se apercebia de nada. Frequentemente Pierre Valin recusava comer, dizendo que *isto* não tinha necessidade disso; que, aliás, *isto* não tinha ventre, etc.

"Esse fato, de resto, não é o único no gênero. Um outro soldado, igualmente ferido na cabeça, falava sempre na terceira pessoa e no feminino. Exclamava: "Ah! Como ela sofre! Ela tem sede! etc." Fez-se-lhe, de início, perceber seu erro, e convinha nele com muita surpresa, mas nele caía continuamente, e nos últimos tempos de sua vida, não exprimia mais senão dessa maneira.

"Um zuavo, sempre em consequência de uma ferida na cabeça, perfeitamente curado, entretanto, perdera a memória dos substantivos. Sargento instrutor, embora conhecesse muito bem os nomes dos soldados de seu esquadrão, designava-os por estas palavras: O grande moreno, o pequeno castanho, etc. Para comandar, servira-se de pe-rifrases quando se tratava de designar o fuzil ou o sabre, etc. Foram obrigados a devolvê-lo para os seus familiares.

"Os últimos anos do célebre médico Baudelocque oferecem o exemplo de uma lesão análoga, mas menos marcante. Ele se lembrava muito bem do que fizera estando com saúde; reconhecia pela voz (porque fora atingido pela cegueira) as pessoas que vinham vê-lo; mas

não tinha nenhuma consciência de sua existência. Perguntava-se-lhe, por exemplo: Como vai a cabeça? Ele respondia: "Eu não tenho cabeça." Pedindo-se-lhe o braço para consultar-lhe o pulso, respondia que não sabia onde estava. Um dia, quis ele mesmo tomar o pulso; colocou-se-lhe a mão direita sobre o punho esquerdo; perguntou em seguida se era bem a sua mão que ele sentia, depois uo que julgou muito sadiamente seu pulso."

A fisiologia nos oferece, a cada passo, fenômenos que parecem anomalias, e diante dos quais ela permanece muda. Por que isso? Já o dissemos, e não saberíamos repeti-lo muito, é que ela quer tudo relacionar ao elemento material, sem ter em nenhuma conta o elemento espiritual. Enquanto se obstinar nesse caminho restritivo, será impotente para resolver os mil problemas que surgem, a cada instante, sob o seu escalpelo, como a lhe dizer: "Bem vêes que há outra coisa senão a matéria, uma vez que só a matéria não pode tudo te explicar." E aqui não falamos somente de alguns fenômenos bizarros que poderiam tomá-la de surpresa, mas dos efeitos mais vulgares. Se ela somente se desse conta dos sonhos? Não falamos mesmo dos sonhos verdadeiros, daqueles que são percepção real das coisas ausentes, presentes ou futuras, mas simplesmente dos sonhos fantásticos ou de lembranças; disse ela como se produzem essas imagens tão claras e tão nítidas que nos aparecem algumas vezes? Qual é esse espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas? No sonambulismo *natural*, que ninguém contesta, disse ela de onde vem essa estranha faculdade de ver sem o socorro dos olhos? De ver, não vagamente, mas os detalhes mais minuciosos, ao ponto de poder fazer, com precisão e regularidade, trabalhos que, no estado normal, exigiriam uma visão penetrante? Há, pois, em nós alguma coisa que vê independentemente dos olhos. Nesse estado, não somente a pessoa age, mas pensa, calcula, combina, prevê, e se entrega a trabalhos de inteligência dos quais é incapaz no estado de vigília, e dos quais não conserva nenhuma lembrança; ha, pois, alguma coisa que pensa independentemente da matéria. Qual é essa alguma coisa? Aí ela se detém. Esses fatos, entretanto, não são raros; mas um sábio irá aos antípodas para ver e calcular um eclipse, ao passo que não irá na casa de seu vizinho para observar um fenômeno da alma. Os fatos naturais e espontâneos, que provam a ação independente de um princípio inteligente, são muito numerosos, mas essa ação ressalta, ainda com mais evidência, nos fenômenos magnéticos e espíritas, onde o isolamento desse princípio se produz, por assim dizer, à vontade.

Voltemos ao nosso assunto. Narramos um fato análogo na Revista de junho de 1861, a propósito da evocação do marquês de Saint-Paul. Em seus últimos momentos, ele dizia sempre: Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele sofre em tal lugar, etc. E quando se lhe dizia: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. É que o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, já em parte desligado, considerava o seu corpo como uma outra individualidade que não *era ele*, propriamente falando; era, pois, ao seu corpo, a esse outro indivíduo que era necessário dar a beber, e não a *ele* Espírito. Também, quando da evocação, foi-lhe feita essa pergunta: Por que faláveis sempre na terceira pessoa? Ele respondeu: "Porque eu era vidente, eu vos disse, e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral; essas diferenças, *ligadas entre si pelo fluido de vida*, se tornam muito marcantes aos olhos dos agonizantes clarividentes."

Uma causa semelhante deveu produzir o efeito notado nos militares dos quais se falou. Dir-se-á, talvez, que a ferida determinara uma espécie de loucura; mas o marquês de Saint-Paul não recebera nenhuma ferida; tinha toda a sua razão, disso estamos certos, uma vez que o tivemos de sua irmã, membro da Sociedade. O que se produziu espontaneamente em sua casa, poderia perfeitamente ter determinado em outras por uma causa acidental. Aliás, todos os magnetizadores sabem que é muito comum, aos sonâmbulos, falar na terceira pessoa, fazendo assim a distinção entre a personalidade da sua alma, ou Espírito, e a de seu corpo.

No estado normal as duas individualidades se confundem, e sua perfeita assimilação é necessária à harmonia dos atos da vida; mas o princípio inteligente é como esses gases não se prendem a certos corpos sólidos senão por uma coesão efêmera, e se escapam ao primeiro sopro; há sempre uma tendência para se desembaraçar de seu fardo corpo reo, desde que a força que mantém o equilíbrio cesse de agir por uma causa qualquer. Só a atividade *harmônica* dos órgãos mantém a união íntima e completa da alma e do corpo; mas, à menor suspensão dessa atividade, a alma toma o seu vôo; é o que ocorre no sono, no meio-sono, no simples entorpecimento dos sentidos, na catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural ou magnético, no êxtase, no que se chama o *sonho despertou* segunda vista, nas inspirações do gênio, em todas as grandes tensões do Espírito que, freqüentemente, tornam o corpo insensível; é, enfim, o que pode ocorrer como consequência de certos estados patológicos. Uma multidão de fenômenos morais não tem outra causa senão a emancipação da alma; a medicina admite muito a influência das causas morais, mas ela admite o elemento moral como o princípio ativo; é porque ela confunde esses fenômenos com a loucura orgânica, e é porque também lhe aplica um tratamento puramente físico que, muito a miúdo, determina uma loucura real onde dela não havia senão a aparência.

Entre os fatos citados, há um que parece bastante bizarro; é o do militar que falava na terceira pessoa do feminino. O elemento primitivo do fenômeno, como o dissemos, é a distinção das duas personalidades em consequência do desligamento do Espírito; mas há um outro, que o Espiritismo nos revela, e do qual é preciso ter conta, porque pode dar às idéias um caráter particular: é a vaga lembrança das existências anteriores que, no estado de emancipação da alma, pode despertar, e permitir lançar um golpe de vista retrospectivo sobre alguns pontos do passado. Em tais condições, o desligamento da alma jamais é completo, e as idéias, se ressentindo do enfraquecimento dos órgãos, não podem estar muito lúcidas, uma vez que não o são mesmo inteiramente nos primeiros instantes que seguem à morte. Suponhamos que o homem, de que falamos, foi mulher em sua precedente encarnação, a idéia que dela conservasse poderia se confundir com a do estado presente.

Não poderia se encontrar nesse fato a causa primeira da idéia fixa de certos alienados que se crêem reis? Se o foram em uma outra existência, dela pode lhes restar uma lembrança que lhes faça ilusão. Isso não é senão uma suposição, mas que, para os iniciados no Espiritismo, não está desprovida de verossimilhança. Se essa causa é possível neste caso, dir-se-á, ela não poderia se aplicar àqueles que se crêem lobos ou porcos, uma vez que se sabe que o homem jamais fora animal. É verdade, mas um homem, pode ter estado numa condição abjeta que o obrigasse a viver entre os animais imundos ou selvagens; ali pode estar a fonte dessa ilusão que bem poderia, em alguns, lhes ser imposta como punição dos atos de sua vida atual. Quando os fatos da natureza daqueles que narramos se apresentam, se em lugar de assimilá-los sistematicamente às enfermidades puramente corpóreas, se seguiam deles atentamente todas as fases com a ajuda dos dados fornecidos pelas observações espíritas, reconhecer-se-ia, sem dificuldade, a dupla causa que lhes assinalamos, e compreender-se-ia que não é com duchas, cauterizações e sangrias que se podem remediá-los.

O fato do doutor Baudelocque encontra ainda a sua explicação em causas análogas. Ele não tinha, disse o artigo, nenhuma consciência de sua existência; é um erro, porque não se acreditava morto, somente não tinha consciência de sua existência corpórea; encontrava-se num estado quase semelhante ao de certos Espíritos que, nos primeiros tempos que seguem à morte, não crêem estar mortos e tomam o seu corpo pelo de um outro, a perturbação em que se encontram não se lhes permitindo se darem conta de sua situação; o que se passa entre certos desencarnados pode ocorrer entre certos encarnados; assim é que o doutor Baudelocque que podia fazer abstração de seu corpo, e dizer que não tinha mais cabeça, porque, com efeito, seu Espírito não tinha mais a cabeça carnal. As observações espíritas fornecem numerosos exemplos desse gênero, e também lançam uma luz toda nova sobre

uma infinita variedade de fenômenos até esse dia inexplicados, e inexplicáveis sem as bases fornecidas pelo Espiritismo.

Restaria para examinar-se o caso do zuavo que perdera a memória dos substantivos; mas não pode se explicar senão pelas considerações de uma outra ordem que entram no domínio da fisiologia orgânica. Os desenvolvimentos que comporta nos convidam a consagrar-lhe um artigo especial, que publicaremos proximamente.

Manifestações americanas

Revista Espírita, agosto de 1861

Leu-se, no *Banner of Light*, jornal de Nova Iorque, de 18 de maio de 1861.

Pensando que os fatos seguintes são dignos de atenção, reunimo-los para serem publicados pelo *Banner*, e o fazemos seguidos de nossas assinaturas para atestar-lhes a sinceridade.

Quarta-feira de manhã, 1º de maio, pedimos ao Sr. Fay, médium, juntar-se a nós na casa do Sr. Hallock, em Nova Iorque. O médium estava sentado junto de uma mesa sobre a qual estavam colocados uma cometa de estanho, um violino e três pedaços de corda. Os convidados estavam sentados em semi-círculos e faziam face ao médium, a mesa a seis ou sete polegadas deles; suas mãos se tocavam para dar, a cada um, a segurança de que ninguém deixaria seu lugar durante as experiências que vamos contar. A luz foi apagada, e os convidados foram convidados a cantar; depois de alguns minutos, a luz tem sido trazida de novo, o médium foi encontrado sentado em sua cadeira, os braços cruzados diante dele, os punhos amarrados juntos com a corda atada e apertada ao ponto de parar a circulação e fazer inchar as carnes. A extremidade da corda estava passada no fundo da cadeira e amarrava as pernas às barras. Uma outra corda estava atada em volta dos joelhos, que apertava fortemente, enquanto que a terceira retinha, do mesmo modo, os tornozelos. Nessa condição, estava claro que o médium não podia caminhar, nem se levantar, nem fazer uso de suas mãos.

Um membro do círculo colocou uma folha de papel sobre o assoalho, sob os pés do médium, e traçou, com um lápis, os contornos dos pés. A luz foi apagada e, quase imediatamente, a cometa, tomada por uma força invisível, se pôs a bater rapidamente e violentamente sobre a mesa, de maneira a deixar uma multidão de marcas. Da cometa saía uma voz que conversava com os membros da sociedade; a articulação das palavras era muito distinta; o som era o de uma voz varonil, e o tom algumas vezes mais alto do que o da conversação comum. Uma outra voz, mais fraca, tanto seja pouco gutural e menos distinta, conversava também com os membros da sociedade. Trouxe-se uma luz, e o médium foi encontrado sobre a sua cadeira, pés e mãos ligados como dissemos, e os pés sobre o papel nas linhas do lápis. A luz foi ainda apagada, e a cometa recomeçou como acima. A sociedade foi rogada para cantar, e as manifestações cessaram. Foi renovada várias vezes a experiência e, cada vez, o médium foi encontrado no mesmo estado. Esta foi a primeira série das manifestações.

Apagou-se ainda a luz, a sociedade cantou alguns momentos, depois, tendo a luz sido de novo trazida, constatou-se que o médium estava sempre preso em sua cadeira. Um sino foi colocado sobre a mesa e, logo feita a obscuridade, o sino começou por bater sobre a mesa, sobre a cometa e sobre o assoalho; foi levantado da mesa que se pôs a soar muito forte, e parecia percorrer um arco, de cinco a seis pés, a cada batida; durante esse tempo o médium gritava *eu estou aqui, eu estou aqui*, para mostrar que estava sempre no mesmo lugar.

Fez-se sobre o violino uma grande marca brilhante com fósforo. Apagou-se a luz, e logo se viu, no rastro fosforescente, o violino se elevar, a seis ou sete pés, e voar rapidamente no ar. Podia-se, também, segui-lo pelo ouvido, porque as cordas estavam vibrando em seu curso. Enquanto o violino flutuava, o médium gritava: *eu estou aqui, eu estou aqui*.

Um membro da sociedade colocou sobre a mesa um vaso cheio d'água pela metade, e um pedaço de papel entre os lábios do médium. Apagou-se a luz, a sociedade cantou alguns instantes, e sendo a luz acesa, o vaso foi encontrado vazio, sem nenhum sinal de água, nem sobre a mesa, nem sobre o assoalho; o médium sempre em seu lugar, e o papel seco entre seus lábios. Isto terminou a segunda série de experiências.

A senhora Spence sentou-se defronte ao médium. Um senhor sentou-se entre os dois, colocando o seu pé direito sobre o da senhora Spence, sua mão direita sobre a cabeça do médium, e sua mão esquerda sobre a cabeça da senhora Spence. O médium tomou o braço direito do senhor com suas duas mãos, e a senhora Spence lhe fez o mesmo no braço esquerdo. Quando a luz foi apagada, o senhor sentiu distintamente os dedos de uma mão passar sobre o seu rosto, lhe tocar o nariz; recebeu um sopro que foi ouvido pelos assistentes, e o violino veio dar golpes sobre a cabeça, que fora igualmente ouvido por outras pessoas. Cada um repetia a experiência e sentia os mesmos efeitos. Isto termina a terceira série, e certificamos que tudo isso não podia ser produzido nem pelo Sr. Fay, nem por nenhuma outra pessoa da sociedade.

Charles Patridge, R. T. Hallock, Sra. Sarah P-Clark,

Sra. Mary S. Hallock, Sra. Amanda, Sr. Spence,

Srta. Alia Britt, William Blondel, William P. Coles,

W. R. Hallock, B. Fran-kin Clark, Peyton Spence.

Nota. Não contestamos a possibilidade de todas essas coisas, e não temos nenhum motivo para duvidar da honradez dos signatários, embora não os conheçamos; todavia, mantemos as reflexões que fizemos em nosso último número, a propósito dos dois artigos sobre os *desenhos misteriosos* e a *exploração do Espiritismo*.

Diz-se que na América essa exploração nada tem que choque a opinião, e que se acha muito natural que os médiuns se façam pagar; isto se concebe, segundo os hábitos de um país, onde *time is money*, mas não repetiremos menos sobre isso do que dissemos num outro artigo, que o desinteresse absoluto é uma garantia ainda melhor do que todas as precauções materiais. Se os nossos escritos contribuíram para lançar na França, e em outros países, o descrédito sobre a mediunidade interessada, cremos que esse não será um dos menores serviços que teremos prestado ao Espiritismo sério. Estas reflexões gerais não são, de nenhum modo, feitas tendo em vista o Sr. Fay, do qual não conhecemos a posição em face do público.

A.K.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, agosto de 1861

Don Peyra, prior de Amilly.

Esta evocação foi feita no último ano na Sociedade, a pedido do Sr. Borreau, de Niort, que nos dirigira a notícia seguinte:

"Tínhamos, há uns trinta anos, no priorato de Amilly, muito perto de Mauzé, um padre que se chamava don Peyra, e que deixou na região uma reputação de feiticeiro. Foi pelo fato de que se ocupava constantemente com ciências ocultas; contam-se coisas que parecem fabulosas, mas que, segundo a ciência Espírita, poderiam bem ter razão de ser. Em torno de uma dúzia de anos, fazendo com um sonâmbulo pesquisas muito interessantes, encontrei-me em relação com o seu Espírito; apresentou-se como auxiliar com o qual não poderíamos deixar de triunfar, e, todavia, fracassamos. Depois, em pesquisas da mesma natureza, fui levado a crer que esse Espírito deveu por elas se interessar. Venho vos pedir, se isso não for abusar de vossa cortesia, para evocá-lo, e perguntar-lhe quais foram, e quais são suas relações comigo. Partindo daí, terei talvez um dia interessantes coisas a vos comunicar."

(Primeira conversa, em 13 de janeiro de 1860.)

1. Evocação. - Estou aqui.
2. De onde veio a reputação de feiticeiro que tínheis quando vivo? | R. Contos de mulheres; eu estudava a química.
3. Qual foi o motivo que vos levou a se pôr em relação com o Sr. Borreau, de Niort? - R. O desejo de me distrair um pouco a propósito do poder que ele acreditava em mim.
4. Ele disse que vos apresentastes a ele como auxiliar em suas pesquisas; poderíeis nos dizer qual era a natureza dessas pesquisas? - R. Não sou bastante indiscreto para trair um segredo que ele não julgou conveniente vos revelar. O vosso pedido me ofende.
5. Evitamos com todo cuidado insistir, mas vos faremos notar que teríeis podido responder mais convenientemente a pessoas que vos interrogam seriamente e com benevolência; a vossa linguagem não é a de um Espírito avançado. - R. Eu sou o que sempre fui.
6. De que natureza são as coisas fabulosas que se contam de vós? - R. São, já vos disse, contos; eu conhecia a opinião que se tinha de mim, e longe de procurar abafá-la, eu fazia o que era preciso para favorecê-la.
7. Segundo a vossa resposta precedente, pareceria que não progredistes desde a vossa morte? - R. Para dizer a verdade, eu não procurei fazê-lo, não conhecendo os meios;

entretanto, creio que deve nisso haver alguma coisa a fazer; pensei nisso há pouco.

8. A vossa linguagem nos admira da parte de um Espírito que era padre quando vivo, e que, por isso mesmo, deveria ter idéias de uma certa elevação. - R. Eu era, creio muito, muito e muito pouco instruído.

9. Quereis desenvolver o vosso pensamento? - R. Muito instruído para crer, não bastante para saber.

10. Não éreis, pois, o que se chama um bom padre? - R. Oh! Não.

11. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Sempre a química; creio que teria feito melhor procurar Deus do que a

matéria.

12. Como pode um Espírito se ocupar de química? - R. Oh! Permitti-me vos dizer que a pergunta é pueril; eu teria necessidade de microscópio ou de alambique para estudar as propriedades da matéria que sabeis tão penetrável ao Espírito?

13. Sois feliz como Espírito? -R. Com efeito, não; eu vos disse, creio ter tomado caminho falso, e nisso vou mudar, sobretudo se sou bastante feliz para ser um pouco secundado; sobretudo, se eu, que devia tanto pedir para os outros, o que confesso não ter sempre feito pelo dinheiro recebido; se, digo eu, se não quiserem me aplicar a pena de talião.

14. Nós vos agradecemos por teres vindo e faremos por vós o que não fizestes pelos outros. - R. Vaieis mais do que eu.

(Segunda conversa, 25 de junho de 1861.)

O Sr. Borreau nos tendo dirigido novas perguntas para o Espírito de don Peyra, este foi evocado de novo por intermédio de um outro médium, e deu as respostas seguintes, das quais podem se tirar lições úteis, seja como estudos das individualidades do mundo espírita, seja como ensino geral.

15. Evocação. - R. Que quereis, e por que me desviais do meu dever?

16. Foi o Sr. Borreau, de Niort, que nos pediu para vos dirigir algumas perguntas. - R. Que quer de mim ainda? Não está, pois, contente em me perturbar em Niort? Por que é necessário que me faça evocar em Paris, onde nada me chama? Eu bem que gostaria que lhe viesse o pensamento de me deixarem em repouso. Ele me chama, me evoca, coloca-me em relação com seus sonâmbulos; ele me faz evocar por terceiros; é muito aborrecido esse senhor.

17. Entretanto, deveis vos lembrar que já o evocamos e que nos respondestes mais graciosamente do que hoje; e mesmo vos prometemos orar por vós. -R. Eu me lembro muito bem; mas prometer e cumprir são duas; vós orastes, vós; mas os outros?

18. Certamente outros oraram também. Enfim, quereis responder às perguntas do Sr.

Borreau? - R. Eu vos certifico que por ele não tenho nenhuma vontade de satisfazê-lo, porque está sempre sobre as minhas costas; perdão pela expressão, porém, ela é verdadeira, tanto mais que não existe, entre ele e mim, nenhuma afinidade; mas por vós que piedosamente chamastes sobre mim a misericórdia do Alto, quero bem vos responder com o melhor que puder.

19. Dizíeis, há pouco, que vos desviaram de vosso dever; podeis nos dar uma explicação, quanto a esse assunto, para nossa instrução pessoal? - R. Chamo ser perturbado, nesse sentido que chamastes minha atenção e meu pensamento junto de vós, ocupando-vos de mim, e eu vi que me seria necessário responder ao que me perguntásseis, não fosse senão por polidez. Eu me explico mal; meu pensamento estava alhures, em meus estudos, minha ocupação habitual; a vossa evocação forçosamente chamou a minha atenção sobre vós, sobre as coisas da Terra; por conseguinte, como não estava, de nenhum modo, nos meus objetivos ocupar-me de vós e da Terra, me desviastes de meu dever.

Nota. Os Espíritos são mais ou menos comunicativos, e vêm mais ou menos de boa vontade, segundo o seu caráter; mas se pode estar certo de que, não mais do que os homens sérios, eles não gostam daqueles que os importunam sem necessidade. Quanto aos Espíritos levianos, é diferente; eles estão sempre dispostos a se misturar com tudo, mesmo quando não são chamados.

20. Quando fostes colocado em relação com o Sr. Borreau, conheciéis as suas crenças sobre a possibilidade de fazer triunfar suas convicções para o cumprimento de um grande fato diante do qual a incredulidade seria forçada a se inclinar? - R. O Sr. Borreau queria que o servisse numa operação semi-magnética, semi-Espírita; mas não tem talhe para conduzir bem semelhante obra, e não acreditei dever lhe conceder por mais tempo o meu concurso. De resto, eu o teria querido, não teria podido; não era a hora, e não vim ainda para isso.

21. Poderíeis ver e lhe dizer quais foram as causas que, durante as suas pesquisas em Vendée, fizeram-no fracassar derrotando, ele, sua sonâmbula, e duas outras pessoas presentes? -R. A minha resposta precedente pode se aplicar a essa pergunta. O Sr. Borreau foi derrubado pelos Espíritos que quiseram lhe dar uma lição, ensinar-lhe a não procurar aquilo que deve estar oculto. Fui eu quem o empurrou com o seu próprio fluido, a ele, magnetizador.

Nota. Essa explicação concorda perfeitamente com a teoria que foi dada das manifestações físicas; não foi com suas mãos que os Espíritos os derrubaram, mas com o próprio fluido animado das pessoas, combinado com o do Espírito. A dissertação que daremos adiante sobre os transportes contém, a esse respeito, desenvolvimentos do mais alto interesse. Uma comparação que poderia talvez bem ter alguma analogia parece justificar a expressão do Espírito.

Quando um corpo, carregado de eletricidade positiva, se aproxima de uma pessoa, esta se carrega da eletricidade contrária; a tensão cresce até a distância explosiva; nesse ponto, os dois fluidos se reúnem violentamente pela centelha, e a pessoa recebe uma sacudida que, segundo a massa do fluido, pode derrubá-la e mesmo fulminá-la. Nesse fenômeno, é sempre necessário que a pessoa forneça o seu contingente de fluido. Supondo-se que o corpo eletrizado positivamente fosse um ser inteligente, agindo por sua vontade e se dando conta da operação, dir-se-ia que combinou uma parte do fluido da pessoa com o seu. No fato do Sr. Borreau, as coisas talvez não se passaram do mesmo modo, mas compreende-se que pode ali haver um efeito análogo, e que don Peyra foi lógico dizendo que o derrubou com o seu próprio fluido; compreender-se-á melhor ainda, querendo-se se reportar ao que está dito em

O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, sobre o fluido universal, que é o princípio do fluido vital, do fluido elétrico e do fluido magnético animal.

22. Ele disse ter feito, durante suas longas e dramáticas experiências, descobertas muito mais espantosas para ele do que a solução que procurava; vós as conheceis? - R. Sim, mas há alguma coisa que não descobriu; é que os Espíritos não têm a missão de ajudar os homens em pesquisas semelhantes às que fazia. Se o pudessem, Deus nada poderia ter de oculto, e os homens negligenciariam o trabalho e o exercício de suas faculdades para vadiarem, este após um tesouro, aquele após uma invenção, pedindo aos Espíritos servirem-lhe tudo isso quente, de tal modo que não haja mais senão que inclinar-se para colher glória e fortuna. Verdadeiramente, teríamos muito a fazer se nos fosse necessário contentar a ambição de todo mundo. Vede daqui que deslocamento administrativo no mundo dos Espíritos pela crença universal no Espiritismo? Seríamos chamados ora à direita, ora à esquerda, aqui para escavar a terra e enriquecer um preguiçoso; lá para poupar a um imbecil a dificuldade de resolver um problema; alhures para aquecer o forno de um químico; e, por toda parte, para encontrar a pedra filosofal. A mais bela descoberta que o Sr. Borreau deveria fazer, é a de saber que há sempre Espíritos que se divertem em mostrar, para seduzir, minas de ouro, mesmo aos olhos do sonâmbulo mais clarividente, fazendo-as aparecer onde elas não estão, e se darem ao prazer de rirem às vossas custas quando credes colocar a mão em cima, e isso para vos ensinar que a sabedoria e o trabalho são os verdadeiros tesouros.

23. É que o objeto das pesquisas do Sr. Borreau era um tesouro? - R. Creio vos ter dito, quando me chamastes pela primeira vez, que não sou indiscreto; se ele não julgou conveniente vo-lo dizer, não cabe a mim fazê-lo.

Nota. Vê-se que esse Espírito é discreto; de resto, é uma qualidade que se encontra entre todos em geral, e mesmo nos Espíritos pouco avançados; de onde se pode concluir que se um Espírito fizer revelações indiscretas sobre alguém, nisso haveria toda a probabilidade de que o seria para se divertir, e estar-se-ia errado em tomá-lo a sério.

24. Poderíeis dar-lhe algumas explicações sobre a mão invisível que, durante muito tempo, traçou numerosos escritos que encontrava sobre as folhas do caderno colocado propositadamente para recebê-los? - R. Quanto aos escritos, não foi o fato dos Espíritos; conhecer-lhe-á mais tarde a fonte, mas não devo dizê-lo no presente. Os Espíritos puderam provocá-los com esse objetivo que disse mais acima, mas não estão por nada no escrito.

Nota. Embora essas duas conversas ocorressem com dezoito de intervalo e por médiuns diferentes, nela se reconhece um encadeamento, uma seqüência e uma semelhança de linguagem que não permitem duvidar que seja o mesmo Espírito que respondeu.

Quanto à identidade, ela ressalta da carta seguinte, que o Sr. Borreau nos escreveu, depois do envio da segunda evocação.

"18 de julho de 1861.

"Senhor,

"Venho vos agradecer pelo trabalho que consentistes em tomar, e pela solicitude que pusestes em me dirigir a última evocação de don Peyra. Como o dissestes, o Espírito do antigo prior não estava, de nenhum modo, de bom humor, também exprime vivamente a

impaciência que lhe causou essa nova tentativa. Resulta disso, senhor, um grande ensinamento, é que os Espíritos que fazem uma brincadeira maligna de nossos tormentos podem ser, a seu turno, pagos por nós numa moeda quase semelhante.

"Ah! Senhores de além-túmulo! - Não falo aqui senão dos Espíritos farsantes e levianos, - Vós vos gabais, sem dúvida, de terdes o privilégio único de nos importunar; e eis que um pobre Espírito terrestre, bem pacífico, pondo-se muito simplesmente em guarda contra vossas manobras, e procurando frustrá-las, vos atormenta ao ponto de senti-la pesar penosamente sobre a vossa costa fluídica! Pois bem! Que direi, pois, eu, caro prior, quando vos confessais ter feito parte da turba Espírita que tão cruelmente me obsidiou e pregou tão belas partidas durante minhas excursões na Vendée? Se é verdade que ali fostes, deveríeis saber que não as empreendi senão no objetivo de fazer triunfar a verdade por fatos irrefutáveis. Era uma grande ambição, sem dúvida, mas era honrosa, isso me parece; somente, assim como o dissestes, eu não me encontrei com talhe para lutar, e vós e os outros nos sacudistes de tal sorte, que nos vimos forçados a abandonar a parte, carregando os nossos mortos porque as vossas manobras fantásticas que causaram uma horrível luta, vinham de cansar minha pobre sonâmbula que, num desmaio, que não durou menos de seis horas, não dava nenhum sinal de vida, e nós a acreditamos morta. A nossa posição parecerá, sem dúvida, mais fácil de compreender do que de descrever, se se pensa que era meia-noite, e que nós estávamos lá sobre um dos campos ensangüentados pelas guerras de Vendée, lugar de um aspecto selvagem e cercado de pequenas colinas sem vegetação, cujos ecos vinham repetir os gritos dilacerantes da vítima. Meu pavor estava no seu auge, pensando na horrível responsabilidade que caía sobre mim, e da qual não sabia escapar. Estava perdido! Só a prece podia me salvar; ela me salvou. Se chamais a isso de lições, é preciso convir que elas foram rudes! Foi provavelmente ainda para me dar uma dessas lições, que um ano mais tarde me fazeis chamar em Mauzé; mas lá eu estava mais instruído e sabia já a quem me dirigir sobre a existência dos Espíritos, e sobre os fatos e gestos de muitos dentre eles; e depois, aliás, a cena não estava mais disposta para um drama como Châtillon; também disso fui livrado para uma briga.

"Perdão, senhor, se me deixei arrastar com o prior; retorno a vós, mas para disso conversar ainda, se consentis permiti-lo. Eu fui, há poucos dias, à casa de um homem muito honrado que o conheceu muito em sua juventude, e lhe dei conhecimento da evocação que me dirigistes; ele reconheceu perfeitamente a linguagem, o estilo e o espírito cáustico do antigo prior, e me contou os fatos seguintes.

"Don Peyra, em consequência da Revolução, tendo se visto forçado a abandonar o priorato de Surgères, comprou, perto de Mauzé, a pequena propriedade de Amilly, onde se fixou; lá se fez conhecer por belas curas que obtinha por meio do magnetismo e a eletricidade, que empregava com sucesso; mas, vendo que seus negócios não iam tão bem quanto o desejava, empregou o charlatanismo, e, com a ajuda de sua máquina elétrica, fez coisas que não tardaram a fazê-lo passar por feiticeiro; longe de combater essa opinião, a provocava e a encorajava. Havia em Amilly uma longa alameda de *bordos* pela qual chegavam os clientes que, freqüentemente, vinham de dez ou quinze léguas. Sua máquina estava posta em comunicação com a maçaneta da porta, e quando os pobres camponeses queriam bater, viam-se como fulminados. É fácil de imaginar o que semelhantes fatos deviam produzir sobre as pessoas pouco esclarecidas, sobretudo nessa época.

"Temos um provérbio que diz que "na pele morre a raposa". Ah! Bem vejo que nos é preciso mudar mais que uma vez antes que os nossos maus instintos nos abandonem. Não tireis, todavia, de tudo isso, senhor, que isso queira ao prior; não; e a prova é que, a vosso exemplo, orei por ele, o que bem confesso, assim como vo-lo disse, não ter feito até então.

"Aceitai. "J.-B. BORREAU."

Notar-se-á que esta carta é de 18 de julho de 1861, ao passo que a primeira evocação remonta ao mês de janeiro de 1860; nessa época não conhecíamos todas essas particularidades da vida de don Peyra, com as quais as suas respostas concordam perfeitamente, uma vez que disse que fazia o que era necessário para firmar a sua reputação de feiticeiro.

O que ocorre ao Sr. Borreau tem uma singular analogia com as más peças que don Peyra, quando vivo, pregava em seus visitantes; e estaremos fortemente levados a crer que este último quis disso dar-lhe uma repetição; ora, para isso, não tinha necessidade de máquina elétrica, tendo à sua disposição a grande máquina universal; compreender-se-á sua possibilidade aproximando-se esta idéia da nota que fizemos acima na questão 21. O Sr. Borreau encontra uma espécie de compensação na malícia de certos Espíritos nos aborrecimentos que se lhes pode suscitar; convidamos, todavia, a nisso não se fiar muito, porque eles têm mais meios de nos escapular do que não temos para nos subtrairmos à sua influência. De resto, é evidente que se, nessa época, o Sr. Borreau conhecesse a fundo o Espiritismo, teria sabido o que se lhe pode racionalmente pedir, e não teria se aventurado em tentativas que a ciência ter-lhe-ia demonstrado não poder chegar senão a uma mistificação. Não é o primeiro que comprou a experiência às suas expensas; é por isso que não cessamos de repetir: Estudai primeiro a teoria; ela vos ensinará todas as dificuldades da prática, e evitareis assim escolas das quais se deve crer feliz quando são deixadas por alguns dissabores. Sua intenção, disse ele, era boa, uma vez que queria provar por um grande fato da verdade do Espiritismo; mas em semelhante caso os Espíritos dão as provas que querem e quando querem, e jamais quando se lhas pedem. Conhecemos pessoas que, elas também, queriam dar dessas provas irrecusáveis pela descoberta de fortunas colossais, por meio dos Espíritos, mas o que disso resultou mais claro para elas foi despendar seu dinheiro. Acrescentaremos mesmo que, de semelhantes provas, se pudessem triunfar uma vez por acaso, seriam muito mais nocivas do que úteis, porque falseariam a opinião sobre o objetivo do Espiritismo, estabelecendo a crença de que ele pode servir de meio de adivinhação, e seria então quando se verificaria a resposta de don Peyra à questão 22.

Correspondência

Revista Espírita, agosto de 1861

Carta do Sr. Mathieu sobre os médiuns enganadores.

Paris, 21 de julho de 1861.

Senhor,

Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos, e estar em perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último de vosso jornal, reflexões sobre a fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou Espíritas) às quais sou feliz em me associar com todas as minhas forças. Lá, toda dissidência em matéria de teorias e doutrinas desaparece como por encanto.

Talvez eu não seja quanto severo tanto vós a respeito dos médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como indenização pelo tempo que consagram a experiências freqüentemente longas e cansativas; mas eu sou igualmente, - e não se poderia sê-lo mais, - com respeito àqueles que, em semelhante caso, suprem, na ocasião, pela trapaça e pela fraude a ausência, ou a insuficiência, dos resultados prometidos e esperados.

Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é verdadeiramente uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral no médium que se crê fazê-lo sem escrúpulo. Assim como fizestes perfeitamente observar, *é lançar o descrédito sobre a coisa no Espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida.* Acrescento que é comprometer, da maneira mais deplorável, os homens honrados que emprestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se fazem garantias de sua boa-fé, e lhes patrocinam, de alguma sorte; é cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

Todo médium que estivesse convencido de manobras fraudulentas; que fosse preso, para me servir de uma expressão um pouco trivial, com a mão na cumbuca, mereceria ser posto no banco de todos os espiritualistas, ou Espíritas de todo o mundo, para que fosse um dever rigoroso desmascará-los ou desonrá-los.

Se vos convém, senhor, inserir algumas destas linhas em vosso jornal, estão ao vosso serviço. Aceitai, etc.

MATHIEU.

Não esperávamos menos sentimentos honoráveis, que distinguem o Sr. Mathieu, do que esta enérgica reprovação pronunciada contra os médiuns de má-fé; estaríamos surpresos, ao contrário, se tivesse tomado friamente, e com indiferença, tais abusos de confiança.

Poderiam ser mais fáceis, quando o Espiritismo era menos conhecido; mas, à medida que esta ciência está mais difundida e melhor compreendida, que se conhecem melhor as verdadeiras condições nas quais os fenômenos podem se produzir, e se encontram por toda parte olhos clarividentes capazes de descobrir a fraude; assinalá-la por toda parte onde ela se mostre é o melhor meio de desencorajá-la.

Diz-se que seria preferível não revelar essas torpezas no interesse do Espiritismo; que a possibilidade de enganar poderia aumentar a desconfiança dos indecisos. Não somos desta opinião, e pensamos que vale ainda mais que os indecisos sejam desconfiados do que enganados, porque uma vez que soubessem que o foram, poderiam se afastar sem retorno; aliás, aí haveria um maior inconveniente naquilo que cressem que os Espíritas se deixam facilmente tomar por vítimas; estarão, ao contrário, tanto mais dispostos a crer quando virem os crentes se cercarem de mais precauções, e repudiarem os médiuns suscetíveis de enganar.

O Sr. Mathieu disse que talvez não tenha sido tão severo quanto nós com relação ao médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam a remuneração como indenização do tempo que consagram à coisa. Somos perfeitamente da opinião de que aí pode e deve haver honrosas exceções, mas como a atração do ganho é um grande tentador, e que as pessoas novatas não têm a experiência necessária para distinguir o verdadeiro do falso, mantemos a nossa opinião de que a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto, porque ali onde não há nada a ganhar, o charlatanismo nada tem a fazer; aquele que paga quer tê-lo pelo seu dinheiro, e não ficaria contente se se lhe dissesse que o Espírito não quer atuar; daí à descoberta dos meios para fazer o Espírito agir quando mesmo, não há senão um passo, segundo o provérbio: a necessidade é a mãe da indústria. Acrescentamos que os médiuns ganharão ao cêntuplo em consideração o que deixarão de ganhar em lucros materiais. A consideração, diz-se, não faz viver; é verdade que ela não basta, mas há, para viver, outras indústrias mais honrosas, do que a exploração das almas dos mortos.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, agosto de 1861

Da influência moral dos médiuns nas comunicações.

(Sociedade Espírita de Paris. Médium Sr. d'Ambel.)

Já o dissemos: os médiuns, enquanto médiuns, não têm senão uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos; sua tarefa é a de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos de um ponto distante a um outro ponto distante da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium,, como o empregado do telégrafo sobre seu aparelho; quer dizer, que do mesmo modo que o *tac tac* do telégrafo desenha, a milhares de léguas, sobre uma faixa de papel, os sinais reprodutores do despacho, do mesmo modo nos comunicamos através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo encarnado, o que queremos vos ensinar por meio do aparelho medianímico. Mas também, do mesmo que as influências atmosféricas atuam, e perturbam, a miúdo, as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium age, e perturba algumas vezes, a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo; porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, o mais freqüentemente, essa influência é anulada pela nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de uma alta importância filosófica, as comunicações de uma perfeita moralidade, são transmitidas, algumas vezes, por médiuns pouco propícios a esses ensinamentos superiores; ao passo que, por outro lado, as comunicações pouco edificantes chegam também, algumas vezes, por médiuns, envergonhados por lhes terem servido de condutor.

Em tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos similares chamam os Espíritos similares, e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam pelos aparelhos maus condutores, quando têm, sob sua mão, bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns em uma palavra.

Os médiuns levianos e pouco sérios chamam, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso, suas comunicações estão marcadas de banalidades, de frivolidades, de idéias sem seqüência e, freqüentemente, muito heterodoxas, do ponto de vista espírita. Certamente, eles podem dizer, e dizem algumas vezes, boas coisas; mas é neste caso, sobretudo, que é necessário levar um exame sério e escrupuloso, porque, no meio dessas boas coisas, certos Espíritos hipócritas insinuam com habilidade, e com uma perfídia calculada, fatos controversos, afirmações mentirosas, a fim de enganar a boa-fé de seus ouvintes. Deve-se, então, podar, sem piedade, toda palavra, toda frase equívoca, e não conservar do ditado senão o que a lógica aceita, ou o que a doutrina já ensinou. As comunicações dessa natureza não são a temer senão para os Espíritos isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos, porque, nas reuniões onde os adeptos estão mais avançados, e adquiriram experiências, a gralha em vão se enfeita com as plumas do pavão, é sempre impiedosamente despedida.

Não falarei dos médiuns que se alegram em solicitar e em escutar comunicações obscenas;

deixemo-los se comprazerem na sociedade dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações dessa ordem procuram, por elas mesmas, a solidão e o isolamento; não poderiam, em todo caso, senão levantar o desdém e o desgosto entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Mas, onde a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando este substitui suas idéias pessoais por aquelas que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir; e ainda quando haure, em sua imaginação, teorias fantásticas que crê ele mesmo, de boa-fé, resultar de uma comunicação intuitiva. Freqüentemente, há então mil a apostar contra um de que isso não é senão o reflexo do Espírito pessoal do médium; ocorre mesmo este fato curioso, é que a mão do médium de move, algumas vezes, quase mecanicamente, impelida que é por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que vêm se quebrar as imaginações jovens e ardentes; porque, levadas pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelo falso brilho de seus conhecimentos literários, menosprezam o modesto ditado de um Espírito sábio, e abandonam a vítima para a sombra, a substituem por uma paráfrase empolada. É contra esse escolho terrível que vêm igualmente fracassar as personalidades ambiciosas que, na falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras com uma obra desses Espíritos, eles mesmos. Eis porque é preciso que os chefes dos grupos Espíritas sejam providos de um tato delicado e de uma rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas daquelas que não o são, e para não ferir aqueles que iludem a si mesmos.

Na dúvida, abstém-te, diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, pois, senão o que vos é de uma evidência certa. Desde que uma opinião nova surge, por pouco que ela vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o ousadamente; mais vale repelir dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa. Com efeito, sobre essa teoria, poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre uma areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque elas não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável, virá vos afirmar a sua autenticidade.

Lembrai-vos, todavia, ó Espíritas, que não há o impossível para Deus e para os bons Espíritos senão a injustiça e a iniquidade.

O Espiritismo está bastante difundido entre os homens, e moralizou suficientemente os adeptos sinceros de sua santa doutrina, para que os Espíritos não sejam mais reduzidos a empregar maus instrumentos, médiuns imperfeitos. Se, pois, agora um médium, qualquer que ele seja, dá, pela sua conduta ou seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, um legítimo motivo de suspeição, repeli, repeli suas comunicações, porque há uma serpente escondida na erva. Eis a minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.

ERASTO.

Dos transportes e de outros fenômenos tangíveis.

(Sociedade Espírita de Paris. Médium Sr. d'Ambel.)

Para obter fenômenos desta ordem, necessariamente, é preciso ter consigo médiuns que eu chamaria *sensitivos*, quer dizer, dotados no mais alto grau das faculdades mediúnicas de

expansão e de penetrabilidade; porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar ao redor deles, com profusão, seu fluido animalizado.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram ao menor sentimento, à menor sensação, que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza, são pessoas muito aptas a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transporte. Com efeito, seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do envoltório refratário, que isola esse sistema na maioria dos outros encarnados, torna-os próprios para o desenvolvimento desses diversos fenômenos. Em consequência, com um sujeito dessa natureza, e cujas outras faculdades não sejam hostis à *medianimização*, obter-se-á mais facilmente os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes, e mesmo a suspensão do espaço da matéria inerte mais pesada; *a fortiori*, obter-se-ão esses resultados se, no lugar de um médium, os tiver à mão vários igualmente bem dotados.

Mas da produção desses fenômenos à obtenção daquele dos transportes, há todo um mundo; porque, nesse caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, mas muito mais, o Espírito não pode operar senão por meio de um único aparelho mediúnico, quer dizer, que vários médiuns não podem concorrer, simultaneamente, para a produção do mesmo fenômeno. Ocorre mesmo, ao contrário, que a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que opera, entrava radicalmente a sua operação. A esses motivos que, como vedes, não faltam em importância, acrescentai que os transportes necessitam sempre uma maior concentração, e ao mesmo tempo uma maior difusão de certos fluidos, e que, enfim, não podem ser obtidos senão com os médiuns melhores dotados, aqueles, em uma palavra, cujo aparelho *eletro-mediúnico* está melhor condicionado.

Em geral, os fatos de transportes são e permanecerão excessivamente raros. Não terei necessidade de vos demonstrar porque são, e serão, menos freqüentes do que os outros fatos de tangibilidade; do que vos disse, vós mesmos o deduzireis. Aliás, esses fenômenos são de uma tal natureza que não só todos os médiuns não lhes são próprios, mas que todos os médiuns, eles mesmos, não podem produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium *influenciado* exista uma certa afinidade, uma certa analogia, em uma palavra, uma certa semelhança que permita à parte expansiva do fluido *perispírico* (1-(1) Vê-se que, quando se trata de exprimir uma idéia nova para a qual a língua não tem palavras, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: *eletro-medianimica*, *perispírico*, não são nossas. Aqueles que nos criticaram por termos criado as palavras: espírita, espiritismo, perispírito, que não tinham suas análogas, poderão também acusar mesmo os Espíritos.) do encarnado misturar-se, unir-se, combinar-se com o do Espírito que quer fazer um transporte. Essa fusão deve ser tal que a força resultante se torne, por assim dizer, uma; do mesmo modo que uma corrente elétrica, agindo sobre o carvão, produz um foco, uma claridade únicos.

Por que essa união? Por que essa fusão, direis? É que, para a produção desses fenômenos, é necessário que as propriedades essenciais do Espírito motor sejam aumentadas por algumas das do medianimizado; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é o apanágio *exclusivo* do encarnado, e que, por consequência, o Espírito operador está obrigado a se impregnar dele. Não é senão então que ele pode, por meio de certas propriedades do vosso meio ambiente, desconhecidas para vós, isolar, tornar invisíveis e fazer mover certos objetos materiais, e os próprios encarnados. Não me é permitido, para o momento, vos desvendar essas leis particulares que regem os gases e os fluidos que vos cercam; mas antes que os anos tenham se escoado, antes que uma existência de homem seja cumprida, a explicação dessas leis, e desses fenômenos, vos será revelada, e vereis

surgir e se produzir uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado cataléptico particular, desde que sejam medianimizados.

Vedes com quantas dificuldades a produção dos transportes se acha cercada; podeis disso concluir, muito logicamente, que os fenômenos dessa natureza são excessivamente raros e com tanta maior razão quanto os Espíritos a isso se prestam muito pouco, porque motiva, de sua parte, um trabalho quase material, o que é um aborrecimento e uma fadiga para eles.

De outra parte, ocorre ainda isto: é que, muito freqüentemente, apesar de sua energia e de sua vontade, o estado do próprio médium lhe opõe uma barreira intransponível.

Está, pois, evidente, e o vosso raciocínio o sanciona, disso não duvido, que os fatos tangíveis de golpes, de movimento e de suspensão são fenômenos simples, que se operam pela concentração de certos fluidos, e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e o trabalho dos médiuns que lhes estejam aptos, quando estes são secundados pelos Espíritos amigos e benevolentes; ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não podem se operar senão por um único Espírito e um único médium, e necessitam, fora das necessidades da tangibilidade, de uma combinação toda particular para isolar e tornar invisível o objeto, ou os objetos, que são o motivo do transporte.

Todos vós, Espíritas, compreendeis minhas explicações, e vos dais conta perfeitamente dessa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tactilidade da matéria inerte; nisso credes, como credes nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos estão em plena analogia, e lhes são, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos, não tenho o que fazer para convencê-los, e não me ocupo deles; se-lo-ão um dia, pela força da evidência, porque será muito necessário que se inclinem diante do testemunho unânime dos fatos espíritas como foram forçados a fazê-los diante de tantos outros fatos que de início repeliram.

Para me resumir: se os fatos de tangibilidade são freqüentes, os fatos de transportes são muito raros, porque as suas condições são muito difíceis; conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: A tal hora, em tal momento, obterei um transporte; porque, freqüentemente, o próprio Espírito se encontra impedido em sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque aí se encontram, quase sempre, elementos energicamente refratários que paralisam os esforços do Espírito, e com mais forte razão a ação do médium. Tende, ao contrário, por certo, que esses fenômenos se produzem espontaneamente; o mais freqüentemente com o desconhecimento do médium e sem premeditação, quase sempre em particular, e, enfim, muito raramente, quando estes dele estão prevenidos; de onde deveis concluir que há motivo legítimo de suspeição, todas as vezes que um médium se gabe de obtê-los à vontade, dito de outro modo, de ordenar aos Espíritos como aos seus servidores, o que é muito simplesmente absurdo. Tende ainda por regra geral que os fenômenos espíritas não são, de nenhum modo, fatos para serem dados em espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a essas espécies de coisas, isso não pode ser senão para os fenômenos simples, e não para aqueles que, como os transportes e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, Espíritas, que é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, não é sábio, não mais do que aceitá-los cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontaneamente, e de maneira instantânea, aceitai-o; mas eu não saberia vos repetir mais, não aceiteis nada cegamente; que cada fato sofra um exame minucioso, aprofundado e severo; porque, crede-

o, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações que hábeis prestidigitadores podem imitar.

Eu bem sei o que ireis me dizer: é que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos; mas sabei bem que se não tivésseis tido outros meios de convicção, não teríeis hoje senão a centésima parte dos Espíritas que tendes. Falai ao coração; é por aí que fareis mais conversões sérias. Se credes útil, para certas pessoas, agir pelos fatos materiais, apresentai-os pelo menos em circunstâncias tais que não possam dar lugar a nenhuma falsa interpretação, e sobretudo não saiais das condições normais desses fatos; porque os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, em lugar de convencê-los.

ERASTO.

Os animais médiums.

(Sociedade Espírita de Paris. Sr. d'Ambel.)

Abordo hoje essa questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um de vossos mais fervorosos adeptos. Ele pretende, em virtude deste axioma, *quem pode o mais pode o menos*, que nós podemos medianimizar os pássaros e os outros animais, e deles não servir em nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais em filosofia, ou antes em lógica, pura e simplesmente um sofisma.

"Vós animais, disse ele, a matéria inerte, quer dizer, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a foniori* deveis animar a matéria já animada e notadamente dos pássaros." Pois bem! No estado normal do Espiritismo, isso não é assim, isso não pode existir.

De início, convenhamos bem os nossos fatos. Que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam com facilidade comunicar-se com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, de nenhum modo comunicações tangíveis, mentais, descritivas, físicas, nem de qualquer espécie que seja.

É um princípio que, disso estou seguro, é admitido por todos os Espíritas: é que os semelhantes agem com os seus semelhantes e como os seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? É preciso repeti-lo sem cessar? Pois bem! Eu vo-lo repetirei ainda: O vosso perispírito e o nosso são hauridos no mesmo meio, são de uma natureza idêntica, são semelhantes, em uma palavra; possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos e encarnados, nos colocar muito prontamente, e muito facilmente, em relação. Enfim, o que pertence dele próprio aos médiums, o que é mesmo da essência de sua individualidade, é uma afinidade especial, e ao mesmo tempo uma força de expansão particular, que aniquila neles toda refratariedade, e estabelece, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. De resto, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da medianimidade na maioria daqueles que não são médiums. Acrescentarei que é a essa qualidade refratária que é preciso atribuir a particularidade que faz com que certos indivíduos, não médiums, transmitam e desenvolvam a medianimidade, pelo seu simples contato, em médiums novatos ou médiums quase passivos, quer dizer, desprovidos de certas qualidades medianímicas.

Os homens estão sempre dispostos a tudo exagerar; uns, não falo aqui dos materialistas, recusam uma alma aos animais, e outros querem lhes dar uma, por assim dizer, semelhante à nossa. Por que querer assim confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, ficai disto bem convencidos, o fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover e falar em sua linguagem, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão a se misturar, a se unir, a se fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível, o homem, esse rei da criação. Ora, não é o que faz a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres senão essa condição essencial de perfectibilidade? Pois bem! Reconhecei, pois, que não se pode assimilar ao homem, único perfectível, em si mesmo e em suas obras, nenhum indivíduo de outras raças vivas sobre a Terra.

O cão, que sua inteligência superior entre os animais tornou o amigo e o comensal do homem, é perfectível de sua cabeça e de sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria sustentá-lo: porque o cão não faz o cão progredir; e aquele, entre os melhores adestrados, está sempre adestrado pelo seu mestre. Desde que o mundo é mundo, a lontra edifica sempre sua choupana sobre as águas, segundo as mesmas proporções e seguindo uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas nunca construíram seus ninhos de modo diferente que os seus pais não o fizeram. O ninho de pardal, antes do dilúvio, como o ninho de pardal da época moderna, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de fios de ervas e de detritos recolhidos na primavera, na época dos amores. As abelhas e as formigas, essas pequenas repúblicas econômicas, jamais variaram em seus hábitos de aprovisionamento, em seu modo de proceder, em seus costumes, em suas produções. Enfim, a aranha tece sempre a sua teia do mesmo modo. Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagem e as tendas das primeiras idades da Terra, encontrareis em seu lugar os palácios e os castelos da civilização moderna; às vestes de peles brutas, sucederam os tecidos de ouro e de seda; enfim, a cada passo, encontrais a prova dessa marcha incessante da Humanidade para o progresso.

Desse progresso constante, invencível, irrecusável da espécie humana, esse estacionamento indefinido das outras espécies animadas, concluí comigo que, se existem princípios comuns ao que vive e se move sobre a Terra: o sopro e a matéria, não é menos verdadeiro que só vós, Espíritos encarnados, estais submetidos a essa inevitável lei do progresso, que vos impele fatalmente para a frente, e sempre para a frente. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares para vos nutrir, vos vestir, vos secundar. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudar, lhes seria necessário compreender, e proporcionou a sua inteligência aos serviços que são chamados a fazer; mas, em sua sabedoria, não quis que fossem submetidos à mesma lei do progresso; tais foram criados, tais permanecem e permanecerão até a extinção de suas raças.

Foi dito: os Espíritos medianimizam e fazem mover a matéria inerte, as cadeiras, as mesas, os pianos; fazem mover, sim; mas medianimizam, não! Por que, ainda uma vez, sem médium, nenhum desses fenômenos podem se produzir. Que há de extraordinário que, com a ajuda de um ou de vários médiuns, façamos mover a matéria inerte, passiva, que, justamente em razão de sua passividade, de sua inércia, é própria para sofrer os movimentos e os impulsos que desejamos imprimir-lhes? Para isso temos necessidade de médiuns, é positivo; mas não é necessário que um médium esteja presente ou *consciente*, porque podemos agir com os elementos que nos fornece, com o seu desconhecimento e fora de sua presença, sobretudo, nos fatos de tangibilidade e de transporte. Nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável de vossos gases, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico mais animalizado do médium, e cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade é inapreciável para os vossos sentidos grosseiros, e quase inexplicável para vós, nos permite mover móveis e mesmo

quebrá-los em peças inabitadas.

Certamente, os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais, e, freqüentemente, tal temor súbito que os toma, e que não vos parece motivado, é causado pela visão de um ou de vários desses Espíritos mal intencionados para os indivíduos presentes, ou para aqueles a quem pertencem esses animais. Muito freqüentemente, apercebeis-vos de cavalos que não querem nem avançar e nem recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! Tende por certo que o obstáculo imaginário, freqüentemente, é um Espírito ou um grupo de Espíritos, que se divertem impedindo-os de avançar. Lembrai-vos do asno de Balaão, que vendo um anjo diante dele, e temendo sua espada flamejante, obstinava-se em não se mexer; é que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível só para o animal; mas, repito-o, nós não medianimizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte; sempre nos é preciso o concurso, consciente ou inconsciente, de um médium humano, porque nos é necessária a união de fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.

O Sr. Thiry, disse, magnetizou o seu cão; a que chegou? Matou-o; porque esse infeliz animal morreu depois de ter caído numa espécie de atonia, de languidez, conseqüência de sua magnetização. Com efeito, inundando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial de sua natureza, esmagou-o e agiu sobre ele, embora mais lentamente, à maneira do raio. Portanto, como não há nenhuma assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, nós os esmagaremos, instantaneamente, magnetizando-os.

Isso estabelecido, reconheço perfeitamente que, entre os animais, existem aptidões diversas; que certos sentimentos, que certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odiosos, segundo se proceda bem ou mal com eles. É que Deus, que não faz nada incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente aos animais selvagens, que habitam as solidões.

Para resumir: os fatos medianímicos não podem se manifestar sem o concurso consciente ou inconsciente do médium; e não é senão entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar aqueles que podem nos servir de médiuns. Quanto a adestrar os cães, os pássaros ou outros animais, para fazer tais ou tais exercícios, é vosso assunto e não o nosso.

ERASTO.

Nota. A propósito da discussão que ocorreu na Sociedade sobre a mediunidade dos animais, o Sr. Allan Kardec disse que observou muito atentamente as experiências que se fizeram, nestes últimos tempos, sobre pássaros aos quais se atribuía a faculdade medianímica, e acrescentou que reconheceu, da maneira mais incontestável, os procedimentos da prestidigitação, quer dizer, que cartas forçadas, mas empregadas com bastante destreza para iludir os expectadores que se contentam com a aparência sem examinar o fundo. Com efeito, esses pássaros fazem coisas que nem mesmo o homem mais inteligente, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido, poderiam fazer, de onde seria preciso concluir que possuem faculdades intelectuais superiores ao homem, o que seria contrário às leis da Natureza. O que é preciso mais admirar nessas experiências, é a arte, a paciência que foi preciso empregar para adestrar esses animais, torná-los dóceis e atentos; para obter esses resultados, certamente, foi preciso ter relações com naturezas flexíveis, mas isso não pode ser, em definitivo, senão animais adestrados, nos quais há mais hábito do que combinações; e a prova disso é que, se a deixam de exercer durante algum tempo, perdem logo o que

aprenderam. O encanto dessas experiências, como o de todos os torneios de prestidigitação, está no segredo dos procedimentos; uma vez conhecido o procedimento, perdem todo o seu atrativo; foi o que ocorreu quando os saltimbancos quiseram imitar a lucidez sonambúlica pelo pretense fenômeno do que chamavam a dupla vista. Não podia ali haver ilusão para quem conhecesse as condições normais do sonambulismo; ocorre o mesmo com a pretensa mediunização dos pássaros da qual todo observador experimentado pode, facilmente, se dar conta.

Povos, fazei silêncio!

(Envio do Sr. Sabo, de Bordeaux, médium senhora Cazemajoux.)

I

Para onde correm essas crianças vestidas de roupas brancas? A alegria ilumina seus corações; seu enxame alegre vai divertir-se nas verdes pradarias, onde farão uma ampla colheita de flores e perseguirão um inseto brilhante que se nutre em seus cálices. Descuidadas e felizes, não vêem mais longe que o horizonte azul que as cerca; sua queda será terrível, se não vos apressardes em dispor seus corações aos ensinamentos espíritas.

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vieram vos pregar; prestai ouvidos à suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

II

Eles se tornaram grandes e fortes; a varonil beleza de uns, a graça e o abandono de outros fazem reviver, no coração dos pais, as doces lembranças de uma época já distante deles, mas o sorriso que ia desabrochar sobre seus lábios descorados desaparece para dar lugar aos sombrios cuidados. É que eles também beberam em longos tragos na taça encantada das ilusões da juventude, e seu veneno sutil enfraqueceu seu sangue, enervou suas forças, envelheceu seus rostos, desguarneceu suas fronteiras, e queriam impedir seus filhos de provar nessa taça envenenada. Irmãos! O Espiritismo será o antídoto que deve preservar a nova geração de seus mortais estragos;

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vieram vos pregar; prestai ouvidos às suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

III

Chegaram à idade da virilidade; tornaram-se homens; são sérios e graves, mas não são felizes; seu coração é insensível e não tem senão uma fibra sensível: a da ambição. Empregam tudo o que têm de força e de energia para adquirir os bens terrestres. Para eles, nada de felicidade sem as dignidades, as honras, a fortuna. Insensatos! De um instante para outro, o anjo da libertação vai vos ferir; sereis forçados a abandonar todas essas quimeras; sois proscritos que Deus pode chamar de um instante para outro à mãe-pátria. Não construais nem palácios, nem monumentos; uma tenda, vestes e pão, eis o necessário. Contentai-vos com isso, e com o vosso supérfluo dai aos vossos irmãos o que lhes falta: o abrigo, a veste e o pão. O Espiritismo vem vos dizer que os verdadeiros tesouros que deveis adquirir são o amor de Deus e do próximo; eles vos farão ricos para a eternidade;

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vieram vos pregar; prestai ouvidos às suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

IV

Eles têm suas frentes inclinadas à beira do sepulcro; têm medo e gostariam de levantar a cabeça, mas o tempo arqueou suas espáduas, retesou seus nervos e seus músculos, e estão impossibilitados de olhar para o alto. Ah! Que angústias vêm assaltá-los! Evocam, no secreto de sua alma, sua vida inútil e, freqüentemente, criminosa; o remorso os rói como um abutre esfomeado; é que eles têm, freqüentemente, no curso dessa existência decorrida na indiferença, negado seu Deus, e lhes aparece na borda do túmulo, vingador inexorável. Não temais, Irmãos, e orai. Se, em sua justiça, Deus vos castiga, dará graça ao vosso arrependimento, porque o Espiritismo vem vos dizer que a eternidade das penas não existe, e que renasceis para vos purificar e expiar. Também, vós que estais fatigados em vosso exílio sobre a Terra, fazei todos os vossos esforços para vos melhorar, a fim de para ela não mais retornar;

Porque os Espíritos do Senhor passaram através das nuvens e vêm vos pregar; prestai ouvido às suas vozes amigas; escutai atentamente; povos, fazei silêncio!

BYRON.

Jean-Jacques Rousseau.

(Méd. Senhora Costel.)

Nota. O médium está ocupado com coisas muito estranhas ao Espiritismo; dispunha-se a escrever para assuntos pessoais, quando uma força invisível o constrangeu a escrever o que se segue, apesar de seu desejo de prosseguir o trabalho começado. É o que explica o início da comunicação:

"Eis-me, embora não me chames. Venho falar-te de coisas muito estranhas às tuas preocupações. Eu sou o Espírito de Jean-Jacques Rousseau. Esperei por muito tempo a ocasião para me comunicar contigo. Escutai-me, pois.

"Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, pouco ou nada definidos até aqui. Explica, mais ainda que não descobre, horizontes novos. A reencarnação e as provas suportadas antes de chegar ao objetivo supremo, não são revelações, mas uma confirmação importante. Fui tocado pelas verdades que esse *meio* põe à luz. Digo meio com intenção, porque na minha opinião, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação das questões morais está inteiramente para criar; discutem-se a política que movimenta os interesses gerais, discute-se os interesses privados; apaixona-se pelo ataque ou a defesa das personalidades, aquelas que são o pão da alma, o pão da vida, são deixadas no pó acumulado pelos séculos. Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos da multidão, salvo o da alma; sua educação, sua elevação são quimeras boas no máximo para ocupar os lazes dos padres, dos poetas, das mulheres, seja no estado de moda, seja no estado de ensinamento.

"Se o *Espiritismo* ressuscita o *Espiritualismo*, retornará à sociedade o impulso que dá a uns a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevar para o Ser

supremo, esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

J.-J. ROUSSEAU."

A Controvérsia.

(Envio do Sr. Sabô, de Bordeaux.)

Ó Deus! Meu senhor, meu pai e meu criador, dignai-vos de dar ainda, ao vosso servidor, um pouco dessa eloqüência humana que leva a convicção aos corações dos Irmãos que vêm, em torno do púlpito sagrado, instruir-se das verdades que ensinastes

Deus, vos enviando seus Espíritos para vos ensinar vossos verdadeiros deveres para com ele e para com os vossos irmãos, quer sobretudo que a caridade seja o vosso móvel em toda as vossas ações, e vossos irmãos que querem fazer renascer esses dias de luto, estão no caminho do orgulho. Esse tempo está longe de vós, e Deus seja sempre bendito por ter permitido que os homens cessassem, para sempre, essas disputas religiosas que nunca produziram nenhum bem, e que causaram tanto mal. Por que querer discutir os textos evangélicos que já comentastes de tantas maneiras? Esses diversos comentários ocorreram, então, quando não tínheis o Espiritismo para vos esclarecer, e ele vos disse: A moral evangélica é a melhor, e segui-a; mas se, no fundo de vossa consciência, uma voz vos grita: Para mim há tal ou tal ponto obscuro, e não posso me permitir pensar diferentemente de meus outros irmãos! Heloim! Meu irmão, deixai de lado o que é perturbação para vós; amai a Deus e a caridade, e estareis no bom caminho. De que serviu o fruto de minhas longas vigílias quando vivia em vosso mundo? Para nada. Muitos não lançaram os olhos sobre os meus escritos, que não eram ditados pela caridade e que atraíram perseguições aos meus irmãos. A controvérsia é sempre animada de um sentimento de intolerância, que pode degenerar até à ofensa, e a teimosia que cada um põe para sustentar as suas pretensões distancia a época em que a grande família humana, reconhecendo seus erros passados, respeitará todas as crenças e não dirigirá ela mesma o punhal que cortou esses laços fraternais. E, para vos dar um exemplo do que vos disse, abri o Evangelho, e aí encontrareis estas palavras: "Eu sou a verdade e a vida; só aquele que crê em mim viverá." E muitos dentre vós condenam aqueles que não seguem a religião que possui os ensinamentos do Verbo encarnado; todavia, muitos estão sentados à direita do Senhor, porque, na equidade de seus corações, o adoraram e amaram; que respeitaram as crenças de seus irmãos e que gritaram para o Senhor, quando viram os povos se dilacerarem entre si, em lutas de religião, e que não estavam aptos para encontrar o verdadeiro sentido das palavras do Cristo, e que não eram senão os instrumentos cegos de seus padres ou de seus ministros.

Meus Deus, eu que vivi nesse tempo em que os corações eram agitados por tempestades para os irmãos de uma crença oposta, se tivesse sido mais tolerante, se não tivesse condenado, em meus escritos, sua maneira de interpretar o Evangelho, estariam hoje menos irritados contra seus irmãos católicos, e todos teriam dado um passo maior para a fraternidade universal; mas os Protestantes, os Judeus, todas as religiões um pouco marcantes, têm seus sábios e seus doutores, e quando o Espiritismo, mais difundido, for estudado de boa-fé por esses homens instruídos, eles virão, como o fizeram os Católicos, dar a luz aos seus irmãos e acalmar os seus escrúpulos religiosos. Deixai, pois, Deus prosseguir a obra da reforma moral que deve vos elevar para ele, todos no mesmo grau, e não vos rebeleis aos ensinamentos dos Espíritos que ele vos envia.

BOSSUET.

O Pauperismo.

(Envio do Sr. Sabô, de Bordeaux.)

É em vão que os filantropos de vossa Terra sonham coisas palavras são palavras de verdade. Não é, meu amigo, que no presente que conheceis o Espiritismo, achais justa e eqüitativa essa desigualdade das condições que vos causava náuseas, cheias de murmúrios contra esse Deus que não fizera todos os homens igualmente ricos e felizes? Pois bem! Agora que pensais que Deus faz bem tudo o que faz, e que sabeis que pobreza é um castigo ou uma prova, procurai aliviá-la, mas não vinde, por utopias, fazer o infeliz sonhar com uma igualdade impossível. Certamente que, por uma sábia organização social, podem aliviar-se muitos sofrimentos, e é a isso que é preciso visar; mas pretender fazê-los todos desaparecer da superfície da Terra é uma idéia quimérica. Sendo a Terra um lugar de expiação, haverá sempre pobres que expiam, nessa prova, o abuso que fizeram dos bens dos quais Deus os fizera dispensadores e que jamais conheceram a doçura de fazer bem aos seus irmãos; que entesouraram, peça por peça, para amontoar riquezas inúteis a si mesmos e aos outros; que se enriqueceram com despojos da viúva e do órfão. Oh! Aqueles são muito culpáveis, e seu egoísmo terá um terrível retorno!

Guardai-vos, no entanto, de ver, em todos os povos, culpados em punição; se a pobreza é para alguns uma expiação severa, para outros é uma prova que deve abrir-lhes, mais prontamente, o santuário dos eleitos. Sim, haverá sempre pobres e ricos, para que uns tenham o mérito da resignação, e os outros da caridade e do devotamento. Quer sejais ricos ou pobres, estais sobre um terreno escorregadio que pode vos precipitar no abismo, e sobre o declive do qual só as vossas virtudes podem vos reter.

Quando digo que haverá sempre pobres sobre a Terra, quero dizer enquanto houver vícios que dela farão um lugar de expiação para os Espíritos perversos, que Deus envia para se encarnar aí, para o seu próprio castigo e o dos vivos. Merecei por vossas virtudes, que Deus não vos envie senão bons Espíritos, e de um inferno fareis um paraíso terrestre.

ADOLPHE, bispo de Alger.

A Concórdia.

(Envio do Sr. Rodolphe, de Mulhouse.)

Sede unidos, meus amigos, é a união que faz a força. Proscreei de vossas reuniões todo espírito de discórdia, todo espírito de ciúme. Não invejeis as comunicações que tal ou tal médium recebe, cada um as recebe segundo a disposição de seu Espírito e a perfeição de seus órgãos.

Não vos esqueçais jamais que sois irmãos, e essa fraternidade não é illusória: é uma fraternidade real; porque aquele que foi vosso irmão, numa outra existência, pode se encontrar entre vós, pertencendo a uma outra família.

Sede, pois, unidos de espírito e de coração; tende a mesma comunhão de pensamentos. Sede dignos de vós mesmos, da doutrina que professais e dos ensinamentos que estais chamado a

difundir.

Sede, pois, conciliadores em vossas opiniões; nelas nada tendes de absoluto; procurai vos esclarecer uns pelos outros. Sede à altura de vosso apostolado, e dai ao mundo o exemplo da boa harmonia.

Sede o exemplo vivo da fraternidade humana, e mostrai a que podem chegar os homens sinceramente devotados à propagação da moral.

Não tendo senão um único objetivo, não deveis ter senão um mesmo pensamento, o de pôr em prática o que ensinai. Que vossa divisa seja, pois: União e concórdia, Paz e fraternidade !

MARDOQUEU.

A aurora dos novos dias.

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun, Senhora Costel.)

Eis-me aqui, eu que não mais evocais, mas que estou desejosa de ser útil, ao meu turno, a uma sociedade cujo objetivo é tão sério quanto o é o vosso. Falar-vos-ei de política. Não vos assusteis: eu sei em quais limites devo me encerrar.

A situação atual da Europa oferece o aspecto mais surpreendente para o observador; em nenhuma época, disso não excetuo mesmo o fim do último século que operou uma tão grande abertura nos preconceitos e nos abusos que comprimiam o espírito humano; em nenhuma época, digo eu, o movimento intelectual se fez sentir mais temerário, mais franco. Digo franco, porque o espírito europeu caminha na verdade. A liberdade não é mais um fantasma sangrento, mas a bela e grande deusa da prosperidade pública. Na Alemanha mesmo, nessa Alemanha que descrevi com tanto amor, o sopro ardente da época abate as últimas fortalezas dos preconceitos. Sede felizes, vós que viveis em um tal momento; mas mais feliz ainda serão os vossos descendentes; porque a hora se aproxima, a hora anunciada pelo Precursor; vedes branquear o horizonte, mas, como outrora os Hebreus, permanecereis no limiar da Terra Prometida, e não vereis se levantar o sol radioso dos novos dias.

STAEL.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Setembro

- [O estilo é o homem - Polêmica entre vários Espíritos](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [A pena de talião](#)
- Correspondência.
 - [Carta do Sr. Mathieu sobre a mediunidade dos pássaros.](#)
 - [Carta do Sr. Jobard sobre os Espíritos de Metz.](#)
 - [Cartas sobre as Sociedades Espíritas de Lyon e de Bordeaux.](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Um Espírito israelita aos seus correligionários.](#)
- [Variedades - Um boato](#)

O estilo é o homem

Revista Espírita, setembro de 1861

Polêmica entre vários Espíritos.

(Sociedade Espírita de Paris).

Na sessão da Sociedade de 19 de julho de 1861, o Espírito de Lamennais deu espontaneamente a dissertação seguinte, sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, por intermédio do Sr. A. Didier, médium. Buffon, achando-se atacado, replicou, alguns dias depois, por intermédio do Sr. d'Ambel. Depois, sucessivamente, o visconde Delaunay (Sra. Delphine de Girardin), Bernardin de Saint-Pierre e outros mantiveram uma discussão. E esta polêmica, tão curiosa quanto instrutiva, que reproduzimos em sua íntegra. Notar-se-á que ela não foi nem provocada nem premeditada, e que cada Espírito veio espontaneamente tomar parte nela; Lamennais abriu a discussão, os outros o seguiram.

Dissertação de Lamennais.

(Méd. Sr. A. Didier.)

Há um fenômeno bem estranho no homem, é o que se chamaria o fenômeno dos contrastes; antes de tudo, falamos das naturezas de elite; eis o fato: Encontrais no mundo Espíritos cujas obras poderosas contrastam estranhamente com a vida privada e os hábitos de seus autores. O Sr. de Buffon disse: *O estilo é o homem*; infelizmente, esse grande senhor do estilo e da elegância viu demasiado todos os autores por si mesmo. E o que poderia se aplicar a ele está longe de ser aplicável a todos os outros escritores. Tomamos aqui a palavra estilo no sentido mais amplo e em sua mais larga acepção. O estilo, ao nosso ver, será a maneira grande, a forma mais pura pela qual o homem exprime as suas idéias. Todo gênio humano está, pois, aqui diante de nós, e, com um golpe de vista, contemplamos todas as obras da inteligência humana: poesia na arte, na literatura e na ciência. Longe de dizer, como Buffon: O estilo é o homem, diremos, talvez de maneira menos concisa, menos formulada, que o homem, pela sua natureza inconstante, difusa, contrariante e revoltada, freqüentemente, escreve contrariamente à sua natureza primeira, às suas primitivas aspirações, e eu diria mesmo mais, às suas crenças.

A miúdo, lendo as obras de mais de um grande gênio de um século ou de um outro, nós nos dizemos: Que pureza! Que sensibilidade! Que crença profunda no progresso! Que grandeza! Depois aprende-se que o autor, longe de ser o *autor moral* de suas obras, delas não é senão o *autor material*, imbuído de preconceitos e de idéias preconcebidas. Há aí um grande fenômeno, não somente humano, mas espírita.

Muito freqüentemente, pois, o homem não se reflete em suas obras; diremos também quantos poetas gastos, embrutecidos; quantos artistas desiludidos sentem, de repente, uma centelha divina iluminar, por vezes, a sua inteligência! Ah! é que aqui o homem escuta outra coisa do que a si mesmo; ele escuta o que o profeta Isaías chamava *o pequeno sopro*, e que

nós, nós chamamos os Espíritos. Sim, sentem neles essa voz sagrada, mas esquecem Deus e sua luz, e a atribuem a si mesmos; recebem a graça na arte como outros a recebem na fé, e ela toca, algumas vezes, aqueles que pretendem negá-la.

LAMENNAIS.

Réplica de Buffon.

(Méd. Sr. d'Ambel.)

Foi dito que eu era um gentil-homem de letras, e que meu estilo, vestido com gosto, cheirava a poeira e a tabaco da Espanha; não é a mais certa consagração desta verdade: *O estilo é o homem?* Se bem que haja um pouco de exagero, me apresentando a espada ao lado e a pena à mão, confesso que amava as belas coisas, as roupas lantejouladas, as rendas e as vestes vistosas, em uma palavra, tudo o que era elegante e delicado; portanto, era natural que eu fosse sempre elegante; por isso, meu estilo carrega consigo essa marca de bom tom, esse perfume de boa companhia que se encontra igualmente em nossa grande Sévigné. Que quereis! sempre preferi as alcovas e as antecâmeras aos cabarés e às multidões de baixa condição. Permiti-me-eis, pois, apesar da opinião emitida pelo vosso contemporâneo Lamennais, manter meu judicioso aforismo, apoiando-o em alguns exemplos tomados entre os vossos autores e os vossos filósofos modernos. Uma das infelicidades de vosso tempo é que muitos fizeram ofício de sua pena; mas deixemos esses artesãos da pena que, semelhantes aos artistas da palavra, escrevem indiferentemente pró ou contra tal idéia, segundo aquele que os paga, e gritam segundo os tempos: *Viva o rei! Viva a Liga!* Deixemo-los; aqueles, para mim, não são, de nenhum modo, autores sérios.

Vejamos, abade, não vos ofendais se vos tomo, vós mesmo, como exemplo; a vossa vida, mal fundamentada, não está sempre refletida em vossas obras? E *Da indiferença em matéria de religião* às vossas *Palavras de um crente*, que contraste, como dizeis! Não obstante, o vosso tom doutorai é tão categórico, tão absoluto numa como na outra dessas obras. Sois bilioso, abade, convinde nisso, e destilais a vossa bile em queixas amargas em todas as belas páginas que deixastes. Em sobrecasaca abotoada, como em batina, ficastes desclassificado, meu pobre Lamennais. Vejamos, não vos irriteis, mas convinde comigo que *o estilo é o homem*.

Se de Lamennais passo a Scribe, o homem feliz se reflete nas tranqüilas e pacíficas comédias de costumes. É alegre, feliz e sensível: semeia a sensibilidade, a alegria e a felicidade em suas obras. Nele, jamais o drama, jamais o sangue; somente alguns duelos sem perigos para punir o traidor e o culpado.

Vede em seguida Eugène Sue, o autor dos *Mistérios de Paris*. Ele é forte como o seu príncipe Rodolphe, e, como ele, aperta em sua luva amarela a mão calejada do operário; como ele se faz o advogado das causas populares.

Vede o vosso Dumas vagabundo, desperdiçando a sua vida e a sua inteligência; indo do pólo sul ao pólo norte tão facilmente quanto os seus famosos mosqueteiros; brincando de conquistador com Garibaldi, e indo da intimidade do duque de Orléans à dos párias napolitanos; fazendo romances com a história, e pondo a história em romances.

Vede as obras orgulhosas de Victor Hugo, esse tipo de orgulho encarnado; *eu, mim*, disse

Hugo poeta; *eu, mim*, disse Hugo sobre o seu rochedo de Jersey.

Vede Murger, esse cantor de costumes fáceis, desempenhando conscienciosamente seu papel nessa boêmia que ele cantou. Vede Nerval, de cores estranhas, de estilo ornado e incoerente, fazendo *fantasia* com a sua vida, como com a sua pena. Quantos deles deixo, e dos melhores! Como Soulié e Balzac dos quais a vida e as obras seguem caminhos paralelos. Mas creio que esses exemplos vos bastarão para que não repilais, de maneira tão absoluta, o meu aforismo: *O estilo é o homem*.

Não teríeis, caro abade, confundido a forma e o fundo, o estilo e o pensamento? Mas ainda aí tudo se liga.

BUFFON.

Perguntas dirigidas a Buffon a propósito de sua comunicação.

Perg. Nós vos agradecemos pela espiritual comunicação que consentistes em nos dar; mas há uma coisa que nos admira, é que estais tão ao corrente dos menores detalhes de nossa literatura, apreciando com uma justeza notável as obras e os autores. Ocupai-vos, pois, ainda bastante com o que se passa sobre a Terra para disso ter conhecimento? Ledes, portanto, tudo o que se publica? Quereis nos dar, a esse respeito, uma explicação que será muito útil para a nossa instrução?

Resp. Não temos necessidade de muito tempo para ler e apreciar; com um único golpe de vista percebemos o conjunto das obras que atraem a nossa atenção. Todos, tantos que somos, nos ocupamos com interesse com o vosso pequeno grupo, e não poderíeis crer quantos daqueles que chamais homens eminentes seguem com benevolência o progresso do Espiritismo. Deveis pensar também o quanto fiquei feliz em ver o meu nome pronunciado por um de seus fiéis Espíritos, Lamennais, e com que prontidão aproveitei a ocasião de me comunicar convosco. Com efeito, quando fui lembrado em vossa última sessão, recebi, por assim dizer, o contra-golpe de vosso pensamento; e não querendo que a verdade, que havia proclamado em meus escritos, fosse transtornada sem ser defendida, pedi a Erasto para me emprestar o seu médium para responder às assertivas de Lamennais. Por outro lado, deveis compreender que cada um de nós permanece fiel às suas preferências terrestres; é porque nós outros, escritores, estamos atentos ao progresso que os autores vivos realizam, ou crêem realizar, na literatura; do mesmo modo que os Jouffroy, os Laroque, os La Romiguière, se preocupam com a filosofia, e os Lavoisier, os Berzélius, os Thénard com a química, cada um cultiva a sua opinião e se lembra com amor de seus trabalhos, seguindo com olhar inquieto o que fazem os seus sucessores.

Perg. Apreciastes, com poucas palavras, vários escritores contemporâneos, mortos ou vivos; vos ser-vos-íamos muito reconhecidos em nos dar, sobre alguns, uma apreciação um pouco mais desenvolvida; esse seria um trabalho acompanhado que nos seria muito útil. Para começar, vos pedimos para nos falar de Bernardin de Saint-Pierre, e sobretudo de seu *Paul et Virginie* que condenastes a leitura, e que, no entanto, tornou-se uma das obras mais populares.

Resp. Não posso aqui empreender o desenvolvimento crítico das obras de Bernardin de Saint-Pierre; mas quanto à minha apreciação de então, posso confessá-la hoje: eu era como o Sr.

Josse, um tanto ourives; em uma palavra, fiel ao espírito de confraternização literária, sovava, quanto podia, um importuno e importante concorrente. Dar-vos-ei, mais tarde, uma apreciação verdadeira sobre esse eminente escritor, se um Espírito, realmente crítico, como Merle ou Geoffroy, não se encarregar de fazê-lo.

BUFFON.

Defesa de Lamennais pelo visconde Delaunay.

(Médium Sr. d'Ambel.)

Nota. Na conversação que teve lugar na Sociedade sobre as comunicações precedentes, o nome da senhora de Girardin foi pronunciado a propósito do assunto em discussão, embora não haja sido mencionado pelos Espíritos interlocutores; é o que explica a estréia do novo interveniente.

- Em vossas últimas sessões, me colocastes um pouco em causa, senhores Espíritas, e creio que me destes o direito, como se diz no Palais, de intervir nos debates. Não foi sem prazer que ouvi a profunda dissertação de Lamennais e a resposta, um pouco viva, do Sr. de Buffon; mas falta uma conclusão a esse torneio; portanto, intervenho e me erijo juiz do campo, com a minha autoridade particular. Aliás, pedíeis um crítico; eu vos respondo: tomai meu urso; porque se disse vos lembrais, participei, em minha vida, de maneira que se dizia magistral, desse temido posto de crítico executor; apraz-me infinitamente retornar sobre esse terreno amado. Ora, pois, era uma vez..... mas não, deixemos aí as banalidades do gênero e entremos seriamente na matéria.

Senhor de Buffon, manejas o epigrama de maneira bonita; vê-se que resultais do grande século; mas, por elegante escritor que sejas, um visconde de minha raça não teme levantar vossa luva e cruzar armas convosco. Então, meu gentil-homem! fostes bem duro para esse pobre Lamennais, que tratastes de desclassificado! É a culpa desse gênio extraviado se, depois de ter escrito com mão de mestre esse estudo esplêndido que lhe censurastes, ele se voltou para outras regiões, para outras crenças? Certamente, as páginas da *Indiferença em matéria de religião* seriam assinadas a duas mãos pelos melhores prosadores da Igreja; mas se essas páginas permaneceram de pé quando o padre se desconcertou, disso não conheceis a causa, vós tão rigoroso? Ah! Olhai Roma, e lembrai-vos de seus costumes dissolutos, e tereis a chave dessa mudança de idéias que vos espantou. Ora essa! Roma está tão longe de Paris!

Os filósofos, os pesquisadores do pensamento, todos esses rudes trabalhadores incansáveis do eu psicológico, jamais devem ser confundidos com os escritores de pura forma; estes escrevem para os prazeres do público, aqueles para a ciência profunda; estes últimos não têm por preocupação senão a verdade, os outros não se vangloriam de serem lógicos: fogem à uniformidade. Em suma, o que procuram, o que vós mesmo procuráveis, meu bom senhor, quer dizer a fama, a popularidade, o sucesso, que se resumem em bons escudos vacilantes. De resto, salvo isso, a vossa espiritual resposta é muito verdadeira para que não a aplaudisse com o maior prazer; somente isso de que responsabilizais o indivíduo, responsabilizo o meio social. Enfim, tinha que defender meu contemporâneo que, sabei-o bem, não correu nem alcovas, nem cabarés, nem antecâmaras, nem multidão de baixa condição. Bem empoleirado em sua mansarda, sua única distração era esmigalhar o pão para os pardais barulhentos que

vinham visitá-lo em sua cela da rua de Rivoli; mas a sua suprema alegria era estar sentado diante de sua mesa manca, e fazer voar a sua pena rápida sobre as folhas virgens de um caderno de papel!

Ah! Certamente, teve razão em se lamentar, esse grande Espírito enfermo que, para evitar a mancha de um século material, desposara a Igreja católica, e que, depois de tê-la desposado, encontrou a mancha assentada sobre os degraus da escada do altar. É sua culpa se, lançado jovem entre as mãos dos clérigos, não pôde sondar a profundidade do abismo em que se precipitava? Sim, teve razão em exalar suas queixas amargas, como dissestes; não é a imagem viva de uma educação mal dirigida e de uma vocação imposta?

Padre despadrado! Sabeis quantos ineptos burgueses lhe lançaram, freqüentemente, essa injúria à face, porque ele obedeceu às suas convicções e ao impulso de sua consciência? Ah! crede-me, feliz naturalista, enquanto corréis as belas e vossa pena, célebre pela conquista do cavalo, era louvada por lindas pecadoras e aplaudida por mãos perfumadas, ele subia penosamente o seu Gólgota! Porque, como o Cristo, bebeu o seu cálice de amargura e carregou rudemente a sua cruz!

E vós, senhor de Buffon, é que não dais um pouco o flanco à crítica? Vejamos. Pois sim! O vosso estilo é janota como vós, e como vós todo de lantejoulas vestido! Mas também que intrépido viajor fostes? Visitastes países!... não, bibliotecas desconhecidas? Que infatigável pioneiro! Arroteastes florestas!... não, manuscritos inéditos e ineditados! Nisto convenho, recobristes todos os vossos ricos despojos com um verniz brilhante que está bem a vós. Mas de todos esses volumes atravancadores o que há de sério para vós como estudo, como fundo? A história do cão, do gato ou do cavalo talvez? Ah! Lamennais escreveu menos do que vós, mas tudo está bem a ele, senhor de Buffon: *a forma e o fundo*. Se vos acusava, outro dia, de ter menosprezado o valor das obras do bom Bernardin de Saint-Pierre; vos desculpastes um pouco jesuiticamente; mas não dissestes que se recusastes a vitalidade a *Paul et Virginie*, é que em obra desse gênero, estais ainda *na grande Scudéri*, no grande Cyrus e no país do Tendre, enfim, em toda essa ninharia sentimental que faz tão bem entre os donos de sebos, esses negociantes de casaca da literatura. Eh! eh! senhor de Buffon, começais a cair lindamente baixo na estima desses senhores, ao passo que o utopista Bernardin conservou um curso elevado. *A Paix universelle*, uma utopia! *Paul et Virginie*, uma utopia! Vamos, vamos! O vosso julgamento foi anulado pela opinião pública. Disso não falemos mais.

Minha fé, tanto pior! Colocastes a pena à minha mão, e dela uso e abuso; isso vos ensinará, caros Espíritos, a vos inquietar com um baixo azul reformado como eu, a vos perguntar por minhas notícias. Esse caro Scribe nos chegou todo atordoado desses últimos semi-sucessos; gostaria que nos erigíssemos em Academia; falta-lhes sua palma verde; era tão feliz sobre a Terra, que hesita ainda em sentar-se em sua nova posição. Ora essa! ele se consolará vendo retomar suas peças, e em algumas semanas não mais aparecerá.

Gérard de Nerval vos deu ultimamente uma encantadora fantasia inacabada; a acabá-la-á, esse caprichoso Espírito? Quem o sabe! Entretanto, queria concluir que o verdadeiro do sábio não sendo o verdadeiro, o belo do pintor não sendo o belo, e a coragem da criança sendo mal recompensada, tinha feito bem em seguir os desvios de sua cara *Fantasia*.

Visconde DELAUNAY (Delphine de Girardin).

Nota. Ver adiante *Fantasia*, por Gérard de Nerval.

Resposta de Buffon ao visconde Delaunay.

Convidastes-me a entrar num debate do qual estava vivamente despedido, para não me tê-lo por dito; e vos confesso que prefiro permanecer no meio pacífico onde estava, a me expor a uma semelhante carga à rédea solta. Em meu tempo, trocava-se um gracejo mais ou menos ateniense, mas hoje, puxa! Vai-se a golpes de chicote chumbado. Obrigado! Eu me retiro; disso tenho mais do que me é preciso; porque estou ainda todo marcado pelos golpes do visconde. Convinde que, se bem que hajam sido generosamente, muito generosamente administrados pela graciosa mão de uma mulher, não são menos pungentes. Ah! senhora, vós me chamastes à caridade de um modo pouco caridoso. Visconde! sois muito temido; eu vos entrego as armas e reconheço humildemente meus erros. Nisso convenho, Bernardin de Saint-Pierre foi um grande filósofo; que digo eu? Ele encontrou a pedra filosofal, e não sou, como não fui, senão um indigesto compilador! Eis aí! estais contente? Vejamos, sede gentil e não me humilheis mais assim doravante, sem o que obrigáreis um gentil-homem, amigo de nosso grupo parisiense, a deixar o lugar, o que não faria senão seu grande desgosto, porque tem que aproveitar, ele também, os ensinamentos espíritas, e conhecer o que se passa aqui.

E tomai: ouvi hoje o relato de fenômenos tão estranhos que, em meu tempo, teriam sido queimados vivos, como feiticeiros, os atores e mesmo os narradores desses acontecimentos. Entre nós, estão bem aí os fenômenos espíritas? A imaginação de um lado, e o interesse de outro, nisso não estão para alguma coisa? Eu não quero isso jurar. Que pensa disso o espiritual visconde? Quanto a mim, me lavo as mãos. Aliás, se creio em meu julgamento de naturalista, todo naturalista de gabinete que me chame, os fenômenos dessa ordem não devem ocorrer senão muito raramente. Quereis minha opinião sobre o negócio de Havana? Pois bem! Há ali um bando de pessoas mal intencionadas, que têm todo interesse em desacreditar a propriedade, para que possa ser vendida a preço vil, e proprietários medrosos e tímidos, espantados com uma fantasmagoria muito bem montada. Quanto ao lagarto: lembro-me bem de lhe ter escrito a história, mas confesso não ter jamais encontrado os diplomados pela faculdade de medicina. Há aqui um médium de cérebro fraco, que tomou em sua imaginação fatos que não tinham, em suma, nenhuma realidade.

BUFFON.

Nota. Este último parágrafo faz alusão a dois fatos contados na mesma sessão e dos quais, por falta de lugar, adiamos o relato para um outro número. Buffon dá a esse respeito sua opinião, espontaneamente.

Resposta de Bernardin de Saint-Pierre.

(Méd. Senhora Costel.)

Venho, eu, Bernardin de Saint-Pierre, misturar-me a um debate em que meu nome foi pronunciado, discutido e defendido. Não posso ser da opinião de meu espiritual defensor; o senhor de Buffon tem um valor outro que o de um compilador eloqüente. Que importam os erros literários de um julgamento, freqüentemente, tão fino e delicado nas coisas da natureza e que não se extraviou senão pela rivalidade e o ciúme de ofício!

No entanto, sou inteiramente de opinião contrária à sua, e, como Lamennais, digo: não, o estilo não é o homem. Disso sou uma prova eloqüente, eu, cuja sensibilidade jazia

inteiramente no cérebro, e que inventava o que os outros sentem. Do outro lado da vida julgam-se com frieza coisas da vida terrestre, coisas acabadas; não mereço toda reputação literária da qual gozei. *Paul et Virginie*, se aparecesse hoje, seria facilmente eclipsado por uma quantidade de encantadoras produções que passam despercebidas; é que o progresso de vossa época é grande, maior do que vós, contemporâneos, podeis julgá-lo. Tudo se eleva: ciências, literatura, arte social; mas tudo se eleva como nível do mar em maré montante, e os marinheiros que estão ao largo não podem julgá-la. Estais ao largo.

Retorno ao senhor de Buffon de quem louvo o talento e de quem esqueço a censura, e também ao meu espiritual defensor que sabe descobrir todas as verdades, seus sentidos espirituais, e que lhes dá uma cor paradoxal. Depois de vos ter provado que os literatos mortos não conservam nenhum rancor, eu vos dirijo todos os meus agradecimentos e também o meu vivo desejo de poder vos ser útil.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE,

Lamennais a Buffon.

(Méd Sr. A. Didier.)

É preciso prestar bem atenção, senhor de Buffon; não concluí, de nenhum modo, de maneira literária e humana; encarei a questão de outro modo, o que dela deduzi foi isto: "Que a inspiração humana, muito freqüentemente, é divina." Não havia aí matéria para nenhuma controvérsia. Não escrevo mais com essa pretensão, e podeis vê-lo mesmo em minhas reflexões sobre a influência da arte, sobre o coração e o cérebro (1-(1) Alusão a uma série de comunicações ditadas por Lamennais. sob o título de: *Meditações filosóficas e religiosas*, e que publicaremos no próximo número.); evitei o mundo e as personalidades; não retornamos jamais ao passado, vejamos o futuro. Cabe aos homens julgar e discutir nossas obras; cabe-nos dar-lhes outras, todas emanadas desta idéia fundamental: Espiritismo. Mas para nós: adeus ao mundo!

LAMENNAIS.

Fantasia.

por Gérard de Nerval.

(Méd. Sr. A. Didier.)

Nora. Lembra-nos que Buffon, falando dos autores contemporâneos, disse que "*Gérard de Nerval*, em cores estranhas no estilo rendado e desordenado, fazia da *fantasia* como sua vida, como sua pena." Gérard de Nerval, em lugar de discutir, respondeu a esse ataque ditando espontaneamente o trecho seguinte, ao qual ele mesmo deu o título de *Fantasia*. Escreveu em duas sessões, e foi no intervalo que teve lugar a resposta do visconde Delaunay a Buffon; foi por isso que disse que não sabia se esse caprichoso Espírito o terminaria, e dele dá a conclusão provável.

Não a colocamos em seu lugar cronológico, para não interromper a série de ataques e de réplicas, Gérard de Nerval não se misturando aos debates senão por essa alegoria filosófica.

- Um dia, em uma de minhas *fantasias*, cheguei, não sei como, junto ao mar, num pequeno porto pouco conhecido; que importa! Tinha abandonado, por algumas horas, meus companheiros de viagem, e pude me entregar à *fantasia* mais agitada, uma vez que é o termo consagrado às minhas evoluções cerebrais. Não é preciso, no entanto, crer que a *Fantasia*, seja sempre uma filha extravagante, entregando-se às excentricidades do pensamento; freqüentemente, a pobre filha ri para não chorar, e sonha para não cair; freqüentemente, seu coração está ébrio de amor e de curiosidade, quando a sua cabeça se perde nas nuvens; é talvez porque ela ama muito, essa pobre imaginação; deixai-a, pois, errar, uma vez que ama e que ela admira.

Eu estava, pois, com ela no dia em que contemplava o mar do qual o céu era o horizonte, quando no meio de minha solidão a dois, percebi um pequeno velho, ornamentado, é verdade! Tivera o tempo de sê-lo, felizmente, porque estava bastante enfraquecido; mas o seu ar era tão positivo, seus movimentos tão regulares, que essa sabedoria e essa harmonia em suas maneiras supriam os nervos e os músculos entorpecidos. Sentou-se, examinou bem o terreno, e se assegurou de que não seria picado por alguns desses pequenos animais que formigam sob a areia do mar; depois depositou ao lado dele sua bengala com cabo de ouro; mas julgai meu espanto, quando colocou seus óculos. Óculos! para ver a imensidade! *Fantasia* deu um pulo terrível e quis se lançar sobre ele; cheguei a acalmá-la com muita dificuldade; aproximava-me, escondido atrás de uma rocha, e quis ouvir com todos os meus ouvidos: "Eis, pois, a imagem de nossa vida! o grande todo, ei-lo! Profunda verdade! Eis, pois, nossas existências elevadas e inferiores, profundas e mesquinhas, revoltadas e calmas! Ó vagas! Vagas! Grande flutuação universal!" Depois o pequeno velho não fala mais senão em si mesmo. *Fantasia*, até ali, fora pacífica, e escutara religiosamente; mas não se conteve mais, soltou uma longa gargalhada; não tive senão o tempo de transportá-la em meus braços, e abandonamos o pequeno velho. "Em verdade, dizia *Fantasia*, deve ser um membro de alguma sociedade sábia." Depois de ter corrido durante algum tempo, percebemos uma tela de pintor, representando um pedaço de falésia e o começo do Oceano. Eu olhava, ou antes, nós olhávamos a tela. O pintor, provavelmente, procurava um outro local nas redondezas; depois de ter olhado a tela, olhei a natureza e alternativamente. *Fantasia* quis romper a tela; tive muito trabalho para contê-la. - Como! disse-me ela, são sete horas da manhã, e vejo sobre esta tela um efeito que não tem nome! Eu compreendi perfeitamente o que *Fantasia* me explicava. Ela tem verdadeiramente sentido, essa filha extravagante, dizia-me, e quis me afastar. Ah! o artista escondido tinha seguido as menores nuances de minha expressão; quando os seus olhos encontraram os meus, isso foi um choque terrível, um choque elétrico. Lançou-me um desses olhares soberbos que parecem dizer: Vermezinho! Desta vez, *Fantasia* ficou terrificada com tanta insolência, e viu retomar com estupefação sua palheta. "Não tens mais a de Lorrain," disse-lhe ela rindo.

Depois, virando-se para mim: "Já vimos o verdadeiro e o belo, disse-me ela, procuremos, pois, um pouco o bem." Depois de ter subido nas falésias, percebi uma criança, um filho de pescador que podia bem ter de treze a catorze anos; ele brincava com um cão e corriam um depois do outro, este ladrando e o outro gritando. Súbito, ouvi no ar gritos que pareciam vir da falésia; logo a criança se lançou, de um pulo para uma senda rápida que conduzia ao mar; *Fantasia*, apesar de todo o seu ardor, teve dificuldade para segui-lo; quando chegou ao pé da falésia, vi um espetáculo terrível; a criança lutava contra as vagas e conduzia para a praia um infeliz que se debatia contra ele seu salvador; quis me lançar, mas a criança me gritou para nada lhe fazer, e ao cabo de alguns instantes, contundida, esmagada e tremente, abordou com o homem que salvara. Era, segundo toda a aparência, um banhista que se aventurara muito longe, e que caiu numa corrente.

Continuarei numa outra vez.

GÉRARD DE NERVAL

Nota. Foi nesse intervalo que ocorreu a comunicação do visconde Delaunay, reportada acima.

Continuação.

Depois de alguns instantes, o afogado retornou pouco a pouco à vida, mas isso, senão para dizer: "É incrível, eu que nado tão bem!" E viu bem aquele que o salvara, mas, me olhando, acrescentou: "Ufa! Escapei por um triz! Há certos momentos, sabeis, em que se perde a cabeça; não são as forças que vos traem, mas... mas..." Vendo que não podia continuar, apressei-me em dizer-lhe: "Enfim, graças a esse bravo jovem, eis-vos salvo." Ele olhou a criança que o examinava com o ar mais indiferente do mundo, os punhos sobre os quadris. O senhor se pôs a sorrir: "É, todavia, verdade," disse ele; depois me cumprimentou. *Fantasia* quis correr atrás dele. Ora essa! Disse-me ela reconsiderando o fato, é todo natural." A criança viu-o afastar-se, depois retornou ao seu cão. *Fantasia*, desta vez, chorou.

GÉRARD DE NERVAL.

Tendo um membro da Sociedade feito observar que faltava a conclusão, Gérard acrescentou estas palavras:

"Estou para vós de todo o coração para um outro ditado, mas este, *Fantasia* me disse para deter-me aí; talvez esteja errada; ela é tão caprichosa!"

A conclusão fora dada antes pelo visconde Delaunay.

Conclusão de Erasto.

Depois do torneio literário e filosófico que ocorreu nas últimas sessões de vossa Sociedade, e ao qual assistimos com uma verdadeira satisfação, creio necessário, do ponto de vista puramente espírita, vos participar algumas reflexões que foram suscitadas por esse interessante debate no qual, de resto, não quero intervir de nenhum modo. Mas, antes de tudo, deixai-me dizer-vos que se a vossa reunião foi animada, essa animação não foi nada perto daquela que reinava entre os grupos numerosos de Espíritos eminentes que essas sessões, quase acadêmicas, tinham atraído.

Ah! certamente se pudésseis vos tornar videntes instantaneamente, estaríeis surpresos e confusos diante desse areópago superior. Mas não tenho intenção de vos revelar hoje o que se passa entre nós; meu objetivo é unicamente vos fazer ouvir algumas palavras a respeito do proveito que deveis retirar dessa discussão, do ponto de vista de vossa instrução espírita.

Conheceis de longa data Lamennais, e certamente apreciastes quanto esse filósofo ficou apaixonado de idéia abstrata; sem dúvida, notastes quanto ele persegue com persistência e, devo dize-lo, com talento, suas teorias filosóficas e religiosas; deveis disso deduzir logicamente que o ser pessoal pensante prossegue, mesmo além do túmulo, seus estudos e seus trabalhos, e que por meio dessa lucidez, que é o apanágio particular dos Espíritos,

comparando seu *pensamento espiritual* com seu *pensamento humano*, deve dele eliminar tudo o que o obscurece materialmente. Pois bem! o que é verdadeiro para Lamennais é igualmente verdadeiro para os outros, e cada um, no vasto país da erraticidade, conserva suas aptidões e sua originalidade.

Buffon, Gérard de Nerval, o visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre conservam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que notáveis neles quando vivos. Creio que é útil chamar a vossa atenção sobre esta condição de ser de nosso mundo de além-túmulo, para que não vos deixeis ir a crer que se abandonam instantaneamente seus pendores, seus costumes e suas paixões, despojando-se da veste humana. Sobre a Terra, os Espíritos são como prisioneiros que a morte deve libertar; mas do mesmo modo que aquele que está sob os ferrolhos tem as mesmas propensões, conserva a mesma individualidade quando está em liberdade, do mesmo modo os Espíritos conservam suas tendências, sua originalidade, suas aptidões, quando chegam entre nós; todavia, salvo aqueles que passaram, não por uma vida de trabalho e de provas, mas por uma vida de castigo, como os idiotas, os cretinos e os loucos. Para estes, as faculdades inteligentes, tendo permanecido no estado latente, não despertam senão em sua saída da prisão terrestre. Isto, como o pensais, deve-se entender do mundo espírita inferior ou médio, e não dos Espíritos elevados, isentos da influência corporal.

Ides tomar vossas férias, senhores Sócios; permiti-me vos dirigir algumas palavras amigas antes de nos separar por algum tempo. Creio que a doutrina consoladora que viemos vos ensinar não conta senão com adeptos fervorosos entre vós; por isso, como é essencial que cada um se submeta à lei do progresso, creio dever vos aconselhar examinar, perante vós, que proveito retirastes pessoalmente de nossos trabalhos espíritas, e que melhoria moral disso resultou em vossos meios recíprocos. Porque, vós o sabeis, não basta dizer: Sou Espírita, e encerrar no fundo de si mesmo esta crença; mas o que vos é indispensável saber é se os vossos atos estão conformes às prescrições de vossa fé nova que é, não se poderia por de mais vo-lo repetir: *Amor e caridade*. Que Deus seja convosco!

ERASTO.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, setembro de 1861

A pena de talião.

(Sociedade, 9 de agosto de 1861. Médiun Sr. d'Ambel.)

Um correspondente da Sociedade lhe transmite a nota seguinte: O Sr. Antônio B..., um de meus parentes, escritor de mérito, estimado por seus concidadãos, tendo cumprido com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, caiu, há mais ou menos dez anos, em conseqüência de um ataque de apoplexia, num estado de morte aparente que se toma, infelizmente, como isso ocorre algumas vezes, pela morte real. O erro era tanto mais fácil quanto se havia acreditado perceber sobre o corpo sinais de decomposição. Quinze dias depois do sepultamento, uma circunstância fortuita determinou a família a pedir a exumação; tratava-se de um medalhão esquecido por inadvertência no caixão; mas o estupor dos assistentes foi grande quando, na abertura, reconheceu-se que o corpo tinha mudado de posição, que estava virado e, coisa horrível! que uma das mãos estava em parte comida pelo defunto. Foi então manifestado que o infeliz Antônio B... havia sido enterrado vivo; devera sucumbir sob os apertos do desespero e da fome. Seja como for, desse triste acontecimento e de suas conseqüências morais, não seria interessante, do ponto de vista espírita e psicológico, fazer, a esse respeito, uma investigação no mundo dos Espíritos?"

1. Evocação de Antônjo B... - R. Que quereis de mim?
2. Um de vossos parentes nos pediu para vos evocar; fazemo-lo com prazer, e seremos felizes se quiserdes bem nos responder. - R. Sim, eu quero bem vos responder.
3. Lembrai-vos das circunstâncias de vossa morte? - R. Ah! certamente sim! Eu as lembro; por que despertar essa lembrança de castigo?
4. É certo que fostes enterrado vivo por engano? - R. Isso deveria ser assim, porque a morte aparente teve todos os caracteres de uma morte real; eu estava quase exangue. Não se deve imputar a ninguém um fato previsto desde de antes de meu nascimento.
5. Se estas perguntas são de natureza a vos causar pena, é preciso cessá-las? - R. Não, continuai.
6. Gostaríamos de vos saber feliz, porque deixastes a reputação de um homem honesto. - R. Eu vos agradeço muito, sei que orareis por mim. Vou tratar de responder, mas se eu fracassar um de vossos guias habituais isso suprirá.
7. Poderíeis descrever as sensações que experimentastes nesse terrível momento? - R. Oh! que dolorosa prova! Sentir-se encerrado entre quatro tábuas, de maneira a não poder mexer,

nem mudar de lugar! Não poder chamar; a voz não ressoando mais num meio privado de ar. Oh! que tortura senão a de um infeliz que se esforça em vão para respirar numa atmosfera insuficiente e desprovida da parte respirável! Ai de mim! Estava como um condenado na goela de um forno, salvo o calor. Oh! não desejo a ninguém semelhantes torturas! Não, não desejo a ninguém um fim como o meu! Ai! cruel punição de uma cruel e feroz existência! Não me pergunteis em que eu pensava, mas mergulhava no passado e entrevia vagamente o futuro.

8. Dissestes: cruel punição de uma feroz existência; mas vossa reputação, até este dia intacta, não fazia nada supor de semelhante. Podereis nos explicar isto? - R. O que é a duração de uma existência na eternidade! Certamente, tratei de agir bem em minha última encarnação; mas esse fim fora aceito por mim antes de reentrar na humanidade. Ah! por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu conhecia, assim como os Espíritos, ministros do Todo-Poderoso? Sabei, pois, uma vez que falta vo-lo dizer, que numa existência anterior, eu emparedara uma mulher, a minha! Toda viva numa sepultura! Foi a pena de talião que devi me aplicar! Dente por dente, olho por olho.

9. Nós vos agradecemos por ter consentido em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus para vos perdoar o passado em favor do mérito de vossa última existência. - R. Retornarei mais tarde; de resto, o Espírito de Erasto quererá bem completar.

Reflexões de Lamennais sobre essa evocação. Deus é bom! Mas o homem para chegar à perfeição, deve suportar provas mais cruéis. Esse infeliz viveu vários séculos durante a sua agonia desesperada, e embora sua vida tenha sido honrosa, essa prova deveria ocorrer, uma vez que a escolhera.

Reflexões de Erasto.

O que deveis tirar deste ensinamento é que todas as vossas existências se ligam, e que nenhuma é independente das outras; os cuidados, os aborrecimentos, como as grandes dores que magoam os homens, são sempre as conseqüências de uma vida anterior criminosa ou mal empregada. No entanto, devo dize-lo, os fins semelhantes ao de Antônio B... são raros, e se esse homem, cuja última existência foi isenta de censura, acabou desse modo, foi porque ele mesmo solicitou uma morte semelhante, a fim de abreviar o tempo de sua erraticidade e alcançar mais rapidamente as esferas elevadas. Com efeito, depois de um período de perturbação, para expiar ainda seu crime espantoso, ele será perdoado e se elevará para um mundo melhor, onde encontrará a sua vítima que o espera e que já há muito tempo o perdoou. Sabei, pois, tirar o vosso proveito desse exemplo cruel, para suportar com paciência, ó meus caros Espíritos, os sofrimentos corporais, os sofrimentos morais, e todas as pequenas misérias da vida.

Perg. Que proveito pode a Humanidade retirar de semelhantes punições? - R. Os castigos não são feitos para desenvolver a Humanidade, mas para castigar o indivíduo culpado. Com efeito, a Humanidade não tem nenhum interesse em ver um dos seus sofrer. Aqui a punição está apropriada à falta. Por que os loucos? Por que os cretinos? Por que as pessoas paralíticas? Por que aqueles que morrem no fogo? Por que aqueles que vivem anos nas torturas de uma longa agonia, não podendo nem viver, nem morrer? Ah! Crede-me, respeitai a vontade soberana e não procureis sondar as razões dos decretos providenciais; sabei-o! Deus é justo e faz bem o que faz.

ERASTO.

Nota. Não há neste fato um grande e terrível ensinamento? Assim a justiça de Deus alcança sempre o culpado, e por ser algumas vezes tardia, não segue menos o seu curso. Não é eminentemente moral saber que, se grandes culpados terminam a sua existência pacificamente e, freqüentemente, na abundância de bens terrestres, a hora da expiação soará cedo ou tarde? Penas dessa natureza se compreendem, não somente porque, de alguma sorte, estão sob os nossos olhos, mas porque são lógicas; crê-se nelas porque a razão as admite; ora, perguntamos se esse quadro que o Espiritismo faz desenrolar, a cada instante, diante de nós, não é mais próprio para impressionar e deter sobre a borda do abismo, do que o medo das chamas eternas, nas quais não se crê. Que se releiam somente as evocações que publicamos nesta Revista, e ali ver-se-á que não há um vício que não tenha o seu castigo, e não há uma virtude que não tenha a sua recompensa proporcionada ao mérito ou ao grau de culpabilidade, porque Deus leva em conta todas as circunstâncias que podem atenuar o mal ou aumentar o prêmio do bem.

Correspondência

Revista Espírita, setembro de 1861

Carta do Sr. Mathieu sobre a mediunidade dos pássaros.

Paris, 11 de agosto de 1861.

Senhor,

Sou ainda eu quem vos escreve, e para dar, se vós o permitirdes, uma nova homenagem à verdade.

Li somente hoje, no último número de vossa Revista, excelentes observações de vossa parte sobre a pretensa faculdade mediúnica dos pássaros, e me apresso em vos agradecer por isso, como um novo serviço prestado à causa que ambos defendemos.

Várias exhibições de pássaros *maravilhosos* ocorreram nestes últimos anos, e como eu conhecia a principal *artimanha* dos torneios executados por esses interessantes voadores, ouvia com muita pena e pesar, certos Espiritualistas ou Espíritas, atribuírem esses torneios a uma ação mediúnica, o que deveria fazer sorrir *in peito*, se assim posso me exprimir, os proprietários desses pássaros; mas o que não pareciam muito apressados em desmentir, venho desmentir por eles, uma vez que vós me fornecestes a oportunidade, não para prejudicar a sua indústria, com isso estaria bem aborrecido, mas para impedir que uma deplorável confusão ocorra entre os fatos que só uma engenhosa paciência e uma certa habilidade de mãos produzem neles, e aqueles que a intervenção dos Espíritos produzem entre nós.

Tendes perfeitamente razão dizendo: "Esses pássaros fazem coisas que nem o homem mais inteligente, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido não poderiam fazer; de onde seria preciso concluir que eles possuem faculdades intelectuais superiores ao homem, o que seria contrário às leis da Natureza." Esta consideração deveria atingir as pessoas muito entusiastas, que não temem recorrer à faculdade mediúnica para explicar experiências que elas não compreendem à primeira vista; mas, ah! os observadores frios e judiciosos são ainda bastante raros, e entre os homens honráveis que continuam os nossos estudos, há os que não sabem sempre se defender dos arrastamentos da imaginação, e dos perigos da ilusão.

Ora, quereis que vos diga o que me foi comunicado a respeito desses pássaros *maravilhosos*, dos quais admiramos uma tarde juntos, se disso vos lembrais, uma espécie? Um de meus amigos, amador de todas as curiosidades possíveis, exibiu-me um dia uma longa estante em madeira, na qual um grande número de diminutos cartões estavam colocados de improviso, uns ao lado dos outros. Sobre esses cartões, impressas palavras, números, representações de carta de jogar, etc. Comprei isto, disse-me ele, de um homem que mostrava pássaros sábios, e ele me vendeu, ao mesmo tempo, a maneira de disto me servir.

Meu amigo, tirando então de seu armário vários desses cartões, me fez notar que as bordas superiores e inferiores eram uma cheia, a outra formada por duas folhas separadas por uma fenda quase imperceptível, e sobretudo inapreciável à distância. Explicou-me em seguida que

esses cartões deveriam ser colocados no armário, ora com a fenda para baixo, ora com a fenda para cima, segundo se quisesse que o pássaro os tirasse do armário com o seu bico, ou não os tocasse. O pássaro estava previamente adestrado para puxar todos os cartões onde percebesse uma fenda. Parecia que essa instrução preliminar lhe era dada por meio de grãos de painço, ou de qualquer outra guloseima, colocados na fenda em questão; ele acabava por tomar o hábito de bicar e de fazer, por consequência, sair do armário todos os cartões fendidos que encontrasse, passeando-os sobre o seu dorso.

Tal é, senhor, a engenhosa artimanha que meu amigo me fez conhecer. Tudo me leva a crer que ela é comum a todas as pessoas que exploram a indústria dos pássaros sábios. Resta a essas pessoas o mérito de adestrar os seus pássaros para esse manejo com muita paciência, e talvez um pouco de jejum, - para os pássaros bem entendido. Resta-lhes também o de salvar, com a maior habilidade possível, as aparências, seja por cumplicidade, seja por uma hábil prestidigitação no manejo dos cartões, como no dos objetos acessórios que figuram em suas experiências.

Lamento revelar assim o mais importante de seus segredos; mas, de uma parte, o público não verá com menos prazer os pássaros tão bem adestrados, por pouco que não se prenda ao que o torna testemunha de coisas *impossíveis*; de outra parte, não me era permitido se acreditar por mais tempo uma opinião que tende a nada menos do que à profanação de nossos estudos. Em presença de um interesse tão sagrado, creio que um silêncio de complacência seria um escrúpulo exagerado. Se é também a vossa opinião, estais livre, senhor, para participar esta nova carta aos vossos leitores.

Aceitai.

MATHIEU.

Seguramente somos da opinião do Sr. Mathieu, e estamos felizes por estarmos acertados com ele sobre esta questão. Agradecemos-lhe os detalhes que consentiu em nos transmitir e dos quais os nossos leitores, certamente, lhe felicitarão. O Espiritismo é bastante rico em fatos notáveis autênticos, sem lhe atribuir os que tocassem ao maravilhoso ou à impossibilidade. Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode colocar as pessoas muito crédulas em guarda; porque esse estudo, dando-lhes a chave dos fenômenos, lhes ensina os limites nos quais podem se produzir.

Dissemos que se os pássaros pudessem operar os seus prodígios com conhecimento de causa, e pelo esforço de sua inteligência, fariam o que nem o homem mais inteligente, nem o sonâmbulo mais lúcido não podem fazer. Isso nos lembra os sucessores do célebre *Munito* que vimos há uns 25 ou 30 anos, ganhar constantemente seu parceiro ao trocar cartas, e dar o total de uma adição antes que pudéssemos nós mesmos obtê-lo fazendo o cálculo, ora, sem vaidade, nos cremos um pouco mais forte do que esse sovina sobre o cálculo; sem dúvida, havia cartas marcadas como para os pássaros. Quanto aos sonâmbulos, sem contradita, há os que são bastante lúcidos para fazerem coisas tão surpreendentes do que o fazem esses interessantes animais, o que não impede nossa proposição de ser verdadeira. Sabe-se que a lucidez sonambúlica, mesmo a mais desenvolvida, é essencialmente variável e intermitente por sua natureza; que ela está subordinada a uma multidão de circunstâncias e, sobretudo, à influência do meio ambiente; que o sonâmbulo, muito raramente, vê de maneira instantânea; que, freqüentemente, não pode ver num instante dado o que verá uma hora mais tarde ou no dia seguinte; que o que ele vê com uma pessoa não verá mais com uma outra; supondo que haja entre os animais sábios uma faculdade análoga, seria preciso admitir que não sofrem nenhuma influência suscetível de perturbá-la; que têm, mais lúcido não poderiam fazer; de

onde seria preciso concluir que eles possuem faculdades intelectuais superiores ao homem, o que seria contrário às leis da Natureza." Esta consideração deveria atingir as pessoas muito entusiastas, que não temem recorrer à faculdade mediúnica para explicar experiências que elas não compreendem à primeira vista; mas, ah! os observadores frios e judiciosos são ainda bastante raros, e entre os homens honráveis que continuam os nossos estudos, há os que não sabem sempre se defender dos arrastamentos da imaginação, e dos perigos da ilusão.

Ora, quereis que vos diga o que me foi comunicado a respeito desses pássaros *maravilhosos*, dos quais admiramos uma tarde juntos, se disso vos lembrais, uma espécie? Um de meus amigos, amador de todas as curiosidades possíveis, exibiu-me um dia uma longa estante em madeira, na qual um grande número de diminutos cartões estavam colocados de improviso, uns ao lado dos outros. Sobre esses cartões, impressas palavras, números, representações de carta de jogar, etc. Comprei isto, disse-me ele, de um homem que mostrava pássaros sábios, e ele me vendeu, ao mesmo tempo, a maneira de disto me servir.

Meu amigo, tirando então de seu armário vários desses cartões, me fez notar que as bordas superiores e inferiores eram uma cheia, a outra formada por duas folhas separadas por uma fenda quase imperceptível, e sobretudo inapreciável à distância. Explicou-me em seguida que esses cartões deveriam ser colocados no armário, ora com a fenda para baixo, ora com a fenda para cima, segundo se quisesse que o pássaro os tirasse do armário com o seu bico, ou não os tocasse. O pássaro estava previamente adestrado para puxar todos os cartões onde percebesse uma fenda. Parecia que essa instrução preliminar lhe era dada por meio de grãos de painço, ou de qualquer outra guloseima, colocados na fenda em questão; ele acabava por tomar o hábito de bicar e de fazer, por conseqüência, sair do armário todos os cartões fendidos que encontrasse, passeando-os sobre o seu dorso.

Tal é, senhor, a engenhosa artimanha que meu amigo me fez conhecer. Tudo me leva a crer que ela é comum a todas as pessoas que exploram a indústria dos pássaros sábios. Resta a essas pessoas o mérito de adestrar os seus pássaros para esse manejo com muita paciência, e talvez um pouco de jejum, - para os pássaros bem entendido. Resta-lhes também o de salvar, com a maior habilidade possível, as aparências, seja por cumplicidade, seja por uma hábil prestidigitação no manejo dos cartões, como no dos objetos acessórios que figuram em suas experiências.

Lamento revelar assim o mais importante de seus segredos; mas, de uma parte, o público não verá com menos prazer os pássaros tão bem adestrados, por pouco que não se prenda ao que o torna testemunha de coisas *impossíveis*; de outra parte, não me era permitido se acreditar por mais tempo uma opinião que tende a nada menos do que à profanação de nossos estudos. Em presença de um interesse tão sagrado, creio que um silêncio de complacência seria um escrúpulo exagerado. Se é também a vossa opinião, estais livre, senhor, para participar esta nova carta aos vossos leitores.

Aceitai.

MATHIEU.

Seguramente somos da opinião do Sr. Mathieu, e estamos felizes por estarmos acertados com ele sobre esta questão. Agradecemos-lhe os detalhes que consentiu em nos transmitir e dos quais os nossos leitores, certamente, lhe felicitarão. O Espiritismo é bastante rico em fatos notáveis autênticos, sem lhe atribuir os que tocassem ao maravilhoso ou à impossibilidade. Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode colocar as pessoas muito

crédulas em guarda; porque esse estudo, dando-lhes a chave dos fenômenos, lhes ensina os limites nos quais podem se produzir.

Dissemos que se os pássaros pudessem operar os seus prodígios com conhecimento de causa, e pelo esforço de sua inteligência, fariam o que nem o homem mais inteligente, nem o sonâmbulo mais lúcido não podem fazer. Isso nos lembra os sucessores do célebre *Munito* que vimos há uns 25 ou 30 anos, ganhar constantemente seu parceiro ao trocar cartas, e dar o total de uma adição antes que pudéssemos nós mesmos obtê-lo fazendo o cálculo, ora, sem vaidade, nos cremos um pouco mais forte do que esse sovina sobre o cálculo; sem dúvida, havia cartas marcadas como para os pássaros. Quanto aos sonâmbulos, sem contradita, há os que são bastante lúcidos para fazerem coisas tão surpreendentes do que o fazem esses interessantes animais, o que não impede nossa proposição de ser verdadeira. Sabe-se que a lucidez sonambúlica, mesmo a mais desenvolvida, é essencialmente variável e intermitente por sua natureza; que ela está subordinada a uma multidão de circunstâncias e, sobretudo, à influência do meio ambiente; que o sonâmbulo, muito raramente, vê de maneira instantânea; que, freqüentemente, não pode ver num instante dado o que verá uma hora mais tarde ou no dia seguinte; que o que ele vê com uma pessoa não verá mais com uma outra; supondo que haja entre os animais sábios uma faculdade análoga, seria preciso admitir que não sofrem nenhuma influência suscetível de perturbá-la; que têm, sempre, a toda hora, e vinte vezes por dia, se lhe for preciso, à sua disposição, sem nenhuma alteração, e é desse ponto de vista que dizemos, sobretudo, que fazem o que os sonâmbulos mais lúcidos não podem fazer. O que caracteriza os torneios de prestidigitação é a precisão, a pontualidade, a instantaneidade, a repetição facultativa, todas as coisas contrárias à essência dos fenômenos puramente morais do sonambulismo e do Espiritismo, dos quais é preciso, quase sempre, esperar os efeitos, e que se podem, muito raramente, ser provocados.

Do fato de que os efeitos, dos quais acabamos de falar, são devidos a procedimentos artificiais, isso nada provaria contra a mediunidade dos animais em geral.

A questão seria, pois, de saber se há neles possibilidade, ou não, de servirem de intermediários entre os Espíritos e os homens; ora, a incompatibilidade de sua natureza, a esse respeito, está demonstrada pela dissertação de *Erasto* sobre esse assunto, publicada em nosso número do mês de outubro, e aquela do mesmo Espírito sobre *o papel dos médiuns nas comunicações*, inseridas na do mês de julho.

Carta do Sr. Jobard sobre os Espíritas de Metz.

Bruxelas, 18 de agosto de 1861.

Meu caro mestre,

Venho de visitar os Espíritas de Metz, como visitastes os de Lyon, no ano passado; mas em lugar de pobres operários simples e iletrados são condes, barões, coronéis, oficiais de gênio, antigos alunos da Escola politécnica, sábios conhecidos por obras de grande mérito. Eles também me ofereceram um banquete, mas um banquete de pagão que não tinha nada de comum com as modestas refeições dos primeiros cristãos; também o Espírito de Lamennais os puniu, nestes termos:

"Pobre Humanidade! Amontoais sempre os restos do meio no qual viveis; materializais tudo, prova de que a lama suja ainda o vosso ser. Não vos faço censura, mas uma simples observação; estando o vosso objetivo adornado de excelentes intenções, os caminhos que vos conduzem a ele não são condenáveis; se, ao lado de uma satisfação quase animal, colocais o desejo de santificá-la, de enobrecê-la, a pureza dos vossos prazeres, seguramente, a centuplicará. Com exceção das boas palavras que vão estreitar a vossa amizade; ao lado da lembrança dessa boa jornada, da qual o Espiritismo tem sua grande parte, não deixeis a mesa sem ter pensado que os bons Espíritos, que são os professores de vossas reuniões, têm direito a um pensamento de reconhecimento."

Que isto sirva de lição aos Luccullus, aos Trimalcions parisienses que devoram, em um jantar, a substância de cem famílias, pretendendo que Deus lhes deu os bens da Terra para deles desfrutar. Para desfrutá-los, seja; mas não para deles abusar, ao ponto de alterar a saúde do corpo e do Espírito. De que servem, eu vos pergunto, esses duplos, triplos e quádruplos serviços; essa superfluidade crescente de vinhos mais delicados, aos quais Deus parece ter retirado o sabor por um milagre inverso ao das bodas de Cana, e que muda em veneno para aqueles que perdem a razão ao ponto de se tornarem insensíveis às advertências de seu instinto animal. Quando o Espiritismo, difundido nas altas classes da sociedade, não tiver por efeito senão colocar um freio à glotonaria, e às orgias da mesa dos ricos, prestaria à sociedade um serviço imenso, que a medicina oficial não pôde prestar-lhe, uma vez que os próprios médicos partilham com muito gosto esses excessos que lhes fornecem mais doentes, mais estômagos a desobstruir, mais baços a desopilar, mais gotosos a consolar, porque não sabem curá-los.

Eu vos direi, caro mestre, que encontrei em Metz casas de antiga nobreza, muito religiosas, cujas avós, mães, filhas e netos, e até os eclesiásticos seus mentores, obtêm, pela tiptologia, ditados magníficos, se bem que de uma ordem inferior às dos sábios médiuns da Sociedade de que vos falo.

Tendo perguntado a dois Espíritos o que pensavam de certos livros, um nos disse que o tinha lido e meditado, e lhe fez o maior elogio; o outro confessou que não o lera, mas que dele ouvira dizer muito bem a seu respeito; um outro o achou bom, mas lhe censurava algumas obscuridades. Exatamente como se julga neste mundo.

Um outro nos expôs uma cosmografia das mais sedutoras, que nos dava como a pura verdade, e como ia até à afirmação dos segredos de Deus sobre o futuro, perguntei-lhe se ele era o próprio Deus, ou se a sua teoria não era senão uma bela hipótese de sua parte; balbuciou e reconheceu que estava muito avançada, mas que para ele era uma convicção. Em boa hora!

Em poucos dias receberéis a primeira publicação dos Espíritas de Metz, da qual consentiram em me pedir para ser o padrinho; ficareis contente com ela, porque está bem. Ali encontrareis dois discursos de Lamennais, sobre a prece, que um padre leu na pregação, declarando que isso não podia ser a obra de um homem. A Senhora de Girardin visita-os como vós, e ali reconheceréis seu espírito, seu coração e seu estilo.

O círculo de Metz pediu-me para pô-lo em comunicação com o círculo belga, que não se compõe senão de dois médiuns, dos quais um Francês e o outro Inglês. Os belgas são infinitamente mais razoáveis; lamentam de todo o seu coração um homem de uma inteligência tão grande quanto a minha, sobre todas as matérias da indústria e das ciências, dar nessa loucura de crer na existência, e mais ainda na imortalidade da alma. Afastam-se com piedade dizendo: "O que há senão nós!" Foi o que me ocorreu ontem à noite lendo-lhes,

a vossa Revista, que acreditei dever-lhes interessar, e que tomam por uma coletânea de boatos compostos para diverti-los.

JOBARD.

Nota. Sabíamos há muito tempo que a cidade de Metz caminha a grandes passos no caminho do progresso espírita, e que os Srs. oficiais não são os últimos a segui-lo; estamos felizes por ter a confirmação disso pelo nosso louvável colega Sr. Jobard; também teremos prazer em dar conta dos trabalhos desse círculo que se ergue sobre bases verdadeiramente sérias; não podem deixar de exercer uma grande influência pela posição social de seus membros. Teremos também logo que falar do de Bordeaux que se funda sob os auspícios da Sociedade de Paris, com elementos já muito numerosos e em condições que não podem deixar de colocá-lo nos primeiros lugares.

Conhecemos muito os princípios do Sr. Jobard para estar certo que enumerando os títulos e qualidades dos Espíritas de Metz, ao lado de modestos operários que visitamos ano passado, em Lyon, ele não quis fazer nenhuma comparação ofensiva; seu objetivo foi unicamente o de constatar que o Espiritismo conta com adeptos em todas as classes. É um fato bem conhecido que, por um motivo providencial, primeiro foram recrutados nas classes esclarecidas, a fim de provar aos seus adversários que não era o privilégio de tolos e ignorantes, e também a fim de não chegar às massas senão depois de ter sido depurado e libertado de toda idéia supersticiosa. Não foi senão há pouco que penetrou entre os trabalhadores; mas ali também faz rápidos progressos, porque leva supremas consolações ao meio de sofrimentos materiais que aprendem a suportar com resignação e coragem.

O Sr. Jobard se engana se crê que não encontramos em Lyon Espíritas senão entre os trabalhadores; a alta indústria, o grande comércio, as artes e as ciências, lá como alhures, fornecem seu contingente. Os operários, é verdade, ali estão em maioria por circunstâncias inteiramente locais. Esses operários são pobres, como disse o Sr. Jobard; é uma razão para lhes estender a mão; mas são plenos de coração, de zelo e devotamento; se não têm senão um pedaço de pão, sabem reparti-lo com seus irmãos; são simples, é ainda verdade; quer dizer, que não têm nem orgulho, nem a presunção do saber; são iletrados; sim, relativamente, mas não no sentido absoluto. Na falta de ciência têm bastante discernimento e bom senso para apreciarem o que é justo, e distinguirem, no que se lhes ensina, o que é racional do que é absurdo. Eis o que pudemos julgar por nós mesmo; por isso nos aproveitamos esta ocasião para lhes fazer justiça. A carta seguinte, pela qual vêm de nos convidar para ir visitá-los, ainda este ano, testemunha a feliz influência que exercem as idéias espíritas, e dos resultados que se deve delas esperar quando estiverem generalizadas.

Lyon, 20 de agosto de 1861.

Cartas sobre as Sociedades Espíritas de Lyon e de Bordeaux

Meu bom senhor Allan Kardec,

Fiquei muito tempo sem vos escrever, e não é preciso crer que nisso haja indiferença de minha parte; é que, sabendo da volumosa correspondência que tendes, não vos escrevo senão quando tenha alguma coisa de importante para vos mandar. Venho, pois, vos dizer que contamos convosco este ano, e vos pedir de me informar da época, tão precisa quanto

possível, de vossa chegada, e do lugar onde descereis, porque este ano o número dos Espíritas aumentou muito, sobretudo nas classes operárias; todos querem vos ver, vos ouvir; e embora saibam bem que foram os Espíritos que ditaram as vossas obras, estão desejosos de ver o homem que Deus escolheu para esta bela missão; querem vos dizer o quanto estão felizes por vos ler, e vos fazer juiz do progresso moral que tiraram de vossas instruções, porque se esforçam por serem dóceis, pacientes e resignados em sua miséria, que é muito grande em Lyon, sobretudo na parte da seda. Aqueles que murmuram, aqueles que se lamentam ainda, são os principiantes; os mais instruídos lhes dizem: Coragem! nossas penas e nossos sofrimentos são provas ou as conseqüências de nossas vidas anteriores; Deus, que é bom e justo, nos fará mais feliz e nos recompensará em novas encarnações. Allan Kardec no-lo disse, e no-lo prova pelos seus escritos.

Escolhemos um local maior que o da última vez, porque seremos mais de cem; nossa refeição será modesta, porque haverá bem pouco dinheiro; será antes o prazer da reunião. Faço de modo que ali haja Espíritas de todas as classes e de todas as condições, a fim de fazer-lhes compreender que são todos irmãos. O Sr. Déjou disso se ocupa com zelo, e levará todo o seu grupo, que é numeroso.

Vosso devotado e afeiçoado, C. REY.

Um convite também muito lisonjeiro nos foi dirigido de Bordeaux.

Bordeaux, 7 de agosto de 1861,

Meu caro senhor Kardec,

A vossa Revista anuncia que a Sociedade Espírita de Paris entra em férias de 15 de agosto a 1º de outubro; podemos esperar que, nesse intervalo, honraremos os Espíritas bordeleses com a vossa presença; com isso seríamos todos bem felizes. Os adeptos mais fervorosos da Doutrina, cujo número aumenta cada dia, desejam organizar uma Sociedade que dependa da de Paris para o controle dos trabalhos. Formulamos um regulamento sobre o modelo da Sociedade parisiense; nós vo-lo submeteremos. À parte da Sociedade principal, haverá, em diferentes pontos da cidade, grupos de dez a doze pessoas, principalmente para os operários, onde os membros da Sociedade irão de tempos em tempos na ordem de inscrição, para ali darem os conselhos necessários. Todos os nossos guias espirituais estão de acordo sobre esse ponto, que Bordeaux deve ter uma Sociedade de estudos, porque essa cidade será o centro da propagação do Espiritismo em todo o Sul.

Nós vos aguardamos com confiança e alegria para o dia memorável da inauguração, e esperamos que estareis contente com o nosso zelo e a nossa maneira de trabalhar. Estamos prontos a nos submeter aos sábios conselhos de vossa experiência. Vinde, pois, nos ver no trabalho: pela obra se conhece o obreiro.

Vosso muito devotado servidor, A. SABO.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, setembro de 1861

Um Espírito israelita aos seus correligionários.

Nossos leitores se lembram da bela comunicação que publicamos no número de março último, sobre a *lei de Moisés e a lei do Cristo*, assinada por *Mardochee*, obtida pelo Sr. R... de Mulhouse. Esse senhor obteve outras igualmente notáveis do mesmo Espírito e que publicaremos. A que damos adiante é de um outro parente e falecido há alguns meses. Foi ditada em três vezes diferentes.

A todos aqueles que conheci.

I

Meus amigos,

Sede Espíritas, aisto vos conjuro a todos. O Espiritismo é a lei de Deus:

é a lei de Moisés aplicada à época atual. Quando Moisés deu a lei aos filhos de Israel, ele a fez tal como Deus lha deu, e Deus apropriou-a aos homens daquele tempo; mas depois os homens fizeram progresso; melhoraram-se em todos os sentidos; progrediram em ciência e em moralidade; cada um deles sabe hoje se conduzir; cada um deles sabe o que deve ao seu criador, ao seu próximo, a si mesmo. É preciso, pois, hoje, alargar as bases do ensinamento; é que o que a lei de Moisés vos ensinou não basta mais para fazer a Humanidade avançar, e Deus não quer que permaneçais sempre no mesmo ponto, porque o que era bom há 5000 anos não o é mais hoje. Quando quereis fazer vossos filhos avançarem e dar-lhes uma educação um pouco forte, os enviais sempre à mesma escola, onde não aprenderiam senão as mesmas coisas? Não; vós os enviais a uma escola superior. Pois bem! meus amigos, os tempos são chegados em que Deus quer que alargueis o quadro de vossos conhecimentos. O próprio Cristo, embora haja dado um passo adiante à lei mosaica, não disse tudo porque não teria sido compreendido, mas lançou as sementes que deveriam ser recolhidas e aproveitadas pelas gerações futuras. Deus, em sua bondade infinita, vos envia hoje o Espiritismo, cujas bases todas estão na lei bíblica e na lei evangélica, para vos elevar e vos ensinar a vos amar uns aos outros. Sim, meus amigos: a missão do Espiritismo é extinguir todos os ódios de homem a homem, de nação a nação; é a aurora da fraternidade universal que se eleva; só com o Espiritismo podereis chegar a uma paz geral e durável.

Levantai-vos, povos! Sede de pé; porque eis Deus, o criador de todas as coisas que vos envia os Espíritos de vossos parentes, para vos abrir um novo caminho maior e mais largo do que aquele que seguíeis ainda. Oh! meus amigos, não sejais os últimos a vos render à evidência, porque Deus descerá sua mão sobre os incrédulos e os endurecidos, que deverão desaparecer de cima da Terra, a fim de que não perturbem o reino do bem que se prepara. Crede nas advertências daquele que foi e que é sempre vosso parente e vosso amigo.

Que os Israelitas tomem a dianteira! Que arvoreem, e sem tardar, a bandeira que Deus envia aos homens para reuni-los em uma só família; armai-vos de coragem e de resolução; não hesiteis; não vos deixeis deter pelos retardatários que gostariam de vos reter falando-vos de sacrilégios. Não, meus amigos, não há sacrilégio, e lamentai aqueles que tentarem retardar a vossa marcha com semelhantes pretextos. A vossa razão não vos diz que não há nada de imutável neste mundo? Que só Deus é imutável, mas tudo o que ele criou deve seguir, e segue uma marcha progressiva, que nada pode deter, porque está nos desígnios do Criador. Tratai, pois, de impedir que a Terra não gire!

As instituições que eram magníficas há 5000 anos, são velhas hoje; o objetivo que elas estavam destinadas a atingir está ultrapassado; não podem mais bastar à sociedade atual quanto o que se chama na França o antigo regime, não poderia bastar à França de hoje. Um novo progresso se prepara, sem o qual todas as outras melhorias sociais estão sem bases sólidas; esse progresso é a fraternidade universal da qual o Cristo lançou as sementes e que germinam no Espiritismo. Seríeis, pois, os últimos a entrar neste caminho? Não vedes que o velho mundo está num trabalho de parto para se renovar? Lançai os olhos sobre o mapa, não digo da Europa, mas do mundo, e vede se todas as instituições caducas não caem uma a uma, e ficai seguros de que elas não se levantarão jamais. Por que isto? É que a aurora da liberdade se eleva e expulsa os despotismos de todas as espécies, como os primeiros raios do Sol expulsam as trevas da noite. Os povos estão cansados de ter sido inimigos; compreendem que sua felicidade está na fraternidade, e querem ser livres, porque não podem se melhorar, e se tornarem irmãos, senão quando estiverem livres. Não reconheceis, à frente de um grande povo, um homem eminente que cumpre uma missão dada por Deus e prepara o caminho? Não ouvis os ruídos do velho mundo que desmorona para dar lugar à era nova? Logo vereis surgir na cadeira de São Pedro um pontífice que proclamará os princípios novos, e essa crença, tornada a de todos os povos, reunirá todas as seitas dissidentes em uma única e mesma família. Estai, pois, prontos; arvorai, digo-vos, a bandeira deste ensinamento tão grande e tão santo, a fim de não serdes os últimos.

Israelitas de Bordeaux e de Bayonne, vós que caminhais à frente do progresso, levantai-vos; aclamai o Espiritismo, porque é a lei do Senhor, e bendizei-o por vos trazer os meios para chegar, mais prontamente, à felicidade eterna, que está destinada aos eleitos.



Meus amigos,

Não fiquéis surpresos lendo esta comunicação. Ela vem de mim, Edouard Pereyre, vosso parente, vosso amigo, vosso compatriota. Fui bem eu quem a ditou a meu sobrinho Rodolphe, de quem tenho a mão para fazê-la escrever conforme a minha letra. Tomo esta pena para melhor vos convencer, porque é uma fadiga para o médium e para mim, o médium devendo seguir um movimento contrário àquele que lhe é habitual.

Sim, meus amigos, o Espiritismo é uma nova revelação, e compreendeis a importância desta palavra em toda a sua acepção. É uma revelação, uma vez que vos revela uma nova força da Natureza que não suspeitáveis, e no entanto ela é tão antiga quanto o mundo; era conhecida por homens de elite de nossa história religiosa, à época de Moisés, e foi por ela que recebestes os primeiros ensinamentos sobre os deveres do homem para com o seu criador, mas não deu senão o que era então compatível com os homens daquela época.

Hoje, que o progresso está feito; que a luz se derrama sobre as massas, que a estupidez e a ignorância das primeiras idades começam dar lugar à razão e ao senso moral; hoje, que a idéia de Deus é compreendida por todos, ou todos ao menos da imensa maioria, se faz uma nova revelação, e ela se produziu simultaneamente entre todos os povos instruídos, se modificando, todavia, segundo o grau de seu adiantamento, e esta revelação vos disse que o homem não morre, que a alma sobrevive ao corpo, e que ela habita o espaço entre vós e ao vosso lado.

Sim, meus amigos; consolai-vos quando perderdes um ser que vos é caro, porque não perdeis senão o seu corpo material; mas o seu Espírito vive em vosso meio para vos guiar, vos instruir e vos inspirar. Secai as vossas lágrimas, sobretudo se ele foi bom, caridoso e sem orgulho, porque então está feliz nesse mundo novo onde todas as religiões se confundem numa única e mesma adoração, banindo todos os ódios e todos os ciúmes de seitas. Também somos felizes quando podemos inspirar esses mesmos sentimentos aos homens que estamos encarregados de instruir, e a nossa maior felicidade é de vos ver reentrar num bom caminho, porque então abris a porta pela qual deveis vir juntar-se a nós. Perguntai ao médium quais são os sublimes ensinamentos que recebe de seu avô Mardochee; se segue a rota que lhe está traçada, e se prepara um futuro de felicidade; mas também, se faltasse aos seus deveres depois de um tal ensinamento, disso sofreria toda a responsabilidade, e seria para ele recomeçar, até que tenha convenientemente cumprido a sua tarefa.

Sim, meus amigos, já vivemos corporalmente, e viveremos ainda; a felicidade de que gozamos não é senão relativa; há estados bem superiores àquele em que estamos, e aos quais não se chega senão por encarnações sucessivas e progressivas em outros mundos; porque não creiais que, de todos os globos do Universo, a Terra seja o único habitado. Pobre orgulho do homem que crê que Deus não criou todos os astros senão para alegrar a sua visão! Sabei, pois, que todos os mundos são habitados, e, entre esses mundos, se soubésseis o lugar que a Terra ocupa, não teríeis razão para disso se glorificar! Se não fora cumprir a missão que nos foi dada para vos inspirar, e de vos instruir, quanto gostaríamos mais de ir visitar esses mundos e nos instruir a nós mesmos! Mas o nosso dever e as afeições nos ligam ainda à Terra; mais tarde, quando cedermos o lugar aos últimos que chegam, iremos tomar outras existências em mundos melhores, purificando-nos assim por graus até que cheguemos a Deus, nosso Criador.

Eis o Espiritismo; eis o que ele ensina e isto é a verdade que hoje podeis compreender e que deve vos ajudar a vos regenerar.

Compreendei bem que todos os homens são irmãos, sejam eles negros ou brancos, ricos ou pobres, muçulmanos, judeus ou cristãos. Como devem, para progredir, renascer várias vezes, segundo a revelação que disso fez o Cristo, Deus permite que aqueles que os laços do sangue ou da amizade uniram, em existências anteriores, se reencontrem de novo sobre a Terra, sem se reconhecerem, mas em posições relativas às expiações que têm para suportar pelas suas faltas passadas; de sorte que aquele que é vosso servidor pode ter sido vosso senhor, em uma outra existência; o infeliz a quem recusastes assistência, talvez seja um de vossos antepassados do qual teríeis vaidade, ou um amigo que vos foi caro. Compreendei agora a importância deste mandamento do decálogo: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Eis, meus amigos, a revelação que deve vos levar à fraternidade universal, quando for compreendida por todos. Eis porque não deveis permanecer imutáveis em vosso princípios, mas seguir a marcha do progresso, traçada por Deus, sem jamais vos deter; eis porque vos exortei a tomar nas mãos a bandeira do Espiritismo. Sim, sede Espíritas, porque é a lei de Deus, e lembrai-vos de que neste caminho está a felicidade, porque é o que conduz à perfeição. Eu vos sustentarei, eu e todos aqueles que conhecestes, que, como eu, agem no

mesmo sentido.

Que, em cada família se estude o Espiritismo, que, em cada família se formem médiuns, a fim de multiplicar os intérpretes da vontade de Deus; não vos deixeis desencorajar pelos entraves das primeiras provas: freqüentemente, elas estão cercadas de dificuldades e não são sempre sem perigo, porque não há recompensa ali onde não há um pouco de dificuldade. Todos podeis adquirir esta faculdade, mas antes de tentar obtê-la, estudai a fim de vos pre-munir contra os obstáculos; purificai-vos de vossas manchas; corrigi vosso coração e vossos pensamentos, a fim de afastar de vós os maus Espíritos; orai sobretudo por aqueles que procuram vos obsidiar, porque é a prece que os converte e vos livra deles. Que a experiência de vossos antepassados vos aproveite e vos impeça de cair nas mesmas faltas!

Continuarei as minhas instruções.



A religião israelita foi a primeira que emitiu, aos olhos dos homens, a idéia de um *Deus espiritual*. Até então os homens adoravam: uns o Sol, outros a Lua; aqui o fogo, ali, os animais; mas a idéia de Deus não estava representada, em nenhuma parte, em sua essência espiritual e imaterial.

Moisés chegou; trouxe uma lei nova que transtornava todas as idéias recebidas antes dessa época. Tinha que lutar contra os sacerdotes egípcios que entrelinham os povos na ignorância mais absoluta, na escravidão mais abjeta; e esses sacerdotes, que retiravam desse estado de coisas um poder ilimitado, não podiam ver sem temor a propagação de uma fé nova, que vinha destruir os alicerces de seu poder, e ameaçava derrubá-los. Essa fé trazia consigo a luz, a inteligência e a liberdade de pensar; era uma revolução social e moral. Também os adeptos dessa fé, que eram recrutados entre todas as classes do Egito, e não somente entre os descendentes de Jacó, como foi dito por erro, eram perseguidos, acuados, submetidos aos mais duros vexames, e, enfim, expulsos do país, como infestando a população com idéias subversivas e anti-sociais. Sempre foi assim, todas as vezes que um progresso aparece no horizonte e brilha sobre a Humanidade; as mesmas perseguições e os mesmos tratamentos acompanham os inovadores, que lançam sobre o solo da nova geração os germes fecundos do progresso da moral; porque toda inovação progressiva, levando à destruição de certos abusos, necessariamente, tem por inimigos todos aqueles que estão interessados na manutenção desses abusos.

Mas Deus Todo-Poderoso, que conduz com a sua sabedoria infinita os acontecimentos de onde deve jorrar o progresso, inspirou Moisés; deu-lhe um poder que nenhum homem tivera, e pela irradiação desse poder, cujos efeitos feriam os olhos mais incrédulos, Moisés adquiriu uma imensa influência sobre uma população que, confiando cegamente em seu destino, cumpriu um dos milagres cuja impressão deveria se perpetuar de geração em geração, como uma lembrança imperecível do poder de Deus e de seu profeta.

A passagem do Mar Vermelho foi o primeiro ato de libertação desse povo: mas a sua educação estava para ser feita; era necessário domá-lo pela força do raciocínio e pelos milagres freqüentemente renovados; era necessário lhe inculcar a fé e a moral; era necessário ensinar-lhe a colocar a sua força e sua confiança num Deus criador, ser infinito, imaterial, infinitamente bom, infinitamente justo, e os quarenta anos de prova pelas quais passou, no deserto, no meio das privações, dos sofrimentos, e das vicissitudes de todas as espécies, os exemplos de insubordinação que foram tão severamente reprimidos, por uma

justiça providencial, tudo isso contribuiu para desenvolver nele a fé nesse ser todo-poderoso, do qual cada dia ele experimentava ora a mão benfazeja, ora a mão severa que pune aquele que a desafia.

Sobre o Monte Sinai ocorreu essa primeira revelação, esse brilhante mistério que espantou o mundo, o subjugou, e difundiu sobre a Terra os primeiros benefícios de uma moral que livrava o Espírito das opressões da carne e de um despotismo embrutecedor; que colocava o homem acima da esfera dos animais, e que dele fazia um ser superior, capaz de se elevar pelo progresso à suprema inteligência. Os primeiros passos desse povo que confiara seu destino ao *homem de Deus*, foram entravados por guerras, cujos efeitos deveriam ser o germe fecundo de uma renovação social entre as populações que combatia. O judaísmo se tornou o foco da luz, da inteligência e da liberdade, e a irradiação de um clarão brilhante sobre todas as nações vizinhas, nas quais provocava a hostilidade e o ódio. Esse resultado imediato estava nos desígnios de Deus, sem isso o progresso teria sido muito lento; e, ao mesmo tempo que essas guerras fecundavam os germes do progresso, eram um ensinamento para os Judeus, dos quais reanimava a fé.

Esse povo, tirado de entre um outro povo, que se confiara sem reflexão à condução de um homem que o espantara por um poder miraculoso, esse povo tinha, pois, uma missão, era um povo predestinado. Não foi sem razão que foi dito: ele cumpria uma missão da qual não se dava conta, nem ele, nem os outros povos; ia cegamente, executando sem compreendê-los, os desígnios da Providência. Essa missão árida foi cumprida com fel e amargura; esses apóstolos sofreram todos os estragos possíveis, foram perseguidos, atormentados, lapidados e dispersados, e, por toda parte, levavam com eles essa fé viva e inteligente, essa confiança em seu Deus, do qual tinham medido o poder, experimentado a bondade, e do qual aceitavam as provas que deveriam trazer sobre a Humanidade os benefícios da civilização.

Eis esses apóstolos obscuros, achincalhados, desprezados; eis os primeiros pioneiros da liberdade; sofreram bastante desde a sua saída do Egito até os nossos dias?

A hora de sua reabilitação não tardará a soar para eles, e um dia que não está longe saudará esses primeiros soldados da civilização moderna com reconhecimento e veneração, e se renderá justiça aos descendentes dessas antigas famílias que, inabaláveis em sua fé, a levaram como dote em todas as nações, onde Deus permitiu que fossem dispersadas.

Quando Jesus Cristo apareceu, era ainda um enviado de Deus; era um novo astro que aparecia sobre a Terra, como Moisés de quem retomou a missão para continuá-la, desenvolvê-la e apropriá-la ao progresso realizado, e ele mesmo estava destinado a sofrer essa morte ignominiosa da qual os Judeus prepararam os caminhos, conduziram as circunstâncias, e cujo crime foi cometido pelos Romanos. Mas cessai, pois, de considerar a história dos povos, e dos homens, como a considerastes até este dia. Em vosso orgulho, imaginai que foram eles que conduziram os acontecimentos que mudaram a face do mundo e vos esqueceis de que há um Deus no Universo, que rege essa admirável harmonia e cuja lei suportais, crendo impô-la vós mesmos. Olhai, pois, a história da Humanidade de um ponto mais elevado; abarcai um horizonte mais vasto, e notai que tudo segue um sistema único; a lei do progresso, em cada século, e não cada dia, vos faz dar um passo.

Jesus Cristo foi, pois, a segunda fase, a segunda revelação, e seus ensinamentos levaram dezoito séculos para se difundirem, para se vulgarizar; julgai por aí se o progresso é lento, e o que deveriam ser os homens quando Moisés trouxe ao mundo a admirável idéia de um Deus Todo-Poderoso, infinito e imaterial, cujo poder se fazia visível para esse povo, a quem sua missão levou tantos espinhos e sarças. O progresso não se efetua, pois, sem dificuldade; é às suas

custas, pelos seus sofrimentos e suas cruéis vicissitudes que a Humanidade aprende o objetivo de seu destino, e o poder daquele ao qual ela deve por existir.

O cristianismo, foi, pois, o resultado da segunda revelação. Mas essa doutrina, da qual o Cristo trouxera e desenvolvera a sublime moral, foi compreendida em sua admirável simplicidade? E como a praticam a maioria daqueles que professam? Jamais a fizeram desviar de seu objetivo? Jamais dela se abusou para fazê-la servir de instrumento ao despotismo, à ambição e à cupidez? Em uma palavra, todos aqueles que se dizem cristãos o são segundo o seu fundador? Não; eis porque eles também devem passar pelo alambique da infelicidade que tudo purifica. A história do cristianismo é muito moderna para dela contar todas as peripécias; mas, enfim, o objetivo está quase para ser alcançado, e a nova aurora vai se levantar que, por meios diferentes, vai nos fazer caminhar com um passo mais rápido nesse caminho onde necessitastes de seis mil anos para chegar.

O Espiritismo é o acontecimento de uma era que verá se realizar essa revolução nas idéias dos povos; porque o Espiritismo destruirá essas prevenções incompreendidas, esses preconceitos sem causas que acompanharam e seguiram os Judeus em sua longa e penosa peregrinação; compreender-se-á que sofreram um destino providencial, do qual foram os instrumentos, tudo como aqueles que percebiam com seu ódio o faziam compelidos pelo mesmo poder, cujos secretos desígnios devem se cumprir pelos caminhos misteriosos, ignorados. Sim, o Espiritismo é a terceira revelação; revela-se a uma geração de homens mais avançados, tendo mais nobres aspirações, aspirações generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal. Eis o novo objetivo dado por Deus aos vossos esforços, mas esse resultado, como aqueles alcançados até este dia, não se alcançará sem dores e sem sofrimentos, que aqueles que se sentem com coragem de ser-lhe os apóstolos se levantem, que ergam a voz, que falem alto e claro, que exponham suas doutrinas, que ataquem os abusos, que mostrem seu objetivo. Esse objetivo não é uma brilhante miragem que perseguis em vão; esse objetivo é real, vós o esperais na época assinalada por Deus. Ela esteja talvez distante, mas está lá, assinalada; não temais, ide apóstolos do progresso, marchai audaciosamente, a frente alta e o coração resignado. Tendes por sustentáculo uma doutrina pura, isenta de todo mistério, apelando às mais belas virtudes da alma, sobrevivendo à morte e aos suplícios. Eis, meus amigos, o objetivo revelado. Quais serão os apóstolos, direis, e como os reconheceremos? Deus se encarrega de vos fazê-los conhecer pelas missões que lhes serão confiadas e que cumprirão. Reconhecê-los-eis pelas suas obras, mas não pelas qualidades que se atribuirão. Aqueles que recebem missões do alto as cumprem, mas não se glorificam com isso; porque Deus escolhe os humildes para difundir a sua palavra, e não os ambiciosos e os orgulhosos. Por esses sinais reconheceréis os falsos profetas.

Edouard PEREYRE.

Variedades - Um boato

Revista Espírita, setembro de 1861

Um jornal, não sabemos de que país, publicou há algum tempo, e outros o repetiram, ao que parece, que uma conferência solene deveria ocorrer, sobre o Espiritismo, entre os Srs. Home, Marcillet, Squire, Delaage, Sardou, Allan Kardec etc. Aqueles de nossos leitores que poderiam disso ter ouvido falar, são informados de que tudo o que foi impresso, não sendo palavra do Evangelho, fosse mesmo num jornal, é muito simplesmente um boato acomodado em sal muito grosso, no tempero do qual se esqueceu de colocar uma coisa, que é o Espírito. Não estaríamos surpresos de ver, um dia, publicar as decisões desse congresso, e mesmo citar as palavras que aí fossem pronunciadas. Isso não custará mais, e, na falta de melhor, isso encherá as colunas do jornal.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Outubro

- [O Espiritismo em Lyon](#)
- [Banquete dos Espíritas Lioneses](#)
- [Discurso do Sr. Allan Kardec no banquete de Lyon](#)
- [Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses](#)
- Conversas familiares de além-túmulo.
 - [Eugène Scribe](#)
- Dissertações espíritas.
 - [Os cretinos](#)
 - [Se fosse um homem de bem, teria morrido](#)
 - [Os pobres e os ricos](#)
 - [Diferentes maneiras de fazer a caridade](#)
 - [Roma](#)
 - [O Coliseu](#)
 - [A Terra Prometida](#)
 - [Egoísmo e orgulho](#)
- [Sociedade Espírita de Metz](#)

O Espiritismo em Lyon

Revista Espírita, outubro de 1861

Fomos de novo, este ano, a Lyon, tendo em vista insistente convite que nos foi feito pelos Espíritas, se bem que conhecêssemos, pela correspondência, os progressos do Espiritismo nessa cidade, o resultado ultrapassou e muito a nossa expectativa. Nossos leitores nos serão agradecidos, sem dúvida, por lhes darmos algumas notícias a esse respeito; ali verão um indício da marcha irresistível da Doutrina, e uma prova patente de suas conseqüências morais.

Mas antes de falar dos Espíritas de Lyon, não devemos nos esquecer dos de Sens e de Mâcon, que visitamos em nosso percurso, e agradecer-lhes pela sua simpática acolhida. Lá também pudemos constatar um progresso muito notável, seja no número de adeptos, seja na opinião que se faz do Espiritismo, em geral; por todas as classes dos galhofeiros se esclarecem, e mesmo aqueles que não crêem ainda observam uma prudente reserva, comandada pelo caráter e a posição daqueles que não mais temem hoje se confessarem claramente partidários e propagadores de novas idéias; em presença da opinião que se pronuncia e se generaliza, os incrédulos se dizem que aí poderia bem ter alguma coisa, e que, em resumo, cada um é livre em suas crenças; se quer tudo ao menos saber do que se trata, antes de falar, ao passo que antes falava-se primeiro, antes de saber sobre o quê; não se pode negar que, para muita gente, não esteja aí um verdadeiro progresso. Retornaremos mais tarde sobre esses dois centros, ainda jovens, numericamente falando, ao passo que Lyon já atingiu a virilidade.

Com efeito, não é mais por centenas que ali se contam os Espíritas, como há um ano: é por milhares; ou, para melhor dizer, não mais se os conta, e se estima que, seguindo as mesmas progressões, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo ali está recrutado em todas as classes, mas é sobretudo na classe operária que ele se propagou com mais rapidez, e isso não é espantoso; esta classe, sendo a que sofre mais, volta-se do lado onde ela encontra mais consolação. Vós que gritais contra o Espiritismo, por que não lhe dais tanto! Ela se voltaria para vós; mas em lugar disso quereis lhe tirar o que a ajuda a carregar seu fardo de miséria; é o mais seguro meio de vos alienar as suas simpatias e engrossar as fileiras que vos são opostas. O que vimos com os nossos olhos é de tal modo característico, que encerra em si um grande ensinamento, que cremos dever dar aos trabalhadores a mais larga parte em nosso relatório.

O ano passado não havia senão um único centro de reunião, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud, chefe de oficina, e sua mulher; depois se formaram em diversos pontos da cidade, na Guillotière, em Perrache, na Croix-Rousse, em Vaise, Saint-Just, etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. Ali havia apenas ao todo dois ou três médiuns bastante novatos; hoje os há em todos os grupos, e vários são de primeira força; em um único grupo vimos cinco escreverem simultaneamente. Vimos igualmente uma pessoa jovem, muito bom médium vidente, e na qual pudemos constatar essa faculdade desenvolvida em um grau muito alto.

Trouxemos uma coleção de desenhos extremamente notáveis de um médium desenhista que não sabe desenhar; eles rivalizam, pela execução e complicação, com os desenhos de Júpiter, embora num outro gênero. Não devemos esquecer um médium curador, tão recomendável pelo seu devotamento quanto pelo poder de sua faculdade.

Sem dúvida, os adeptos se multiplicam muito, mas o que vale mais ainda, do que o número, é a qualidade. Pois bem! Nós declaramos claramente que não vimos, em nenhuma parte, reuniões Espíritas mais edificantes que as dos operários Lioneses, sob o aspecto da ordem, do recolhimento e da atenção que eles dão às instruções de seus guias Espirituais; ali há homens, velhos, mulheres, pessoas jovens, mesmo crianças, cuja atitude respeitosa e recolhida contrasta com a sua idade; jamais um único perturbou um instante de silêncio de nossas reuniões, freqüentemente muito longas; pareciam quase tão ávidos quanto seus pais para recolherem as nossas palavras. Isto não é tudo; o número das metamorfoses morais, entre os operários, é quase tão grande quanto o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, interiores tornados pacíficos, em uma palavra, as virtudes mais cristãs desenvolvidas, e isso pela confiança, doravante inabalável, que as comunicações Espíritas lhes dão em um futuro no qual não acreditavam; é uma felicidade para eles assistirem a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade; também se vê que chegam ali de mais de uma légua, com qualquer tempo, inverno como verão, e que desafiam tudo para não faltar a uma sessão; é que não há neles uma fé vulgar, mas uma fé baseada sobre uma convicção profunda, raciocinada e não cega.

Os Espíritos que os instruem sabem admiravelmente se colocar à altura de seus ouvintes. Seus ditados não são trechos de eloquência, mas boas instruções familiares, sem pretensão, e que, por isso mesmo, vão ao coração. As conversas com os parentes e os amigos defuntos aí desempenham um grande papel, e delas saem, quase sempre lições úteis. Freqüentemente, uma família se reúne, e o serão se passa numa doce expansão com aqueles que não estão mais; quer se ter novidades de tios, de tias, de primos e de primas; saber se são felizes; ninguém é esquecido; cada um quer que o avô lhe diga alguma coisa; ele dá a todos um conselho. - E eu, avô, dizia um dia um jovem, não me direis, pois, nada? - Tu, meu filho, eu te direi alguma coisa: não estou contente contigo; outro dia querelastes no caminho por uma bobagem, em lugar de ir direto para a tua obra; isso não está bem. - Como, avô, sabeis disso? - Sem dúvida, eu o sei; é que nós outros, Espíritos, não vemos tudo o que fazeis, uma vez que estamos ao vosso lado? - Perdão, avô, eu vos prometo que não recomeçarei mais.

Não há alguma coisa de tocante nessa comunhão dos mortos com os vivos? A vida futura aí está, palpitante sob os olhos; não há mais morte, não mais separação eterna, não mais o nada; o céu está mais perto da Terra, e se o compreende melhor. Se está aí uma superstição, praza a Deus que jamais tivesse havido outras!

Um fato digno de nota e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, a maioria iletrados, e endurecidos pelos mais rudes trabalhos, compreendem a importância da Doutrina, pode-se dizer que não vêem nela senão o lado sério. Nas instruções que demos, nos diferentes grupos, foi em vão que procuramos excitar a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, e no entanto, ninguém viu uma mesa girar; ao passo que, tudo o que se referia às apreciações morais, captava no mais alto ponto o seu interesse.

A alocução seguinte nos foi dirigida quando de nossa visita ao grupo de Saint-Just; nós a reportamos, não para satisfazer uma tola e pueril vaidade, mas como prova dos sentimentos que dominam nas oficinas onde o Espiritismo penetrou, e porque sabemos ser agradável àqueles que consentiram em nos dar esse testemunho de simpatia. Transcrevê-la-emos textualmente, porque nos seria fazer um escrúpulo acrescentar-lhe uma única palavra; só a ortografia foi retificada.

"Senhor Allan Kardec, discípulo de Jesus, intérprete do Espírito de Verdade, sois nosso irmão

em Deus; estamos todos reunidos em um mesmo coração, sob a proteção de São João Batista, protetor da Humanidade, precursor do grande mestre Jesus, nosso Salvador.

"Nós vos pedimos, nosso caro mestre, para mergulhar os vossos olhares no fundo de nossos corações, a fim de que possais vos dar conta das simpatias que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artes; uma espessa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós para sufocar a nossa inteligência; mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-Poderoso, despedaçastes a cortina. Essa cortina, que acreditaram impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh! Sim, nosso irmão, pegastes a pesada picareta para descobrir a semente do Espiritismo, que fora encerrada num terreno de granito; vós a semeastes aos quatro cantos do globo, e até em nossos pobres bairros de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida.

"Todos nós te dizemos isto, do fundo do coração; estamos animados pelo mesmo fogo e repetimos todos: Glória a Allan Kardec e aos bons Espíritos que o inspiraram! e vós, bravos irmãos, Sr. e Sra. Dijoud, os benditos de Deus, de Jesus e de Maria, estais gravados em nossos corações para deles não sair jamais, porque sacrificastes por nós os vossos interesses e os vossos prazeres materiais. Deus o sabe; nós o agradecemos por vos ter escolhido para essa missão, e agradecemos também o nosso protetor superior São João Batista. "Obrigado, senhor Allan Kardec; mil vezes obrigado, em nome do grupo de Saint-Just, por ter vindo entre nós, simples operários, e ainda bem imperfeitos em Espiritismo; a vossa presença nos causa uma grande alegria em meio de nossas tribulações, que são grandes neste momento de crise comercial; nos trouxestes o bálsamo benfazejo que se chama esperança, que acalma os ódios, e reacende no coração do homem o amor e a caridade. Nós nos aplicaremos, caro mestre, em seguir os vossos bons conselhos, e aqueles dos Espíritos superiores que terão a bondade de nos ajudar e de nos instruir, a fim de que todos nos tornemos verdadeiros e bons Espíritos. Caro mestre, ficai seguro de que levareis convosco a simpatia de nossos corações pela eternidade; nós o prometemos; somos e seremos sempre vossos adeptos sinceros e submissos. Permitti ao médium, e a mim, vos dar o beijo de amor fraternal, em nome de todos os irmãos e irmãs que estão aqui. Ficaríamos bem felizes se quisésseis brindar conosco."

Vínhamos de longe, e havíamos subido as alturas de Saint-Just com um calor acabrunhante. Alguns refrescos tinham sido preparados no meio dos instrumentos de trabalho; pão, queijo, algumas frutas, um copo de vinho; verdadeiros ágapes oferecidos com a simplicidade antiga e um coração sincero. Um copo de vinho! Ai de mim! em nossa intenção; porque essas bravas pessoas não o bebem todos os dias; mas era festa para eles: ia-se falar do Espiritismo. Oh! Foi de grande coração que brindamos com eles, e sua modesta merenda tinha, aos nossos olhos, cem vezes mais valor do que os mais esplêndidos repastos. Que disso recebam aqui a certeza.

Alguém nos dizia em Lyon: "O Espiritismo penetra entre os operários pelo raciocínio, não seria tempo de procurar fazê-lo penetrar pelo coração?" Essa pessoa, seguramente, não conhece os operários; seria desejável que se encontrasse tanto de coração em todo o mundo. Se uma tal linguagem não está inspirada pelo coração; se o coração não está por nada naquele que encontra no Espiritismo a força para vencer suas tendências, lutar com resignação contra a miséria, abafar seus rancores e suas animosidades; naquele que partilha seu pedaço de pão com um mais infeliz, confessamos não saber onde está o coração.

Banquete

Revista Espírita, outubro de 1861

Oferecido ao Sr. Allan Kardec pelos diferentes grupos de Espíritas lioneses, em 19 de setembro de 1861.

Um banquete ainda reuniu este ano um certo número de Espíritas em Lyon, com esta diferença de que no último ano havia uns trinta convivas, ao passo que este foram contados cento e sessenta, representando os diferentes grupos que se consideram todos como os membros de uma mesma família, e entre os quais não existe a sombra do ciúme e da rivalidade, o que estamos muito alegre em fazer notar de passagem. A maioria dos assistentes era composta de operários, e todo o mundo notou a ordem perfeita que não cessou de reinar um só instante; é que os verdadeiros Espíritas colocam a sua satisfação nas alegrias do coração e não nos prazeres barulhentos. Vários discursos foram pronunciados; iremos reportá-los, porque resumem a situação e caracterizam uma das fases da marcha do Espiritismo; fazem, além disso, conhecer o verdadeiro dessa população, olhada outrora com uma espécie de temor, porque julgada mal, e talvez também mal dirigida moralmente. Um dos principais discursos, infelizmente, faltará, e o lamentamos sinceramente: é o do Sr. Renaud, notável pelas suas apreciações, e no qual não encontramos de mais senão os elogios que ali nos são dirigidos. A cópia desse discurso de uma certa extensão não nos tendo sido entregue antes de nossa partida, estamos privados de inseri-la, mas, por isso, não somos menos reconhecidos para com o autor pelos testemunhos de simpatia que consentiu em nos dar.

Tem-se a notar que, por uma coincidência não premeditada, uma vez que foi subordinada à nossa chegada, o banquete desse ano ocorreu na mesma data, 19 de setembro, que a do ano passado.

***Alocução do Sr. Dijoud, chefe de oficina,
presidente do
grupo Espírita de Brotteaux, em
agradecimento pela
assistência dos bons Espíritos.***

Meus bons amigos,

É em nome de todos que venho agradecer aos bons Espíritos por nos ter reunido e iniciado

pelas manifestações às leis divinas, às quais, estamos todos submetidos; satisfação imensa para nós, que as doces consolações que nos dão, e que nos fazem suportar com paciência e resignação as provas e os sofrimentos desta vida passageira, porque não ignoramos mais agora o objetivo de nossa encarnação, de nosso rude trabalho, e a recompensa que espera o nosso Espírito se nós os suportarmos com coragem e submissão.

Aprendemos também, com eles, que se escutarmos seus conselhos, e se colocarmos em prática a sua moral, seremos nós mesmos que prepararemos o reino de felicidade que Deus nos fez prometer pelo seu Filho; então o egoísmo, a calúnia e a malícia desaparecerão entre nós, porque somos todos irmãos, e devemos nos amar, nos ajudar e nos perdoar como irmãos.

É, pois, a chamada invisível dos Espíritos superiores que respondemos vindo aqui testemunhar-lhes, de coração unânime, o nosso reconhecimento. Pecamos para consentir em nos conservar sua proteção e seu amor, e nos continuar as suas instruções tão doces, tão consoladoras, tão vivificantes, que nos fizeram tanto bem, desde que temos a felicidade de receber as suas comunicações.

Oh! meus amigos! Quanto é belo este dia em que Deus nos convidou! Tomemos todos a resolução de sermos bons e sinceros Espíritas, e de jamais esquecer esta Doutrina que fará a felicidade da Humanidade inteira, conduzindo os homens para o bem. Obrigado aos bons Espíritos que nos assistem e nos dão a luz, e obrigado a Deus por no-los ter enviado!

Brinde trazido pelo Sr. Courtet, negociante.

Senhores,

Membro do grupo Espírita de Brotteaux, e em seu nome, venho vos propor um brinde em honra do senhor e senhora Dijoud.

Senhora, cumpro um dever bem agradável servindo de intérprete a toda a nossa Sociedade, que a vós agradece por tudo o que tendes feito em nosso favor! Quantas consolações fizestes nascer entre nós! Quantas lágrimas de enternecimento e de alegria nos fizestes derramar! Vosso coração tão bom e tão modesto não se orgulha com os vossos sucessos, e vossa caridade com eles é aumentada.

Sabemos bem, senhora, que não foi senão a intérprete dos Espíritos superiores que a vós são ligados, mas também com que devotamento cumpris esta tarefa! Por vosso intermédio estamos iniciados nessas altas questões de moral e de filosofia, cuja solução deve trazer o reino de Deus, e, por consequência, a felicidade dos homens sobre a Terra.

Nós vos agradecemos também, senhora, pela assistência que dais aos nossos doentes; vossa fé e vosso zelo deles recebem a recompensa pela satisfação que sentis em fazer o bem e aliviar o sofrimento. Nós vos pedimos a continuação de vossos bons ofícios; ficai persuadida de toda a nossa gratidão e de nosso reconhecimento eterno.

Senhor Dijoud, nós vos agradecemos pela inteligência, a firmeza e a complacência que trazeis em nossas reuniões. Contamos convosco para continuar essa grande obra com o concurso dos bons Espíritos.

Brinde trazido pelo Sr. Bouilland, professor.

Tenho a honra de trazer um brinde ao senhor Allan Kardec, um brinde de gratidão e de reconhecimento, em nome de seus adeptos, de seus apóstolos aqui presentes.

Ah! quanto somos felizes, nós, os voluntários da *grande obra*, da obra fecunda e regeneradora, em ver em nosso meio nosso valente, nosso bem amado chefe!

Se sentimos essa felicidade, é preciso bem reconhecê-lo, é que o favor distintivo, que nos é concedido hoje, é um desses que não se esquecem, que não se esquecem jamais. Oh! qual é o soldado, por exemplo, que não se recordaria com o mais vivo ardor que seu general consentiu se misturar a ele para partir o *mesmo* pão na *mesma* mesa?

Pois bem! Nós também, caro mestre, somos vossos soldados, vossos voluntários, e tão alto que plantastes o vosso estandarte, em nós, não para defendê-lo, disso não tendes necessidade, mas para que façamos triunfar por uma sábia, uma fervorosa propagação. Esta causa, é verdade, é tão bela, tão justa, tão consoladora! No-lo provaste tão bem em vossas obras tão cheias de erudição, de saber, de eloquência! Ah! todos nós o reconhecemos, estão bem aí as páginas do homem inspirado pelo puro Espírito, porque cada um nós compreendeu, haurindo na fonte de vosso consciencioso trabalho, que todos os vossos pensamentos eram tantas sublimes emanações do Mais Alto! Depois, se acrescentamos, caro mestre, que a vossa missão é santa e sagrada neste mundo, é que mais de uma vez sentimos, pelo recurso de vossas luzes, a centelha fluídica que liga entre eles todos os mundos visíveis e invisíveis, gravitando na imensidão! Também o nosso coração bate em unísono com o mesmo amor por vós; recebei aqui a sua expressão viva, sincera e profunda; a vós de todo o nosso coração, avós de todo o nosso Espírito!

Discurso do Sr. Allan Kardec no banquete de Lyon

Revista Espírita, outubro de 1861

Senhoras e senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

Se há circunstâncias em que se possa lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é quando se trata de exprimir certos sentimentos, e tal é, neste momento, a minha posição. O que eu sinto, ao mesmo tempo, é uma surpresa bem agradável quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita ganhou entre vós, há um ano, e admiro a Providência; uma alegria indizível pela visão do bem que ela aqui produz, de consolações que ela derrama sobre tantas dores, ostensivas ou ocultas, e disso deduzo o futuro que a espera; é uma felicidade inexprimível reencontrar-me no meio desta família, tornada tão numerosa em tão pouco tempo, e que aumenta todos os dias; é, enfim, e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos tocantes testemunhos de simpatia que recebo de vós.

Esta reunião tem caráter particular. Graças Deus! Estamos todos aqui, muito bons Espíritas penso, para termos o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos encontrar à mesa; e, seja dito de passagem, creio mesmo que um festim de Espíritas seria uma contradição. Presumo também que, me convidando tão graciosamente e com tantas instâncias, a vir ao vosso meio, não acreditastes que a questão de um banquete fosse motivo de atração para mim; foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se escusaram sobre a simplicidade da recepção; porque, ficai bem convencidos de que o que mais me honra nesta circunstância, o de que, com razão, posso estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade da acolhida, o que se encontra muito raramente nas recepções pomposas, porque aqui não há máscaras sobre os rostos.

Se uma coisa pudesse atenuar a felicidade que tenho por me encontrar em vosso meio, seria não poder permanecer senão tão pouco tempo; ser-me-ia muito agradável prolongar minha estada num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo; mas, uma vez que desejais receber algumas instruções de minha parte, não achareis mau, sem dúvida, que, a fim de utilizar todos os instantes, eu saia um pouco das banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocação empreste alguma gravidade à própria gravidade do assunto que nos reuniu. Certamente, se estivéssemos num repasto de bodas ou de batismo, seria intempestivo falar das almas, da morte, e da vida futura; mas, eu o repito, estamos aqui para nos instruir, antes que para comer, e, em todo caso, não é para nos divertir.

Não creiais, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunir aqui seja um fato puramente pessoal; esta reunião, disso não duvideis, tem um caráter pessoal e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis a isso vos impeliram, com o vosso desconhecimento e talvez um dia ela marcará nos fastos do Espiritismo. Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passo da aliança que deve existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os

homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos da cor. O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; então ver-se-á desaparecer essas anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é obra do tempo, deixemos a Deus o cuidado de fazer chegar cada coisa à sua hora; esperemos tudo de sua sabedoria e agradeçamo-lo somente por nos ter permitido assistir à aurora que se eleva para a Humanidade, e de nos ter escolhido como os primeiros pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne derramar a sua bênção sobre esta assembléia, a primeira onde os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, num sentimento de verdadeira confraternização.

Digo verdadeira confraternização, porque tenho a íntima convicção de que todos aqui presentes, não trazem nenhuma outra; mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estão aqui entre nós, que nos escutam neste momento, espiam todas as nossas ações, e sondam os pensamentos de cada um, investigando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são bem diferentes; se uns estão felizes com esta união, outros, crede-o bem, estão horripelantemente enciumados com ela; saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe-vos a todos vós, bons e sinceros Espíritos, provar-lhes que perdem seu tempo, e que se enganam crendo encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência de vossos anjos guardiães, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seria para o bem; ora, como o mal não pode ter a sua fonte no bem, o simples bom senso nos diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito, e um pensamento é necessariamente mau quando é contrário à lei de amor e de caridade; quando ele tem por móvel a inveja e o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril suscetibilidade de amor-próprio melindrado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. *Amor e caridade para todos*, disse o Espiritismo; *amarás a teu próximo como a ti mesmo*, disse o Cristo: isto não é sinônimo?

Eu vos felicitei, meus amigos, pelo progresso que o Espiritismo fez entre vós, e estou mais feliz por constatá-lo. Felicitai-vos, de vosso lado, daquilo que esse progresso é por toda parte; sim, este último ano viu, em todos os países o Espiritismo crescer numa proporção que excedeu todas as esperanças; ele está no ar, nas aspirações de todos, e por toda a parte onde encontra eco, bocas que repetem: Eis o que eu esperava, o que uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta ainda sob uma nova fase: é a coragem de sua opinião, que não existia ainda há pouco tempo. Não era senão em segredo, às escondidas que dele se falava; hoje confessa-se Espírita tão claramente quanto se confessa católico, judeu ou protestante; afronta-se a zombaria, e essa ousadia impõe aos zombadores, que são como esses cãesinhos que correm depois daqueles que fogem, e fogem se são perseguidos; ela dá coragem aos tímidos, e revela, em muitas localidades, numerosos Espíritos que se ignoravam mutuamente. Pode deter-se esse movimento? Pode-se detê-lo? Eu o digo claramente: Não; lançou-se mão de tudo para isso: sarcasmos, zombadas, ciência, anátema, e ele tudo suplantou sem retardar a sua marcha num segundo; cego, pois, quem não veja aí o dedo de Deus. Pode-se entravá-lo; detê-lo jamais, porque se não correr à direita, ele correrá à esquerda.

Vendo os benefícios morais que proporciona, as consolações que dá, os crimes mesmo que já impediu, pergunta-se quem pode ter interesse em combatê-lo. Ele tem contra si primeiro os incrédulos que o injuriam: estes não são de se temer, uma vez que se viram seus dardos afiados quebrar-se contra a sua couraça; os ignorantes que o combatem sem conhecê-lo:

estes são os mais numerosos; mas a verdade, combatida pela ignorância, jamais teve a temer, porque os ignorantes se refutam eles mesmos sem o querer, testemunha o Sr. Louis Figuier em sua *Historie du mer-veilleux*. A terceira categoria de adversários é a mais perigosa, porque é tenaz e pérfida; ela se compõe de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser feridos; combatem na sombra, e as setas envenenadas da calúnia não lhes faltam. Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como tiveram todas as idéias de progresso em todos os tempos, e os encontrareis em todas as fileiras em todas as classes da sociedade. Vencerão? Não; porque não é dado ao homem se opor à marcha da Natureza, e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais; será preciso, pois, que cedo ou tarde tomem o seu partido, e que aceitem o que será aceito por todo o mundo. Não, não o vencerão; serão eles que serão vencidos.

Um novo elemento vem se juntar à legião dos Espíritas: é o das classes trabalhadoras; e notai nisso a sabedoria da Providência. O Espiritismo, em primeiro lugar, propagou-se nas classes esclarecidas, nas sumidades sociais; isto era necessário, primeiro, para lhe dar mais crédito, segundo, porque foi elaborado e purgado das idéias supersticiosas que a falta de instrução teria podido nele introduzir, e com as quais o teria sido confundido. Apenas constituído, podendo-se falar assim de uma ciência tão nova, tocou a classe trabalhadora e nela se propagou com rapidez. Ah! É que lá há tanto de consolações a dar, tanto de coragem moral a levantar, tanto de lágrimas a secar, tanto de resignação a inspirar, que ele foi acolhido como uma âncora de salvação, como uma proteção contra as terríveis tentações da necessidade. Por toda a parte onde o vi penetrar na morada do trabalho, por toda a parte o vi ali produzir seus benefeitos efeitos moralizadores. Regozijai-vos, pois, operários lioneses que me escutais, porque tendes em outras cidades, tais como Sens, Lille, Bordeaux, irmãos Espíritas que, como vós, abjuraram as culpáveis esperanças da desordem e os criminosos desejos da vingança. Continuai a provar, pelo vosso exemplo, os benefeitos resultados desta doutrina. Àqueles que perguntam para que ela pode servir? respondi-lhes: Em meu desespero eu queria me matar: o Espiritismo me deteve, porque sei o que poderia me custar abreviar voluntariamente as provas que apraz a Deus enviar aos homens; para me estontear eu me embriagava: compreendi que desprezível era por me tirar voluntariamente a razão e que me privava assim de ganhar meu pão e o de meus filhos; estava divorciado de todos os sentimentos religiosos: hoje eu oro a Deus e coloco a minha esperança em sua misericórdia; eu não cria em coisa alguma senão no nada como supremo remédio para as minhas misérias: meu pai se comunicou comigo e me disse: Meu filho, coragem! Deus te vê; ainda um esforço e serás salvo! coloquei-me de joelhos diante de Deus e lhe pedi perdão; vendo os ricos e os pobres, as pessoas que têm tudo e outras que não têm nada, eu acusava a Providência: hoje sei que Deus pesa tudo na balança de sua justiça e espero o seu julgamento; se está em seus decretos que eu deva sucumbir na miséria, pois bem! sucumbirei, mas com a consciência pura, mas sem levar o remorso de ter roubado um óbolo àquele que poderia me salvar a vida. Dizei-lhe: Eis para que serve o Espiritismo, essa loucura, essa quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuai a pregar pelo exemplo; fazei compreender o Espiritismo com as suas conseqüências salutares, e quando ele for compreendido, não se assustarão mais; bem mais, será acolhido como uma garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falarem dele com respeito.

Falei do progresso do Espiritismo; com efeito, não se tem exemplo que uma doutrina, qualquer que ela seja, haja caminhado com tanta rapidez, sem excetuar mesmo o cristianismo. Isto quer dizer que lhe seja superior, que deve suplantá-lo? Não; mas é aqui o lugar de fixar-lhe o verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção, geralmente, bastante difundida entre aqueles que não o conhecem.

O cristianismo, em seu nascimento, tinha que lutar contra um poder terrível: o Paganismo, então universalmente difundido; não havia entre eles nenhuma aliança possível, não mais do

que entre a luz e as trevas: em uma palavra, não podia se propagar senão destruindo o que existia; também a luta foi longa e terrível; as perseguições disso são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada tem a destruir, porque se assenta sobre as próprias bases do cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é senão a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, assim como alguns o pretendem, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma às expensas de suas irmãs mais velhas: é uma doutrina puramente moral que não se ocupa, de nenhum modo, dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, uma vez que não se impõe a ninguém; e a prova disso é que tem adeptos em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, entre os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de se comunicar com o mundo invisível, quer dizer, com as almas; ora, como os judeus, os protestantes, os muçulmanos têm alma como nós, disso resulta que podem se comunicar com elas tão bem quanto conosco, e que, por conseguinte, podem ser Espíritas como nós.

Não é mais uma seita política, como não é uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido que a eletricidade e os caminhos de ferro; é, digo eu, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões e em todos os partidos.

A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Aí está toda a questão. Que se estude, e saber-se-á a que se agarrar. Ora, uma vez que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

Fez o bem ou o mal? Estudai ainda e vereis. Que fez ele? Impediu inumeráveis suicídios; levou a paz e a concórdia a um grande número de famílias; tornou dóceis e pacientes os homens violentos e coléricos; deu resignação àqueles que não a tinham, consolações aos aflitos; levou a Deus aqueles que o desconheciam, destruindo as idéias materialistas, verdadeira praga social, que aniquila a responsabilidade moral do homem; eis o que fez, o que faz todos os dias, o que fará mais e mais à medida que estiver mais difundido. Está aí o resultado de uma doutrina má? Mas não sei que alguém tenha jamais atacado a moral do Espiritismo; somente diz-se que a religião pode produzir tudo isso. Convenho com isso perfeitamente; mas então por que não o produz sempre? É porque nem todo mundo a compreende; ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos o que não o é, evidente o que é duvidoso, conduz à aplicação; ao passo que não se sente jamais a necessidade daquilo que não se compreende; portanto, o Espiritismo, longe de ser o antagonista da religião, dela é o auxiliar; e a prova é que reconduz às idéias religiosas aqueles que a haviam repellido. Em resumo, jamais aconselhou mudar de religião, nem de sacrificar as suas crenças; não pertence em particular a nenhuma religião ou, para dizer melhor, ele está em todas as religiões.

Algumas palavras ainda, senhores, eu vos peço, sobre uma questão toda prática. O número crescente dos Espíritas, em Lyon, mostra a utilidade do conselho que vos dei no ano passado, relativamente à formação dos grupos. Reunir todos os adeptos em uma só sociedade, hoje já seria uma coisa materialmente impossível, e que o será bem mais ainda em algum tempo. Além do número, as distâncias a percorrer em razão da extensão da cidade, as diferenças de hábito segundo as posições sociais, acrescentam a essa impossibilidade. Por esse motivo, e por muitos outros que seria muito longo desenvolver aqui, uma única sociedade é uma quimera impraticável; multiplicai os grupos o mais possível; que haja dez deles, que haja cem, se for necessário, e ficai certos de que chegareis mais rápido e mais seguramente.

Haveria aqui coisas muito importante a dizer sobre a questão da unidade de princípios; sobre a divergência que poderia existir, entre eles, sobre alguns pontos; mas me detenho para não

abusar da vossa paciência em me escutar, paciência que já coloquei a prova muito longa. Se o desejais, disso farei o objeto de uma instrução especial que vos remeterei proximamente.

Eu termino, senhores, esta alocução, na qual me deixei arrastar pela própria raridade das ocasiões que tenho de ter a felicidade de estar em vosso meio. Levarei, de vossa benevolente acolhida, uma lembrança que não se apagará jamais, disso ficai bem persuadidos.

Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração pelas marcas de simpatia que consentistes me dar; obrigado pelas boas palavras que me dirigistes pelos vossos intérpretes, e das quais não aceito senão o dever que elas me impõem, por aquilo que me resta a fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser a garantia da união que deve existir entre todos os verdadeiros Espíritas!

Levo um brinde aos Espíritas lioneses, e a todos aqueles, dentre eles, que se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, e que vós os enumereis, vós mesmos, sem que eu tenha a necessidade de fazê-lo.

Aos Espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes!

Senhores, os Espíritos querem também ter sua parte nesta festa de família, e nela dizer suas palavras. O de Erasto, que conheceis pelas notáveis dissertações que foram publicadas na Revista, ditou espontaneamente, antes de minha partida, e em vossa intenção, a epístola seguinte, da qual me encarregou de vos ler em seu nome. É com alegria que me desincumbo desse encargo. Tereis assim a prova de que os Espíritos que se comunicam convosco não são os únicos a se ocuparem de vós e do que vos concerne. Esta certeza não pode senão consolidar a vossa fé e a vossa confiança, vendo que o olho vigilante dos Espíritos superiores se estende sobre todos, e que, sem disso duvidar, sois também o objeto de sua solicitude.

Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses

Revista Espírita, outubro de 1861

Lida no banquete de 19 de setembro de 1861.

Não é sem uma emoção muito suave que venho conversar convosco, caros Espíritas do grupo lionês; em um meio como o vosso, onde todas as classes estão confundidas, onde todas as condições sociais se dão as mãos, sinto-me cheio de ternura e simpatia, e estou feliz em poder vos anunciar que nós todos, que somos os Espíritos iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com uma alegria muito viva aos vossos fraternais banquetes, aos quais fomos convidados por *Jean e Irénée*, vossos eminentes guias espirituais. Ah!, esses banquetes despertam, em meu coração, a lembrança daqueles onde nos reuníamos todos, há mil e oitocentos anos, quando combatíamos contra os costumes dissolutos do *paganismo romano*, e quando já comentávamos os ensinamentos e as parábolas do Filho do Homem, morto pela propagação da idéia santa sobre a árvore da infâmia! Se o Altíssimo, meus amigos, por um efeito de sua misericórdia infinita, permitisse que a lembrança do passado pudesse irradiar um instante em vossas memórias entorpecidas, vos lembráreis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: *Sanctus, Alexandre, Attale, Epispe, a doce e corajosa Blandine, Irénéé*, o valente bispo, aos quais, muitos dentre vós, formavam então cortejo, aplaudindo o seu heroísmo e cantando os louvores do Senhor; também vos lembráreis que, vários dentre aqueles que me escutam, regaram com o seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Grégoire de Tours chamaram a pátria dos mártires. Eu não os nomearei; mas podeis considerar aqueles que cumprem, junto de vosso grupo, uma missão, um apostolado, como já tendo sido mártir da propagação da idéia igualitária, ensinada do alto do Gólgota pelo nosso Cristo bem-amado! Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem vos dizer que a vossa missão é sempre a mesma, porque o *paganismo romano*, sempre de pé, sempre vivaz, enlaça ainda o mundo, como a hera enlaça o carvalho; deveis, pois, derramar sobre os vossos infelizes irmãos, escravos de suas paixões ou de paixões dos outros, a sã e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos vos revelar pelos nossos médiuns de todos os países. Não obstante, constatamos que os tempos progrediram; que os costumes não são mais os mesmos e que a Humanidade aumentou; porque hoje, se fósseis alvo da perseguição, ela não emanaria mais de um poder tirânico e ciumento, como no tempo da primitiva Igreja, mas dos interesses aliados contra a idéia e contra vós, os apóstolos da idéia.

Acabo de pronunciar a palavra igualitária: creio útil deter-me um pouco, porque não viemos pregar, em vosso meio, utopias impraticáveis, e porque, ao contrário, repelimos energicamente tudo o que pareceria se ligar às prescrições de um comunismo anti-social; somos, antes de tudo, essencialmente propagadores da liberdade individual, indispensável ao desenvolvimento dos encarnados; por conseguinte, inimigos declarados de tudo o que se aproxima dessas legislações conventuais que aniquilam os indivíduos. Se bem que me dirijo a um auditório em parte composto de artesãos e de proletários, sei que suas consciências, esclarecidas pelas irradiações da verdade espírita, já repeliram toda comunhão com as teorias anti-sociais dadas em apoio desta palavra: *igualdade*. Seja como for, creio dever restituir a essa palavra a sua significação cristã, tal como aquele que disse: "Dai a César o que é de César," explicara ele mesmo. Pois bem! Espíritas, a igualdade proclamada pelo Cristo, e que

nós mesmos professamos no meio de vossos grupos amados, é a igualdade diante da justiça de Deus, quer dizer, nosso direito, segundo o nosso dever cumprido, de subir na hierarquia dos Espíritos e atingir, um dia, os mundos avançados, onde reina a felicidade perfeita. Para isto, não teve em conta nem o nascimento, nem a fortuna: o pobre e o fraco ali chegam como o rico e o poderoso; porque uns não levam mais do que os outros materialmente; e como lá não se compra nem seu lugar, nem seu perdão, com o dinheiro, os direitos são iguais para todos; igualdade diante de Deus, eis a verdadeira igualdade. Não vos será pedido o que possuístes, mas bem o uso que fizestes daquilo que possuístes. Ora, quanto mais tiverdes possuído, mais longas e mais difíceis serão as contas que tereis a prestar de vossa gestão. Assim, pois, depois de vossas existências de missões, de provas ou de castigos nas paragens terrestres, cada um de vós, segundo suas obras boas ou más, ou progredirá na escala dos seres, ou recomeçará, cedo ou tarde, sua existência, se esta foi desviada. Em consequência, eu vo-lo repito, proclamando o dogma sagrado da igualdade, nós não viemos vos ensinar que deveis ser, neste mundo, todos iguais em riquezas, em saber e em felicidade; mas que chegareis todos, na vossa hora e segundo os vosso méritos à felicidade dos eleitos, quinhão das almas de elite que cumpriram os seus deveres. Eis, meus caros Espíritas, a igualdade à qual tendes direito, à qual o Espiritismo emancipador vos conduzirá, e à qual eu vos convido com todas as minhas forças. Para ali chegar, que tendes a fazer? Obedecer a estas duas palavras sublimes: amor e caridade, que resumem admiravelmente a lei e os profetas. Amor e caridade! Ah! aquele que cumpriu, segundo a sua consciência, as prescrições desta máxima divina está seguro de subir rapidamente os degraus da escada de Jacó, e de atingir logo as esferas elevadas, de onde poderá adorar, contemplar e compreender a majestade do Eterno.

Não poderíeis crer o quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete, onde o rico e o artesão se acotovelam bebendo fraternalmente; onde o judeu, o católico e o protestante podem se sentar na mesma comunhão pascal. Não poderíeis crer o quanto estou orgulhoso em distribuir, a todos e a cada um, os elogios e os encorajamentos que o *Espírito de Verdade*, nosso mestre bem-amado, me ordenou conceder às vossas piedosas coortes: a ti, Dijoud, a ti, sua digna companheira e a todos vossos devotados missionários que derramais os benefícios do Espiritismo, obrigado pelo vosso concurso e pelo vosso zelo. Mas quem é nobre deve proceder com nobreza, meus amigos, sobretudo a do coração, e serieis muito culpados, muito criminosos em falir, no futuro, em vossas santas missões; mas não falireis; nisso tenho por garantia o bem que fizestes e aquele que vos resta a fazer, mas é a vós meus bem-amados irmãos do labor cotidiano, que reservo minhas mais sinceras felicitações, porque, eu o sei, subis penosamente vosso Gólgota levando, como o Cristo, a vossa cruz dolorosa. Que poderia eu dizer de mais elogioso para vós do que lembrar a coragem e a resignação com que suportais os desastres inauditos que a luta fratricida, mas necessária, das duas Américas engendra no vosso meio? Ah! ninguém pode negar que abenfazeja influencia do Espiritismo não se faça já sentir; ela penetrou com a esperança e a fé, no meio das oficinas; e quando se lembram as épocas do último reinado, onde, desde que o trabalho faltava, os trabalhadores desciam da Croix-Rousse aos Terreaux em grupos tumultuosos, fazendo pressagiar o motim, e o motim a repressão terrível, deve-se agradecer a Deus pela nova revelação. Com efeito, segundo essa imagem vulgar de que se servem, em sua linguagem pitoresca, freqüentemente, lhes é preciso *dançar diante do aparador*; então, dizem, fechando a correia: Ora essa! Comeremos amanhã!!!! Sei bem que a caridade pública e particular se esforçam e se comovem; mas aí não está o verdadeiro remédio. É preciso melhor para a Humanidade; é por isso que, se o Cristianismo preconizou a igualdade e as leis igualitárias, o Espiritismo recebe em seus flancos a fraternidade e suas leis; obra grandiosa e durável que os séculos futuros bendirão. Lembrai-vos, meus amigos, que o Cristo tomou os seus apóstolos entre os últimos dos homens, e que esses últimos, mais fortes que os Césares, conquistaram o mundo para a idéia cristã. A vós, pois, incumbe e obra santa de esclarecer os vossos companheiros de oficina, e de propagar a nossa sublime Doutrina que faz os homens tão fortes na adversidade, enfim, que o Espírito do mal e da revolta não venha

suscitar o ódio e a vingança no coração de vossos irmãos, que a graça espírita ainda não tocou. Essa obra vos pertence inteiramente, meus caros amigos; vós a cumprireis, eu o sei, com zelo e o ardor que dá a consciência de um dever a cumprir; e um dia a história, reconhecida, inscreverá em seus anais que os operários de Lyon, esclarecidos pelo Espiritismo muito mereceram da pátria, e, 1861 e 1862, pela coragem e pela resignação pelas quais suportaram as tristes conseqüências das lutas escravocratas entre os *Estados Desunidos* da América. Que importa! Porque esses tempos de lutas e de provas são, meus filhos, os tempos benditos de Deus, enviados para desenvolver a coragem, a paciência e a energia; para apressar a elevação e o aperfeiçoamento do orbe terrestre e dos Espíritos que nele estão aprisionados nos últimos laços carnis da matéria. Ide! Agora, a trincheira está aberta no velho mundo, e sobre as suas ruínas aclamareis a era espírita da fraternidade, que vos mostra o objetivo e o fim das misérias humanas, consolando e fortificando os vossos corações contra a adversidade e a luta, e confundis os incrédulos e os ímpios, agradecendo a Deus o quinhão de vossos infortúnios e de vossas provas, porque estas vos aproximam da felicidade eterna.

Resta-me fazer-vos ouvir alguns conselhos que, com freqüência, os vossos guias habituais vos deram, mas que a minha posição pessoal, e a circunstância atual, me convidam a vos lembrar de novo. Dirijo-me aqui, meus bons amigos, a todos os Espíritas, a todos os grupos, a fim de que nenhuma cisão, nenhuma dissidência, nenhum cisma surja entre" vós, mas que, ao contrário, uma crença solidária vos anime e vos reuna a todos, porque isso é necessário para o desenvolvimento da nossa benfazeja Doutrina. Sinto com uma vontade que constrange vos pregar a concórdia e a união, porque nisso como em toda coisa, a união faz a força, e tendes necessidade de ser fortes e unidos para resistir às tempestades que se aproximam; e não só tendes necessidade de estar unidos entre vós, mas ainda com os vossos irmãos de todos os países; por isso, eu vos peço para seguirem o exemplo que vos dão os Espíritas de Bordeaux, dos quais todos os grupos particulares formam os satélites de um grupo central, o qual solicitou entrar em comunhão com a Sociedade iniciadora de Paris que, a primeira, recebeu os elementos de um corpo de doutrina e colocou bases sérias aos estudos do Espiritismo, que nós todos, Espíritos, professamos pelo mundo inteiro.

Sei que o que vos digo aqui não será perdido; refiro-me, de resto, inteiramente aos conselhos que já recebestes, e que receberéis ainda de vossos excelentes guias espirituais, que vos dirigem nesse caminho salutar, porque é preciso que a luz vá do centro aos raios e dos raios ao centro, a fim de que todos aproveitem e se beneficiem dos trabalhos de cada um. E incontestável, aliás, que submetendo-se ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado, mas o controle severo de outros grupos, mas a ciência adquirida e a alta autoridade moral dos chefes de grupos, mas as comunicações dos principais médiuns que recebem uma marca de lógica e de autenticidade dos nossos melhores Espíritos, farão justiça, rapidamente, aos ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus. Repeli-os, impiedosamente, todos esses Espíritos que se dão como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos prodigalizando-lhes louvores exagerados, afim de fasciná-los e tê-los sob o seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder que, déspotas públicos ou privados quando vivos, querem ter ainda vítimas para tiranizar depois de sua morte. Em geral, meus amigos, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros; há sempre, então, um motivo legítimo de suspeita. Por outro lado, crede bem que quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios, que possuem médiuns sérios.

Enfim, creio bom dizer-vos de novo aqui que ninguém é médium perfeito se está obsidiado; a obsessão é um dos maiores escolhos, e há obsessão manifesta quando um médium não está apto para receber senão a comunicação de um Espírito especial, tão alto que este procure se colocar por si mesmo. Em consequência, todo médium, todo grupo que se crê privilegiado por comunicações que só eles podem receber, e que, de outra parte, estão sujeitos a práticas que roçam a superstição, indubitavelmente, estão sob a ação de uma obsessão das melhores caracterizadas. Digo-vos tudo isto, meus amigos, porque existem no mundo médiuns fascinados por Espíritos pérfidos. Eu desmascararei impiedosamente esses Espíritos, se ousam ainda profanar nomes veneráveis, dos quais se apoderam como ladrões, e com os quais se adornam orgulhosamente como lacaios com a roupa de seu senhor; eu os pregarei no pelourinho sem piedade, se persistem em afastar do caminho reto Cristãos honestos, Espíritas zelosos, cuja boa fé enganaram. Em uma palavra, deixai-me vos repetir o que já aconselhei aos Espíritas parisienses: vale mais repelir dez verdades momentaneamente do que admitir uma única mentira, uma única falsa teoria; porque sobre essa teoria, sobre essa mentira, poderíeis edificar todo um sistema, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, certos princípios, o que não vos estão demonstrados logicamente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá vos afirmar a sua autenticidade.

A Jean, a Irénée, a Blandine, assim como a todos vós, Espíritos protetores, incumbe a tarefa de vos premunir, doravante, contra os falsos profetas da erraticidade. O grande Espírito emancipador que preside aos nossos trabalhos, sob o olhar do Todo-Poderoso, a isso provera, podeis nisto crer-me. Quanto a mim, se bem que esteja mais particularmente ligado aos grupos parisienses, virei algumas vezes conversar convosco e seguirei sempre com interesse os vossos trabalhos particulares.

Esperamos muito da província lionesa, e sabemos que não faltareis, nem uns nem os outros, às vossas missões respectivas. Lembrai-vos, de que o Cristianismo, trazido pelas legiões cesarianas, lançou, há quase dois mil anos, as primeiras sementes da renovação cristã em Viena e em Lyon, de onde elas se propagaram rapidamente na Gália do Norte. Hoje, o progresso deve se cumprir numa irradiação nova, quer dizer, do Norte para o Sul. A obra, pois, Lioneses!; é preciso que a verdade triunfe, e que não é sem uma legítima impaciência que esperamos a hora em que soará a trombeta de prata, que nos anunciará o vosso primeiro combate e a vossa primeira vitória.

Agora deixai-me vos agradecer pelo recolhimento com o que me escutastes, e pela simpática acolhida que me destes. Que Deus Todo-Poderoso, nosso Senhor de todos, vos conceda a sua benevolência, e derrame sobre vós, e sobre seu servidor muito humilde, os tesouros de sua misericórdia infinita! Adeus! Lioneses eu vos bendigo.

ERASTO.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, outubro de 1861

Eugène Scribe.

(Sociedade Espírita de Paris.)

Quando da discussão que se estabeleceu entre vários Espíritos sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, e que narramos no nosso precedente número, o nome do Sr. Scribe foi pronunciado, o que, sem dúvida, foi para ele um motivo para vir, embora não sendo chamado; sem tomar parte no debate, ditou espontaneamente a dissertação seguinte, que provocou a entrevista em seguida.

- Seria desejável que o teatro, onde grandes e pequenos vão haurir ensinamentos, se preocupasse um pouco menos em agradar o gosto pelos costumes fáceis e a exaltação e os aspectos veniais de uma juventude ardente, mas que o melhoramento social foi perseguido por peças elevadas e morais, onde o fino gracejo substitui o sal grosso de cozinha, do qual se servem os autores de comédia musicada do dia. Mas não; segundo o teatro, e segundo o público, lisonjeiam as paixões humanas. Aqui, preconiza-se a blusa às custas da roupa negra de que se faz o bode-expiatório de todas as iniquidades sociais; ali, é a blusa que é infamada e conspurcada, porque ela recobre sempre, diz-se, o gatuno ou o assassino. Mentira dos dois lados.

Alguns autores começam a pegar o boi pelos chifres, e, como Émile Augier, a pregar os manejadores de dinheiro no pelourinho da opinião pública. Ora essa! Que importa! O público, com isso, não continua menos a se precipitar para os teatros, onde uma plástica ousada e sem pudor, faz todos os gastos do espetáculo. Ah! É tempo de que as idéias espíritas sejam propagadas em todas as camadas sociais, porque então o teatro se moralizará por si mesmo, e, às exibições femininas sucederão peças conscienciosas, desempenhadas conscientemente por artistas de talento; com isso todos ganharão. Esperamos que logo surja um autor dramático capaz de expulsar do teatro e da admiração do público, todos esses intrigantes, proxenetas imorais de damas das camélias de toda sorte. Trabalhai, pois, para difundir o Espiritismo que deve produzir tão louvável resultado.

E. SCRIBE.

Perg. Numa comunicação que ditastes, há pouco tempo, à senhorita J...., e que foi lida na Sociedade, dissestes que o que fez a vossa reputação sobre a Terra não a fez no céu, e que vós teríeis podido melhor empregar os dons que recebestes de Deus. Seríeis bastante bom para nos desenvolver este pensamento, e nos dizer em que as vossas obras são repreensíveis; parece-nos que elas têm um lado moral, que abriram um caminho ao progresso, num certo sentido?

Resp. Tudo é relativo; hoje, no mundo elevado onde me encontro, não vejo mais com os

meus olhos terrestres, e penso que com os dons que recebi do Todo-Poderoso, eu poderia chegar a melhor para a Humanidade; eis porque disse que não tinha trabalhado pelo céu. Mas não posso exprimir, em algumas palavras, o que vos gostaria de dizer lá de cima, porque, vós o sabeis, eu era um pouco verboso.

P. Dissestes ainda que querieis compor uma obra mais útil e mais séria, mas que essa alegria vos foi recusada. Foi como Espírito, que teríeis querido fazer essa obra e, neste caso, como teríeis feito para fazer aproveitar aos homens?

R. Meu Deus! Da maneira muito simples que os Espíritos empregam, inspirando os escritores que, freqüentemente, imaginam haurir em seu próprio fundo, ah! algumas vezes bem vazio.

P. Pode-se saber qual foi o assunto que vos propusestes tratar?

R. Eu não tinha objetivo combinado, mas, vós o sabeis, gosta-se um pouco de fazer o que jamais se fez. Teria querido me ocupar de filosofia e de espiritualismo, porque estou insuficientemente ocupado de realismo. Não tomai esta palavra realismo como é entendida hoje; quis só dizer que estou mais especialmente ocupado com aquilo que diverte os olhos e ouvido dos Espíritos frívolos da Terra, do que daquilo que poderia satisfazer os Espíritos sérios e filósofos.

P. Dissestes à senhorita J... que não éreis feliz. Podeis não ter a sorte dos bem-aventurados; mas ainda há pouco, na comissão, contaram uma multidão de boas ações que fizestes e que, certamente, devem vos contar.

R. Não, eu não sou feliz, porque, ai de mim! tenho ainda a ambição, e que tendo sido acadêmico sobre a Terra, quisera igualmente fazer parte da dos eleitos.

P. Parece-nos que, na falta da obra que não podeis fazer ainda, poderíeis alcançar o mesmo objetivo, para vós e para os outros, vindo aqui nos fazer uma série de dissertações.

R. Não peço nada .melhor, e viria com prazer se me fosse permitido, o que ignoro, porque não tenho ainda posição bem determinada no mundo espiritual. Tudo é tão novo para mim, que passei minha vida a casar subtenentes com ricas herdeiras, que não tive ainda tempo para conhecer e admirar este mundo etéreo, que esquecera em minha encarnação. Retornarei, pois, se os Grandes Espíritos mo permitirem.

P. No mundo onde estais, já revistes a senhora de Girardin que, quando viva, se ocupava muito com os Espíritos e as evocações?

R. Ela teve a bondade de vir me esperar no limiar da verdadeira vida, com os Espíritos da plêiade a que pertencemos.

P. Ela é mais feliz do que vós?

R. Mais feliz do que eu é o seu Espírito, porque ela contribuiu com obras de educação para a infância, compostas por Sophie Gay, sua mãe.

Nota de Erasto. Não, foi porque ela lutou, ao passo que Scribe se deixou ir na corrente de sua vida fácil.

P. Ides, algumas vezes, assistir à representação de vossas obras, assim como a senhora de Girardin ou Casimir Delavigne?

R. Como quereis que não iríamos ver essas filhas queridas, que deixamos sobre a Terra? É ainda um dos nossos puros gozos.

Nota. A morte não separa, pois, aqueles que se conheceram sobre a Terra; eles se reencontram, se reúnem se interessam pelo que faziam o objeto de suas preocupações. Dir-se-á, sem dúvida, que se lembram do que fazia a sua alegria, lembram-se também dos motivos de dor, e que isso deve alterar sua felicidade. Essa lembrança produz um efeito todo contrário, porque a satisfação de estar livre dos males terrestres é uma alegria tanto mais doce quanto o contraste seja maior; apreciam-se melhor os benefícios da saúde depois da doença, a calma depois da tempestade. O guerreiro de volta aos seus lares não se compraz em contar os perigos que correu, as fadigas que suportou? Do mesmo modo, para os Espíritos, a lembrança das lutas terrestres é uma alegria, quando delas saem vitoriosos. Mas essa lembrança se perde na distância, ou pelo menos diminui de importância aos seus olhos, à medida que se livram dos fluidos materiais dos mundos inferiores e se aproximam da perfeição; essas lembranças são para eles sonhos distantes, como são no homem feitas as lembranças da primeira infância.

Dissertações espíritas

Revista Espírita, outubro de 1861

Os Cretinos.

(Sociedade Espírita de Paris. - Méd. Senhora Costel.)

Nossa colega, a senhora Costel, tendo ido fazer uma excursão na parte dos Alpes onde o cretinismo parece ter estabelecido um de seus principais focos, ali recebeu de um de seus Espíritos habituais, a comunicação seguinte:

- Os cretinos são seres punidos sobre a Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades; sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos, impossibilitados, não podem expelir seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; freqüentemente, ela é escolhida pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar as suas faltas. Essa prova não é estéril, porque o Espírito não permanece estacionário em sua prisão de carne; seus olhos bestificados vêem, seu cérebro deprimido concebe, mas nada pode se traduzir, nem pela palavra nem pelo olhar, e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que vêem e ouvem o que se passa ao redor deles, sem poderem exprimi-lo. Quando tendes em sonho esses terríveis pesadelos, onde desejais fugir de um perigo, em que soltais gritos para chamar por socorro, ao passo que a vossa língua permanece presa ao céu da boca, e os vossos pés ao solo, experimentais um instante o que o cretino sente sempre: paralisia do corpo unida à vida do Espírito.

Quase todas as enfermidade têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa, o que chamais a injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura é também uma punição do abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a que extravasa e a que tem a consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de sua alma, que não tem a distração do corpo, pode sertão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra o seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de retornar à outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação à vida presente, e o remorso da vida passada, da qual têm a consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais do que vós, e sob a sua impossibilidade física, se esconde uma poderosa moral da qual não tendes nenhuma idéia. Os atos de furor, ou de imbecilidade aos quais seu corpo se entrega, são julgados pelo ser interior que os sofre e coram por eles. Assim, zombá-los, injuriá-los, maltratá-los mesmo, com se faz algumas vezes, é aumentar seus sofrimentos, porque é fazê-los sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção, e se eles pudessem, acusariam de covardia aqueles que não agem desse modo senão porque sabem que sua vítima não pode defender-se.

O cretinismo não é uma das leis de Deus, e a ciência pode fazê-lo desaparecer, porque é o resultado material da ignorância, da miséria e da imoralidade. Os novos meios de higiene que a ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso a condição expressa da Humanidade, as provas impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; tornar-se-ão todas morais, e quando a vossa Terra, jovem ainda, tiver cumprido todas as fases de sua existência, tornar-se-á uma morada de felicidade, como

outros planetas mais avançados.

Pierre JOUTY, *pai do médium*.

Nota. Houve um tempo em que se pôs em discussão a alma dos cretinos e se perguntava se eles, verdadeiramente, pertenciam à espécie humana. A maneira pela qual o Espiritismo faz encará-los não é de uma alta moralidade e de um grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, pensando que esses corpos desfavorecidos encerram almas que talvez brilharam no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas sob o espesso envoltório que lhes abafa as manifestações, e que poderá ocorrer o mesmo, um dia, conosco, se abusarmos das faculdades que nos distribui a Providência?

Além do mais, como o cretinismo poderia se explicar; como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, de outro modo dito, a reencarnação? Se a alma já não viveu, é que é criada ao mesmo tempo que o corpo; nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas como as dos cretinos da parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata de um desses acidentes, como a loucura, por exemplo, que se pode ou prevenir ou curar; esses seres nascem e morrem no mesmo estado; não tendo nenhuma noção do bem e do mal, qual é a sua sorte na eternidade? Serão felizes como homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, uma vez que não fizeram nada de bem? Estarão naquilo que se chamam os limbos, quer dizer, num estado misto que não é nem a felicidade nem a infelicidade? Mas, por que essa inferioridade eterna? A falta é sua se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos aqueles que repelem a doutrina da reencarnação a saírem deste impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se uma admirável justiça; o que é inexplicável, se explica da maneira mais racional. De resto, não sabemos que aqueles que repelem esta doutrina, a tenham jamais combatido com argumentos mais peremptórios, do que aquele de sua repugnância pessoal em retornar sobre a Terra. Estão, pois, muito seguro de terem bastantes virtudes para ganhar o céu de uma só vez! Nós lhes desejamos boa chance. Mas os cretinos? Mas as crianças que morrem em tenra idade? Quais títulos terão para fazerem valer?

Se fosse um homem de bem, teria morrido.

(Sociedade Espírita de Sens.)

Dizeis freqüentemente, falando de um mau homem que escapa de um perigo: Se fosse *um homem de bem, teria morrido*. Pois bem, dizendo isto estais com a verdade, porque efetivamente ocorre que, com muita freqüência, Deus dá a um Espírito, jovem ainda nos caminhos do progresso, uma prova mais longa do que a um bom que receberá, como uma recompensa devida ao seu mérito, que a sua prova seja a mais curta possível. Assim, pois, quando vos servis desse axioma, não duvideis de que cometeis uma blasfêmia. Se morre um homem de bem, e que ao lado de sua casa seja a de um mau, apressai-vos em dizer: *Gostaria bem mais que fosse aquele*. Estais em grande erro, porque aquele que parte terminou a sua tarefa, e aquele que permanece talvez não a começou ainda. Por que quereríeis, pois, que este não tivesse o tempo de acabá-la, e que o outro ficasse ligado à gleba terrestre? Que diríeis de um prisioneiro que tivesse cumprido o seu tempo e que se retivesse na prisão, ao passo que se desse a liberdade àquele que a ela não tem direito? Sabei, pois, que a verdadeira liberdade está na libertação dos laços do corpo, e que enquanto estiverdes sobre a Terra, estareis em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender, e crede que Deus é justo em

todas as coisas; freqüentemente o que vos parece um mal é um bem, mas as vossas faculdades são tão limitadas que o conjunto do grande todo vos escapa aos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, de vossa estreita esfera e, à medida que vos elevardes, a importância da vida material diminuirá aos vossos olhos, porque ela não vos aparecerá senão como um incidente na duração infinita de vossa existência espiritual, a única existência verdadeira.

FÉNELON.

Os pobres e os ricos.

(Sociedade Espírita de Lyon.)

Nota. Se bem que os Espíritas de Lyon estejam divididos em vários grupos, que se reúnem separadamente, nós os consideramos como não formando senão uma única sociedade, que designamos sob o nome de *Sociedade Espírita de Lyon*. As duas comunicações seguintes foram obtidas em nossa presença.

O cume é o companheiro do orgulho e da inveja; ele vos leva a desejar tudo o que os outros possuem, sem vos dar conta se, invejando a sua posição, não pedis senão que se vos faça presente de uma víbora que aquecereis em vosso seio. Invejais os ricos e tendes sempre ciúme deles; a vossa ambição e o vosso egoísmo vos levam a ter sede do ouro dos outros. "Se fosse rico, dizeis, faria um uso muito diferente de meus bens, como não o vejo fazer tal ou tal;" sabeis se, quando tiverdes esse ouro, dele não fareis um pior uso ainda? A isso respondeis: "Aquele que está ao abrigo das necessidades cotidianas da vida, não tem senão penas bem mínimas em comparação comigo." Que sabeis disso? Aprendei que o rico não é senão um intendente de Deus; se faz um mau uso de sua fortuna, lhe será pedida uma conta severa. Essa fortuna que Deus lhe dá, e da qual aproveita sobre a Terra, é a sua punição, é a sua prova, é a sua expiação. Quantos tormentos o rico se dá para conservar esse ouro ao qual se prende tanto; e quando chega a sua última hora, quando lhe é necessário prestar as suas contas, e que compreende, nessa hora suprema, que lhe revela quase sempre toda a conduta que devera ter, como ele treme! Como tem medo! É que começa a compreender que faliu em sua missão, que foi um mandatário infiel, e que suas contas vão ser complicadas. Os pobres trabalhadores, ao contrário, que, tendo sofrido toda a vida, que tenham estado presos à bigorna e ao arado, vêm chegar a morte, essa libertação de todos os males, com reconhecimento, sobretudo se suportaram as suas misérias com resignação, e sem murmurar. Crede-me, meus amigos, se vos fosse dado ver o rude pelourinho ao qual a fortuna prende os ricos, vós, cujo coração é bom, porque passastes por todas as estamenhas da infelicidade, direis com o Cristo, quando o vosso amor-próprio fosse esmagado pelo luxo dos opulentos da Terra: "Perdoai-lhes, meu Deus, não sabem o que fazem," e dormireis sobre o vosso rude travesseiro acrescentando: "Meu Deus, abençoai-me e que a vossa vontade seja feita!!!"

O Espírito protetor do médium.

Diferentes maneiras de fazer a caridade.

(Sociedade Espírita de Lyon.)

Nota. A comunicação seguinte foi obtida em nossa presença, no grupo de Perrache:

Sim, meus amigos, virei sempre ao vosso meio, cada vez que aí for chamado. Ontem, estive muito feliz por vós, quando ouvi o autor dos livros que vos abriram os olhos testemunhar o desejo de vos ver reunidos, para vos dirigir benevolentes palavras. Foi para todos, ao mesmo tempo, um grande ensinamento e uma poderosa lembrança. Somente quando vos falou de amor e caridade, ouvi vários dentre vós dizerem a si mesmos: Como fazer a caridade? Frequentemente, não tenho mesmo o necessário.

A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras; podeis fazer a caridade em pensamentos, em palavras, e em ações. Em pensamento: orando pelos pobres abandonados, que morreram sem mesmo terem visto a luz; uma prece de coração os alivia. Em palavras: dirigindo aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos; dissei aos homens amargurados pelo desespero, as privações, e que blasfemam o nome do Altíssimo: "Eu era como vós; eu sofria, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo, e vede, estou radiante agora." Aos velhos que vos dirão: "É inútil; estou no fim de minha carreira; morrerei como vivi." Dissei a esses: "Deus tem, por todos vós, uma igual justiça; lembrai-vos dos obreiros da décima hora." Às criancinhas que, já viciadas pelo seu ambiente, vão vagar pelos caminhos, prestes a sucumbirem às más tentações, dissei-lhes: "Deus vos vê, minhas queridas crianças," e não temais repetir-lhes, frequentemente, esta doce palavra; ela acabará por germinar em sua jovem inteligência, e em lugar de pequenos vagabundos, tereis feito homens. Está ainda aí uma caridade.

Vários dentre vós também dizem: "Ora, somos tão numerosos sobre a Terra, Deus não pode nos ver a todos." Escutai bem isto, meus amigos: quando estais sobre o cume de uma montanha, é que o vosso olhar não abarca milhões de grãos de areia que formam essa montanha? Pois bem! Deus vos vê do mesmo modo; deixa-vos o vosso livre arbítrio, como deixais esses grãos de areia livres de ir ao sabor do vento que os dispersa; somente Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo do vosso coração uma sentinela vigilante, que se chama a *consciência*. Escutai-a; ela não vos dará senão bons conselhos. Por vezes a entorpeceis opondo-lhe o Espírito do mal; ela então se cala; mas ficai seguros de que a pobre abandonada se fará ouvir logo que tiverdes deixado perceber a sombra do remorso. Escutai-a; interrogai-a e, frequentemente, vos achareis consolados com os conselhos que dela recebestes.

Meus amigos, a cada regimento novo o general remete uma bandeira; eu vos dou, eu, esta máxima do Cristo: "Amai-vos uns aos outros." Praticai esta máxima; reuni-vos todos ao redor deste estandarte, e dele recebereis a felicidade e a consolação."

Vosso Espírito protetor.

Roma

(Envio do Sr. Sabô, de Bordeaux.)

Cidade de Romulus, cidade dos Césares, berço do cristianismo, túmulo dos apóstolos, tu és a cidade eterna, e Deus quer que a longa letargia em que caíste cesse enfim; a hora de teu retorno à vida vai soar; sacode o entorpecimento de teus membros; levanta-te forte e valente para obedecer aos destinos que te esperam, porque, há longos séculos, não és senão uma cidade deserta. As numerosas ruínas de tuas vastas arenas, que continham com grande

dificuldade as ondas de espectadores ávidos, são apenas visitadas pelos raros estrangeiros que passam, de tempo em tempo, por tuas ruas solitárias. Tuas catacumbas, onde repousam os despojos de tantos valentes soldados mortos pela fé, apenas os tiram de sua indiferença. Mas a crise que suportas será a última, e vais sair desse penoso e doloroso trabalho, grande, forte, poderosa, transformada pela vontade de Deus, e, do alto da velha basílica, a voz do sucessor de São Pedro estenderá sobre ti as mãos que te trazem a bênção do céu, e ele chamará em seu conselho supremo os Espíritos do Senhor; submeter-se-á às suas lições, dará o sinal de progresso levantando francamente o estandarte do Espiritismo. Então, submetidos aos seus ensinamentos, o universo católico ocorrerá em multidão para se alinhar ao redor do cajado de seu primeiro pastor, e, dado esse impulso, todos os corações se voltarão para ti; serás o farol luminoso que deve clarear o mundo, e teus habitantes, na alegria e a felicidade de te ver dar, às nações, o exemplo do adiantamento e do progresso, pronunciarão em seus cantos: Sim, Roma é a cidade eterna.

MASSILON.

O Coliseu

(Envio do Sr. conde X... de Roma; traduzido do italiano.)

Que sentimento a visão do Coliseu faz nascer em vós? o que produz o aspecto de toda ruína: a tristeza. Suas vastas e belas proporções lembram todo um mundo de grandeza; mas sua decrepitude, involuntariamente, leva o pensamento sobre a fragilidade das coisas humanas. Tudo passa; e os monumentos, que parecem desafiar o tempo, desmoronam, como para provar que não há de durável senão as obras de Deus; e quando as ruínas, semeadas por toda parte, protestam contra a eternidade das obras do homem, ousais chamar eterna uma cidade juncada de restos do passado!

"Onde estais, Babilônia? Onde estais, Nínive? Onde estão os vossos imensos e esplêndidos palácios? Viajores, procurai-as em vão sob a areia do deserto; não vês que Deus as suprimiu de cima da terra? Roma! esperas desafiar as leis da Natureza? Eu sou cristã, dizes, e Babilônia era paga. Sim, mas és de pedra como ela, e um sopro de Deus pode dispersar essas pedras amontoadas. O solo que treme ao teu redor não está aí para advertir que teu berço, que está sob os teus pés, pode se tornar teu túmulo? Eu sou cristã, dizes, e Deus me protege! Mas ousas te comparar a esses primeiros cristãos que morriam pela fé, e cujos pensamentos todos já não eram deste mundo, tu que vives de prazer, de luxo e de moleza? Lança os olhos sobre essas arenas diante das quais passas com tanta indiferença; interroga essas pedras ainda de pé e elas te falarão, e a sombra dos mártires aparecerá para te dizer: Que fizeste da simplicidade da qual nosso divino Mestre nos fez uma lei, da humildade e da caridade das quais nos deu o exemplo? Tinham palácios, estavam vestidos de ouro e de seda esses primeiros propagadores do Evangelho? Suas mesas regurgitavam de supérfluo? Tinham legiões de servidores inúteis para lhes gabar seu orgulho? O que há de comum entre eles e ti? Eles não procuravam senão os tesouros do céu, e tu procuras os tesouros da Terra! Oh! homens que vos dizeis cristãos, vendo o vosso apego aos bens perecíveis deste mundo, dir-se-á verdadeiramente que não contaís com os da eternidade. Roma! que te dizes imortal, possam os séculos futuros não procurar o teu lugar, como hoje se procura o de Babilônia!

"DANTE."

Nota. Por uma singular coincidência, estas duas últimas comunicações chegaram no mesmo dia. Embora tratando do mesmo assunto, vê-se que os Espíritos o encararam cada um de

acordo com o seu ponto de vista pessoal. O primeiro vê a Roma religiosa e, segundo ele, ela é eterna, porque será sempre a capital do mundo cristão; o segundo vê a Roma material, e diz que nada daquilo que os homens levantam pode ser eterno. De resto, sabe-se que os Espíritos têm as suas opiniões, e que podem diferir entre eles na maneira de ver, quando estão imbuídos das idéias terrestres: só os Espíritos mais puros estão isentos de preconceitos; mas, à parte a opinião que pode ser controvertida, não se pode recusar, a essas duas comunicações, uma grande elevação de estilo e de pensamento, e cremos que não seriam desaprovadas pelos escritores cujos nomes trazem.

A Terra Prometida.

(Envio do Sr. Rodolphe, de Mulhouse.)

O Espiritismo se levanta, sua luz fecunda vai logo iluminar o mundo; seu brilho magnífico protestará contra os ataques daqueles que estão interessados em conservar os abusos, e contra a incredulidade do materialismo. Aqueles que duvidam ficarão felizes por encontrarem, nesta doutrina nova, tão bela, tão pura, o bálsamo consolador que os curará de seu ceticismo, e torna-los-á aptos para se melhorarem e progredirem como todas as outras criaturas. Os privilegiados serão aqueles que, renunciando às impurezas da matéria, se lançarão, num vôo rápido, até os cumes das idéias mais puras, e procurarão se desmaterializar completamente.

Povos! levantai-vos para assistir à aurora desta vida nova, que vem para vos regenerar; que vem, enviada por Deus, para vos unir numa santa comunhão fraternal. Oh! como serão felizes aqueles que, escutando esta voz bendita do Espiritismo, seguirão a sua bandeira, e cumprirão o apostolado que deve reconduzir os irmãos desviados pela dúvida, pela ignorância, ou embrutecidos pelo vício.

Regressai, ovelhas desgarradas, regressai ao redil; levantai a cabeça, contemplai o vosso Criador, e rendei homenagem ao seu amor por vós. Rejeitai prontamente o véu que vos oculta o Espírito da Divindade; admirai toda a sua bondade; prosternai-vos com a face contra a terra, e arrependei-vos. O arrependimento vos abrirá as portas da felicidade: as de um mundo melhor, onde reinam o amor mais puro, a fraternidade mais estreita, onde cada um faz, da alegria do próximo, a sua alegria.

Não sentis que se aproxima o momento em que coisas novas vão surgir? Não sentis que a Terra está em trabalho de parto? Que querem esses povos que se movimentam, que se agitam, que se preparam para a luta? Por que vão combater? Para quebrar as cadeias que detêm o vôo de sua inteligência, absorvem a sua seiva, semeiam a desconfiança e a discórdia, armam o filho contra o pai, o irmão contra o irmão, corrompem as nobres aspirações e matam o gênio. Ó liberdade! Ó independência! nobres atributos dos filhos de Deus, que dilatais o coração e elevais a alma, é por vós que os homens se tornam bons, grandes e generosos; por vós as nossas aspirações se voltam para o bem, por vós a injustiça desaparece, os ódios se extinguem, e a discórdia foge envergonhada, extinguindo seu facho, temendo que não a clareie os mais sinistros clarões. Irmãos! escutai a voz que vos diz: Marchai! Marchai para esse objetivo que vedes despontar além! Marchai para esse brilhante raio de luz que está diante de vós, como outrora a coluna luminosa diante do povo de Israel; ele vos conduzirá à verdadeira *Terra Prometida*, aquela onde reina a felicidade eterna, reservada aos puros Espíritos. Armai-vos de virtudes; purificai-vos de vossas impurezas, e então o caminho vos parecerá fácil, e o encontrareis juncado de flores; percorrê-lo-eis com um sentimento inefável de alegria, porque a cada passo compreendereis que vos aproximais

do objetivo onde podereis conquistar as palmas eternas,

MARDOCHÉE.

Egoísmo e orgulho.

(Sociedade Espírita de Sens.)

Se os homens se amassem com um comum amor, a caridade seria melhor praticada; mas seria preciso, para isso, que vos esforçásseis em vos desembaraçar desta couraça que cobre os vossos corações, a fim de serdes mais sensível para com os corações que sofrem. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não se aborrecia, aquele que se dirigia a ele, quem quer que fosse, não era repellido: a mulher adúltera, o criminoso eram socorridos por ele; jamais temia que a sua própria consideração sofresse com isso. Quando, pois, o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se a caridade reinasse sobre a Terra, o mau não teria mais império; fugiria envergonhado; esconder-se-ia, porque se encontraria deslocado por toda a parte. Será, então, que o mal desaparecerá da superfície da Terra; estejais bem compenetrados disto. Começai por dar o exemplo vós mesmos; sede caridosos para com todos, indistintamente; esforçai-vos por tomar o hábito de não mais notar aqueles que vos olham com desdém; crede sempre que merecem a vossa simpatia, e deixai a Deus o cuidado de toda justiça, porque cada dia, em seu reino, separa o bom grão do joio. O egoísmo é a negação da caridade: ora, sem a caridade, nada de repouso na sociedade; digo mais, nada de segurança; com o egoísmo e o orgulho, que se dão as mãos, será sempre uma corrida para o mais sagaz, uma luta de interesses, onde são pisadas aos pés as mais santas afeições, onde os laços sagrados da família não são mesmo respeitados.

PASCAL.

Sociedade Espírita de Metz

Revista Espírita, outubro de 1861

No retorno de nossa viagem, encontramos uma carta do honorável presidente da Sociedade Espírita de Metz, assim como a primeira publicação dessa Sociedade; disso daremos conta em nosso próximo número, estando este composto e no momento de ser impresso. Restamos exatamente o espaço e o tempo para dirigir nossas sinceras felicitações a essa Sociedade e ao seu digno presidente.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Novembro

- [O resto da Idade Média. - Auto-de-fé das obras Espíritas de Barcelona](#)
- [Opinião de um jornalista sobre *O Livro dos Espíritos*](#)
- [O Espiritismo em Bordeaux](#)
- Reunião Geral dos Espíritas Bordeleses.
 - [Discurso do Sr. Sabó](#)
 - [Discurso do Dr. Bouché de Vitray](#)
 - [Discurso do Sr. Allan Kardec](#)
 - [Primeira Epístola aos Espíritas de Bordeaux, por Erasto](#)
- Banquete oferecido pelos Espíritas bordeleses ao Sr. Allan Kardec
 - [Discurso do Sr. Lacoste, negociante](#)
 - [Discurso do Sr. Sabó](#)
 - [Discurso do Sr. Desqueyroux, mecânico](#)
 - [Discurso do Sr. Allan Kardec](#)
- Poesias de circunstância, ditadas pelo Sr. Dombre (de Marmande).
 - [Os Camponeses e o Carvalho](#)
 - [O Ouriço, o Coelho e a Pega](#)
- Bibliografia.
 - [O Livro dos Médiuns, 2^a edição](#)
 - [O Espiritismo em Metz \(Sociedade Espírita de Metz\)](#)
 - [O Espiritismo na América, pela senhorita Guérin](#)

O resto da Idade Média

Revista Espírita, novembro de 1861

Auto-de-fé das obras Espíritas em Barcelona.

Não informamos nada, aos nossos leitores, sobre esse fato, que já não saibam pela via da imprensa; o que ocorreu de admirar, foi que os jornais, que passam geralmente por bem informados, hajam podido colocá-lo em dúvida; essa dúvida não nos surpreende; o fato em si mesmo parece tão estranho para o tempo em que vivemos, e está de tal modo longe de nossos costumes que, alguma cegueira que se reconhecesse ao fanatismo, crê-se sonhar ouvindo dizer que as fogueiras da inquisição se acendem ainda em 1861, à porta da França; a dúvida, nessa circunstância, é uma homenagem prestada à civilização européia, ao próprio clero católico. Em presença de uma realidade incontestável hoje, o que deve mais espantar, é que um jornal sério, que cai cada dia, sem dó nem piedade, sobre os abusos e as usurpações do poder sacerdotal, não haja encontrado, para assinalar esse fato, senão algumas palavras zombeteiras, acrescentando: "Em todo caso, não seremos nós que nos divertiremos, neste momento, em fazer girar as mesas na Espanha." (*Siècle* de 14 de outubro de 1861.) O *Siècle* está a ver, portanto, o Espiritismo nas mesas girantes? Ele também está, pois, bastante cego pelo ceticismo para ignorar que toda uma doutrina filosófica, eminentemente *progressiva*, saiu dessas mesas das quais tanto se zombou? Não sabe, pois, ainda, que essa idéia fermenta por toda a parte; que por toda a parte, nas grandes cidades como nas pequenas localidades, do alto a baixo da escala, na França e no estrangeiro, essa idéia se difunde com uma rapidez extraordinária? Que, por toda a parte, as massas proclamam nela a aurora de uma renovação social? O golpe com o qual se acreditou feri-la, não é um indício de sua importância? Porque não se investe assim contra uma infantilidade sem consequência, e Don Quixote não retornou na Espanha para se bater contra os moinhos de vento.

O que não é menos exorbitante, e o que contra o qual se espanta, é não se ter visto um protesto enérgico, é a estranha pretensão que se arroga o bispo de Barcelona de fazer a polícia na França. Ao pedido que foi feito de reexportar as obras, respondeu com uma recusa assim motivada: *A Igreja católica é universal, e os livros, sendo contrários à fé católica, o governo não pode consentir que eles vão perverter a moral e a religião de outros países.* Assim, eis um bispo estrangeiro, que se institui em juiz do que convém ou não convém à França! A sentença, portanto, foi mantida e executada sem mesmo isentar o destinatário das despesas de alfândega, que se teve muito cuidado em fazê-lo pagar.

Eis a narração que nos foi pessoalmente dirigida:

"Este dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, sobre a esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber:

"A *Revista Espírita*, diretor Allan Kardec;

"A *Revista Espiritualista*, diretor Piérard;

"O *Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec;

"O *Livro dos Médiuns*, pelo mesmo;

"*O que é o Espiritismo*, pelo mesmo;

"*Fragmento de sonata*, ditado pelo Espírito de Mozart;

"*Carta de um católico sobre o Espiritismo*, pelo doutor Grand;

"*A História de Jeanne d'Arc*, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufau;

"*A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta*, pelo barão de Guldenstubbé.

"Assistiram ao auto-de-fé:

"Um padre revestido das roupas sacerdotais, trazendo a cruz numa mão e a tocha na outra mão;

"Um notário encarregado de redigir a ata do auto-de-fé;

"O escrevente do notário;

"Um empregado superior da administração da alfândega;

"Três moços (serventes) da alfândega, encarregados de manter o fogo;

"Um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

"Uma multidão inumerável encobria os passeios e cobria a imensa esplanada onde se elevava a fogueira.

"Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras Espíritas, o padre e seus ajudantes se retiraram, cobertos pelas vaias e as maldições dos numerosos assistentes que gritavam: Abaixo a inquisição!

"Numerosas pessoas, em seguida, se aproximaram da fogueira, e recolheram as suas cinzas."

Uma parte dessas cinzas nos foi enviada; com elas se encontra um fragmento de *O Livro dos Espíritos* consumido pela metade. Nós o conservamos preciosamente, como um testemunho autêntico desse ato insensato.

Toda opinião à parte, esse assunto levanta uma séria questão de direito internacional. Reconhecemos ao governo espanhol o direito de proibir a entrada, sobre o seu território, das obras que não lhe convém, como a de todas as mercadorias proibidas. Se essas obras tivessem sido introduzidas clandestinamente e em fraude, nada haveria a dizer; mas são expedidas ostensivamente e apresentadas na alfândega; era, pois, uma permissão legalmente solicitada. Esta acreditou dever referi-la à autoridade episcopal que, sem outra

forma de processo, condena as obras a serem queimadas pela mão do carrasco. O destinatário pediu, então, para reexportá-las para o lugar de origem, e lhe foi respondido pelo fim de não receber, relatado acima. Perguntamos se a destruição dessa propriedade, em tais circunstâncias, não é um ato arbitrário e fora do direito comum.

Examinando-se este assunto do ponto de vista de suas conseqüências, diremos primeiro que não houve senão uma voz para dizer que nada podia ser mais feliz para o Espiritismo. A perseguição sempre foi aproveitável à idéia que se quis proscrever; por aí se lhe exalta a importância, se lhe desperta a atenção, e fazendo-o conhecer por aqueles que o ignoram. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo, em Espanha, vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que é; é tudo o que desejamos. Podem-se queimar os livros, mas não se queimam as idéias; as chamas das fogueiras as super-excitam em lugar de abafá-las. As idéias, aliás, estão no ar, e não há Pirineos bastante altos para detê-las; e quando uma idéia é grande e generosa, ela encontra milhares de peitos prontos para aspirá-la. O que se lhe haja feito, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; as cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar. Mas não será só na Espanha que esse resultado será produzido, é o mundo inteiro que lhe sentirá o contragolpe. Vários jornais da Espanha estigmatizaram esse ato retrógrado, como o merece. Lás *Novedades* de Madrid, de 19 de outubro, entre outros, contém, sobre esse assunto, um notável artigo; nós o reproduziremos em nosso próximo número.

Espíritas de todos os países! Não vos esqueçais desta data de 9 de outubro de 1861; ela será marcada, nos fastos do Espiritismo; que ela seja para vós um dia de festa e não de luto, porque é a garantia do vosso próximo triunfo!

Entre as numerosas comunicações que os Espíritos ditaram sobre esse acontecimento, não citaremos senão as duas seguintes, que foram dadas espontaneamente na Sociedade de Paris; elas dele resumem todas as causas e todas as conseqüências.

Sobre o auto-de-fé de Barcelona.

"O amor da verdade deve sempre se fazer ouvir: ela dissipa a névoa, e por toda a parte brilha ao mesmo tempo. O Espiritismo chegou para ser conhecido por todos; logo será julgado e colocado em prática; quanto mais houver perseguições, mais depressa esta sublime Doutrina chegará ao seu apogeu; seus mais cruéis inimigos, os inimigos do Cristo e do progresso, com isso se surpreendem de maneira que ninguém ignore que Deus permite àqueles que deixaram esta Terra de exílio de retornar para aqueles que amaram.

Tranqüilizai-vos; as fogueiras se extinguirão por si mesmas, e se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal lhes sobrevive."

DOLLET.

Nota. Este Espírito, que se manifestou espontaneamente, disse ser o de um antigo livreiro do século dezesseis.

Outra.

Era preciso alguma coisa que ferisse, com um golpe violento, certos Espíritos encarnados

para que se decidissem ocupar-se desta grande Doutrina que deve regenerar o mundo. Nada é inutilmente feito sobre a vossa Terra, para isso, e nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos bem que, assim agindo, faríamos dar um passo imenso para a frente. Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, foi consumado para atrair a atenção dos jornalistas que permaneciam indiferentes diante da agitação profunda que abalava as cidades e os centros Espíritas; deixavam dizer e deixavam fazer; mas se obstinavam em fazer ouvido de mercador, e respondiam pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Por bem ou por mal, é preciso que dele falem hoje; uns constatando o histórico do fato de Barcelona, os outros desmentindo-o, deram lugar a uma polêmica que dará volta ao mundo, e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis por que, hoje, a retaguarda da inquisição fez seu último auto-de-fé, porque assim o quisemos."

SAINT DOMINIQUE.

Opinião de um jornalista sobre *O Livro dos Espíritos*

Revista Espírita, novembro de 1861

A imprensa não é bondosa conosco, como se sabe, o que não impede o Espiritismo de avançar rapidamente, prova evidente de que ele é bastante forte para avançar completamente sozinho. Se a imprensa está muda ou hostil, haveria erro em crer que tem contra si todos os seus representantes; ao contrário, muitos lhe são bastante simpáticos, mas são retidos por considerações pessoais, porque tudo é tomar a iniciativa. Durante esse tempo, a opinião se pronuncia cada vez mais; a idéia se generaliza, e quando ela tiver invadido as massas, a imprensa *progressista* será bem forçada a segui-la, sob pena de permanecer com aqueles que não avançam nunca. Fa-lo-á sobretudo quando compreender que o Espiritismo é o mais poderoso elemento de propagação para todas as idéias grandes, generosas e humanitárias, que não cessa de pregar; sem dúvida, suas palavras não são perdidas; mas quantos golpes de picareta não lhe serão dados na rocha dos preconceitos antes de encetá-la! O Espiritismo lhes abre um terreno fecundo e aplaina as últimas barreiras que lhe detinham a marcha. Eis o que compreenderão aqueles que se derem ao trabalho de estudá-lo a fundo, de medir-lhe a importância e de ver-lhe as conseqüências que já se manifestam por resultados positivos; mas, para isso, são necessários observadores sérios, e não superficiais; desses homens que escrevem não por escrever, mas que fazem uma religião de seus princípios. Serão encontrados, guardemo-nos disso duvidar; e mais cedo do que se pensa, ver-se-ão à frente da propagação das idéias Espíritas alguns desses nomes que, por si sós, são autoridades, e dos quais o futuro guardará a memória, como tendo concorrido para a verdadeira emancipação da Humanidade.

O artigo seguinte, publicado pelo *Akhbar*, jornal de Argel, de 15 de outubro de 1861, é, nesse caminho, um primeiro passo que terá imitadores; sob o modesto pseudônimo de Ariel, nossos leitores encontrarão talvez a pena exercitada de um de nossos eminentes publicistas.

"A imprensa da Europa está muito ocupada com esta obra; e depois de tê-la lido, concebe-se, qualquer que seja, aliás, a opinião que se faça sobre a colaboração das inteligências ultra-mundanas que o autor disse haver obtido. Com efeito, que se lhes suprimissem algumas páginas da introdução que expõem os caminhos e os meios dessa colaboração - a parte contestável para os profanos, - resta um livro de uma alta filosofia, de uma moral eminentemente pura e, sobretudo, de um efeito muito consolador sobre a alma humana, arrastada neste mundo entre os sofrimentos do presente e os medos do futuro. Também, mais de um leitor deve ter dito, chegando à última página: Não sei se tudo isso é, mas bem que gostaria que tudo isso fosse!

"Quem não ouviu falar, há alguns anos, das estranhas comunicações das quais certos seres privilegiados eram os intermediários entre o mundo material e o mundo invisível? Cada um tomou partido na questão; e, como é de hábito, a maioria daqueles que se alinharam sob a bandeira dos crentes, ou que se entrincheiraram no campo dos incrédulos, não se deram ao trabalho de verificar os fatos dos quais uns os admitiam, e dos quais os outros negavam a realidade.

"Mas essas não são matérias que se discutam num jornal da natureza do nosso. Sem, pois,

contestar nem atestar a autenticidade das assinaturas póstumas de Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Júlio César, Carlos Magno, São Luís, Napoleão, etc., que se encontram abaixo de vários parágrafos do livro do Sr. Allan Kardec, constatamos que se esses grandes homens retornaram ao mundo para nos dar explicações sobre os mais interessantes problemas da Humanidade, não se exprimiram com maior lucidez, com senso moral mais profundo, mais delicado, com mais elevação nos objetivos e na linguagem que não o fazem na excêntrica obra da qual tentamos dar uma idéia. São coisas que não se lêem sem emoção, e não são daquelas que se esquece quase depois de tê-las lido. Nesse sentido, *O Livro dos Espíritos* não passará, como tantos outros, no meio da indiferença dos séculos: terá detratores ardentes, zombadores impiedosos, mas não ficaríamos espantados que tivesse também, em compensação, partidários muitos sinceros e muito entusiastas.

"Não podendo, em consciência - por falta de uma verificação preliminar-, nos alinhar entre uns nem entre os outros, detemo-nos na humilde posição de repórter e dizemos: Lede essa obra, porque ela sai completamente do caminho batido da banalidade contemporânea; se não fordes seduzido, subjugados vos irritareis talvez, mas, infalivelmente, não permanecereis nem frio e nem indiferente.

"Recomendamos sobretudo a passagem relativa à morte. Eis um assunto sobre o qual ninguém gosta de deter a atenção, mesmo aquele que se coloca por espírito forte e intrépido. Pois bem! Depois de lê-lo e meditá-lo sente-se muito espantado em não mais encontrar essa crise suprema tão assustadora; chega-se, sobre esse assunto, ao ponto mais desejável, aquele que não se teme nem se deseja a morte. Outros problemas de importância não menor têm soluções igualmente consoladoras e inesperadas. Enfim, o tempo que se consagrar à leitura desse livro será bem empregado para a curiosidade intelectual, e não será perdido para a melhoria moral."

ARIEL.

O Espiritismo em Bordeaux

Revista Espírita, novembro de 1861

Se Lyon fez o que se poderia chamar seu *pronunciamento* com respeito ao Espiritismo, Bordeaux não permaneceu atrás porque quer, ele também, ser um dos primeiros na grande família; isso julgar-se-á pelo relatório que damos da visita que acabamos de fazer aos Espíritas, dessa cidade, a seu convite. Não foi em alguns anos, foi em alguns meses que a Doutrina ali tomou proporções imponentes em todas as classes da sociedade. Constatamos desde logo um fato capital, é que lá, como em Lyon e como em muitas outras cidades que visitamos, vimos a Doutrina encarada do ponto de vista mais sério, e em suas aplicações morais; lá, como alhures, vimos inumeráveis transformações, verdadeiras metamorfoses; caracteres que não são mais reconhecíveis; pessoas que não criam em nada, conduzidas às idéias religiosas pela certeza do futuro, agora palpável para elas. Isso dá a medida do espírito que reina nas reuniões Espíritas, já muito multiplicadas; em todas aquelas onde assistimos, ali vimos o recolhimento mais edificante, um ar de benevolência mútua entre os assistentes; sente-se num meio simpático que inspira a confiança.

Os operários de Bordeaux não estão em débito com os de Lyon; ali contam numerosos e fervorosos adeptos, cujo número aumenta todos os dias. Estamos felizes por dizer que saímos de suas reuniões edificados pelo sentimento piedoso que ali preside, tanto quanto pelo tato com o qual sabem se guardar contra a intrusão de Espíritos zombadores. Um fato que gostamos de constatar, é que, freqüentemente, homens numa posição social eminente se misturam aos grupos plebeus com a mais cordial fraternidade, deixando seus títulos à porta, do mesmo modo que simples trabalhadores são acolhidos com uma igual benevolência nos grupos de uma outra ordem. Por toda parte o rico e o artesão se apertam cordialmente a mão; se nos disseram que essa aproximação das duas extremidades da escala social está nos costumes do país, e nós o felicitamos por isso; mas o Espiritismo veio, o reconhece-se, dar a esse estado de coisas uma razão de ser, uma sanção moral, mostrando em que consiste a verdadeira fraternidade.

Encontramos em Bordeaux muito numerosos e muito bons médiuns de todas as classes, de todos os sexos e de todas as idades. Muitos escrevem com uma grande facilidade, e obtêm comunicações de uma alta importância, do que os Espíritos, de resto nos preveniram antes de nossa partida. Não se pode senão louvá-los, além disso, pelo zelo com o qual prestam seu concurso nas reuniões; mas o que vale mais ainda, é a abnegação de todo amor-próprio, com relação às comunicações; ninguém se crê privilegiado e intérprete *exclusivo* da verdade; ninguém procura se impor, nem impor aos Espíritos que os assistem; todos submetem com simplicidade o que obtêm ao julgamento da assembléia, e ninguém se ofende, nem se fere pelas críticas; aquele que obtêm falsas comunicações consola-se com elas aproveitando as boas que outros obtêm, e das quais não têm a inveja. Ocorre o mesmo por toda parte? Nós o ignoramos; constatamos o que vimos; constatamos também que se está penetrado desse princípio, que todo médium orgulhoso, ciumento e suscetível não pode ser assistido por bons Espíritos, e que essa má direção nele, é um motivo de suspeição. Longe, pois, de procurar esses médiuns, sendo encontrados, malgrado a eminência de sua faculdade, seriam repelidos por todos os grupos sérios, que querem, antes de tudo, ter comunicações sérias, e não visar aos efeitos.

Entre os médiuns que vimos há um que merece uma menção especial; é uma jovem de

dezenove anos que, à faculdade de médium escrevente, junta a de médium desenhista e de médium musicista. Ela anotou, *mecanicamente*, sob o ditado de um Espírito que disse ser Mozart, um trecho de música que este não renegou. Assinou-o, e várias pessoas que viram o seu autógrafo afirmaram a perfeita identidade da assinatura. Mas o trabalho mais notável, sem contradita, é o desenho; é um quadro planetário de 4 metros quadrados superficiais, de um efeito tão original e tão singular, que nos seria impossível dar dele uma idéia pela descrição. Foi trabalhado em lápis preto, com pastel de diversas cores no esfuminho. Esse quadro, começado há alguns meses, não foi ainda inteiramente terminado; foi destinado pelo Espírito à Sociedade Espírita de Paris. Vimos o- médium no trabalho, e ficamos maravilhados com a rapidez, tanto quanto com a precisão, do trabalho. No início, e para pô-la em ação, o Espírito fê-la traçar, com a mão levantada e de um só jato, círculos e espirais de quase um metro de diâmetro, de uma tal regularidade, que neles se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato. Não podemos ainda nada dizer sobre o valor científico desse quadro; mas admitindo que isso seja uma fantasia, por isso não é menos, como execução mediúnica, um trabalho muito notável. Devendo o original ser enviado a Paris, o Espírito aconselhou-a fazê-lo fotografar para dele ter várias cópias.

Um fato que devemos mencionar, é que o pai do médium é pintor; em sua qualidade de artista, achava que o Espírito se portava contrariamente às regras da arte, e pretendia dar conselhos; também o Espírito proibiu-lhe de assistir o trabalho, a fim de que o médium não sofresse a sua influência.

Havia pouco tempo, ainda, que o médium não havia lido as nossas obras; o Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que não fora ainda anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O Livro dos Espíritos*.

Dar conta dos testemunhos de simpatia que recebemos, das atenções e amabilidades das quais fomos objeto, seria muito presunçoso de nossa parte; certamente, haveria com que inflamar o nosso orgulho se não tivéssemos pensado que era uma homenagem prestada à Doutrina, muito mais do que à nossa pessoa. Pelo mesmo motivo hesitáramos em publicar alguns dos discursos que foram pronunciados, e dos quais estamos verdadeiramente envergonhado. Tendo submetido os nossos escrúpulos a alguns amigos e a vários membros da Sociedade, disseram-nos que esses discursos eram um indício do estado da Doutrina, e que, desse ponto de vista, era instrutivo para todos os Espíritas conhecê-los; que, por outro lado, essas palavras, sendo a expressão de um sentimento sincero, aqueles que a pronunciaram, provavelmente, veriam com pena que, por um excesso de modéstia, nos abstivemos de reproduzi-las; poderiam nisso ver a indiferença de nossa parte. Esta última consideração sobretudo nos determinou; esperamos que os nossos leitores nos julguem bastante bom Espírita para não mentir aos princípios que professamos, fazendo dessa relação uma questão de amor-próprio.

Uma vez que informamos sobre esses diversos discursos, evitamos com todo o cuidado omitir, como traço característico, a pequena alocução que nos foi recitada com uma graça encantadora e uma ingênua solicitude por uma criança de cinco anos e meio, o filho do Sr. Sabó, à nossa chegada nessa família verdadeiramente patriarcal, e sobre a qual o Espiritismo derramou a mãos cheias suas benfeitas consolações. Se toda a geração que se ergue estivesse imbuída de tais sentimentos, seria permitido entrever, como muito próxima, a mudança que deve se operar nos costumes sociais, mudança que é anunciada, por todos os lados, pelos Espíritos. Não creiais que essa criança recitou seu pequeno discurso como um papagaio; não, ela apreendeu-lhe muito bem o sentido; o Espiritismo, no qual por assim dizer nasceu, é já, para sua jovem inteligência, um freio que compreende perfeitamente, e que a sua razão, desenvolvendo-se, não repelirá.

Eis o pequeno discurso do nosso jovem amigo, Joseph Sabó, que ficaria muito triste por não vê-lo impresso:

"Senhor Allan Kardec, permiti a mais jovem de vossas crianças Espíritas vir, neste dia, para sempre gravado nos nossos corações, vos exprimir a alegria que causa a vossa chegada entre nós. Estou ainda na idade da infância; mas meu pai já me ensinou o que são os Espíritos que se nos manifestam, a docilidade com a qual devemos seguir seus conselhos, as penas e as recompensas que lhes são concedidas; e, em alguns anos, se Deus julgá-lo oportuno, quero também, sob vossos auspícios, tornar-me um digno e fervoroso apóstolo do Espiritismo, sempre submetido ao vosso saber e à vossa experiência. Conceder-me-eis, em recompensa destas poucas palavras ditadas pelo meu pequeno coração, um beijo que não ouse vos pedir?"

Reunião Geral dos Espíritas Bordeleses

Revista Espírita, novembro de 1861

14 de outubro de 1861.

Discurso do Sr. Sabó.

Senhoras, Senhores,

Dirijamos a Deus a sincera homenagem do nosso reconhecimento por ter lançado, sobre nós, um olhar paternal e benevolente, concedendo-nos o precioso favor de receber os ensinamentos dos bons Espíritos que, por sua ordem, vêm cada dia nos ajudar a discernir a verdade do erro, nos dar a certeza de uma felicidade futura, nos mostrar que a punição é proporcional à ofensa, mas nunca eterna, e nos fazer compreender esta justa e eqüitativa lei da reencarnação, chave da abóbada do edifício Espírita, que serve para nos purificar e nos fazer progredir para ó bem.

A reencarnação, eu disse! Mas para tornar essa palavra mais acessível, cedamos a palavra, um instante, a um de nossos guias espirituais que, para a nossa instrução espírita, consentiu em desenvolver em algumas palavras este sério e tão interessante assunto para a nossa pobre Humanidade.

"A reencarnação, disse ele, é o inferno; a reencarnação é o purgatório; a reencarnação é a expiação; a reencarnação é o progresso; enfim, ela é a escada santa que todos os homens devem escalar; seus degraus são as fases das diferentes existências a percorrer para alcançar o cume, porque Deus disse: para ir a ele, é necessário nascer, morrer e renascer até que se tenha chegado aos limites da perfeição, e ninguém chega a ele sem ter sido purificado pela reencarnação,"

Ainda novatos na ciência Espírita, não tínhamos, para difundi-la, senão o zelo e a boa vontade; Deus contentou-se com isso e abençoou nossos fracos esforços, fazendo germinar no coração de alguns de nossos irmãos de Bordeaux a semente da palavra divina.

Com efeito, desde o mês de janeiro que nos ocupamos com a *ciência prática*; vimos se reunir a nós um certo número de irmãos que dela se ocupavam isoladamente; outros que ouviram dele falar pela voz da imprensa, ou pela voz do povo, essa trombeta ressonante está encarregada de fazer saber, sobre todos os pontos da nossa cidade, da aparição desta fé consoladora, testemunha irrecusável da bondade de Deus por seus filhos.

Apesar das dificuldades que encontramos em nosso caminho, fortalecidos pela pureza e eqüidade de nossas convicções, sustentados pelos conselhos de nosso amado e venerado chefe Sr. Allan Kardec, tivemos a doce satisfação, após nove meses de apostolado, com a ajuda de alguns de nossos irmãos, de poder nos reunir hoje sob seus olhos para a

inauguração desta Sociedade que, espero-o, continuará a trazer frutos em abundância, e se derramará como orvalho benfazejo sobre os corações dessecação pelo materialismo, endurecidos pelo egoísmo, inchados pelo orgulho, e levará o bálsamo da resignação aos aflitos e aos sofredores, ao pobres e aos deserdados dos bens terrestres, dizendo-lhes: "Confiança e coragem; as provas terrestres são curtas comparativamente à eternidade da felicidade que Deus vos reserva em recompensa de vossos sofrimentos e de vossas lutas neste mundo."

Sim, eu o confesso em alta voz, que estou feliz por ser o intérprete de um grande número de membros da Sociedade Espírita de Bordeaux, protestando nossa fidelidade em seguir o caminho que nos está traçado pelo nosso querido missionário, aqui presente, porque compreendemos que, para ser seguro, o progresso não se pode fazer senão gradualmente, e que chocando-se muito fortemente com certas idéias recebidas há séculos, distanciaremos o momento de nossa emancipação espiritual. É possível que haja, entre nós, opiniões divergentes sobre este assunto; nós a respeitamos. Por nós, caminhamos pouco a pouco, seguindo esta máxima da sabedoria das nações: *que vá piano vá sano*; chegaremos mais tarde, talvez, mas chegaremos mais seguramente, porque não teremos rompido com a fé dos nossos ancestrais, que será sempre sagrada para nós, qualquer que seja; sirvamo-nos da luz do Espiritismo, não para abater, mas para nos melhorarmos, para progredir; suportando com coragem e resignação as vicissitudes desta vida, onde não estamos senão de passagem, mereceremos o favor de sermos conduzidos ao fim dos nossas provas, pelos Espíritos do Senhor, ao gozo da imortalidade para o qual fomos criados.

Permiti-nos, caro mestre, que em nome dos membros desta Sociedade que vos cercam, vos agradeça pela honra que nos fizestes vindo inaugurar, vós mesmo, esta reunião de família que é uma festa para todos nós, e que marcará, sem contradita, nos fastos do Espiritismo; recebi igualmente neste dia, que ficará gravado em nossos corações e de um modo todo particular, a expressão sincera de nosso vivo reconhecimento pela bondade paternal com a qual encorajastes os nossos fracos trabalhos; fostes vós que nos traçastes o caminho onde estamos felizes de vos seguir, convencidos de antemão de que a vossa missão é fazer o progresso espiritual caminhar em nossa bela França que, a seu turno, dará o impulso às outras nações da Terra, para fazê-las chegar, pouco a pouco à felicidade, pelo progresso intelectual e moral.

Algumas considerações sobre o Espiritismo, lidas em sessão geral quando da passagem do Sr. Allan Kardec por Bordeaux.

Pelo doutor Bouché de Vitray.

(14 de outubro de 1861.)

Há certas épocas em que a idéia governa o mundo, precedendo esses grandes cataclismos que transformam os homens e os povos. Tanto e mais que a que preside aos interesses temporários, a idéia religiosa toma também sua parte no grande movimento social.

Absorvida, freqüentemente, pelas preocupações materiais, delas se liberta de repente, ou insensivelmente. Ora como raio que se evade das nuvens, ora como o vulcão que mirta surdamente a montanha antes de transpor a cratera. Hoje ela toma um outro gênero de manifestação: depois de se haver mostrado como um ponto imperceptível no horizonte do pensamento, acabou por invadir a atmosfera. O ar está impregnado; ela atravessa o espaço, fecunda as inteligências, prende o mundo inteiro em comoção; e não creais que empresto aqui à metáfora, a expressão da realidade: não, é um fenômeno do qual se tem consciência e que se traduz dificilmente pela palavra. É como um fluido que nos comprime de todas as partes, é alguma coisa de vaga e de indeterminada da qual cada um sente a influência, da qual o cérebro está impregnado, que dele se liberta, freqüentemente, como por intuição, raramente como um pensamento formulado explicitamente. A idéia religiosa, dizemos Espírita, toma seu lugar no balcão do negociante, no consultório do médico, no estudo do advogado e do procurador judicial, na oficina do operário, nos campos e nas casernas. O nome de nosso grande, de nosso querido missionário Espírita, está em todas as bocas, como sua imagem está em todos os nossos corações, e todos os olhos estão fixados sobre este ponto culminante, digno intérprete dos ministros do Senhor. Esta idéia que percorre a imensidade, que superexcita todos os cérebros humanos, que existe mesmo, instintivamente, nos Espíritos encarnados mais recalcitrantes, não seria a obra dessa multidão de inteligências que nos envolve, precedendo e facilitando os nossos trabalhos apostólicos?

Sabemos que o testemunho da autenticidade de nossa Doutrina remonta à noite dos tempos; que os livros sagrados, base fundamental do cristianismo, as relatam; que vários Pais da Igreja, entre outros Tertuliano e Santo Agostinho, afirmam-lhe a realidade; mesmo as obras contemporâneas dela fazem menção, e não posso resistir ao desejo de citar uma passagem de um opúsculo publicado em 1843, que parece expor analiticamente toda a quintessência do Espiritismo:

"Algumas pessoas põem em dúvida a existência de inteligências superiores, incorpóreas, senão gênios presidindo à administração do mundo, e mantendo um comércio íntimo com alguns seres privilegiados; foi para eles que escrevi as linhas que se seguem; elas lhes darão, espero-o, a convicção. Em todos os reinos da Natureza, é uma lei que as espécies se escalonem desde os infinitamente pequenos até os infinitamente grandes. É por graus imperceptíveis que se passa do inseto ao elefante, do grão de areia ao mais imenso dos globos celestes. Essa graduação regular está evidente em todas as obras sensíveis do Criador; ela deve, pois, se encontrar em suas obras-primas, a fim de que a escala seja contínua para subir até ele! A distância prodigiosa que existe entre a matéria inerte e o homem dotado de razão parece estar preenchida pelos seres orgânicos, mas privados dessa nobre prerrogativa. Na distância infinita entre o homem e seu autor se *encontra o lugar dos puros Espíritos*. Sua existência é indispensável para que a criação esteja acabada em todos os sentidos.

"Há, pois, também o mundo dos Espíritos, cuja variedade é tão grande quanto a das estrelas que brilham no firmamento; há também o universo das inteligências que pela sutileza, a prontidão e a extensão de sua penetração, se aproximam mais e mais da inteligência soberana. Seu desejo, já manifestado na organização do mundo visível, continua até a perfeita consumação no mundo invisível. Todas as religiões proclamam a existências desses seres imateriais, todas o representam como se imiscuindo nos assuntos humanos na qualidade de agentes secundários; negar sua intervenção nas peripécias humanitárias, é evidentemente negar os fatos sobre os quais repousam as crenças de todos os povos, de todos os filósofos e de todos os sábios, remontando até a mais alta antigüidade."

Certamente aquele que traçou esse quadro era Espírita do fundo da alma. A este esboço incompleto falta o dogma essencial da reencarnação, assim como as conseqüências morais

que o ensino dos Espíritos impõe aos adeptos do Espiritismo. A Doutrina Espírita existia no estado de intuição nas inteligências e nos corações: vós aparecestes, vós, senhor, eleito de Deus; o Todo-Poderoso se apoiou sobre uma vasta erudição, sobre um Espírito elevado e de um retidão completa, uma mediunidade privilegiada. Todos os elementos das verdades eternas estavam disseminados no espaço; era preciso fixar a ciência, levar a convicção às consciências ainda indecisas, reunir todas as inspirações emanadas do Altíssimo, em um corpo substancial de doutrina; a obra caminhou, e o pólen escapado dessa antera intelectual produziu a fecundação. Vosso nome é a bandeira sob a qual nos alinharemos à porfia. Hoje vindes em ajuda destas crianças do Espiritismo, que não fazem senão balbuciar os rudimentos da ciência, mas que um grande número de Espíritos, atentos e benevolentes, não desdenham favorecer com suas celestes inspirações. Já, e disso nos felicitamos, no meio desse congresso de inteligências dos dois mundos, as paixões más se revoltam em torno da obra regeneradora; já o falso saber, o orgulho, o egoísmo e os interesses humanos se voltam contra o Espiritismo em testemunho de seu poder, ao passo que o grande motor desse progresso ascensional para as regiões celestes, Deus, oculto atrás dessa nuvem de teorias odiosas e quiméricas, permanece calmo, e prossegue a sua obra.

E a obra se realizou, e sobre todos os pontos do globo formam-se centros Espíritas. Os moços abandonam suas ilusões da primeira idade, que lhes preparam tantas decepções para a época de sua maturidade; homens maduros aprendem a levar a existência a sério; velhos que usaram suas emoções nos atritos da vida, enchem esse vazio imenso com gozos mais reais que aqueles que os abandonam, e de todos esses elementos heterogêneos se formam ajuntamentos que raíam ao infinito.

Nossa bela cidade não foi a última a participar desse movimento intelectual. Um desses homens de coração, de julgamento são, tomou a iniciativa. Seu apelo foi ouvido por inteligências que se harmonizam com a sua; ao redor desse foco luminoso gravita um grande número de círculos Espíritas.

De todas as partes surgem comunicações variadas trazendo a marca de seu autor: é a mãe que, de sua esfera gloriosa, com a perfeição do detalhe e sua ternura infinita, se comunica com o filho bem-amado; é o pai ou o avô que alia ao seu amor paternal a severidade da forma; foi Fénelon que deu à linguagem da caridade a marca da beleza antiga e a melodia de sua prosa; é o espetáculo tocante de um filho que se tornou Espírito bem-aventurado, e dando, àquela que o leva em seu seio, o eco de seus altos ensinamentos; é o de uma mãe que se revela a seu filho, e que, a cabeça coroada de estrelas, o conduz, de prova em prova, ao lugar que deve ocupar junto dela e no seio de Deus durante todas as eternidades (s/c); é o arcebispo de Utrecht soprando ao seu protegido as suas inspirações eloqüentes, e submetendo-as ao freio da ortodoxia; é um anjo Gabriel, tocante homônimo do grande arcanjo, tomando espontaneamente, e com a permissão de Deus, a missão de guiar seu irmão, de segui-lo passo a passo, aliando assim, seu Espírito superior, ao amor fraternal, ao amor divino; são os puros Espíritos, os santos, os arcanjos, que revestem suas sublimes instruções com a marca da divindade; são, enfim, manifestações físicas, depois das quais a dúvida não é mais senão um absurdo, se não for uma profanação.

Depois de haver elevado os vossos olhares até os degraus superiores da escala dos seres, consenti, caros colegas, em abaixá-los até os degraus ínfimos, e os infinitamente pequenos vos fornecerão ainda ensinamentos.

Há cerca de dez anos que as claridades do Espiritismo luziram aos meus olhos; mas era o Espiritismo no estado rudimentar, despojado de seus principais documentos e de sua tecnologia característica; era um reflexo, alguns jatos de uma fina irradiação; isso não era

ainda a luz.

Em lugar de pegar a pena e o lápis e obter, por esse meio assim simplificado, comunicações rápidas, recorreu-se à mesa pela tiptologia ou escrita mediata. A mesa não era senão um apêndice da mão, mas esse modo de comunicação, em geral repulsivo aos Espíritos superiores, mantinha-os, o mais freqüentemente, à distância. Não tive, pois, senão mistificações, respostas triviais ou obscenas; e eu mesmo me afastava desses mistérios de além-túmulo, que se traduziam de um modo tão pouco conforme à minha expectativa, ou antes, que se apresentavam sob um aspecto que me espantava. Várias experimentações foram tentadas e chegaram a resultados análogos.

E, entretanto, essas aparentes decepções não eram senão provas temporárias que deveriam ter por conseqüência definitiva o arrebatamento de minhas convicções.

Apesar de mim, o positivismo de meus estudos se prendera às minhas crenças filosóficas; mas eu era céptico e não pirrônico; porque eu duvidava, pesaroso, e fazia vão esforços para repelir o materialismo que invadira, por surpresa, minha alma e meu coração. Quanto os decretos de Deus são impenetráveis! Essa disposição moral serviu precisamente para a minha transformação. Eu tinha sob os olhos a imortalidade da alma revestindo o aspecto de uma realidade material, e para assentar essa fé tão nova, que me importava, depois de tudo, que as manifestações me viessem de um Espírito superior ou inferior, contanto que esse fosse um Espírito! Eu não sabia bem que um corpo inerte, tal como a mesa, pode ser o instrumento, mas não a causa de uma manifestação inteligente; que esta não entrava por nada na esfera de minhas idéias, e que todas as teorias fluídicas são impotentes para explicá-las? Eu tinha, pois, sacudido essas tendências materialistas, contra as quais lutei sem sucesso, com uma energia desesperada, e explorei francamente essas regiões intelectuais que somente entrevira, não era a demonofobia do Sr. de Mirville e a impressão profunda que havia lançado em minha alma. Era preciso, por contrapartida de seu livro, esse tratado tão luminoso, tão substancial, tão pleno de verdades consoladoras, escrito sob o ditado de inteligências celestes por um Espírito encarnado, mas um Espírito de elite, ao qual, desde esse dia, foi revelada sua missão sobre a Terra.

O reconhecimento me obriga hoje a inscrever sobre essa página o nome de um de meus bons amigos, que abriu meus olhos à luz, o do Sr. Roustaing, distinto advogado, e sobretudo consciencioso, destinado a desempenhar um papel marcante nos fastos do Espiritismo; devo esta homenagem passageira ao reconhecimento e à amizade.

Certamente, se nesta solenidade, não temesse abusar do emprego do tempo, teria a citar numerosas comunicações de um interesse incontestável; e, contudo, no meio desta atividade puramente intelectual acima de nossas relações incessantes com o mundo dos Espíritos, sobrepôr dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro está caracterizado por detalhes íntimos e tocantes que nos emocionaram até às lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, pertencente à mediunidade vidente, e constitui uma prova tão palpável que seria reduzir a negar a boa-fé dos médiuns se se quisesse negar a realidade do fato.

Alguns fervorosos Espíritas se reúnem, semanalmente, comigo, para estudar em comum e mais frutiferamente a doutrina dos Espíritos. Uma fé plena e inteira, a analogia, para a maioria, dos estudos e da educação, fizeram nascer uma simpatia recíproca e comunhão de idéias e de pensamentos; disposição intelectual e moral, sem contradita, a mais favorável às comunicações sérias.

Nessa modesta reunião, um de nós, dotado em um grau eminente da faculdade medianímica, quis evocar o Espírito de uma criança que conhecera e que sucumbira, creio, em razão de um crupe, com a idade de 6 anos; ele fazia o trabalho de médium e eu de evocador. A evocação apenas terminara e uma percussão muito sensível contra um dos móveis da antecâmara despertou nossa atenção, e nos levou a perguntar se esse ruído, de um caráter insólito, provinha de uma causa natural ou de um efeito espírita. São, nos responderam nossos guias, os companheiros de Estelle (era o nome que tinha a jovem durante a sua vida terrestre), que vinham à frente de sua jovem amiga; e nós seguimos, pelo pensamento, esse gracioso cortejo planando no espaço! Entre elas nos designaram Antônia, jovem que não fez senão passar sobre a Terra e que havia apenas completado sua quarta primavera, quando caiu sob a foice mortífera. Prevendo que elas iriam acabar suas provas numa nova existência, pedi ao meu anjo guardião, essa boa mãe cuja ternura jamais me faltou, tomá-las sob o seu patrocínio, e mostrar-lhes ostensivamente sua celeste protetora. A adesão não se fez esperar; mas Deus não lhe permitiu aparecer senão a uma delas, e ela escolheu Antônia: "Que vês, minha pequena amiga? exclamei evocando esta última - Oh! a bela senhora, ela está toda resplandecente de luzes! - e que te disse essa bela senhora? - Ela me disse: Vem a mim, minha criança, eu te amo!" Eis porque representei essa terna mãe com a cabeça coroada de estrelas.

Se esta tocante anedota, pertencente ao mundo Espírita, não vos parece senão o capítulo de um romance, é necessário renunciar a toda comunicação.

O outro fato se pode resumir em duas palavras: Estive com um de meus colegas em Espiritismo; onze horas e meia nos surpreenderam no meio de preces que dirigíamos a Deus pelos Espíritos sofredores, quando entrevi vagamente uma sombra partindo de um dos pontos de meu gabinete, descrevendo uma linha diagonal que se prolongou até o meu leito, situado na peça vizinha. Quando terminou o seu percurso, ouvimos um ruído muito distinto, e a sombra se dirigiu para a biblioteca, formando um ângulo agudo com a primeira direção.

A emoção me tomava, mas nessa hora em que tudo dispõe à emoção e ao mistério, de início acreditei numa alucinação, numa ilusão de ótica, e formei interiormente a resolução de guardar silêncio sobre essa aparição fantástica, quando o companheiro de meus estudos incessantes, voltando-se para mim, perguntou-me se não vira nada. Eu estava desorientado, mas resolvi esperar uma abertura mais completa, e me limitei a perguntar os motivos de sua pergunta. Ele descreveu-me, então, o estranho fenômeno do qual igualmente fora testemunha, de uma tal exatidão que não me foi mais possível duvidar e de não confirmar a realidade da aparição.

O segundo dia depois, nosso médium por excelência estava presente; nossos guias consultados, nos confirmaram a verdade; acrescentaram que essa aparição espontânea fora de um Espírito designado, durante sua vida terrestre, sob o nome de Maria dos Anjos. Foi-nos permitido evocá-lo, e o resultado de nossas perguntas foi que ela nascera na Espanha, que tomara o véu, que a sua vida fora por muito tempo sem censuras, mas que uma falta grave, à qual a morte não deixara o tempo de expiação, era a causa de seus sofrimentos no mundo dos Espíritos.

Alguns dias depois, o acaso, ou antes a vontade de Deus, nos preparou um segundo controle desse fato estranho. Um Espírita, jovem mecânico de uma inteligência notável, passara comigo a última parte de sua noite. Enquanto eu conversava com ele, notei que seu olhar tomava uma fixação singular. Ele não esperou minha pergunta para me dar a explicação dessa circunstância. "Ao mesmo tempo em que Unheis os olhos dirigidos para mim, vi distintamente a silhueta de uma mulher que, da janela, avançou para a poltrona vizinha,

diante da qual ajoelhou-se; tinha o aspecto de uma pessoa de vinte e cinco anos; estava vestida de preto; a parte superior do busto estava recoberta com uma capa; estava com a cabeça coberta com uma espécie de lenço ou touca."

Essa descrição concordava perfeitamente com a idéia que eu fizera da religiosa espanhola, e o lugar onde ela se prosternou está junto daquele em que eu tinha o hábito de oferecer a Deus, nessa posição, minhas preces para os falecidos. Para mim, era Maria dos Anjos.

Sem dúvida os incrédulos e os falsos Espíritas rir-se-ão de minha certeza, e verão nesse fato três visionários em lugar de um; quanto aos Espíritas sinceros, eles acreditarão em mim, sobretudo quando o afirmar sob palavra de honra. Não reconheço a ninguém, com direito de colocar em dúvida semelhante testemunho.

Os trabalhos do Espiritismo em Bordeaux, de quanta modéstia e de quanta reserva se revistam, não são por isso menos objeto da curiosidade pública, e não passa poucos dias que eu não seja perguntado a seu respeito. Todo profano maravilhado pelos fenômenos espíritas reclama com instância o favor de uma experimentação; a sua alma flutua entre sua própria dúvida e a convicção dos adeptos.

Introduzi-o numa assembléia séria, numa reunião de Espíritas, que supomos profundamente recolhidos, quer dizer, tendo uma disposição conveniente com a gravidade das circunstâncias; que se passará nele? O médium escrevente, traduzindo sob ditado as inspirações de um Espírito superior, lhes fará aceitar como tais? Disso fiz a deplorável experiência: se a comunicação traz a marca da inspiração celeste, seu mérito será atribuído ao talento do médium; se o pensamento do mensageiro de Deus toma a tinta do meio por onde ele passa, parecerá, muito certamente, uma concepção toda humana. Nesta circunstância, eis a minha regra de conduta; ela está previamente traçada pelo homem da Providência, por esse missionário do pensamento, que possuímos momentaneamente e que, de seu centro habitual de atividade, continuará a fazer irradiar sobre nós os tesouros celestes, dos quais uma graça especial o faz o dispensador. Aos curiosos que vêm pesquisar a realidade dos fatos, ou solicitar uma audiência, seja como objeto de distração, seja como uma emoção que atravessa o coração sem nele se deter, eu me limito a expor a gravidade do assunto; ao Espírito pseudo-sábio encarnado, que me representa perfeitamente sobre esse globo o da 8ª classe, e da 3ª ordem do mundo Espírita, respondo com o propósito de não receber; mas aquele que, se bem que obsidiado por suas dúvidas, possui a verdade em estado de germe, que começa pela boa-fé para chegar à fé, aconselho estudos teóricos, aos quais não tarda a suceder o estudo prático ou a experimentação; assim, à medida que de um fato novo se libera uma idéia nova, ele a registra ao lado do fato; então, se introduzem gota a gota em seu coração e em seu cérebro, a ciência Espírita, suas conseqüências morais, que nos fazem ver, alternando nas duas existências, uma eternidade radiosa que se derrama no seio de Deus, fonte de felicidade e de vida!

BOUCHÉ DE VITRAY, doutor em medicina.

Discurso do Sr. Allan Kardec

Senhoras e Senhores,

É com alegria que atendi ao chamado que consentistes em me fazer, e a acolhida simpática que de vós recebo é uma dessas satisfações morais que deixam no coração uma impressão

profunda e indelével. Se estou feliz com essa acolhida cordial, é que nela vejo uma homenagem prestada à Doutrina que professamos e aos bons Espíritos que no-la ensinam, bem mais do que a mim pessoalmente, que não sou senão um instrumento nas mãos da Providência. Convencido da verdade desta Doutrina e do bem que ela está chamada a produzir, tratei de coordenar-lhe os elementos; esforcei-me por torná-la clara e inteligível para todos; é tudo da parte dela que me reverte, também jamais me coloquei como seu criador: a honra inteira dela é dos Espíritos; é, pois, só a eles que devem se reportar os testemunhos de vossa gratidão, e não aceito os elogios que consentis em me dar senão como um encorajamento para prosseguir minha tarefa com perseverança.

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos, assim como eles me disseram várias vezes, mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar com verdade senão o que me teria sido dado, e isso talvez errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. Vi muito, estudei muito, muito observei, mas sempre com um olhar impassível, e não ambiciono nada de mais do que ver a experiência que adquirir ser aproveitada pelos outros, dos quais estou feliz de poder evitar os escolhos inseparáveis de todo noviciado.

Se trabalhei muito, e se trabalho todos os dias, disso estou bem largamente recompensado pela marcha tão rápida da Doutrina, cujos progressos ultrapassam tudo o que era permitido esperar pelos resultados morais que produz, e estou feliz por ver que a cidade de Bordeaux, não só não permanece atrás deste movimento, mas se dispõe a caminhar à frente pelo número e a qualidade dos adeptos.

Se se considera que o Espiritismo deve sua a propagação às suas próprias forças, sem o apoio de nenhum dos auxiliares que comumente fazem o sucesso, e apesar dos esforços de uma oposição sistemática, ou antes por causa mesmo desses esforços, não se pode deixar de ver aí o dedo de Deus. Se seus inimigos são poderosos, uma vez que não puderam paralisar-lhe o vôo, é preciso, pois, convir que é mais poderoso que eles, e que, como a serpente da fábula, usam em vão os seus dentes contra uma lima de aço.

Se dizemos que o segredo de seu poder está na vontade de Deus, aqueles que não crêem em Deus disso zombarão. Há também muitas pessoas que não negam a Deus, mas que pensam ser mais fortes que ele; estes não riem: opõem barreiras que crêem intransponíveis, e, no entanto, o Espiritismo as transpõe todos os dias, sob seus olhos: é que, com efeito, ele haure em sua natureza, em sua própria essência, uma força irresistível. Qual é, pois, o segredo dessa força? Devemos escondê-la, de medo que, uma vez conhecida, a exemplo de Sansão, seus inimigos disso se aproveitem para vencê-lo? De modo nenhum; no Espiritismo, não há mistérios, tudo se faz às claras, e podemos sem medo revelá-lo abertamente. Embora eu haja já dito, talvez não seja fora de propósito repeti-lo aqui, a fim de que se o saiba bem, que se entregamos aos nossos adversários o segredo de nossas forças, é porque conhecemos também o seu lado fraco.

A força do Espiritismo tem duas causas preponderantes: a primeira é a que torna felizes aqueles que o conhecem, o compreendem e o praticam; ora, como há muitas pessoas infelizes, ele recruta um inumerável exército entre aqueles que sofrem. Quer se lhe tirar esse elemento de propagação? Que se tornem os homens de tal modo felizes, moral e

materialmente, que não tenham mais nada a desejar, nem neste mundo e nem no outro; não pedimos mais, uma vez que o objetivo será atingido. A segunda é que ele não repousa sobre a cabeça de nenhum homem que se possa abater; que não há nenhum foco único, que se possa extinguir; sua fonte está por toda parte, uma vez que por toda parte há médiuns que podem se comunicar com os Espíritos; que não há famílias que não possam encontrá-los em seu seio, e que esta palavra do Cristo se cumpre: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão e terão visões*; porque, enfim, o Espiritismo é uma idéia, e que não há nenhuma barreira impenetrável pela idéia, nem bastante altas que ela não possa transpô-las. Matou-se o Cristo, mataram-se seus apóstolos e seus discípulos; mas o Cristo lançara no mundo a idéia cristã, e essa idéia triunfou da perseguição dos Césares onipotentes. Por que, pois, o Espiritismo, que não é outra coisa que o desenvolvimento e a aplicação da idéia cristã, não triunfaria de alguns zombadores ou antagonistas que, até o presente, apesar de seus esforços, não puderam lhe opor senão uma estéril negação? Está aí uma pretensão quimérica? Um sonho de reformador? Os fatos aí estão para responder: o Espiritismo, a despeito de tudo e contra tudo, penetra por toda a parte; como o pólen das flores, é levado pelo ventos, e toma raiz nos quatro cantos do mundo, porque por toda a parte encontra uma terra fecunda em sofrimentos, sobre os quais derrama um bálsamo consolador. Suponde, pois, o estado mais absoluto que a imaginação possa sonhar, recrutando o exílio e a nobreza desses esbirros para deter a idéia em sua passagem; isso impedirá os Espíritos de entrarem em sua casa, de se manifestarem espontaneamente? Impedirá a formação dos médiuns na intimidade das famílias? Suponhamo-lo bastante forte para impedir de escrever, para impedir a leitura dos livros; pode-se impedir de ouvir, uma vez que há médiuns audientes? Impedir-se-á o pai de receber as consolações do filho que perdeu? Vede, pois, que é impossível, e que eu tinha razão em dizer que o Espiritismo pode, sem temor, entregar o segredo de suas forças aos seus inimigos.

Seja, dir-se-á; quando uma coisa é inevitável, é preciso aceitá-la; mas se for uma idéia falsa ou má, não tem razão em entravá-la? Seria preciso primeiro provar que ela é falsa; ora, até o presente, que é o que opõem os seus adversários? Zombarias e negativas que, em boa lógica, jamais passaram por argumentos; mas uma refutação séria, sólida; uma demonstração categórica, evidente, onde a encontrais? Em nenhuma parte, não menos nos críticos da ciência quanto alhures. Por outro lado, quando uma idéia se propaga com a rapidez do raio, quando encontra inumeráveis ecos nas classes mais esclarecidas da sociedade, quando tem suas raízes em todos os povos, desde que há homens sobre a Terra; quando os maiores filósofos sagrados e profanos a proclamaram, é ilógico supor que não repousa senão sobre a mentira e a ilusão; todo homem sensato, o que não esteja cego pela paixão ou pelo interesse pessoal, dirá que deve ali ter alguma coisa de verdade, e pelo menos o homem prudente, antes de negar, suspenderá seu julgamento. A idéia é má? Se ela é verdadeira, se não é senão uma aplicação das leis da Natureza, parece difícil que possa ser má, a menos que se admita que Deus haja feito mal o que fez. Como uma doutrina seria má quando ela torna melhores aqueles que a professam, quando consola os aflitos, dá resignação ao infeliz, leva a paz às famílias, acalma a efervescência das paixões, impede o suicídio? Ela é, dizem alguns, contrária à religião. Eis a grande palavra com a qual tentam assustar os tímidos e aqueles que não a conhecem. Como uma doutrina que torna melhor, que ensina a moral evangélica, que não prega senão a caridade, o esquecimento das ofensas, a submissão à vontade de Deus, seria contrária à religião? Isso seria um contra-senso, afirmar que semelhante coisa seria o processo da própria religião; é por isso que digo que aqueles que falam assim não a conhecem. Se tal fosse esse resultado, por que conduziria às idéias religiosas aqueles que não crêem em nada? Por que faria orar aqueles que haviam esquecido de fazê-lo desde a sua infância?

Aliás, há uma outra resposta igualmente peremptória: o Espiritismo é estranho a toda questão dogmática. Aos materialistas prova a existência da alma; àqueles que não crêem

senão no nada, prova a vida eterna; àqueles que crêem que Deus não se ocupa com as ações dos homens, prova as penas e as recompensas futuras; destruindo o materialismo, destrói a pior praga social: eis o seu objetivo; quanto às crenças especiais, delas não se ocupa, e deixa a cada um toda a liberdade; o materialista é o maior inimigo da religião; o Espiritismo, conduzindo-o ao Espiritualismo, lhe faz percorrer três quartas partes do caminho para entrar na comunhão dos fiéis católicos; cabe à Igreja fazer o resto; mas se a comunhão para qual tenderia a se ligar o repele, seria a temer que não se voltasse para uma outra.

Dizendo-vos isso, senhores, prego aos convertidos, o sabeis tão bem quanto eu; mas há um outro ponto sobre o qual é útil dizer algumas palavras.

Se os inimigos de fora nada podem contra o Espiritismo, não ocorre o mesmo com aqueles do interior; quero dizer daqueles que são mais Espíritas de nome do que de fato, sem falar daqueles que não têm do Espiritismo senão a máscara. O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral; será por suas conseqüências morais que triunfará, porque ali está sua força, porque ali é invulnerável. Ele escreveu sobre a sua bandeira: *Amor e caridade*, e diante desse paládio mais poderoso do que o de Minerva, porque vem do Cristo, a própria incredulidade se inclina. O que pode se opor a uma doutrina que conduz os homens a se amarem como irmãos? Se não se admite a causa, menos se respeitará o efeito; ora, o melhor meio de provar a realidade do efeito é de aplicá-lo a si mesmo; é mostrar aos inimigos da Doutrina, pelo seu próprio exemplo, que ela torna realmente melhor; mas como fazer crer que um instrumento pode produzir a harmonia, se torna os sons discordantes? Do mesmo modo, como persuadir que o Espiritismo deve conduzir à concórdia, se aqueles que o professam, ou que supostamente o professam, o que é tudo mesmo para os adversários, se atiram pedras? Se uma simples suscetibilidade do amor-próprio, de precedência, basta para dividi-los? Não é o meio de se fazer refletir o seu próprio argumento? Os inimigos mais perigosos do Espiritismo são, pois, aqueles que o fazem mentir a si mesmos, não praticando a lei que eles mesmos vêm proclamar. Haveria puerilidade em fazer dissidência por nuances de opinião; haveria malevolência evidente, esquecer do primeiro dever do verdadeiro Espírita, de se separar por uma questão pessoal, porque o sentimento da personalidade é o fruto do orgulho e do egoísmo.

É necessário não esquecer, senhores, que os inimigos do Espiritismo são de duas ordens: de um lado, tendes os zombeteiros e os incrédulos; estes recebem, todos os dias, desmentidos pelos fatos; não os temeis, e tendes razão. Eles servem à nossa causa sem querer, e devemos por isso agradecer-lhes. Do outro lado são as pessoas interessadas em combater a Doutrina; estes não espereis conduzi-los pela persuasão, porque não procuram a luz; em vão ostentáreis aos seus olhos a evidência do Sol, são cegos, porque não querem ver. Não vos atacam, porque estais no erro, mas porque estais na verdade, e que, certo ou errado, eles crêem que o Espiritismo prejudica os seus interesses materiais; se estivessem persuadidos de que é uma quimera, deixá-lo-iam perfeitamente tranqüilo; também sua obstinação cresce em razão dos progressos da Doutrina, de tal sorte que se pode medir a sua importância pela violência de seus ataques. Enquanto não viram no Espiritismo senão um jogo de mesa girantes, nada disseram, contaram com o capricho da moda; mas hoje, que, a despeito de sua má vontade, vêem a insuficiência da zombaria, empregaram outros meios. Esses meios, quaisquer que sejam, demonstraram a sua impotência; no entanto, se não podem abafar essa voz que se eleva de todas as partes do mundo, se não podem deter esta torrente que os invade de todas as partes, tudo farão para trazer entraves, e se podem recuar o progresso de um só dia, eles dirão que é ainda um dia de ganho.

Esperai, pois, que disputarão o terreno palmo a palmo, porque o interesse material é o mais tenaz de todos; para ele os mais sagrados direitos da Humanidade nada são; tendes disso a prova na luta americana. Pereça a união que fazia a nossa glória, antes que os nossos

interesses! dizem os escravocratas; assim falam os adversários do Espiritismo, porque a questão humanitária é o menor de seus cuidados. Que lhes opor? Uma bandeira que os faça enfraquecer, porque sabem bem que leva essas palavras saídas da boca do Cristo: *Amor e caridade*, e que essas palavras são a sua sentença. Ao redor desta bandeira, que todos os verdadeiros Espíritas se reúnam, e serão fortes, porque a união faz a força. Reconheceis, pois, os verdadeiros defensores de vossa causa, não por vãs palavras, as palavras que nada custam, mas pela prática da lei de amor e de caridade, pela abnegação da personalidade; o melhor soldado não é aquele que brande mais alto o seu sabre, mas aquele que sacrifica corajosamente sua vida. Olhai, pois, como fazem causa comum com vossos os inimigos, todos aqueles que teriam para lançar entre vós o fermento da discórdia, porque, voluntária ou involuntariamente, fornecem armas contra vós; em todos os casos não conteis mais com aqueles do que com esses maus soldados, que fogem ao primeiro tiro de fuzil.

Mas direis, se as opiniões estão divididas sobre alguns pontos da Doutrina, como reconhecer de que lado está a verdade? É a coisa mais fácil. Primeiro, tendes por peso o vosso julgamento, por medida a sã e inflexível lógica. Tereis em seguida o assentimento da maioria; porque, crede bem que o número crescente ou decrescente de partidários de uma idéia vos dá a medida do seu valor; se ela é falsa, não saberá conquistar mais voz do que a verdade: Deus não o permitiria; pode deixar o erro se mostrar por aqui e por ali, para nos fazer ver suas maneiras e nos ensinar a reconhecê-la; sem isso, onde estaria o nosso mérito se não tivéssemos escolhas a fazer? Quereis um outro critério da verdade? Eis um que é infalível. Uma vez que a divisa do Espiritismo é *Amor e caridade*, reconheceis a verdade pela prática desta máxima, e tende por certo que aquele que lança a pedra em outro não pode estar na verdade absoluta. Quanto a mim, senhores, ouvistes minha profissão de fé. Se, o que não apraz a Deus, se levantarem dissidências entre vós, digo-o com pesar, eu me separaria abertamente daqueles que desertassem a bandeira da fraternidade, porque, aos meus olhos não poderiam ser olhados como verdadeiros Espíritas.

Em todos os casos, não vos inquieteis, de nenhum modo, com quaisquer dissidências passageiras; logo tereis a prova de que elas são sem consequências graves; são provas para a vossa fé e o vosso julgamento; freqüentemente, são também meios permitidos por Deus e os bons Espíritos para darem a medida da sinceridade, e dar a conhecer aqueles com os quais se podem contar realmente em caso de necessidade, e que são evitados assim de se colocarem à frente; são pequenas pedras semeadas sobre o vosso caminho, a fim de vos habituar a ver sobre o que vos apoiais.

Resta-me, senhores, falar-vos da organização da Sociedade. Uma vez que consentis em pedir a minha opinião, direi o que já disse o ano passado em Lyon; os mesmos motivos me levam a vos desviar, com todas as minhas forças, do projeto de formar uma Sociedade única, abarcando todos os Espíritas da cidade, o que seria simplesmente impraticável pelo número crescente de adeptos. Não tardaríeis a ser detidos por obstáculos materiais e por dificuldades morais maiores ainda que disso demonstrariam a impossibilidade; vale mais, pois, não empreender uma coisa a que sereis obrigado a renunciar. Todas as considerações em apoio a esta opinião estão completamente desenvolvidas na nova edição de *O Livro dos Médiuns*, ao qual vos convido referirdes. A isto não acrescentarei senão poucas palavras.

O que é difícil obter numa reunião numerosa o é muito menos em grupos particulares; eles se formam por afinidade de gostos, de sentimentos e hábitos. Dois grupos separados podem ter uma maneira de ver diferente sobre alguns pontos de detalhe, e não deixar, por isso, de caminharem de acordo, ao passo que, se estivessem reunidos, a divergência de opiniões ali levaria, inevitavelmente, a perturbação.

O sistema da multiplicação dos grupos tem ainda por resultado pôr fim às rivalidades de supremacia e de presidência. Cada grupo naturalmente presidido pelo senhor da casa ou aquele que for designado, e tudo se passa em família. Se a alta direção do Espiritismo, numa cidade, incumbe alguém, este será chamado pela força das coisas, e um assentimento tácito o designará muito naturalmente em razão de seu mérito pessoal, de suas qualidades conciliatórias, do zelo e do devotamento dos quais tiver dado prova, dos serviços reais que terá prestado à causa; adquirir, assim, sem procurá-la, uma força moral que ninguém pensará em contestar-lhe, porque todo o mundo a reconhecerá nele; ao passo que aquele que, com sua autoridade privada, procurasse se impor, ou que fosse levado por um pequeno grupo, encontraria oposição da parte de todos aqueles que não lhe reconhecessem as qualidades morais necessárias, e daí uma causa inevitável de divisões.

É uma coisa grave conferir a qualquer um a direção suprema da Doutrina; antes de fazê-lo, precisaria estar bem seguro dele sob todos os aspectos, porque, com idéias errôneas, poderia arrastar a Sociedade para um triste abismo e talvez, a sua ruína. Nos grupos particulares, cada um pode fazer suas provas de habilidade e se designar, para mais tarde, ao sufrágio de seus colegas, se isso ocorrer; mas ninguém pode pretender ser general antes de ter sido soldado. Do mesmo modo que o bom general se reconhece pela sua coragem e pelos seus talentos, o verdadeiro Espírita se reconhece pelas suas qualidades; ora, a primeira da qual deve dar a prova é a abnegação da personalidade, pois, por seus atos é que se o reconhece, mais do que pelas suas palavras. O que é preciso para uma tal direção, é um verdadeiro Espírita, e o verdadeiro Espírita não é movido nem pela ambição, nem pelo amor-próprio. Chamo a esse respeito, senhores, a vossa atenção sobre as diversas categorias de Espíritas, cujos caracteres distintivos estão claramente definidos em *O Livro dos Médiuns* (nº 28).

De resto, qualquer que seja a natureza da reunião, quer seja numerosa ou não, as condições que deve preencher para atingir o objetivo são os mesmas; é nisso que é necessário levar todos os seus cuidados, e aqueles que o preencherem serão fortes, porque, necessariamente, terão o apoio dos bons Espíritos. Essas condições estão mencionadas em *O Livro dos Médiuns* (nº 341).

Um erro bastante freqüente, nos novos adeptos, é o de se crer tornarem-se mestres depois de alguns meses de estudo. O Espiritismo é uma ciência imensa, como sabeis, e cuja experiência não pode se adquirir senão com o tempo, nisso como em todas as coisas. Há nessa pretensão, de não ter mais necessidade de conselhos de outrem e de se crer acima de todos, uma prova de insuficiência, uma vez que falta a um dos primeiros preceitos da Doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os Espíritos maus encontram semelhantes disposições num indivíduo, não deixam de superexcitá-los e entretê-los, persuadindo-os de que só eles possuem a verdade. É um dos escolhos que se podem encontrar, e contra o qual acreditei dever vos prevenir, acrescentando que não basta mais se dizer Espírita como se dizer cristão: é preciso prová-lo pela prática.

Se, pela formação dos grupos, evita-se a rivalidade dos indivíduos, essa rivalidade não pode existir entre os próprios grupos que, caminhando em caminhos um pouco divergentes, poderiam produzir cismas, ao passo que uma sociedade única manteria a unidade de princípios? A isso respondo que o inconveniente que se assinala não seria evitado, uma vez que aqueles que não adotassem os princípios da Sociedade dela se separariam, e nada os impediria de manterem-se afastados. Os grupos são tantas pequenas Sociedades que caminharão, necessariamente, no mesmo caminho se adotarem todas a mesma bandeira, e as bases da ciência consagradas pela experiência. Chamo igualmente, a esse respeito, a vossa atenção sobre o nº 348 de *O Livro dos Médiuns*. Aliás, nada impede que um grupo central seja formado de delegados diversos de grupos particulares que se encontrariam assim

como um ponto de união e um correspondente direto com a Sociedade de Paris. Depois, todos os anos, uma assembléia geral poderia reunir todos os adeptos e se tornar assim uma verdadeira festa do Espiritismo. De resto, sobre esses diversos pontos, prepararei uma instrução detalhada que terei a honra de vos transmitir ulteriormente, seja sobre a organização, seja sobre a ordem dos trabalhos. Aqueles que a seguirem se manterão, naturalmente, na unidade de princípios.

Tais são, senhores, os conselhos que creio dever vos dar, uma vez que consentistes em referir-se aos meus conselhos. Estou feliz em acrescentar que encontrei em Bordeaux excelentes elementos, e um progresso muito maior do que o esperava; encontrei aqui um grande número de verdadeiros e sinceros Espíritas, e levo de minha visita a esperança fundada que a nossa Doutrina aqui se desenvolverá sobre as bases mais largas e em excelentes condições. Crede bem que meu concurso não faltará jamais a tudo o que estiver em meu poder fazer para secundar os esforços daqueles que são, sincera e conscienciosamente, devotados de coração a esta nobre causa, que é a da Humanidade.

O Espírito de Erasto, que já conheceis, senhores, pelas notáveis dissertações que lestes dele, vem também vos trazer o tributo de seus conselhos. Antes de minha partida de Paris ele ditou, por seu médium habitual, a comunicação seguinte, que vou ter a honra de vos ler.

Primeira epístola aos Espíritas de Bordeaux, por Erasto, humilde servidor de Deus.

Que a paz do Senhor esteja convosco, meus bons amigos, a fim de que nada jamais venha perturbar a boa harmonia que deve reinar num centro de Espíritas sinceros! Sei o quanto vossa fé em Deus é profunda, e quão fervorosos adeptos sois da nova revelação; é por isso que vos digo, em toda a efusão de minha ternura por vós, estaria desolado, estaríamos todos desolados, nós que somos, sob a direção do *Espírito de Verdade*, os iniciadores do Espiritismo na França, se a concórdia das quais destes, até este dia, provas brilhantes viessem a desaparecer de vosso meio. Se não tivésseis dado o exemplo de uma fraternidade sólida; se, enfim, não fosseis um centro sério e importante da grande comunhão Espírita francesa, eu teria deixado esta questão na sombra. Mas se a levanto, é que tenho plausíveis razões para vos convidar a manter, entre os vossos diversos grupos, a paz e a unidade de Doutrina. Sim, meus caros discípulos, aproveito com zelo desta ocasião, que nós mesmos preparamos, para vos mostrar o quanto seria funesto para o desenvolvimento do Espiritismo, e que escândalo causaria entre vossos irmãos de outros países, a novidade de uma cisão no centro que nos encantamos, até esta hora, de citar, pelo seu Espírito de fraternidade, a todos os outros grupos formados ou vias de formação. Não ignoro, e não deveis ignorar não mais, que se empregará de tudo para semear a divisão entre vós; que se procurará armar-vos emboscadas; que se semeará, sobre o vosso caminho, armadilhas de toda sorte; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar uma divisão e levar a uma ruptura sob todos os aspectos lamentáveis; mas sabereis evitar isso, praticando primeiro diante de vós mesmos, e em seguida diante de todos, o sublimes preceitos da lei de amor e de caridade. Não, disso estou convencido, não dareis aos inimigos de nossa santa causa, a satisfação de dizer: Vede esses Espíritas de Bordeaux, que nos mostravam como caminhando na vanguarda dos novos crentes; não sabem mesmo estar de acordo entre si! É aí, meus caros amigos, onde vos esperam, onde nos esperam a todos. Vossos excelentes guias já vos disseram: tereis de lutar não só contra os orgulhosos, os egoístas, os materialistas e todos esses infelizes que

estão imbuídos do espírito do século; mas ainda, e sobretudo, contra a turba dos Espíritos enganadores que, encontrando no vosso meio uma rara reunião de médiuns, porque sois melhor aquinhoados sob esse aspecto, virão logo vos atacar: uns com dissertações sabiamente combinadas onde, à custa de algumas piedosas tiradas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente; os outros com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade. Ah! Crede-me, não temais nunca então em desmascarar os patifes que, novos Tartufos, se introduzirão entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente sem piedade para com os lobos devoradores que se escondem sob peles de ovelhas. Com a ajuda de Deus, que não invocareis jamais em vão, e com a assistência dos bons Espíritos que vos protegem, permanecereis inquebrantáveis em vossa fé; os maus Espíritos vos acharão invulneráveis, e quando virem suas flechas se enfraquecerem contra o amor e a caridade, que animam os vossos corações, se retirarão muito confusos numa campanha em que não terão recolhido senão a impossibilidade e a vergonha. Olhando como subversiva toda doutrina contrária à moral do Evangelho e às prescrições gerais do Decálogo, que se resumem nesta lei concisa: *Amai a Deus acima de tudo e vosso próximo como a vós mesmos*, permanecereis invariavelmente unidos. De resto, em todas as coisas, é preciso saber se submeter à lei comum: não compete a ninguém subtrair-se dela, e de querer impor sua opinião e seu sentimento, quando estes não são aceitos pelos outros membros de uma mesma família Espírita; e nisso, vos convido com instância a vos modelar sobre os usos e os regulamentos da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, onde ninguém, qualquer que seja sua classe, sua idade, os serviços prestados ou a autoridade adquirida, pode substituir sua iniciativa pessoal à da Sociedade da qual faz parte, *a fortiori*, e nada empenharem pelas diligências que ela não aprovou. Dito isto, é incontestável que os adeptos de um mesmo grupo devem ter um justo respeito pela sabedoria e pela experiências adquiridas: a experiência não é o quinhão nem do mais velho nem do mais sábio, mas bem daquele que se ocupou por maior tempo e com o maior fruto para todos da nossa consoladora filosofia; quanto à sabedoria, cabe a vós examinar aquele ou aqueles que, entre vós, melhor seguem e praticam os seus preceitos e as leis. No entanto, meus amigos, antes de seguir as vossas inspirações, tendes, não o esqueçais, vossos conselheiros e vossos protetores etéreos para consultar, e estes jamais vos faltarão quando os solicitardes com fervor e com um objetivo de interesse geral. Para isso, vos são necessários bons médiuns, e aqui vejo excelentes deles no meio dos quais não tereis senão que escolher. Certamente, e eu as conheço, a senhora e a senhorita Cazemajoux e algumas outras possuem, no mais alto grau, as qualidades medianímicas, e nenhum país, vos repito, não está, sob esse aspecto, melhor aquinhoado do que Bordeaux.

Devo vos fazer ouvir uma voz tanto mais severa, meus bem-amados, quanto o Espírito de Verdade, mestre de nós todos, espera mais de vós. Lembrai-vos de que fazeis parte da vanguarda Espírita, e que a vanguarda, como o estado-maior, deve a todos o exemplo de uma submissão absoluta à disciplina estabelecida. Ah! vossa tarefa não é fácil, uma vez que a vos incumbe o trabalho de elevar, com mão vigorosa, o machado nas sombrias florestas do materialismo, e perseguir, até suas últimas fortalezas, os interesses materiais coligados. Novos Jasons, caminhais para a conquista do verdadeiro toso de ouro, quer dizer, dessas idéias novas e fecundas que devem regenerar o mundo; mas aí caminhais não mais no vosso interesse privado, não mais mesmo no interesse da geração atual, mas sobretudo no interesse das gerações futuras, para as quais preparais os caminhos. Há nesta obra uma marca de abnegação e de grandeza que ferirá de admiração e de reconhecimento os séculos futuros, e da qual Deus, crede-me, saberá vos levar em conta. Devi vos falar como o fiz, porque me dirijo a pessoas que ouvem a razão, a homens que perseguem seriamente um objetivo eminentemente útil: a melhoria e a emancipação da raça humana; aos Espíritas, enfim, que ensinam e que pregam pelo exemplo, que o melhor meio para ali chegar está na prática das verdadeiras virtudes cristãs. Devi vos falar assim, porque era preciso vos premunir contra um perigo, vo-lo assinalando: era meu dever; vim cumpri-lo. Também,

agora, posso encarar sem inquietação o futuro, porque estou convencido de que minhas palavras aproveitarão a todos e a cada um; e que o egoísmo, o amor-próprio ou a vaidade, não terão doravante nenhuma presa sobre os corações onde a verdadeira fraternidade reinará sem divisão.

Vós vos lembrareis, Espíritas de Bordeaux, de que a união entre vós é o verdadeiro encaminhamento para a união e a fraternidade universal; e, a esse respeito, estou feliz, muito feliz, de poder constatar claramente que o Espiritismo deverá, por si, fazer vos dar um passo adiante. Recebei, pois, as nossas felicitações, porque falo aqui em nome de todos os Espíritos que presidem à grande obra da regeneração humana, por ter, pela vossa iniciativa, aberto um novo campo de exploração e uma nova causa de certeza aos estudos dos fenômenos de além-túmulo, pelo vosso pedido de filiação, não mais como indivíduos isolados, mas como grupo compacto, à Sociedade iniciadora de Paris. Reconheço a importância dessa providência, a alta sabedoria de vossos guias principais, e disso agradeço o terno Fénelon e seus fiéis coadjutores Georges e Marius, que presidem com ele as vossas piedosas reuniões de estudo. Aproveito dessa circunstância para prestar igualmente um testemunho brilhante aos Espíritos Ferdinand e Félicia, que todos vós conheceis. Se bem que esses dignos colaboradores hajam feito o bem só pelo bem, é bom que saibais que é a esses modestos pioneiros, secundados pelo humilde Marcelin, que nossa santa Doutrina deve ter prosperado tão rapidamente em Bordeaux e no sudoeste da França.

Sim, meus fiéis crentes, vossa admirável iniciativa será seguida, eu o sei, por todos os grupos Espíritas seriamente formados. E, pois, um passo imenso adiante. Compreendestes, e todos os vossos irmãos compreenderão como vós, quais vantagens, que progressos, que propaganda resultarão da adoção de um programa uniforme para os trabalhos e os estudos da Doutrina que nós vos revelamos. Está bem entendido, contudo, que cada grupo conservará a sua originalidade e sua iniciativa particular; mas, fora de seus trabalhos particulares, terá de se ocupar de diversas questões de interesse geral, submetidas a seu exame pela Sociedade central, e para resolver diversas dificuldades, cuja solução, até este dia, não pôde ser obtida dos Espíritos, por razões que é inútil desenvolver aqui. Cria vós injuriar se fizesse ressaltar, aos vossos olhos, as conseqüências que resultarão de trabalhos simultâneos e quem, pois, então, ousará contestar uma verdade, quando essa verdade será confirmada pela unanimidade ou a maioria das respostas mediúnicas, obtidas simultaneamente em Lyon, Bordeaux, em Constantinopla, em Metz, em Bruxelas, em Sens, no México, em Carlsruhe, em Marselha, em Toulouse, em Macon, em Sétif, em Alger, em Oran e Cracóvia, em Moscou, em São Petersburgo, assim como em Paris?

Eu vos entretive com a rude franqueza da qual me sirvo com vossos irmãos de Paris. Contudo, não vos deixarei sem testemunhar minhas simpatias justamente adquiridas com essa família patriarcal, onde os excelentes Espíritos comprometidos com a vossa direção espiritual começaram a fazer ouvir suas eloqüentes palavras; mencionei a família *Sabá*, que soube atravessar, com uma constância e uma piedade inalterável, as provas dolorosas com as quais Deus quis afligi-la, a fim de elevá-la e torná-la apta à sua missão atual. Não devo esquecer, não mais, o concurso devotado de todos aqueles que, em suas respectivas esferas, contribuíram para propagar a nossa consoladora Doutrina. Continuai todos, meus amigos, a caminhar resolutamente em vosso caminho aberto: ele vos conduzirá seguramente às esferas etéreas da perfeita felicidade, onde vos encontrarei. Em nome do *Espírito de Verdade*, que vos ama, eu vos abençôo, Espíritas de Bordeaux!

ERASTO.

Banquete oferecido pelos Espíritas bordeleses ao Sr. Allan Kardec

Revista Espírita, novembro de 1861

Discurso e brinde do Sr. Lacoste, negociante.

Senhores,

Peço sobretudo aos jovens que me escutam consentirem em prestar atenção a algumas palavras de afeto fraterno, que escrevi especialmente para eles. A falta de experiência, a conformidade de nossas idades e a comunhão de nossas idéias me asseguram sua indulgência.

Nenhum de nós, senhores, não acolheu com indiferença a revelação desta santa Doutrina, da qual o nosso venerado mestre recolheu, num livro sábio, os elementos novos. Jamais campo mais vasto foi aberto à nossa imaginação; jamais horizonte grandioso foi revelado às nossas inteligências. Foi com o ardor da jovem idade, foi sem lançar um olhar para trás, que nos fizemos adeptos da fé do futuro e os pioneiros da civilização futura. Não praza a Deus que eu venha a proferir palavras de desencorajamento! Vossas crenças me são muito conhecidas, senhores, eu as sei muito sólidas para crer que a zombaria, ou o raciocínio falso, de alguns adversários, poderá jamais abalá-las. A juventude é rica em privilégios; fácil para nobres emoções, ardente para empreender, possui ainda o entusiasmo da fé, essa alavanca moral que ergue os mundos. Mas se a sua imaginação a leva para além dos obstáculos, freqüentemente, fá-la ultrapassar o objetivo. É contra esses desvios que vos exorto a vos premunirdes. Entregues a vós mesmos, atraídos pelos encantos da novidade, levantando, a cada passo, um canto do véu que vos ocultava o desconhecido, tocando quase que com o dedo a solução do eterno problema das causas primeiras, guardai-vos de vos deixar embriagar pelas alegrias do triunfo. Poucos caminhos são isentos de precipícios; a confiança muito grande segue sempre os caminhos livres, e nada é mais difícil de obter, de jovens soldados, como de jovens inteligências, do que a moderação na vitória. Ali está o mal que temo para vós, como para mim.

Felizmente, o remédio está junto do mal; está entre nós, aqui reunidos, que gozamos da maturidade da idade e do talento da vantagem feliz de termos tido, em nossa cidade, os propagadores esclarecidos do ensino Espírita. É a esses Espíritos, mais calmos e mais refletidos, que deveis submeter a direção de vossos estudos, e, graças a essa atenção de todos os dias, graças a essa subordinação moral, ser-vos-á dado trazer, à construção do edifício comum, uma pedra que não cambaleará nunca.

Saibamos, pois, senhores, vencer as pueris questões do amor-próprio; nossa parte, a nós pessoas jovens, não é bastante bela? A nós, com efeito, pertence o futuro; a nós que, quando os nossos pais em Espiritismo reviverem num mundo melhor, poderão, cheios de vida e de fé, assistir à esplêndida irradiação desta verdade, da qual não entreviram, sobre a Terra,

senão a misteriosa aurora.

Deixai-me, pois, esperar, senhores, que direis comigo e do fundo do coração:

A todos os nossos mais idosos; a todos aqueles que, conhecidos ou desconhecidos, sob a veste do rico como sob a blusa do operário, se fizeram, em Bordeaux, os adeptos e os propagadores da Doutrina Espírita! À prosperidade da Sociedade Espírita de Paris, desta Sociedade que leva tão alto e tão firme a bandeira sob a qual nós aspiramos formar! Que o Sr. Allan Kardec, nosso mestre de todos, receba, por nossos irmãos de Paris, a garantia de uma profunda simpatia; que lhes diga que os nossos jovens corações batem em uníssono, e que, se bem que com um passo menos seguro, não concorreremos menos à regeneração universal, encorajados pelos seus exemplos e pelos seus sucessos.

Brinde do Sr. Sabó.

Os Espíritos também querem, senhores, nos assegurar, uma vez mais, que suas simpatias nos são adquiridas juntando seus desejos aos nossos pela prosperidade dessa santa Doutrina que é obra sua; o Espírito de Ferdinand, um de nossos guias protetores, ditou espontaneamente o ensinamento seguinte, que estou feliz em vos fazer ouvir.

"A grande família espírita, da qual fazeis parte, vê, todos os dias, aumentar o número de seus filhos, e logo não haverá mais, na vossa bela pátria, nem cidades e nem aldeias onde não esteja instalada a tenda dos membros dessa tribo bendita de Deus.

"Já nos seria impossível assinalar os numerosos centros que gravitam ao redor do foco luminoso do qual Paris é a sede, porque os centros das grandes cidades são conhecidos unicamente por nós. Entre aqueles se distingue, pelo seu saber, inteligência e união fraterna, a Sociedade dos Espíritas de Metz; ela está destinada a trazer frutos em abundância, e, procurando estabelecer com eles relações amigáveis, fundadas sobre uma estima recíproca, encheis com uma doce alegria o coração paternal de vosso chefe aqui presente.

"O eminente Espírito de Erasto vos disse ontem: sede unidos, a união faz a força. Fazei, pois, todos os esforços para a isso chegar, a fim de que, em pouco tempo, todos os centros Espíritas franceses, unidos entre si pelos laços da fraternidade, caminhem a passo de gigante no caminho traçado."

FERDINAND,

Guia espiritual do médium.

Como conclusão e fiel intérprete dos sentimentos expressados por esse bom Espírito, proponho um brinde aos nossos irmãos Espíritas de Metz em particular, e a todos os Espíritas franceses em geral.

Senhores,

Persuadido de que as calorosas palavras pronunciadas ontem, em nosso meio, pelo nosso honrado chefe Espírita, não hajam caído sobre a pedra e sobre os espinheiros, mas sim em vossos corações agora dispostos a estreitar, entre si, os laços da fraternidade, venho vos

propor um brinde aos nossos irmãos Espíritas de Lyon; eles começaram a sua tarefa antes de nós, e tiveram que sofrer, para se organizarem, os mesmos conflitos que nos fizemos tanto sofrer há tempos; mas, graças ao impulso que o nosso chefe bem-amado lhes deu no ano último, deram um passo imenso no caminho bendito no qual os Espíritos vêm fazer a Humanidade entrar. Imitemo-los, senhores; que uma emulação louvável una os Espíritas de Bordeaux e de Lyon, a fim de que a comunhão de pensamentos e de sentimentos, da qual todos estarão animados, faça dizer entre eles: Bordeleses e Lioneses são irmãos. Proponho um brinde à união dos irmãos de Bordeaux e de Lyon.

Discurso do Sr. Desqueyroux, mecânico

Em nome do grupo de operários.

Senhor Allan Kardec, nosso querido mestre,

Eu me permito, em nome de todos os operários Espíritas de Bordeaux, meus amigos e meus irmãos, trazer um brinde à vossa prosperidade. Embora já chegado a uma alta perfeição, que Deus vos faça ainda crescer nos bons sentimentos que vos animaram até este dia, e, sobretudo, que vos faça crescer aos olhos do universo e no coração daqueles que, seguindo a vossa Doutrina, se aproximam de Deus; nós, que somos do número daqueles que a professam, vos bendizemos, do fundo de nossos corações, e pedimos ao nosso divino criador que vos deixe ainda muito tempo em nosso meio, afim de que, quando a vossa missão estiver terminada, estejamos bastante firmes na fé, para nos conduzir sozinhos, sem nos desviarmos, do bom caminho.

É uma alegria inefável para nós termos nascido numa época em que podemos ser esclarecidos pelo Espiritismo; mas não é bastante conhecer e gostar dessa felicidade; com a Doutrina contraímos obrigações que consistem em quatro deveres diferentes: dever de submissão, que nos faça escutá-la com docilidade; dever de afeição, que nos faça amá-la com ternura; dever de zelo, para defender-lhe os interesses com ardor; dever de prática, que nos faça honrá-la por nossas obras.

Estamos no seio do Espiritismo, e o Espiritismo é para nós uma sólida consolação em nossas dificuldades; porque, é preciso confessar, há momentos na vida em que a razão, talvez, poderia nos sustentar, mas há outros em que se tem necessidade de toda a fé que o Espiritismo dá para não sucumbir. Em vão os filósofos vêm nos pregar uma firmeza estóica, nos recitar as suas pomposas máximas, nos dizer que o sábio não é abalado por nada, que o homem foi feito para possuir a si mesmo e dominar os acontecimentos da vida; insípidas consolações! Longe de abrandar minha dor, a agravais; em todas as vossas palavras não encontramos senão vazio e segura; mas o Espiritismo vem em nosso socorro e nos prova que a nossa própria aflição pode contribuir para a nossa felicidade.

Sim, nosso mestre; continuai a vossa augusta missão; continuai a nos mostrar essa ciência que vos é ditada pela bondade divina; que nos traz consolação durante esta vida, e que será o sólido pensamento que nos tranquilizará no momento da morte.

Recebei, querido mestre, estas poucas palavras saídas do coração de vossos filhos, porque sois pai de todos nós; o pai da classe trabalhadora e dos aflitos. Vós o sabeis: progresso e sofrimento caminham juntos; mas, ao passo que o desespero acabrunha os nossos corações, viestes nos trazer a força e a coragem. Sim, mostrando-nos o Espiritismo, nos dissestes:

Irmãos, coragem! Suportai sem murmurar as provas que vos são enviadas, e Deus vos abençoará. Sabei, pois, que somos apóstolos devotados, e que, no século presente, como nos séculos futuros, vosso nome será abençoado pelos nossos filhos e nossos amigos, os operários.

Discurso e brinde do Sr. Allan Kardec.

Meus caros irmãos em Espiritismo,

Faltam-me expressões para reproduzir a impressão que sinto com a vossa acolhida tão simpática e tão benevolente. Permitti-me, pois, vos dizer, com algumas palavras, em lugar de longas frases, que dela não diriam mais, que colocarei minha primeira estada em Bordeaux entre os momentos mais felizes de minha vida, e que dela guardarei uma eterna lembrança; mas também não esquecerei, senhores, que esta acolhida me impõe uma grande tarefa, a de justificá-la, o que espero fazer com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos. Além disso, me impõe grandes obrigações, não só para convosco, mas ainda para com todos os Espíritas de todos os países, dos quais sois os representantes, como membros da grande família; para com o Espiritismo em geral, que vindes de aclamar nestas duas reuniões solenes, e que, disso não duvideis, haurirá, no impulso de vossa importante cidade, uma força nova para lutar contra os obstáculos que queiram lançar sobre o seu caminho.

Na minha alocução de ontem, falei de sua força irresistível; dela não sois a prova evidente, e não é um fato característico que a inauguração desta sociedade Espírita, que se inicia, como a vossa, pela reunião espontânea de quase 300 pessoas, atraídas não por uma vã curiosidade, mas pela convicção, e o único desejo de se agruparem em um só feixe? Sim, senhores, este fato é não só característico, mas é providencial. Eis, a este respeito, o que me dizia ainda ontem, antes da sessão, o meu guia espiritual: o Espírito de Verdade.

"Deus marcou, com o cunho de sua vontade imutável, a hora da regeneração dos filhos desta grande cidade. A obra, pois, com confiança e coragem; esta noite os destinos de seus habitantes vão começar a sair da rotina das paixões que a sua riqueza e seu luxo fazem germinar como o joio junto do bom grão, para atingir, pelo progresso moral que o Espiritismo vai lhe imprimir, a altura dos destinos eternos. Bordeaux, vês tu, é uma cidade amada pelos Espíritos, porque ela vê se multiplicarem, entre suas paredes, os mais sublimes devotamentos da caridade, sob todas as formas; também estão aflitos por vê-la atrás no movimento progressivo que o Espiritismo vem impor à Humanidade; mas os progressos vão ser feitos tão rapidamente, que os Espíritos bendirão ao Senhor de te haver inspirado o desejo de vir ajudá-los a entrar neste caminho sagrado."

Vós o vedes, pois, senhores, o impulso que vos anima vem do alto, e muito temerário seria aquele que quisesse detê-lo, porque seria derrubado como os anjos rebeldes, que quiseram lutar contra o poder de Deus. Não temais, pois, a oposição de alguns adversários interessados, ou se pavoneando em sua incredulidade materialista; o materialismo chega à sua última hora, e é o Espiritismo que a vem soar, porque é a aurora que dissipa as trevas da noite; e, coisa providencial, é o próprio materialismo que, sem o querer, serve de auxiliar à propagação do Espiritismo; por seus ataques, chama sobre ele a atenção dos indiferentes; querem ver o que é, e como o encontram bem, adotam-no. Disso tendes a prova sob os vossos olhos; sem os artigos de um dos jornais de vossa cidade, os Espíritas bordeleses seriam talvez metade menos numerosos do que o são; esse artigo tem, naturalmente, despertado a curiosidade, porque se diz: Ataca-se; portanto, há alguma coisa; mede-se a importância da coisa pelo comprimento do artigo. Perguntam: é bom; é mau? é verdadeiro, é

falso? vemos sempre. Viu-se e sabeis o resultado. Longe, pois, de por isso maldizer o autor do artigo, é preciso agradecer-lhe por ter feito a propaganda gratuita; e se há aqui algum de seus amigos, rogamos que queira convidá-lo a recomendar, a fim de que, se éramos 300 ontem, sejamos 600 no ano próximo. Eu poderia, a este respeito, vos citar fatos curiosos de propaganda semelhante, feitos em certas cidades por sermões furibundos contra o Espiritismo.

Bordeaux, como Lyon, vem, pois, de plantar fielmente a bandeira do Espiritismo, e o que vejo me garante que não a deixará arrebatada. Bordeaux e Lyon! duas das maiores cidades da França; focos de luzes! e dizem que todos os Espíritas são loucos! Honra aos loucos dessa espécie! Não esqueçamos Metz, que acaba de fundar a sua sociedade, onde figuram, em grande número, oficiais de todos os graus, e que reclama sua admissão na grande família. Logo, eu o espero, Toulouse, Marseille, e outras cidades, onde já fermenta a nova semente, se juntarão às suas irmãs mais velhas, e darão o sinal da regeneração em suas regiões respectivas.

Senhores, em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ergo um brinde aos Espíritas de Bordeaux; à sua união fraternal para resistir ao inimigo, que gostaria de dividi-los, a fim de nela ter mais facilmente razão.

A este brinde associo, do mais fundo do meu coração, e com a mais viva simpatia, o grupo Espirita de operários de Bordeaux que, como os de Lyon, dão um admirável exemplo de zelo, de devotamento, de abnegação e de reforma moral. Estou feliz, muito feliz, eu vos asseguro, por ver seus delegados reunidos fraternalmente, nesta mesa, com a elite da Sociedade, que prova, por esta associação, a influência do Espiritismo sobre os preconceitos sociais. Isto poderia ser de outro modo quando ele nos ensina que o mais alto colocado no mundo, talvez, foi ele mesmo um humilde proletário, e que, apertando a mão do último servente de pedreiro, talvez, aperte a de um irmão, um pai ou um amigo.

Em nome dos Espíritas de Metz e de Lyon, dos quais me torno o intérprete, eu vos agradeço por parte deles compreendido na expressão de vossos sentimentos fraternais.

Aos Espíritas bordeleses!

Senhores, os Espíritas não devem ser ingratos; creio que é do dever do reconhecimento não esquecer aqueles que servem a nossa causa, mesmo sem o querer. Proponho, pois, um brinde ao autor do artigo do *Courrier de la Gironde*, pelo serviço que nos prestou, fazendo votos para que ele renove de, tempos em tempos, seus espirituais artigos; e, se praza a Deus, logo ele será o único homem sensato de Bordeaux.

Poesias de circunstância

Revista Espírita, novembro de 1861

ditadas pelo Sr, Dombre (de Marmande),

que veio a Bordeaux para esta solenidade.

Os Camponeses e o Carvalho

FÁBULA.

Ao Sr. Allan Kardec.

Os abusos têm defensores ocultos, mas
perigosos dos que os adversários confessos,
e a prova disto está na dificuldade que se tem
de desenraizá-los.

ALLAN KARDEC. (*O que é o Espiritismo.*)

Um dia honestos camponeses,

De pé diante de um carvalho enorme, de fronde imensa,

Mediam-no com os seus olhares.

- Em vão prodigalizamos, disse um, nossa semente

Ao longo desses sulcos gradeados e bem adubados:

Nada brota; o adubo, os sucos são consumidos

Por esses ramos numerosos e essa espessa folhagem,

É fazer de seu bem um triste esbanjamento

Qual de deixar essa árvore empobrecer este terreno,

Absorver nossos sucos, esterilizar o grão.

Irmãos, se nisso quereis me crer,

Livremos nosso campo

Desse hóspede incômodo...e isto...sobre o campo.

- À obra! repetiu o auditório.

E sendo todos ardentes e fortes;

Uma corda foi fixada no cume do carvalho,

E ei-los formando como que uma corrente,

Cujos anéis unem seus esforços.

A folhagem treme e murmura,

Mas é tudo... Muito se agitaram, se esfalfaram

Junto da tortuosa e robusta ramagem,

O carvalho não pode se abalar.

Um dos sábios do lugar,

Um bom velho lhes disse, ao passar: - Meus filhos,

Vossa colheita é devorada

Em proveito dos ramos, das folhas e das bolotas,

Destruí-os... está bem... eu o compreendo;

Mas ferir a árvore na frente não é coisa fácil;

O velho carvalho não curvará

Sob o fraco esforço de vossos braços;

A idade enrijece o corpo, como o torna indócil.

Travai um assalto menos ruidoso mas mais terrível

A esse colosso cheio de força;

Os séculos passaram sobre sua nodosa casca;

Ponde-vos a miná-lo vários dias, se for preciso.

Descobri à luz do dia a absorvente raiz

E tereis a morte desses maciços espessos.

Quando não se pode, de um golpe, eliminar um abuso,

É em seus fundamentos que se busca a sua ruína.

C. DOMBRE.

O Ouriço, o Coelho e a Pega

FÁBULA.

Aos membros da Sociedade Espírita de Bordeaux.

A caridade, meus amigos se faz de

muitas maneiras: podeis fazer a caridade

por pensamentos, por palavras e por ações...

O Espírito protetor da Sociedade Espírita de Lyon.

(Revista Espírita de 10 de outubro de 1861.)

Um pobre ouriço, expulso de seu abrigo,

Rolava através dos campos e espinheiros mortíferos,

Sob os golpes de tamanco de um filho das cabanas,

Que o abandonou, enfim, ensangüentado, contundido.

Tremendo, toma sua espinhosa armadura,

Distende-se ao lado dele, lança um olhar furtivo,

E, passado o perigo, murmura,

Com acento débil e lamentoso:

- Onde me esconder?... para onde fugir?... retomar minha casa

Está acima de meu poder;

Mil perigos que não posso prever

Me ameaçam aqui...

É preciso, pois, que eu morra?

Tenho necessidade de um refúgio e de um pouco de repouso

Para deixar curar minhas feridas;

Mas... onde estão os refúgios seguros?

Quem terá piedade de meus males?

Um coelho, morando sob restos de rochas,

Coelho para quem a caridade

Não era uma palavra vã, está à espera, se aproxima

E lhe diz: - Meu amigo, estou bem abrigado;

Aceitai a metade de meu modesto asilo,

Asilo seguro para vós; seria difícil

Vir e procurar a marca de vossos passos.

Depois, podeis estar tranqüilo:

Os cuidados junto a mim não vos faltarão.

A esta oferta bem graciosa,

O ouriço caminhava lentamente,

Quando uma pega oficiosa,

Fazendo sinal ao coelho: - Detei-vos um momento,

Eu vos peço... uma palavra... pouca coisa...

E depois ao ouriço: - É um pequeno segredo!...

Perdão ao menos pelo atraso que causei!

E o bom coelho, muito discreto,

Convida-o a falar baixo e ergue as orelhas.

- Como! Carregais para casa tais pessoas!...

Ides um pouco longe em vossos obséquios!

Eu não faria jamais semelhantes tolices,

Eu... Não temeis disso vos arrepender?

Uma vez sua saúde, suas forças recobradas,

Sereis o primeiro a talvez sentir

Com seu mau coração suas pontas aceradas;

E qual meio então de fazê-lo sair?...

O coelho lhe respondeu: - Nenhuma inquietação

Deve nos desviar do impulso generoso;

Vale mais se expor à ingratidão

Do que faltar aos infelizes!

C. DOMBRE.

Bibliografia

Revista Espírita, novembro de 1861

O Livro dos Médiuns.

Segunda edição (1-(1) 1 vol., in-12, preço, 3 fr. 50 c.; pelo correio, 4 francos.).

A primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, publicada no começo deste ano, esgotou-se em alguns meses, e aí não está uma das menores marcas características do progresso das idéias Espíritas. Pudemos constatar, por nós mesmos, em nossas excursões, a influência salutar que essa obra exerceu sobre a direção dos estudos Espíritas práticos; também as decepções e as mistificações são muito menos numerosas do que outrora, porque se aprenderam os meios de frustrar a astúcia dos Espíritos enganadores. Esta segunda edição é muito mais completa do que a precedente; encerra numerosas instruções novas muito importantes e vários capítulos novos. Toda a parte que concerne mais especialmente aos médiuns, à identidade dos Espíritos, à obsessão, as perguntas que se podem dirigir aos Espíritos, as contradições, os meios de discernir os bons e os maus Espíritos, a formação das reuniões Espíritas, as fraudes em matéria de Espiritismo, receberam muito notáveis desenvolvimentos, frutos da experiência. No capítulo das dissertações Espíritas, acrescentamos várias comunicações *apócrifas*, acompanhadas de notas próprias a darem os meios de descobrir a fraude dos Espíritos enganadores, que se ornaram com falsos nomes.

Devemos acrescentar que os Espíritos revisaram a obra por inteiro, e que trouxeram numerosas observações do mais alto interesse, de sorte que se pode dizer que ela é obra deles quanto nossa.

Recomendamos com instância esta nova edição, como guia mais completo, seja para o médium, seja para os simples observadores; e podemos afirmar que, seguindo-a pontualmente, evitar-se-ão os escolhos tão numerosos contra os quais tantos novatos inexperientes vão se chocar. Depois de tê-la lido e meditado atentamente, aqueles que forem enganados ou mistificados, seguramente, isso não poderão dever senão a si mesmos, porque tiveram todos os meios de se esclarecer.

O Espiritismo ou Espiritualismo em Metz.

Primeira série de publicações da Sociedade Espírita de Metz (1- (1) Broch. in-8'; preço 1 fr., em Paris, casa Didier et Comp., cate dos Augustins, 35; Ledoyen, Palais-Royal, galeria de Orléans 31; em Metz, casa Verronnais, rua dès Jardins, 14, e casa Warion, rua du Falais, 8.).

Não mencionamos esta publicação senão para lembrança, em nosso último número, propondo-nos a ela retornar. Lemo-la com atenção e não podemos senão felicitar a Sociedade dos Espíritas messinos pelos seus resultados. Ela conta; em seu seio, um grande número de homens esclarecidos que, esperamos, saberão tê-la em guarda contra as armadilhas dos maus Espíritos, que não faltarão em tentar desviá-la do bom caminho no qual está colocada.

Essa publicação não é periódica; a Sociedade de Metz se propõe a dela fazer semelhantes, de tempos em tempos, em épocas indeterminadas, e nela inserirem as melhores comunicações que terão obtido. Esse modo é vantajoso naquilo que não obriga a contratar nenhum compromisso com os assinantes, que é preciso servir, e que as despesas que se fazem são sempre proporcionais.

Todas as comunicações contidas nesta primeira brochura levam a marca eminentemente séria e de uma moralidade irrepreensível; nada notamos nela que fosse o que se poderia chamar ortodoxa do ponto de vista da ciência, e de acordo com o ensino de *O Livro dos Espíritos*. Sim, senhores, os Espíritos de Metz nos permitam lhes dar um conselho, nós os convidamos a continuar a levar às suas publicações ulteriores a prudente circunspeção que notamos nesta; que se persuadam bem de que publicações intempestivas podem ser mais nocivas do que úteis à propagação do Espiritismo. Contamos com a sabedoria e a sagacidade daqueles que os dirigem para não cederem aos arrastamentos de adeptos mais zelosos do que refletidos; que queiram se lembrar desta máxima: *De nada serve correr, é preciso partir a propósito*.

As duas comunicações seguintes, extraídas deste primeiro fascículo, podem dar uma idéia do Espírito no qual são feitas.

O fluido universal.

(29 de setembro de 1860.)

O fluido universal liga entre si todos os mundos; e, segundo as correntes que lhe são imprimidas pela vontade do Criador, dá todos os fenômenos da criação. É ele que é a própria vida, e que liga as diferentes matérias do nosso globo; é ele que, pelas propriedades subordinadas à lei, regula as diferentes coisas tão misteriosas, para vós, as afinidades físicas e morais; é ele que vos faz ver o passado, o presente e o futuro, sobretudo quando a matéria que obstrui a vossa alma está anulada ou enfraquecida por uma causa qualquer; então esta dupla vista (se bem que menos desenvolvida que depois da morte), vê, sente e toca tudo, nesse meio fluídico, que é o seu elemento e o espelho exato do que foi, e o será; porque não há senão as partes mais grosseiras desse fluido que sofre modificações sensíveis de composição.

HENRY, *antigo Magnetizador.*

Efeitos da prece.

(15 de outubro de 1860.)

A prece é uma aspiração sublime, à qual Deus deu um poder tão mágico que os Espíritos a reclamam para si constantemente. Carvalho delicado, que é como um fresco para o pobre exilado sobre a Terra e um arranjo (s/c) frutífero para a alma sentir. A prece age diretamente sobre o Espírito que lhe é o objetivo; ela não muda seus espinhos por rosas, ela modifica sua vida de sofrimento, - nada podendo sobre a vontade imutável de Deus, - imprimindo-lhe esse vôo de vontade que revela a sua coragem, dando-lhe a força para lutar contra as provas e dominá-las. Por esse meio, o caminho que conduz a Deus é abreviado e nada pode, como efeito maravilhoso, ser comparado à prece.

Aquele que blasfema contra a prece não pode ser senão um Espírito ínfimo, de tal modo terrestre e recuado, que não compreende mesmo porque deve agarrar-se a essa tábua de salvação para salvar-se.

Orai: é uma palavra descida do céu, é a gota rósea do cálice de uma flor, é o sustento da roseira durante a tormenta, é a prancha do pobre náufrago durante a tempestade, é o abrigo do mendigo e do órfão, é o berço da criança para dormir. Emanação divina, a prece é que nos liga a Deus pela linguagem, é o que nos interessa; o orar, é o amar; o implorar para seu irmão é um ato de amor dos mais meritórios. A prece que vem do coração tem a chave dos tesouros de graça; é a economia que dispensa os benefícios em nome da infinita misericórdia. A alma elevada para Deus, por um desses impulsos sublimes da prece, livre de seu envoltório grosseiro, se apresenta cheia de confiança diante dele, parece segura de obter o que pede com humildade. Orai, oh! Orai, fazei um reservatório de vossas santas aspirações, que será derramado no dia da justiça. Preparai o celeiro da abundância, tão precioso durante a penúria; escondi o tesouro de vossas preces até o dia escolhido por Deus para distribuir o rico depósito. Amontoai para vós e para os vossos irmãos, o que diminuirá as vossas angústias e vos fará transpor, com mais celeridade, o espaço que vos separa de Deus. Reflete em tua miserável natureza, conta tuas decepções, teus perigos, sonda o abismo tão profundo onde as tuas paixões podem te arrastar, olha ao redor de ti aqueles que caem, e sentirás a necessidade imperiosa de recorrer à prece; é a âncora de salvação que impedirá a ruptura de teu navio, tão transtornado pelas tormentas do mundo.

TEU ESPÍRITO FAMILIAR.

O Espiritismo na América.

Fragmentos traduzidos do inglês

pela senhorita Clémence Guérin (1-(1) Broch. grande in-18, preço, 1 fr., casa Dentu, Palais-Royal, galeria de Orléans.).

O Espiritismo conta na América com homens eminentes que, desde o princípio, julgaram-lhe a importância, e viram nele outra coisa que simples manifestações. Nesse número está o juiz *Edmonds*, de New York, cujos escritos sobre esse importante assunto são justamente estimados e muito pouco conhecidos na Europa, onde não foram traduzidos. Devemos estar contentes com a Srta. Guérin por nos dar dele uma idéia, por alguns fragmentos que ela publicou em sua brochura, tudo nos fazendo lamentar que ela não haja terminado sua obra com uma tradução completa. Ela juntou-lhe alguns extratos, não menos notáveis, do doutor Hare, de Filadélfia, que, ele também, ousou ser um dos primeiros a afirmar sua fé nas novas revelações.

A srta. Guérin, que mora na América há muito tempo, onde viu se produzirem e se desenvolverem as primeiras manifestações, é um desses Espíritas sinceros, conscienciosos, julgando tudo com calma, sangue-frio, e sem entusiasmo. Temos a honra de conhecê-la pessoalmente, e estamos felizes em poder lhe dar aqui um testemunho merecido de nossa profunda estima. Julgar-se-á, pelos fragmentos seguintes de seu prólogo, que a nossa opinião é justamente motivada.

"Como os Americanos, temos a Fé profunda, a radiosa Esperança, que esta doutrina, tão

eminentemente baseada na caridade (não a esmola, mas o amor), é bem aquela que deve regenerar, pacificar o mundo. Jamais a solidariedade fraternal foi demonstrada mais claramente, nem de maneira mais sedutora. Os Espíritos, retornando para nos consolar, nos ajudar, nos instruir, nos indicar, enfim, o melhor uso a fazer de nossas faculdades, tendo em vista o futuro, são tão evidentemente desinteressados que o homem não pode ouvi-los por muito tempo sem sentir o desejo de imitá-los, sem procurar ao seu redor alguém a quem comunicar os benefícios que lhe dispensam generosamente. E o faz com tanto mais boa vontade quanto compreende, enfim, que o seu próprio progresso tem o seu preço, e que não é levado ao seu haver, no grande livro de Deus, senão os atos cumpridos tendo em vista o bem-estar material ou moral de seus irmãos. O que os Espíritos fazem com sucesso, neste momento, foi tentado muitas vezes, sobre a Terra, por corações nobres, por almas corajosas, mas foram e são ainda desconhecidas e abafadas; suspeitam de seu devotamento, e não é pouco que, desaparecendo, tenham alguma chance de serem julgados com imparcialidade. É porque Deus lhes permite continuar a obra depois do que chamamos morte.

"Não é o caso de repetir com Davis: Não temais, irmãos, o erro, sendo mortal, não pode viver; a verdade, sendo imortal, não pode morrer!"

CLÉMENCE GUÉRIN.

A passagem seguinte, do juiz *Edmonds*, mostrará com que justeza ele entreviu as conseqüências do Espiritismo; não é preciso esquecer que escrevia em 1854, e que nessa época o Espiritismo era jovem ainda na América, como na Europa.

"Que as minhas deduções sejam verdadeiras ou falsas, outros julgarão. Meu objetivo será alcançado se, falando do efeito produzido sobre o meu Espírito por essas revelações, faça nascerem alguns o desejo de procurar também e trazer, por novas luzes, ao estudo desses fenômenos; porque, até aqui, os adversários mais veementes, aqueles que em sua indignação gritam a impostura, são também os mais obstinados em sua recusa de nada ver e ouvir a esse respeito, os mais resolutos a permanecerem numa ignorância completa da natureza dos fatos. Tendo os homens uma reputação de saber, senão de ciência, não temem comprometê-la dando explicações que não satisfazem a ninguém, baseadas que são sobre observações superficiais, feitas com uma leviandade da qual um escolar coraria.

"Não é, entretanto, uma coisa indiferente que esse novo poder, inerente ao homem (connected with man), e que, sem nenhuma dúvida, terá sobre os destinos uma influência considerável, para o bem ou para o mal.

"Já podemos ver que desde a origem, cinco anos apenas, a idéia espiritualista se propagou com uma rapidez que a religião cristã não havia igualado em cem anos; ela não procura os lugares retirados, nem se envolve em mistérios, mas vem abertamente aos homens, provocando seu minucioso exame, não pedindo uma fé cega, mas em todas as circunstâncias recomendando o exercício da razão e do livre julgamento.

'Vimos que as zombarias dos filósofos não puderam desviar um só crente, que os sarcasmos da imprensa, os anátemas do púlpito são igualmente impotentes para deter-lhe o progresso, e sobretudo, já podemos constatar sua influência moralizadora; o verdadeiro crente torna-se sempre mais sábio e melhor (*a wiser and a better man*), porque lhe está demonstrado que a existência do homem, depois da morte, está positivamente provada. Todos aqueles que seriamente, sinceramente têm levado suas investigações sobre esse assunto, dele receberam provas irrefutáveis. Como poderia isso ser de outro modo? Eis uma inteligência que nos fala todos os dias, é um amigo. (Em geral, os Americanos começam por conversar com seus

parentes ou amigos.) Prova sua identidade por mil circunstâncias que não podem deixar nenhuma dúvida, para muitas recordações que só eles podem conhecer. Fala-nos das conseqüências da vida terrestre e nos pinta a vida futura com cores tão racionais, que *sentimos* que diz a verdade, tanto está conforme a idéia íntima que tínhamos da Divindade e dos deveres que ela nos impõe.

"Não estamos separados pela morte daqueles que amamos, mas estão freqüentemente perto de nós, nos ajudam e nos consolam pela esperança de uma reunião *certa*. Quantas vezes ouvi para mim e para os outros! Quantas pessoas desoladas vi acalmadas pela doce certeza que o ser querido "reconduzido pelos laços do amor, volteia ao redor delas, murmura em seu ouvido, contempla a sua alma, conversa com o seu Espírito!"

"A morte se encontra assim despojada desse cortejo de misteriosos e indefinidos terrores, dos quais foi rodeada por aqueles que esperam mais da degradante paixão do medo do que do nobre sentimento de amor.

"Notemos de passagem que, quaisquer que sejam as nuances no ensino da nova filosofia, todos os seus discípulos se entendem sobre este ponto, que a morte não é um espantelho, mas um fenômeno natural, a passagem a uma existência onde, livre dos mil males da vida material, e dos entraves que o confinam num só planeta, o Espírito pode percorrer a imensidade dos mundos, levantar vôo para as regiões onde a glória de Deus é realmente visível.

"Está igualmente demonstrado (*demonstrated*) que nos mais secretos pensamentos são conhecidos seres que, tendo-nos amado, continuam a velar por nós. É em vão que se tentaria subtrair-se a essa inquisição terrível por sua benevolência mesmo. Não é possível, disso duvidar, como o quiseram. Estive freqüentemente estupefato e os vi tremerem a essa revelação inesperada, mas irrecusável, que as dobras melhor fechadas da consciência podem ser folheadas por aqueles mesmos aos quais gostaríamos de esconder nossas fraquezas.

"Não está aí um freio salutar contra os maus pensamentos, os atos criminosos, cometidos mais freqüentemente porque o culpado está tranqüilo por estas palavras: Não saberão.. Se alguma coisa pode confirmar esta verdade, tão terrificante para alguns, é a lembrança do que cada um sente depois de uma boa ação, mesmo quando permanece secreta, - um contentamento íntimo não tem nenhum outro comparável. - Aqueles o sabem bem, cuja mão esquerda ignora o que dá a mão direita. É, pois, racional crer que, se nossos amigos podem nos felicitar, eles podem também repreender; se vêem nossos atos meritórios, vêem também nossas ações más.

"A isso não hesitamos em atribuir o fato incontestável e incontestado, que não há um *verdadeiro crente* que não tenha se tornado melhor.

"De nossa conduta depende o nosso destino futuro, não de nossa adesão a tal ou tal seita religiosa, mas de nossa submissão a este grande preceito: **AMAR A DEUS E AO PRÓXIMO**... Não devemos adiar a nossa conversão. Nós próprios devemos trabalhar pela nossa salvação, não mais tarde, mas *agora*; não amanhã, mas *hoje*.

"O que de mais consolador, de mais fortalecedor para a alma virtuosa, através das provas e das vicissitudes desta vida, do que a *certeza completa* de que sua felicidade futura depende de suas ações, que pode dirigir.

"De outra parte o vicioso, o mau, o cruel, o egoísta, o egoísta sobretudo, sofrerá por si e pelos outros (*self and mutual torment*) tormentos mais terríveis do que os do inferno material, tais que a imaginação mais desordenada jamais haja pintado."

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Quarto Ano – 1861

Dezembro

- [Aviso aos assinantes da Revista](#)
- [Organização do Espiritismo](#)
- [Necrologia. - Morte do Sr. Jobard \(de Bruxelas\)](#)
- [Auto-de-fé de Barcelona \(2ª artigo\)](#)
- [A Toutinegra, o Pombo Torcaz e o Peixinho, poesia pelo Sr. Dombre](#)
- [Do sobrenatural, pelo Sr. Guizot](#)
- [Meditações filosóficas e religiosas, pelo Espírito de Lamennais](#)

Aviso aos assinantes da *Revista*

Revista Espírita, dezembro de 1861

Os Srs. assinantes que não quiserem sofrer atraso no envio da *Revista Espírita para o ano de 1862* (5^o ano) são solicitados a dignarem-se renovar sua assinatura antes de 31 de dezembro.

Os assinantes de 1862 poderão adquirir a coleção dos quatro anos precedentes, tomados em conjunto, ao preço de 30 fr. em lugar de 40; de sorte que, com a assinatura corrente, não pagarão pelos cinco anos senão 40 fr., quer dizer que, pelo mesmo preço, terão cinco anos em lugar de quatro; seja uma diminuição de 20 por cento. Os anos tomados isoladamente estão ao preço de 10 fr. cada um, como no passado.

Estando esgotadas a segunda tiragem dos anos 1858, 1859 e 1860, acaba de ser feita uma terceira reimpressão.

NOTA. O número de janeiro de 1862 conterá um artigo muito desenvolvido sobre a *Interpretação da doutrina dos Anjos rebeldes, dos Anjos decaídos, do Paraíso perdido, e sobre a Origem e a condição moral do homem sobre a Terra.*

Novas obras do Sr. ALLAN KARDEC devendo aparecer proximamente.

O ESPIRITISMO EM SUA MAIS SIMPLES EXPRESSÃO; brochura destinada a popularizar os elementos da Doutrina Espírita. Ela será vendida a 25 c.

REPUTAÇÃO DAS CRÍTICAS CONTRA O ESPIRITISMO; do ponto de vista do Materialismo, da Ciência e da Religião. Esta última parte terá todos os desenvolvimentos necessários. Ela conterá a resposta à brochura do Sr. cura Marouzeau.

Várias outras obras, das quais uma de importância quase igual, como volume, a *O Livro dos Espíritos*, serão publicadas no correr de 1862.

Organização do Espiritismo

Revista Espírita, dezembro de 1861

1. Até o presente os Espíritas, embora muito numerosos, estiveram disseminados em todos os países, e não está aí um dos caracteres menos salientes da Doutrina; como uma semente levada pelos ventos, tomou raízes em todos os pontos do globo, prova evidente de que a sua propagação não é o efeito de uma sociedade nem de um efeito local e pessoal. Os adeptos, de início isolados, estão muito surpresos, hoje, em se encontrarem em grande número; e como a semelhança das idéias inspira o desejo de aproximação, eles procuram se reunir e fundar Sociedades; também, de todas as partes, nos pedem instruções a esse respeito, manifestando-nos o desejo de se unir à Sociedade central de Paris. É chegado, pois, o momento de se ocupar do que se pode chamar *a organização do Espiritismo*. *O Livro dos Médiuns* (2-edição) contém, sobre a formação das Sociedades espíritas, observações importantes às quais remetemos os interessados, rogando-lhes meditar com cuidado. A experiência vem, cada dia, confirmar-lhe a justeza que lembraremos sucintamente, acrescentando-lhe instruções mais circunstanciadas.

2. Falemos de início dos adeptos que se encontram ainda isolados no meio de uma população hostil ou ignorante das idéias novas. Recebemos diariamente cartas de pessoas que estão nesse caso e que nos perguntam o que podem fazer na ausência de médiuns e de partidários do Espiritismo. Estão na situação em que se encontravam, há um ano apenas, os primeiros Espíritas dos centros mais numerosos de hoje; pouco a pouco os adeptos se multiplicaram, e em tal cidade onde se contavam por unidades espalhadas, são agora centenas de milhares; logo ser-lhe-á o mesmo por toda parte: é uma questão de paciência. Quanto ao que têm que fazer, é muito simples. Podem primeiro trabalhar por sua própria conta, penetrar-se da Doutrina pela leitura e a meditação das obras especiais; tanto mais a aprofundarão, mais descobrir-lhe-ão verdades consoladoras confirmadas pela sua razão. Em seu isolamento, devem se sentir felizes por terem sido os primeiros favorecidos. Mas se se limitavam em haurir na Doutrina uma satisfação pessoal, isso seria uma espécie de egoísmo; eles têm, mesmo em razão de sua posição, uma bela e importante missão a cumprir: a de distribuir a luz ao redor deles. Aqueles *-que* aceitarem esta missão sem estarem detidos pelas dificuldades, nela serão largamente recompensados pelo sucesso e pela satisfação de ter feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição; estarão expostos à zombaria e aos sarcasmos dos incrédulos, à malevolência mesmo das pessoas interessadas em combater a Doutrina; mas onde estaria o mérito se não houvesse nenhum obstáculo a vencer? Àqueles, pois, que estivessem detidos pelo medo pueril do que disso se dirá, nada temos a dizer, nenhum conselho a dar; mas àqueles que têm a coragem de sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a fazer limita-se em falar abertamente do Espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem pregá-la, e sobretudo sem procurar nem forçar as convicções, nem, quando mesmo, fazer prosélitos. *O Espiritismo não deve se impor; vem-se a ele porque dele se tem necessidade*, e porque ele dá o que as outras filosofias não dão. Convém mesmo não entrar em nenhuma explicação com os incrédulos obstinados: isso seria dar-lhes muita importância e fazer-lhes crer que se prende a eles. Os esforços que se faz para atraí-los a si os distancia, e, por amor-próprio, obstinam-se em sua oposição; é porque é inútil perder seu tempo com eles; quando a necessidade os fizer sentir isso, virão por si mesmos; à espera é preciso deixá-los tranquilos se comprazerem em seu ceticismo, que, crede-o bem, freqüentemente, lhes pesa mais do que não querem fazê-lo parecer; porque, disseram bem, a idéia do nada depois da morte tem alguma coisa de mais pavorosa, de mais aflitiva que a própria morte.

Mas, ao lado dos zombadores encontrar-se-ão pessoas que perguntarão: "O que é isso?" Apressai-vos, então, em satisfazê-las, proporcionando vossas explicações à natureza das disposições que encontrardes nelas. Quando se fala do Espiritismo em geral, é preciso considerar as palavras que se pronunciam como grãos lançados ao ar: entre eles, muitos caem sobre as pedras e não produzem nada; mas que deles um só tombasse sobre a terra fértil, considerai-vos felizes; cultivai-o, e estareis certos de que essa planta, frutificando, terá rebentos. A dificuldade, para alguns adeptos, é responder a certas objeções; mas poderão sobretudo se ajudarem, para esse efeito, com a brochura que vamos publicar sob o título de: *Refutação das críticas contra o Espiritismo do ponto de vista materialista, científico e religioso*.

3. Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O crescimento incessante dos adeptos demonstra a impossibilidade material de construir numa cidade, e sobretudo numa cidade populosa, uma Sociedade única. Além do número, há a diferença de distância, que é um obstáculo para muitos. Por outro lado, está reconhecido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações, e que as melhores se obtêm nas pequenas assembléias. É, pois, a multiplicar os grupos particulares que é preciso se empenhar. Ora, como dissemos, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas, obterão mais e farão mais para a propaganda do que uma Sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente pela afinidade de gostos, de sentimentos, de hábitos e de posição social; todos neles se conhecem, e, como essas são reuniões privadas, tem-se liberdade do número e da escolha daqueles que se quer ali admitir.

4. O sistema de multiplicação dos grupos tem, ainda, por resultado, assim como o dissemos em várias ocasiões, impedir os conflitos e as rivalidades de supremacia e de presidência. Cada grupo é naturalmente dirigido pelo chefe da casa, ou aquele que está designado para esse fim; não há, propriamente falando, presidente oficial, porque tudo se passa em família. O chefe da casa, sendo chefe nela, tem toda autoridade para mantê-la em boa ordem. Com uma Sociedade, propriamente dita, é preciso um local especial, um pessoal administrativo, um orçamento, em uma palavra, uma complicação de órgãos que a má vontade de alguns dissidentes mal-intencionados poderia comprometer.

5. A essas considerações, longamente desenvolvidas em *O Livro dos Médiuns*, acrescentaremos uma que é preponderante. O Espiritismo ainda não é visto com bons olhos por todo o mundo. Logo compreender-se-á que se tem todo o interesse em favorecer uma crença que torna os homens melhores, e que é uma garantia da ordem social; mas até que se esteja bem convencido de sua feliz influência sobre o espírito das massas, e de seus efeitos moralizadores, os adeptos devem esperar que, seja por ignorância do verdadeiro objetivo da Doutrina, seja tendo em vista interesse pessoal, suscitar-lhe-ão embaraços; não só será escarnecido, mas, quando virem enfraquecer a arma do ridículo, será *caluniado*. Serão acusados de loucura, de charlatanismo, de irreligião, de feitiçaria, enfim, de revoltar o fanatismo contra eles. De loucura! Sublime loucura aquela que faz crer em Deus e no futuro da alma; para aqueles que não crêem em nada, é, com efeito, a loucura de crer na comunicação dos mortos e dos vivos; loucura que faz volta ao mundo e alcança os homens mais eminentes. De charlatanismo! Eles têm uma resposta peremptória: o desinteresse, porque o charlatanismo não é jamais desinteressado. De irreligião! Aqueles que, desde que são Espíritos, são mais religiosos quanto não o eram antes. De feitiçaria e de comércio com o diabo! Aqueles que negam a existência do diabo, e não reconhecem senão Deus como o único senhor todo-poderoso, soberanamente justo e bom; singulares feiticeiros aqueles que renegassem o seu senhor e agissem em nome do seu antagonista! Em verdade, o diabo não deveria estar quase em nada contente com seus adeptos. Mas as boas razões são o menor cuidado daqueles que querem procurar disputas; quando se quer matar seu cão, diz-se que ele está enraivecido. Felizmente, a Idade Média lança seus últimos e pálidos clarões sobre o

nosso século; como o Espiritismo vem lhe dar o golpe de misericórdia, não é de se admirar vê-lo tentar num supremo esforço; mas que se tranqüilize, a luta não será longa. Entretanto, que a certeza da vitória não torne imprudente, porque uma imprudência poderia, senão comprometer, pelo menos retardar o sucesso. Por esses motivos, a constituição de Sociedades numerosas encontraria, talvez, obstáculos em certas localidades, ao passo que o mesmo não poderia ocorrer nas reuniões de famílias.

6. Acrescentemos ainda uma consideração. As Sociedades propriamente ditas, estão sujeitas a numerosas vicissitudes; mil causas, dependentes ou não de sua vontade, podem levar-lhe à dissolução. Suponhamos, pois, que uma Sociedade espírita tenha reunido à todos os adeptos de uma mesma cidade, e que, por uma circunstância qualquer, ela cesse de existir; eis os membros dispersos e desorientados. Agora, que em lugar dela haja cinquenta grupos, se alguns deles desaparecer, restarão sempre outros, e outros se formarão; são tantas plantas vivazes, que pelo menos renascem. Não tendes em um campo senão uma grande árvore, o raio pode abatê-lo; tende cem delas, o mesmo golpe não poderia atingi-las todas, e quanto mais sejam pequenas, menos estarão expostas.

Tudo milita, pois, em favor do sistema que propomos; quando um pequeno grupo fundado em qualquer parte se torne muito numeroso, que faça como as abelhas: que enxames saídos da colméia-mãe vão fundar novas colméias que, a seu turno, formarão outras colméias. Serão tantos centros de ação irradiando em seu círculo respectivo e mais poderosos para a propaganda do que uma Sociedade única.

7. Sendo admitida em princípio, a formação dos grupos, várias questões importantes restam a examinar. A primeira de todas é a uniformidade na Doutrina. Essa uniformidade não seria melhor garantia para uma Sociedade compacta, uma vez que os dissidentes teriam sempre a facilidade de se retirar e manterem-se afastados. Que a Sociedade seja una ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarão. Ela será completa em todos aqueles que seguirão a linha traçada pelos *O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns*: um contendo os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Essas obras estão escritas com bastante clareza para não darem lugar a interpretações divergentes, condição essencial de toda doutrina nova.

Até o presente, essas obras servem de regulador para a imensa maioria dos Espíritas, e por toda parte são acolhidas com uma simpatia inequívoca; aqueles que quiseram se afastar delas, puderam reconhecer, por seu isolamento e o número decrescente de seus partidários, que não tinham por eles a opinião geral. Esse assentimento dado pela grande maioria é de um grade peso; é um julgamento que não se poderia suspeitar de influência pessoal, uma vez que é espontâneo e que é pronunciado pelas milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos foi pedido para traduzi-los em diversas línguas: em espanhol, em inglês, em português, em alemão, em italiano, em polonês, em russo e mesmo em língua tártara. Podemos, pois, sem presunção, recomendá-los ao estudo e à prática às diversas reuniões espíritas, e isso com tanto mais razão porque são os únicos, até o presente, nos quais a ciência está traçada de maneira completa; todos aqueles que foram publicados sobre a matéria não tocaram senão alguns pontos isolados da questão. De resto, não temos, de nenhum modo, a pretensão de impor nossas idéias; nós a emitimos, como é nosso direito; aqueles a quem elas convém que as adotem; os outros as rejeitem, como é também seu direito; as instruções que damos são, pois, naturalmente para aqueles que caminhem conosco, para aqueles que nos honram com o título de seu *chefe espírita*, e não pretendemos, de nenhum modo, regulamentar aqueles que querem seguir um outro caminho. Entregamos a doutrina que professamos à apreciação geral; ora, encontramos bastantes adeptos para nos dar confiança, e nos consolar para algumas dissidências isoladas. O futuro, aliás, será o juiz em última instância; com os

homens atuais desaparecerão, pela força das coisas, a suscetibilidade do amor-próprio ferido, as causas de ciúme, de ambição, de esperanças materiais frustradas; não vendo mais as pessoas, não se verá senão a Doutrina, e o julgamento será mais Imparcial. Quais são as idéias novas que, em seu aparecimento, não tiveram seus contraditores mais ou menos interessados? Quais são os propagadores dessas idéias que não foram alvo das setas da inveja, sobretudo se os sucesso coroa seus esforços? Mas voltemos ao nosso assunto.

8. O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições, é a homogeneidade, sem a qual nele não poderia haver comunhão de pensamentos. Uma reunião não pode ser nem estável, nem séria, se não houver simpatia entre aqueles que a compõem; e não pode haver simpatia entre pessoas que têm idéias divergentes e que fazem uma oposição surda, se ela não for aberta. Longe de nós dizer com isso que é preciso abafar a discussão, uma vez que, ao contrário, recomendamos o exame escrupuloso de todas as comunicações e todos os fenômenos; está, pois, bem entendido que cada um pode, e deve, emitir sua opinião; mas há pessoas que discutem para impor a sua e não para se esclarecer. É contra o espírito de oposição sistemática que nos levantamos; contra as idéias preconcebidas que não cedem mesmo diante da evidência. Tais pessoas são, incontestavelmente, uma causa de perturbação que é preciso evitar. As reuniões espíritas estão, a esse respeito, em condições excepcionais; o que elas requerem, acima de tudo, é o recolhimento; ora, como se está recolhido estando-se, a cada instante, distraído por uma polêmica acrimoniosa; se reina entre os assistentes um sentimento de amargor, e quando se sente, ao redor de si, seres que se sabe hostis, no rosto dos quais se lê o sarcasmo e o desdém por tudo com que não concordam?

9. Traçamos, em *O Livro dos Médiuns* (nº 28), o caráter das principais variedades de Espíritas; sendo essa distinção importante para o assunto que nos ocupa, cremos dever lembrá-la.

Podem-se colocar em primeira linha aqueles que crêem, pura e simplesmente, nas manifestações. O Espiritismo não é para eles senão uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; a filosofia e a moral são acessórios, dos quais pouco se preocupam, ou dos quais não supõem a importância. Nós os chamamos *Espíritas experimentadores*.

Vêm em seguida aqueles que vêem no Espiritismo outra coisa senão os fatos; compreendem a importância filosófica; admiram a moral que dele decorre, mas não a praticam; extasiam-se diante de belas comunicações, como diante de um eloqüente sermão que se escuta sem aproveitá-lo. Sua influência sobre seu caráter é insignificante ou nula; não mudam nada em seus hábitos e não se privariam de um único gozo: o avarento é sempre sovina, o orgulhoso sempre cheio de si mesmo, o invejoso e o ciumento sempre hostis; para eles a caridade cristã não é senão uma bela máxima, e os bens deste mundo dominam, em sua estima, sobre os do futuro: esses são os *espíritas imperfeitos*.

Ao lado daqueles há outros, mais numerosos do que se crê, que não se limitam a admirar a moral espírita, mas que a praticam e lhe aceitam, por si mesmos, todas as conseqüências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar seus curtos instantes para caminhar na senda do progresso, esforçando-se por fazer o bem e reprimir seus maus pendores; suas relações são sempre seguras, porque sua convicção os distancia de todo pensamento do mal. A caridade é, em todas as coisas, a regra de sua conduta; esses são os *verdadeiros Espíritas*, ou melhor, os *Espíritas cristãos*.

10. Se se compreendeu bem o que precede, compreender-se-á também que um grupo

exclusivamente formado de elementos dessa última classe estaria em melhores condições, porque é só entre pessoas praticando a lei de amor e de caridade que um laço fraternal sério pode se estabelecer. Entre homens para quem a moral não é senão uma teoria, a união não poderia ser durável; como não impõem nenhum freio ao seu orgulho, à sua ambição, à sua vaidade, ao seu egoísmo, não lhes imporão mais às suas palavras; quererão preponderar quando deveriam se abaixar; irritar-se-ão com contradições e não farão nenhum escrúpulo em semear a perturbação e a discórdia. Entre verdadeiros Espíritos, ao contrário, reina um sentimento de confiança e de benevolência recíproco; sente-se à vontade nesse meio simpático, ao passo que há constrangimento e ansiedade num meio misturado.

11. Isto está na natureza das coisas, e nós não inventamos nada a esse respeito. Segue-se que, na formação dos grupos, seria preciso exigir a perfeição? Isso seria muito simplesmente absurdo, porque seria querer o impossível, e que, nessa conta, ninguém poderia pretender dela fazer parte. Tendo o Espiritismo por objetivo a melhoria dos homens, não vem procurar aqueles que são perfeitos, mas aqueles que se esforçam por se tornar a pôr em prática o ensinamento dos Espíritos. O verdadeiro Espírita não é aquele que chegou ao objetivo, mas aquele que quer seriamente atingi-lo. Quaisquer que sejam, pois, seus antecedentes, é bom Espírita desde que reconheça suas imperfeições, e que é sincero e perseverante em seu desejo de se emendar. O Espiritismo é para ele uma verdadeira regeneração, porque rompe com seu passado; indulgente para com os outros, como gostaria que fossem para consigo, não sairá de sua boca nenhuma palavra malevolente nem ofensiva para ninguém. Aquele que, numa reunião, se afastasse das conveniências, provaria não só uma falta de saber viver e de urbanidade, mas uma falta de caridade; aquele que se magoasse com a contradição, e pretendesse impor sua pessoa ou suas idéias, daria prova de orgulho; ora, nem um nem o outro estariam no caminho do verdadeiro Espiritismo, quer dizer, do Espiritismo cristão. Aquele que crê ter uma opinião mais justa que os outros, fá-la-á bem melhor aceita pela doçura e pela persuasão; o amargor seria de sua parte mau cálculo.

12. A simples lógica demonstra, pois, a quem conhece as leis do Espiritismo, quais são os melhores elementos para a composição dos grupos verdadeiramente sérios, e não hesitamos em dizer que são aqueles que têm a maior influência sobre a propagação da Doutrina; pela consideração que impõem, pelo exemplo que dão de suas conseqüências morais, dele provam a gravidade e impõem silêncio à zombaria, que, quando ela ataca o bem, é mais do que ridícula, porque é odiosa; mas o que quereis que pense um crítico incrédulo quando assiste a experiências cujos assistentes são os primeiros a fazerem delas um jogo? Delas sai um pouco mais incrédulo do que nelas entrou.

13. Acabamos de indicar a melhor composição dos grupos; mas a perfeição não é mais possível nos conjuntos do que nos indivíduos; indicamos o objetivo, e dizemos que quanto mais dele se aproveitar, mais os resultados serão satisfatórios. Algumas vezes, é-se dominado pelas circunstâncias, mas é a eludir os obstáculos que é preciso pôr todos os seus cuidados. Infelizmente, quando um grupo se cria, é-se pouco rigoroso na escolha, porque se quer, antes de tudo, formar um núcleo; basta, na maior parte do tempo, para nele ser admitido, um simples desejo, ou uma adesão qualquer às idéias mais gerais do Espiritismo; mais tarde, percebe-se que foi muito fácil.

14. Num grupo, há sempre o elemento estável e o elemento flutuante. O primeiro se compõe de pessoas assíduas que lhe formam a base; o segundo, daquelas que nele não são admitidas senão temporária e acidentalmente. E na composição do elemento estável que é essencial pôr uma atenção escrupulosa, e, neste caso, não é preciso hesitar em sacrificar a quantidade à qualidade, porque é ele que dá o impulso e serve de regulador; o elemento flutuante é menos importante, porque se é sempre livre para modificá-lo à sua vontade. Não é preciso perder de vista que as reuniões espíritas, como de resto todas as reuniões em geral, tiram as fontes de

sua vitalidade na base sobre a qual estão assentadas; tudo depende, sob este aspecto, do ponto de partida. Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, se assegurar do concurso de alguns adeptos sinceros, tomando a Doutrina a sério, e cujo caráter *conciliador* e benevolente lhe seja conhecido. Estando esse núcleo formado, não fora senão de três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, seja para as admissões, seja para a correção das sessões e a ordem dos trabalhos, regras com as quais os novos que chegam serão obrigados a se conformarem. Essas regras podem sofrer modificações segundo as circunstâncias; mas há algumas delas essenciais.

15. Sendo a unidade de princípio um dos pontos importantes, essa unidade não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter formado uma opinião. A primeira condição a impor, se não se quer estar, a cada instante, distraído por objeções ou por perguntas ociosas, é, pois, o estudo preliminar. A segunda é uma profissão de fé categórica, e uma adesão formal à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, e tais outras condições especiais que se julgarão apropriadas. Isto é para os membros titulares e dirigentes; para os ouvintes, que vêm geralmente para adquirir um acréscimo de conhecimentos e de convicção, pode-se ser menos rigoroso; entretanto, como há os que poderiam causar perturbação com observações deslocadas, é importante se assegurar de suas disposições; é preciso, sobretudo e sem exceção, afastar os curiosos e quem não fosse atraído senão por um motivo frívolo.

16. A ordem e a regularidade dos trabalhos são coisas igualmente essenciais. Consideramos como eminentemente útil abrir cada sessão pela leitura de algumas passagens de *O Livro dos Médiuns*, e de *O Livro dos Espíritos*; por esse meio ter-se-ão sempre presentes à memória os princípios da ciência e os meios de evitar os escolhos que se encontram, a cada passo, na prática. A atenção se fixará, assim, sobre uma multidão de pontos que escapam, com freqüência, numa leitura particular, e poderão dar lugar a comentários e a discussões instrutivas, nas quais os próprios Espíritos poderão tomar parte.

Não é menos necessário colecionar e passar a limpo todas as comunicações obtidas, por ordem de datas, com indicação do médium que serviu de intermediário. Esta última menção é útil para o estudo do gênero de faculdade de cada um. Mas, freqüentemente, ocorre que se perdem de vistas essas comunicações, que se tornam, assim, letras mortas; isso desencoraja os Espíritos que as deram tendo em vista a instrução dos assistentes. É, pois, essencial fazer uma coleção especial das mais instrutivas, e fazer delas, de tempos em tempos, uma nova leitura.

Essas comunicações, freqüentemente, são de interesse geral, e não são dadas pelos Espíritos para a instrução de alguns somente, e para serem escondidas nos arquivos. É, pois, útil que sejam levadas ao conhecimento de todos pela publicidade. Examinaremos esta questão em um artigo do nosso próximo número, indicando o modo mais simples, o mais econômico e, ao mesmo tempo, o mais próprio para alcançar o objetivo.

17. Como se vê, nossas instruções se dirigem exclusivamente aos grupos formados de elementos sérios e homogêneos; àqueles que querem seguir a senda do Espiritismo moral tendo em vista o progresso de cada um, objetivo essencial e único da Doutrina; àqueles, enfim, que querem nos aceitar por guia e levar em conta os conselhos de nossa experiência. É incontestável que um grupo formado nas condições que indicamos, funcionará com regularidade, sem entraves, e de maneira frutífera. O que um grupo pode fazer, outros podem fazê-lo do mesmo modo. Suponhamos, pois, numa cidade, um número qualquer de grupos constituídos sobre as mesmas bases, haverá, necessariamente, entre eles, unidade de princípios, uma vez que seguem a mesma bandeira; união simpática, uma vez que têm, por máxima, amor e caridade; são, em uma palavra, os membros de uma mesma família, entre os

quais não poderia haver nem concorrência, nem rivalidade de amor-próprio, se estão todos animados com os mesmos sentimentos para o bem.

18. Seria útil, entretanto, que houvesse entre eles um ponto de união, um centro de ação. Segundo as circunstâncias e as localidades, os diversos grupos, pondo de lado toda questão pessoal, poderiam designar para esse efeito aquele que, pela sua posição e sua importância relativa, seria o mais apto a dar ao Espiritismo um impulso salutar. Se for preciso, e se for necessário manejar suscetibilidades, um grupo central formado de delegados de todos os grupos, tomaria o nome de *grupo diretor*. Na impossibilidade, para nós, de corresponder com todos, seria este com o qual teríamos relações mais diretas. Poderemos igualmente, em certos casos, designar uma pessoa encarregada mais especialmente de nos representar.

Sem prejuízo das relações que se estabelecerão, pela força das coisas, os grupos de uma cidade caminhando numa senda idêntica, uma assembléia geral anual poderia reunir os Espíritos dos diversos grupos numa festa de família, que seria, ao mesmo tempo, a festa do Espiritismo. Discursos ali seriam pronunciados, e seria dada leitura a comunicações mais notáveis ou apropriadas às circunstâncias.

O que é possível entre os grupos de uma mesma cidade, o é igualmente entre os grupos diretores de diferentes cidades, desde que haja entre eles comunhão de objetivos e de assentimentos; quer dizer, que possam estabelecer relações recíprocas. Indicar-lhe-emos os meios falando do modo de publicidade.

19. Tudo isto, como se vê, é de uma execução muito simples, e sem órgãos complicados; mas tudo depende do ponto de partida, quer dizer, da composição dos grupos primitivos. Se estão formados com bons elementos, serão tantas boas raízes que darão bons rebentos. Se, ao contrário, estão formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de Espíritos duvidosos, ocupando-se mais da forma do que do fundo, considerando a moral como a parte acessória e secundária, é necessário esperar polémicas irritantes e sem resultado, pretensões pessoais, choque de suscetibilidades, e, em consequência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros Espíritos, tais como os definimos, vendo o objetivo essencial do Espiritismo na moral que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação da personalidade, condescendência e benevolência, e, por conseguinte, segurança e estabilidade nas relações. Eis porque insistimos tanto sobre as qualidades fundamentais.

20. Dir-se-á, talvez, que essas severas restrições são um obstáculo à propagação; é um erro. Não creiais que, abrindo as portas ao primeiro que chegue, façais mais prosélitos; a experiência aí está para provar o contrário; seríeis assaltados pela multidão dos curiosos e dos indiferentes, que ali viriam como a um espetáculo; ora, os curiosos e os indiferentes são embaraços e não auxiliares. Quanto aos incrédulos por sistema ou por orgulho, o que quer que lhes mostreis, não tratarão menos o que verão de malabarismos, porque não o compreendem, e não querem se dar ao trabalho de compreender. Nós o dissemos, e não saberíamos muito repeti-lo, a verdadeira propagação, a que é útil e frutífera, se faz pelo ascendente moral das reuniões sérias; se não houvesse jamais tido senão semelhantes, os Espíritos seriam ainda mais numerosos do que o são, porque, é preciso muito dizê-lo, muitos foram desviados da Doutrina porque não assistiram senão a reuniões fúteis, sem ordem e sem seriedade. Sede, pois, sérios em toda a acepção da palavra, e pessoas sérias virão a vós: são os melhores propagadores, porque falam por convicção e pregam pelo exemplo, tanto quanto por palavras.

21. Do caráter essencialmente sério das reuniões não é preciso inferir que se devem sistematicamente proscrever as manifestações físicas. Assim como o dissemos em *O Livro*

dos Médiuns (nº 326), elas são de uma utilidade incontestável do ponto de vista do estudo dos fenômenos e para a convicção de certas pessoas; mas para aproveitá-las no seu duplo ponto de vista, é necessário delas excluir todo pensamento frívolo. Uma reunião que possuísse um bom médium de efeitos físicos, e que se ocupasse desse gênero de manifestações com ordem, método e seriedade, *cuja condição moral oferecesse toda garantia contra o charlatanismo e a fraude*, não só poderia obter coisas notáveis do ponto de vista fenomênico, mas produziria muito bem. Convidamos, pois, fortemente a não negligenciar esse gênero de experimentação, tendo-se à sua disposição médiuns apropriados para a coisa, e a organizar, para esse fim, sessões especiais independentes daquelas onde se ocupa das comunicações morais e filosóficas. Os médiuns possuidores dessa categoria são raros; mas há fenômenos que, embora mais vulgares, não são menos interessantes e muito concludentes, porque provam de maneira evidente a independência do médium; desse número são as comunicações pela tipologia alfabética, que, freqüentemente, dão os mais inesperados resultados. A teoria desses fenômenos é necessária para poder se dar conta da maneira pela qual operam, porque é raro que levem uma convicção profunda naqueles que não os compreendem; ela tem, a mais, a vantagem de fazer conhecer as condições normais nas quais podem se produzir e, conseqüentemente, evitar tentativas inúteis, e fazer descobrir a fraude, se ela se introduzisse em alguma parte.

Acreditou-se erradamente que éramos sistematicamente opostos às manifestações físicas; preconizamos e preconizaremos sempre as comunicações inteligentes, sobretudo aquelas que têm uma importância moral e filosófica, porque só elas tendem ao objetivo essencial e definitivo do Espiritismo; quanto às outras, nunca lhes contestamos a utilidade, mas nos levantamos contra o abuso deplorável que delas se fez, e que se pode delas fazer, contra a exploração que delas fez o charlatanismo, contra as más condições nas quais, o mais freqüentemente, opera-se e que se prestam ao ridículo; dissemos e repetimos que as manifestações físicas foram o início da ciência, e que não se avança permanecendo no *abe*; que se o Espiritismo não tivesse saído das mesas girantes, não teria crescido como o fez, e que dele não se falaria, talvez, mais hoje; eis porque nos esforçamos por fazê-lo entrar no caminho filosófico, certos de que, então, se dirigiria mais à inteligência do que aos olhos, e tocaria o coração, e não seria um assunto de moda; só com esta única condição é que ele poderia fazer a volta ao mundo e se implantar como Doutrina; ora, o resultado de muito ultrapassou a nossa expectativa. Não ligamos às manifestações físicas senão uma importância relativa e não absoluta; aí está o nosso erro, aos olhos de certas pessoas que delas fazem sua ocupação exclusiva, e não vêem nada além. Se não nos ocupamos delas pessoalmente, é que não nos ensinariam nada de novo, e temos coisas mais essenciais a fazer; longe de censurar aqueles que delas se ocupam, nós os encorajamos, ao contrário, se o fazem nas condições realmente proveitosas; todas as vezes, pois, que conhecemos reuniões desse gênero, merecendo toda confiança, seremos os primeiros a recomendá-las à atenção dos novos adeptos. Tal é, sobre esta questão, a nossa profissão de fé categórica.

22. Dissemos, no início, que várias reuniões espíritas pediram para se unir à Sociedade de Paris; serviu-se mesmo da palavra *afiliar*; uma explicação, a este respeito, é necessária.

A Sociedade de Paris foi a primeira regular e legalmente constituída; pela sua posição e natureza de seus trabalhos, teve uma grande parte no desenvolvimento do Espiritismo, e justifica, em nossa opinião, o título de *Sociedade iniciadora* que certos Espíritos lhe deram. Sua influência moral se fez sentir ao longe, e, se bem que ela se tenha restringido, numericamente falando, tem a consciência de ter mais feito pela propaganda do que se tivesse aberto as suas portas ao público. Formou-se no único objetivo de estudar e aprofundar a ciência espírita; não teve necessidade, para isso, de um auditório numeroso, nem de muitos membros, sabendo muito bem que a verdadeira propaganda se faz pela influência dos princípios. Como não está movida por nenhum motivo de interesse material,

um excedente numérico ser-lhe-ia mais nocivo do que útil; também ver-se-á, com prazer, multiplicar ao seu redor as reuniões particulares formadas em boas condições, e com as quais ela poderá estabelecer relações de confraternidades. Não estaria nem conseqüente com os seus princípios, nem à altura de sua missão, se se lhe pudesse conceber a sombra de inveja; aqueles que a crêem disso capaz, não a conhecem.

Estas observações bastam para mostrar que a Sociedade de Paris não poderia ter a pretensão de absorver as outras Sociedades que poderiam se formar em Paris, ou em outra parte, sobre os mesmos trâmites; a palavra *afiliação* seria, pois, imprópria, porque suporia, de sua parte, uma espécie de supremacia material à qual não aspira de nenhum modo, e que teria mesmo inconvenientes. Como Sociedade iniciadora e central, poderia estabelecer, com os outros grupos ou Sociedades, relações puramente científicas, mas aí se limita o seu papel; não exerce nenhum controle sobre essas Sociedades, que não dependem dela de maneira alguma, e ficam inteiramente livres para se constituírem como o entenderem, sem ter de dar disso conta a ninguém, e sem que a Sociedade de Paris tenha que se imiscuir, em que quer que seja, em seus negócios. As Sociedades estrangeiras podem, pois, se formar sobre as mesmas bases, declarar que adotam os mesmos princípios, sem dela depender de outro modo que pela concentração dos estudos, dos conselhos que podem lhe pedir, e que aquela sempre terá um prazer em lhes dar.

A Sociedade de Paris, aliás, não se vangloria de estar, mais do que as outras, ao abrigo das vicissitudes. Se as tivesse, por assim dizer, em suas mãos, e que, por uma causa qualquer, ela deixasse de existir, faltar-lhes-ia o ponto de apoio e disso resultaria uma perturbação. Os grupos ou Sociedades devem procurar um ponto de apoio mais sólido do que em uma instituição humana, necessariamente frágil; devem tirar a sua vitalidade nos princípios da Doutrina, que são os mesmos para todos, e que sobrevivem a todos, quer esses princípios estejam, ou não, representados por uma Sociedade constituída.

23. Estando claramente definido o papel da Sociedade de Paris, para se evitar todo equívoco e toda falsa interpretação, as relações que ela estabelecerá com as Sociedades estrangeiras ficam extremamente simplificadas; limitam-se às relações morais, científicas e de mútua benevolência, sem nenhuma sujeição; transmitirão, reciprocamente, o resultado de suas observações, seja pelas publicações, seja pela correspondência. Para que a Sociedade de Paris possa estabelecer essas relações, é preciso, necessariamente, que esteja fixada sobre as das Sociedades estrangeiras que entendam caminhar no mesmo caminho, e adotar a mesma bandeira; inscrevê-las-á na lista de seus correspondentes. Se houver vários grupos numa cidade, serão representados pelo grupo central, do qual falamos no parágrafo 18.

24. Indicaremos, desde logo, alguns trabalhos aos quais as diversas Sociedades podem concorrer de maneira frutífera; em seguida indicaremos outros.

Sabe-se que os Espíritos, não tendo todos a soberana ciência, podem encarar certos princípios sob o seu ponto de vista pessoal, e, em conseqüência, não estarem sempre de acordo. O melhor critério da verdade está, naturalmente, na concordância dos princípios ensinados sobre diversos pontos por Espíritos diferentes, e por intermédio de médiuns estranhos uns aos outros. Foi assim que foi composto *O Livro dos Espíritos*; mas ainda restam muitas questões importantes que podem ser resolvidas dessa maneira, e cuja solução terá tanto mais autoridade quanto tiver obtido uma grande maioria. A Sociedade de Paris poderá, pois, na ocasião, dirigir as perguntas dessa natureza a todos os grupos correspondentes, que delas pedirão a solução, pelos seus médiuns, aos seus guias espirituais.

Um outro trabalho consiste nas pesquisas bibliográficas. Existe um número muito grande de

obras, antigas e modernas, em que se encontram testemunhos, mais ou menos diretos, em favor das idéias espíritas. Uma coletânea desses testemunhos seria muito preciosa, mas é quase impossível que seja feita por uma única pessoa. Tornar-se-á fácil, ao contrário, se cada um quiser deles tirar alguns elementos em suas leituras, ou em seus estudos, transmitindo-os à Sociedade de Paris, que os coordenará.

25. Tal é, no estado atual das coisas, a única organização possível do Espiritismo; mais tarde as circunstâncias poderão modificá-la, mas nada é preciso fazer de inoportuno; já é muito que, em tão pouco tempo, os adeptos estejam bastante multiplicados para chegar a esse resultado. Há, nessa disposição, um quadro que pode se estender ao infinito, pela simplicidade mesma dos órgãos; não procuremos, pois, complicá-los, com medo de encontrar obstáculos. Aqueles que querem bem nos conceder alguma confiança, podem estar seguros que não os deixaremos para trás, e que cada coisa virá a seu tempo. É só a eles, como dissemos, que nos dirigimos nestas instruções, não tendo a pretensão de nada impor àqueles que não caminham conosco.

Disse-se, para denegrir, que queríamos fazer escola no Espiritismo; e por que não teríamos esse direito? O Sr. de Mirvil não tentou formar a escola demoníaca? Por que seríamos obrigados a seguir a reboque tal ou tal? Não temos o direito de ter uma opinião, de formulá-la, de publicá-la, de proclamá-la? Se ela encontra tão numerosos adeptos, é que aparentemente não se encontra despida de todo senso comum; mas está aí o nosso erro, aos olhos de certas pessoas que não nos perdoam por termos sido mais rápidos do que elas, sobretudo, por termos vencido. Que isso seja, pois, uma escola, uma vez que querem assim; para nós será uma glória por inscrever sobre o frontispício: *Escola do Espiritismo moral, filosófico e cristão*; e, para isso, convidamos todos aqueles que tomam por divisa: *amor e caridade*. Àqueles que se unem a esta bandeira, todas as nossas simpatias, e o nosso concurso jamais faltará.

ALLAN KARDEC.

Necrologia

Revista Espírita, dezembro de 1861

Morte do Sr. Jobard, de Bruxelas.

O Espiritismo vem de perder um de seus adeptos mais fervorosos e mais esclarecidos. O Sr. Jobard, diretor do museu real da indústria de Bruxelas, oficial da Legião de Honra, membro da Academia de Dijon e da Sociedade de Encorajamento de Paris, morreu em Bruxelas, de um ataque de apoplexia, em 27 de outubro de 1861, com a idade de sessenta e nove anos, era nascido em Bassey (Haute-Marne), em 14 de maio de 1792. Fora sucessivamente engenheiro do cadastro, fundador do primeiro estabelecimento de litografia na Bélgica, diretor do *Industrial* e do *Correio belga*, redator do *Bulletin de l'Industrie Belge*, da *Presse*, e, em último lugar, do *Progrès International*. A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* conferira-lhe o título de presidente honorário. Eis a apreciação que dele deu o *Siècle*:

"Espírito original, fecundo, pronto para o paradoxo e para o sistema, o Sr. Jobard prestou reais serviços à tecnologia industrial, e à causa, por tão longo tempo abandonada, da propriedade intelectual, da qual foi o defensor perseverante e talvez excessivo; suas teorias sobre esse assunto estão formuladas no seu *Maunotopole*; em 1844. Deve-se a esse polígrafo infatigável uma multidão de escritos e de brochuras sobre todos os assuntos possíveis, desde o *psiquismo oriental* até a *utilidade dos tolos na ordem social*. Deixa, ainda, contos e fábulas picantes. Entre as suas numerosas invenções, figura a engenhosa e econômica *lâmpada para um*, que figurou na exposição universal de Paris em 1855."

Nenhum jornal, do nosso conhecimento pelo menos, falou daquilo que foi um dos caracteres salientes dos últimos tempos de sua vida: sua adesão completa à Doutrina Espírita, da qual abraçara a causa com ardor; é o que lhes custa, aos adversários do Espiritismo, confessarem que homens de gênio, e que não se pode taxar de loucura sem fazer dúvida de sua própria razão, adotem essas idéias novas. É, com efeito, para eles

um dos pontos *mais* embaraçosos, e do qual jamais puderam dar explicação satisfatória, que a propagação dessas idéias seja feita, primeiro e de preferência, na classe mais esclarecida da sociedade; também se entrincheiram atrás deste axioma banal, de que o gênio é o primo irmão da loucura; alguns mesmo afirmam, de boa-fé e sem rirem, que Sócrates, Platão e todos os filósofos e sábios que professaram idéias semelhantes não eram senão loucos; sobretudo Sócrates com o seu demônio familiar; pode-se, com efeito, ter o senso comum e crer que se tem um Espírito às suas ordens? O Sr. Jobard não poderia, pois, achar graça diante desse areópago que se erige em juiz supremo da razão humana, da qual se coloca como o tipo e padrão métrico. Foi-nos dito, para poupar a reputação do Sr. Jobard, e por respeito à sua memória, que se passou sob silêncio esse *defeito* de seu espírito.

A obstinação nas idéias falsas jamais foi olhada como uma prova de bom senso; é, além disso, da pequenez quando é o fato do orgulho, o que é o caso mais comum. O Sr. Jobard provou que era, ao mesmo tempo, homem sensato e de espírito, abjurando, sem hesitar, suas primeiras teorias sobre o Espiritismo, quando lhe foi demonstrado que não estava com a verdade.

Sabe-se que, nos primeiros tempos, antes que a experiência tivesse elucidado a questão, diversos sistemas surgiram, e que cada um explicou esses novos fenômenos à sua maneira. O Sr. Jobard era partidário do sistema da *alma coletiva*. Segundo esse sistema, "só a alma do médium se manifesta, mas ela se identifica com a de vários outros viventes, presentes ou ausentes, de maneira a formar um todo coletivo reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um." De todos os sistemas criados nessa época, quantos estão de pé hoje? Não sabemos se este conta ainda com alguns partidários, mas o que é positivo é que o Sr. Jobard, que o preconizara e o amplificara, foi um dos primeiros a abandoná-lo quando apareceu *O Livro dos Espíritos*, a cuja doutrina se ligou francamente, assim como o atestam diversas cartas suas que publicamos.

A doutrina da reencarnação sobretudo o tocara como um raio de luz. "Se tanto *patinhei*, nos dizia um dia, no dédalo dos sistemas filosóficos, foi porque me faltava uma bússola; eu não encontrava senão caminhos sem sucesso e que não me levavam a nada; ninguém me dava uma solução concludente dos problemas mais importantes; muito me escavei a cabeça, sentia que me faltava uma chave para chegar à verdade. Pois bem! Essa chave está na reencarnação, que explica tudo de um modo tão lógico, tão conforme a justiça de Deus, que se diz naturalmente: "Sim, é preciso que isso seja assim."

Depois de sua morte, o Sr. Jobard reconheceu o pouco valor de certas teorias científicas que sustentara quando vivo. Disso falaremos em nosso próximo número, no qual publicaremos as conversas que tivemos com ele. Dizemos, à espera disso, que se mostrou muito prontamente libertado, e que a perturbação durou muito pouco tempo. Como todos os Espíritos que o precederam, confirma em todos os pontos o que dissemos do mundo dos Espíritos, no qual se encontra muito melhor do que sobre a Terra, onde deixa, no entanto, pesares sinceros entre todos aqueles que foram capazes de apreciar seu eminente saber, sua benevolência e sua afabilidade. Não era, de nenhum modo, um desses sábios invejosos que barram o caminho aos recém-chegados cujos méritos lhes façam sombra; todos aqueles, ao contrário, aos quais estendeu a mão e abriu caminho teriam bastado para lhe formar um bom cortejo. Em resumo, o Sr. Jobard era um homem de progresso, trabalhador infatigável e partidário de todas as idéias grandes, generosas e próprias para fazerem a Humanidade avançar. Se sua perda é lamentável para o Espiritismo, não o é menos para as artes e a indústria, que inscreverão seu nome em seus anais.

Auto-de-fé de Barcelona

Revista Espírita, dezembro de 1861

(Ver o número de novembro de 1861)

Os jornais espanhóis não foram tão moderados em reflexões, sobre esse acontecimento, quanto os jornais franceses. Qualquer que seja a opinião que se professe com respeito às idéias espíritas, há, no próprio fato, alguma coisa de tão estranha para o tempo em que vivemos, que ele excita mais piedade do que cólera contra as pessoas que parecem ter dormido há vários séculos, e despertado sem ter consciência do caminho que a Humanidade percorreu, crendo-se, ainda, no ponto de partida.

Eis um extrato do artigo publicado, a esse respeito, por *Las Novedades*, um dos grandes jornais de Madrid:

"O auto-de-fé celebrou há alguns meses em La Corogne, onde se queimou um grande número de livros à porta de uma igreja, produziu em nosso espírito, e no de todos os homens de idéias liberais, tristíssimas impressões. Mas foi com uma indignação muito maior ainda que foi recebida, em toda a Espanha, a novidade do segundo auto-de-fé celebrado em Barcelona, nessa bela capital civilizada da Catalunha, em meio de uma população essencialmente liberal, à qual, sem dúvida, se fez esse insulto bárbaro, porque se reconhece nela grandes qualidades."

Depois de dar conta dos fatos segundo o jornal de Barcelona, acrescenta:

"Eis o repugnante espetáculo que os homens da união liberal autorizaram, em pleno século XIX: uma fogueira em La Corogne, uma outra em Barcelona, e muitas outras ainda que não faltarão em outros lugares. Foi o que deveria acontecer, porque é uma consequência imediata do espírito geral que domina o estado de coisas atual, e que se reflete em todas as coisas. Reação interna relativamente aos projetos de lei que se apresenta; reação externa apoiando todos os governos reacionários da Itália, antes e depois de sua queda, combatendo as idéias liberais em todas as ocasiões, procurando o apoio da reação de todos os lados, e obtendo-o ao preço de mais inábeis concessões."

Seguem longas considerações relativamente aos sintomas e às consequências desse ato, mas que, pelo seu caráter essencialmente político, não são da alçada de nosso jornal.

O *Diário de Barcelona*, jornal ultramontano, foi o primeiro que anunciou o auto-de-fé, dizendo que "Os títulos dos livros queimados bastavam para justificar a sua condenação; que é o direito e o dever da Igreja fazer respeitar a sua autoridade, tanto mais quando se dá mais liberdade à imprensa, principalmente nos países que *jouissent* (gozam) da terrível praga da liberdade dos cultos".

La Carona, Jornal de Barcelona, fez, a esse respeito, as reflexões seguintes:

"Esperávamos que nosso colega (*le Diaro*), que dera a notícia, teria a bondade de satisfazer a

curiosidade do público sério, alarmado com semelhante ato, incrível no tempo em que vivemos; mas foi em vão que esperamos as suas explicações. Desde então, fomos assaltados por perguntas sobre esse acontecimento, e nos manda a verdade dizer que os amigos do governo com ele sentem mais dificuldades do que aqueles que lhe fazem oposição.

"No objetivo de satisfazer a curiosidade tão vivamente excitada, procuramos a verdade, e temos o pesar de dizer que o fato é exato, e que, com efeito, o auto-de-fé foi celebrado nas circunstâncias seguintes:

(Continuação da narração que demos em nosso último número.)

"Os expedientes empregados para chegar a esse resultado não podem ser mais expeditos nem mais eficazes. Apresentam-se ao controle da alfândega os livros supracitados; responde-se ao caixeiro que não se poderia expedir sem uma autorização do senhor bispo. O senhor bispo estava ausente; em seu retorno, se lhe apresentou um exemplar de cada obra, e, depois detê-los lido, ou fazê-los ler por pessoas de sua confiança, conformando-se ao julgamento de sua consciência, ordenou que fossem lançados ao fogo como sendo imorais e contrários à fé católica. Reclamou-se contra uma tal sentença, pediu-se ao governo que, uma vez que não permitia a circulação desses livros na Espanha, se permitisse ao menos, ao seu proprietário, reexpedi-los para o seu lugar de origem; mas isso mesmo foi recusado, dando por razão *que sendo contra a moral e a fé católica, o governo não podia consentir que esses livros fossem perverter a moral e a religião de outros países*. Apesar disso, o proprietário foi obrigado a pagar os direitos, que parece não deveriam ser exigidos. Uma multidão imensa assistiu ao auto-de-fé, o que não tem nada para admirar, tendo-se em conta a hora e o lugar da execução, e sobretudo a novidade do espetáculo. O efeito que produziu sobre os assistentes foi a estupefação em uns, o riso em outros, e a indignação entre a maioria, à medida que se dava conta do que se passava. Palavras de ódio saíam de mais de uma boca, depois vieram os gracejos, os ditos bufos e mordazes da parte daqueles que vêem, com um extremo prazer, a cegueira de certos homens; e isso tem sua razão, porque se entrevêem, nessa reação, digna do tempo da inquisição, o triunfo mais rápido de suas idéias; escarneciam-se a fim de que essa cerimônia não aumentasse o prestígio da autoridade que, com tanta complacência, se presta a exigências verdadeiramente ridículas. Quando as cinzas dessa nova fogueira foram resfriadas, notou-se que pessoas que estavam presentes, ou que passavam por perto, sabedoras do fato, se dirigiam para o lugar do auto-de-fé, e recolhiam uma parte das cinzas para conservá-las.

"Tal é o relato desse acontecimento, do qual não se pode impedir de falarem as pessoas que aí se encontram; indigna-se, lamenta-se ou se rejubila, segundo a maneira de interpretar as coisas. Os sinceros partidários da paz, do princípio de autoridade e da religião, se afligem com essas demonstrações reacionárias, porque compreendem que, às reações, sucedem as revoluções, e sabem que *aqueles que semeiam ventos não podem colher senão tempestades*. Os liberais sinceros se indignam que semelhantes espetáculos sejam dados ao mundo por homens que não compreendem a religião sem intolerância, e querem impô-la como Maomé impôs o seu Alcorão.

"Agora, abstração feita da qualificação dada aos livros queimados, examinaremos o fato em si mesmo. A jurisprudência pode admitir que um bispo diocesano tenha uma autoridade sem apelação e possa impedir a publicação e a circulação de um livro? Dir-se-nos-á que a lei sobre a imprensa assinala o que se deve fazer nesse caso; mas essa lei diz que os livros, tão

maus e perniciosos que sejam, serão lançados ao fogo com esse preparativo? Nela não encontramos nenhum artigo que possa justificar semelhante ato. Além disso, os livros em questão foram publicamente declarados. Um comissário declara os livros à alfândega, porque poderiam estar na categoria daqueles que o artigo 6 assinala; passam à censura diocesana, o governo poderia proibir-lhe a circulação, e a coisa estava terminada. Os padres deveriam se limitar a aconselhar aos seus fiéis de se absterem de tal ou tal leitura, se a julgassem contrária à moral e à religião; mas não se deveria lhes conceder um poder absoluto que os torna juizes e carrascos. Abstemo-nos de emitir qualquer opinião sobre o valor das obras queimadas; o que vemos é o fato, são suas tendências, e o espírito que ele revela. Em qual diocese se absterá, doravante, de usar, senão de abusar, de uma faculdade que, segundo o nosso julgamento, o próprio governo não tem, se, em Barcelona, na liberal Barcelona, o fazem? O absolutismo é muito sagaz; ensaia e pode dar um golpe de autoridade em qualquer parte; se triunfa, ousa mais. Esperamos, no entanto, que os esforços do absolutismo serão inúteis, que todas as concessões que lhe fizeram não terão outro resultado senão revelar o partido que, renovando as cenas como as de quinta-feira última, se precipita, cada vez mais, no abismo para onde corre cegamente; é o que nos faz esperar o efeito produzido em Barcelona por esse auto-de-fé.

A Toutinegra, o Pombo Torcaz e o Peixinho

Revista Espírita, dezembro de 1861

(Fábula.) À Senhora e Senhorita C***, de Bordeaux.

Amor e Caridade.

(Espiritismo)

No meio de uma roseira que adornava um quintal,

Uma toutinegra depositara a sua ninhada;

Todos os pequenos estavam felizmente nascidos;

Um infortúnio, ai! lhes estava reservado!

Raios por toda parte e a tempestade estourou;

A chuva, em torrentes descendo,

Nos campos forma um lago de uma vasta extensão;

Já o quintal está inundado.

Longe da roseira, o ninho sobre as águas balança;

A toutinegra o cobre e se entrega ao destino;

Ela não fechou seu coração à esperança;

A estrela da salvação lhe sorri ao longe.

Entretanto, a água se derrama.

Com a água da planície

O riacho em seu leito recebe o ninho flutuante,

Que, apesar dos escolhos dos quais cada riacho está cheio,

Chega sem acidente ao rio que o espera.

Pelo meio do rio um pequeno banco de areia

Das águas dominava a altura;

Uma onda, que ajudara um vento favorável,

Para lá impele mansamente o ninho navegador.

Aos primeiros transportes de alegria,

Que experimenta a toutinegra tocando nessa margem,

Sucede de repente uma morna tristeza:

Nesse lugar qual será a sua sorte?

Seus pequenos já pediram a forragem:

Deve ela, para procurar ao longe seu alimento,

Deixá-los expostos sobre essa areia instável?

Se foram salvos por uma vaga amiga,

Têm a temer uma vaga inimiga,

Ou o funesto efeito de algum golpe de vento.

No mesmo instante junto dela um grande pombo torcaz pousa,

"Pássaro poderoso, disse ela, perdoai-me se ousou

Fazer um pedido às vossas bondades:

Trata-se da salvação de toda uma família;

Oh! Devolvei seu quintal, sua roseira, seu bordo

Aos meus pequenos que aqui a tempestade lançou.

Dignai-vos abrir para eles vossas asas generosas;

O trajeto não é longo, e vossas garras nervosas

Não terão jamais levado fardo menos pesado.

" O pombo à sua voz não se fez de todo surdo:

"Deploro o vosso infortúnio

E lamento muito que um assunto importuno

Me obrigando de meu vôo prosseguir o curso,

Me prive da felicidade de vos prestar socorro;

Mas permaneci sem inquietação,

E segui o conselho que minha solicitude

Está feliz em vos dar: Confiai-vos às ondas...

O benfazejo gênio

Que até aqui tão bem vos salvou a vida

Não saberá vos abandonar."

E, satisfeito de si, nos ares se eleva.

Uma carpa, rodando em torno dessa praia,

Tudo viu, tudo ouviu.

"Consolai-vos, disse, ó infeliz mãe!

Eu, eu compreendo a vossa dor amarga,

E toda esperança não está perdida.

Eu não tenho a força em partilha;

Espero, no entanto, vos conduzir à margem do rio."

E, tomando em sua boca um dos longos filamentos

Que eram abundantes na espessura do ninho,

Desenrolou-o e fez deslizar o ninho sobre a onda.

A toutinegra, de pé, audaciosamente o secunda,

Abrindo suas asas aos ventos.

A carga se agita, e o peixe, que reboca,

Para flutuar sem balanço, mantém uma marcha constante,

E se afasta da correnteza.

Está-se junto da margem... chega-se!

A toutinegra encantada por se achar sobre a margem

De grama espessa e altas matas;

E o peixe lhe disse: "No futuro, minha querida,

Contai pouco com os grandes; os gritos da miséria

Não têm senão um bem fraco eco em seus corações endurecidos:

Seus dons são os conselhos e as condolências;

Mas a cordial assistência,

É encontrada entre os pequenos."

C. DOMBRE (de Marmande).

Do sobrenatural

Revista Espírita, dezembro de 1861

Pelo Sr. Guizot.

Extraímos da nova obra do Sr. Guizot: *A Igreja e a sociedade cristã em 1861*, o notável capítulo sobre *o Sobrenatural*. Não é, como se poderia supô-lo, um discurso pró ou contra o Espiritismo, porque não é, de nenhum modo, assunto da nova Doutrina; mas como aos olhos de muitas pessoas o Espiritismo é inseparável do sobrenatural, que segundo uns é uma superstição, e segundo outros uma verdade, é interessante conhecer, sobre essa questão, a opinião de um homem do valor do Sr. Guizot. Há, nesse trabalho, observações de uma incontestável justeza, mas, em nossa opinião, há também grandes erros que se prendem ao ponto de vista do autor. Dele faremos um exame mais aprofundado em nosso próximo número.

"Todos os ataques dos quais o cristianismo é hoje objeto, por diversas que sejam a sua natureza e a sua medida, partem de um mesmo ponto e tendem a um mesmo fim, a negação do sobrenatural nos destinos dos homens e do mundo, a abolição do elemento sobrenatural na religião cristã, como em toda religião, em sua história como em seus dogmas.

"Materialistas, panteístas, racionalistas, céticos, críticos, eruditos, uns claramente, os outros discretamente, todos pensam e falam sob o império desta idéia de que o mundo e o homem, a natureza moral como a natureza física, são unicamente governados pelas leis gerais, permanentes e necessárias, das quais nenhuma vontade especial jamais veio, e jamais virá, suspender ou modificar o curso.

"Não penso discutir aqui plenamente esta questão, que é a questão fundamental de toda religião; não quero senão submeter aos adversários declarados ou velados do sobrenatural, duas observações ou, para falar mais exatamente, dois fatos que, em minha opinião, a decidem.

"É sobre uma fé, natural ou sobrenatural, sobre um instinto inato do sobrenatural, em que toda religião se funda. Não digo toda idéia religiosa, mas toda religião positiva, prática, poderosa, durável, popular. Em todos os lugares, sob todos os climas, em todas as épocas da história, em todos os graus de civilização, o homem leva em si esse sentimento, gostaria mais de dizer esse pressentimento, de que o mundo que vê, a ordem no seio da qual vive, os fatos que se sucedem, regular e constantemente, ao seu redor, não são tudo. Em vão faz, cada dia, nesse vasto conjunto, descobertas e conquistas; em vão observa e constata sabiamente as leis permanentes que o presidem: seu pensamento não se encerra nesse universo entregue à sua ciência; esse espetáculo não basta para a sua alma; ela se lança alhures; procura, e entrevê outra coisa; aspira para o universo, e para ela mesma, a outros destinos, a um outro senhor:

Para além de todos os céus o Deus dos céus reside, disse Voltaire, e o Deus que está além de todos os céus não é a natureza personificada, é o sobrenatural em pessoa. É a ele que as religiões se dirigem; é para pôr o homem em relação com ele que se fundam as religiões. Sem a fé instintiva do homem no sobrenatural, sem o seu impulso espontâneo e invencível

para o sobrenatural, a religião nada seria.

"Só, entre todos os seres, o homem ora. Entre os seus instintos morais, nada há de mais natural, de mais universal, mais invencível do que a prece. A criança nela se porta com uma docilidade diligente. O velho nela se curva como num refúgio contra a decadência e o isolamento. A prece eleva-se por si mesma sobre os lábios jovens que apenas balbuciam o nome de Deus, e sobre os lábios agonizantes que não têm mais a força para pronunciá-la. Entre todos os povos, célebres ou obscuros, civilizados ou bárbaros, a cada passo se encontram atos e fórmula de evocação. Por toda parte onde vivem os homens, em certas circunstâncias, em certas horas, sob o império de certas impressões da alma, os olhos se elevam, as mãos se juntam, os joelhos se dobram para implorar ou para render graças, para adorar ou para acalmar. Com transporte ou com tremor, publicamente ou no secreto de seu coração, é à prece que o homem se dirige, em último recurso, para preencher os vazios de sua alma, ou para levar os fardos de seu destino; é na prece que ele procura, quando tudo lhe falta, o apoio para a sua fraqueza, a consolação em suas dores, a esperança para a sua virtude.

"Ninguém desconhece o valor moral e interior da prece, independentemente de sua eficácia quanto ao seu objetivo. Só por isso que ela pede, a alma se alivia, se ergue, se acalma, se fortifica; sente, voltando-se para Deus, esse sentimento de retorno à saúde e ao repouso que se derrama em seu corpo quando passa de um ar tempestuoso e pesado para uma atmosfera serena e pura. Deus vem em ajuda daqueles que o imploram, antes e sem que saibam se os atenderá.

"Atendê-los-ão? Qual é a eficácia exterior e definitiva da prece? Aqui está o mistério, o impenetrável mistério dos desígnios e da ação de Deus sobre cada um de nós. O que sabemos é que, seja agindo em nossa vida exterior ou interior, não somos só nós que dela dispomos, segundo o nosso pensamento e a nossa vontade próprios. Todos os nomes que damos a essa parte de nosso destino que não vem de nós mesmos, acaso, fortuna, estrela, natureza, fatalidade, são tantos véus lançados sobre a nossa impiedosa ignorância. Quando assim falamos, nos recusamos a ver Deus onde ele está. Além da estreita esfera onde se encerram o poder e a ação do homem, está Deus que reina e que age. Há, no ato natural e universal da prece, uma fé natural e universal nessa ação permanente, e sempre livre, de Deus sobre o homem e sobre o seu destino: "Somos trabalhadores com Deus," disse São Paulo: trabalhadores com Deus e na obra dos destinos gerais da Humanidade, e na do nosso próprio destino, presente e futuro. Aí está o que nos faz entrever a prece sobre o laço que une o homem a Deus; mas aí se detém para nós a luz: "Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos;" neles caminhamos sem conhecê-los; crer sem ver e pedir sem prever, é a condição que Deus fez ao homem neste mundo, para tudo o que lhe ultrapassa os limites. É na consciência e aceitação dessa ordem sobrenatural que consistem a fé e a vida religiosas.

"Assim o Sr. Edmond Scherer tem razão quando duvida que "o racionalismo cristão seja e possa jamais ser uma religião." E porque o Sr. Jules Simon, que se inclina diante de Deus com um respeito tão sincero, intitulou seu livro: *A religião natural?* Deveria se chamar *Filosofia religiosa*. A filosofia persegue e atinge algumas das grandes idéias sobre as quais a religião se funda; mas, pela natureza de seus procedimentos e os limites de seu domínio, ela jamais fundou, e não poderia fundar, uma religião. Para falar exatamente, não há nenhuma religião natural, porque desde que abolis o sobrenatural, a religião também desaparece.

"Que essa fé, instintiva ou sobrenatural, fonte da religião, possa ser, e seja também, a fonte de uma infinidade de erros e de superstições, fonte ao seu turno de uma infinidade de males, quem pensa em negá-lo? Aqui, como por toda parte, é a condição do homem que o bem e o

mal se misturem incessantemente em seus destinos, e em suas obras como em si mesmo; mas, dessa incurável mistura, não se segue que nossos grandes instintos não tenham nenhum sentido e não façam senão nos desviar quando nos elevam. Quaisquer que possam ser, a isso aspirando, nossos desvios, resta certo que o sobrenatural está na fé natural do homem, e que é a condição, *sine qua non*, o verdadeiro objetivo, a essência mesma da religião.

"Eis um segundo fato que merece, creio, toda a atenção dos adversários do sobrenatural.

"Está reconhecido e constatado pela ciência que o nosso globo não esteve sempre no em que hoje está, que, em épocas diversas e indeterminadas, ele sofreu revoluções, transformações que lhe mudaram a face, o regime físico, a população; que o homem em particular não existiu sempre, e que, em vários dos estados sucessivos pelos quais este mundo passou, o homem nele não teria podido existir.

Como isso ocorreu? De que modo e por qual poder o gênero humano começou sobre a Terra?

"Isso não pode ter, em sua origem, senão duas explicações: ou bem foi o produto do trabalho próprio e íntimo das forças naturais da matéria, ou bem foi a obra de um poder sobrenatural, exterior e superior à matéria. Para o aparecimento do homem neste mundo, uma ou outra destas causas é necessárias: a geração espontânea ou a criação.

"Mas admitindo, o que por minha conta não admito de nenhum modo, esse mundo de produção não poderia, não teria jamais podido produzir senão seres crianças, à primeira hora e no primeiro estado da vida nascente. Ninguém, creio, jamais disse, e ninguém jamais dirá que, pela virtude de uma geração espontânea, o homem, quer dizer, o homem e a mulher, o par humano, pôde sair e que saíram um dia do seio da matéria todos formados e todos crescidos, em plena posse de seu talhe, de sua força, de todas as suas faculdades, como o paganismo grego fez sair Minerva do cérebro de Júpiter.

"Entretanto, é só nessa condição que, aparecendo pela primeira vez sobre a Terra, o homem nela teria podido viver, aí se perpetuar e fundar o gênero humano. Figura-te o primeiro homem nascendo no estado da primeira infância, vivo, mas inerte, ininteligente, impotente, incapaz de se bastar a si mesmo um momento, tremendo e gemendo, sem mãe para ouvi-lo e para nutri-lo! Não obstante, aí está o único primeiro homem que o sistema de geração espontânea pode dar.

"Evidentemente, a outra origem do gênero humano é a única admissível, única possível. Só o fato sobrenatural da criação explica a primeira aparição do homem neste mundo.

"Aqueles, pois, que negam e abolem o sobrenatural, abolem, no mesmo golpe, toda religião real; e é em vão que triunfem do sobrenatural, tão freqüentemente introduzido injustamente em nosso mundo e na nossa história; são constrangidos a se deterem diante do berço sobrenatural da Humanidade, impossibilitados de fazerem dele sair o homem sem a mão de Deus."

GUIZOT.

Meditações filosóficas e religiosas

Revista Espírita, dezembro de 1861

Ditados ao Sr. Alfred Dídier, médium, pelo Espírito de Lamennais.

(Sociedade Espírita de Paris.)

Já publicamos um certo número de publicações ditadas pelo Espírito de Lamennais, e das quais se pôde notar a alta importância filosófica. Algumas vezes, o assunto era nitidamente indicado, mas, freqüentemente, também não tinha caracteres bastante marcantes para que fosse fácil dar-lhe um título. Tendo feito a observação ao Espírito, ele respondeu que se propunha a dar uma série de dissertações sobre diversos assuntos variados, e à qual propôs o título geral de *Meditações filosóficas e religiosas*, salvo dar um título particular aos assuntos que o comportassem. Suspendemos sua publicação até que tivéssemos um conjunto suscetível de ser coordenado; é essa publicação que começamos hoje, e que continuaremos nos números seguintes.

Devemos fazer observar que só os Espíritos chegados a um grau muito alto de perfeição estão aptos para julgar as coisas de maneira completamente sadia; que, até lá, qualquer que seja o desenvolvimento de sua inteligência, e mesmo de sua moralidade, podem estar mais ou menos imbuídos de suas idéias terrestres, e ver as coisas do seu ponto de vista pessoal, o que explica as contradições que se encontram, freqüentemente, em suas apreciações. Lamennais nos parece estar neste caso; sem dúvida, há nessas comunicações muito belas e muito boas coisas, como pensamentos e como estilo, mas as há, evidentemente, que podem se prestar à crítica, e das quais não assumimos, de nenhum modo, a responsabilidade; cada um está livre para delas tirar o que encontrar de bom, e para rejeitar o que lhe pareça mau; só os Espíritos perfeitos podem produzir coisas perfeitas; ora, Lamennais, que sem contradita é um Espírito bom e avançado, não tem a pretensão de ser ainda perfeito, e o caráter sombrio, melancólico e místico do homem se reflete, incontestavelmente, sobre o do Espírito e, por conseguinte, sobre as suas comunicações; só sob esse ponto de vista já seriam um interessante objeto de observações.

I

As idéias mudam, mas as idéias e os desígnios de Deus não mudam nunca. A religião, quer dizer, a fé, a esperança e a caridade, uma só coisa em três, o emblema de Deus sobre a Terra, permanece inabalável no meio das lutas e dos preconceitos. A religião existe, antes de tudo, nos corações, portanto, ela não pode mudar. É no momento em que a incredulidade reina, em que as idéias se chocam e se entrechocam, sem proveito para a verdade, que aparece esta Aurora que vos diz: Venho, em nome do Deus dos vivos e dos mortos; só a matéria é perecível, porque ela é divisível; mas a alma é imortal, porque ela é una e indivisível. Quando a alma do homem amolece na dúvida sobre a eternidade, ela toma moralmente o aspecto da matéria; divide-se e, por consequência, está sujeita às provas infelizes em suas novas reencarnações. A religião é, pois, a força do homem; ela assiste,

todos os dias, às novas crucificações que inflige ao Cristo; ouve, todos os dias, as blasfêmias que lhe são lançadas à face; mas, forte e inabalável como a Virgem, assiste divinamente ao sacrifício de seu filho, porque possui nela a fé, a esperança e a caridade. A Virgem desmaiou diante das dores do Filho do homem, mas não morreu.



SANSÃO.

Depois de uma leitura da Bíblia sobre a história de Sansão, vi em meu pensamento um quadro análogo ao do poderoso artista que a França vem de perder, Decamps. Vi um homem de uma estatura colossal, com membros musculosos, como o *Dia*, de Michelângelo, e esse homem forte dormia ao lado de uma mulher que queimava, ao seu redor, perfumes tais que os Orientais sempre souberam introduzir em seu luxo e em seus costumes efeminados. Os membros desse gigante caíam de lassidão, e um pequeno gato saltava ora sobre ele, ora sobre a mulher que estava junto dele. A mulher se inclinou para ver se o gigante dormia; depois tomou pequenas tesouras e se pôs a cortar a cabeleira ondulante do colosso, e sabeis o resto. - Homens armados se arrojavam sobre ele, amarraram-no fortemente, e o homem preso nas redes de Dalila se chama Sansão, disse-me de repente um Espírito que logo vi perto de mim; esse homem representa a Humanidade enfraquecida pela corrupção, quer dizer, pela avidez e a hipocrisia. A Humanidade, quando Deus esteve com ela, levantou, como Sansão, as portas de Gaza; a Humanidade, quando teve por sustento a liberdade, quer dizer, o cristianismo, esmagou seus inimigos, como esse gigante esmagou sozinho um exército de Filisteus. - Assim, respondi ao meu Espírito, a mulher que está junto dele... Ele não me deixou arrematar, e me disse: "É a que substituiu Deus; e pensa que não quero falar da corrupção dos séculos passados, mas do vosso." Por muito tempo, Sansão e Dalila não haviam se apagado ante os meus olhos; eu via o anjo, sempre só, que me disse sorrindo: "A Humanidade está vencida." Seu rosto se tornou então reflexivo e profundo, e acrescentou:

"Eis os três seres que devolverão à Humanidade seu vigor primeiro; chamam-se a Fé, a Esperança e a Caridade. Virão em alguns anos e fundarão uma nova doutrina que os homens chamarão Espiritismo."



(Continuação.)

Cada fase religiosa do Humanidade possuiu a força divina materializada pelas figuras de Sansão, de Hércules e de Rolando. Um homem, armando-se com os argumentos da lógica, nos diria: "Eu vos decifro; mas essa comparação me parece muito sutil e bem compassada." É verdade, talvez até o presente não tenha vindo ao espírito de ninguém; e, entretanto, examinemos. Falei-vos ultimamente de Sansão, que é o emblema da força da fé divina em suas primeiras idades. A Bíblia é um poema oriental; Sansão é a figura material dessa força impetuosa que fez cair Heliodoro sobre o adro do templo e que reuniu as ondas do mar Vermelho, depois de tê-las separado. Essa grande força divina tinha abatido exércitos, derrubado os muros de Jerico. Os Gregos, vós o sabeis, vieram do Egito e do Oriente; essa tradição de Sansão não existia mais do que nos domínios do filosofia e da história egípcia. Os Gregos desbastaram os colossos de granito do Egito, armaram Hércules com uma clava e lhe deram a vida. Hércules fez seus doze trabalhos, Abateu a hidra de Lerna, a hidra dos sete pecados capitais, e tornou-se, nesse mundo pagão, o símbolo da força divina encarnado

sobre a Terra: dele fizeram um deus. Mas notai quais foram os vencedores desses dois gigantes. É necessário sorrir? é preciso chorar? como disse Lamartine. Essas foram duas filhas de Eva: Dalila e Dejanira. Vede-o, a tradição de Sansão e de Hércules é a mesma que a de Dalila e de Dejanira. Somente Dalila havia mudado os arranjos de cabelo das filhas de Faraó pelo diadema de Vênus.

Pela tarde, no famoso vale de Roncevaux, um gigante, deitado numa ravina profunda, urrava o nome de Carlos Magno com gritos desesperados. Tinha a metade esmagada sob uma enorme rocha, que suas mãos desfalecentes tentavam em vão movimentar. Pobre Rolando! tua hora chegou; os Bascos te desafiam do alto do rochedo, e fazem ainda rolar, sobre ti, pedras enormes. Entre os teus inimigos se encontram mulheres; Rolando, talvez, delas amara uma: sempre Dalila e Dejanira; A história não o disse, mas isso é muito provável. Sempre Rolando morreu como Sansão e Hércules. Discuti agora, se quiserdes; mas me parece, senhores, que essa aproximação não parecia tão sutil. Qual será, nas idades futuras, a personificação da força do Espiritismo? Quem viver, verá, diz-se sobre a Terra; aqui se diz: O homem viverá sempre.

LAMENNAIS

(A continuação no próximo número.)

ALLAN KARDEC.